

AUTO  
RES

BAHIANISCHE  
AUTOREN:  
EIN PANORAMA

BAHIAN  
AUTHORS:  
A PANORAMA

AUTORES  
BAHIANOS:  
UN PANORAMA

BA  
IA  
NOS:  
UM PANORAMA

# AUTORES BAIANOS: UM PANORAMA

---

BAHIANISCHE AUTOREN:  
EIN PANORAMA

---

BAHIAN AUTHORS:  
A PANORAMA

---

AUTORES BAHIANOS:  
UN PANORAMA

ADELICE SOUZA  
ALEILTON FONSECA  
ÁLEX LEILLA  
ANTONIO RISÉRIO  
CARLOS RIBEIRO  
DANIELA GALDINO  
FLORISVALDO MATTOS  
HÉLIO PÓLVORA  
JOÃO FILHO  
KARINA RABINOVITZ  
KÁTIA BORGES  
LIMA TRINDADE  
LUÍS ANTONIO CAJAZEIRA RAMOS

MYRIAM FRAGA  
ROBERVAL PEREYR  
RUY ESPINHEIRA FILHO  
RUY TAPIOCA

A956 Autores baianos: um panorama. / Adelice Souza *et al.* \_  
Organização Fundação Cultural do Estado da Bahia  
(FUNCEB). \_\_ Salvador : P55 Edições, 2013.  
492p.

ISBN: 978-85-8325-010-4

1.Literatura Brasileira I.Souza, Adelice et al. II.Título.  
CDD 869.91 93

PARCERIA:  
PARTNERSCHAFT:  
PARTNER:  
PRODUCCIÓN CONJUNTA:



REALIZAÇÃO:  
REALISIERUNG:  
REALIZATION:  
REALIZACIÓN:



SECRETARIA DE  
CULTURA



# AUTORES BAIANOS: UM PANORAMA

---

BAHIANISCHE AUTOREN:  
EIN PANORAMA

---

BAHIAN AUTHORS:  
A PANORAMA

---

AUTORES BAHIANOS:  
UN PANORAMA

**P55 EDIÇÕES**

BAHIA, BRASIL, 2013

# Sumário - Inhalt - Contents - Sumario

## **PORTUGUÊS.....06**

Adelice Souza / 15  
Aleilton Fonseca / 22  
Álex Leilla / 30  
Antonio Risério / 37  
Carlos Ribeiro / 40  
Daniela Galdino / 48  
Florisvaldo Mattos / 53  
Hélio Pólvora / 58  
João Filho / 65  
Karina Rabinovitz / 72  
Kátia Borges / 75  
Lima Trindade / 78  
Luís Antonio Cajazeira Ramos / 86

Myriam Fraga / 95  
Roberval Pereyr / 99  
Ruy Espinheira Filho / 106  
Ruy Tapioca / 111

## **DEUTSCH.....120**

Adelice Souza / 129  
Aleilton Fonseca / 137  
Álex Leilla / 146  
Antonio Risério / 154  
Carlos Ribeiro / 157  
Daniela Galdino / 166  
Florisvaldo Mattos / 171  
Hélio Pólvora / 176  
João Filho / 183  
Karina Rabinovitz / 192  
Kátia Borges / 195  
Lima Trindade / 198  
Luís Antonio Cajazeira Ramos / 208

Myriam Fraga / 218  
Roberval Pereyr / 222  
Ruy Espinheira Filho / 229  
Ruy Tapioca / 234

**ENGLISH.....244**

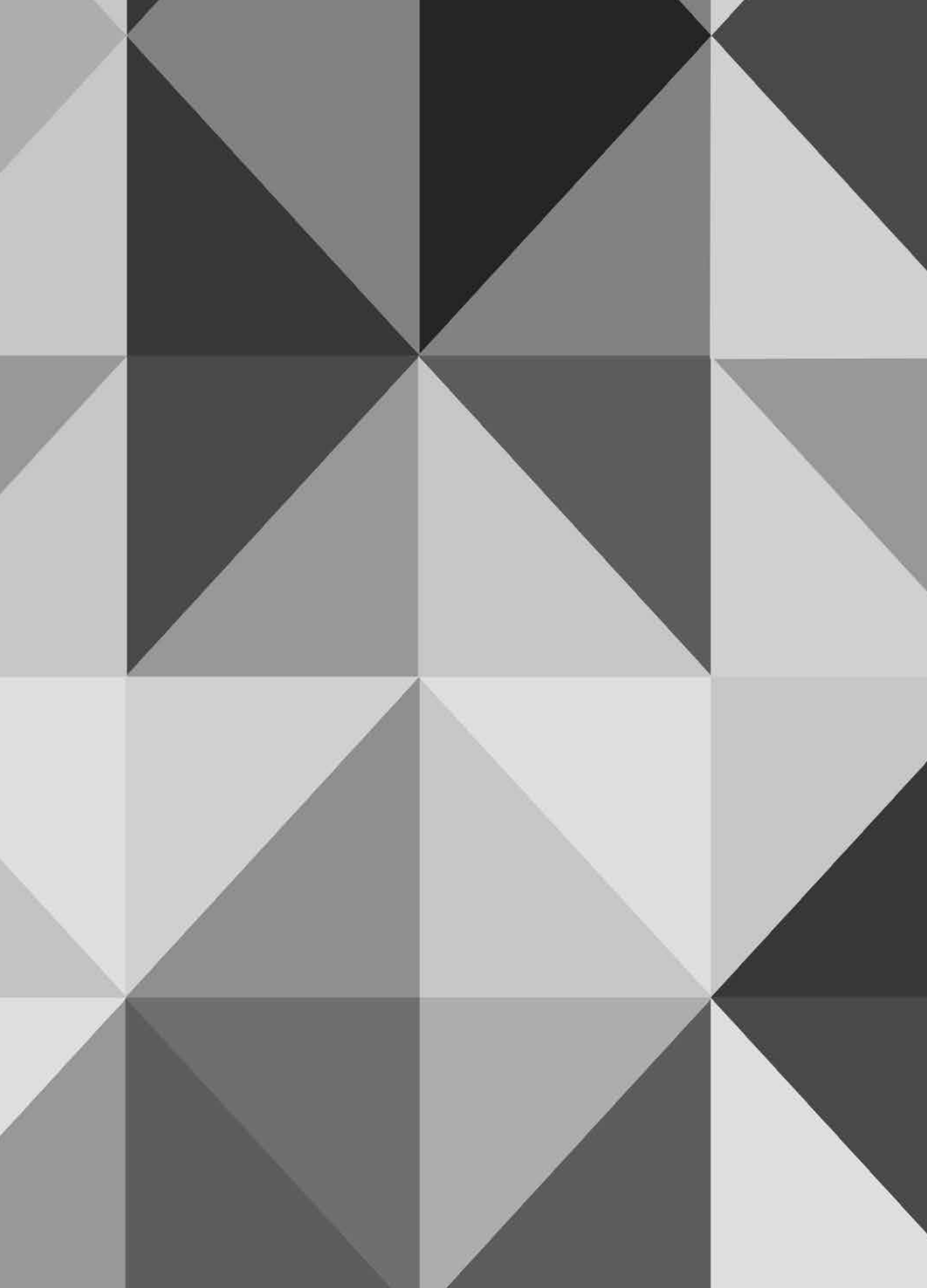
Adelice Souza / 253  
Aleilton Fonseca / 260  
Állex Leilla / 268  
Antonio Risério / 276  
Carlos Ribeiro / 279  
Daniela Galdino / 287  
Florisvaldo Mattos / 292  
Hélio Pólvora / 297  
João Filho / 304  
Karina Rabinovitz / 312  
Kátia Borges / 315  
Lima Trindade / 318  
Luís Antonio Cajazeira Ramos / 325

Myriam Fraga / 334  
Roberval Pereyr / 338  
Ruy Espinheira Filho / 345  
Ruy Tapioca / 350

**ESPAÑOL.....358**

Adelice Souza / 367  
Aleilton Fonseca / 374  
Állex Leilla / 382  
Antonio Risério / 389  
Carlos Ribeiro / 392  
Daniela Galdino / 400  
Florisvaldo Mattos / 405  
Hélio Pólvora / 409  
João Filho / 416  
Karina Rabinovitz / 424  
Kátia Borges / 427  
Lima Trindade / 430  
Luís Antonio Cajazeira Ramos / 438

Myriam Fraga / 447  
Roberval Pereyr / 451  
Ruy Espinheira Filho / 458  
Ruy Tapioca / 463





PORTUGUÊS



# INTERNACIONALIZAÇÃO DA CULTURA NA BAHIA

Uma das diretrizes das políticas culturais assumidas pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia indica os diálogos interculturais como dispositivo imprescindível para o desenvolvimento e o enriquecimento da cultura. Toma-se como pressuposto que toda manifestação cultural isolada, fechada, aprisionada nas paredes de um gueto, sem efetivar trocas com outras manifestações simbólicas, tende a se esclerosar. Nesta perspectiva, os diálogos interculturais adquirem um papel essencial para a vida cultural em uma contemporaneidade cada vez mais glocalizada.

A Secretaria de Cultura tem realizado um formidável esforço de inscrever a cultura da Bahia em uma intensa dinâmica de interações intermunicipais, regionais, nacionais e internacionais. Este processo se traduz por múltiplas iniciativas que buscam intensificar o intercâmbio de nossa cultura com outros universos simbólicos. Mesmo atividades não explicitamente vocacionadas para os diálogos têm assumido um vital compromisso com estas dinâmicas.

A Celebração das Culturas dos Sertões nos faz intercambiar com expressões enraizadas em muitos territórios da Bahia e do Brasil, em especial do Nordeste e de Minas Gerais. O Encontro das Culturas Negras tem possibilitado articulações entre as culturas negras da Bahia, do Brasil e outras partes do mundo, como as Américas e a África. As Caravanas Culturais, que percorrem regiões do estado, buscam (re)conhecer e conectar as diferentes culturas que habitam e conformam a Bahia.

Em um horizonte mais orientado para as trocas culturais, têm se destacado algumas ações, a exemplo do recente investimento feito na difusão do teatro, com a realização da Mostra Baiana de Teatro no Festival de Curitiba, onde foram apresentadas sete peças selecionadas com a curadoria do ator Wagner Moura, e com a organização de kit destinado à divulgação focada de nosso teatro para curadores e profissionais especializados da mídia.

Para além das fronteiras nacionais, merece atenção a atuação da Assessoria de Relações Internacionais. Ela, mesmo com suas limitações orçamentárias e de pessoal, através de ações como o Bahia Music Export e o programa de mobilidade artístico-cultural, projeta nossa inscrição no mundo. A Residência Artístico-Cultural do Pelourinho, em processo de instalação, servirá para intensificar nossas conexões internacionais.

Tais relações interculturais, nacionais e internacionais, por óbvio, pressupõem a afirmação da singularidade da cultura baiana e a relevância de nossa identidade cultural. A rigor, sem estes reconhecimentos, não pode haver uma verdadeira troca cultural, pois ela implica sempre em um encontro entre culturas que se (re)

conheçam e respeitem como movimentos relevantes. Sem isto, em lugar de trocas emergem imposições, dominações e imperialismos culturais.

Tomando em consideração todo este contexto, a Secretaria de Cultura, através da Coordenação de Literatura da Fundação Cultural do Estado da Bahia, da Diretoria do Livro e Leitura da Fundação Pedro Calmon e da Assessoria de Relações Internacionais, resolveu dar um passo no sentido de colaborar com a internacionalização da literatura baiana em 2013. Como neste ano, de 9 a 13 de outubro, o Brasil será o país homenageado na Feira do Livro de Frankfurt, uma das mais importantes do mundo, surgiu o projeto de ter uma presença mais coletiva da literatura baiana no evento.

Assim, resolvemos lançar na Feira uma publicação trilingue (inglês, alemão e espanhol) com textos de 18 nomes representativos do universo literário da Bahia, envolvendo distintas gerações, gêneros e perfis. O processo de seleção foi realizado por uma comissão de seis especialistas especialmente convidados para esta, sem dúvida, difícil tarefa.

Esta publicação a ser lançada em Frankfurt depois será utilizada em outros eventos internacionais para difundir a literatura baiana. Com estas ações, a Secretaria de Cultura busca contribuir para a internacionalização da cultura da Bahia e, em especial, para o estabelecimento de novos diálogos interculturais, tão vitais para a cultura.

*Antônio Albino Canelas Rubim*  
Secretário de Cultura do Governo do Estado da Bahia

A publicação e a difusão desta obra que reúne 18 escritores baianos certamente criam novos diálogos interculturais e os evidenciarão para um continente de leitores de língua espanhola, inglesa e alemã. A Feira de Frankfurt é o maior encontro do setor literário e editorial do mundo, e é o primeiro de outros tantos eventos literários internacionais por onde esta obra navegará.

Há dez anos, o Brasil instituiu a sua primeira lei do livro, e a partir dela tornou-se possível a construção do Plano Nacional do Livro e Leitura, o PNLL. Inédito no país, este Plano marca o início de um processo no qual Estado e sociedade se unem para construir condições favoráveis ao desenvolvimento de políticas públicas do livro e da leitura, profissionalizando o setor de produção e ampliando a possibilidade de acesso nos constantes trabalhos de estímulo à leitura.

Publicar, traduzir e difundir são passos fundamentais para a internacionalização das políticas públicas para o livro, leitura e literatura, e são ações que requerem esforço conjunto e contínuo. Com essa edição, a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, por meio das suas fundações vinculadas e da sua Assessoria de Relações Internacionais, dá um passo fundamental para o estímulo à leitura de autores baianos no Brasil e no exterior.

*Fátima Fróes*  
Diretora Geral da Fundação Pedro Calmon

**É** com entusiasmo que lançamos este corpus de textos literários de autores baianos, que, somado às ações de fomento ao intercâmbio de escritores e às residências de criação literária, nos permitirá intensificar a política de promoção da cultura baiana no mercado internacional.

A disseminação de textos desses autores tem a finalidade de aumentar a sua visibilidade e promover traduções e vendas em mercados estrangeiros. Ela possibilita também ao espaço editorial internacional renovar o seu olhar sobre a literatura brasileira, acessando uma produção literária ainda pouco conhecida no seu próprio país.

Sendo os textos literários indispensáveis ao conhecimento de toda cultura, convidamos editores, agentes literários, tradutores, pesquisadores, público em geral a conhecer a Bahia em toda a sua diversidade.

*Monique Badaró*

Assessora de Relações Internacionais da  
Secretaria de Cultura do Governo do Estado da Bahia

# LITERATURA EM EXPORTAÇÃO

A ideia de Brasil que se tem fora do país – e até em seu interior – deve-se em grande parte a um conjunto cultural que a região da Bahia agrega desde a colônia. A literatura produzida na Bahia, com destaque para Gregório de Matos, Castro Alves, Adonias Filho, Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro, Antônio Torres, apenas citando os que nos vêm tão velozmente à tona que nem dá para desconfiar da memória, certamente ajudou a formular uma imagem da cultura baiana que, posteriormente, seja com o cinema de Glauber Rocha, as canções de Dorival Caymmi, o Tropicalismo de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Zé, ou os batuques do Olodum, não há como escapar a esse lugar, essa Macondo que flutua entre o sertão e o mar. Esse lugar simbólico, quase sempre, é metáfora do imenso país que é o Brasil. A herança africana, indígena e portuguesa é uma potência de sentidos, símbolos e mitos.

A capoeira, a culinária, o candomblé e o carnaval são as mais especuladas características desta terra, mas há uma Bahia contemporânea desconhecida para muitos. Há outros sons, outras imagens, outras letras desta terra que o mundo precisa conhecer. E é como um estado do Nordeste do Brasil que a Bahia – orgulhosa – se mostra. Um lugar do encontro de estéticas, de timbres diversos, etnias várias, temporalidades sobrepostas.

Para complementar as ações desenvolvidas pelo Governo Federal, através do Ministério das Relações Exteriores e do Ministério da Cultura, via Fundação Biblioteca Nacional, para a divulgação da literatura brasileira em outros países, o Governo do Estado da Bahia se lança num projeto ímpar, importante para chamar a atenção do mundo para a Bahia e, conseqüentemente, para o Nordeste. Mais precisamente, para a literatura da Bahia contemporânea. Não significa que estamos falando de uma literatura nordestina ou regional. São literaturas que podem estar configuradas em diferentes tempos num mesmo momento, o presente. E que, assim, oferecem subsídios para representar com fidedignidade a diversidade que nos caracteriza.

A Secretaria de Cultura, através da Fundação Cultural do Estado da Bahia, em parceria com a Fundação Pedro Calmon e a Assessoria de Relações Internacionais, criou um programa de difusão da nossa literatura. O programa inclui, entre outras ações, um panorama de escritores baianos ou radicados na Bahia traduzida para três idiomas: espanhol, inglês e alemão.

A escolha se deu com base em alguns critérios: autor ainda vivo; variedade estética; diferentes gerações, gêneros literários, estilos e localidades; além de serem escritores ainda desconhecidos, pouco conhecidos ou pouco explorados

fora da Bahia. Escritores consagrados nacionalmente, a exemplo dos grandes Antônio Torres e João Ubaldo Ribeiro, não eram passíveis de serem eleitos por reconhecermos que são lidos, traduzidos e, para o nosso orgulho, reconhecidos fora da Bahia e fora do Brasil.

A ação de difusão desses 18 autores escolhidos não tem o caráter de homenagem, mas, sobretudo, é uma tentativa de começar a organizar formas de nossa literatura ser conhecida além das fronteiras do país. Essa é a primeira ação do tipo e, como todo começo, é difícil, ingrato, desafiador e, ao mesmo tempo, apaixonante. Através deste ato, esperamos que outros venham.

Por fim, aproveitamos para deixar o agradecimento aos membros da comissão que enfrentou o desafio de selecionar os escritores que estão presentes nesta publicação. Compôs a comissão o escritor, professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro da Academia Brasileira de Letras, Antonio Carlos Secchin; Antonio Marcos Pereira, crítico e professor da Universidade Federal da Bahia; a jornalista e pesquisadora Josélia Aguiar, especialista em cobertura literária e colunista da *Ilustrada e Ilustríssima*; Jorge de Souza Araújo, crítico literário e professor titular da Universidade Estadual de Feira Santana; Milena Britto, crítica literária, professora da Universidade Federal da Bahia e coordenadora de Literatura da Fundação Cultural; e Nancy Vieira, pesquisadora e professora da Universidade Federal da Bahia.

Esperamos que essa literatura ganhe o mundo para acrescentar ainda mais à nossa Bahia-Macondo.

*Nehle Franke*  
Diretora Geral da Fundação Cultural do Estado da Bahia

*Milena Britto*  
Coordenadora de Literatura da Fundação Cultural do Estado da Bahia



## O HOMEM QUE SABIA A HORA DE MORRER.

(Capítulo do livro “O homem que sabia a hora de morrer”. Ed. Escrituras. 2012. Bolsa Funarte de Estímulo à Criação Literária e Edital de Apoio a Edição de Livros de Autores Baianos - FPCalmon)

*12. 24 de junho - N. de São João Baptista - Dia de festa de São João*

**E**u sou a primeira neta do meu avô. Em tradição de cidade de interior, geralmente os avôs batizam os primeiros filhos dos filhos. O meu avô me batizou. Ele era meu avô e padrinho. Eu era sua neta e afilhada. Recebia a proteção como se fosse filha, preferida, favorecida. Foi das suas mãos que recebi a confirmação. Minha avó me segurou pelos braços e pernas e untou a minha cabeça como o santo profeta fez com o cristo. Ouvi uma voz dizendo “*Essa é minha filha amada pela qual me alegro*”? O espírito santo esteve presente sob a forma de algum bicho? Era ele que latia feliz lá no lado de fora da igreja? O reino dos céus estava ao alcance das mãos? Eu era muito pequena, fui batizada antes mesmo de ter formado a minha consciência, mas lembro, como um vestígio ou mensagem que aparece no sonho. Lembro de ter ficado entorpecida com a umidade da água benta que molhava o meu cabelo. E com a cabeça inundada, quase sem respirar, tive a primeira sensação verdadeira de mar. A água do batismo me purificava, limpava o meu corpo como as ondas.

O meu primeiro sacramento se deu através destas mãos eternas do meu avô, que, ao me banhar nas águas, me iniciava na arte de saber o impossível, mergulhando minha alma em graça, tentando esconder de mim as culpas e os pecados que eu já trazia, tirando de mim a condição de pagã e me introduzindo em outros ritos, para que eu entendesse um pouco mais do mundo pelos seus elementos. E através da benção, pedindo a Deus que me abençoasse. E se fosse de ser, que fosse: que eu soubesse a minha hora.

Meu avô se casou em dia de festa de São João. E um dia me contou como foi. Prometeu para si próprio que não raptaria a sua mulher, faria para ela homenagem honrada. Não que sua mãe deixasse de ter honraria por ter sido raptada, afinal o ato foi de amor. Mas com mulher sua, queria relação diferente, sem o roubo dos sequestros. Família de um e de outro reunidas em festa de casório, todo mundo unido na graça do Senhor. Disse que a festa não teve nada chique como nas festas da cidade. E me contou como foi.



E foi coisa por demais bonita a narração que ele ia fazendo. Como é que eu poderia herdar isso do meu avô? Essa festa era melhor do que saber a hora que se morre. Casório em noite de festejos juninos, no dia de São João Batista. Cerimônia pequena, na sala principal da casa que ele futuramente ia morar com minha avó. No dia treze de junho do ano anterior a esse, eles haviam se conhecido em festa de Santo Antônio, subindo a ladeira para ir à missa do santo. Sabe-se lá se minha avó pediu ao santo casamenteiro que lhe desse de presente este matrimônio.

No dia do casório, um padre da redondeza chegou cedo, almoçou a carne de fumeiro com todos os parentes, tomou aguardente de uva com jenipapo dentro, e foi se vestir no quarto principal da casa para dar início ao sacramento, reconhecendo as graças. Quando deu a hora certa, ele benzeu os dois, rezou uma missa curtinha, os votos de respeito e fidelidade de sempre, e se foi se embora na mesma mula que o trouxe. Aí já era finalzinho de tarde, a noite já vinha, já tinha balão no ar e as fogueiras pipocavam as primeiras centelhas do fogo e da brasa. O casamento na roça começava.

Três músicos da região - três irmãos cegos - começaram a tocar a sanfona de oito-baixos, a zabumba, triângulo, e um molequinho esperto, acompanhante dos cegos, ia cantando uma trova e outra para todo mundo dançar. Mas ninguém ouvia a voz do molequinho, porque tudo era algazarra e fumaça, e ainda tinha as crianças do lado de fora soltando fogos de artifício, rojão, cobrinha, estralinho e outros traques. E colocando um sapo dentro da lata, e uma bomba estourando a lata e o sapo, porque criança em todo canto e ocasião é troço perverso que nem tem mesmo noção do tamanho da própria malvadeza. Meu avô foi me contando que dançou baião, dançou xote, arrastou o pé a noite toda com a minha avó. E o que ele mais sonhava - isso me contou bem cerimonioso, nem foi exatamente isso que disse, metade eu invento - era que a festa se acabasse logo e acabava parecia que nunca. O sonho era mesmo um desejo que todos se fossem embora para ir se encontrar no quarto sozinho com a minha avó. O sonho era dormir para depois sonhar o sonho. Fizeram ao todo treze filhos. Quatro não vingaram. Ficaram nove. Os matutos da roça todos usavam calça de tergal e camisa de algodão fino branco ou bege, todos em mangas de camisa e só o meu avô com um terno muito mal feito, mal cortado por alguém da redondeza que devia se dizer alfaiate. E de terno e cabelo engomado, todos concordavam, ele lembrava o poeta Castro Alves, aquele da estátua na cidade. E como minha avó chamava, na intimidade, o meu avô de Cecéu, o molequinho cantou um forró conhecido, celebrando o casamento.

*"Olha o fogo, olha o fogaréu  
Queimando as pontas da palha do meu chapéu  
Cadê Ritinha, que não vê Cecéu?  
Tá de capim na boca, cismada, olhando o céu*

*E de repente, a sanfona ele pegou  
Cantando me ninou  
No São João do Carneirinho, meu amor.”*

E eu ouvindo a estória do casamento e ficando maravilhada, em estado de êxtase pleno, querendo ter estado na festa e ter dançado dentro daquele gérmen ancestral que iria originar, mais tarde, a minha criatura. Fiquei imaginando cada detalhe do casório, e até o que o meu avô se esquecera de narrar: a canjiquinha, a moqueca de milho, as bandeirolas, o milho assado, o amendoim cozido e a dança que ele dançou. Eu queria antes de tudo, a dança. Que devia ser desengonçada, torta. Eu queria engonçar a dança do avô para que o movimento de dançar não parasse mais nunca, que sobrevivesse a todas as gerações futuras. Eu queria casar dançando para ter um filho que nascesse dançando e crescesse dançando. Eu queria uma dança de quadrilha com a família toda e os amigos todos e todos os amores.

Eu estivera na festa: passado e futuro são coisas que não existem para o pensamento e a imaginação. O que eu queria da vida e da morte era a festa. A festa e o movimento da dança nas folhas, nas ondas, no corpo. O que eu sempre quis foi herdar esta festa. E herdei. Nesse momento, já não me importava se eu saberia da morte ou como saberia. Queria somente a festa.

## AS MULHERES AZUIS

(Conto publicado no livro “Caramujos Zumbis”. Ed. Caramurê, 2012.)

*“Se alguém vir um asno comendo um figo ou um figo comendo um asno (essas duas circunstâncias não se apresentam com frequência, a não ser na poesia), estai seguros que, após ter refletido por dois ou três minutos para saber qual a conduta a tomar, abandonará o caminho da virtude e se porá a rir como um galo!”*

(Conde de Lautréamont)

Hoje é o dia da festa onde matam. Não sei se onças ou formigas, mas matam. Nós, mulheres azuis, não podemos entrar nesta festa. As mulheres brancas e os homens azuis entram. Também entram os homens amarelos, brancos e negros. As mulheres negras e amarelas. Mas nós, as mulheres azuis, não podemos. Nunca nos disseram quem realmente morre, mas intuímos que a morte está presente porque se não fosse assim, a festa não seria chamada de festa onde matam.

O começo da tradição da festa onde matam faz tanto tempo que nem nós lembramos ao certo – se é que houve realmente um início – pois achamos que tudo data de tão antigamente, que é anterior até à nossa própria existência.

Assim, a festa onde matam seria tão remota que talvez existisse antes mesmo das mulheres azuis existirem e não poderem frequentá-las. Nós presentimos que se existiu um dia a festa onde matam e não existiam ainda as mulheres azuis, a festa não fazia sentido, pois tudo o que existe precisa do seu oposto, complemento que se manifesta através de limites, de proibições, de regras inexoráveis. Desta forma, imaginamos que somos nós que legitimamos a existência da festa onde matam, pois para matar, eles necessitam das mulheres azuis. Ou não. Também não podemos tirar conclusões nossas porque conclusões de mulheres azuis sobre festas onde matam não valem coisa alguma. Ainda que tirar conclusões seja o que nos resta, a nós, que não frequentamos a festa.

Nunca nos disseram o que fazem por lá, quem é que realmente morre, como se morre e porque morre. Eles matam: só sabemos disso. E nem temos certeza, ao certo, se realmente matam, pois nunca vimos nem ouvimos nada. Perguntamos, em outras épocas – e na nossa época também continuamos a perguntar – porque é que se chama festa o que eles fazem. Eles não respondem nunca às nossas perguntas: não nos ofendem, nem sorriem de nós, entretanto não respondem. Festa não seria uma reunião alegre para um divertimento? Não parecem que se divertem os que entram na festa onde matam. Festa não seria uma solenidade? Não parecem solenes os que saem da festa onde matam. Não há pompas, não há formalidades ditadas por leis ou costumes além daquela que já sabemos: a das mulheres azuis não podem participar da festa. Festa não seria uma confraternização? Não parecem celebrar juntos uma recordação, um ato lembrado ou trazer à memória algum acontecimento, eles entram e saem da festa como se estivessem vazios de lembranças ou de comprometimentos: todos eles se enfastiam por estarem na festa onde matam. Festa também não poderia ser uma comemoração de um dia santo? Não parecem que cultivam amor a nenhum santo matador. Conhecemos eles, são nossos vizinhos, nossos filhos e nossos homens: não ensinamos o culto aos santos maus. Mas festa é, acreditamos nós, um ato de comemoração com o outro. Sem o outro não haveria a festa e se eles nunca comemoram, por que chamam de festa aquilo que fazem? E quem foi que, um dia, nomeou aquele evento de festa onde matam? Mais perguntas para nós que nunca teremos respostas. Mas cabe a nós continuar perguntando. E mais e mais e sempre. O que seríamos de nós se nunca perguntássemos? As perguntas foram criadas para serem feitas: não somos nós que vamos contrariar as leis das perguntas, mesmo que todos os outros contrariem as leis das respostas, deixando-nos ignorantes nos assuntos que dizem respeito ao entendimento da festa onde matam.

Há alguns meses atrás, chegamos a pensar que a festa era algum tipo de conspiração contra nós, porque somente nós é que não podíamos frequentá-las. Mas soubemos logo que não: eles ficaram muito tristes quando revelamos isso. E até disseram que nós somos felizardas por não entrarmos na festa. Convivemos – assim como nossas ancestrais, que já ouviram dos seus contemporâneos as mesmas ressalvas – longas datas com uma ilusória felicidade de que éramos especiais, que a exceção é sempre uma dádiva, mas não. Há exceções felizes e exceções tristes. Mas não sabemos se participar da festa onde matam é uma exceção alegre ou triste.

Seria uma exceção triste se na festa matassem formigas. Porque nós, mulheres azuis, gostaríamos de fazer parte de um ritual onde se matam formigas. Falamos sobre rituais a poucos dias com alguns deles e eles entristeceram-se. E como, às vezes, também respondem às mulheres azuis, disseram: "*gostamos dos rituais de escovar os dentes depois das refeições*". Aquela resposta foi o bastante para fazer com que nós nos reuníssemos para desvendar o oculto da frase. Não conseguimos e deduzimos que também aqueles que frequentam a festa onde matam, assim como nós, que não frequentamos, gostamos do ritual de escovar os dentes. Somos um povo higiênico.

E seria uma exceção alegre se na festa matassem onças. Não somos exterminadoras de espécies. Não apoiamos este tipo de sacrifícios. Será que é pela falta do nosso apoio que não nos convidam para a festa onde matam? E por que eles continuam a frequentar a festa onde matam, se também não se sentem alegres com isso? Novas perguntas, que nós, mulheres azuis, fazemos constantemente ao observarmos os olhos sorumbáticos daqueles que presenciam a festa onde matam. Eles se calam. Olham para os nossos olhos e dizem apenas com suas bocas "*tem que ser assim*" e nós seguimos com mais perguntas, que passam a soar como rebeldes questionamentos. Não nos sentimos privilegiadas por não participarmos na festa onde matam. Tudo o que queremos é poder fazer parte da festa, mesmo que não saíamos felizes dela. Dissemos isso e agora eles sorriem e falam que não sabemos de absolutamente nada, que desconhecemos. Que desconhecemos, já sabemos. E finalmente dizem algo, que para nós, que estamos tão afoitas por respostas, nos vem como uma revelação: "*A questão não é estarmos felizes ou não na festa onde matam. Somos felizes ou não somos. Estamos felizes e logo depois já não estamos. Fazer parte da festa ou não, não mudará isso*". E nós, que nunca entramos na festa e nem nunca entraremos, não soubemos comensurar a porção de verdade e lucidez daquela afirmação advinda daqueles que frequentam a festa onde matam. Por que eles seriam leais conosco?

Que eles matam onças ou formigas são apenas suposições nossas. Idealizamos um referencial de crenças. Na verdade, já criamos manifestos e libelos a respeito da festa onde matam. Acho que nós fundamentamos, teorizamos e refletimos mais sobre a festa do que eles próprios. Fizemos compêndios e tra-

tados. E não afastamos a hipótese de que eles também possam matar bichos maiores do que as onças. Na verdade, eles podem até matar pessoas. E sofríamos nas nossas reuniões quando percebíamos que podíamos enquadrá-los como potenciais assassinos. Porém o sofrimento se esvaía quando lembrávamos que eles podiam talvez matar bichos bem menores do que as formigas, aqueles insetos que não vemos e aí não sabíamos mais como enquadrá-los, já que achávamos, todas nós, que matar formigas era irrelevante, e que merecia isenção quem matasse aquilo que nem vemos. Hoje pensamos muito diferente, sabemos que a morte é igual para as onças e para as formigas. E já não importa para nós o que eles matam, se porcos, gafanhotos, velhos, bebês, protozoários ou elefantes, queremos é fazer parte desta festa e poder matar também, seja qual espécie seja.

O que nos intrigou durante longos períodos da nossa vida é a completa e absoluta indiferença pela qual eles entram e saem das festas. Não nos dão absolutamente nenhuma pista do que eventualmente possam fazer lá dentro.

Eles entram e saem e entram. E nós, de todas as maneiras possíveis, tentamos captar uma razão sequer – através de um olhar, de um sorriso, de uma testa que franze ou de um lábio que se morde – e nada, absolutamente nada, nos revela o sentido daquela festa.

Não ouvimos sons que vêm da festa. Nenhum som, nem de exaltação, nem de sofrimento. Nas roupas que eles usam, nem sangue nem suor, nem nada, deixam-se transparecer. São roupas cotidianas que eles usariam em qualquer outro lugar, sem absolutamente nada que as diferencie. Não falam em códigos, nem sinalizam nada. Apenas, quando chega o dia e a hora da festa onde matam, eles deixam suas casas, seus trabalhos, seus motivos de lazer e se dirigem ao local da festa. Não sabemos de nada mais que acontece naquele espaço fechado situado naquela rua aberta a todos e que nós, as mulheres azuis, inúmeras vezes passamos, incontáveis vezes olhamos. São tantos os planos para adentrarmos naquele espaço onde se dá a festa onde matam, que se tentássemos rememorar todas as estratégias planejadas levaríamos mais do que um dia para descrevê-las, durariam todo o tempo de um mês, de um ano até. Foram centenas de métodos, milhares de projetos, milhões de intentos, jamais poderíamos narrá-los todos. Nunca conseguimos entrar, é verdade. Não que eles vigiem com demasiado rigor a entrada da festa onde matam. Mas existe uma força maior, que nós, mulheres azuis, nos rendemos, e mesmo quando estamos perto de conseguir atingir o nosso alvo, recuamos sem nem mesmo saber o porquê. Pensamos ser uma sina nossa, a de nunca entrar na festa onde matam.

Hoje é mais um dia que acontece a festa. O dia tão esperado por nós. Parece-nos, inclusive, que somente nós aguardamos tão ansiosamente por ele. Por este dia que nos causa tanto sofrimento e passividade, mas que também

nos mantém vivas, unidas. Nós, mulheres azuis, sabemos que somos diferentes por causa da nossa impossibilidade de entrar na festa onde matam. E isto nos causa sorte e pavor. Descobrimos somente hoje, depois de longos discursos e minuciosos propósitos, que talvez sejamos nós que morremos por não estarmos lá dentro, matando quem quer que seja que está aqui fora.

## NHÔ GUIMARÃES

(Trecho do romance "Nhô Guimarães". Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.)

**N**HÔ GUIMARÃES POR AQUI? Há quanto tempo! Ah, não. Nsh, nsh! Não é ele, não. Mas, quem é o senhor? Não diz? Assim mesmo, apeie. Chegue à frente, a casa é nossa. Entre, eu já lhe dou uns goles de água fresca. Venha ver que a melhor é essa do pote de barro, dos antigos, que ainda tenho. Aprecie.

Eu, de primeiro, assim, confundi o senhor com outra pessoa. Mas não tem cabimento. De perto, se vê que o senhor é bem mais moço. E já faz tanto tempo! A vontade faz a gente ver é coisa. Era muito nosso amigo. Ele vinha num cavalo como o seu, com a mesma poeira dessa estrada. Eu e meu marido Manuel Adeodato, a gente vivia esperando ele voltar para uma visita mais. Mas cadê que veio? Nada. O tempo foi indo, Manu ficando velhinho, com pouco lá se foi dessa pra melhor. Eu fiquei sozinha, neste pé de serra. É verdade: ninguém fica pra semente, pois não é?

Nhô Guimarães nunca mais que veio. Mas segui na espera, de tocaia, que ele tinha prometido a visita. E promessa não é trato? Manu tinha esse desejo, viveu no aguardo. Estou na minha vez de cumprir.

Mas, quem é o senhor, assim tão moço, por estas bandas? Pela poeira do chapéu, veio de uma viagem comprida; seu cavalo tão suado. Não se avexe, descanse. Eu vi o senhor chegando, pensei: é ele. Parecia, mas logo caí em mim que não era. Até sua montaria se parece com a dele; aliás, nem sei direito, que meus olhos arruinaram muito. O tempo passa, vai roendo a gente de pouco em pouco; um dia, lá se vai mais um para a eternidade. E tem jeito?

Agora, pronto: tenho precisão de lhe contar a história mais comprida. Venha, se acomode. Quer mais um gole? Olhe, vou coar um café novo. O senhor é tão moderno, que benza Deus! Enquanto a água ferve, vá me escutando. Não me custa uns dedos de prosa. Como se fosse com ele, nos tempos bons. A-hã?...

Nhô Guimarães comparecia aqui, por umas quantas vezes; foi naqueles tempos. Era um homem bem aprumado que vinha a essas partes de cá, mas só a certas vizinhanças. Montava que era uma beleza, esquipando, pracadá, pracadá, no vem-que-vindo. Eta, diaaaa! Se era! Eu, no sempre, ficava na espia, só que quieta, assuntando ele e Manu nas prosas, dessas de homem, aqui em casa. Hoje eu mando em tudo, estou no meu direito. Naquele tempo, não: só mesmo escutava. Reconto a vida do meu jeito, que gosto muito de prosar comprido.

Manu e Nhô Guimarães trocavam nesta mesminha sala umas quantas prosas. Eles riam das conversas, eu mesma gostava era das mais lorotas. Nhô também

gostava, com uns olhos de muita atenção. Manu se estendia, pespontando os causos, fosse o que fosse. E eu ali, olhe.

Nosso filho, bem pequeno ainda, ficava de botuca, apreciando. Mas enfrentava uns perigos de ser exemplado:

– Atimbora pra dentro, esse menino! Onde já se viu gente miúda assuntar conversa dos mais velhos? – Manu falava, com deferência àquele homem de tantos tratos.

– Deixa ele – Nhô intercedia, mas nem olhando, só no compreender das coisas. Pois então Manu deixava. Era tão bom.

Noutras vezes, de tarde, o Sol baixando, Nhô ficava de cócoras no terreiro, Manu de lado, fumavam juntos aqueles cigarros. Sabia fazer um, de mesmo, picando fumo, linguando a palha. Eles davam esse trato, iam enrolando na ponta dos dedos, os dois bem concentrados. No que acesos, com tição vivo que eu trazia do fogo, aí cometiam os melhores pitos. Sentiam gosto na fumaça se desenrolando no ar, que eles até sopravam. Antes tomavam café do pilão, torrado em casa, com cravo, que eu coava com muito mais gosto nesse dia. Que esse dia era um não-qualquer, se havia os tantos anéis de prosa.

Nessas passagens, quando Manu contava as histórias, Nhô Guimarães se retorcia nos traços do rosto, aprovando os jeitos. Ele pensava, refazia as frases, inventava mais uns detalhes. Na mesma hora, ele contava a história de volta, de formas tais que parecia outra, mas era a mesma. Era um homem de sobejas importâncias. Um distinto doutor, do sertão e da cidade, duas vezes lugareiro, muito conhecedor das estradas gerais. Vinha aos arredores, daqui mesmo do lugar, nestes distritos ermos, de onde o vento e as estradas desviam. De depois em depois, foi indo cada vez mais longe, cidades bem grandes. Retornava em tempos, com as novidades.

Era Deus no céu, Nhô Guimarães nos Gerais. Isso Manu relatava todo contente, de sempre a sempre. O doutor tinha um quê e outros: uns porquês de gente de retintas sabedorias. Largas prosas, ele anotava, de repente, uns traços nos papéis que trazia na algibeira, no gibão preto, de couro fornido, essas outras coisas. Ah, me deixe! O que eu queria mesmo era um chapéu daquele, de lembrança, pra colocar ali no alto, na minha parede. Não ficava nos jeitos? Tive vontade, mas não sabia como pedir, hoje me arrependo. Queria ter um sinal de suas visitas em meu rancho caiado. Quando eu dissesse “Nhô Guimarães passou por aqui”, logo ia mostrar a prova certa. Mas...

O senhor está ouvindo? Eu lhe conto os entretantos. Nhô Guimarães vinha, depois sumia por um largo tempo, sem mandar notícias. Mas, se ele sempre voltava... Hoje, se voltasse, como até parecia ser, mas era o senhor, ia ser muito bom, eu fazia muito gosto. Eu estou como Manu naquele tempo, nos jeitos dele, mesmando na idade. Já o senhor, aí de frente, faz as vezes, já que Nhô não vem mais. Deve de estar um velhinho bem empinado. Isso é de tal e qual, que por demais é até interessante. O tempo foi passando, passando, repassou. O *passarinho* lá fora ainda canta, mas é outro. Que Nhô, ele, ele mesmo, se foi para muito longe, eu



sei. As gentes somos uns tristes, até os matos, olhe... Diferente de tempos bons, nós e nosso filho bruguelo, Manu aqui bem vivo – Deus que chame lá! –, certas mudanças são obras do tempo. Tenho saudades de Manu, hoje morador de uma cova florida, que eu cuido sempre. Dia de Finados, faço gosto da visita, bato papo com ele, conto as novidades. Eu cá, enquanto não vou pra junto dele, na mais certa morada, conservo um desejo. Eu queria saber de nosso filho, que sumiu no mundo. Viver é um perigo, mas ainda tenho um tisco de esperança. Quem sabe do amanhã? Quem tem esperança faz bom proveito.

Nhô Guimarães e Manu, em suas tamanhas prosas, os dois se combinavam. Pois escute: Manu lhe disse uma história, depois Nhô Guimarães contou a mesma, com palavras outras, umas muito difíceis da gente saber, porém bonitas. Um contava, outro emendava, eles riam, eu só olhando, sem vontade de escutar latido de cachorro, miado de gato, mugido de vaca, ou cantoria de passarinhos. Um nada. Era só prestar atenção num causo que eles saboreavam com café e pitadas. Pois.

Teve essa fase boa, muitas prosas. Depois Nhô Guimarães viajou para longe demais, a gente ficava só na espera de outras passagens dele pelo interior. Ele batesse por aqui. Mas não vinha. Às vezes Nhô Manuelzão passava tocando boiada, a gente indagava. Ele dava ciência que Nhô Guimarães estava cada vez preso às famas, de mais a mais importante, na cidade grande, sem tempo de vir prosar com a gente. Cidade grande é assim, encanta e muda as pessoas. Deus proteja. Filhos da gente pra lá se vão, nunca mais voltam; uns às vezes, só nas festas. Viram outro tipo de pessoa. Muitos vivem e se acabam por lá mesmo, a gente se conforma só com as lembranças. Os filhos deles desconhecem o passado, apagam os parentes da memória, sem sequer sobrar amizade. O senhor é de lá? Ou foi desses? O que traz o senhor às nossas bandas desse começo de mundo?

A cidade grande enreda e prende a pessoa em suas entranhas. Nosso filho se foi, sumiu por lá, virou poeira na confusão de tantas pernas. Um lugar que diziam de grande riqueza, onde dinheiro se ganhava fácil. Uma vez fomos lá, depois de dois dias de viagem num ônibus bem grande. Mas, oh viagem sem jeito! Desgostamos. Deus que me livre de morar num lugar daquele. Um povo todo corrido, avexado, ninguém dá um bom-dia ao próximo. Desde um tempo por lá, nosso filho não mandou mais notícias; ficamos com o coração na mão, sem saber o paradeiro. Sumiu de endereço. Foi aí, um dia soubemos, por um recado que veio, mandado aqui na porta. Ele, um homem feito, já grisalhando, sumiu sem deixar notícias. Pelos menos que eu saiba. Com esse aviso do sumiço, tive um sopro de rio nos olhos. E tinha jeito? Meu velho se empertigou, em prece, aprumando a espinha torta, no total acalmado de seus derradeiros entristecimentos. Era o duro esse saber, todos se davam conta. Um filho que a gente perdia e, por isso mesmo, ganhava para sempre na lembrança. A gente esperava, safras e safras, que ele retornasse. Onde andava? Casou? Teve filhos?

Não veio mais, até que nossa esperança secou, assim que a notícia. Eu ainda hoje estranho. Um filho, se morto, a gente quer o túmulo perto para visitar, acender uma vela, ajeitar umas flores, cochichar uma prece. O senhor concorda, ou não aprova essas crenças mais antigas? É, o senhor ainda é muito moderno, vai ver é desses que nem acreditam em Deus. Pois seja? Até parece. O senhor guarda algum segredo? Fique de aguardo: de vez em tanto, o tempo dá um suspiro. Essa hora é um perigo de a gente se descobrir, uma caixa que cai no chão, se esparrama, mesmo que sem querer, e se mostra, libertando os saberes. Ah, pois não é? Por certas experiências, cabelo da gente já nasce branco. Uns ficam, de uma vez, com um aborrecimento, uma tristeza. O bem e o mal, esses amigos, andam de abraços: todo cuidado é pouco! Estou suficiente para lhe contar, pois nunca me abri tanto numa prosa, em todos esses anos em que já vou e já vão. Nada fiz por ruindades mansas, dessas não convivo. Permaneci deslembada de coisas, anos e anos: ficou tudo trancado cá dentro num longe de mim.

O senhor nem carece de acreditar, não lhe solicito esse esforço: basta ouvir, isso já me faz os efeitos. Acreditar ou não, isso vai da pessoa. Eu narro, no gosto de contar o caso, até melhor que a realidade. A cura de tudo é o jeito de contar. Acredite se quiser, até no faz-de-conta a gente aprende o que é a vida. Passa o tempo, aprende bem o que pode ser. O senhor medite, que a vida é composta de alguma alegria e muitas dores.

Mas deixe, que Nhô Guimarães é assunto mais certo. Ele nos dava muita alegria com suas visitas. Assim, assim, se ouço um tropel, pracadá, pracadá, às vezes penso que é ele vindo, como nos velhos tempos. A gente guarda a memória de certos barulhos. Por isso o senhor chegando, eu quase que vi o próprio. Mas qual! Ele não vem, vem não, nunquíssima vez. Talvez muito velhinho para montar, será que falecido? Manu afiançava que sim, pelos avisos. Eu nunca que quis acreditar, pois se não vi?! Mas pode ser verdade. Isto são os viveres, o senhor acate.

Assim setentando, embora, eu estou que me lembro. De vez, Manu ficava a pastorear os caminhos. Era onde uns capins queriam acompanhar o vento, mas o chão não deixava. Por ali, bem calado, de cócoras, enrolava os dois cigarros. Fumava um, o outro guardado. Ele viesse? Eu, como quem não quer nada, observava essas falas mudas, as prosas dos de antes. Sempre, assim, numa espera por sorte, nem que por enquanto. Levantava-se uma poeira sedenta dos caminhos desertos. De repente, um trote, pracadá, pracadá, era? Destá que vinha dos dias de sóis passados. Mas: espiando, na espia, onde há mato não tem passarinho? Pois sim. Mas não vinha não: só uma poeira, um vento surdo, num redemoinho daqueles. Manu se benzia – Creio-em-Deus-Pai! Nhô Guimarães, só no desejo da gente, no nada. Essas coisas do outro mundo, o senhor põe fé que sim? Eu nem sim nem não, às vezes pego a imaginar. Depende. Mas que há, isso é que há, umas coisas misteriosas. A gente arregala os olhos, não enxerga nada: mas está ali, bem defronte.

O senhor tome tenência; se quiser, escreva: Nhô Guimarães veio, de primeira vez, bem moço, em busca de anotar os dizeres de Manu. Sim, que Nhô era doutor noviço de curas e saberes que só tem na cidade longe. Ele queria aprender a serventia de nossos cultivos no quintal. Procedia. Pois, antes: Manu curava um povo todo nas redondezas, do jeito lá dele, aprendendo nos fazeres. A gente toda sarava com as garrafadas de losna, arruda e quitoco, mais plantas outras, de quais aromas. Huuummm! Ele ensinava os banhos de folhas pisadas: colhesse os ramos de manhã cedo, antes do Sol nascer, deixasse de infusão no escuro, de noite se banhasse, ao luar, fosse escoar o corpo, sem precisão de enxugar com panos. Isso curava; era tiro e queda. Se não curasse, ah, pois então não havia o merecimento.

Manu, segundo as prosas restantes, tinha umas artes de vida que deixava a pessoa abismada. O povo, sabendo, e sem recursos, arribava em busca. Que ele olhava nos olhos do penitente, esticava os braços, de um a outro, assuntando:

– Deus te livre! Isso é mau-olhado.

E lá se ia, colhendo as plantas certas, combinando cheiros e jeitos. Vinha de lá, todo contrito, a colheita aprumada na mão. E cometia essa parte, banhando em seco, com os ramos escolhidos:

– Com Cristo eu te benzo, com Cristo te abenço...

Daí sua voz diminuía, ia se sumindo. Só os lábios permaneciam rezando, os galhos festejavam o corpo do enfermo, até se restarem murchos. O senhor calcule: as folhas puxavam os males para si, pela força daquelas palavras invisíveis. As quizilas e quebrantos se agarravam nos ramos, eles se escabreavam dos tais carregos.

Nhô Guimarães soube dessa fama de Manu, veio assuntar uma explicação de um dos feitos que corriam à boca pequena, de certo a incerto, pelos entremais. É, são essas coisas, sim, senhor, acredite. Por essa luz que me alumia, eu lhe digo e dou fiança: se for por firmar, assino. Faz tanto tempo! Ele queria era o conhecer. Como sabia se a enfermidade era passageira? Ou se era de longas datas? Ou o sem-jeito? Manu, de seus modos, que eu saiba, sem dar confiança a estranhos, primeiro pegou conversas de entardear. Avalie que era já às cigarras. Mas Nhô Guimarães, bem estado, fez por rir e deu risadas calmas, granjeando confiança nos tratos, de pouco em pouco, até Manu se sentir nos modos. Desd’ái foram sempre aquelas tardes. Ele vinha, pracadá, pracadá, no vem-que-vindo, conforme já lhe pus ciente. Um dia eu tivesse um cavalo daquele. Manu, no trato aprazado, comparecia ao terreiro:

– Apeie, Nhô Guimarães! Vamos provar um café coado de agorinha!

Eles reatavam, nas conversas todas, uns causos compridos. Nosso menino, por si, ali ouvindo. Só que desobedecendo os olhares severos do pai mandando arredar. Ele ficava importante só de ver aquele homem sorrir e se ajeitar os óculos. O tamborete até se rangendo nas pernas bambas, quase que fazendo moossa no chão batido de nossa casa. Bem ali, olhe. Nhô Guimarães era pra lá das exce-

lências. Eu fiava meus desejos. Meu menino fosse assim, de sua iguala, quando que crescesse. Um homem demais apessoado, de passo a passo semeava umas frases, frutificando a conversa. De mais a menos chegava, por força, ao cerne de suas indagações:

– Como o senhor sabe se a enfermidade é aguda ou grave?

– Nhô, o quê? – disse Manu.

– Como sabe se a doença é passageira ou é demorada?

– Ah, deixe... Por quê?

– É que estou assim, meio quebrantado, com uns bocejos.

Ah, então... Manu pegou as mãos do homem, esticou uma e outra, estalou os dedos de um por um, irregulares. Perquiriu bem nos olhos. Daí pediu que eu aviasse água do pote, no caneco, eu trouxe. Pois colocou no meio da sala, pôs a mão espalmada sobre, daí fechou os olhos, todo calado. Devia de estar rezando uma reza curta. Eu, já ciente das práticas, logo lhe trouxe uma baga de brasa acesa, colhida do fogo com o pegador de arame. Manu me tomou da mão, agora aproximou a brasa da água, curvou o homem sobre a coisa. Levou a brasa até a beirinha d'água, ali soltou, num borbulhar nervoso. O vapor subiu se espalhando, uns bafejos no rosto do consulente. Nhô Guimarães suspirou, estava por si muito satisfeito nessa aprendizagem. Manu esperou a fervura, com pouco, se acalmar. E leu os dizeres do vapor, revelando a resposta:

– O senhor fique tranqüilo, isso é um nada passageiro, sem truz de ofensa. Tome um chá de artemísia, eu mesmo lhe arrumo as folhas, quando for hora de arribar.

– Mas como saber?

Nhô Guimarães insistiu, Manu respondeu:

– Ah, o senhor faz a intenção de saber o caso, lá dentro de si, no querer firme, com força. Daí, pergunta à água, nas borbulhas, no ar. Ela responde.

– O que diz?

Nhô estava curioso. Manu completou:

– Se a brasa afunda, o caso é grave; até de preparar os choros. Se a brasa bóia, é um trisco de nada, coisa sem importância.

– Ah! – isso Nhô se admirando. Esse ah, ele fazia uns mais, depois seguia quieto ou falante, entrava noutros causos, sempre curioso. Nhô Guimarães coisava tudo tim-tim no caderno, viajado, sisudo, a fala mais mansa que o chuvisco das tardes. Eu aprendia esse gosto de ser como ele, em minhas vontades. Tinha graça! Nhô Guimarães naquelas temporadas, agora só lembranças. Quanto foi o tempo? E eu sei?! Me arrisco. Janeiros passaram, caíram chuvas, capins cresceram, rios encheram e secaram. A gente no trote de plantar, colher e criar, nosso jeito de existir. Ele se foi de vez para cidades de vastos comércios e gentes boas e más. Até no estrangeiro. Ficou um raro. Levou consigo o modo desses causos que sabia ouvir e inventar. Deu-se que pegou fama, por segundas histórias que escrevia, com sua voz refinada. Ele contava essas coisas-sem-importância

da gente; aí, pois, é que ficavam de-valor! De quando em dia, vez ou outra, ele passava por aqui, então maduro, já não muito risonho. Ou era eu que sonhava?

– Nhô Guimarães está muito bem – Manu comentava.

– Como que você sabe, homem?

– Sabendo, tive uma intuição.

Nhô Guimarães pelo mundo, a gente ficava numa espera sem jeito. Sim, mas é certo que houve, ao menos um dia, esse ato. Ou não? De passagem relâmpaga, ele veio aos abraços de Manu, a lhe tomar uns conselhos. Algo que dissesse de sua entrada nas honras de uma famosa casa, lá pras bandas da cidade grande. Eu estava a caçar um galo perdido, quando voltei, sem saber o exato, fiquei de posse somente dos detalhes. Haja o senhor, nas justas observações. O mundo espanta: vivemos de queixo caído. Assunte esse diálogo e pronto, depois a gente prova mais um café coado.

Eu queria ter ao menos um neto, ali no canto, escutando nossa conversa. Ah, pois, a natureza é uma, nós somos uns vários uns. Estamos aqui, os reviventes do ato. É de vera? Não se atoleime, a vida é um rio corrente. Eu vi, com estes olhos que a terra há de comer. Mas também duvido. Ou sonhei o certo? Prosseguiu, dos dois amigos, Manu e Nhô Guimarães, essa derradeira conversa. O senhor, se querendo, anote. De primeiro, foi Manu falando:

– Nhô não devia de entrar, acho, sei não...

– Mas por quê? – Nhô indagava.

– Conforme Nhô mesmo disse, já tentou uma vez, não foi servido.

– Todos da casa agora desejam que eu entre – ele explicava. Manu prosseguiu:

– Isto é, o senhor, homem daqui, é pessoa verdadeira. Mas lá, os demais, nem todos têm essa suficiência. A falsidade é um mal encoberto .

– O que me apalavra a respeito, em dizeres seguros?

– Nhô, nada não. Isso de o senhor narrar mais certo o que a gente convive, com seu apalavramento, isso é um dom.

– Pois, sim?

– Se Nhô tomar parte do duvidoso, será que não perde o dom?

– Mas, se perco o dom, será que morro?

– Não sei, o senhor que diga. Aliás, faça a sua sina, mas antes medite uns anos bastantemente. Todos têm sua hora e vez, Nhô Guimarães também. Quem escreve certo por linhas tortas? A fruta boa só dá no tempo.

Foi Manu dizer isso, os dois se calaram. Essa conversa era o trato mais sério de todos. O café, já esquecido, desistia de desenhar os seus vapores no ar. Fiquei por ali, eles nem me viam, acabrunhados que estavam. Eu, me plantando de alheia, não sabia entender os nós que ali se desatavam. Então, Manu de vez se derreou cabisbaixo, depois olhou com uma luz úmida nos olhos. E se impostou, no ponto ponderado das somas, nos seus conformes, de uma por todas as vezes. Os dois se encararam no sério. E cada qual usou a palavra, finalizando:

- Então, será que morro?
- Nhô Guimarães, um homem de seu quilate não morre...
- Nhô reagiu suspirando fundo, enquanto Manu inteirava os termos:
- Fica encantado!

Daí foi um enorme silêncio, as vozes ficaram suspensas: cá dentro de mim mesma, eu só ouvia as conversas do passado. Eu nunca tinha visto os dois assim tão tristes. Depois, Nhô Guimarães se despediu, parecia que marejando os olhos. E foi embora, num cavalgar vagaroso, sumindo na tardinha daquela estrada. Por muito tempo ficamos sem saber dele. Até que veio um recado, tempo por tempo, tim-tim por tim-tim, os fatos. Eu espero, mas no fundo sei a verdade. Nhô Guimarães nunca que vem, nunca mais. Mas faço questão de esquecer, às vezes, o fato certo, querendo outro parecer. A gente deve dar passagem aos apelos do sentimento, o senhor não acha? Pois se sempre vi o dito homem, sempre vivo, como até hoje em minha memória! Eu vi, vivi, convivi. Para mim está muito bem vivo.

## PRIMAVERA NOS OSSOS

(Trecho do romance "Primavera nos ossos". São Paulo: Casarão do Verbo, 2010. 278p.)

Entre o bambuzal, a luz fraca das 4h:30, 4h:40, quase 5h:00 da manhã. Enquanto o sol se desloca invadindo a cidade, a sombra do rosto dela vai de poste em poste. Passando, repassando, qual janela de carro, capturando, refletindo-se nos pedaços da paisagem. O rosto dela. O contorno oval, exalando cheiro de gente machucada. O centro vago, escondido atrás dos cabelos. Podemos dizer sem erro que é de vento e areia o meio da cara dela. Mas não, diremos melhor: na verdade, o vento, a areia, o rosto e os cabelos pouco importam, a verdade é que ela emerge do inferno, a verdade é que ela retorna à vida. Embaçada. Descongelada. Sozinha. Assim:

Levanta-se. Confere a roupa um tanto rasgada, suja de sangue. Ajeita-a. Passa as mãos sobre o tecido tentando limpá-lo. Em vão. Conforme Dante, no inferno faz frio de travar os ossos. Movimentos pelo avesso. Anda devagar como se ainda carregasse por dentro o torpor do susto levado horas atrás, ao se certificar que se tratava, de fato, de um ataque.

Beira de morte, amputação.

A pancada.

A bordoadada.

Basta trazer à tona uma faísca do vivido que, feito relâmpago, no automático, a lembrança da agressão vem viva: uma serpente à espreita, um dragão preparando a cusparada de fogo.

Sacode a cabeça, evitando que a faísca pegue fogo, atraindo-a novamente pro olho do incêndio. Concentra-se nisto: despistar o registro da agressão na memória, carvão em brasa lhe trazendo tontura, imprecisão. Despistar e cuidar de outra realidade que lhe crava a carne desde que abriu os olhos: a dor. Mais forte que a lembrança do ataque sofrido, o que lhe perfura a carne é a dor de alicate puxando os dentes. A dor de água escaldando pés, mãos, pescoço, sexo, seios. Principalmente ali, nos bicos dos seios mordidos. E as marcas de roxo pisado, ela murmura, apalpando-se, sairão algum dia?

\* \* \*

Fácil é pensar em falar com ele. Não como quem retorna de uma rápida perda de consciência e, confusa, põe-se a dialogar com o que não existe. Não isso

de borboleta errante procurando pouso em flores baldias. Que isso, apesar de bonito, é torto e não ameniza dor nenhuma.

Nada de inventar fugas, reticências ou abstrações. Se pudesse estar olhos nos olhos com ele, comentar qualquer bobagem – não da dor, da dor agora não –, cercar-se de coisas leves, comentários sobre a primavera, sobre café expresso com creme, sobre a temperatura certa do vinho tinto, sobre fumar ou não fumar cigarros mentolados, sobre as condições do tempo em Salvador. Algo meio folha de amendoeira ao vento: leve em suas reenrâncias avermelhadas, inútil em sua função original. Que amigos, amigos verdadeiros, ela leu em algum lugar e ainda se lembra, precisam apenas de proximidade, não de conteúdo ou confissões. Precisam é estalar a língua no ar, chegarem a um palmo do coração do outro, mas não adentrarem, permanecerem do lado de fora, feito guardiões que contam histórias pra enganar o amanhecer.

Uma conversa apoio para o corpo, uma conversa pilastra, coluna grega pra escorar a dor. Escore esta hemorragia, querido. Faça em segredo uma simpatia pro corpo se endireitar de novo, pra dor ficar comportadinha. Não tão aguda. Boazinha na vitrine, como dizia Baudelaire, redizia Ana C., rediremos agora, por que não?, boazinha e anestesiada, por favor.

É preciso um passo, depois outro. Dentro do inferno, sobra monóxido de carbono. De dentro do inferno, deve se sair de fininho, mas com precisão.

Novamente, o renascer. Cante uma canção antiga: te furamos com espinho, você era rosa e não sangrou; te furamos com agulha, teu corpo era novelo e se bifurcou; te furamos com a mão de Deus, você era deusa e graciosamente desviou.

Tão simples pedir ajuda a ele.

Tão impossível obter.

Um demônio toca piano.

Ou seria clarineta?

Um demônio dança longe.

Ou seria dentro?

Enquanto tenta localizá-lo na mente, falar de tudo, menos da violência, com ele e tão somente com ele, sente o mundo, o tempo escurecer. Tropeça na fraqueza: tonteira e despreparo pra arrumar os acontecimentos. O canal da mente se fecha. A imagem dele some.

Desgraça.

Desaparece aquela voz serena, aquela calma de lençóis de cetim que é estar aninhada a ele.

Miséria.

Como chegar perto, como aspirar de novo detrás da orelha dele aquele cheiro que só naquele cantinho da orelha dele tem?

Alisar os cabelos dele, encostar levemente os lábios, dizer *eu fui violentada*, meu amor.

Assim sairia do inferno, assim estaria de volta à vida.



Bastava pensar no acontecimento, deveria dizer assim mesmo o que lhe sucedera? A-con-te-ci-men-to?

Não, não tem problema, entre eles jamais existiu qualquer segredo.

Bastava pensar, pra perder outra vez voz, olfato, visão.

Comichão maldito se estrebuchando: como organizar tudo em meia dúzia de palavras?

Não, não tem problema. Mais linguagem do que ela era capaz de inventar no dia a dia de sua agência? Ora, quem mais? Podia vender qualquer coisa manipulando as imagens, as palavras, qualquer coisa, caros senhores, prezadas senhoras. Não tem problema, acharia um jeito de traduzir, amanhã, mês que vem, por que não?, agendaria tal demanda, *sure, dear*: eu fui violentada, assim, à queima-roupa, ficava bem?

Não podia nem conceber aquilo que o cérebro completamente perdido cochichava aos outros órgãos.

*Estamos em perigo, mas ainda temos chance.*

Um inimigo se espalha.

Não tente dar conta de tudo, aprenda a delegar tarefas, faça como os grandes líderes, partilhe o poder e ele se multiplicará.

De quem são essas frases ridículas?

Acabei de ser estuprada, querido, venha me buscar no meio da rua, me leve pra uma piscina de águas termais.

Nada há de ser tão sem saídas: *vamos tentar outro caminho?*

O corpo se eriça, qual bicho cujo caco de vidro adentrou fundo que nem noção do que é ser bicho atacado por um caco de vidro se tem mais, pois que completamente estraçalhado.

Feito carne moída a dor. Pernas se recusando a andar, olhos secando, células partidas, neurônios desconectados. Repetir pra si, pra ninguém: quase me arrancaram a vida minutos atrás. Veja: sai sangue da boca, do sexo, do ânus. Sai sangue até das unhas e não há como detê-lo. É preciso chegar em casa imediatamente, tomar banho, vestir uma roupa limpa, necessariamente de algodão, e cair na cama.

Mas voltar pra casa? Como poderia?

Torna a ver o mundo escorregadio e cai. Cai sem ouvir a resposta dele. Sem conseguir visualizar a mão cheia de pelos dele. Estendida. Salvando-a.

Cai e vai apagando. A mente soletrando *the end, finish, acabou*. Como uma inimiga pirracenta, a mente projetando mortalhas de seda vermelho-sangrento, úmidas num varal, orquestradas pelo vento. O último orgasmo com ele, quente de se querer morrer logo naquele quente que vem voltando ainda mais quente, ontem, ali, aquele copo com conhaque num sábado chuvoso. Uma tarde, acolá. Antes de ele confessar que amava outro cara, antes de ele querer ir embora.

Por quê, meu Deus, por quê?

Sua vida acabou, minha querida, encare os fatos.

Quando Deus se rarefaz, a vida acaba. Aprendera isso, certa vez.

*La vita è finita, hai capito?*

Perseguição em língua estrangeira.

Talvez fosse isto: fechar os olhos, se entregar. Por mais que amedronte, a escuridão sempre promete um alívio pra dor. Ficar imóvel, desaparecer dentro dela, poeira na luz solar.

Besta quadrada é qualquer existência. Viver não vale o esforço com que valentemente se inspira-expira.

A vida.

Miudinha.

Pedregulha embaixo dos pés.

Incrível como os olhos se entregam fácil, acomodando-se à falta de luz. O resto do corpo, porém, não. O resto do corpo é luta feroz, a fim de qualquer migalha de claridade ou lógica. Rumina, resiste, se despreza da alma. Tem vida própria, arrepio de corrente, tempestades. Enquanto a alma é longe, tão longe, tanto tempo, dias, meses, séculos atrás, enquanto a alma quer saber apenas de ficar quieta, de entregar os pontos, de não estar, a carne toma outro rumo. A carne é presente sólido, exigindo nova chance, se autoimpondo um recomeço.

Provavelmente, os vermes aproveitarão tanta energia gasta entre um polo e outro, pois são os vermes que espreitam a guerra entre corpo e alma, de camarote, aguardando o desfecho.

Vontade antiga impulsionando: vencer.

De onde, para quê, por que vem?

Não sabe. Desimporta. Reaprende.

A luz de uma vida inteira.

Quer ver a luz do sol. Não se entregar.

Desperta outra vez. Anda cambaleando, depois consegue andar um pouco mais firme, lutando contra a tontura que nasce na cabeça e vai se espalhando pelo tronco até morder os pés. Nos pés e mãos, agulhas trabalham a cada passo.

Ignora-as. Esfrega os pulsos, abandona o terreno baldio para onde foi levada, à força. Na subida, avista um viaduto. A memória é suficiente pra reconhecer onde está.

Orienta-se pelo velho viaduto encravado no centro da cidade, acima de sua cabeça. Atravessa o estacionamento. Esfrega de novo os pulsos marcados.

Então, a abandonaram no centro, sem moto, sangrando, sem dinheiro.

Muito bem, muito bem.

Um rapaz vai passando, perto da árvore velha que sombreia cheia de vida uma parte da calçada. Franze a testa ao vê-la:

– Precisa de ajuda, moça?

De calças jeans e boné verde-cana. Vem correndo, assustado, ao encontro dela.

– O que aconteceu, dona?

Ela tenta calcular as horas enquanto se apoia no ombro dele.

– Você precisa de ajuda? – ele volta a perguntar, confuso.

Ela o encara. Ele torce as mãos.

Sim, queridinho, toda a ajuda possível, como não?, veja, acabara de perceber: ia precisar matar dois homens logo, logo. O pensamento foi tão rápido que ela mal acreditou: *does the body rule the mind or does the mind rule the body?* Ligar mais tarde pro Príncipe da Ironia, pro Deus da Melancolia Infinita e perguntar: então, querido, você já conseguiu uma resposta precisa?

Lembrar dessa música é pender de novo no vácuo. Passaram-se tantos, mas tantos anos. Ela era adolescente e queria sair do Brasil. Essa canção no café da manhã, essa canção na hora do almoço, essa canção antes de dormir. O corpo governa a mente ou é a mente quem o dirige o corpo? *What difference does it make?* Gostava até mais quando ocorria o contrário, quando o coração vinha mais ágil e tomava o centro. Uma vida dirigida pela emoção, uma vida sessão da tarde, em vez daquela tão pragmática a que estava acostumada, se pudesse escolher, o que de fato escolheria?

O rapaz pergunta novamente se ela precisa de ajuda, se fora atropelada, se estava doente. Ela balança a cabeça, negando. Se não tivesse a garganta tão seca, diria que sim, fora atropelada, não: triturada, melhor: moída. Acabaram de passar feito um trator por cima de toda a sua existência.

Nenhuma novidade aí, preste atenção: *o mundo é um moinho*, cantava aquele sambista. É *o bonde do mal na rua*, registrou aquele guitarrista, e *a paz de alguém está por acabar*.

Ah!, como ela precisava de socorro. Todos, qualquer um. Principalmente: um copo de água gelada. Água que soubesse cair límpida na garganta, sem arranhar ao descer pelo interior do corpo. Depois, um longo descanso entre as nuvens de algodão da infância, aquelas que de segundo em segundo se transformam em outras, mexendo-se, derramadas, entre os espaços azuis do céu. Gotas de alguma chuva nova em seu corpo, quiçá um arco-íris interrompido por trás dos prédios.

E ainda: os revólveres mais velozes do mundo, gatilhos estridentes, canhões de última geração, e pólvora, muita pólvora pra explodir todos os pênis desconhecidos pelo ar. Ou, um tanto mais primitiva, por que não?, navalhas pra arrancá-los dos corpos, leques e chumaços de algodão com álcool no nariz pra poder acompanhar a queima deles sem ter que sentir o cheiro podre infestando.

O que mais se pode desejar neste instante? Cortar fora todos os malditos pênis de todos os malditos homens do planeta. Fazer uma fogueira com eles e dançar ao redor, como fazem os índios para pedir aos deuses que mandem chuva. Porém, ela, se pudesse, pediria aos berros ao deus que houvesse naquele instante, à escuta, para mandar reinar não a chuva, mas a impotência, mandar vir não o fracasso, mas a esterilidade, mil defeitos incorrigíveis, grotescos, fatais, capazes de confundir a raça masculina, ameaçá-la, extingui-la, assim como deveria ter sido desde o princípio, fosse agora por todos os séculos e séculos.

Todavia, a garganta está mesmo complicada e uma única sentença cabe:

– Me leve à delegacia.

É tudo que pode dizer ao rapaz, apoiando-se nele apenas o necessário pra conseguir andar. Contato mínimo, antes que enlouquecesse de vez e esganasse o inocente, tão desconhecido, tão solícito.

\* \* \*

Empurrar o corpo pra frente. So-bre-vi-ver. Mão na testa, limpar o suor. Todos os deuses dançam no jardim arruinado lá na frente. Visão embaçada de sinais. Sacudir a cabeça. Respirar. Um curativo no nariz esconde o machucado das vistas. Vem o vento no meio das pernas dizer que ela está viva. Mas não queria ouvir o vento. Ele tem uma melodia cretina. De vez em quando, joga-a em nosso ouvido. Não apenas cretina, inútil. Pele queimada de sol. Sol demais mata, o fogo se espalha, estraga a plantação. Socorro confuso de mãos competentes. Ágeis. Mãos silenciosas que limpam a sujeira, trazem analgésicos, e dizem pra ela ficar tranquila, pois tudo acabará bem.

Acabará?

Sim, isto é um hospital, relaxe, estão cuidando de ti.

Cabelos penteados pra trás, braço puxado, osso deslocado, mais dor.

Calma. Esta dor é bobinha, dá pra suportar.

Venha, Luísa.

Força.

Por aqui.

Vozes além.

Anjos?

Querer fechar os olhos e não poder. Tem fios de *nylon* nos olhos.

Anjos tocando coisas impossíveis de serem ouvidas.

Quem foi o miserável que pôs fios de *nylon* pra segurar os olhos dela?

Mania esquisita de imaginar um mundo melhor, porém, invisível. Seres do outro lado, ofertando proteção. Se fosse assim, minutos atrás, onde estariam os malditos anjos?

Gritos inesperados.

Não vai dar certo. Parem. Filhos de uma puta. É melhor desistir.

Por favor: apaga a lâmpada que é hora de dormir. Por favor: acende a lâmpada que é hora de entender.

Cheiro de éter que não havia, cama de hospital que não havia, pessoas com olhos de lobo: também não havia. É noite escura e mesmo assim o sol queima a pele sem filtro solar.

Ouvir a própria voz irromper: infeeeeeeeeerno, vão embora, desgraçados, ninguém quer ouvir harpas ou canções.

Definitivamente: o tempo está acabando.

Não pode ser. Como se fosse a voz de outra pessoa: falando amenidades num quarto de hospital.

Às vezes, se esquece mesmo de passar filtro solar.

Ora, que importa? Não chateie com inutilidades assim. Quem quer saber de câncer de pele depois de um estupro?

Pro diabo, pro diabo.

A voz liberta, independente, decidida: vou arrancar cada pedacinho deles, vou arrancar com os dentes, mastigar e cuspir.

As pessoas: olham, olham. Cochicham. Horrorizadas. Piedosas.

Não consegue mais fingir: só pensa em como irá fazê-los sofrer também.

Veja: o ruído da vida é desarmônico, pega de todos os lados, entra pelos ouvidos, se espalha pelos pulmões. O ruído da vida traz fome, faz os intestinos funcionarem, a vaidade retornar. Como se misturar a ele de novo, como não estar decepada, longe dele, longe de tudo?

Ela penteia os cabelos, enquanto ouve, numa língua que não é mais sua porém sempre haverá de lhe pertencer, as notícias de seu corpo trazidas por pessoas de aventais ora brancos, ora verdes.

Os aventais ora brancos ora verdes saracoteiam dentro do quarto. Perdem-se em tortas explicações. O código deles é escorregadio. Os sons se movimentam numa fase de transição. Provavelmente quando o português ainda não era, de fato, português, mas algo indefinido, ainda pela metade, tentando, em desespero, ignorar a parte faltante: piano de cauda sem as teclas pretas; bailarino sem técnica insistindo no salto.

Que coisa desprovida de razão: escutar uma língua que fica frouxa justamente por tanto querer ser exata; mais que isso: inválida; pior: ineficaz.

Ao ouvir os aventais ora brancos ora verdes, ela pesca uma palavra aqui, outra ali. Desconfia que o que falam pode soar em espanhol a qualquer hora, mas não soa. Pode lembrar italiano de repente, pra um brasileiro *cosa piccola in italiano* é compreensível, não? *Bene, bene, guarda, sono qui*, percebe? Trata-se de línguas aparentadas, aprendera tanto tempo atrás. *Grazie Mille*. Perfeitamente. Quase tudo é passível de conserto. Olhe nos meus olhos, ouça esta canção: *faz tempo que não sei de sua vida, peça alguém pra contar como foi o seu dia*, esquece essas paredes, me abrace outra vez.

Porém: não.

Todavia, não.

## ABAITÉ YA

("Fetiché", 1996)

*p/ agosto de campos*

"Their concept of a garden is a reproduction on a dwarfish scale of nature they see around themselves. It makes a characteristic contrast with the modern horizontal park dotted with geometric patterns of flower-beds and shady trees planted at regular intervals in parallel lines as in French gardens of the Cartesian age."  
– Shunkichi Akimoto.

*morai mizu*

yumê-sakura  
no chã  
da lagoa escura

yumê ah  
ah yumê ah  
ah yumê

yumê-sakura  
no chã  
da lagoa escura

o sol bashô  
à doce brissa  
caracol  
ka-dô

lua branca  
areia branca  
uma polegada  
escura

odô ya  
a conta de vidro kai  
o som da água

graveto kanji  
kioto ketu  
uma cidade:  
mairi

asagao ya  
oh ipoméia  
abaité ya  
a ideia  
de uma  
orquídea

sereia no ideograma  
areia no brinquedo  
ipupiara em ikebana

semilua em leque  
a mulher bem nua  
dama kasa não é minha  
yamakochi  
nem é tua:  
sozinha sozinha  
a mulher flutua

yamabuki  
exu samurai  
terreiro kabuki

sendas de okunrin  
satoriki  
um jardim enfim  
onde eu ronin  
onde eu chonin  
diga sim ao sim

lua na neve  
okê arô  
me sento dentro  
de uma peça nô

noite de outono  
emi hakuryo  
nenhum hageromo  
os olhos no cio

alakorô alakorô  
oh oxotokanxoxô  
o rei menos o reino  
o cheiro de uma cor



## À BEIRA DA CATÁSTROFE

(Capítulo inicial da novela "Lunaris". Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2007)

Uma vaga apreensão tomava o espírito de Alberto sempre que, por um motivo ou outro, não se encontrava mergulhado em suas atividades costumeiras: trabalhando na universidade, indo ao cinema com sua mulher, resolvendo negócios, pagando prestações, batendo pernas pelas livrarias...

Talvez tudo aquilo se devesse a um sentimento de culpa por não estar fazendo alguma coisa útil, que se encaixasse na rotina diária – alguma coisa que pudesse considerar normal, longe dos tempos mortos, do silêncio inquietante, da estranheza das coisas. Algo, pensava ele, que o distraísse da estranha realidade dos objetos inanimados, do espaço que os separava, do silêncio presente, todo o tempo, por trás dos ruídos familiares, das ações e das palavras que compõem o que se costuma chamar de cotidiano.

Como se existisse outra história, paralela, misteriosa, que não se concretizava com palavras, fatos e acontecimentos. Uma forma de ser e existir que ele apenas pressentia, ao sair por algum motivo do traçado habitual dos seus passos. Era o que sentia quando, no meio da tarde, chegava mais cedo do trabalho e se deixava ficar sentado, no sofá, na sala do apartamento, numa outrora silenciosa travessa do Caminho das Árvores. Podia ouvir a empregada preparando o jantar, um ou outro carro passando na rua, um passarinho cantando no alto de uma mangueira, o porteiro conversando com alguém no prédio em frente. E, envolvendo tudo, aquele estranho sentimento de gravidade, de profunda gravidade da vida.

Já sentira aquela mesma sensação, algumas vezes, após acordar de um cochilo, depois do almoço. Ao abrir os olhos, vinha-lhe de súbito uma profunda estranheza do existir, uma sensação quase insuportável de ser, de estar, por algum motivo profundamente misterioso, habitando uma bola solta no espaço, cercada de vazios, de ser uma consciência, um pensamento que sequer tem a percepção de quem é, verdadeiramente. Sentia, então, abater-se sobre si uma forte percepção da sua responsabilidade.

Era também uma percepção moral, e qualquer relativismo desaparecia, naqueles breves instantes, diante da compreensão da gravidade de qualquer erro. Nesse momento, seu pensamento voltava-se sobre si e sondava, invariavelmente, seus sentimentos mais íntimos, suas relações com as pessoas: sua mulher, seu filho, seus irmãos, com os amigos, com a empregada, com o porteiro, com os colegas de trabalho. E sentia um alívio quando convencia a si próprio que os tratava a todos bem, conforme suas possibilidades. Mas estariam realmente todos bem? E quais eram as suas possibilidades?

Mesmo que estivesse em dia com sua consciência, não podia evitar a sensação desconfortável de que tudo ia mal com o mundo, *lá fora*. Usava esta expres-

são como uma forma de defesa. Algumas vezes, tomado por um estado de profunda melancolia, saía às ruas, geralmente no final da tarde, e via, com lucidez insuportável, uma tristeza oculta por trás dos risos e gestos, derramada no rosto das pessoas que circulavam nos ônibus, nos automóveis, nas calçadas; nos que ficavam parados nas esquinas, nas portas dos edifícios, nas janelas das casas, nas avenidas, parques e ruas de Salvador. E tudo era tão diferente dos tempos em que, ainda estudante, circulava pela cidade que sempre amara e que então lhe parecia, ao contrário, um mundo luminoso, repleto de promessas, de sonhos, de possibilidades que nunca se esgotavam.

Ele mudara ou foi a cidade que se deixou conspurcar, ao ponto de ficar esvaziada de todas as suas potencialidades, dos seus sonhos, da sua utopia? Por que diabo aquela sensação de estar à beira de uma catástrofe irremediável? Mas tudo estava tão normal! E, no entanto, parecia que o desastre já começara – como um incêndio no porão enquanto as pessoas, sem saberem, dançam e negociam e fazem planos nos andares superiores de um velho edifício. “O horror! O horror!”. Lembrava-se sempre da exclamação de Kurtz, no romance de Conrad, e vez em quando se flagrava balbuciando aquelas palavras. Era horrível o que a vida – seria melhor dizer: o *Sistema* – fazia com as pessoas, destruindo todos os seus sonhos, pulverizando toda a beleza e a juventude, e todas as potencialidades e possibilidades negadas. Que desperdício!

Alberto sentia vontade de ir mais fundo naquela sensação, de mergulhar na dor coletiva que se ocultava por trás dos gestos habituais, das palavras cordiais, dos sorrisos, dos tiques que compunham todas as relações, mas não tinha coragem suficiente. O hábito, aquele sólido repertório de convenções, parecia-lhe uma camisa-de-força que todos vestiam, inconscientemente, para não ver a realidade. Como se todos estivessem hipnotizados, para não poder ver que há um dragão no jardim, um esqueleto no armário, o medonho cão Cérbero que habita o Hades particular de cada um – suas mentes, seus lares: aqueles pontinhos de luz que via, à noite, quase sempre com um misto de fascínio e terror, quando sobrevoava a cidade num avião. Meu Deus! Quantas abominações não acontecem na intimidade dos lares, no recesso das famílias!

Era quase insuportável pensar. E o que mais o incomodava era a convicção, presente lá no fundo da sua consciência, de que não valia a pena fazer nada para mudar. A consciência do horror era, para ele, um segredo guardado a sete chaves. Sabia que não devia dizê-lo, sob pena de ser subtraído (nem que fosse pela arma covarde do escárnio) por aqueles que desejasse libertar. Não era covardia, mas sim – o que talvez fosse muito mais grave – apenas a sensação de que não valia a pena fazer nada. Para que sacrificar-se por pessoas que desejam, mais do que qualquer outra coisa, continuar sendo prisioneiras? Não havia mais espaço no mundo para heroísmos. Se houvesse, certamente não seria ele o herói.

O herói estava morto. Morrera em algum lugar do trajeto da sua própria vida, mas não podia dizer exatamente onde. Alberto, que já alimentara e acreditara

em tantas utopias, vivia agora para preservar a sua integridade moral como uma construção particular – como uma casa que constrói em cima de uma árvore, no quintal, a qual vistoria diariamente para ver se permanece limpa e sólida, como um refúgio à estupidez do mundo. Um lugar pequeno, entretanto, para caber muitas pessoas; um lugar seletivo, no qual podia colocar sua família e um ou dois amigos, mas cujas portas jamais poderia escancarar para o mundo.

Tinha sua reserva moral (a expressão parecia antiquada, mas fazia questão de preservá-la) como uma planta, no jardim, que todos os dias regava e sobre a qual se apoiava para se relacionar com o mundo. Tinha, às vezes, vontade de colocar os pés num terreno neutro, numa outra dimensão, na qual poderia fazer tudo o que quisesse sem que fosse atingido por qualquer conceito, ou preconceito. Uma das suas diversões preferidas era deixar-se entregar à fantasia de que habitava aquele lugar. Era um estimulante exercício de imaginação, inofensivo, é verdade, mas que se constituía, sem que ninguém o soubesse, numa espécie de vingança contra o mundo, contra tudo aquilo que a civilização, com seus valores, representava em sua vida. Era seu único espaço de liberdade, no qual ninguém, nem mesmo as pessoas mais íntimas das suas relações, poderia penetrar.

Esse lugar – que chamava de Lunarís, numa referência ao romance *Solaris*, de Stanislaw Lem –, era uma forma especial de pensar. E de sentir. Só mais tarde descobriria que era, de fato, um *lugar*. Um estranho mundo mutável que, com o tempo, adquirira o status de realidade – estranha, mas nem por isso menos real. Nele, Alberto dava-se ao prazer às vezes pervertido (se tal palavra fizesse sentido naquele lugar), de refazer pessoas, de reconstruir acontecimentos, de eliminar todos aqueles que o aborreciam. Nunca, é verdade, de modo violento ou cruel. Preferia sempre alguma solução que o fizesse rir. Mas sempre procurando lembrar-se que suas emoções não poderiam nunca, jamais, ser manifestadas. A fronteira entre aquele mundo e este tinha que ser, sempre, preservada.

Por isso, talvez, Alberto fosse um homem sério, ou um pouco distraído. Sua mulher, Judite, queixava-se sempre daquela sua qualidade. Ela nunca se cansava de se espantar com a facilidade com que Alberto se desligava das coisas. Como conseguia dormir – e até sonhar – num instante, às vezes até de pé, encostado numa parede. Ele chegara mesmo a confessar-lhe, sem que ela lhe desse crédito (mas era verdade!), que já dormira correndo.

– Foi num exercício de Educação Física, há muitos anos, no colégio. Era muito cedo, eu estava com muito sono e...

Apesar de tudo isto, Alberto era uma pessoa normal. E não era, de forma alguma, um pessimista, ou um sonhador. Havia nele uma bem dosada mistura de Quixote e Sancho, de forma que, apesar de se sentir um pouco deslocado entre os seus semelhantes, tocava sua vida sem maiores problemas. Ia bem em seu trabalho: ensinava Literatura Brasileira na universidade. Gostava de ver-se cercado pelos alunos. De certa forma, a sala de aula era uma espécie de extensão daquele mundo paralelo, quando dava sorte de encontrar, entre os estudantes, quem

acompanhasse suas peregrinações. Para ele, o ensino de Literatura não tinha nada em comum com qualquer outra disciplina. Não era uma ciência, era uma comunhão; as aulas eram – ou deviam ser – um ritual, no qual se partilhava uma experiência estética que se prolongava além da sala, que acompanhava cada um dos membros dessa confraria, em todos os momentos da vida. Lembrava-se frequentemente de um artigo publicado numa revista sobre uma academia de judô em Paris, em cujo interior havia a seguinte inscrição: o Judô começa lá fora, do outro lado desta porta. O aprendizado de Literatura tinha que ser, portanto, um re-direcionamento da sensibilidade, um engajamento. Mas no quê? Para quê?

Uma das características da personalidade de Alberto, talvez a que ele mais se esmerava em ocultar, era a compreensão cristalina de que ele não tinha absolutamente certeza de nada. Por isso admirava, com um secreto e sincero ardor, todas aquelas pessoas que tinham convicções, embora ficasse verdadeiramente alarmado quando se sentia convicto de qualquer coisa. Sabia que nenhuma mudança radical e efetiva no mundo seria possível sem que houvesse essa estranha qualidade, que lhe parecia ser, ao mesmo tempo, a mais extrema forma de lucidez e de alienação. Espantava-se que alguém pudesse ter certeza do que quer que fosse no mundo, e se perguntava, às vezes, se seria capaz de largar tudo para seguir um líder carismático, alguém que avivasse uma chama que sabia existir em algum ponto do seu coração. Mas acreditava que essa pessoa não existia. E nessas horas podia até ver o seu coração como um abismo inexpugnável em cujas profundezas algo extremamente valioso se apagava, dia após dia. Ele precisava descer até lá, mas lhe faltava determinação. Faltava uma crença de que valeria a pena sair dos seus cuidados para arriscar-se. Por isso, nessas horas, preferia refugiar-se em Lunarís.

Alberto gostava de caminhar pelas ruas da sua cidade, com as mãos no bolso de um casaco (gostava de ver-se assim, embora não tivesse nenhum casaco), sob rajadas de vento de um inverno inexistente. Gostava de ver o emaranhado de becos e ladeiras que não levava nunca a lugar nenhum. Gostava do emaranhado de fios que pendiam dos postes antigos. Gostava das manchas de limo e lodo que cobriam as paredes dos casarões abandonados. Agradava-lhe a ideia de que, a qualquer momento, um daqueles casarões antigos desabaria sobre sua cabeça. Gostava da ideia de saber que sobreviveria ao desabamento. E de que teria, quando chegasse em casa, à noite, algo para contar. Gostava da ideia de ser um sobrevivente. Ele era um sobrevivente. Mas do quê?

– Quarenta e três anos de idade é uma vida – dizia, sempre que botava os pés em Lunarís. Por isso, a ideia da morte não o assombrava. Espantava-se com a quantidade inesgotável de lembranças e sensações que lhe habitavam, embora quase todas adormecidas. Mas sabia que elas estavam lá – ou melhor: aqui, dizia, tocando a cabeça com o dedo indicador. Não tinha certeza sobre o *lugar* em que estavam, verdadeiramente. Mas sempre que uma palavra descuidada, uma música ocasional ou um cheiro qualquer lhe abriam as portas da Recordação, ele se

redescobria como outro homem. Ou melhor: como um território mágico sobre o qual se derramam inesgotáveis sensações.

– Às vezes penso que já estou morto para mim mesmo, para, pelo menos, 95% de todo o meu passado. Veja quantos livros já li – diz ele, mostrando sua biblioteca para seu amigo. – Mas nada, ou quase nada me lembro deles. De forma que é como se não os tivesse lido. De que vale então haver lido tanto?

O amigo diz que não é bem assim, que ele está exagerando.

– Esses livros fazem parte de você, meu velho. Esses livros são você.

Alberto achou graça na forma como ele falou – e vasculhou sua memória para lembrar qual, dentre as centenas de personagens das obras que atulhavam sua estante, falava daquele jeito.

– Gatsby!

– Eu não disse? – acrescenta o amigo, com um sorriso. – Nem tudo que não lembramos está morto dentro de nós, meu velho.

Era por essas e outras que Alberto gostava de Lunarís. Lá sempre havia algo interessante para lembrar. Ou para esquecer. Porque o esquecimento é o lado oculto da lembrança, entende, meu velho?

Alberto anda pela cidade, com a cabeça baixa, mergulhado em seus pensamentos, com as mãos no bolso, mas todos os ruídos (dos automóveis, das pessoas, das máquinas, do vento, dos pássaros, dos cães) lhe são estranhos. Ele é, naqueles momentos, algo que não existe, que nem tem um nome. Mas logo ele lembra que precisa voltar para casa – e se acha, mais uma vez, para se perder depois, indefinidamente.

## O QUARTO DA INFÂNCIA

(Capítulo da novela “Noites Desertas”, ainda inédito)

**A** música tocava longe? Veja, ela agora parece com o ruído do mar, lembra-se? Era um mar noturno aquele, que vinha de longe, da escuridão profunda, como um grito que se arrebatava em brancas espumas na beira da praia. E você podia ouvi-la muito bem, deitado com sua mãe no quarto, que era o mesmo quarto, o quarto da infância, mas que ficava num lugar diferente agora: um bairro a beira-mar que ainda permanece vivo na tua lembrança, meu amigo, enquanto seguras com força as grades do portão deste imenso hospital que se estende daqui para o passado. Veja: você está com a sua mãe, deitado na cama, olhando o telhado de telhas vãs e as paredes feitas com óleo de baleia, e sua mãe canta uma canção qualquer de ninar, enquanto você pensa: onde está meu pai? Onde está o meu irmão? E teme por eles, porque já aprendeu que a vida é como um grande menino que brinca com a gente como se fossem bolinhas de gude, que às vezes rolam pelo bueiro, despencando pelos canos escuros do subterrâneo e se perdendo para sempre do nosso olhar – e não foi assim que aconteceu com aquele menino que

simplesmente deixou de aparecer e disseram-lhe apenas que ele morreu, mas esta palavra não explicava nada, porque ninguém sabia dizer para onde ele foi, de forma que ele permanecia presente, todo o tempo, talvez mais do que nunca, como se estivesse atrás do muro, ou do poste, ou no quartinho do fundo e fosse aparecer a qualquer momento, e isto era terrível, porque ele nunca aparecia, e você corria e olhava como se pudesse flagrá-lo na sua traquinagem, mas você nunca se decidia se ele estava lá, ou se ele sempre estava lá – e para onde iam todos os mortos? Para onde iam todos os mortos do mundo? Haveria muros e quartos suficientes para todos eles se esconderem? E você pensava nisto, ali, deitado na cama, abraçado com sua mãe, mas você era tão pequeno ainda, e alguém poderia dizer: Não, ele não poderia ter um pensamento assim tão profundo, porque ele era tão pequenininho. Mas enquanto seu pai e seu irmão não apareciam, o mundo era um monstro disfarçado que ria do seu medo, e entre você e ele havia apenas a sua mãe que contava histórias de um tempo muito antigo, e às vezes você duvidava até dela, e pensava (com terror) que ela voltaria o rosto para você e você veria que o rosto dela era o de um monstro, ou mesmo do próprio diabo, e você fechava os olhos para não ter de enfrentar a realidade de uma transformação assim tão irremediavelmente triste, porque não haveria mais salvação – e tudo se transformava – o quarto, o silêncio do quarto, a voz dela, as ondas longe, o vento nos coqueiros – numa goela medonha que se abria para devorá-lo, e você desejaria correr pelos corredores escuros, abrindo portas e fugindo e correndo pela noite adentro até não pensar, porque era apenas isto o que você queria, meu menino, e você atravessaria todas as noites da sua vida e sentiria todos os medos, e veria todos os monstros, e sentiria na pele o ataque maciço dos monstros, como naquela noite em que você acordou gritando, desesperado, porque formigas e aranhas subiam pelas suas pernas, pela sua barriga, pelos seus braços, e você gritava desesperado, e seus pais acendiam a luz e lhe sacudiam e lhe acariciavam e lhe diziam: veja, meu filho, não tem nenhuma aranha aqui, e você ainda as via por frações de segundo e as via desaparecer, como milagre, e soluçava muito, meu pequeno menino, e todos os seus medos se resolviam assim com esse “clic” mágico do interruptor e com a luz que lhe revelava os rostos familiares dos seus pais, que eram Deus com o seu tremendo poder de aniquilar de um só golpe com todos os males do mundo – e não era exatamente isto que acontecia agora, com o seu pai chegando com o seu irmão e acendendo a luz da sala, que clareava o quarto suavemente, e você abria os olhos e via que era mesmo a sua mãe que estava ali, ao seu lado (não seria o próprio diabo que sabia se disfarçar tão bem?, você ainda era capaz de pensar isto, mas logo não haveria mais dúvidas e você se envergonharia de ter pensado isto), e sentiria vontade de dizer:

– Mãe, você me desculpa?

E ela perguntaria:

– Por quê, meu filho?

E você não teria coragem de dizer:

– Porque eu pensei que você era o diabo.

E diria apenas:

– Por que tive medo de você.

E apagaria logo todas essas bobagens da sua cabeça, porque alguém ligaria a TV, que tinha o poder de dissolver todos os fantasmas do seu espírito, talvez por isto gostasse tanto dela, e sentia mesmo um grande prazer ao vê-la estremecer como um monstrinho zangado atizado pela variação de energia, muito frequente naquela época. Por isso seu pai, que dava jeito em todas as coisas, instalara um grande estabilizador de voltagem, o que não impedia que em alguns horários, principalmente às seis da tarde, houvesse uma queda geral da energia e a imagem ficasse quase desaparecendo. E diante do televisor, meu menino, quem sabe não poderias estender sua visão para o futuro, para um pequeno apartamento onde você estaria sozinho, aos quarenta anos de idade, diante da tela de um computador (e o que era um computador? Você nunca ouvira falar dele!), mas você o/se veria batendo rapidamente os seus dedos nas teclas que fariam tlec tlec tlec, e você, sozinho ali, diante do televisor, diria para ele, quase que num sussurro: “Ei! O que fazes aí?”. E ele responderia: “Escrevo a tua história, meu pequeno eu”. E você perguntaria por que terras seus pés já correram, que estranhas paisagens seus olhos percorreram, por quem seu sentimento palpitava. E ele falaria das estradas desertas do Maranhão onde você quase morreu, de um velho sobrado na Barroquinha, onde velhos ocultistas desejaram reinventar o mundo, das margens largas do Velho Chico, onde mangas maduras se precipitam sobre as águas e nas manhãs suaves os barqueiros gritam – entre Propriá e Colégio – que os índios xocós estão em pé de guerra, e você correrá para lá em busca de uma notícia e de uma esperança vã, e seus olhos serão varados pelas nuvens derramadas no vasto céu do ontem, dos campos verdes do sertão das Alagoas, onde o macaco avoa e as sanfonas gemem contando versos que afloram nos campos, entre os bois mansos, numa sinfonia de mugidos e silêncio, repentistas, jagunços, mulheres que caminham pelas estradas poeirentas com seus potes de barro na cabeça, jipes atravessando lamaçais, rios imensos, rios perigosos com suas grandes serpentes devoradoras, caboclos sobre palafitas, meninos e macacos guaribas gritando sobre as copas das árvores, cobras rápidas, rasteiras, estádios de futebol e bandeiras e gritos e hinos e a multidão valorosa e triste deste país que tu amas mais que tudo. Sua glória será andar por esse mundo sem fim, escreverá o homem na tela do seu computador, mas o menino não mais o vê. Lá está o velho xerife ocupando o teu lugar agora nas duas pequenas retinas, meu velho, e tu não tivestes a chance de dizer-lhe tudo o que desejaria, no fundo do teu peito, dizer-lhe? Mas continuas escrevendo noite adentro, como um velho mestre da arte de navegar, e teu computador é como uma galera fantasma que corta o céu noturno com suas velas brancas enfunadas pelo vento sul: vai vai vai que o céu negro já nada pode contra ti: vai que já nem mais precisas desta bússola, pois para ti, na noite dos teus anos, qualquer lugar

é lugar; vai vai vai que nenhuma menina te espera na margem do rio (quem sabe não foi ela também devorada pela serpente de 15 metros chamada Tempo?). É noite, meu amigo, e encontras tempo para te reconciliares com o teu futuro? Estendas teu tapete para a aurora que logo virá no alvorecer de mais um século, que é apenas um segundo de Cronos, este deus imponente que se senta agora ao teu lado, e diz: Morrerás em breve e tuas páginas também amarelecerão, e tuas letras ficarão embaralhadas, como os infinitos dados que lanço sobre as eras. Por isso, levanta-te e caminha, pois não há mais tempo a perder! Vai vai vai com tua caravela, que és o descobridor de um novo continente: o teu. Lança o teu chicote sobre as costas dos escravos das galés, bate com força, homem, para não te veres tragado pelo redemoinho do tempo, pelo redemoinho das palavras, pelo redemoinho do silêncio, pelo redemoinho voraz desses olhos que tragam o mundo como um imenso sorvedouro, o Nada. Vai vai vai, esporeia este cavalo e fá-lo voar! Incendeia suas crinas e lança-te pelas pradarias do velho Cochise que ainda fuma o seu charuto nos desvãos do abismo: não vês a fumaça se erguendo no horizonte? Vai, homem, ecoa teu grito de guerra, levanta tua machadinha e lança-a sobre os canhões e os jatos PT-15 da Força Aérea do Amagedom, corra, corra pelas ruas desertas desta cidade, sob as lâmpadas de néon, sob a chuva e vê se te resta algum fôlego para cantar. Ressuscita teus mortos: os poetas malditos desta cidade ainda circulam pelas ruas: Gregório, Anísio, Manta, Short, tuas vozes ainda ecoam sobre os velhos casarões, longe, bem longe, dos shopping centers, das praças limpas e dos parques perfumados. Sois fantasmas de um tempo sepultado, mas sobre o qual ainda não lançaram a última pá de cal. E não o farão, pois não deixarei que apaguem os teus rostos do porvir. Prometo, amigos. Nem que para isto tenha eu também que vestir esta capa negra, este chapéu de abas largas, estas sandálias rotas e esta roupa surrada que me afastam do grande festim dos bem-sucedidos, dos que sentam à mesa do rei e se locupletam, e fingem não ver que ele está nu. Poetas malditos da Bahia, ainda sobrevivem nas catacumbas, como os cristãos de outrora, e teus passos ecoam na avenida Contorno, na Ladeira da Praça, no Santo Antônio Além do Carmo, além de todos os olhos que já não podem vê-los. E eu – por que eu? – lhes dou a mão que se estende e fica parada no tempo, inutilmente, talvez. O menino desliga a TV. É tarde. Logo mais os galos cantarão sobre as cercas dos quintais. Itapuã dorme ainda na madrugada de 1963. E este pequeno apartamento do Edifício Trevian, na rua Agnelo de Brito, na Federação, nesta madrugada do ano do dia 16 de junho de 1999, já cede ao cansaço da hora. Um carro passa na rua em frente: seus faróis iluminam por alguns segundos o homem de olhar furtivo que mergulha no labirinto dos becos. A chuva cai sobre os telhados. O relógio trabalha compassadamente: tac tac tac. Chove melancolia sobre o mundo. Feche a janela. *Faz frio. Faz muito frio, meu amor.*



(Daniela Galdino. In: "Inúmera". Ilhéus: Mondrongo, 2011)

## INÚMERA

Eu tenho a síndrome de Tim Maia.  
Eu tenho as varizes de Clara Nunes.  
Eu tenho os vícios de Piaf.  
Eu tenho a orelha de Van Gogh.  
Eu tenho a perna que falta ao Saci.

Eu tenho o olfato de Freud.  
Eu tenho o cansaço de Amélia.  
Eu tenho o peso de Maria.  
Eu tenho as dermatoses de Macabéa.  
Eu tenho a cusparada de Sofará.

Eu sou a linha tênue que une os xipófagos.  
Eu sou uma interrogação vagando com pressa.  
Eu sou um insulto atirado à queima roupa.

Eu tenho atalhos ainda não percorridos.  
Eu tenho palavras desgastadas e nulas.  
Eu tenho uma voz *penífera* e cortante.

Eu confesso: sou intrusa, sou inúbil, sou inúmera.

## MULHER ABJETA

Não sei desenhar  
não sei fazer conta  
só entendo de assustar palavras.

Puxo o verbo pelo rabo  
finco dente no dorso.

Quero des-edificar lares  
provocar divórcio  
entre significante e significado.  
Aí será o oco da linguagem varrido pelo avesso...

Encosto a boca na orelha dos vocábulos  
e sussurro:  
"Deus é a nossa criação necessária".  
Eles habitam pântanos de pânicos.  
Estão prontos para representar meus terrores.

Eu não espero pelo dia  
em que o meu nome flutuará  
nas páginas de uma hagiografia.

Não sei qual evangelho rege  
as impurezas da minha arte.

Eu transbordo excrescências,  
dúvidas, luminosidades.  
E... só entendo de assustar palavras.

## ALVORECIDA

acordei com um sol enorme  
dentro de mim

abrasaram-se os órgãos vitais  
raios trafegaram minhas veias

borbulharam pensamentos de lama  
nos lençóis freáticos da memória

o sol tomou conta de tudo  
expandiu felonias esquecidas

ergueu-se um centenário baobá  
no terreiro inabitado de mim

o frêmito deste nascimento  
alimentou espetáculo frondoso:

sombra nas costas do dia  
vertigem na borboleta.

# SAUDADE AMANHECIDA

meus pés contêm mapas  
distorcidos por cartógrafos loucos.

e esses pés tocam sem cuidado  
a profusão de fios... rastros... fluxos...

eu esqueço os ares de moça  
ignoro compêndios  
transito por rotas imprecisas:

língua percorre lágrimas  
boca engole axilas  
dedos iluminam côncavos  
buceta grita espumas

corpo bambeia na cadência  
da memória indistinta:  
seus jorros trêmulos  
em meus pontos cardeais.

# CONSELHO INFANTIL

*Dandara*

Medi o rio que divide a cidade do Mim  
Mirei o espectro de peixes isolados  
Aspirei o miasma de sonhos esquecidos  
Segui o transitar das baronesas inférteis  
Multipliquei-me em silêncio.  
Ensaiei a elegância das garças.  
As tuas palavras despertaram-me:  
"eu sou maior por dentro".

# SEGUNDO CONSELHO INFANTIL

*Luana*

Toda janela esconde perguntas.  
Os parapeitos contêm cabeças em brasas.  
Coração de menina não reconhece obstáculos.  
Onde ruas tão apressadas?  
Onde carros engolindo gente?  
Onde fios sem pipas enganchadas?  
A jabuticaba dos teus olhos falou:  
"o céu tem mais espaço.  
É lá que eu vou dirigir".

## ROTINA

Não preciso de alguém que a mim defina.  
Definho...  
Mergulho na grande cesta de lixo  
Misturada às flores machucadas

Mas eu driblo o destino irreciclável.  
Permaneço onde não se supõe.

Escapo da morte cosendo melodias singulares.  
Reinvento a poética na travessia das manhãs.

Madrugo vagareza comendo as folhas do tempo.  
O estopim do verde basta às minhas necessidades.

Devoro com vigor o produto da minha fertilidade.  
Eu também sou o meu principal nutriente.

Em prolongados silêncios refloresto-me.  
Em desmedidos gestos refloresço-me.

Espalho aromas e rompo o casulo:  
em minha casa todos os dias eu viro borboleta.

# GUERRA

Sou espada  
sou abebé

sou flor amarela  
que desabrocha  
para dentro

eu tenho  
uma sutileza  
de explosão.

## A CABRA

("Reverdor", 1965)

Talvez um lírio. Máquina de alvura  
sonora ao sopro neutro dos olvidos.  
Perco-te. Cabra que és já me tortura  
guardar-te, olhos pascendo-me vencidos.

Máquina e jarro. Luar contraditório  
sobre lajedo o casco azul polindo,  
dominas suave clima em promontório;  
cabra: o capim ao sonho preferindo.

Sulca-me perdurando nos ouvidos,  
laborado em marfim – luz e presença  
de reinos pastoris antes servidos -

teu pelo residência da ternura  
onde fulguras na manhã suspensa:  
flor animal, sonora arquitetura.

## GALOPE AMARELO

("Fábula Civil", 1975)

Quando ele voltou  
a moça do portão estava casada  
o prefeito era uma cruz e uma placa  
as aves mudaram de itinerário  
como os ônibus  
o irmão mais moço tomava ópio  
para esquecer.

Quando ele voltou  
o empregado da esquina respondera  
a um processo  
onde perdeu a esperança e os dedos  
o pai fuzilara um estudante  
a mãe fugira com um mascate.

Quando ele partiu  
a primavera galopava nos rosais  
os campos de begônia floresciam  
o gado esturrava nos currais  
a terra desafiada vicejava como  
uma égua na véspera do galope.

Quando ele partiu  
o alimento dos olhos era verdura  
de paisagem além da cerca  
as goiabas enchiam os cestos  
as mulheres voltavam com os meninos  
os velhos falavam de assombração  
a lua espreitava o pátio e o quintal.

Quando ele voltou  
o ministro citava o arquiteto  
com a pretensão de restaurar  
o tempo à revelia dos relógios  
o muro substituía o horizonte  
autoridades sonolentas distribuía  
o passaporte dos homens para o sanatório.

Quando ele voltou  
as leis se haviam tornado ainda mais fósseis  
as oligarquias muito mais poderosas  
os poderosos mais astutos  
o ministro lembrava "a pá sob os escombros"  
o menino relia as manchetes da guerra  
os preconceitos rimavam com a economia.

Quando ele voltou  
havia uma encruzilhada e um alto-falante  
a moça do portão estava casada  
o irmão caçula era um soldado velho.

Quando ele partiu  
a primavera galopava nos rosais.  
Quando ele voltou  
o céu era só um galope amarelo.

# BANHADAS DE LÁGRIMA ESTÃO AS PEDRAS

("Poesia reunida e inéditos", 2011)

*Nós somos um caos irisado.*  
Paul Cézanne

Ver a força do dia romper, vibrando  
Entre um crepúsculo e o outro crepúsculo,  
Ver surgir da terra um ranger de músculo;  
Nada tenho a dizer, estou chorando.

O dia amanhece, quando amanheço,  
Estático, no espaço da varanda.  
Preso a formas e cores, não esqueço  
A mão universal que isso comanda.

Afasto da mente a mediocridade  
Que navega de um pólo a outro do dia.  
Cá me defronto com outra realidade,  
Não tenho hora para a melancolia.

Natureza é tudo, me diz Cézanne.  
Cá estou para ver, o resto se dane!

# METÁFORAS DO AMOR DOIDO

("Poesia reunida e inéditos", 2011)

*Tantum in amore preces et benefacta valent*  
*(No amor, só as súplicas e os favores valem)*  
Propércio (Elegias)

Quando da noite sorvo a doce calma  
e de mim somem sombras dolorosas,  
eu cogito e me indago se tens alma  
ou se és puro animal da cor das rosas.



Medito sob as asas poderosas  
de um ser inexistente que me acalma,  
se até no mar da ausência colho rosas,  
gelo do pólo de ti me queima a alma?

Se tens garras ou bico, não sei. Brilha  
o vulto num relvado, numa trilha.  
Se animal que me aguarda, antes me ponho

caçador já vencido pela imagem:  
súbito decifrado o ser selvagem,  
temo que a morte seja o último sonho.

## TARDE NA VÁRZEA

A chuva há de passar. De quando em quando,  
Um alarido vem pelo ar, fugidio.  
Na tarde bruxuleante, além do rio,  
Teles e Caboclinho estão jogando.

Não posso ver; a chuva me atrapalha.  
Vestindo sedas, clamo aos ares, rogo.  
Avanço a rua. Minha tia ralha  
(Nada me ajuda): "Pare aí, é só um jogo!"

Raiva. Bato três vezes na madeira.  
Será que vai chover a tarde inteira?  
Digam lá como estão os litigantes.

É agosto, sim, e chove sem parar.  
Dentro, o menino quer comemorar  
Logo. Atlanta e Palestra, dois gigantes.

# MEMÓRIA DE BOI ESFOLADO

Soltei o livro. Olhei pela janela,  
espesso azul e nuvens, e lembrei:  
faz setenta anos que morreu Soutine  
de uma úlcera rompida nas entranhas,  
como as do boi esfolado da pintura,  
um retrato convulso de sua arte.  
De novo olho a paisagem; ainda o céu  
de cores baças, sons da rua larga,  
prédios e casas, em frente à varanda,  
sem pasto ou campo, só distantes verdes,  
que suplicam o olhar de voz opaca.  
E eu aqui a pensar em Chaim Soutine  
pintando, dia e noite a dentro, pensos  
quartos de boi comprados nos açougues.

## A LINDA INÊS

(Capítulo do romance "Don Solidon")

Estava a por enquanto desfrutável Anabela, e não mais a linda Inês, posta em sossego, com os seus olhos a colher não os doces frutos da terra, mas atentos à agulha, porque remendava roupas, quando ouviu rumor de automóvel travado à porta. Suspirou. É isso, o tempo passa. O tempo *goes by* – e chega-se, sem sentir, à era dos corcéis de ferro, lata, alumínio e borracha, bem mais árdegos, por sinal.

Levantou as vistas do pano, espremeu os olhos que doíam no esforço de concentração. Quem seria? Mais assustador, talvez, seria cogitar o que seria. Mas estava enganada.

Anabela escondeu a roupa velha, olhou-se no espelho, repuxou a saia para os joelhos, endireitou a gola, correu a mão no cabelo solto que lhe chegava à nuca e foi à varanda. Estava sozinha, ou se julgava sozinha, em melancólico final de tarde.

Um bando de xexéus, em rumoroso voo baixo, tirou-a de vez do torpor.

Um desconhecido olhava-a, de pé, junto ao Ford ainda aquecido pela corrida, quase resfolegante.

Estava de calça e paletó, sem gravata. Meia-idade, ventre algo protuberante, mãos grossas, gestos desenvoltos de quem se habituou a mandar, ou de quem se presta ao deboche. Aquele rosto lhe era familiar. Em que lugar e quando já o vira? Anabela, perplexa, vasculha a memória, em vão. Afinal, o homem descobri-se. Quer dizer: levanta uma aba do chapéu de feltro.

"Boa tarde", Anabela retribuiu.

E como, em vez de dizer logo a que viera, o homem a examina de cima a baixo, com algum despudor, detendo-se no busto e nos quadris, que, sem estar cheios, não deixavam de parecer fornidos, Anabela acrescenta, a modo de quem vai retirar-se:

"Meu marido não está. Volte amanhã."

"Eu sei."

"Sabe que ele não está? E ainda assim o procura aqui?"

"Está no cassino do clube."

"E então? É hábito dele."

O homem ri.

"Pegou gosto", diz.

"Há gostos menos prejudiciais."

"É verdade, senhora. Mas seu marido está em maré de azar. Nesse estado, arrisca tudo. Aguarda a sorte."

“E acaso ela vem?”

“Um dia chega, quando menos se espera.”

Sem convidá-lo a entrar, ela, pasma, olhava-o de cima do alpendre, sem mos-  
tras de querer levantar a aldrava.

“A minha demorou, mas chegou”, disse o homem.

“Perdão?”

“Digo que a minha sorte afinal chegou”, ele repetiu.

“Ganhou muito?”

“Creio que sim. Ainda não provei.”

“Pois lhe dou parabéns. Agora, se me dá licença...”

“Um instante, senhora. Não quer saber qual foi a aposta?”

“Não é da minha conta.”

“Desculpe, mas é da sua conta, sim.”

“E por quê?”

“Seu marido apostou a senhora.”

Em vez de corar, Anabela estremeceu. O sangue fugiu-lhe da face, em rápida  
retração.

“Ele apostou na minha boa paga. É isso?”

“Não”, disse o homem, agora alargando o sorriso. “Ele apostou em duas ho-  
ras de amor com a senhora. E perdeu.”

Anabela calou-se.

“Vim cobrar”, disse o homem.

Anabela não o ouvia mais. O olhar morto errava pelas árvores, sem nada  
avistar, deslizava cego pelo musgo dos muros e paredes.

“Vá se arrumar”, disse o desconhecido, em voz de comando. “Bote perfume  
francês. Gosto de roupa de baixo preta.”

“O senhor me respeite!”

“Ele apostou e perdeu. Estou aqui para cobrar. Vamos, ande. Tenho um lugar  
bom, discreto, fora da cidade.”

Os nervos de Anabela afrouxaram – e com eles veio também um frouxo de  
riso.

“É assunto sério, dona. É dívida de jogo.”

Anabela, agora risonha, mas de um riso escarminho, deu uns passos à frente,  
como quem ia acionar a aldraba. Queria apenas mostrar-se. Baixou a cabeça  
para acentuar o decote: os seios cresceram nus. Sacudiu os passos para acelerar  
o molejo dócil das ancas.

“Preciso de prova”, disse.

“Um escrito?”

“Sim. Do punho do meu marido.”

“Trouxe um”, e o homem tirou um papel dobrado do bolso do paletó. “Está  
assinado, como a senhora mesma verá.”

Agitou o papel no ar, desdobrando-o.

“Reconheceu a firma?”

O tom de Anabela era de chacota.

“Isso não. A senhora conhece a letra dele. Tome.”

“Pode ser documento apócrifo”, disse Anabela. “Não me dou assim, sem papel passado, a qualquer um.”

Uma tábua solta no salão estalou. Marbela irrompeu na varanda armada de rifle. Sem mirar, atirou a esmo. O homem correu para o carro, bateu a porta e arrancou com um chiado de pneu nas pedras miúdas. O segundo tiro, também sem rumo, acertou e derrubou um galho de cajazeira que, por pouco, não atravancou a alameda. O motor do Ford desfaleceu numa esquina distante. No silêncio restabelecido, quando as últimas claridades se tingiam de negro, Marbela e Anabela se encararam, mudas e graves. O rifle voltou para trás da porta da sala, a irmã de rosto retalhado entrou no quarto e se trancou. Anabela olhava, olhava. E por mais que estendesse a vista não viu o ônibus escolar parar perto e as meninas saltarem.

## JONAS

(Capítulo do romance “Inúteis Luas Obscenas”)

*É lua nova. No céu, um caco de foice em forma de alfanje. Mas os caminhos agora escuros continuam claros na memória. Ele os conhece de cor, suas dobras e elevações, os charcos, as cancelas. Já calculou tudo. Não tem cavalo forte e veloz, mas Passarinho serve, a distância da corrida não é grande. Em Ferradas, arrimado a um balcão, Jonas fora impelido a roubar a moça pela conversa em torno de um caso recente ocorrido no Itajuípe.*

*– Beijo não se pede, rouba-se. Moça que o pai recusa, rouba-se também, e pronto – diz um.*

*– Depende só da vontade da mulher. Quando ela quer, são favas contadas. É só carregar no lombo do cavalo – diz outro.*

*– Sei não, amor contrariado acaba em tragédia – diz um terceiro, enquanto viram os cálices de aguardente e cospem no chão. – Por isso, pai sabido consente logo: é dos males o menor.*

*– E se não consentir? E se ele der a testa?*

*Então os apaixonados podem fazer pacto de morte. Tem acontecido. Ou o rapaz leva um tiro de emboscada e a moça vai para um convento à força, como está nos romances. Ou simplesmente fogem e os pais acabam perdendo. É o mais comum – comenta outro.*

*Jonas também acha. De qualquer maneira, não está preocupado com as conseqüências. Ele quer Celina. Celina já disse que também o quer. E então? “Você*

*está disposta a cair no mundo?”, ele perguntou. “Sim. Vou com você.” “Até o oco do mundo?” “Até o fim do mundo”. “E se seu pai e seus irmãos nos perseguirem?” “A gente se esconde”. “Se levarem cães farejadores?” “Não sei. Você é homem, dá um jeito”, disse Celina. “Esteja na janela”, ele instrui. “É só escorregar para a sela, nas minhas costas, e me abraçar pela cintura.” “Certo”, diz Celina. “Quando?” “Quando eu assoviar baixinho. Fique acordada, de prontidão.” “Sim, amor.”*

*Lua nova. Jonas poderia ter escolhido outra noite. Bastaria consultar o almanaque do Surdo para saber quando viria a lua cheia, pelo menos o quarto crescente. Fugir em noite mal iluminada é mais difícil. Mas fugir em noite de luar claro facilita a perseguição. Melhor deixar tudo nas mãos do destino. E depois, por que esperar dois ou três quartos de lua, quando pode ter Celina daqui a pouco, uma noite dessas, amanhã mesmo?*

*Em casa, Regina pressente o rapto. Rapto, sim, Celina ainda não fez os dezoito anos. Regina vê Jonas escovar as botas. Vê Jonas testar as rédeas e a brida. Vê Jonas azeitar fechos e molas, lustrar couros, guardar a mochila em que pretende levar mantimentos de boca. Ele nunca afiou o facão de noite, é trabalho que sempre deixou para o de-manhã bem cedo.*

*Pode ser esta noite, ela pensa. Como filha, como irmã, cabe-lhe o dever de denunciar a desgraça próxima. Chegar-se ao Surdo, interromper-lhe a leitura e gritar nos ouvidos duros: “Jonas vai fugir.” O Surdo ficaria pálido e, retirando os óculos redondos com mão trêmula, manifestaria todo o seu susto e pasmo com uma interrogação: “O que você está me dizendo?” Apenas isso: que Jonas vai raptar a cavalo a filha do façanhudo coronel Castro Guerra.*

A noite está de fato trevosa. Com a lanterna que ele acende e apaga, a intervalos, para guiar-se sem atrair muita atenção, como se levado por um fogo-fátuo dos pântanos, Jonas avança devagar e cauteloso pelos domínios de Castro Guerra. Primeiro, os bosques fechados de cacaeiros, com os frutos a brilhar na penumbra da lua; depois, o pomar por trás da casa-grande. Desce para atar chumaços de panos nos cascos de *Passarinho*, de forma a reduzir o alarido das aves no poleiro ante um grasnido ocasional. E assim, aos poucos, pressentido pelos porcos e já com os cachorros atentos, mas calados, entra no oitão, onde crescem árvores de fruto – o mamoeiro, a caramboleira, o jambeiro, o abacateiro, a pitangueira, algumas laranjeiras-de-umbigo. O silêncio somente é quebrado pelos ruídos habituais da noite, que chegam, em geral, da pocilga, do porão e do poleiro. Insetos cham. Um que outro pio de coruja em alguma forquilha de árvore, além de morcegos em penugentos voos rasteiros.

O alfanje da lua parece pender afiado sobre Jonas e sua montaria, quando ele se aproxima da janela e puxa a rédea. Assovia baixo. Nada. Assovia outra vez – e o suor que lhe alaga a testa, sob o chapéu, começa a pingar. Celina como que se esqueceu do trato? Mas não, mas nunca! Se teria deixado dormir, sem perceber? Ou os Castro Guerra, desconfiados do seu jeito sonso, lhe teriam posto um sonífero no copo de leite e estavam agora à espreita, a mão no cabo

dos revólveres e rifles, cavalos selados a escarvar o chão na porta da frente – e o antegosto da vingança, que neles seria cruel? Jonas estremece. Vai atirar um seixo na folha da janela, arriscando-se a ser descoberto de vez e abatido a tiros, como um assaltante noturno, quando uma banda da janela se abre e surge, enquadrado como em moldura, o rosto tenso de Celina. Jonas lhe faz um sinal. Ela alarga a janela, sobe no parapeito e se deixa cair na garupa de *Passarinho*, que aceita a sobrecarga com sobressalto. Os braços de Celina circulam a cintura de Jonas e ela, toda encostada nele, dele faz um travesseiro grande e duro: o rosto se encosta à espádua, os seios se comprimem contra as costas – um e outro, o cavaleiro e sua moça roubada, uma figura disforme, de estranho dorso e quatro patas, sob os raios entenebrecidos de uma escura lua nova. Jonas chega de leve as rosetas aos vazios de *Passarinho*, e o cavalo, observado pelos três cães que se coçam, catando pulgas, e ainda aguardam um pedaço de carne, recua para a sombra mais empoçada dos cacauais – uma sombra compacta em que mal se distinguem os troncos pejados de frutos, entre os quais o cavalo é guiado.

Jonas sente nas costas os seios mornos da moça, que, apertados nos panos, são para ele duas labaredas reprimidas. Mornos, cálidos, quentes. Quentes também estão o rosto, os braços que cingem o cavaleiro. Nua, no aconchego da cama, no despudor da intimidade, Celina devia arder gostosamente, dos pés à cabeça – e Jonas concentra agora o seu desejo para o primeiro instante em que estiverem sozinhos e em resguardo dos Castro Guerra, para o enleio, que a princípio seria agoniado, dos seus corpos sacudidos por espasmos.

– Esta sem sono? – pergunta Jonas.

– Um pouco.

– Mas evite dormir. Lute contra o sono até estarmos longe.

– Pra onde me leva?

– Pro pernoite em casa de um amigo. Amanhã a gente continua a fugir.

– Tem destino certo?

– Por enquanto, não. Ainda não.

– Estou com medo – sussurra Celina.

– Medo agora é luxo, depois do que fizemos – ele lhe diz.

– Pai e os irmãos já devem estar atrás de nós.

– Talvez não. Eles se movimentam o dia inteiro e, de noite, logo depois da janta, tombam de sono. Dormem como pedras, como brutos.

– Isso é verdade.

– Mas, de manhã cedo, eles me procuram, descobrem a fuga e soltam os cachorros.

– Os deles não nos mordem.

– Mas nos farejam e nos acuam.

– Prometo não deixar pistas – Jonas diz, voltando-se na sela, na tentativa de dar-lhe um beijo. Apenas lhe roça os cabelos, que estão cheirosos. Incendiado, com medo de perder o sentido da fuga por obra dos sentidos todos postos na mulher,

Jonas atravessa um rio raso, em lugar desacostumado, para iludir os perseguidores, e costeia a outra margem antes de subir a ribanceira. Apertada a ele, com o rosto a queimar-lhe a espádua larga e os mamilos espetando-lhe as costas, Celina se deixa levar, na primeira e talvez única e talvez última e grande aventura da sua vida.

Agrada-lhe ser moça roubada. Agrada-lhe ir embora. Fugir de casa, no lombo de um cavalo, em noite sem lua, que romântico! Isso a distingue das demais moças, que esperam por seu homem certo, algumas já fanadas pelo tempo de espera, a definhar nas sombrias camarinhas de casarões coloniais.

– Jonas.

– Uhm.

– É para sempre este nosso amor?

– Juro que é. Da minha parte, é.

– Aconteça o que acontecer?

– Venha o que vier.

– Mas eu tenho medo. Não tinha antes, agora sinto um frio na espinha.

E começa a chorar um choro sacudido, de soluços.

– Calma. Esse seu medo é natural – Jonas diz.

– Você também sente?

– Pra lhe ser franco, sinto.

– É o medo de pai, eu sei.

– E dos seus irmãos também. E dos jagunços que eles arregimentam.

– Se nos pegarem, estamos mortos.

– Eu, com certeza. Você, não.

– Mas não me aceitam de volta em casa.

– Isso é verdade.

– Estarei desonrada. Aliás, já estou. Perdi a inocência de donzela ao saltar no lombo deste cavalo – choraminga Celina.

Silêncio. Ouve-se, além dos grilos, apenas as ressonâncias dos cascos de *Passarinho*.

– Na opinião de pai e dos irmãos, já sou uma rapariga, uma prostituta.

– Eles não nos pegam. Eu lhe escondo na mais alta forquilha de pau, no oco mais escondido da caverna mais fechada, no fundo das ribanceiras onde ninguém desce – Jonas diz.

– Virgem! E como vamos viver? Sempre escondidos, atocaiados?

– Dá-se um jeito. Com o tempo, a vigilância afrouxa.

– Mas eu quero casar, Jonas. Na igreja, de véu e grinalda, ouviu?

– Seu pai nunca lhe dará a bênção.

– Não me importo. Você arranja um padre que nos case – e pronto.

– Claro, claro.

– E vamos morar na cidade, e iremos de noite ao cinema, de braço dado, marido e mulher.

– Sim, amor.



*Passarinho* dava sinais de cansaço. Noite alta, Jonas entra no arruado do Cajueiro e procura a casa do amigo Rosendo, que está avisado. Salvos, por enquanto. *Passarinho* é levado à pastagem. Até aqui, nenhum sinal ou notícia de caçada. Sentada numa cadeira suja, na salinha apertada onde, de enfeite, só havia uma folhinha na parede descascada e um São Sebastião crivado de flechas, Celina chora outra vez. Um pranto silencioso, água que lhe escorre mansa dos olhos machucados. Chorava ainda de manso quando Jonas levou-a nos braços para o quarto reservado por Rosendo – e ali a teve, afinal, entre lágrimas, gritinhos e ofegos, iniciativas e negaças, à luz de um tiznado candeeiro.

Rosendo tinha desaparecido.

## SEGUIR NEM SEMPRE É AVANÇAR

("Ao longo da linha amarela", P55 Edições, 2009)

Se não fosse por esse azul celeste, pela atmosfera marinha, pelo longo e belo desenho da costa se prolongando nas curvas das mulheres, esta cidade estaria definitivamente perdida.

Caminhe comigo pela rua Forte de São Pedro, saindo do Campo Grande em direção à avenida Sete, pela calçada da direita, e, não precisa muito esforço, repare nas bancas improvisadas de frutas, verduras, peixes e afins, que a manhã a pino só consegue avivar a feiura e o fedor. A fluente baderna de pedestres, córrego humano, que com o calor do final de fevereiro mais se enerva. Esta cidade, feito os seus mendigos, necessita de uma exemplar higiene física, posto que a mental, por ora, não comentaremos.

Ao percorrer toda a comprida calçada, hesito em virar a direita no semáforo e descer pelo Politeama, não desço. Espero o sinal abrir e passo. Vou até a Mercês e miro esse caos simétrico esparramado pela avenida Sete indo se desdobrar lá para as bandas da praça da Piedade. Nele me dissolvo. Nesta confusão ordenada sou aquilo que sou – ninguém, mas um ninguém individualizado.

No largo do Rosário compro bananas, acendo um cigarro e dou moedas para o pedinte mais próximo. Um vulto sai traçando ao contrário, como se fintasse, por entre o fluxo de passantes – roubou? foi roubado? – e adiante desaparece. Sigo aparentemente integrado a este desordenamento, que aos aduladores olhares estrangeiros soa desprezioso e alternativo. Aqui, não lá.

Após cruzar a Praça da Piedade, passo duro, rosto idem, afunilo-me no formigueiro em direção à Estação da Lapa, desço e entro até o sebo Juvenil, que no exíguo espaço está, de praxe, apinhado. Deparo-me com Tágner, outro ninguém, mas sem o dom da individualização, mal-ajambrado de vestes e corpo, useiro e vezeiro de expedientes amorais a fim de se manter vivo, daí que conhecia todos os sebos da cidade para afanar sua parcela diária, porém sua especialidade era o caftinismo geriátrico, gay, viúvo e qualquer vivente psicologicamente frágil. Nem o próprio filho escapara. Ele me percebe, mas finge que não. O maior leitor de prefácios da cidade, o profundo conhecedor de cultura introdutória, a pose, sim, a pose, que é o emblema mais elucidativo da psique tupiniquim. Possuidores que somos dessa maldição inerente aos trópicos: a casca como sentido do supérfluo, a evidência do oco tido como essência última. Contudo, Tágner é dessas criaturas descartáveis, entra num parágrafo para sumir no seguinte.

Não me demoro olhando lombadas velhas e gastas, retorno pelo mesmo caminho e chego ao início da Joana Angélica, viro a esquerda, rompo a balbúrdia de camelôs e passantes. Do largo do Relógio de São Pedro, dirijo-me ao Mos-

teiro de São Bento. Sento-me, fixo o olhar no domo da igreja e, por estampidos, medito.

A arquitetura moderna é o achatamento do espírito. O estilo monumental do medievo verticalizava-o, mas a moderna arquitetura com o seu gigantismo, com a dureza de suas linhas, com a sua pseudoamplidão e o conceito espacial degenerado apequena o homem numa claustrofobia desesperadora. Não está aí um dos fatores da pressa automática, da paciência ou impaciência mecânica que nos acomete? Arquitetura não é escultura, já preceituava Marques Rebelo.

Um pé em cada tema, feito o traçado irregular que fiz do centro até aqui.

O mal comum – doméstico e público, vulgaridade que é força e não debilidade, feito erva ruim infensa ao jardineiro mais hábil – é que é a labuta mais ranheta. Adianta extirpá-lo pela raiz? O barro de que somos feitos é fértil demais para essa invulgar renitência. Convive-se. E alguns só pensam em podá-lo quando sua ramificação já se tornou intolerável para a fachada externa. A manada é cega para o matagal. A introspecção do instante me fornece certo material: mais me adentro mais me assombro. E há um tipo de altivez ao perceber as minhas monstruosidades. Julgar-se um pouco melhor por se perceber doente é sinal de saúde? Ninguém suporta, por muito tempo, descer os becos mais sujos de sua cidade interior. É duro ver, no largo dessa cidade, a pátina e o cocô de pombo no nosso monumento ideal. O bronze moral é o mais passível de ferrugem.

A tarde desce.

A luz da hora do ângelus descendo sobre a cidade e esparramando-se por ruas, vielas, becos e nichos insondados pelos puristas, desatentos, indiferentes; esta luz que dá ao contorno das coisas outro significado, não sei se maior, porém mais grave.

Depois que a cidade resfolega, range, solta seus pruridos pela pele acinzentada da multidão solitária; depois que a cidade despudoradamente expele suas ventosidades das descargas dos autos, das motos, ônibus, esgotos e bocas praguejando; depois de funcionar como uma imensa cloaca, dividida em mini e sub câmaras por onde projeta suas substâncias e sinais de vida; depois desse tumulto orquestrado por uma batuta misteriosa, que não pode, posto ser impossível, evitar as colisões do tráfego e dos espíritos; depois disso tudo há um ponto parado, primeiramente quase imperceptível, mas se fazendo espaçoso com o avançar da noite. Neste ponto é que me certifico, eu, ninguém individualizado, de que há algo de patológico nessa intranquilidade sem sentido. Enfim, é preciso ganhar a vida, esta ilusão tátil, e notar, sim, é vital notar que a transcendência não está ao alcance dos níqueis, mas dela fazendo parte.

Saio do Mosteiro de São Bento e me detenho no centro do Largo.

Um homem, num almejado diálogo, pode vazar sem amarras trechos mapeados de sua cidade vivida, não para os pósteros, mas para o largo quase abandonado onde sua infância se alojou. O velho poste o escutará, talvez até tenha alguma resposta da esquecida esquina, se insinuando de permeio, autoretruco-me. Porém, quem me responde é a copa centenária imperiosamente erguida e

absoluta em suas raízes insubmissas a qualquer pavimentação, que me imputa meus fracassos sob o olhar do menino que fui. O menino é juiz, possível porque o adulto que se fez, falhou; mesmo porque, menino nenhum é pai do homem, mas acusa: a sonhada retidão de princípios e atos, a ação reflexa dos séculos de Sócrates, onde? Distribuída pela minha errância íntima. Esmerei-me em desfiar o que tão irregularmente tracei. Naquele ponto-de-cruz na curva dos trinta acumulou-se remorso atroz seguido de arrependimento sem alívio. É possível? Talvez. Torço e retorço essa malha pretérita, por conforto procuro as manchas menores, e faço vistas grossas para os estragos notáveis. Cometi tudo? Em que escala? Não sei. Ou melhor, sei e me perco em sucessivas lavagens onde as manchas e os rasgões se tornam inolvidáveis. Autoconsciência é um exercício perturbador, meu amigo, diz o Largo sujo e mal iluminado.

O descompasso das pernas e da espiral vertiginosa que vai dentro não se faz notar, para quem, é claro, se interesse e atente no mulato alto, careca, olhos vivos, nariz de boxer, ombros fortes, barriga levemente saliente, de sapato preto, calça de brim e camisa azul. Desço a ladeira em direção a praça Castro Alves e subo no torvelinho do meu caos interior. Caminhada oscilante causando náusea moral. Não terá sido esta, contumazmente, apesar das evasões de ordem estética e metafísica, minha errância?

Passo pela praça, atravesso a Rua Chile, e distante o suficiente da sorveteria Cubana, me posto e miro a Baía de Todos os Santos, que daqui de cima, com a noite plena, continua bela.

## EDIFÍCIO FAVELA

("Ao longo da linha amarela", P55 Edições, 2009)

*Para Edmar Brasil.*

**P**elas nervuras da Soterópolis, sob chuva, vértebras falhando, na desemprega, entregando currículo, do tamanho da minha insignificância. Afeto e gentileza neste chão de misérias? A fuleiragem mitificada? Desço na orla, atravesso e fico sob um toldo. A cabeça baixa pra não pisar em merda, acelero o passo pra banca mais próxima. Abrigado na banca, o careca dono, delgado, falador, indicou a livraria. Mancando fui, água mais desabou. Entro, pinto molhado, me mandam ir pelo lado que leva ao fundo da loja. O currículo é disfarce pra, depois de bater em três salas, chegar até uma mulher com cara de desperdiçada, pois se acha mais do que pode. Amistoso aparentando respeitabilidade, intimá-la (estamos sós) a passar o contato correto, senão, forçando com as coxas e a genitália seu corpo delineado, e, torquês-torcendo seu braço esquerdo, preparar pra quebrar dedo por dedo. Ela solta o endereço do comprador que desejo pros originais, suas nádegas estufando o jeans, endureço. Assustada, ela tenta recuar, espremo-a contra a parede, nada farei, gente nas salas vizinhas. Encosto uma possível arma e vou largando-a devagar e exigindo, baixo e viril – cala a boca. Insuspeito, ganho a Manoel Dias e trepo num ônibus.

Do bardo nem me apetecia. O que valia era a relíquia. O níquel. Disse Zé:

– Fica aqui no primeiro andar da Fundação A Casa.

Disse que alguns originais já tinham sumido, enquanto descíamos o largo pra tomar uns tragos lá embaixo, na safadeza da fauna.

Ao sair caminhando d’Ajuda, subir e descer ladeira, atravessar praças, onde putas e donzelas d’outras épocas foram lítero-musicadas, e atualmente são os que fizeram uso da pena, som, cine, plástica etc., que mamaram e mamam nalguma teta institucional. Desemboco na Estação da Lapa, fungo o ar gorduroso, suado, cansaço do seu estridente, porém aparvalhado movimento. Ia com China. Não digo que na contramão, mas meio deslocado.

Pingente, lotado, encharcado, após meia hora salto no Ed. Favela. Subo para o quarto andar. Nu, onã, de binóculo, enquanto imagino matanças com as personinhas lá embaixo.

\* \* \*

Amanhece nublado, o ar estupor, salto na Sé e ando. Baixote, robusto e troncado, mas ágil pras horas de caminhada pelo centro com boa dose de anestésicos pras vértebras não desarmarem. Não vou à Fundação, volto, desço a Ajuda, passo pela Castro Alves e entre a matilha cachorra, a mestiçagem máxima, guardanapo é borboleta rodopiando no asfalto, ambulantes de tudo, e se é chuvoso chegamos ao Relógio de São Pedro chapinhando pregões, xepas, coloração que se desgasta. Andrógina, mestiça-city, dengosa, faceira no primeiro momento, pegajosa, porém puta e ladra. Bichona-city, desmunhecada. Sexo-estômago, sexo-estômago, sua pulsação porca, e desta rítmica tirar o quê? O grude de suas quebradas, a mesquinharia que tudo deambula, na Avenida Sete pelo alto da Piedade; entro numa travessa e vou ao chinês por quilo.

Se não me ocupo, me perco. Vou alinhavando esta trama pelos veios da Soterópolis pra ter algo parecido a sentido, mesmo que a ascese seja para os lados, horizontal, mas aplaca momentaneamente nossa sede de transcendência. Ocupação de certo modo nociva, porque foi pela hipótese que o maníaco que em nós mora queimou gerações e *ab aeterno*. O logos e o instinto modulam o abstrato. Estou a me enrolar enquanto mastigo a variedade que desconfia o freguês no chinês. Aqui não é necessário etiqueta, arrotos, palito os dentes, pago e vou pro ponto mais próximo. Zarpo num coletivo que veloz atravessa a urbe-labirinto que é inferno mais ou menos controlado; cidade a inchar não convulsa de todo ainda, metal-flux a dar contorno ao cimento armado que cresce em suas encostas, baldios, supersubúrbios; cidade banhuda, que com esta paisagem fálica fica com ares de asséptica, higienizada. O tráfego em sua sístole-diástole termina o Corredor da Vitória, deslizo pela ladeira da Barra, inicia o Porto e a Orla se desfralda. Quem comigo vai, vai no vazio da velocidade.

Curva na ponta do continente, no Farol, seguindo pela beira, praias, praias, duma ponta a outra, seus fedores marinhos. Entre um auto e outro, anoitece; desço em Piatã, já desconfortável, tenho que visitar o comprador.

Chego ao condomínio fechado, identifico-me, a quinta casa à direita, descendo a alameda. Vigilância redobrada pela nobreza do bairro. Chamo, cães atendem. A empregada me conduz a um amplo escritório-biblioteca, onde sento, aceito o café, acendo um cigarro. Ele surge vestido como se negasse à classe, despojado a *la* desalinho. Jovem herdeiro cabeludo poreja bem-estar, inicia uma argumentação sobre “os melhores”, seco, corto-o, vim mercadejar. Seu riso óbvio, neste ricto ele quer mostrar sua arquiluminação ocidental, onde o silêncio pesa não se sabe se de orgulho ou vergonha. Com voz de enfado diz seu preço. É pouco, peço mais. Barganhamos e está fechado. Minto, não tenho ainda os originais do bardo. Agora, ele sabe, quero me demorar, ele, seco, se despede. Mas o dia da entrega está marcado. Disperso, retorno de ônibus ao meu quarto andar.

Quica uma gude no andar de cima. Pestanejando assusto-me, bocejo, espreguiço-me, sorvo café, sugo um cigarro, focalizo o binóculo para a esquerda onde três casebres se aglomeram. Construções assimétricas que se amontoam. Visualizo uma negra fornida de toalha estendendo roupa num varal improvisado, suspende as mãos e a toalha cai, não se apressa mesmo que mil vãos olhem, não se sente observada. Vê-se que mãe, tem tetas de quem já desmamou. Por robusta uma leve barriga. E pra um croqui-matança pro Ed. Favela faço seu covizinho estrangulá-la e sevíciá-la. A paisagem assimétrica – escadarias, quebras, becos e outras fachadas, passagens para essa espécie rata. Tergiverso enquanto queimo uma palha.

\* \* \*

Barba por fazer, banhado, desço e ganho a Cardeal. Caminho sinuoso que sobe o Gantois, raspa São Lázaro, ladeira o Campo Santo, viaduta sempre, sobe o Canela, a Reitoria à esquerda, chega ao Campo Grande, seguir até a Fundação A Casa, que a esta hora afrouxa a segurança. Caminho e o vento é monóxido gorduroso, fervura onde chamam quitutes que são os glóbulos do dendê veio-fluindo pela cidade. Não flunar, sonhar o sentido. Daí que a ganância nos originais manuscritos do bardo romântico, dezenovista, afrolibertário, que para quase todos era um cânone na América Portuguesa. Não acho. Mas valia os níqueis, que estou precisado.

Chego à Fundação, a recepção indica o primeiro andar, embaixo um guarda. Subo, puxo o vidro que protege os originais, cato o calhamaço amarelado, coloco na pasta, repuxo o vidro e tranquilamente me confundo com a multidão no largo. O percurso de retorno faço a pé.

Não desconfiem da facilidade do roubo, semianalfa, papel de bardo morto não tem valor pra manada. Aqui meus infortúnios me tomam. Há um ineditismo

nos originais que além de ser de *manu propria*, nunca antes publicados. Não desconfiei.

Encontro o comprador no mesmo endereço. Se bobeei quanto ao calhamaço ele tudo sabia, fez-se de excêntrico colecionador pra não dar na vista e me engabelou. Traído e usado. O comprador me põe a par de minha desvantagem, dois hercúleos mestiços aparecem e rápidos me apagam. Dou por mim arrebetado, fora da cidade. Estarei no estado? Por que não me mataram?

Caroníssimo, chego ao Ed. Favela.

\* \* \*

Na Piedade um diálogo com China, que intuindo o tema pergunta:

- Como você chegou ao comprador?
- Intimando a mulher da livraria.
- E ela, quem indicou?
- Aonde quer chegar? Ao preço?
- Também. A forma do seu tema é circular, mas, de algum modo, falta o empurrão primeiro.

Ele cita húngaros, argentinos, franceses, se concentra no italiano Buzzati, diz de físicos e biólogos. Um conto familiar: quando o Bicho era ilegal meu pai foi avisado com antecedência por um agente sobre uma batida. Apanhou todos os jogos, material comprometedor, levou pra casa e pediu pra minha mãe queimar. Ela hesitou, ele insistiu, ela queimou. Depois da batida, nada apreendido, ele pediu papel e lápis e mandou minha mãe anotar todos os jogos enquanto ele citava de memória.

Desconverso, mas China não desiste. Nada digo da vítima-cilada que fui. Conto a falsa versão feliz e que com o ganho do manuscrito e seu ineditismo viajarei. China mira minhas escoriações e finge que crê. Despedimo-nos.

\* \* \*

- Autopsicopolicamento.
- O termo é horroroso, rebato.
- (...).
- Desculpe, ando uma amargura só.

Estamos na Estação da Lapa, a chuva açoita, e sonados, fedorentos, carne de toda feitura e tara, multidão domingueira azucrino. Observo as fêmeas. China, intuindo, dá o empurrão primeiro:

- O crime é obrigatório – fala sobre o *roman noir*.
- E minhas matanças das personinhas não contam?
- Talvez.

Fomos pra um canto da Estação e ele soltou suas sentenças:

– Sei do seu fracasso em relação aos originais do bardo.

Mal esbocei um protesto, ele atacou:

– Viajou nada. Foi mofar um mês nos fundos babélicos daquele sebo que te assalaria com um mínimo e meio. Sei por que não te mataram e onde entocaram os manuscritos. Com teus vacilos, assanhaste o mercado, que é fechadíssimo e caro. Seu vacilão. Tenho meus próprios contatos.

\* \* \*

Na madrugada um temporal lava a treva. Mapa, hora, situação e local, China me passou. Cães inquietos, mas presos. Não salto o enorme muro, tenho cópia da chave dum portão lateral. Entro. Não há seguranças. Nas árvores o vento uiva. China frequenta a propriedade que estou invadindo, íntimo do atual comprador-dono. Mas não pode evitar imprevistos. Depois de rodar a casa, forçar e destrancar a cozinha, de passagem para o cofre (num nicho no escritório), no quarto, descoberta e seminua, uma fêmea em sono profundo. Não se deslocou com a família pra Itaparica. À beira do leito me pego. Autômato, procuro o cofre, dessegredo-o (ah... a intimidade de China), impermeabilizo os originais, ponho na mochila e volto ao quarto. Dormiu com a luz acesa. Pernas num h, semiaberta, morena clara. Lá fora, os cães extrapolam e ouço um trinco sendo forçado, escondo-me. Passos. Mascarado, faz o trajeto que fiz e para na porta do quarto. Vê o que vi. Certamente alguém com a mesma incumbência minha. Observo-o à beira da cama. Seminua, quase aberta, ela é um anjo-vítima que ressona.

Dias depois a pasquinada oficial noticia: da alta, filha de casal é seviciada com requintes. Vingança? Foto do ex sendo interrogado. Nada sobre os originais. O lesado comprador-dono é duro, mas não bobo.

\* \* \*

Entrando no Engenho Velho da Federação até o fim-de-linha num dia útil onde formiga o bairro. As vértebras reclamam mais anestésicos, a gastrite dulcíssima, pelo menos não chove. O ar é resina que escorre dos poros, estufa. De longe o indefectível cavanhaque negro pintalgado de gris de China. Pelos mil becos do bairro ele me conduz. A feiura assimétrica do formigueiro construído à revelia. Chegamos a casa-esconderijo. Ele volta a ser o amigo metafísico e discursa, escuto. Seu discorrer é culto e agradável. Pergunto:

– Por que não me mataram?

Ele devolve:

– Quem fez aquilo com a moça?

Desprezo o empate e peço a minha parte do over-venda dos manuscritos do bardo. Confiro na sua frente. Despedimo-nos.



## CURRÍCULO

("livro do quase invisível", P55 Edições, 2010)

**meu nome** eu mesma.

**meu endereço** em mim.

**meu cadastro de pessoa física** este corpo,  
que dentro é céu e é jardim.

**meu registro geral** não foi registrado  
e desde meu nascimento,  
numa quarta-feira de cinzas,  
nutro certo encantamento,  
por tudo que não é numerado.

**meu telefone** anda ocupado,  
uma família de pássaros fez um ninho  
bem no fio da minha linha  
desde então, ali só se aninha  
o canto de uma mãe que espera.  
pra falar comigo, só mesmo depois da primavera,  
quando do nascimento do novo passarinho.

### **minha formação profissional**

segue um caminho  
amador.  
insisto no amor.

### **minhas atividades atuais:**

pensar na vida  
e uma corrida sem fim à beira-mar...  
encontrar saídas  
e encontrar entradas,  
para essa vontade desmedida  
de viver, de amar.

por fim, **minhas referências pessoais**,  
é melhor que eu não diga  
ou que você pergunte a ninguém...  
elas serão sempre mais.  
mais verdadeiro  
é que você descubra,  
na convivência comigo,

meu tempero,  
minha loucura,  
minha ternura,  
meu desassossego.

então?  
é meu, o emprego?

## NA PRAIA COM CLARICE

("O LIVRO de água", P55 Edições, 2013)

era 1977  
Clarice vestia a noite com 6 luas cheias  
nos encontramos caminhando  
dentro da água  
ela saindo, eu entrando

nossos olhares cruzaram  
uma alegria fatal  
alegria sem sorrir.  
Clarice com as conchas  
das mãos cheias de água  
me deu goles grandes de mar

deixamos nossos olhares ao sol  
endurecendo de sal  
e ela me disse,  
não aguentava ficar  
vendo pessoas demais  
falando demais  
dizendo mentiras.  
concordei.

o mar lhe impôs resistência  
à saída  
mas sua proa avançou  
Clarice tomou rumo despedida  
deixou um estado agudo  
de felicidade boiando  
entre nós  
e foi cumprir uma coragem.

era 1977  
Clarice Lispector e eu  
nos cruzamos na praia.

# DA ILHA DE JAVA

("O LIVRO de água", P55 Edições, 2013)

da ilha de Java são lançados dados  
ao mar  
todos os dias em milhares e milhares  
de garrafas de fibra ótica.  
dentro delas comandos  
escritos numa espécie de esperanto  
da contemporaneidade.  
nas praias de suas ilhas particulares  
no mundo inteiro,  
pessoas acham essas garrafas  
e assim são os encontros  
nessa nossa pós-história.  
da ilha de Java são lançados  
os dados

# SER I

("livro do quase invisível", P55 Edições, 2010)

de mim  
derramado mar imenso!  
e eu, esse grão de areia.

# ES-CULTURA

("O LIVRO de água", P55 Edições, 2013)

vento  
molda água água  
molda areia areia  
molda casa casa  
molda gente gente  
molda molda

## EXÍLIO

("De volta à caixa de abelhas", 2002)

Aqui quase não chove.  
Quando chove, lembro de meu país.  
As terras são brancas,  
o Sol se põe depois da meia-noite.  
Aqui o vento faz a curva  
sobre mim e, quando o frio bate,  
desejo florestas imensas  
ardendo acesas dentro da noite.  
Aqui o termômetro ficou louco,  
como a anatomia para Maiakovski.  
Meus dedos doem, enquanto escrevo,  
e as palavras saltam da boca congeladas.  
Aqui as moedas são tão frias  
que jogo I Ching com varetas  
e o milefólio quase enverga.  
Cada hexagrama, cada sentença  
parece ter um peso histórico.

## MALABARISMO

("De volta à caixa de abelhas", 2002)

Se eu tivesse nascido no circo,  
não me machucaria este siso,  
doendo agudo na alma.  
Desprezaria a abstrata  
necessidade de dar certo  
na vida e não faria nada.  
Aprenderia a domar pulgas, engolir fogo,  
adestrar poodles, fazer contorcionismo.  
Dependuraria os sonhos no mais alto trapézio,  
enfiaria o tédio na jaula dos ursos.  
Usaria minhas habilidades  
para equilibrar facas na língua  
ou entreter o público.  
Se eu tivesse nascido no circo,  
Não teria desejos imediatos ou deveres inadiáveis.  
Deixaria cada coisa entregue a seu destino.

# PEQUENO MAPA DO TEMPO

("Uma balada para Janis", 2010)

Organizamos um piquenique  
dentro do parque da cidade,  
toalha xadrez, cesta de vime  
– a santa ceia.

Convidamos um Judas  
de aspecto meio junkie  
e um Pedro afeito a negar  
todas as coisas. E, claro,  
aquele que faria milagres.  
Fazia um sol dos diabos,  
Tiago levaria anfetaminas.  
Ele subiu as alamedas  
com as bolinhas coloridas  
apertadas entre os dedos,  
assobiando um rock.  
Quando chegou, vimos,  
espantados, o que os  
comprimidos derretidos  
havia deixado:  
em suas mãos,  
uma tela de Pollock.

# ALEGORIA

("Ticket Zen", 2011)

Toco as costas da moça nua,  
deitada a meu lado na penumbra,  
e sinto a sua pele mansa,  
como ovelhas na montanha  
da nuca que se insinua.  
Sob o lençol macio, um mundo pulsa,  
e minha mão desliza, inteira  
sobre ela, moça nua, elo perdido  
entre o que sou e o que flutua.  
Sem dizer nada, sinto que peço  
que me devolva a paz da infância,  
e que me mostre o mundo, a substância  
do que é vida dentro de mim.  
Sem dizer nada, sinto que impeço

que ela se abra e me devore  
e coma o fruto que ofereço,  
em sumo, carne, língua, dedos,  
fluido etéreo do amor que teço,  
terço que rezo, prenehe de sim,  
nu de razões ou de adereços

## O BALÃO AMARELO

(do livro "Corações Blues e Serpentinhas")

A feira cobria toda a extensão da praça. Homens, mulheres e crianças comendo, comprando, vestindo, experimentando. Os carros no estacionamento subiam uns nos outros, gritavam. Casais se encostavam em árvores, encolhiam-se em bancos. A lua acolhia e iluminava. Meu bem caminhava ao meu lado quando anunciou que precisava fazer uma ligação. Assenti, feliz que estava com o novo anel no dedo, imitação de aliança quase igual à dele. Da cadeira esquecida numa barraca, eu o olhava na fila. E acompanhava a movimentação colorida e alegre à minha frente. Próximo, pais afoitos continham meninos diante de um homem que enchia de gás balões coloridos. Era um rapaz e não se inquietava com os pedidos e protestos tenazes das crianças, apenas baixava a alavanca quando a boca do balão estava encaixada no pistom. Provavelmente tinha filhos e vendia balões para sustentá-los. Meu bem, paciente após a espera na fila, finalmente chegou ao orelhão. Mordi os lábios. O rapaz enchia os balões um a um. No final, dava-lhes um nó, entortava, torcia, até que adquirissem uma forma engraçada qualquer. Quando começava a esculpir um balão amarelo longo como uma cobra, este teimou e desafiadoramente se desprende de suas mãos. Meu bem sorria longe, o fone entre o rosto e o ombro e uma das mãos no bolso do jeans. O balão amarelo dançava lento no vácuo. Estalei os dedos. Meu bem agora falava animado. Eu não o ouvia. De repente parou, deteve os olhos em mim e se virou de costas. Procurei o balão no céu. Ele já avançava sobre os postes de luz improvisados. E recordei da estranha manhã em que eu era muito pequeno e mal tinha aprendido a andar. Estava só, na frente da nossa casa, no meio da rua, numa ladeira. No final, o Lago. A cidade era uma armação desdentada e nós ainda morávamos em casas coletivas de madeira, próximo ao Paranoá. Tive medo de tropeçar, cair, rolar e parar dentro das águas do lago. Estava só e ainda hoje não sei como havia chegado ali nem como fiz para sair de lá. Eu não sabia falar e o medo paralisara meu choro. Sentia que uma fatalidade me levaria a cair, rolar e parar dentro das águas para morrer afogado. Não sei como saí. O balão amarelo ganhava altura e diminuía de tamanho. Meu bem virou novamente. Ele falava e eu reparava no quanto ele era forte, no quanto me inspirava segurança e proteção. Fez um aceno para que eu mantivesse a calma. O balão estava agora quase no meio do céu. De alongado, tornou-se redondo. Redondo como a bola que meu pai me jogava para que eu chutasse desajeitado. Estávamos na areia e alguns colegas e vizinhos brincavam conosco. Eu não sabia chutar direito, dava com os pés nos montes e reentrâncias da areia e via os outros rir. Mas meu pai

não ria, insistia e jogava a bola para mim. Eu errava e não me sentia ridículo por errar. O balão não era mais amarelo. Virara um ponto branco igual às estrelas. E como estrela se apagou no mistério da noite. Eternizou-se. Meu bem desligou o telefone e veio em minha direção. O tempo era não mais que uma mentira, a vida tão simples quanto passear na feira e pedir um doce, alcançando com o coração o que anos de esforço e tentativas não me deram, sendo eu um pequeno balão amarelo a fugir de hábeis mãos, ilustrar o escuro do céu e saber que nada era tão importante quanto estar ali, ao lado do meu bem, considerando como um tesouro o anel de brilho falso apertado no dedo.

## UMA VEZ NO CÉU ESCURO E BRILHANTE ou Meu encontro com o caçador de andróides ultrapassados

(do livro "Corações Blues e Serpentinhas")

*Para Chico Lopes*

**N**O MEU SONHO o filme não tinha nenhum minuto a mais, nem verde, nem voz *em off*. O fim era o exato *the end* a que todos nós estávamos acostumados. E eu não entrava na onda de discutir se era filme de autor ou não. Se era Ridley ou não. O que me importava? Eu brincava com meu neto, ali num asteróide perto de casa, o menino montando legos, aqueles negócios de encaixar, lembram? Ora ele inventava uma casa, ora um robô bisonho, ora um nada qualquer que o fazia rir muito e espalhar poeira nas outras crianças, que brincavam também; crianças donas de outras sofisticacões, uns troços estranhos que acendiam e apagavam e soltavam raios mortais e tornavam seres humanos e moscas em homens-moscas. Crianças danadas. Meu neto não, ainda não tinha idade. Contentava-se em tentar colocar cubos em orifícios, pirâmides em quadriláteros. De que adiantava os pais terem programado a cor, o peso, os olhos, se os cabelos seriam encaracolados ou não, se pouco se importavam com o cérebro? Taí o resultado. Um neto lindo! Fiquei espiando uma mãe perto de mim. Ela fazia uma força danada para abrir o traje espacial do filho. O moleque quase se mijando e ela despregando velcros e desabotoando os botões das pernas. Por certo o tecido era daqueles baratinhos, dos que não absorvem excrementos nem urina. Tem gente miserável. Deu-me uma vontade louca de rir, de rir alto; comecei a gargalhar e meu neto entrou nessa também, fazendo com que a mãe ficasse furiosa e quase rasgasse a perna do menino com o traje espacial e tudo. Aí eu ri mais, pois



a mão dela se molhou inteirinha de xixi. E estava neste enlevo, quando chegou uma daquelas espaçonaves bem grandes, os faróis gigantescos rodando e fazendo barulho que nem no *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*. De longe, via meu planeta azulzinho no seu rodar vagaroso, a lua orbitando. Nós tínhamos chegado àquele asteróide-parquinho, preparado especialmente para as crianças e seus avôs e mães e empregadas, por meio de um ônibus espacial. Eu não precisava mais de passe. Era só colocar a mão no identificador digital que a porta do ônibus se abria. Então, se vocês captaram o sentido da ideia, deu pra sacar que era esquisito uma nave grandona como aquela, estacionando e atraindo a atenção de todos. Seria um pai zeloso e cheio da grana? Não parecia, pois saiu dela um coroa de barba grisalha e olhos caramelados. Forte, o sujeito. Os braços estavam nus e prateados por causa dos pêlos. Ele vestia uma camisa flanelada quadriculada e sem mangas, aberta no peito e exibindo mais uma vez a prova de sua virilidade, o corpo todo brilhando, a barriga peluda e argêntea, o peito proeminente. Eu confesso: desejava parar a descrição por aqui. Tenho medo que meu neto receba um e-mail anônimo e leia tudo isso que estou escrevendo. Também não imagino o que meus filhos poderiam pensar. E há tantos grampos em computadores! O Spiff, meu filho, era para ser famoso como estudioso de fotopleumonimnoses e zappiezumpies intergaláticos; contudo, o idiota preferiu virar um cosmonautazinho, colhedor de amostras de solo. Fazer o quê? A Andressa, sim, doida de pedra, deu o golpe no dono da maior corporação de comprimidos nutritivos do sistema solar, isto é, envolveu o trouxa com um papo lenga-lenga e armou o bote do casamento. O benefício maior dessa união é, depois da minha viuvez, poder curtir meu neto. Lindo e bobão, mas meu neto. Na época de hoje, futuro de um presente, e futuro, reflitam vocês leitores, é quase um passado um pouquinho diferente. Quero dizer: nada de Júlio Verne e Azimovs. A coisa tá mais para Ray Bradbury e Aldous Huxley, compreendem? E se podemos falar de coisas boas, saibam que acabou-se o papo de politicada cangalheira e país e estados e nações e fronteiras, tudo virou domínio das empresas transplanetárias. Estamos liberérrimos. Sexo, contudo, não rola mais. Adaptaram aquele comprimido das baladas de música eletrônica, o ecstasy, e venderam o prazer com receita controlada. Marjorie, minha esposa, quando era viva, teimava em transar só para ser do contra. Ela era intelectual. É, era, sim. Eu me apaixonei por causa disso. Se não me engano, era ainda dois mil e alguma coisa, mal tinha começado o papo de clonagem, ovelha Dolly e astronauta brasileiro, rá, rá, rá, rá. Quando a encontrei, ela lecionava na Universidade da Bahia e usava uma mecha de cabelo branco quem nem a Susan Sontag. Eu era um professorzinho de merda com dois livros publicados. Vivemos juntos cento e quinze anos de dedicação e pequenos dissabores. Porra, só agora tô percebendo, ninguém deve ter ideia dessa minha viagem toda e quem são esses nomes tão distantes, tão distantes... Rá, rá, rá, rá. A felicidade esquecida na poeira do espaço... Ai, ai. Pelo menos não dói. Tomo meus antidepressivos de última gera-

ção e tá resolvido. Faz três anos que a Marjorie morreu. E eu nunca mais fodi ninguém, sequer beijei. Epa, agora reparei: a tal nave-tipo-Contatos-Imediatos é, na verdade, um veículo comercial. Depois que as luzes pararam de girar e piscar, deu pra ler o letreiro, escrito num inglês de tinta spray: John's Ferro Velho. O coroa compra e recicla andróides ultrapassados. Deve ter um monte de tranqueira dentro da espaçonave. Uma vez que a tão esperada revolta dos robôs jamais aconteceu – tampouco a dos macacos –, esses continuaram sendo bucha de canhão, pau-pra-toda-obra, um delírio humano de querer ser Deus. Os andróides nunca desenvolveram um pensamento autônomo ou sentimentos. Nossa maior invenção continua sendo o computador. Eu brincava com meu neto e via de rabo de olho o coroa. Vou falar o que eu tava receoso de dizer. Após pensar bem, vejo que era um medo bobo, uma besteira diante de tanta bobagem junta. É capaz, acaso meus filhos e neto se deparem com este texto, que jamais passem das primeiras linhas, tão acostumados a mensagens animadas estão. O homem estava vestido de calça jeans. O quê? Isso não é nada? Não é nada para vocês! Para mim, meus caros, é tudo. Ele vestia uma US TOP, entendem? É coisa do meu tempo. Eu tive uma calça dessas lá pelo ano de 2006. E me achava incrivelmente sexy. A Marjorie também achava. Uma vez transei com ela em plena sala de aula. Os alunos tinham saído. Eu baixei a calcinha dela por baixo da saia, abri uns botões da calça, pus o pau pra fora e fodemos na mesa do professor. Foi uma delícia, rá, rá, rá, rá. Que boceta molhadinha a Marjorie tinha!... Olho pro meu neto com cara de bebê-bobão e penso se alguma vez ele sentirá algo parecido. Provavelmente não. Viverá com seus ecstasies e trabalhará em algum serviço sujo que aproveite sua falta de inteligência. Ao menos para brincar ele serve, rá, rá, rá, rá. Enquanto eu divagava, o moleque conseguiu encaixar duas peças completamente inconciliáveis. Vou apelidá-lo de Brutus. Ou Tyson? Ah, tanto faz!... A nave tava parada bem próximo de nós. O coroa tirou a camisa. Pude ver as costas largas e fortes e com cabelos encaracolados nas espáduas e nos ombros. Ele se deitou numa espécie de carrinho e, munido de uma chave de fenda, escorregou para baixo. Ficou com as pernas de fora, arqueadas e abertas. Eu não queria olhar tanto, acreditem, jamais transei homem, nem senti tesão por atletas e atores de cinema ou ícones de mulheres e gays. Só que estava olhando nesse momento e houve um movimento de corpo no qual a barriga enrijeceu e a bunda escorregou mais para cima do carrinho que a calça se ajustou perfeitamente à virilha e eu vi que o coroa não usava roupa nenhuma por baixo e tinha um cacete grande e grosso e sem dúvida alguma bonito como o cacete de qualquer homem deveria ser. Eu fiquei de pau duro na hora. E não era comum eu ficar de pau duro depois que a Marjorie me deixou. Imaginem o meu sentimento. Morri de vergonha de mim mesmo, afinal ninguém mais transava no planeta Terra e em todo o seu domínio intergalático, estendido neste céu terrivelmente escuro e profundo como eu nunca jamais sonhei. Disfarcei o constrangimento do Brutus. Ou Tyson, como preferirem. E me pus a brincar. Algumas mães já começavam

a arrumar as bagagens, certas de que o ônibus espacial não demoraria para nos apanhar de volta. Passaram-se uns vinte e tantos minutos sem que eu me virasse para olhar em direção a John e sua nave-ferro-velho. Quando o fiz, assim como quem nada quer, ele estava encostado junto à porta e novamente vestido da camisa flanelada colorida de vermelho e preto e cinza, ainda aberta e enfiada para dentro da calça jeans, presa por um belo cinto de couro preto, as pernas cruzadas e um braço repousando na barriga, ao passo que o outro levava um cigarro à boca. Estava muito atraente, encostado daquele jeito, e eu tive a vívida impressão que ele me olhava também e sorria um sorriso maroto com seus olhos caramelados e a barba prateada feito uma estrela brilhante naquela face de homem. Era uma sensação nova para mim. Eu desejava me esconder de mim mesmo e ignorar minha excitação por completo, por isso fiz cara de bravo e comecei a conversar com uma mãe qualquer ao meu lado, falando coisas disparatadas como comentários sobre as guerras venusianas e a nova estação lunar que estavam para inaugurar. O ônibus espacial aterrissou e tocou o sinal para que nos preparássemos para o embarque, recolhendo as crianças e nossos pertences. Dirigi meus olhos para o lugar da nave. Todavia, ele tinham partido antes de nós. Peguei meu neto no colo e fui até lá. Quando me aproximei, vi um pequeno objeto de papel, jogado no chão. Era um origami. O sacana do John havia deixado para mim um cacetinho com o seu e-mail.

## EU, JAMES GANDOLFINI (OU JUKEBOX)

(da antologia "Geração Zero Zero: fricções em rede", organizada por Nelson de Oliveira)

*Todo lo que pudo ser, aunque haya sido,  
Jamás ha sido como fue soñado.*

Reinaldo Arenas

**E**u era o James Gandolfini naquele filme em que ele contracena com a Julia Roberts. A noite estava quente e seca como o diabo e eu entrei no Caneca de Prata louco por um chope cremoso. Antes mesmo de começar a beber, já sentia o chope escorrendo pela garganta, molhando meu cavanhaque espesso e ruivo, quase castanho. Os lábios molhados da espuma cremosa do chope, não para me sentir desejável ou sexy ou quente como aquela noite de outono. Ainda mais – eu pensei, penso, agora, aqui, sentado junto ao balcão –, ainda mais que não chovia há um bom tempo e eu não costumava avançar pelas ruas com uma garrafa de conhaque debaixo do braço, oprimido pelo intuito imperioso de encontrar alguém que me amasse como eu era – grande, gordo e calvo; olhos bovinos, mas dentes brancos e perfeitos – porque eu me cuidava de verdade, gostava de mim, gostava tanto que me mimava às vezes e ouvia Charles Mingus e lia Caio com a paixão de quem faz tudo isso sem comer morangos mofados. Se a gente

deixa o mofo crescer e se espalhar pelos pulmões, eles fazem um puta estrago. Todavia, ainda que, pense comigo se não tenho razão, ler Caio – eu quase o vejo na minha frente: magro, alto, olhos bovinos, calvo e a pele esverdeada –, assim como ler Hilda ou Trevisan – eu quase o enxergo também: os cabelos lisos, espetados, os ossos da face, o sorriso e o olhar marotos – ou, desculpe se me excedo, contudo, saiba, é absolutamente necessário que eu escreva, ou ter conosco Lygia e os contos de Lygia, pense e admita, isso é a mesma coisa que, na solidão, nunca estar sozinho. São quatro anjos pousados sobre nossos ombros. E a gente pode chorar junto de felicidade, a alma saciada e o corpo pedindo mais. O corpo gritando que a gente vá para a rua e entre num bar como esse, onde a luz é parcial e se pode sentar bem junto ao balcão, mesmo sendo você o James Gandolfini ou alguém parecido com este homem ao meu lado, baixinho, barba grisalha, pele morena e igualmente gordo como eu. Contudo, repare, reparo, parecemos mais fortes do que gordos, pois nossas carnes são duras, rijas e imponentes. Sim, é verdade. Eu e o baixinho ao meu lado. Parecidos com esses aí das mesas ou aqueles a conversar ali adiante. Ou com o grupo de amigos em pé do lado de fora. Cães – melhor diria, ursos? – zelosos, protegendo a fachada do bar. Todos eles lembram um pai perdido, um pai que, por um desentendimento qualquer, juntou as tralhas e ganhou o mundo. Não caio nessa. É apenas a leitura mais fácil. A lógica pão-pão-queijo-queijo. Tão simplista quanto enganadora. O baixinho ao meu lado possui um olhar tristíssimo, apesar do sorriso meigo e os gestos seguros ao levar a caneca de bebida à boca, molhando a barba de espuma. Ele não parece meu pai. Quero dizer, todos parecem pais quando são ternos e acolhedores. Que se foda Freud e seus complexos. Quando a gente quer trepar, ao contrário do que segredou minha psicanalista (sim, eu faço análise), a última coisa que lembramos, lembro, é dos pais. Eles nem passam pela nossa cabeça. Se passassem, brocharíamos. Então, se acontece o lance da paixão, pouco me importa querer explicar qualquer merda dessas. Sou eu e ele. Dois caras. Homens. Que se amam. E o baixinho é bem bonito. Há um quê árabe nele. Conte que adoro homens árabes? Não? Não importa. Importa. Suas sobranceiras são grossas e os olhos amendoados. Ele me olha timidamente e enviesado. Estamos lado a lado. O baixinho me vê por meu reflexo. Olha minha imagem no espelho em frente. Espelho que se faz de parede e abriga prateleiras com inúmeras garrafas de uísque, vodca, martini. Espelho-parede que reflete a procura. Minha, dele e dos demais. Entre garrafas o vejo, bonito como ele só. O garçom traz outra caneca de chope. Devo ter bebido quantos, meu Deus? É hora de acender um cigarro. Estamos imóveis os dois. Não respiramos. Lado a lado. Três jovens conversam numa mesa ao centro. Falam de desemprego, crise econômica, corrupção política, desespero. São minoria no bar. Nas demais mesas do salão reinam, absolutos, os coroaos. Ou maduros, se preferir. Os jovens são minoria, mas se sentem à vontade. Um deles se levanta, deposita uma ficha na máquina colorida do fundo do bar. Escolhe um tango antigo. Começa a dançar. Não é Gardel. Nem

Piazzola. Ele dança com um parceiro imaginário, os braços envolvendo o próprio corpo esguio. O incrível neste bar é justamente isso, nele você pode ser e querer o diferente. Dá-se ao luxo até de ser melancólico numa noite seca de outono. E romântico. Em uma mesa perto da entrada, um homem de bigodes bastos segura a mão de um senhor negro vestido de jeans e camisa de algodão branca. Fumo meu cigarro. Sou James Gandolfini e posso me transformar em Jack Radclif de um instante para o outro se desejar. Eu, James e Jack. Jack é um homem quase perfeito na opinião de vários conhecidos meus. A salvação, para mim, é o quase. Não gosto de perfeições. Nada mais pobre no mundo como algo pequeninho, guardado numa caixinha de cristal para todos apreciarem e serem alertados de que não é permitido tocar, avançar a linha amarela ou fotografar. Pff! De qualquer modo, viro-me em direção ao homem árabe. Ele pode se chamar Kalil, Lázaro ou Marcelo. Viro-me. Viro minha cabeça e corpo, esbarrando levemente o joelho em sua cintura, projetando minha vista para além dele, para fora do Caneca de Prata. Estou suando. Permaneço nessa posição alguns segundos, esperando. Ele não se move, o rosto voltado para o maldito espelho que reflete outro espelho na parede atrás de nós. Esquadrinha-me. Ri de mim. Posso jurar, mesmo sem ver. Finjo esperar alguém, encaro o relógio e volto para a posição anterior, a cara enfiada no balcão, sonhando com a morte. Fim do tango. Silêncio. Suspense. Uma nova música se inicia. Ele se volta para mim. Toca *One*, do U2. Eu o espio pelo espelho-parede, desenho fragmentado entre rótulos e vidros coloridos de bebidas. É o momento de falar “oi, eu me chamo James Gandolfini”. Reconheço a voz de Bono e balanço a cabeça no ritmo do som. Ele espera um sinal, uma palavra, um gesto meu. Está de frente para mim. Esperando. Eu despenco. Adio. Faço-me prisioneiro. O pior: capaz de perceber toda a doçura existente nesse homem, sentir seu perfume mesclado ao sabor tenro de um bom charuto. Anoitece em mim. Estamos eu e o árabe juntos. Recordo a cena de um filme, uma página lida em solidão. Milhões de livros despencam em minha cabeça. Um passeio de carruagem. O veneno e a palidez de um jovem casal. Vivo neles e eles em mim. Lanço meu apelo, meu pedido de socorro, cego sobre os arranha-céus. E não adiantam as telenovelas nos horários nobres, meu coração machucado navega numa caneca gelada de chope. Se eu falasse, talvez seguíssemos por um caminho conhecido, seguro. Nós brindaríamos sorridentes à madrugada. Nossas palavras se emendariam, completando-nos. Quando estivéssemos bem bêbados, pagaríamos a conta, acenaríamos para a pequena imitação do David de Michelangelo na estante e avançaríamos São Paulo adentro no meu velho carro prateado. Eu mostraria a ele minha casa, as fotos premiadas numa exposição, minha banheira. E, antes do amor, eu secaria suas costas com toalhas felpudas, exibindo toda a minha calma e tranquilidade. Depois, diria ao meu homem árabe que foi tudo muito mais do que uma boa foda. Ele juraria um amor misturado a choro e bebedeira. Eu acreditaria. Eu quero acreditar. Dividiríamos nossas horas entre filmes em preto e branco e beijos intermináveis. Seria

este o cenário. O amor, novamente um clichê. Transformaríamos nossas vidas num roteiro ruim. E então, quando não sobrasse insignificância que não fosse conhecida, o celular dele tocaria baixinho, quase sem alarde, sorrateiro. E, de seu ruído morno, o convite para a despedida. Eu não sou daqui, ele me dirá... Eu não tenho amor... Sou da Bahia... De São Salvador. O telefone e um chamado urgente. Eu mudo, diante do fim. Estarei no aeroporto e não terei coragem de estender meus braços. Ele não olhará para trás. Não verá minha fúria, o desespero do meu corpo. E eu não estarei mais lá. Eu, um pobre James Gandolfini abandonado. Ele, meu homem árabe. Ou, imagine, imaginem, nada tanto assim. Talvez apenas eu e ele, paralisados nesta noite quente como o diabo, outonais. Estaremos no Caneca de Prata e o calor agitará o ar até que espessas nuvens se formem, o vento irrompa sem aviso e grossas gotas de chuva desabem com virulência, alagando as saídas do metrô, levando as árvores da praça e inundando nosso bar com a maior tempestade de amor que existiu no mundo. É a mesma tempestade que me fez, me faz, aqui, no Caneca do Prata, chamar o garçom e pagar a conta, deixando-o ali, sentado no balcão. Tão distante e inalcançável como é belo o azul.

## NUNCA MAIS SEREI EU MESMO

("Fiat Breu", 1996)

Cada último poema é o último, porque  
nada há mais a dizer depois, pra nunca mais,  
que sempre, se me entrego ao verso, é totalmente,  
mais nada sobra em mim, vazado, mais que sempre.

Que mistério: a poesia, toda em cada verso,  
nunca se esgota e esvai, e com seu próprio lastro  
está pra sempre inteira, pronta a um novo verso.  
E cada novo poema é o novo! ...Eu sou o resto.

Se me dou por inteiro, o que sobra de mim?  
Se me fluo no verso, perco-me de vez,  
vez que na alma do verso está só quem o lê.

Sendo assim (que destino, este meu!), pra me ter  
devo ler-me a mim mesmo no verso que fiz.  
Eu, que tenho esta imensa poesia a viver.

## LUZ E BREU

("Fiat Breu", 1996)

Quando a luz da manhã penetra pelas fímbrias  
da cortina, eu percebo a escuridão de tudo  
sumindo pouco a pouco: em pouco tempo, o mundo  
invade a solidão e rouba ao sonho a vida.

Quando a sombra de tudo assoma e expõe o corpo  
e a mente ao modo cru, entre o sono e a vigília,  
não há nada a lembrar, porquanto atesta a língua  
o amargo amanhecer do sonho sempre roto.

À meia-luz do dia, a escuridão se abriga  
sob os meus olhos, livre e plena de sentidos,  
embora nem me caiba o quanto significa...

À toda-luz, eu fecho os olhos, sonho e vejo:  
se este verso pudesse, enfim, levar-me além  
de mim, a escuridão saciaria o desejo.

# PANTOMIMA

("Como se", 1999)

Os melhores cordeiros da fazenda  
seguirão para o abate na cidade.  
Os carneiros mais fracos do rebanho  
serão sumariamente degolados.

O bode velho vai pro sacrifício,  
por mais que seu olhar peça clemência.  
Nem mesmo as cabritinhas inocentes  
terão misericórdia ou esperança.

As carnes assarão ao sol: fogueira.  
As peles secarão ao sol: curtume.  
As vísceras suarão ao sol: carniça.  
Os ossos sumirão ao sol: poeira.

Somente a ovelha negra fica impune,  
enquanto o bom pastor toca sua flauta.

# QUO VADIS?

("Temporal temporal", 2002)

Amigos não resolvem minha solidão.  
Amores não resistem em meu coração.  
Assuntos não revelam minha vastidão.  
Nada na vida dá vazão à minha vida.

O leite derramado talha em desperdício.  
O bicho aprisionado míngua em sacrifício.  
O passo compassado marcha ao precipício.  
Tudo na vida é restrição à minha vida.

Enquanto abato o tronco e moldo a cruz dos ombros,  
o mato toma conta do jardim dos sonhos.  
Tudo na vida dá razão à minha morte.

Não pode um grito ser ouvido no oco vácuo.  
Não deve um morto ver sentido em fogo-fátuo.  
Nada na morte é redenção à minha sorte.



# MINADOURO

("Temporal temporal", 2002)

Escavaquei o chão dentro de mim,  
lavrando em busca do cristal dos versos.  
Toquei no nervo lírico e senti  
a erosão evasiva do silêncio.

Há uma porta, e pela porta aberta  
(se existe uma janela, está fechada)  
não entra vento, pois o vento é festa  
quando há porta e janela escancaradas.

Falseio meu silêncio interrompendo-o  
com solo (a dor de tudo) em timbre trêmulo,  
miragem de alcançar o inexprimível.

Não sei amar. Não vi pousar um anjo  
quando estrelas brilharam em teus olhos  
de ouro. Só nosso amor me faz possível.

# VÉSPERA DO DIA DOS MORTOS

("Temporal temporal", 2002)

Eu não amei meu pai como devia.  
Houve o dia de amá-lo e não o amei.  
Ele morreu, e não nasci ainda.  
Amanhã levantei sem seu amor.

Nenhum conselho amigo soa seu.  
Uma vida padrastra me acompanha.  
Meu caminho não quis olhar pra trás.  
Tão longe de meu pai me abandonei.

Nem meu, nem de ninguém, nunca fui seu.  
Não me quis dar a quem eu estranhava.  
Só teu colo, mamãe, era aconchego.

Do pai resta-me um calo de silêncios.  
Ai, arranco do peito o corpo estranho.  
Coração, cava o chão, busca meu pai.

# BOLHA DE SABÃO

("Mais que sempre", 2007)

Um dia perderei a juventude,  
se já não a perdi. Perdi a conta  
de tudo o que perdi. Hoje o que conta  
é tudo o que não sou, não sei, não pude.

Ah! Chega de trilhar a senda rude  
de perdas e saudade. A sorte aponta  
o lugar da vertigem, vida tonta!  
Resta perder a sede de altitude.

Girar... E a cada giro perder tanto,  
que apenas restem giros e inconsciência,  
depois que tudo for perdido. Entanto,

deixar para perder a prepotência  
no último momento, quando o espanto  
revele que foi tudo reticência.

# CIRANDA

("Mais que sempre", 2007)

O ser amado nunca vai embora,  
mesmo que parta: o amor a tudo marca  
e fica inteiro, mesmo que se parta  
nas horas – não se aparta e não se evolva.

Sua ausência é presença em todo aroma  
que ora inflama um vulcão de carne e brasa,  
ora exala uma pétala de calma,  
ora sufoca o sopro e envolve em sombra.

Um amor que se esgota nas estrelas,  
um que se vai na crina das quimeras,  
um que o luto sequestra e não mais livra,

os amores se vão. Mas não se vão  
ocultando uns aos outros: mão a mão,  
eu amo cada amor que amei na vida.

## CABALA

("As purificações ou O sinal de talião", 1981)

Talvez para mim  
Baste a sorte,  
Bastem dados de jogar,

Baste o corte do baralho  
Na figura do enforcado.

Talvez para mim  
Baste a seda da meada,  
As três sentadas na sala  
Em volta da mesma roca.

A vida é uma coisa torta  
Escrita com linhas certas,

A mesma linha secreta  
Que adivinho em minha palma.

## CABEDAL

("A lenda do pássaro que roubou o fogo", 1983)

Eu tenho a minha infância e um eco surdo de  
tambores no escuro.

Eu tenho ainda o uivo no silêncio, tesouros que  
destruo. Velhos trastes estalam seus segredos e  
há um gosto de sal e lágrimas e degredo.

Eu tenho um arco e a seta dos luzeiros do céu.  
Eu tenho a luz do sol, olho duro de espiga. E  
quanto mais semeio mais destruo, searas do imprevisto.

Este deus é preciso, este deus, necessário como  
um cisne. Um deus como uma chuva de ouro,  
como um touro coroadado de folhas, frutos e raízes.

O resto eu própria invento. Esta viagem, este  
infinito delírio. Esta clave de chamas. E este  
pássaro destruidor e bruto nas entranhas.

# LIMITE

("A lenda do pássaro que roubou o fogo", 1983)

Meu destino é o país do obscuro horizonte.  
A pátria dos banidos. A sesmaria dos naufragos.  
O reduto final dos suicidas.

Detenho-me no limiar do silêncio absoluto,  
à beira do precipício onde lacraias alucinadas espreitam  
minha queda.

Eu, que bebi do sangue imantado da terra,  
do vinho doce-amargo de lágrimas e de orvalho.

Eu, o escolhido, o ungido, o assinalado; o que  
guarda na pele a carícia da tinta no desenho sutil  
da pintura ritual.

Ainda ontem, no lago, boiava minha face e  
a beleza era um halo coroando-me a fronte.  
Ontem era a viagem, o delírio, a vertigem.

Ó dor! Ingratidão dos homens, hoje por mim  
turvaram-se os espelhos, e meu rosto de sombra  
e horror e cicatrizes é como um rescaldo ardente  
de fogueiras morrendo.

Ó trágico destino de vencer e ser vencido.  
Castigo de sonhar além de ultrapassar o sonho e,  
como o vento, alucinado e profético, destruir-se.

De mim ficará a marca, a lembrança, o sinete;  
a sílaba talvez de uma gesta imprecisa. Rastro de  
plumas, cinzas, sobre a face do Sol.

Como um cíclope doente, ajoelho-me e entrego,  
numa cesta, minha cabeça aos chacais.

Salpicado de estrelas e amoras silvestres, fecho a  
gaiola dos pássaros absurdos e encerro-me para  
sempre, ave invisível e abstrata, com a garganta  
de aurora palpitando inclemência.

E reinvento a primavera deste canto como cincerros,  
como sinos de água.

No ar, um penetrante aroma de amarilis.

## ARS POETICA

("Femina", 1996)

Poesia é coisa  
De mulheres.  
Um serviço usual,  
Reacender de fogos.

Nas esquinas da morte,  
Enterrei a gorda  
Placenta enxundiosa

E caminhei serena  
Sobre as brasas  
Até o lado de lá  
Onde o demônio habita.

Poesia é sempre assim:  
Uma alquimia de fetos,  
Um lento porejar  
De venenos sob a pele.

Poesia é a arte  
Da rapina.  
Não a caça, propriamente,  
Mas sempre nas mãos  
Um lampejo de sangue.

Em vão,  
Procuro meu destino:  
No pássaro esquartejado  
A escritura das vísceras.

Poesia como antojos,  
Como um ventre crescendo,  
A pele esticada  
De úteros estalando.

Poesia é esta paixão  
Delicada e perversa,  
Esta umidade perolada  
A escorrer de meu corpo,

Empapando-me as roupas  
Como uma água de febre.

## POSSESSÃO

("Femina", 1996)

O poema me tocou  
Com sua graça,  
Com suas patas de pluma,  
Com seu hálito  
De brisa perfumada.

O poema fez de mim  
O seu cavalo;  
Um arrepio no dorso,  
Um calafrio,  
Uma dança de espelhos  
E de espadas.

De repente, sem aviso,  
O poema como um raio  
– Elegbá, pombajira! –  
Me tocou com sua graça,  
Aceso como chicote,  
Certeiro como pedrada.

## O ANDARILHO

("Nas praias do avesso", 2004)

Lá vai o andarilho.  
Talvez seja um mendigo,  
talvez um palhaço;  
e entre um pai e um filho  
mova-se preso num laço.

Lá vai o andarilho.  
Talvez seja um fantasma,  
talvez um demente.  
E meus olhos, que o plasmam,  
não podem vê-lo de frente.

Lá vai o andarilho.

Talvez não possa segui-lo  
porque se move num sonho.  
Ah, vou cercar-me de espelhos.  
Assim, talvez possa vê-lo  
vagando em meu lado estranho.

## DESMENTIDO

("Ocidentais", 1987)

Alguém me reconhece num retrato de menino.  
Não sou eu: é minha antiga paz.  
A história de um homem é sua pista falsa:  
estudam meus sonhos, meus passos, meus mapas  
e dizem quem sou inutilmente.  
Inutilmente.  
Porque sou sempre o que vem pelo atalho.

# UM VÃO DO DESTINO

("Mirantes", 2012)

*A Washington Queiroz*

Nas brenhas do ser me abismo,  
confins do sonho, penhascos  
velados por cães famintos.

Sou o parente mais drástico  
do Grande-Enorme-Empecilho.  
E me exibo em pedaços.

Quando abro, irado, a boca  
ao sul dos Tristes Abrigos,  
o espectador vê lá dentro  
quatro infernos, dez ventos, uma rádio  
pirata  
e cento e cinco homicidas.

Quando abro a boca, ladram  
o Quase, a Coisa, o Bandido.

# A MÃO NO ESCURO

("Concerto de ilhas", 1997)

1.

Amargo ser este meu nome  
de outros nomes ferido,  
amargo este meu ser  
de corpo e dilemas.

Pois evadido de mim, fora de ti  
nem aqui nem onde havia infância  
desabitado  
visito as ruínas mitológicas  
eu que não passo de ruínas  
e te asseguro:  
nenhum passado conta minha história.



Do que fui ao que deixei de ser  
há mil substitutos provisórios  
que me negam  
qualquer lugar nos mapas ou no tempo.

E no lamento das brisas, e no pavor  
das máquinas  
me entreponho com minhas ilusões  
e gravemente me deixo devassar:  
caixa de Pandora reaberta,  
nucleares demônios.

E me retomo.  
De onde jamais fui me retomo:  
um rosto composto de migalhas,  
retalhos de verdade e sentimento,  
tédio no escuro: aqui recomeço.

2.

A primeira manhã veio na lama  
e me deixei sujar:  
na água da tarde, o urânio  
na brisa da noite, este homem  
com um espelho quebrado na cara  
e uma fome de tudo para nada.

Mas entre dúvidas, entre  
muralhas  
ponho no rosto uma flor  
e caminho para outro mundo  
distante  
– e me deixo  
e me danço  
e me comovo  
e tudo soa no peito polifônico  
tudo reboando como conchas, edifícios  
ruindo, gargalhada sinistra.

E no entanto persigo este vazio  
em que inscrevo teus vultos  
contornados por astros distantes  
e dor visceral

(ó escura fonte  
de todos os cânticos deste mundo!)

3.

Sim, acordo.

Acordo para o sono dos dias claros,  
tão reais as cores deste dia.

Contemplo fontes transparentes,  
tenho face de homem entre outros homens  
que me vêem.

Aqui tudo é possível: o amor, a guerra,  
as soluções que destroem.

Pelas duras cidades do meu tempo  
meu coração viaja, viaja  
avesso a qualquer crosta de verdades.

Meu rosto pigmentado de História  
antecipa a estação ignorada  
a que todos resistem.

E no entanto me deixo contemplar.  
Mas não me mato.

Teu sorriso me vence, vence  
meu projeto  
e em ti mergulho esfrangalhado,  
uma flor machucada na mão,  
uma cicatriz nos lábios,  
porque já amei.

4.

No contorno de sombra do meu tempo  
injeto palavra e silêncio  
mergulho com todo meu veneno  
e me deixo à decomposição:  
noite futura na noite morta,  
uma da outra ferida, e semelhante,  
caldeirão de mudanças invisíveis.

Do lado de dentro do século  
os tardos felizes festejam  
seus pruridos.

São fragmentos de mim que não sou eu  
entre navalhas e comerciais:  
sou eu com meus fantasmas consumindo  
adocicados erros da História.

5.

Herdeiro de todos os becos do meu tempo  
invento a liberdade absoluta  
e meu poema começa a se mover  
para os abismos.

Há uma face que me vê do escuro  
de mim (a pressentida  
catástrofe?): fonte do riso e da ira,  
selva de todos os demônios  
de que um homem se nutre, abutre  
voraz.

Enquanto isso me reproduzo  
em linguagens e mapas imprecisos,  
eu que não sou eu, mas o antigo  
dilema retomado dos antigos  
que habito  
que mato  
que ressuscito com rostos deformados.

(Mas quem sou eu? O teu  
lado esquecido? O grito  
do teu eco? O medo que te assola?

Não).

Este silêncio rude, pedra  
no sonho, urso no rosto.  
Este silêncio exposto,  
fratura sutil da consciência.

6.

Eis o que de mim inda me resta:  
fragmentos de mitos e ferros-velhos,  
cacos de palavras, rosto enferrujado.  
E na dança que persiste (resistência  
vã?) fantasmas aos pares se procuram  
no final da festa.

De cima, sem sentido, persiste um luar  
sob o qual se avistam camundongos,  
asas de baratas e manchas de sangue.

Mas quem sou? O dia pardo parece perguntar.  
Sei que havia o peso de ciências,  
o fluir de águas turvas, a morte súbita  
de alguma verdade.

E então recomeçava.  
Da ira e do vento, o redemoinho das lembranças,  
o olho aberto no caos.

Dúvida, dúvida é meu transporte  
neste mundo movediço  
em que os deuses foram triturados,  
a verdade queimou suas dinamites  
– e de sua explosão fomos feridos.

Sou a doença do meu próprio mito.

E então retorno ao meu avesso, e torno  
a me matar.

7.

Primeira voz (a face oculta)

Parei diante de ti e me esqueci.  
E mergulhaste em mim, adormecida.  
(Há um mundo prestes a nascer?)  
A praça (imensa, a praça) está vazia  
e nela não cabe, sequer, um sonho.

Segunda voz (a grande festa)

Eis o século dos trânsitos, das frívolas  
vozes. E todas no ar.

Mil linguagens e nenhuma.

No cruzamento de todas as verdades,  
escreve-se um nome: ilusão.

É aí que fico, sem mim: espelho

esférico girando    girando    girando

## MARINHA

("Heléboro", 1974)

Meus olhos testemunham  
a invisibilidade das ondinas,  
a lenta morte dos arrecifes  
e os canhões de Amaralina.

Vou, a passo gnominado,  
pisando a areia fina  
da praia.

Pombas sobrevoam  
os canhões de Amaralina.

Parece a vida estar completa  
na paz que o azul ensina.  
A brisa ilude a vigilância  
dos canhões de Amaralina.

Nem tua ausência, amor, perturba  
esta alegria matutina  
onde só há o claro e o suave...  
(E os canhões de Amaralina?).

Tudo está certo: mar, coqueiros,  
aquela nuvem pequenina...  
Mas - o que querem na paisagem  
os canhões de Amaralina?

## DESCOBERTA

("Heléboro", 1974)

Só depois percebemos  
o mais azul do azul,  
olhando, ao fim da tarde,  
as cinzas do céu extinto.

Só depois é que amamos  
a quem tanto amávamos;  
e o braço se estende, e a mão  
aperta dedos de ar.

Só depois aprendemos  
a trilhar o labirinto;  
mas como acordar os passos  
nos pés há muito dormidos?

Só depois é que sabemos  
lidar com o que lidávamos.  
E meditamos sobre esta  
inútil descoberta

enquanto, lentamente,  
da cumeeira carcomida  
desce uma poeira fina  
e nos sufoca.

## ELEGIA

("Julgado do vento", 1979)

Não abram esta janela.  
Não afastem estas cortinas.  
Nesta sala os amigos mortos  
estão bebendo a sua cerveja.

Uma voz há muito perdida  
(só os meus ouvidos a ouvem)  
chama do fundo da infância  
e eu me sinto sangrar.

Pousa uma garoa antiga  
nos meus cabelos, e brilha.  
A criança brinca com um martelo  
que cai sobre o meu coração.

Tanta coisa silenciada!  
O olhar, turvo, passeia  
pelo quintal, onde só há  
a infância alheia

e o vento.

# SONETO DO ANJO DE MAIO

("A canção de Beatriz e outros poemas", 1990)

Então, em maio, um Anjo incendiou-me.  
Em seu olhar azul havia um dia  
claro como os da infância. E a alegria  
entrou em mim e em sua luz tomou-me

o coração. Depois, suave, guiou-me  
para mim mesmo, para o que morria,  
em meu peito, de olvido. E a noite, fria,  
fez-se cálida - e a mágoa desertou-me.

Já não eram as cinzas sobre o Nada,  
mas rios, e ventos, e árvores, e flamas,  
e montes, e horizontes sem ter fim!

Era a vida de volta, resgatada,  
e nova, e para sempre, pelas chamas  
desse Anjo de maio que arde em mim!

# SONETO DA NEGRA

("Elegia de agosto e outros poemas", 2005)

*α Maria da Paixão*

A cor da suavidade é que a modula.  
Nela se abisma a luz e se revela  
incapaz de alterar nada daquela  
penumbra que a atrai, absorve, anula.

Nessa paisagem que coleia, ondula  
como um rio, ou o mar ( e é dela e ela),  
um vento violento me desvela  
um animal que me trucidava e ulula.

O tom da suavidade não se altera,  
eleva um canto cálido e me diz  
que são garras de amor, e é bela a fera.

E assim, em carne rubra e cicatriz,  
entrego à cor profunda que me espera  
estes despojos em que sou feliz.



# SONETO DO QUINTAL

("Memória da chuva", 1996)

*para Matilde e Mario, em Monte Gordo, março de 91*

Ao recordar a moça, eu me comparo  
ao cão que vejo a interrogar a brisa.  
O que é mal comparar: bem mais precisa  
é a mensagem de odores que o faro

decifra. E então medito sobre o claro  
ser desse cão, e invejo essa precisa  
vocação de existir. E ausculto a brisa  
e nada nela encontro. Nada. E paro

de lembrar e pensar. Há mais profícuas  
ocupações. Exemplo: só olhando  
estar. Cão. Nuvens. Ramos. E, dormindo,

um gato. E essas formigas - três - conspícuas,  
vestidas a rigor, deliberando  
em torno de uma flor de tamarindo.

# ALENTO

("A casa dos nove pinheiros", 2012)

Da minha cidade antiga,  
o que mais recordo é o silêncio  
e um cão latindo ao longe.

Claro que também ouvia perdizes,  
pássaros-pretos, tiês-sangue, canários,  
curiós, guriatãs  
e,  
no poço da noite,  
lobisomens.

Nada, porém, ficou tanto  
e tão fundo  
como o silêncio  
e um cão latindo ao longe.

Mais que memória,  
um alento da alma.

E por isso continuo,  
suporto,  
renasço das cinzas:

porque há em mim silêncio  
e um cão latindo ao longe.

## PERSONAE

(Trecho do romance inédito, "Personae")

### Prólogo

**A**VIDRAÇA MEIO SUJA de modesto cômodo de aluguel da Baixa lisboeta deixava passar, ao fim e ao cabo de rápida pancada de chuva, uma luminosidade baça, imprecisa, estertores de esmaecido final de tarde, núncias de fresca boquinha da noite.

Para além dos telhados do casario da vizinhança, eléctricos, a intervalos, rolavam pelas ruas resvaladiças, já iluminadas pelos candeeiros públicos, provocando faíscas nos cabos energizados e rangidos metálicos nos carris.

A observar a luminosidade mortiça que entrava pela única janela do cómodo, agente policial de 1ª Classe da Polícia de Investigação Criminal - embrulhado num roupão atoalhado sobre o pijama, cachecol em volta do pescoço, touca de lã encarapuçada à calva, pés protegidos por grossas peúgas - expectorara ruidosamente, acometido de severa constipação nasal, contraída no final da manhã do dia anterior, debaixo de chuva miúda e intermitente, em assistência a serviço fúnebre no Cemitério dos Prazeres.

Em chinelas, ao pé da janela, o policial, cogitabundo, sobraçava um jornal dobrado, preso sob o sovaco, enquanto remexia, em caneca de louça da Índia, um café preto, no qual misturara *dez tostões* de aguardente, que acabara de ferver no fogareiro jacente sobre a cómoda do quarto.

Abstraído com o nublado do dia, o agente policial fitava o vago quando, num repente, um relâmpago despertou-o do alheamento. Espichou os olhos até ao outro lado da margem do Tejo, onde um céu enfarruscado despachava nuvens carregadas em direção ao velho Castelo.

Ao tempo em que sorvia a bebida com vagar, sobreceño franzido, a fazer caramunhas a cada gole que deixava escorregar pela goela irritada, avaliou que o aguaceiro que se prenunciava calhava com a ação a furto que pretendia empreender àquela noite:

*«Nomeadamente porque não autorizada pela chefia, nem amparada por mandado judicial: factícia só por meio de um arranjinho...»* – verrumou para si, roufenho, esgar lúgubre afivelado na catadura baça.

Na intenção de fazer horas até à hora grande, ocasião que considerava mais propícia para perpetrar a ousada ação que maquinara, acendeu um charuto barato, assoou a catarreira num lenço, e voltou a deitar-se no leito desarrumado, não sem antes ajeitar o travesseiro na cabeceira da cama, obra de apoiar as costas.

Traçou as pernas e abriu o *Diário de Notícias*, edição de 3 dezembro de 1935, terça-feira:

## MORREU FERNANDO PESSOA Grande poeta de Portugal

*Fernando Pessoa, o poeta extraordinário da Mensagem, poema de exaltação nacionalista, dos mais belos que se tem escrito, foi ontem a enterrar. Surpreendeu-o a morte, num leito cristão do Hospital de S. Luiz, no sábado à noite. Os serviços fúnebres estiveram a cargo da Agência Barata.*

A notícia, difusa, se estendia por duas longas colunas, em nada parecida com os necrológios habituais do jornal. Informava biografia circunstanciada, copiosa fortuna crítica, elogios encomiásticos ao poeta morto, relação nominal dos presentes ao sepultamento, além do teor de breve discurso de improviso, proferido por Luiz de Montalvor, companheiro de 34 anos de vida literária do defunto, ao pé do jazigo em que o corpo fora sepultado.

«*Nem toda a malta de amigos e de conhecidos do defunto comparecera ao funeral...*» -, rezingou para si o policial, refestelando-se no leito, após cotejar a nominata dos presentes ao sepultamento com os nomes anotados na caderneta que desengavetara do criado-mudo.

Ato contínuo soergueu-se do leito, reacendeu o charuto que se apagara, e foi sentar-se à pequena secretária encostada à janela do quarto.

Com um lápis de tinta, passou a sublinhar na caderneta de anotações os nomes dos amigos e conhecidos do falecido, ausentes ao enterro.

A lista não era pequena: *Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Bernardo Soares, António Mora, Raphael Baldaya, Frederico Reis*, para além de dezenas de outros, menos assíduos em encontros com o investigado, morador da Rua Coelho da Rocha, em Campo de Ourique.

«*Nem mesmo a dona Ofélia Queirós se dignara a comparecer ao sepultamento do ex-namorado. Se calhar, aquele amor não era tão inesquecível assim...*» - cogitou para si o agente da P.I.C., a regozijar-se intimamente, enquanto mordida a ponta do lápis.

«*Aonde se metera aquela gente toda que não comparecera ao funeral?*» - indagou de si, ao tempo em que espichou o olhar até o relógio de bolso que jazia, pendurado pela corrente, num prego da parede do quarto.

Ainda faltava muito para a *hora grande*. Resolvera bater a sorna até lá, tirar um cochilo. Ajeitou o travesseiro, estirou-se no leito e refestelou-se confiante no sucesso da ação, tantas vezes adiada, que empreenderia mais tarde.

Quando despertou, faltava um quarto para a meia-noite. Ergueu-se do leito e foi até à janela do quarto observar o tempo. Caía uma chuva miúda e intermitente.

Entrajou-se rapidamente em fato e gabardina escuros, encaixou um chapéu mole sobre a calva luzidia, e foi verificar o conteúdo da bolsa de feira que levaria para o *serviço*.

Conferiu o molho de chaves falsas, gazuas e arames de pontas franchadas, chacoalhou o pequeno candeeiro (para testar se havia petróleo), e sacudiu a caixa de fósforos.

«*Não quero sair dos varais, nem ficar metido numa alhada. O serviço tem que ser de gritos*», cogitou para si, sorriso maroto pregado nos lábios.

Ao deixar o quarto, lembrou-se que teria de ir a pé da Baixa até Campo de Ourique. Os serviços de eléctricos e de autocarros, pelo adiantado da hora, já estavam encerrados.

«*O que não se faz no dia de Santa Luzia, faz-se qualquer outro dia. E o dia é hoje!*», rezingou para si, a abalar para a rua.

## I

AS MAIS DAS VEZES DOS DIAS assenhoreia-se de mim uma solidão lassa, enfadadiça, ainda que esteja a caminhar apressurado, como agora, por entre a mole humana, em pleno intervalo para almoço, em meio ao bulício da Rua do Arsenal, à cunha de transeuntes esfaimados, sôfregos por saciar carências alimentares da hora.

Chapéu de aba desabada sobre a cabeça, mão destra a empunhar guarda-chuva enrolado com serventia de bengala, a sinistra agarrada à gola da gabardina clara, pasta de documentos presa sob o sovaco, lá vou, a passos de «*Íbis*», ora na corrente, ora na contramão do vaivém de empregados de escritório, amanuenses de repartições públicas, *vendeuses* de lojas, caixeiros, praticistas, cauteleiros, moços de fretes e peões costumeiros dos dias úteis da semana - para mim tão inúteis quanto os de folga.

Por paradoxal que possa parecer, às noites e madrugadas, na solidão e aconchego do meu recatado quarto alugado, sói acontecer-me ter o sossego e a intimidade estorvados, quase em sempre, por dezenas de *criaturas* improváveis: figuras de ficção, expostas em folhas avulsas, as quais só existem na minha imaginação.

Esses *seres de papel* - uns quantos manuscritos, outros tantos dactilografados -, *residem*, por assim dizer, envelopados e encafuados em velha arca - espécie de albergue de papelório sem serventia, jacente ao pé do meu leito.

Há tempo coabito com essas *criaturas*, titulares dos mais variados ofícios e desocupações, quase todas dotadas de caracteres singulares, temperamentos excêntricos e bizarras idiossincrasias.

Considerável parte dessa *camarilha imaginária* é composta de literatos ignotos, os quais revelam, à unanimidade, severos inconformismos com o estádio frustrante de desenvolvimento de Portugal, *vis-à-vis* ao concerto das nações europeias.

Tão *sabidos* quanto eu, exceção feita aos mais excêntricos, esses *seres de papel* sobrevivem de escassos rendimentos, ordinariamente provenientes de modestas ocupações.

Avulta nesse *bando in folium* reverenciado mestre, falecido ainda moço em Lisboa, no primeiro quartel do século; essoutro se apresenta como discípulo de Hipócrates, atualmente a residir no estrangeiro, em exílio voluntário, posto tivesse deixado o umbigo no Porto; aqueloutro revela-se um vanguardista exibicionista e histérico, engenheiro naval educado na Escócia, atualmente em inatividade; estoutro reduz-se a um humilde ajudante de guarda-livros de armazém de importação e exportação de fazendas, com fumos de prosador, desafortunadamente inédito.

As mais dessas figuras são noctívagas; algumas têm a veleidade de se apresentar como poetas; outras são mais atreitas à prosa. Não obstante, nenhuma delas possui disciplina mental capaz de arrancar a inteligência portuguesa do pântano em que ela chafurda, há séculos.

Quase todas essas *criaturas*, tirante uma ou outra exceção, são frequentadoras habitudinárias do humílmo cómodo de primeiro andar em que moro, sozinho, sito à Rua Coelho da Rocha nº 16, 1º andar, Direito, em Campo de Ourique.

Vá lá se tentar entender os caprichos do fadário a que me destinaram os *deuses olisiponenses*: sentir-me um anacoreta, quando no meio da multidão; com companhias de sobejo, quando solito nos aposentos de dormir.

Tento apressar o passo - a essa altura já sob as arcadas do Terreiro do Paço -, apesar do trânsito de peões, um tanto ou quanto atrasado para o encontro no *Martinho da Arcada*.

Receio não conseguir chegar a tempo ao *rendez-vous* a ter que, a todo instante, desviar-me dessa turbamulta de passantes.

Gostava de qualificá-los de utentes de ruas, ao invés de transeuntes, visto que, ordinariamente, sempre encontro as mesmas pessoas a calcorrear esses passeios, quer na Baixa, quer no Bairro Alto, seja às horas de almoço, seja aos finais de expediente.

Lisboa, no estalar das claras, resume-se a umas quantas ruas circunscritas entre o Calhariz, o Rossio, o Cais do Sodré e São Pedro de Alcântara - se esse detalhe ainda não foi percebido por observador mais atento, alguém um dia escreverá a respeito.

Portugal é um país pequeno.

Caminho apressurado em meio ao incessante ir e vir dos passantes: esfaimados uns quantos, estômagos a dar horas, *barrigas coladas ao espinhaço* como se diz, ávidos por pratos comerciais baratos ao alcance dos bolsos, como sói acontecer com a minha pessoa; saciados outros tantos, já empachados, *malas forradas*, o mais das vezes por *farta-brutos*, olhares cúpidos nas montras das lojas, a percorrer os passeios, a passo.

Graça aos bons fados do dia, não chove, posto que já relampeje. Por obra dos deuses que governam *Olisipo*, ainda não troveja. «*O diabo não está sempre*

*atrás da porta*», lembrava Tia Anica, amiúde, aos assistentes das reuniões semi-spirítas, já perdidas na poalha do tempo, as quais aquela saudosa e amorosa parenta promovia na Rua Pascoal de Melo.

Surgido sabe-se lá de onde, às cercanias da Bolsa, um cauteleiro interpôs-se-me ao trajeto a exhibir-me (ao pé da letra, esfregou-me à cara) uma réstia de bilhetes de lotaria, aos gritos.

Livre-me dele aplicando-lhe uma finta futebolística que aprendi observando miúdos pobres, em jogos com bolas improvisadas - folhas amassadas de jornais velhos, envolvidas em peúgas idem, amarradas com barbantes -, nos arrabaldes de Benfica.

Afastei-me do vendedor de loterias a passos largos, volta e meia a olhar para trás, na intenção de perscrutar se o gajo ainda recalcitava na venda dos bilhetes. Graças aos cavaleiros templários, o homem desaparecera no meio da patuleia.

De inopino, em mais um volteio de cabeça para trás, à procura do vendedor de loterias, surpreendi um indivíduo, de traje e gabardina escuros, rosto escondido debaixo de chapéu mole, desabado sobre a testa, a seguir-me a distância, desde a Rua do Comércio.

Desconcertado com o flagrante, visivelmente embaraçado, o homem estacou, a súbitas. Olhou para o alto, em seguida para trás, decidindo deter-se, hesitante e inconvincente, diante de uma montra de *lingerie* feminina, a dissimular interesse.

Ressabiado, procurei entender aquele flagrante como efeito nevrótico da mania de perseguição de que sou vítima, por conta das peraltices contumazes da «*camarilha da arca*», cujas *criaturas*, de quando em vez, dela escapam, e vão às ruas, obra de bisbilhotar a vida alheia, nomeadamente a minha.

Decidi não me aborrecer com aquela suspeita de perseguição: dei de ombros, considerei ilusório o encalço – debitando-o à fixação mórbida de rasto que sofro dos *moradores do baú* - e retomei o meu caminho.

Meditabundo, voltei-me de chofre para retomar meu trajeto quando, inadvertida e desastrosamente, colidi de frente com a proeminência ventral de opado cavalheiro – cidadão provavelmente bem-sucedido na vida, a julgar pelo volume da barriga imensa que se lhe debruçava sobre os cós das calças –, sobraçado a uma senhora, a trafegar em direção contrária à minha, sob as arcadas da Praça do Comércio.

Tentei desculpar-me, carregado de culpas e de constrangimentos, a tempo de ouvir impropério indizível, proferido por quem imagino seja a esposa do homem – anafada senhora igualmente dotada de fartas adiposidades e pronunciado buço –, a dardejar-me olhares eivados de áscuas de lume, solidária com o marido.

Evadi-me do local da bulha, fugidinho, a exceder-me em mesuras escusatórias e reverências obsequiosas ao casal, sem saber onde esconder a cara, vexadíssimo, ainda a tempo de ouvir, atrás de mim, um «*raios partam a vida a quem*

*lá anda!*», vociferado em alto brado, pela senhora praguejadora, a *destravar a malvada*, isto é, a soltar a língua.

Sou um ser abúlico por natureza - isto não é um supor -, além de criatura desabituada a lidar com situações corriqueiras do cotidiano, avalie-se às voltas com embaraçosos contratempos de trânsito, em logradouros públicos.

«*És mais bem lido do que ouvido, meu caro*», sussurrou-me certa feita, no meu ouvido, o Sá-Carneiro, quando este saudoso poeta ainda morava neste mundo.

É por essas e outras que jamais consegui entender a índole e atavismos dos meus patrícios: vocacionados a heroicas ousadias transoceânicas, com a intenção de conquistar mundos ignotos, no passado grandioso e saudoso; ao passo que bulhentos e intolerantes, de tamancos à mão e praguejamentos à ponta da língua, por qualquer *dá cá aquela palha*, nestes tempos modernos, sáfaros e frustrés.

No interior do *Martinho*, o Almada acenou-me de uma mesa ao fundo, sentado na companhia do Montalvor.

Cumprimentei-os com um meneio de cabeça e um sorriso sem graça, a já desvestir-me da gabardina e do chapéu, os quais pendurei num gancho do cabide, ao pé de um bengaleiro, onde encostei o guarda-chuva.

Ajeitei a gravatinha, no espelho da parede, antes de sentar-me.

Em dias de chuva, de ordinário sou parcimonioso em cumprimentos, como de resto sovina em conversas, avaro em comentários, posto me mantenha polido e afável, desde que não estrondeiem trovões no céu.

Se calhar de ocorrer trovoadas nas *Altiplanuras*, assalta-me, inelutavelmente, medo pânico e absoluta incapacidade de falar.

Quando submetido a maçadas dessa natureza, habitualmente procuro, diaforético e abugalhado, refúgio debaixo das mesas.

A que estiver mais perto, ao primeiro trovão.

O Almada tinha aberta sobre a mesa do restaurante uma página dobrada do *Diário de Lisboa*.

Antes que eu me acomodasse na cadeira de assento de pele, ele principiou a leitura de um trecho de artigo muito instrutivo e provocativo - «*As Associações Secretas: Análise Serena e Minuciosa a um Projeto de Lei apresentado ao Parlamento*» - que escrevi para aquele vespertino politicamente independente:

- «... como a maioria dos antimaçons, o autor deste projeto é totalmente desconhecedor do assunto *Maçonaria*. O que sabe dele é até, porventura, pior que nada, pois, naturalmente, terá nutrido o seu antimaçonismo da leitura da imprensa chamada católica, onde, até nas coisas mais elementares da matéria, erros se acumulam sobre erros, e aos erros se junta, com a má vontade, a mentira e a calúnia, senhoras suas filhas...».

Ao cabo da leitura, Almada retirou os óculos, fechou o jornal, e rezingou:

- Como não bastasse chamar o autor do projeto de parvo, você ainda teve a lata de mimoseá-lo com o epíteto de aldrabão! Não satisfeito, ainda ofendeu a be-



ataria igrejeira! O que lhe passou pela cabeça, Fernando, ao escrever esse artigo? O deputado José Cabral, autor do projeto de lei, é *da entourage* do senhor doutor Presidente do Conselho de Ministros: o *professor* não vai gostar dessa crítica afrontosa! – observou o leal amigo, voz abafada, a olhar em torno de esconso.

– Além disso, você deixa mal o António Ferro, nosso amigo que trabalha no Secretariado Nacional de Propaganda... - aduziu Montalvor, entre dentes.

Pedi ao empregado de mesa um cálice da minha aguardente preferida. Não pretendia almoçar: na penúria financeira em que me encontrava, a andar à espiga falida, faltava-me numerário para cometer tal extravagância no *Martinho da Arcada*. Talvez cá retornasse, ao fim e ao cabo do expediente, com vistas a tentar ceiar - quem sabe uma *sopa juliana* - com o velho Sá Mourão, proprietário do estabelecimento, caso fosse convidado, como soía acontecer com razoável frequência.

Ajeitei os óculos de aro sobre o nariz e acendi um cigarro. Num ai, dirigi rapidíssimo olhar a furto para uma nadica de tornozelo, à mostra, de jovem senhora sentada à mesa ao lado, e retruquei:

– *In the first place*, Almada, *entourage* é um substantivo masculino, os franceses assim o criaram, paciência, a língua é deles. Em segundo lugar, o termo mais apropriado, a meu juízo, para qualificar o grupo de políticos que cerca o senhor doutor Presidente do Conselho de Ministros, é *coterie*, também de origem francesa, este sim, feminino. *At last*, é necessário que alguém alerte aos deputados da Assembleia Nacional que a proibição aos cidadãos portugueses de fazer parte de associações secretas é tão absurda e ridícula que, a rigor, a vingar essa lei, os miúdos lisboetas estarão desfos de brincar de *esconde-esconde* na cidade Baixa, Bairro Alto, Chiado, subúrbios de Benfica e arrabaldes de Lisboa, para além de a medida afrontar minha saudosa tia Anica, respeitável promotora de secretas, conspícuas e inocentes reuniões espíritas, na casa onde aquela amorosa parenta morava, no terceiro andar da Rua Pascoal de Melo, antes de mudar-se para o exterior, onde presentemente reside.

Montalvor retorquiu:

– Deixa de blague, Fernando: a preocupação do Almada, que também é a minha, é que você possa sofrer algum tipo de represália ou perseguição do governo, por conta da má repercussão que possa ter esse artigo de jornal.

O nadinha de tornozelo da mesa vizinha, a durar pouco como manteiga em venta de cão, desaparecera após vigoroso destraçar de perna, sucedido por um beicito, acompanhado de severo olhar de escarmento, a mim dirigido, pela dona do formoso segmento ósseo, situado entre a perna e o pé - recôndito por despicienda meia soquete.

Dardejei, de retorno à proprietária do tornozelo abscondito, um olhar tímido, que gostaria sugerisse «*Que linda é quem não és!...*».

Entrementes, lobriguei flagrar, de inopino, por cima dos ombros do Almada, o ingresso no restaurante do indivíduo que, instantes atrás, seguia-me sob as arcadas do Paço.

Após pendurar a capa e o chapéu no gancho de um cabide, o homem sentou-se a duas mesas de distância, recebeu o cardápio das mãos do criado de mesa, e, com um olhar moreno, fitando baço por cima do rosto glabro, espreitou-me por cima da ementa ao cabo de rápida consulta.

Retirei os óculos de aro do rosto, limpei as lentes com um guardanapo, e voltei a recolocá-los sobre as vistas. Não havia dúvida: era o mesmo homem de andadura rude, corpulência sem gordura e dureza latente nas feições, a andar a me perseguir, desde a Rua do Comércio.

Já sem chapéu, meu *perseguidor* exibia crânio inteiramente calvo, cara lisa, lampinho, olhos sem pestanas, pencudo, prógnato, certo ar de feto - semelhante a um ser prematuro -, cuja visão não mais se desvanecia dos olhos de quem já o tivesse visto. Respirava penosamente, sibilando ao tossir, a aparentar sofrer de dispneia paroxística - *asma*, no vulgo.

De um só golpe joguei a dose de aguardente à goela, acendi um cigarro, e retruquei:

– O artigo, admito, é instrutivo e reflexivo, posto que provocativo. Visa a explicar que a Maçonaria, embora não seja uma religião nem uma ordem mística, utiliza, em seus rituais, os padrões místicos de diversas seitas, associações e civilizações antigas, principalmente as religiões e ordens iniciáticas de cunho religioso dos povos que representam o alvorecer das civilizações. Procurei descrever, no texto, os principais aspectos daquela Ordem, enfatizando a sua importância para o desenvolvimento da civilização ocidental. A Ordem Maçônica é, historicamente, uma defensora da democracia e das liberdades civis e individuais, senhores.

– Não o imaginava maçom... – boquejou o Almada, a também perscrutar, à socapa, o tornozelo esconso da vizinha de mesa.

– Nunca fui, nem pertenço a qualquer outra Ordem semelhante ou diferente. Não sou, porém, antimaçon, pois o que sei do assunto me leva a ter uma ideia absolutamente favorável da Ordem Maçônica. A Maçonaria não é uma ordem secreta: uma sociedade secreta é aquela que tem objetivos secretos, e oculta a sua existência, assim como as datas e locais de suas sessões. Não é o caso da Maçonaria – redargui.

Montalvor ao inclinar levemente o tronco, a fim de ajeitar-se na cadeira e de investigar, discretamente, que diabos eu e o Almada tanto olhávamos para debaixo da mesa vizinha, comentou, sussurrando entre dentes:

– O Estado Novo não é propriamente uma democracia: vivemos sob um regime de exceção... Nós, literatos, temos a obrigação de nos acautelar, de modo a evitar externar opiniões e praticar ações que contrariem os estamentos governamentais.

– Tenho estado velho por causa desse Estado Novo, Montalvor... - comentei, com desânimo. – Reafirmo o que aqui mesmo já externei, em tertúlia passada: não há fatos, há interpretação de fatos.

O Almada, a dissimular não ter percebido o furioso olhar de reprovação que a vizinha de mesa nos lançara (indignada com a obsessiva curiosidade despertada por seu tornozelo), destilou um contra-argumento, que sabia a pesporrência:

– Neste Portugal do Estado Novo, só impera e subsiste a opinião do professor Salazar. Afora esta, só a por ele autorizada!

Enquanto observava a furto meu pretenso perseguidor (aquela pantomima persecutória sabia a chocarrice da *súcia da arca*), olhei-me no espelho da parede, observei o fato amarrotado, a camisa puída, o colarinho pouco asseado, e, desiludido com os trajes que me vestiam, não menos arreliado com a *boutade* do Almada, refutei:

– Neste governo de beatos, Almada, só há três bases: a força, a autoridade e a opinião.

Almada, taciturno, desabafou:

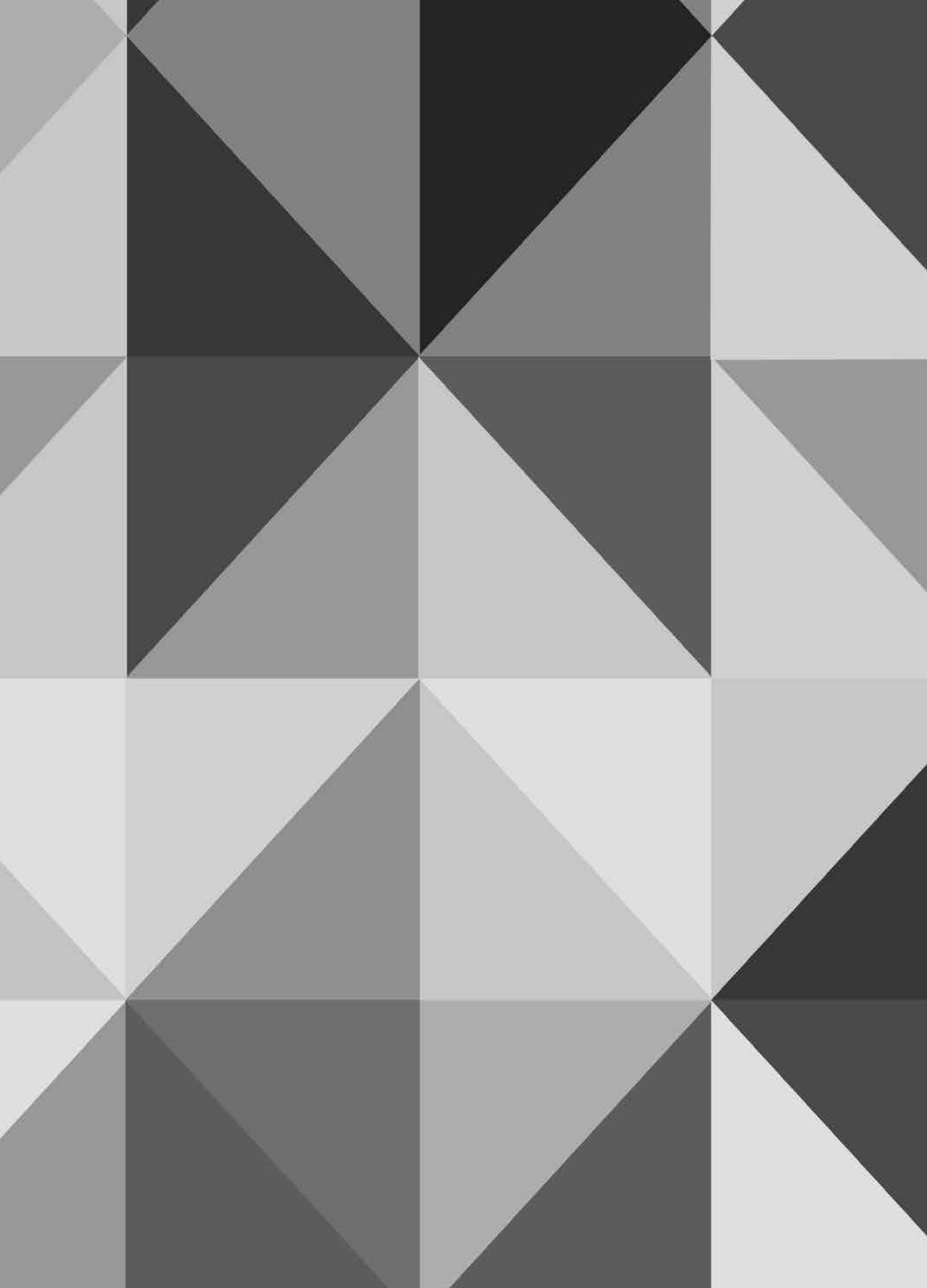
– Desafortunadamente, os portugueses nunca tiveram opinião! Somos um país pobre, mas riquíssimo em ignorantes!

Dei uma rápida olhadela em direção à estranha criatura com aparência de feto, e ponderei:

– No discurso que Salazar fez, recentemente, na distribuição de prêmios do Secretariado Nacional da Propaganda, ficamos sabendo que estava substituída a regra restritiva da Censura, «*não se pode dizer isto ou aquilo*», pela regra soviética do Poder, «*tem que se dizer aquilo ou isto*». No fritar dos joaquinzinhos, senhores, tudo quanto escrevermos não só tem que contrariar os princípios, que ignoro quais sejam, do Estado Novo, cuja definição se desconhece, mas tem que ser subordinado às diretrizes traçadas pelos orientadores do dito Estado Novo. Isto quer dizer, presumo, que não poderá haver legitimamente manifestação literária em Portugal que não inclua qualquer referência ao equilíbrio orçamentário, à composição corporativa, diabos saibam o que tal coisa significa, da sociedade portuguesa e a outras engrenagens da mesma espécie...

Montalvor pregou um sorriso de mofa nos lábios, baixou ainda mais a voz, e lamentou, olhando em torno de esconso:

– *Si nos coleos haberemus*, se ao menos os portugueses tivessem *tomates* entre as pernas...





DEUTSCH

# DIE INTERNATIONALISIERUNG DER KULTUR IN BAHIA

Das Kultusministerium des brasilianischen Bundesstaates Bahia folgt in seiner Kulturpolitik der Überzeugung, dass ein interkultureller Dialog zu den unverzichtbaren Voraussetzungen für das Wachstum und die Bereicherung der Kultur gehört. Man darf davon ausgehen, dass jede isolierte kulturelle Äußerung, die in sich gekehrt zwischen den Mauern eines Ghettos gefangen bleibt, ohne einen Austausch mit anderen Kulturkreisen zu erleben, der Gefahr einer Sklerosierung ausgesetzt ist. In diesem Zusammenhang und angesichts der heute stetig zunehmenden „Glokalisierung“ spielen interkulturelle Dialoge eine ganz entscheidende Rolle für das kulturelle Leben.

Das Kultusministerium Bahias hat beachtliche Anstrengungen unternommen, das kulturelle Leben dieses Staates in einen intensiven Prozess wechselseitiger Einflüsse auf lokaler wie auch nationaler und internationaler Ebene einzubinden. Dieser Prozess besteht aus einer großen Vielfalt von Initiativen, die alle eine Intensivierung des Austausches zwischen unserer lokalen Kultur und anderen Kulturkreisen zum Ziel haben. Selbst solche Aktivitäten, die nicht ausdrücklich für den Dialog bestimmt sind, haben sich in diese lebendige Dynamik eingegliedert.

Das „Fest der Kulturen der Sertões“ – jener kargen Landschaften im Inneren Brasiliens – führt uns künstlerische Ausdrucksformen vor Augen, die in vielen Regionen Bahias und anderen Teilen Brasiliens, vor allem aber im Nordosten und in Minas Gerais verwurzelt sind. Das „Treffen der Kulturen afrikanischen Ursprungs“ ermöglicht die Begegnung entsprechender künstlerischer Ausdrucksformen, wie sie nicht nur in Bahia und ganz Brasilien heimisch sind, sondern auch in weiteren Weltregionen, wie in Amerika und in Afrika. Die „Kulturkarawanen“, die durch die verschiedenen Regionen unseres Bundesstaates ziehen, haben das Ziel, die Bahia charakterisierenden, unterschiedlichen kulturellen Strömungen aufzuspüren und miteinander zu verknüpfen.

In einem mehr auf den kulturellen Austausch zielenden Zusammenhang verdienen einige Maßnahmen größere Beachtung, wie zum Beispiel die Anstrengung, unser Theater einer größeren Öffentlichkeit nahe zu bringen, so beim Theater-Festival von Curitiba mit unserer „bahianischen Theaterreihe“, bei der unter der kuratorischen Leitung des Schauspielers Wagner Moura sieben ausgewählte Stücke zur Aufführung kamen. Bei dieser Gelegenheit wurde - vor allem für Intendanten und die Fachpresse - auch ein Katalog mit Informationen über unser Theater in Bahia herausgegeben.

Im Zusammenhang mit der Verbreitung auch jenseits der nationalen Grenzen verdient vor allem die Arbeit des „Beraterstabs für Internationale Beziehungen“

hervorgehoben zu werden. Ungeachtet seiner engen finanziellen und personellen Beschränkungen sorgt er für unsere Präsenz in der Welt, wie etwa durch die Aktion „Bahia Music Export“ oder das Programm für künstlerisch-kulturelle Mobilität. Ein Ort für Künstlerresidenzen, der zur Zeit in Salvadors historischem Stadtkern, dem Pelourinho, im Bau ist, wird unsere internationalen Beziehungen intensivieren.

Diese interkulturellen Beziehungen auf sowohl nationaler wie auch internationaler Ebene setzen natürlich eine Anerkennung der Einzigartigkeit der Kultur Bahias voraus, sowie ein Bewusstsein von der Bedeutung unserer kulturellen Identität. Genau betrachtet, könnte es ohne eine solche Anerkennung gar keinen wirklichen Kulturaustausch geben, denn dieser bedeutet immer auch eine Begegnung zweier verschiedener Kulturen, die sich gegenseitig anerkennen und in ihrer Bedeutsamkeit respektieren. Ansonsten gäbe es statt eines Austausches nur Nötigung, Bevormundung und kulturellen Imperialismus.

In Anbetracht all dieser Umstände wurde vom Kultusministerium vermittels der Literatur-Abteilung der staatlichen Kulturstiftung, gemeinsam mit der „Pedro Calmon-Stiftung“ und deren Abteilung „Buch und Lesen“ sowie mit dem „Beraterstab für internationale Beziehungen“ der Beschluss gefasst, im Jahr 2013 die Internationalisierung der Literatur Bahias zu fördern. Da Brasilien in diesem Jahr vom 9. bis zum 13. Oktober auf der Frankfurter Buchmesse, einer der weltweit wichtigsten, als Gast geehrt werden wird, entstand das Projekt eines Gemeinschaftsauftritts der bahianischen Literatur.

Wir beschlossen, auf der Buchmesse eine dreisprachige Publikation auf Englisch, Deutsch und Spanisch zu lancieren, mit Texten von 18 für die Literatur Bahias repräsentativen Autoren/innen, die ganz verschiedenen Generationen, Gender und Stilrichtungen angehören. Die Auswahl der Texte wurde von einer Kommission von sechs Spezialisten getroffen, die eigens für diese schwierige Aufgabe eingeladen worden waren.

Diese in Frankfurt der Öffentlichkeit zu übergebende Publikation wird auch bei anderen internationalen Veranstaltungen dazu dienen, die Literatur Bahias jenseits unserer Grenzen bekannt zu machen. Mit dieser Initiative möchte das Kultusministerium unseres Staates zur Internationalisierung der Kultur Bahias, vor allem aber zur Förderung des interkulturellen Dialogs beitragen, ohne den ein kulturelles Leben letztlich nicht denkbar ist.

*Antônio Albino Canelas Rubim*  
Kultusminister des Bundesstaates Bahia

Die Veröffentlichung dieses Sammelbandes, in dem sich 18 Schriftsteller/innen und Dichter/innen Bahias mit einer Auswahl ihrer Werke vertreten sehen, wird sicherlich neue Anstöße für den interkulturellen Dialog geben, und stellt unsere Autoren/innen einem Lesepublikum vor, das sich über viele Kontinente verteilt, nämlich überall dort zu Hause ist, wo man Spanisch, Englisch oder Deutsch spricht. Die Frankfurter Buchmesse ist weltweit die größte Begegnungsstätte für Literatur und Verlagswesen und in diesem Jahr die erste einer ganzen Reihe darauf folgender internationaler Veranstaltungen, bei denen dieses Buch präsent sein wird.

Es sind nun zehn Jahre vergangen, seit Brasilien das erste Gesetz zur Regelung des Buchmarktes erlassen hat. Es wurde zum Fundament, auf dem der „Nationale Plan für Buch und Lesen“ (PNLL) – erstmalig in Brasilien – entwickelt werden konnte. Dieser Plan leitete einen Prozess ein, bei dem sich Staatsverwaltung und Zivilgesellschaft in dem Bemühen vereinen, vorteilhafte Bedingungen für die Verbreitung von Büchern und deren Lektüre zu schaffen. So professionalisierte sich die Herstellung von Büchern, und es wurde nicht nur der Zugang zu Büchern erleichtert, sondern auch Anreize zur Entwicklung der Leselust geschaffen.

Druck, Übersetzung und Vertrieb sind fundamentale Schritte für die Internationalisierung aller dem Buch, der Literatur und dem Lesen förderlichen Maßnahmen, die ihrerseits sowohl gemeinsame als auch konstante Anstrengungen verlangen. Mit der Veröffentlichung dieses Buches unternimmt das Kultusministerium des Bundesstaates Bahia vermittelt der ihm angegliederten Stiftungen und gestützt auf seinen „Beraterstab für Internationale Beziehungen“ den entscheidenden Schritt, ein weites Lesepublikum im In- und Ausland zur Lektüre jener Autoren/innen anzuregen, die heute Bahia repräsentieren.

*Fátima Fróes*  
Generaldirektorin der Pedro Calmon-Stiftung



**W**ir stellen diese Sammlung literarischer Werke in Bahia verwurzelter Autoren/innen mit großem Enthusiasmus der weltweiten Öffentlichkeit vor, denn diese Veröffentlichung wird es uns (in Verbindung mit der Förderung des Schriftsteller-Austausches, zusammen auch mit den Stipendien für kreatives Schreiben) erlauben, unsere Politik einer internationalen Präsenz der Kultur Bahias weiter zu intensivieren.

Einige Texte dieser Autoren/innen jetzt dem Publikum näher zu bringen verfolgt das Ziel, sie international bekannt zu machen und ihre Übersetzung in andere Sprachen, ihre Vermarktung auch im Ausland zu fördern. Dies wird es dem internationalen Verlagswesen ermöglichen, größere Segmente jener brasilianischen Literatur in den Blick zu nehmen, die selbst im eigenen Land noch wenig bekannt ist.

Da die Kenntnis literarischer Werke unverzichtbarer Bestandteil jeglicher Kultur ist, laden wir Verleger, Literaturagenten, Übersetzer, Literaturwissenschaftler und das allgemeine Publikum herzlich ein, Bahia in all seiner besonderen und einmaligen Vielfalt durch seine Literatur kennen zu lernen.

*Monique Badaró*

Beraterin für internationale Beziehungen des  
Kultusministeriums von Bahia

# LITERATUR FÜR DEN EXPORT

Die Vorstellung, die sich im Ausland – und sogar in Brasilien selbst - automatisch mit dem Begriff „Brasilien“ verbindet, ist seit der Kolonialzeit von jenem kulturellen Gesamtkomplex entscheidend geprägt, der seine Wurzeln in der geografischen Region Bahias hat. Die in Bahia geschriebene Literatur - vor allem aber die Werke von Gregório de Matos, Castro Alves, Adonias Filho, Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro, Antônio Torres, um nur jene zu erwähnen, deren Namen sich unvermittelt aufdrängen, ohne Raum für Zweifel an unserem Erinnerungsvermögen aufkommen zu lassen - diese Literatur hat das Bild Bahias und seiner Kultur unverwechselbar geprägt. Zu diesem Einfluss gesellten sich dann die Filme eines Glauber Rocha, die Lieder Dorival Caymmys, der Tropikalismus eines Caetano Veloso, eines Gilberto Gil und Tom Zé oder der rhythmische Trommelschlag von Olodum. Niemand kann sich dem Zauber dieses Ortes entziehen, dieses Macondo, das zwischen der dürren Buschlandschaft im Hinterland und dem endlosen Meer zu schweben scheint.

Capoeira, die Küche, der Candomblé und die hier heimische, ganz besondere Form des Karnevals sind die unverwechselbaren herkömmlichen Merkmale dieser Gegend, neben denen es dann aber ein noch weitgehend unbekanntes, zeitgenössisches Bahia zu entdecken gibt. Es gilt, ungewohnte Töne, andere Bilder, neue Texte kennen zu lernen. Bahia stellt sich stolz als einer der wichtigsten der neun Bundesstaaten des brasilianischen Nordostens dar. Als Ort der Begegnung unterschiedlicher Klänge, verschiedenster Ethnien, sich überlappenden Epochen.

Die zur Verbreitung der brasilianischen Literatur im Ausland unternommenen Aktionen des Brasilianischen Außenministeriums und der Stiftung Nationalbibliothek des Bundes-Kultusministeriums erhalten nun durch diese erstmalige Initiative des Bundesstaats Bahia eine wertvolle Ergänzung, welche die Aufmerksamkeit auf den gesamten Nordosten, vor allem aber auf die zeitgenössische Literatur Bahias lenkt. Das soll freilich nicht heißen, dass wir eine regionale Literatur des Nordostens im Sinne haben, denn es handelt sich um eine Literatur, die die unterschiedlichsten Zeiten in einem einzigen Moment, nämlich der Gegenwart, zum Gegenstand hat. So ist sie in der Lage, die uns auszeichnende Vielfalt adäquat wiederzugeben.

Das Kultusministerium Bahias, die Staatliche Kulturstiftung und sein „Beraterstab für Internationale Beziehungen“ haben ein Programm zur Verbreitung unserer Literatur ins Leben gerufen. In diesem Programm ist unter anderem die Herausgabe dieses Sammelbandes vorgesehen, der ausgewählte Werke hier gebürtiger oder ansässiger Autoren/innen in spanischer, englischer und deutscher Übersetzung bekannt machen soll.

Bei der Auswahl der Texte wurden verschiedene Kriterien beachtet: Es sollten lebende Autoren sein, zu beachten waren eine möglichst große Vielfalt der ästhetischen Ausdrucksmittel und die Zugehörigkeit zu verschiedenen Altersgruppen, die Verwendung unterschiedlicher literarischer Stile und eine Vielzahl von Handlungsschauplätzen. Zudem waren vor allem die noch unbekannten Autoren/innen berücksichtigen oder zumindest solche, die außerhalb Bahias noch keine Verbreitung gefunden hatten. Anerkannte Literaturgrößen wie Antônio Torres oder João Ubaldo Ribeiro kamen dabei nicht in Frage, da sie bereits übersetzt und auch im Ausland bekannt sind.

Die Aufnahme ausgewählter Werke dieser 18 Autoren/innen soll keineswegs den Eindruck einer besonderen Ehrung vermitteln, sondern ist vielmehr ein Versuch, neue Formen für die Verbreitung unserer Kultur jenseits der brasilianischen Grenzen zu entwickeln. Der Sammelband ist die erste Initiative dieser Art, und wie jeder Anfang ist auch dieser schwer und eine undankbare Herausforderung, die uns aber gleichzeitig fasziniert. Wir hoffen mit diesem Buch den Weg für weitere Aktivitäten dieser Art bereitet zu haben.

Zum Abschluss möchten wir die Gelegenheit nutzen, den Mitgliedern der Kommission unseren Dank dafür auszusprechen, dass sie sich der Herausforderung gestellt haben, Autoren/innen und Texte verantwortungsvoll auszuwählen. Der Kommission gehörten an: Antonio Carlos Secchin, Schriftsteller, emirierter Professor der Bundesuniversität von Rio de Janeiro und Mitglied der Brasilianischen Academia de Letras; Antonio Marcos Pereira, Kritiker und Professor der Bundesuniversität von Bahia; Josélia Aguiar, Journalistin und Literaturwissenschaftlerin, Kolumnistin der Literaturbeilage der Folha de São Paulo; Jorge de Souza de Araújo, Literaturkritiker und Lehrstuhlinhaber der Staatlichen Universität von Feira de Santana; Milena Britto, Literaturkritikerin, Professorin der Bundesuniversität von Bahia sowie Koordinatorin der Literaturabteilung der Staatlichen Kulturstiftung Bahias; sowie Nancy Vieira, Wissenschaftlerin und Professorin der Bundesuniversität von Bahia.

Wir hoffen, dass sich diese Literatur ihren Platz in der internationalen Kulturlandschaft erobern und damit einen weiteren Beitrag zu unserem bahianische Macondo leisten wird.

*Nehle Franke*  
Generaldirektorin der Staatlichen Kulturstiftung Bahias

*Milena Britto*  
Koordinatorin der Literaturabteilung der Staatlichen Kulturstiftung Bahias



## DER MANN, DER DIE STUNDE SEINES TODES KANNT

(Kapitel aus dem Roman "O homem que sabia a hora de morrer". Verlag Escrituras, 2012. Stipendium FUNARTE zur Förderung der literarischen Produktion sowie Ausschreibung zur Unterstützung der Herausgabe der Werke bahianischer Autoren [Pedro Calmon-Stiftung])

*24. Juni, Jahrestag des Heiligen St. João Batista – Festtag von São João.*

**I**ch bin meines Großvaters erste Enkelin. Nach der in Kleinstädten der Provinz hochgehaltenen Tradition sind es die Großväter, die den ersten Kindern ihrer Kinder den Namen geben. Mein Großvater taufte mich. Er war mir sowohl Großvater wie auch Taufpate. Ich war ihm sowohl Enkelin wie auch Patenkind. Ich genoss seine Fürsorge wie eine leibliche Tochter, die bevorzugte, begünstigte. Es war seine Hand, aus der ich meine Konfirmation erhielt. Meine Großmutter hielt mich an Armen und Beinen fest und er übergoss meinen Kopf, wie der heilige Prophet es mit Christus machte. Ich hörte eine Stimme sagen: „*Dies ist meine geliebte Tochter, an der ich mich erfreue*“? Der Heilige Geist war zugegen, vielleicht in der Gestalt eines Tieres? War er es, der da draußen vor der Kirche so fröhlich bellte? Das Himmelreich war in greifbarer Nähe? Ich war noch sehr klein, ich wurde getauft, ehe ich mir ein Bewusstsein geformt hatte, aber ich erinnere mich verschwommen, wie an etwas, das mir im Traum erschien. Ich erinnere mich, von der Feuchtigkeit des Weihwassers in meinem Haar wie betäubt gewesen zu sein. Und mit der Überschwemmung meines Kopfes, gleichsam atemlos, erlebte ich das erste echte Gefühl von Meer. Das Weihwasser der Taufe reinigte mich, säuberte meinen Körper wie Meereswellen.

Mein erstes Sakrament kam zu mir durch diese ewigen Hände meines Großvaters, der mich in den Wassern badete und mich dabei jene Kunst lehrte, das Unmögliche zu wissen, indem er meine Seele in Gnade tauchte bei dem Versuch, Schuld und jene Sünden vor mir zu verbergen, die ich doch schon in mir trug. Er befreite mich von dem Zustand, eine Heidin zu sein, und weihte mich in andere Rituale ein, auf dass ich diese Welt etwas besser durch ihre Elemente verstehe. Auch durch die Segnung, mit der Bitte, Gott möge mich segnen. Und wenn es denn so wäre, dass es denn auch so sei: dass ich meine Stunde kenne. Mein Großvater heiratete am Tag des Festes von São João. Eines Tages erzählte er mir, wie es war. Er hatte sich selbst geschworen, seine Frau nicht zu entführen, sondern ihr ein ehrenvolles Fest zu bereiten. Nicht, dass seine eigene Mutter ihre Ehre verloren hätte, weil sie einst entführt worden war, schließlich war es ja aus Liebe geschehen. Aber mit seiner eigenen Frau wünschte er sich eine anders

geartete Beziehung, eine ohne diesen Beginn mit einem Menschenraub. Beide Familien bei der festlichen Hochzeit vereint, alle geeint unter dem Segen des Herrn. Er sagte, die Hochzeitsfeier habe nichts Schickes gehabt, wie etwa Feiern in der Stadt. Er erzählte mir, wie es war.

Sie war wunderschön, diese seine Geschichte. Wie war es möglich, dies von meinem Großvater zu erben? Dieses Fest war viel besser, als die Stunde des eigenen Todes zu kennen. Hochzeit in einer festlichen Juninacht, am Tag des Heiligen Sankt João Batista. Eine kleine Zeremonie im größten Raum des Hauses, das er künftig mit meiner Großmutter bewohnen würde. Sie hatten sich am 13. Juni des vorigen Jahres kennen gelernt, am Festtag des Heiligen Antônio, auf dem steilen Weg hinauf zur Kirche und der Heiligen Messe. Wer weiß, ob meine Großmutter dabei nicht schon heimlich den heiligen Heiratsvermittler um das Geschenk dieser Ehe gebeten hat?

Am Hochzeitstag kam ein Pfarrer aus der Umgebung schon früh, speiste zusammen mit allen Verwandten das Rauchfleisch des Mittagmahls, nahm Traubenschnaps mit eingelegtem Granatapfel zu sich und wechselte schließlich im Schlafzimmer seine Kleidung, um alsbald die Heilige Handlung einzuleiten, mit Danksagung für die Gnade. Im richtigen Augenblick segnete er das Paar, las eine kurze Messe, und nach den üblichen Gelübden gegenseitiger Achtung und Treue verschwand er auf demselben Maultier, das ihn hergebracht hatte. Da war bereits Spätnachmittag, die Nacht zog herauf und schon stiegen die ersten Heißluftballons bunt leuchtend ins dunkle Firmament, während aus den brennenden Lagerfeuern knisternde Funken zu sprühen begannen. Die ländliche Hochzeitsfeier konnte ihren Anfang nehmen.

Drei Musikanten aus der Umgebung – drei blinde Brüder – begannen ihre Ziehharmonika mit den acht Bässen, die große Pauke und das Triangel zu spielen, ein aufgewecktes, die Blinden begleitendes Bürschchen sang dies und jenes Liedchen, alle waren zum Tanz geladen. Aber niemand konnte die Stimme des Sängers hören, denn überall war unter den Rauchschwaden lärmende Unterhaltung in Gang, und dazu kamen die Kinder, die draußen verschiedenste Feuerwerkskörper krachen und Raketen, Sternschnuppen und Feuerschlangen in den Himmel steigen ließen. Einen Frosch setzten sie in eine Büchse und jagten Büchse und Frosch mit einem Böller in die Luft, denn Kinder stecken überall und bei jeder Gelegenheit voller Gemeinheit und haben dabei keine Ahnung vom Ausmaß der eigenen Bösartigkeit. Mein Großvater erzählte, wie er Baião getanzt habe und Xote, dass er und Großmutter die ganze Nacht das Tanzbein schwangen. Sein größter Wunsch war – er erzählte mir alles recht zeremoniell, und so ist das, was er sagte, zum großen Teil auch meine Erfindung – dass das Fest so schnell wie möglich zum Ende komme, wobei aber dies Ende nie näher rücken zu wollen schien. Sein Wunschtraum war eben, dass sich endlich all diese Leute davonmachen sollten, damit er mit der Großmutter dort im Zimmer allein bleiben konnte. Der Wunsch war zu schlafen, um danach den Traum träumen zu

können. Insgesamt machten sie dreizehn Kinder. Vier haben nicht überlebt. So blieben neun. Bei der Hochzeit trugen die hinterwäldlerischen Bauern alle Hosen aus Tergal und Hemden aus dünner Baumwolle, weiß oder beige, und sie blieben in Hemdsärmeln, denn nur Großvater trug einen sehr schlecht sitzenden Anzug, falsch zugeschnitten von jemandem aus der Gegend, der sich wohl selbst als „Schneider“ bezeichnete. Und so im Anzug mit Pomade im Haar glich Großvater – darin waren sich alle einig – dem Dichter Castro Alves, nämlich jener Statue dort in der Stadt. Da meine Großmutter den Großvater zärtlich Cecéu nannte, sang das Bürschlein der Musikanten zur Feier des Tages ein bekanntes kleines Lied:

*Schau nur das Feuer, wies lodern tut,  
wie es das Stroh frisst von meinem Hut.  
Wo ist Ritinha, die Cecéu nicht sieht?  
Mit dem Grashalm im Mund lauscht sie meinem Lied.  
Und die Ziehharmonika bald in seinen Händen liegt,  
seine Musik mich sanft in den Schlummer wiegt.  
Beim Fest von Sankt João mit dem Lamm, mein Lieb!*

So verückt dem Bericht von der Hochzeit lauschend, geriet ich in einen rauschhaften Zustand und wünschte mir, dort auf diesem Fest gewesen zu sein, dort getanzt zu haben im Plasma dieser familiären Urzelle, aus der dann viel später mein heutiges Sein hervorgehen würde. Ich malte mir in meinen Gedanken jede Einzelheit der Hochzeit aus, auch jene, die Großvater zu erzählen vergaß: die vielerlei Derivate aus Mais, den süßen Milchmaisbrei, den Maiseintopf, die „Fähnchen“ genannten Maisbrötchen, den am Feuer gerösteten Maiskolben, die in Salzwasser in ihrer Schale gekochten Erdnüsse, und natürlich Großvaters Tanz. Vor allem wünschte ich mir dort Tanzen zu dürfen. Freilich wäre ich ungelenkt, alles schief. Aber ich wünschte mir, mit dem Tanz des Großvaters so zu verschmelzen, dass die tänzerische Bewegung nimmermehr enden möge, dass sie alle Generationen, auch die künftigen, überdauere. Ich wünschte mir eine Hochzeit im Tanz, auf dass mein Sohn tanzend auf diese Welt kommen und tanzend heranwachsen möge. Ein volkstümliches Menuett für die Teilnahme der ganzen Familie wünschte ich mir, auch all unserer Freunde, aller Liebschaften sollten dran teilnehmen.

Ich bin auf diesem Fest gewesen: Denn für die Welt der Vorstellungen und Gedanken sind Vergangenheit und Zukunft Zeiten, die nicht existieren. Was ich mir vom Leben ebenso wie vom Tod erwartete, das war das Fest. Das Fest und die Tanzbewegungen im Laub, in den Wellen, im Körper. Was ich mir immer wünschte, war, dieses Fest zu erben. Und ich hab' es geerbt. In diesem Augenblick hat es für mich alle Bedeutung verloren, die Stunde meines Todes zu kennen, oder wie ich von dieser Stunde erfahren würde. Was ich wollte, das war allein das Fest.

# DIE BLAUEN FRAUEN

(Erzählung aus "Caramujos Zumbis", Verlag Caramurê, 2012)

*„Sähe jemand einen Esel eine Feige fressen oder eine Feige, die einen Esel frisst (zwei Umstände, die außer in der Poesie nicht sehr häufig zu finden sind), so könnt ihr sicher sein, dass er nach zwei oder drei Minuten des Nachdenkens über die Frage, wie er sich zu verhalten habe, den Weg der Tugend verlässt und wie ein Hahn in Gelächter ausbrechen wird“.*

Conde de Lautreamont

Heute ist der Tag des Festes, auf dem getötet wird. Ich weiß nicht, ob Jaguare oder Ameisen, aber sie töten. Wir, die blauen Frauen, haben keinen Zutritt zu diesem Fest. Weiße Frauen und blaue Männer dürfen hinein. Auch die gelben Männer, weiße und schwarze kommen hinein. Die schwarzen Frauen und die gelben. Aber wir, die blauen Frauen, wir dürfen nicht. Noch nie haben sie uns gesagt, wer wirklich stirbt, aber wir vermuten, dass der Tod anwesend ist, denn wenn dem nicht so wäre, dann würde das Fest nicht das Fest, auf dem getötet wird, genannt.

Diese Tradition des Festes, auf dem sie töten, begann vor so langer Zeit, dass nicht einmal wir uns mit Sicherheit daran erinnern können – wenn es denn je überhaupt wirklich einen Beginn gegeben hat – denn wir meinen ja, dass alles aus so weit zurück liegender Vergangenheit stammt, dass es unserer eigenen Existenz vorausgegangen ist. So wäre das Fest, auf dem getötet wird, aus so fernem Ursprung, dass es möglicherweise vor der Existenz der blauen Frauen selbst existiert hat, sodass sie es gar nicht besuchen konnten. Für den Fall, dass dies Fest, auf dem getötet wird, zu einer Zeit existierte, als die blauen Frauen noch nicht existierten, ahnen wir, dass dieses Fest sinnlos gewesen ist, da ja alles Existierende seines Gegensatzes bedarf, seiner Ergänzung, die sich dann in engen Begrenzungen, in Verboten, in unerbittlichen Regeln manifestiert. Auf diese Art gelangen wir zu der Annahme, dass wir selbst es sind, die die Existenz dieses Festes, auf dem getötet wird, legitimieren. Denn um töten zu können, brauchen sie die blauen Frauen. Oder nicht. Auch können wir ja nicht unsere eigenen Schlüsse ziehen, weil die Schlussfolgerungen blauer Frauen über Feste, auf denen sie töten, ohne jeden Wert sind. Wobei aber das Formulieren von Schlussfolgerungen womöglich das einzige ist, was uns blieb, uns, die wir ja das Fest nicht besuchen.

Niemals sagten sie uns, was sie dort eigentlich treiben, wer dort wirklich stirbt, wie man stirbt und warum sie sterben. Sie töten: allein dies ist es, was wir wissen. Dabei haben wir keine Gewissheit, dass sie dort wirklich töten, schließlich haben wir ja nie etwas gesehen, und auch gehört haben wir nichts. In anderen Zeiten fragten wir – und fahren in unserer Epoche mit dem Fragen fort – warum es „Fest“ heißt und was sie dort machen. Nie antworten sie auf unsere Fragen: Sie



beleidigen uns nicht noch verlachen sie uns. Allein, sie geben uns keine Antwort. „Fest“, wäre das nicht eine fröhliche Zusammenkunft, um sich zu zerstreuen? Es sieht nicht so aus, als amüsierten sich jene, die zu diesem Fest gehen, auf dem getötet wird. „Fest“, wäre das nicht eine feierliche Versammlung? Sie scheinen nicht in feierlicher Stimmung, jene, die vom Fest, auf dem getötet wird, zurück kommen. Es gibt keinen Pomp noch gibt es durch Gesetze oder Bräuche diktierte Formalitäten außer jener, die wir ja schon kennen: Blaue Frauen kommen hier nicht herein. „Fest“, wäre das nicht eine Verbrüderung? Sie scheinen keine gemeinsamen Erinnerungen zu pflegen, eines Anlasses zu gedenken oder sich einer Begebenheit zu entsinnen. Sie gehen zum Fest so wie sie von ihm kommen, so als seien sie ohne Erinnerung und ohne Verpflichtung, sie alle langweilen sich auf dem Fest, auf dem sie töten. „Fest“, könnte das nicht der Feiertag eines Heiligen sein? Sie scheinen keine Zuneigung zu irgendeinem mörderischen Heiligen zu pflegen. Wir kennen sie doch, sie sind unsere Nachbarn, unsere Söhne, unsere eigenen Männer: Wir lehren nicht die Verehrung übler Heiliger. „Fest“ ist aber, so glauben wir, ein Akt des gemeinschaftlichen Gedenkens. Ohne den anderen wird es kein Fest geben, und wenn sie niemals gemeinschaftliches Gedenken feiern, weshalb nennen sie dann das, was sie dort machen, „Fest“? Und wer war das, der irgendwann diese Veranstaltung „Fest, auf dem getötet wird“ genannt hat? Das sind weitere unserer Fragen, auf die wir nie eine Antwort erhalten werden. Aber es kommt uns zu, weiter zu fragen. Wieder und wieder und immerdar. Was wohl würde aus uns, wenn wir niemals fragten? Die Fragen wurden erschaffen, um eines Tages gestellt zu werden: Nicht wir werden gegen das Gesetz des Fragens verstoßen, auch wenn alle anderen ständig das Gesetz der Antworten verletzen und uns in Unwissenheit lassen über die Angelegenheiten, die das Verständnis jenes Festes betreffen, auf dem getötet wird.

Vor einigen Monaten hegten wir auch den Verdacht, das Fest könne eine Art Verschwörung gegen uns sein, weil wir blauen Frauen die einzigen sind, die man dort nicht hinein lässt. Aber schnell kamen wir zu der Erkenntnis, dass dem nicht so war: sie waren sehr betrübt, als wir ihnen von unserem Verdacht erzählten. Sie sagten sogar, wir könnten von Glück sagen, nicht zu dem Fest zugelassen zu werden. So lebten wir – genau wie unsere Vorfahren, die von ihren Zeitgenossen den gleichen Vorbehalt zu hören bekommen hatten – lange Zeit mit dem grundlosen Glücksgefühl, etwas ganz Besonderes sein zu dürfen, und es sei eine Gottesgabe, eine Ausnahme von der Regel zu sein. Aber nein. Es gibt glückliche, aber auch traurige Ausnahmen. Aber wir wissen eben nicht, ob die Teilnahme an dem Fest, auf dem getötet wird, eine glückliche Ausnahme darstellt oder eine traurige.

Es wäre eine für uns traurige Ausnahme, wenn auf dem Fest Ameisen getötet würden. Denn wir, die blauen Frauen, würden sehr gerne einem Ritual angehören, bei dem man Ameisen tötet. Vor wenigen Tagen sprachen wir mit einigen von ihnen über Rituale und sie wurden traurig. Und da sie manchmal blauen Frauen

eine Antwort geben, sagten sie: *„Uns gefällt das Ritual, nach den Mahlzeiten die Zähne zu putzen“*. Diese Antwort war uns Anlass genug zu einer Versammlung, um das in diesem Satz Verborgene aufzudecken. Das gelang uns nicht, und wir zogen daraus den Schluss, dass auch jene, die das Fest, auf dem getötet wird, besuchen, ebenso wie wir, die wir es nicht besuchen, das Ritual des Zähneputzens schätzen. Wir sind ein hygienisches

Volk. Und es wäre eine fröhliche Ausnahme, wenn sie auf dem Fest Jaguare töteten. Wir rotten keine Arten aus. Diese Art Opfer unterstützen wir nicht. Ob es wohl wegen mangelnder Unterstützung ist, dass sie uns nicht zum Fest einladen, auf dem getötet wird? Und warum wohl gehen sie weiter auf das Fest, auf dem getötet wird, wenn auch sie keine Fröhlichkeit dabei empfinden? Da sind neue Fragen, die wir, die blauen Frauen, immerfort stellen, wenn wir die finsternen Blicke jener beobachten, die beim Fest, auf dem getötet wird, zugegen sind. Sie schweigen. Sie blicken uns in die Augen und sagen mit ihren Mündern nur: *„So muss es sein!“* Und wir lassen weitere unserer Fragen folgen, die schon bald wie rebellische Zweifel klingen. Wir fühlen uns nicht privilegiert, wenn wir dem Fest, auf dem getötet wird, nicht beiwohnen können. Alles, was wir begehren, ist Teil dieses Festes werden zu dürfen, auch wenn uns das keineswegs glücklich machen würde. Dies sagen wir jetzt zu ihnen, und nun lachen sie und behaupten, dass wir absolut nichts verstünden und keine Ahnung hätten. Dass wir von nichts eine Ahnung haben, das wissen wir schon. Schließlich aber sagen sie etwas, das auf uns, die wir so scharf auf Antworten sind, wie eine Offenbarung wirkt: *„Es ist nicht die Frage, ob wir auf dem Fest, auf dem getötet wird, glücklich sind oder nicht! Wir sind glücklich oder wir sind es nicht. In einem Augenblick sind wir glücklich und im nächsten sind wir es nicht. Teil des Festes zu sein oder nicht, das wird daran nichts ändern!“* Und wir, die wir niemals auf dem Fest gewesen sind und auch niemals dort sein werden, wussten den Wahrheitsgehalt und die Klugheit dieser Äußerung jener, die auf das Fest gehen, nicht wirklich abzuschätzen. Warum sollten sie auch ehrlich sein im Umgang mit uns?

Dass sie Jaguare töten und Ameisen, das sind doch nur unsere Unterstellungen. Wir idealisieren ein Bezugssystem für das, was wir glauben. In Wahrheit hatten wir ja längst Manifeste und Flugblätter zum Thema „Fest, auf dem getötet wird“ produziert. Ich glaube, wir theoretisieren, grübeln und reflektieren mehr als sie selbst über das Fest. Wir erarbeiten Leitfäden und entwerfen Verträge. Wir können den Verdacht nicht zurückweisen, dass sie dort auch Tiere töten, die größer als ein Jaguar sind. In Wahrheit ist es durchaus denkbar, dass sie dort auch Menschen töten. Und wir litten, wenn wir bei unseren Versammlungen entdecken mussten, dass es uns möglich war, sie als potenzielle Mörder einzustufen. Jedoch verflüchtigte sich unser Leiden, sobald uns einfiel, sie könnten dort ja vielleicht auch Tierchen töten, die noch wesentlich kleiner als Ameisen sind, nämlich dermaßen winzige Insekten, dass wir sie mit bloßem Auge gar nicht mehr sehen können. Da

wussten wir plötzlich nicht mehr, wie sie einzustufen seien, denn wir alle waren ja der Meinung, dass das Töten von Ameisen bedeutungslos ist und all jene von einer Einstufung freigestellt werden, die Wesen töten, welche man nicht sieht. Heute denken wir darüber ja ganz anders, denn wir wissen, dass Ameisen und Jaguare den Tod auf dieselbe Weise erleben. Auch ist es uns völlig gleichgültig, was sie dort töten, ob es nun Schweine oder Heuschrecken, Alte, Säuglinge, Protozoen oder Elefanten sind. Was wir verlangen, ist unsere Teilnahme am Fest und dass auch wir töten können, welche Spezies auch immer es sei.

Was uns über lange Strecken unseres Leben verstörte, ist die vollkommene Gleichgültigkeit, mit der sie bei den Festen aus- und eingehen können. Sie geben uns auch nicht den kleinsten Hinweis auf das, was sie möglicherweise dort drinnen treiben. Sie gehen hinein, kommen heraus und gehen wieder hinein. Und wir versuchen mit allen uns zur Verfügung stehenden Mitteln, irgendwelche noch so kleinen Spuren zu finden, in einem verräterischen Blick, einem Lächeln, dem Runzeln einer Stirn, dem Nagen an einer Lippe, aber nichts, absolut nichts enthüllt uns den Sinn dieses Festes.

Kein Ton dringt heraus aus diesem Fest, weder der Freude noch des Leids. An der Kleidung, die sie tragen, findet sich keine Spur, weder Blut noch Schweiß. Es sind ganz alltägliche Kleidungsstücke, die sie auch an beliebigen anderen Schauplätzen tragen könnten, mit keinerlei Kennzeichen, das sie irgendwie hervorheben könnte. Bei der Verständigung benutzen sie keinen Kodex, verwenden keine Signale. Nur dann, wenn Tag und Stunde des Festes, auf dem getötet wird, gekommen sind, dann verlassen sie Haus und Arbeit und ihre Zerstreuungen und begeben sich zum Ort des Festes. Wir aber wissen von nichts, haben keine Ahnung davon, was in jenen abgeschirmten und verschlossenen Räumen abläuft, die doch in einer der Allgemeinheit zugänglichen Straße liegen, durch die wir – die blauen Frauen – unzählige Male gegangen sind, unnennbar viele Male hat unser Blick versucht, Hinweise zu erhaschen. So viele Pläne wurden geschmiedet, in diesen Raum einzudringen, in dem das Fest, auf dem getötet wird, abläuft. Wenn wir versuchen wollten, uns all der Strategien zu erinnern, deren wir uns bei der Erstürmung bedienen wollten – wir bräuchten mehr als einen ganzen Tag, um sie einem Zuhörer zu berichten, einen Monat, ja, bis zu einem Jahr. Die Wahrheit ist, dass uns das Eindringen nie gelang, trotz Hunderter verschiedener Methoden, Tausender Pläne, Millionen von Versuchen. Niemals könnten wir von allen erzählen. Wir sind niemals hineingelangt, das ist die Wahrheit. Nicht dass sie dort den Zugang zum Fest mit besonderer Strenge kontrollieren würden. Aber es gibt eine höhere Gewalt, der wir uns, wir blauen Frauen, unterwerfen, so dass wir selbst dann, wenn wir unserem Ziel schon sehr nahe sind, zurückweichen, ohne zu verstehen, warum. Wir glauben nunmal, es sei unsere Bestimmung, niemals bis zum Fest, auf dem getötet wird, vordringen zu können.

Heute ist wieder so ein Tag des Festes. Der von uns so sehnhchst erwartete Tag. Uns scheint es so, als ob nur wir allein diesem Tag so ungeduldig entgegen fieberten. Diesem Tag, der uns so viel Leid und Ohnmacht beschert, der uns aber auch am Leben erhält und uns vereint. Wir, die blauen Frauen, wissen um unser Anderssein, das gekennzeichnet ist von der Unmöglichkeit, am Fest, auf dem getötet wird, teilzunehmen. Dies beschert uns Glück und Angst. Und erst heute, nach langen Diskussionen und minutiös erarbeiteter Planung, entdecken wir dass vielleicht wir selbst diejenigen sind, die dort draußen sterben, weil sie nicht dort drin sind, und die draußen Gebliebenen töten, wer auch immer hier draußen ist.

## HERR GUIMARÃES\*

(Kapitel aus dem Roman "Nhô Guimarães", Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2006)

– Der Herr Guimarães hier bei uns? So lang isses her! Ah nein, nö nö, issa doch nich', nö! Aba wer sind Sie dann? Steigen Se doch ab, bitte, kommen Se rein, Se können sich wie daheim fühlen. Gleich bring ich Ihnen Wasser, schön kühl. Se werden sehn, das beste kommt hier aus der Tontonne, einer von den alten, die ich noch habe. Probieren Se selbst! So zuerst hab ich Se ja mit jemand andrem verwechselt. Aber is ja nich möglich. Aus der Nähe sieht man gleich, Se sind ja viel jünger. Is ja alles schon so lange her! Aber der Wunsch danach lässt einen Sachen sehen... Wir waren sehr mit ihm befreundet. Er kam imma auf einem Pferd genau wie dem ihren, mit dem gleichen Staub von der Straße. Ich und mein Mann, der Manuel Adeodate, man hat immer in der Hoffnung gelebt, er käme noch mal zu Besuch. Aber is er gekommen? Nö, nich die Bohne! So is die Zeit vergangen, Manu immer älter, bis er dann bald rüber gemacht hat, inne bessere Welt. Ich blieb allein hier am Gebirge. Is ja wahr: Niemand bleibt für imma als Samen, is ja wahr, oder nich?

Herr Guimarães, also nie wieder isser gekommen. Aber ich hab imma gewartet, hab imma auf der Lauer gelegen, wo er doch versprochen hatte, dass er kommt! Versprochen, das is wie ein Vertrag, muss man doch halten. Manu hat sich das so gewünscht, er hat in der Erwartung gelebt, dass der Herr Guimarães erscheint. Und der soll jetzt MIR das Versprechen einlösen. Nich?

Aber wer sind dann Sie, so'n junga Herr, und hier in der Gegend! Ganz verstaubt, da sieht man ja gleich den weiten Weg, und das Pferd, so verschwitzt. Nu machen Se sich mal keine Sorgen und ruh'n Se sich aus. Als ich den Herrn so kommen sah, hab ich gedacht, das issa! Aber sah ja wirklich so aus. Gleich hab ich dann gemerkt, dass er es nich war! Sogar das Pferd is so ähnlich; oder vielleicht auch nich, meine Augen sind ja schon ziemlich schlecht. Die Zeit geht vorbei und nagt an den Leuten, nö, immer mehr, und eines Tages verschwindet wieder einer mehr in die Ewigkeit. Was soll man machen? Fertig! Jetzt muss ich Ihnen aber die lange Geschichte erzählen. Kommen Se, machen Se sich's bequem. Noch etwas Wasser? Gleich mach ich uns noch nen frischen Kaffee. Der gnädige Herr is ja so modern, dass Gott segne! Bis das Wasser kocht, hör'n Se mal zu. Kostet ja nüscht, ein paar Finger breit Prosa. Wie damals mit ihm, in der guten alten Zeit. Nö?

Der Herr Guimarães is ja hier ein paarmal erschienen, das war in den damaligen Zeiten. Man konnte gleich sehen, dass es ein Herr war, der da zu uns

---

*\*Die Erzählung basiert auf der Biographie des brasilianischen Schriftstellers, Arztes und Diplomaten João Guimarães Rosa (1908-1967) und dessen Meisterwerk „Grande Sertão Vereda“.*

auf dieser Seite gekommen war, aber nur zu ganz bestimmten Lokalitäten. War beritten, pure Schönheit, im Passgang schaukelnd, so Klipp-Klapp, Klipp-Klapp. Epa! Diah! Ich wie immer, nur Auge und Ohr, hörte Manu und ihm immer nur zu bei ihrem Schwatz unter Männern in unsrem Haus. Heute hätte ja ich hier das Sagen, bin im Kommando. Damals nich: da hörte ich nur zu. Ich erzähl Ihnen das Leben auf meine Weise, die lange Art. Ich lasse nix weg.

Manu und der Herr Guimarães hatten genau hier in diesem Zimmer viele lange Gespräche. Da wurde gelacht, mir selbst gefiel am meisten so leichtes Geschwätz. Dem Herrn gefiel das auch, mit sehr achtsamem Blick. Manu bei seinen Sachen ging lieber gern in die Breite, worum es auch immer ging. Und ich da, mucksmäuschen, nö.

Unser Sohn, noch ganz klein, beobachtete mit großen Augen, immer in Gefahr, dass Manu ihn zur Ordnung rief: „Nu mach, dass du reinkommst, dieser Junge! Wo gibst's denn das, ein Bub die Erwachsenen belauschen!“ Es war Manus große Achtung vor diesem Mann von Welt.

„Lass ihn nur“, sagte der aber, ohne zu gucken, allein im Verstehen der Situation. Also ließ Manu den Kleinen bleiben. Es war so gut, nö?

Ein anderes Mal kurz vor Abend, die Sonne im Sinken, hockten die beiden im Garten und rauchten diese Zigaretten. Manu wusste, wie man sie macht, den Tabak schneidet, das Maisblatt anleckt. Sie machten sich diese Mühe, drehten sie ganz konzentriert zwischen den Fingerspitzen. So mit Glut, die ich aus der Küche holte, zündeten sie diese besten Zigaretten an. Sie genossen den Rauch, wenn er in der Luft schwebte, bliesen ihn fort. Vorher hatten sie Kaffee getrunken, den eigenen, von mir geröstet und im Mörser gemahlen, mit Nelken gebrüht. An solchen Tagen machte ich das ja besonders gern. Es waren keine gewöhnlichen Tage, so voll von all diesen Gesprächen.

Wenn Manu seine Geschichten erzählte, sah man am Gesicht von Herrn Guimarães, dass sie ihm gefielen, er kaute die Sätze wieder, erfand noch diese oder andere Einzelheit und erzählte alles auf seine Art wieder. Man konnte glauben, die Geschichte war neu. Es war aber die gleiche.

Er war ein Mann, von großer Bedeutung, ein ausgezeichnete Doktor sowohl im Busch wie auch in der Stadt, vertraut mit vielen Orten, Kenner aller Durchgangsstraßen. Zuerst kam er ja hier aus der Gegend, den entlegenen Distrikten, die sowohl der Wind wie auch die Straßen meiden. Dann aber nach und nach war er immer weiter entfernt, bis in wirklich ganz große Städte. Nur noch ab und zu kam er zurück, brachte Neuigkeiten.

„Gott im Himmel, Herr Guimarães in den Gerais\*“ wurde Manu nicht müde zu sagen.

Irgendwas Gewisses war mit dem Doktor, eine Sache wie nur bei besonders bewanderten Leuten. Bei langen Gesprächen, mitten in der Prosa, zog er ein Heft aus der Lederweste und schrieb sich was auf. Was ich wirklich gern gehabt

---

\*"Gerais", entlegene Gegend im Inneren Bahias an der Grenze zu Minas Gerais

hätte, das wäre so ein Hut wie seiner gewesen, um ihn dort oben an meiner Wand aufzuhängen, als Erinnerung. Aber ich brachte es nicht heraus, ich wusste nicht, wie darum bitten, nö, heute tut's mir leid. Ich wünschte, ich hätte in meiner schäbigen Hütte irgendein Zeichen von seinen Besuchen. Wenn ich irgendjemand erzählen würde, dass der Herr Guimarães bei uns gewesen war, würde ich auf den Hut zeigen können als Beweis.

Also hören Sie mal. Ich erzähle Ihnen, wie es gewesen ist. Herr Guimarães kam uns besuchen, danach verschwand er auf längere Zeit, ohne Nachricht zu geben. Aber danach kam er doch immer wieder. Heute schien es ja beinahe so, aber dann waren's Sie, es wäre sehr schön gewesen, es hätte mir sehr gefallen. Ich bin wie Manu in den vergangenen Zeiten, genau wie er im Alter. Aber jetzt Sie so vor meinen Augen, sind ja beinahe an seiner Stelle, seit der gnä Herr nicht mehr erscheint. Er muss ja schon ein krummes Alterchen sein. So gesehen, ist es sogar interessant. Die Zeit vergeht und ist schließlich vorüber. Der Vogel da draußen singt zwar noch immer, aber es ist ja längst ein anderer. Dass der gnä Herr nach sehr weit fort gemacht hat, das habe ich gewusst. Wir sind hier traurige Leute, sogar das Gestrüpp, sehen Sie bloß... Ganz anders als in den guten Zeiten, wir und unser kleiner Bub, Manu springlebendig – Gott sei ihm gnädig – bestimmte Änderungen sind die Arbeit der Zeit. Ich habe ja Sehnsucht nach Manu, heute haust er in einem blumigen Grab, das pflege ich immer. Allerseelen, da gehe ich gern hin und unterhalte mich mit ihm, erzähle ihm, was es Neues gibt. Ich hier, solange ich nicht zu ihm in seine Grube komme, habe ja noch einen großen Wunsch: Ich würde so sehr gern was von unsrem Sohn wissen, der sich da in der weiten Welt verloren hat. Das Leben ist so gefährlich, aber noch immer habe ich ein Fitzelchen Hoffnung. Wer weiß schon, was morgen sein wird? Man soll die Hoffnung nicht aufgeben, nö?

Herr Guimarães und Manu haben sich in ihren großen Gesprächen sehr gut ergänzt. Höre zu: Manu erzählt ihm eine Geschichte, dann erzählt Herr Guimarães dieselbe, aber mit anderen Worten, darunter viele, die die Leute nicht kennen, die aber sehr schön klingen. Einer erzählt, der andre verbessert, dass sie lachen, und ich tu' nur schauen und will jetzt kein Hundegebell hören, kein Miau von der Katze oder Muhen der Kuh. Nichts anderes will ich hören außer diesem Gespräch, das sie mit Kaffee und Zigarette genießen. Nö, nicht wahr?

Es gab diese gute Phase mit vielen Gesprächen. Danach führten die Reisen Herrn Guimarães allzu weit weg und wir hier in der Erwartung, dass er doch mal vorbeikommt. Aber er kam nicht. Manchmal zog Herr Manuel mit einer Rinderherde vorüber, den haben wir dann gefragt. Er wusste zu berichten, dass sich Herr Guimarães immer tiefer in seiner Berühmtheit verstrickt hat, sehr wichtige Posten in der großen Stadt, und keine Zeit, sich mit uns Leuten zu unterhalten. So isse eben, die Großstadt, verzaubert die Leute und bringt sie zum Schweigen. Gott soll uns schützen! Unsre Kinder gehen dort hin und kommen nie wieder. Oder manchmal ganz selten, nur für den Festtag. Sie verwandeln sich in andere Menschen. Viele leben dort und kommen dort auch zum Ende, die Leute

hier müssen mit der Erinnerung zufrieden sein. Die Kinder kennen ihre eigene Vergangenheit nicht mehr, löschen im Gedächtnis die Familie aus, da bleibt nicht mal ein bisschen Freundschaft. Der Herr kommt von dort? Oder ist einer von denen? Was bringt Sie zu uns an dieses Ende der Welt?

Die Leute verwickeln und verstricken sich in den Eingeweiden der Großstadt. Unser Sohn ging dorthin und hat sich dann dort verloren. Dort, sagen sie, gibt's soviel Reichtum, es ist so leicht, Geld zu verdienen. Ein einziges Mal sind auch wir dorthin, zwei ganze Tage in einem großen Bus voller Leute. Aber, was für eine Reise! Hat uns gar nicht gefallen. Gott schütze mich, niemals an einem solchen Ort wohnen zu müssen. Alle Leute rennen gereizt durcheinander, keiner sagt Guten Tag. Seit unser Sohn dort ist, hat er uns schon lange keine Nachricht mehr geschickt; wir sind mit dem Herz in der Hand geblieben. Er ist von seiner Adresse verschwunden. Das haben wir durch einen Boten erfahren, hier an der Tür. Ein gestandener Mann, schon graues Haar, verschwindet einfach so von seiner Adresse. Hinterlässt keinen Hinweis, so weit ich weiß. Die Nachricht hat mir das Wasser in die Augen getrieben. Mein Alter hat sich beim Beten aufgerichtet, seinen krummen Rücken gerade gestreckt, um dieses letzte seiner Kümernisse zur Ruhe zu bringen. Dieses Wissen, mein Herr, das ist sehr hart! Das haben alle gemerkt. Ein Sohn, den man verliert, der bleibt für immer in der Erinnerung. Eine Ernte um die andere haben wir auf ihn gewartet, dass er zurückkommt. Wo überall ist er gewesen? Hat er geheiratet, hat er Kinder? Aber er kam nicht, bis unsere Hoffnung verwelkt ist. Bis heute wundere ich mich. Wenn einem der Sohn stirbt, hat man doch ein Grab in der Nähe, das man besuchen und pflegen kann, eine Kerze anzünden, ein Gebet murmeln. Der Herr geben mir Recht? Oder halten Sie sich von dieser veralteten Meinung? Sehen Sie? Der Herr ist eben noch sehr modern. Womöglich gehört er sogar zu diesen Leuten, die nicht mehr an Gott glauben. Fast hat's den Anschein! Hat der Herr irgendein Geheimnis? Warten Sie ab, immer mal wieder macht die Zeit einen Seufzer. Das ist der Augenblick der Gefahr, dass sich die Leute selbst entdecken, wie eine Schachtel, die auf den Boden fällt und den Inhalt verstreut, allen sichtbar. Ist es nicht so? Es gibt Erfahrungen, da werden die Haare über Nacht weiß. Manche bringen Ärger und Trauer. Gut und Schlecht sind wie zwei Brüder, Arm in Arm: Alle Vorsicht ist nicht genug. Das kann ich dem Herrn erzählen, denn noch nie habe ich mich jemand so weit geöffnet, in all den Jahren, die es mich schon gibt. Nichts Schlechtes habe ich gemacht, mit Boshaftigkeit will ich nicht leben. So viele Sachen habe ich vergessen, Jahr um Jahr: es blieb alles eingesperrt da drin in einem Weitweg von mir.

Der Herr braucht mir nicht glauben, diese Anstrengung will ich gar nicht verlangen: es genügt zuzuhören. Das tut schon seine Wirkung. Zu glauben oder nicht, das hängt von der Person ab. Ich erzähle im Vergnügen, den Fall zu erzählen. Alles Übel kann man heilen mit der richtigen Art zu erzählen. Ob Sie's glauben oder nicht, auch im So-tun-als-ob lernt man, was das Leben ist. Mit der Zeit lernt man alles, was das Leben sein kann. Denken Sie mal drüber nach, dass sich das Leben aus nur ein wenig Freude, aber vielen Schmerzen zusammenbaut.



Aber lass nur. Herr Guimarães is ein besseres Thema. Er hat uns mit seinen Besuchen viel Freude gemacht. Wenn ich dies Klipp-Klapp Klipp-Klapp von Hufen höre, ist er es vielleicht, wie damals. An gewisse Geräusche erinnert man sich das ganze Leben. Als der Herr kam, hab ich beinahe IHN gesehen. Aber was! Er kommt nich, nimmermehr. Vielleicht is er ja zum Reiten zu alt? Oder gestorben? Manu glaubte das fest, wegen der Zeichen. Ich wollte es nie glauben, hab ich's denn gesehen? Aber es kann schon sein. Es gibt Zeichen, die sind zu respektieren.

Trotz meiner siebzig Jahre kann ich mich erinnern. Einmal ging Manu nach den Wegrändern schauen. Dort hockte er sich hin und rollte seine zwei Zigaretten, rauchte erst eine, und dann die andre. Ob er wohl käme? Ich so wie jemand, der damit gar nichts zu tun hat, beobachte dieses stumme Erzählen, die alte Prosa der beiden. Manu wie immer wartet auf das Glück: Da erhebt sich doch eine Staubwolke über dem leeren Weg. Und plötzlich das Klipp-Klapp Klipp-Klapp, waren das wirkliche Hufe? Oder aus früheren Zeiten? Aber genau genommen: Wo Rauch is, muss auch das Feuer sein, oder, wie wir sagen: Wo der Wald, da is auch der Vogel. Ja eben! Aber er kam nich. Es war nur Staub, nö? Ein Windstoß, einer dieser Wirbel. Manu hat sich bekreuzigt. Ich glaub ja an Gottvater! Herr Guimarães, der war nur im Wünschen der Leute, also im Nichts. Diese Sachen der anderen Welt, was meint der Herr, sind se möglich? Für mich, nich ja und nich nein. Manchmal stell ich es mir vor. Kommt drauf an, nö? Aber ob es sie gibt, diese mysteriösen Sachen, die gibt es! Man reißt die Augen weit auf, aber kann nix sehen, dabei ist es doch da, direkt vor deiner Nase.

Nehmen Se mal zur Kenntnis oder schreiben Se's auf, wenn Se wollen: Herr Guimarães kam das erste Mal, da war er noch jung, die Worte von Manu in sein Heft schreiben. Ja, er war ein junger Doktor, aber von Methoden und Mitteln, wie nur weit weg in der großen Stadt. Nu wollte er den Nutzen studieren von dem, was wir im Garten ziehen. Das machte Sinn: Manu war in der ganzen Gegend bekannt, er wusste für jede Krankheit ein Mittel, eben so nach seiner Art, wie ers durchs Behandeln gelernt hat. Die Leute wurden gesund mit Schneckensirup oder Kräutern wie Arruda und Quitoco oder vielen andren, so gut all diese Gerüche. Er zeigte den Leuten, wie man ein Kräuterbad richtet: Zweige und Blätter muss man ganz früh sammeln, noch vor Sonnenaufgang, dann den Aufguss stehen lassen, im Dunkeln, und dann am Abend im Mondlicht das Bad, danach kein Handtuch, nö, den Körper so allein trocknen lassen. Das machte unfehlbar gesund! Wenn der Kranke aber nicht gesund wird, ha, dann hatte er's eben nicht verdient, nö.

Außerdem erzählte Manu seine andren Methoden, so fürs Leben, dass einem der Mund offen blieb: die Leute aus der Gegend, die wussten und hatten keine andere Wahl, deshalb suchten se seine Hilfe. Er streckte den Arm rüber zu der Person, schaute lange in ihre Augen, untersuchte:

„Dass Gott dir helfe, das war der Böse Blick“. Und schon ging er die richtigen Kräuter zu sammeln und Gerüche und Wirkungen abstimmen. Dann kam er von dort mit seinen Kräutern zurück. Danach strich er mit dem Strauß über

den ganzen Körper, gab ihm ein trockenes Bad mit den Worten: „Mit Christus segne ich dich, mit Christus vergebe ich dir...“, dabei wurde seine Stimme immer leiser, bis er nur noch die Lippen bewegte, immer mit den Kräutern den anderen badend, bis sie ganz welk waren. Der Herr kann sich's denken: Mit der Kraft dieser unhörbaren Worte saugten die Pflanzen alles Übel in sich hinein. Alle Feindschaft und Verwünschung blieben an den Kräutern kleben. Die verdarben schnell, unter dieser Last.

Der Herr Guimarães hatte von dem Ruf Manus in der Gegend gehört, kam wegen einem Fall, den sich die Leute mittlerweile so unter der Hand zugeraunt haben, suchte eine Erklärung. So geht es manchmal, Se können mir glauben. Bei diesem Licht, das mich bescheint, sage und garantier' ich dem Herrn: ich kann das auch unterschreiben. So lang ist's her! Er wollte Manus Kenntnisse lernen, wie sonst sollte er wissen, ob eine Krankheit nur für kurz war oder ganz lange Zeiten? Oder überhaupt nicht zu heilen war? Manu hatte, soviel ich weiß, auf seine Art kein Vertrauen in fremde Leute. Er unterhielt sich nur am Spätnachmittag. Stell'n Se sich vor, erst wenn die Grillen schon im Dämmern singen, und Herr Guimarães machte Späße und lachte auf eine ruhige Art, langsam wuchs so das Vertrauen, bis sich Manu in der Situation wohl fühlte. Von da an waren es dann immer diese Nachmittage. Er kam im Geklapper der Hufe, wie ich Se schon hab wissen lassen. Ach, wenn ich einmal so ein Pferd haben könnte wie seins.

Es war schon ein Ritual: Manu erscheint vor dem Haus:

– „Steigen Se ab, Herr Guimarães. Kommen Se rein, der Kaffee is frisch gemacht!“

Sie unterhielten sich über schwierige Fälle. Unser Kleiner in der Ecke mit den Ohren gespitzt. Nur dass er Vaters ernstem Blick zu verschwinden nich gehorchte. Er kam sich ganz wichtig vor, diesen Herrn lachen zu sehen und die Manier, wie der seine Brille auf der Nase hochschob.

Der Hocker bohrte mit seinen wackligen Beinen kleine Löcher in den Lehm Boden unseres Hauses. Schau nur, dort. Herr Guimarães war ja mehr als von großer Vorzüglichkeit, nö, ich dachte an meine verborgenen Wünsche, dass der Kleine dann als Erwachsener so von der Ähnlichkeit sein sollte wie er, dieser hübsche Mann. Dessen Rede streut Worte, die das Gespräch befruchten. So vom Allgemeinen zum Besonderen kam er schließlich zum Kern seiner Neugier:

– „Woran erkennen Sie, ob eine Krankheit leicht oder schwer ist?“

– „Gnä' Herr fragen genau was?“

– „Wie können Sie wissen, ob eine Krankheit vorübergehend oder chronisch, das heißt, dauernd ist?“

– „Ach lassen Se's... warum die Frage?“

– „Ich fühl mich wie zerschlagen, muss dauernd gähnen...“

Ach so... Manu ergriff die Hände des Besuchers, ließ die Finger einen nach dem anderen knacken, schaute ihm tief in die Augen. Dann ließ er mich im Krug Wasser aus der Tonne schöpfen, stellte diesen in die Mitte des Wohnraums, hielt

die Handflächen mit geschlossenen Augen drüber. Schweigen. Dabei machte er wohl ein kurzes Gebet. Ich kannte ja schon seine Praktik, nö, und brachte auf der kleinen Schaufel etwas Glut, die ich mit dem Schürhaken aus dem Küchenherd zog. Manu nahm sie mir aus der Hand, näherte die Schaufel dem Wasser und ließ den Herrn Guimarães sich über den Krug beugen. Die Glut fiel mit einem nervösen Blubbern in den Krug. Der aufsteigende Dampf schlug dem ins Gesicht. Herr Guimarães seufzte, er war mit diesem Unterricht sehr zufrieden. Manu wartete, bis sich das Kochen im Krug schnell beruhigt hat. Dann las er, was ihm der Dampf sagte, und gab die Antwort:

– „Der Herr kann beruhigt sein, das ist ein vorbeigehendes Nichts, ohne jede Gefährlichkeit. Nehmen Sie einen Beifußtee, gleich beschaffe ich die Blätter, wenn sich der Herr auf die Socken macht.“

– Aber wie wollen Sie das wissen?“ bohrte Herr Guimarães nach. Manu antwortete:

– „Nu, der Herr muss ganz stark wollen, innen drin, den Fall zu verstehen, mit aller Kraft. Und so dann das Wasser, den Dampf, die Blasen befragen. Sie geben Antwort.“

– „Und was sagen sie?“

Manus Antwort:

– „Wenn die Asche zum Boden absinkt, dann ist der Fall ernst. Da kann man schon die Trauerfeier bestellen. Schwimmt die Asche oben, dann ist es ein Fizz von Nichts, ohne jede Bedeutung.“

– „Ach so“, wunderte sich der Herr Guimarães. Dies Achso wiederholte er mehrere Male. Dann kam er auf andere Fälle, immer begierig zu wissen. Alles landete immer in seinem Heft, Punkt für Punkt. Er war weit gereist, klug, mit einer Sprache so sanft wie ein warmer Nieselregen am Ende des Tages. So hab ich den Wunsch gelernt, so zu sein so wie er. Er nahm einen so sehr für sich ein, der Herr Guimarães zu jenen Zeiten. Jetzt ist nur noch Erinnerung. Wie lang isses her? Weiß ich das wohl? Die Januare gingen vorüber, es fielen ungezählte Regen, das Gras wuchs, die Bäche schwollen an und trockneten wieder aus. Wir hier in unserem Trott beim Pflanzen, Ernten, Aufziehen, unsre gewohnte Art, das Leben zu leben. Er hat sich für immer davon gemacht, in die Städte voll großer Geschäfte und guten wie auch bösen Menschen. Sogar bis ins Ausland. Er war sehr gefragt. Er nahm die Art der Fälle mit sich, denen er zuzuhören und die er zu erfinden gelernt hatte. Es war, dass er berühmt wurde mit den Geschichten, die er schrieb, er, mit seiner feinen Stimme. Er schrieb diese so ganz unwichtigen Angelegenheiten von uns Leuten; so bekamen sie plötzlich einen Wert! Ein ums andere Mal kam er noch hier vorbei, ein reifer Mann, der nicht mehr so viel lachte. Oder habe ich das geträumt?

– „Dem Herrn Guimarães geht es sehr gut!“ sagte Manu

– „Woher willst du das wissen, Mann?“

– „Weil ich weiß. Ich hatte eine Einsicht.“

Herr Guimarães in der weiten Welt draußen und wir Leute hier in ewiger Erwartung. Ja, aber es ist auch sicher, dass es wenigstens einmal diese Begebenheit gab. Oder nicht? Nur einen Augenblick im Vorbeikommen umarmten sich Manu und er, wobei er um ein paar Ratschläge bat. Etwas, das mit seinem Eintritt in eine sehr berühmte Sache zu tun gehabt hatte, dort in einer dieser großen Städte. Ich war auf der Suche nach einem verschwundenen Hahn da draußen gewesen, und als ich zurückkam, ohne eine Ahnung zu haben, bekam ich die Einzelheiten zu hören. Gerechter Gott! Die Welt ist voll Wunder: Der Mund steht uns offen. Hören Sie doch mal diesen Dialog. Danach nehmen wir noch einen frisch gebrühten Kaffee...

Ich hätte ja gern einen Enkel, der dort im Eck mucksmäuschenstill und uns zuhört. Die Natur ist eben eines, wir sind mehrere verschiedene Eines. Täuschen Sie sich nicht, das Leben ist ein reißender Fluss. Ich hab mit diesen meinen eigenen Augen gesehen, dass die Erde verschlingt. Aber ich habe auch meine Zweifel. Oder habe ich die Wahrheit geträumt? Die allerletzte Unterhaltung der beiden Freunde. Wenn der Herr wünscht, kann er gerne notieren. Zuerst sagte Manu:

– „Ich finde, der Herr sollte sich in diese Sache nicht einlassen. Finde ich.“

– „Aber warum nicht?“ fragte der gnä' Herr.

– „Wie der Herr selbst mal erzählt hat, hat er es schonmal versucht und wurde nicht angenommen“.

– „Aber jetzt wollen doch alle, dass ich eintrete“, erklärte er. Manu sprach weiter:

– „Es ist doch so, dass der Herr als einer von hier eine wahre Person ist. Aber dort zwischen den Anderen sind nicht alle auf diesem Stand. Die Falschheit ist ein verstecktes Übel“.

– „Was rätst du mir also in genauen Worten?“

– „Oh, nichts. Aber die Art unsres Lebens so genau beschreiben zu können, das ist doch eine Gabe“.

– „Ja und?“

– „Wenn der Herr am Zweifelhaften teilhat, wird er nicht seine Gabe verlieren?“

– „Und wenn ich sie verlöre, dann müsste ich sterben?“

– „Das weiß ich nicht. Der Herr selbst muss das wissen. Jeder macht sich ja sein eigenes Schicksal. Aber denke erst mal ein paar Jahre nach. Für alles kommt die rechte Stunde, auch bei Herrn Guimarães. Wer schreibt gerade auf krummen Linien? Die gute Frucht gibt's nur zur richtigen Stunde.“

Nach den Worten Manus schwiegen die beiden. Diese Unterhaltung war die ernsteste, die sie je hatten. Der vergessene Kaffee hörte auf, seine Dampfkringel in die Luft zu zeichnen. Ich blieb sitzen, sie hatten mich nicht einmal bemerkt, niedergeschlagen wie sie waren. Ich als Außenstehende verstand ja nichts von den Knoten, die sie zu lösen suchten. Manu hatte einen feuchten Schimmer in seinen Augen. Dann straffte er seinen Körper, endgültig gefestigt in seiner Überzeugung. Die beiden schauten sich voller Ernst in die Augen.

- „Also, werde ich wirklich sterben?“
- „Herr Guimarães, ein Mann Ihres Kalibers, der stirbt doch nich...“, von Herrn Guimarães hörte ich einen tiefen Atemzug, während Manu sein Urteil sprach:
  - „...sondern bleibt für ewig unsterblich!“

Eine riesige Stille breitete sich aus. In meinem Inneren hörte ich nur die Gespräche der Vergangenheit. Noch nie hatte ich die beiden so traurig gesehen. Danach nahm Herr Guimarães Abschied, mir schien, mit Wasser in den Augen. So ritt er langsam davon und verschwand im späten Nachmittag auf der staubigen Straße. Lange Zeit hörten wir nix von ihm. Bis eine Nachricht kam, mit allen Einzelheiten. Herr Guimarães wird nie, nie mehr kommen. Manchmal versuche ich die Tatsachen zu vergessen und warte auf einen neuen Bericht von der Lage. Wir Menschen müssen doch etwas auf unsre Gefühle geben, finden Sie nicht, mein Herr? Wenn ich doch diesen Mann immer so lebendig gesehen habe, so lebendig wie bis heute in meiner Erinnerung, dann ist er für mich immer am Leben.

## FRÜHLING IN DEN KNOCHEN

(Auszug aus dem Roman „Primavera nos ossos“. São Paulo, Ed. Casarão do Verbo, 2010)

Zwischen den Bambusstauden das schwache Licht der Morgendämmerung 4 Uhr 30, 4 Uhr 40, fast 5 Uhr morgens. Während die Sonne allmählich emporsteigt und in die Stadt eindringt, schleppt sich der Schatten ihres Gesichts von Laternenpfahl zu Laternenpfahl wie der Reflex einer Autoscheibe, der durch die Landschaft gleitet. Ihr Gesicht, sein ovaler Umriss. Der Geruch ist der einer Schwerverletzten. Teils ist das Gesicht hinter Haarsträhnen verborgen. Wir können ohne zu irren behaupten, dass ein Teil des Gesichtes aus Sand und Wind ist. Oder, viel besser gesagt: Wind, Sand, Gesicht und Haarsträhnen haben in Wahrheit keine Bedeutung. In Wahrheit ist sie im Begriff, aus der Hölle ins Leben zurückzukommen. Sprachlos. Noch halb vom Schreck erstarrt. Allein. Nämlich so:

Sie rappelt sich hoch, überprüft die weitgehend zerfetzte, blutverschmierte Kleidung, richtet sie soweit möglich. Sie versucht mit fahriger Hand den Schmutz vom Stoff abzustreifen. Vergebens. Wie Dante berichtet, herrscht in der Hölle eine Kälte, die selbst die Knochen gefrieren lässt. Verkehrte Bewegungen. Sie geht langsam, als trüge sie das Entsetzen noch in sich, das sie vor Stunden bei der Erkenntnis überfallen hatte, dass sie in der Tat Opfer eines Angriffes war.

Am Rand des Todes, Amputation.

Der Schlag.

Der Hieb.

Es genügt ein Funken des Erlebten, und wie ein Blitz wird die Erinnerung an den Angriff automatisch lebendig: Wie der Biss einer lauernnden Schlange oder ein Feuer speiender Drache.

Sie schüttelt den Kopf. Sie muss verhindern, dass der Funke zum Feuer wird, das sie in die Hölle zurückwirft. Jetzt nicht daran denken, keine Einzelheiten in Gedanken wieder und wieder hin und her wenden. Da ist ja auch noch die andere Realität: Der akute, wirkliche Schmerz, wie die Zange, mit der Zähne ausgerissen werden, wie kochendes Wasser, das den Körper, das Geschlecht, die Füße verbrüht, besonders an den Brüsten und den Bisswunden dort. Und die Blutergüsse am ganzen Körper, würden sie je wieder verschwinden?

\* \* \*

Leicht dagegen ist es, daran zu denken, wie sie mit ihm reden würde. Nicht wie jemand, der bei der Rückkehr aus kurzer Ohnmacht noch ganz verwirrt mit einem nicht existierenden Gegenüber zu sprechen beginnt. Nichts vom Flattern

eines Schmetterlings auf der Suche nach einem Landeplatz zwischen wilden Blüten. Das mag zwar schön sein, ist aber Unfug und betäubt keinerlei Schmerz. Keine Ausflüchte, keine Andeutungen, keine Zerstretheit. Wenn sie ihm jetzt in die Augen sehen, etwas Belangloses sagen könnte – keine Erwähnung von Schmerz, jetzt lieber noch nichts von Schmerz. Sich mit Leichtigkeit umgeben, vom Frühling plaudern, von cremigem Espresso und genau der richtigen Temperatur von Rotwein, oder ob man Mentholzigaretten besser nicht rauchen sollte, über das Wetter in Salvador. So etwa wie ein Mandelbaumblatt im Wind: Leicht in seinen rötlich getönten Einbuchtungen und unbrauchbar für seine ursprüngliche Funktion als Blatt. Irgendwo hat sie mal gelesen, dass echte Freunde nur der Nähe bedürfen und keine Fakten oder Geständnisse brauchen. Sie akzeptieren dich so, wie du bist, kommen deinem Herzen ganz nah, ohne doch einzutreten, bleiben davor als treue Wächter, die im Morgengrauen zur Ablenkung Geschichten erzählen.

Ein Gespräch als Krücke für den Körper, ein Gespräch als Pfeiler, als griechische Säule zur Stütze des Schmerzes. Bring diese Blutung zum Stillstand, Lieber. Mach insgeheim einen Zauber, damit sich dieser geschundene Körper wieder aufrichten kann, dass der Schmerz sich in Grenzen hält, nicht so schneidend und stechend bleibt. Im Schaukasten brav, wie Baudelaire einmal gesagt hat und Ana C. wiederholte. Auch wir wiederholen, warum nicht? Wohl und betäubt, bitte. Sie muss einen Schritt machen, dann den nächsten. In der Hölle gibt es Kohlenmonoxid im Überfluss. Aus der Hölle hat man ganz verstoßen, aber mit Entschlossenheit zu verschwinden. Und von Neuem die Wiedergeburt. Sing mir ein altes Lied: Wir haben dich mit dem Dorn verletzt, aber du bist eine Rose und blutetest nicht; wir haben dich mit der Nadel gestochen, aber dein Körper ist wie ein Wollknäuel und öffnete sich; wir haben dich mit Gottes Hand zu verletzen versucht, aber du bist eine Göttin und entweichst elegant zur Seite.

Es ist so einfach, ihn um Hilfe zu bitten.

So unmöglich, sie zu erhalten.

Ein Dämon spielt auf dem Klavier.

Oder ist es eine Klarinette?

In weiter Ferne tanzt der Dämon.

Oder etwa in ihr?

Während sie versucht, ihn im Geiste aufzuspüren, um von allem anderen zu reden, nur nicht von der Gewalt, und allein mit ihm, nur mit ihm darüber zu reden, fühlt sie die Welt sich verfinstern. Ein Anfall von Schwäche lässt sie stolpern. Schwindelgefühle und mangelnde Fähigkeit, endlich Ordnung in die Ereignisse zu bringen. Die Verbindung bricht ab, sein Bild verschwindet.

Welch ein Unglück.

Diese ernste Stimme verschwindet, diese Ruhe zwischen seidigen Laken, wenn sie sich an ihn schmiegt.

Welch Elend.

Wie kann sie ihm näher kommen, wieder diesen Duft an der Stelle hinter seinem Ohr atmen, den es nur an dieser Stelle hinter seinem Ohr gibt?

Über sein Haar streichen, die Lippen ganz nah, leise sagen: „Ich bin vergewaltigt worden, mein Lieber“.

So würde sie der Hölle entkommen, ins Leben zurückkehren.

War es denn noch nicht genug, an das Ereignis zu denken, musste sie auch noch aussprechen was ihr widerfahren war? Er-eig-nis?

Nein, nein, es gibt kein Problem, zwischen ihnen hat es ja noch nie Geheimnisse gegeben.

Es genügt, an das Geschehene zu denken, um Stimme, Geruchssinn und Augenlicht zu verlieren.

Da ist die irritierende Frage: Wie ist das alles in ein halbes Dutzend Worte zu fassen?

Nein, nein, es gibt kein Problem. Geht es denn wirklich über das hinaus, was sie im Alltag in ihrer Agentur Tag für Tag zu formulieren gewusst hat? Wenn nicht sie, wer dann? Sie konnte doch wirklich alles verkaufen, Bilder manipulieren, die Sprache, ganz nach Belieben, werte Herren, meine teuren Damen. Kein Problem, sie wird schon eine geschickte Art finden. Morgen schon, bis nächsten Monat, warum denn nicht? wird sie diesen Auftrag erledigt haben, sure, my dear, „Ich wurde vergewaltigt“, direkt vor den Latz, war das in Ordnung?

Es war ihr unbegreiflich, was ihr verstörtes Gehirn den anderen Organen des Körpers zuraunte.

„Wir sind in Gefahr, aber es besteht noch Hoffnung“.

Einer der Feinde hat sich verzogen.

Versuche nicht, alles auf einmal zu lösen. Lerne, Aufgaben zu verteilen. Mache es wie die großen Führer, teile deine Macht, und sie wird sich vervielfachen.

Von wem stammen solche lächerlichen Sätze?

Ich bin gerade vergewaltigt worden, Liebster, bitte komm mich hier aufsammeln und bring mich zu einem Schwimmbad mit Thermalwasser.

Es gibt ja nichts, aus dem es keinen Ausweg gäbe: „Lass uns einen anderen Weg ausprobieren.“

Der Körper bäumt sich auf wie ein von einer Glasscherbe durchdrungenes Tier, so tief wie die Erkenntnis, ein mit Glasscherben angegriffenes Tier zu sein. Vollkommen zerstört.

Nur noch Hackfleisch und Schmerz. Beine, die sich weigern, den Körper zu tragen, ausgetrocknete Augen, unverbundene Neuronen. Für sich und niemanden sonst wiederholen: Vor ein paar Minuten haben sie mir fast mein Leben genommen. Schau nur: Da läuft Blut aus meinem Mund, dem Geschlecht, dem Anus. Blut quillt sogar unter den Fingernägeln hervor, und ich weiß es nicht zu stoppen. Ich muss jetzt sofort nach Hause, ein Bad nehmen, saubere Kleidung, notwendigerweise Baumwolle, und ins Bett fallen.

Nach Hause kommen? Aber wie?



Erneut erscheint ihr die Welt plötzlich rutschig, sie gleitet aus und fällt. Sie fällt, ohne seine Antwort zu hören. Ohne seine behaarte Hand zu sehen. Ausgestreckt die Hand, die sie rettet. Sie fällt, und ihr Bewusstsein erlischt. Im Geist buchstabiert sie, ‚the end‘, ‚finish‘, aus und vorbei. Wie ein höhnischer Gegner projiziert ihr Geist rot-seidene, durchnässte Leichentücher, die auf Wäscheleinen trocknend sich wie Segel im Winde blähen. Der letzte Orgasmus mit ihm, so heiß, dass sie sich wünschte, in diesem Moment zu sterben, gestern, dort dieses Glas Cognac an einem regnerischen Samstagnachmittag. Ehe er ihr gestand, einen anderen Kerl zu lieben, ehe er sich davon machen wollte.

Warum, mein Gott, warum?

Dein Leben ist zu Ende, meine Liebe, sieh den Tatsachen ins Auge.

Wenn Gott sich rar macht, ist das Leben zu Ende, habe ich mal lernen müssen

La vita è finita, hai capito?

Verfolgung in einer fremden Sprache.

Vielleicht war es ja dies: Die Augen schließen, sich ergeben. Wie bedrohlich sie auch sein mag, die Dunkelheit verspricht doch eine Erleichterung aller Schmerzen. Reglos bleiben, in sich selbst verschwinden, Staub im Sternenlicht werden.

Die Existenz ist eine Dummheit. Zu leben lohnt nicht all die Mühe, mit der man tapfer ein- und ausatmet.

Das Leben.

Winzig.

Kiesel unter der Sohle.

Unglaublich, mit welcher Leichtigkeit die Augen sich ergeben und es sich ohne Licht bequem machen können. Der Rest des Körpers freilich nicht. Der Rest des Körpers ist entschlossener Kampf um jeden Brocken Klarheit und Logik. Er widersteht, löst sich von der Seele. Er hat sein eigenes Leben, elektrisierten Schauer, seine Ungewitter. Während die Seele weit fort ist, auch in der Zeit, Tage, Monate, vielleicht sogar Jahrhunderte zurück, während die Seele sich nur noch Ruhe wünscht, kapitulieren und nicht mehr von dieser Welt sein möchte – ja, da nimmt das Fleisch eine andere Richtung. Fleisch ist bodenständige Gegenwart, immer auf der Suche nach einer weiteren Chance. Es zwingt sich immer, den Kampf fortzuführen.

Sicherlich wird diese im Ringen zwischen Körper und Geist verbrauchte Energie den Würmern zugute kommen, die das Endergebnis gelassen in ihrer Loge erwarten.

Ein uralter Trieb drängt: Siegen!

Woher kommt er? Wozu? Warum?

Sie weiß es nicht.

Das Licht eines ganzen Lebens. Sie möchte die Sonne sehen! Nicht kapitulieren.

Sie kommt wieder zu sich, rappelt sich auf, beginnt torkelnd zu gehen. Später wird ihr Schritt etwas fester. Sie kämpft gegen den Schwindel an, der sich von

ihrer Kopf durch den Leib bis in die Fußspitzen ausbreitet. In Füßen und Händen bei jedem Schritt ein Stechen wie von Nadeln.

Sie ignoriert den Schmerz, reibt die Handgelenke. Sie verlässt das brache Gelände, auf das man sie geschleppt hatte. Auf der Anhöhe entdeckt sie das Viadukt, genug Erinnerung, um zu wissen, wo sie hier ist. Sie orientiert sich an dem alten Viadukt im Zentrum der Stadt. Sie überquert den Parkplatz. Reibt die brennenden Gelenke. Also hat man sie im Stadtzentrum ausgesetzt, blutend, ohne Geld. Ausgezeichnet.

Nahe des alten Baumes, der den Gehsteig überschattet, kommt ein Bursche vorüber, sieht sie an, runzelt die Stirn.

– Fräulein, brauchen Sie Hilfe?

In Jeans und mit einer grasgrünen Mütze kommt er ganz erschreckt auf sie zu.

– Was ist Ihnen passiert?

Während sie sich auf seine Schulter stützt, versucht sie, die Uhrzeit abzuschätzen.

– Brauchen Sie Hilfe? fragt er von Neuem.

Sie sieht ihn an, er ringt seine Hände.

Natürlich, mein Lieber, jede erdenkliche Hilfe, wie denn nicht? Habe gerade erst entdeckt, dass ich bald zwei Männer werde umbringen müssen.

Blitzschnell schießt ihr der Gedanke durch den Kopf: *Does the body rule the mind, or does the mind rule the body?* Später ein Anruf beim Prinzen der Ironie\*, dem Gott der Unendlichen Melancholie, mit der Frage: Also, mein Lieber, hast du schon eine genaue Antwort parat?

Sich an diese Musik zu erinnern heißt erneut in die schwarze Leere versinken. Es sind so viele, viele Jahre vergangen. Als Heranwachsende wollte sie von Brasilien in die weite Welt hinaus. Dieses Lied während des Frühstücks, zu Mittag und vor dem Zubettgehen. Der Körper gebietet dem Geist, oder ist es der Geist, der dem Körper gebietet? *What difference does it make?* Es hatte ihr immer gefallen, wenn sich das Herz als geschickter erwies und das Kommando übernahm. Ein vom Gefühl angeleitetes Leben, das eher dem TV-Nachmittagsprogramm entsprach, anstelle der Herrschaft einer praktischen Vernunft. Aber an diese hatte sie sich gewöhnen müssen. Ließe man ihr die Wahl – welches Leben hätte sie wohl bevorzugt?

Erneut die Frage des Burschen, ob sie wohl Hilfe brauche, ob es ein Autounfall war, ob sie krank sei. Ein Kopfschütteln verneint. Wäre ihre Kehle nicht so ausgetrocknet, dann sagte sie jetzt ja, ein Unfall, oder besser, zermalmt. Wie ein Traktor sind sie rücksichtslos über ihre Existenz gedonnert. Aber das wäre ja nichts Neues, pass gut auf: Die Welt ist eine Mühle, heißt es in einem Samba, oder *Die Straßenbahn des Bösen*, und *Irgendjemandes Frieden wird soeben gestört!*

Wie sehr sie doch Hilfe brauchte. Jeglicher Art. Vor allem aber: Ein Glas eiskaltes Wasser. Wasser, dessen Reinheit glatt durch die Kehle rinnt. Danach eine

---

\*Beiname des englischen Popsängers Morrissey, Autor des zitierten Liedes

lange Ruhepause zwischen den weißen Baumwollwolken der Kindheit, diesen Wattebäuschen, die sich von einer Sekunde zur anderen aus einem Elefanten in einen Löwen verwandeln, im leuchtenden Himmelsblau. Regentropfen auf ihrer Haut, vielleicht ein Regenbogen hinter den hohen Gebäuden.

Mehr noch: Pistolen des größten Kalibers, auf Zündkapseln schlagende Hähne, Kanonen neuester Bauart und Pulver, viel Pulver und Dynamit, um alle unbekanntes Penisse dieser Welt in die Luft zu sprengen. Oder, warum nicht einfach scharfe Messer und sie mit einem Hieb abtrennen und dann auf dem Scheiterhaufen verbrennen, mit parfümierter Watte in der Nase, als Schutz vor ihrem Gestank.

Was könnte man sich in diesem Augenblick Besseres wünschen? Als alle verfluchten Penisse all dieser verdammten Männer der Welt auf den Scheiterhaufen zu werfen und drum herum zu tanzen wie die Indianer, wenn sie ihre Götter um Regen bitten. Statt um Regen würde sie aber so laut wie irgend möglich den jeweils gerade zuhörenden Gott bitten, die Impotenz herunter zu schicken, unfruchtbar sollen sie alle werden, von tausend unheilbaren Gebrechen befallen, durch groteske Verwachsungen sollen sie bis zur Unkenntlichkeit verformt und schließlich ausgelöscht werden, alle verfluchten Vertreter der männlichen Rasse. So hätte es ja schon von Anbeginn sein sollen, und so sollte es bis in alle Ewigkeit bleiben.

Jedoch macht ihr die Kehle weiterhin große Schwierigkeiten, sodass nur ein kurzer Satz heraus kommt.

– Bring mich aufs Polizeirevier!

Mehr kann sie dem Burschen nicht sagen, auf den sie sich gerade nur so weit stützt wie es nötig ist, um gehen zu können. So wenig Kontakt wie möglich, ehe sie gänzlich den Versand verliert und diesen Unschuldigen erwürgt, der doch so hilfsbereit ist.

\* \* \*

Den Körper nach vorn schieben. Über-le-ben! Mit der Hand den Schweiß von der Stirn wischen. Alle Götter tanzen in dem vergammelten Garten da vorn. Der Blick nimmt nur verschwommen wahr. Den Kopf schütteln. Atmen. Ein Pflaster auf der Nase verdeckt die Verletzung. Der Wind streicht ihr um die Beine und sagt ihr, dass sie am Leben ist. Aber sie will seine Stimme nicht hören. Manchmal hat er eine so dämliche Melodie. Gelegentlich geigt er sie uns in die Ohren. Nicht nur dämlich, sondern ganz unnütz. Die Haut ist von der Sonne verbrannt. Zuviel Sonne tötet, das Feuer greift um sich, ruiniert die Ernte. Rettende Hilfe von fähigen Händen. Geschickten. Stille Hände, die den Schmutz reinigen, Schmerzmittel bringen, ihr beruhigend versichern, alles werde gut enden.

Es wird enden?

Ja doch, dies ist ein Krankenhaus, entspann dich, sie kümmern sich um dich.

Die Haare nach hinten gekämmt, ein Arm bewegt, ausgerenkt, mehr Schmerz. Nur ruhig. Dieser Schmerz ist nichts, er ist auszuhalten.

Komm, Luisa.

Streng dich an!

Stimmen aus dem Jenseits.

Engel?

Sie möchte, kann aber ihre Augen nicht schließen. Da sind Nylonfäden. Wer war so verrückt, ihre Augen mit Nylon nähen zu wollen?

Eine seltsame Angewohnheit, sich eine bessere, aber nicht sichtbare Welt vorzustellen. Wesen aus einer anderen Welt gewähren Schutz. Wenn das so wäre, wo sind dann vor ein paar Minuten diese verfluchten Engel gewesen?

Unerwartete Schreie. Halt! So wird's nicht gehen. Hurensöhne. Wir geben besser auf.

Bitte, mach das Licht aus. Es ist Zeit zu schlafen. Mach das Licht an, bitte, es ist Zeit zu verstehen.

Äthergeruch, den es nicht gab. Krankenbett, das es nicht gab. Leute mit Wolfsaugen, die es auch nicht gab. Es ist finstere Nacht, und selbst da verbrennt die Sonne die ungeschützte Haut.

Die eigene Stimme vernehmen: Hölle, haut ab, ihr Verfluchten! Niemand will jetzt Harfen und Gesänge hören.

Ein für alle Mal: Eure Zeit ist vorbei.

Es ist kaum möglich. Als wäre es die Stimme eines anderen Menschen: Bei sanftem Plaudern in einem Krankenzimmer.

Naja, manchmal vergisst man ja wirklich, Sonnenschutzcreme aufzutragen.

Was soll's? Belästige mich nicht mit solchen Nebensächlichkeiten. Wer will schon nach einer Vergewaltigung etwas von Hautkrebs wissen?

Fahr doch zur Hölle.

Die befreite, unabhängige, entschlossene Stimme: In kleine Stücke werde ich sie reißen, mit den Zähnen, zerkauen, in den Dreck spucken.

Die Leute: Hört, hört! Sie flüstern miteinander, sind verängstigt, aber auch voll Mitleid. Sie kann es nicht mehr verbergen: Ihr einziger Gedanke ist, wieviel Leid sie ihnen wird zufügen können.

Schau, der Lärm des Lebens ist nicht harmonisch, kommt von allen Seiten, dringt ins Gehör und verbreitet sich in den Lungen. Der Lärm des Lebens macht Hunger, regt die Verdauung an, bringt die Eitelkeit zurück. Wie sich wieder in ihn einbringen, in diesen Lärm, nicht im Abseits bleiben, weit von ihm und weit von allem?

Sie kämmt sich die Haare, während sie in einer Sprache, die zwar nicht mehr die ihre ist, die ihr aber dennoch immer zugehörig sein wird, den ihren Körper betreffenden Mitteilungen lauscht, die Leute in manchmal weißen, gelegentlich grünen Kitteln austauschen.

Die weißen oder auch grünen Kittel tänzeln durch das Krankenzimmer, verlieren sich dabei in unverständlichen Erklärungen. Sie sprechen eine glatte

Geheimsprache. Die Töne bleiben in einer Übergangsphase. Als das Portugiesisch noch nicht wirklich Portugiesisch war, sondern eher undefiniert so auf halbem Weg ziemlich verzweifelt versuchte, seinen fehlenden Teil einfach zu ignorieren: Wie ein Klavier ohne die schwarzen Tasten, wie ein Balletttänzer, der ohne Technik doch springen will.

Wie unsinnig es doch ist: Einer Sprache zu lauschen, die gerade durch das Bemühen um Genauigkeit leer bleibt, besser noch: ungütig, schlimmer noch: nutzlos. Während sie dem Geplapper der manchmal weißen, manchmal grünen Kittel zuhört, kann sie hin und wieder ein Wort aufschnappen. Sie vermutet, es werde sich vielleicht bald als Spanisch erweisen. Aber das tut es dann nicht. Oder es kann an Italienisch erinnern. Für einen Brasilianer hört sich „*cosa piccola*“ doch durchaus verständlich an, oder etwa nicht? *Bene, bene, guarda, sono qui, verstehst du?* Es handelt sich um verwandte Sprachen, hat sie vor langer Zeit einmal gelernt. *Mille grazie!* Perfekt! So gut wie alles kann repariert werden. Schau mir in die Augen, hör dieses Lied: *Schon lang weiß ich nichts mehr über dein Leben, bitte jemanden, dass er erzählt, wie dein Tag gewesen, vergiss diese Wände, umarme mich wieder.*

Jedoch: Nein.

Noch immer: Nein!

## ABAITÉ YA

(„Fetische“, 1996)

*für augusto de campos*

„Nach deren Vorstellung ist ein Garten  
die zwergenhaft verkleinerte Imitation  
jener Natur, die sie rings um sich her wahrzunehmen  
vermögen. Das steht in charakteristischem Widerspruch  
zum horizontal ausgedehnten modernen Park,  
der überstreut ist von geometrischen Mustern aus  
Blumenbeeten und schattigen, in regelmäßigen  
Abständen auf parallel laufenden Reihen gepflanzten  
Bäumen, wie in den französischen Gärten  
kartesianischer Zeiten.

– Shunkichi Akimoto.

morai mizu

yumê-sakura  
am grund  
des dunklen sees

yumê ah  
ah yumê ah  
ah yumê

yumê-sakura  
am grund  
des dunklen sees

die sonne sank  
in süsser brise  
schneckenhaus  
ka-dô

weisser mond  
weisser sand  
dunkle spanne

odô ya  
glasperle kai  
der klang des wassers

buchstaben stab  
kioto ketu  
noch eine stadt:  
mairi

asagao ya  
oh prunkwinde  
abaité ya  
gedanke  
einer orchidee

seejungfrau im schriftzeichen  
sand im spielzeug  
ipupiara im ikebana

halbmond am fächer  
die frau ganz nackt  
die dame kasa ist weder meine  
yamakochi  
noch ist sie deine:  
alleine, alleine  
die frau schwebt vorbei

yamabuki  
exu samurai  
kultstätte kabuki

pfade von okunrin  
satoriki  
kurzum ein garten  
wo ich ronin  
wo ich chonin  
sage ja zum ja

mond im schnee  
okê arô  
ich fühle mich teil  
im knotigen stück

herbstliche nacht  
emi hakuryo  
kein schattenspiel  
die augen in brunft

alakorô alakorô  
oh oxotokanxoxô  
ein könig ohne sein reich  
ist nichts als duft einer farbe



## AM RAND DER KATASTROPHE

(„Am Rand der Katastrophe“, erstes Kapitel der Novelle „Lunaris“.  
Salvador: Verlag EPP Publicações e Publicidade, 2007)

**A**lberto befahl stets eine verschwommene Sorge, wenn er nicht in seinen gewohnten Aktivitäten versinken konnte: in seiner Arbeit an der Universität, dem Kinobesuch mit seiner Frau, der Erledigung geschäftlicher Angelegenheiten, der Überweisung von Ratenzahlungen oder einem Streifzug durch die Buchhandlungen...

Grund war vielleicht das Schuldgefühl, nichts Nützliches zu tun, nichts, das sich in die tägliche Routine einfügen ließe, etwas, das er als „normal“ bezeichnen könnte, weit ab von einer toten Zeit, der Besorgnis erregenden Stille. Etwas – so dachte er – das ihn von der seltsamen Wirklichkeit seelenloser Objekte ablenken würde, von dem Abstand, der sie vom gegenwärtigen Schweigen trennt, ohne Unterbrechung, versteckt hinter dem familiären Lärm, den Aktionen und Worten, aus denen sich das zusammensetzt, was man Alltag nennt.

So als gäbe es eine andere, parallel verlaufende, rätselhafte Geschichte, die sich nicht in Worten, Fakten und Ereignissen niederschlägt. Eine andere Form des Seins und der Existenz, die er nur dann erahnen konnte, wenn er aus irgendwelchen Gründen von dem vorgezeichneten Weg des Gewöhnlichen abwich. Dieses Gefühl hatte er etwa, wenn er am Nachmittag früher als gewöhnlich von der Arbeit nach Hause kam und auf dem Sofa sitzen blieb, dort im Wohnzimmer des Apartements an einer einst stillen Seitenstraße des Caminho das Àrvores. Er konnte die Hausangestellte bei der Vorbereitung des Abendbrotes hören, das eine oder andere Auto auf der Straße vorüberfahren, einen Vogel in der Krone des Mangobaumes singen, den Hausmeister des gegenüberliegenden Gebäudes im Gespräch mit einem der Mieter. Und so war alles umhüllt von diesem seltsamen Gefühl der Schwere, einer sehr tiefen Schwere des Lebens.

Dasselbe Gefühl hatte er schon mehrmals beim Erwachen aus dem Mittagsschlaf empfunden. Beim Öffnen seiner Augen hatte ihn unvermittelt eine tiefe Verwunderung darüber befallen, dass er selbst existierte, ein nahezu unerträgliches Gefühl zu sein, sehr rätselhaft, so als bewohne er eine durch den leeren Raum schwebende Kapsel, umgeben vom Nichts und ohne Bewusstsein, wer er in Wahrheit eigentlich sei. Als bald aber überkam ihn ein erdrückendes Gefühl der Verantwortlichkeit.

Das war auch eine moralische Wahrnehmung, und jeglicher Relativismus löste sich in diesen kurzen Momenten auf, in denen ihm das schwere Gewicht möglichen Irrtums bewusst wurde. In solchen Momenten wandte sich seine Aufmerksamkeit gegen ihn selbst, und er überprüfte seine innersten Gefühle,

seine Beziehung zu den Menschen, zu seiner Frau, seinem Sohn, seinen Brüdern und seinen Freunden, zu der Hausangestellten und dem Portier, zu den Arbeitskollegen. Er war sehr erleichtert, wenn er sich überzeugen konnte, dass er sie alle gut behandelte, immer so gut, wie es ihm seine Umstände möglich machten. Aber: Ging es wirklich allen so gut? Und: Was wohl waren denn seine Möglichkeiten?

Selbst wenn er mit seinem Gewissen im Reinen war, so konnte er doch das sehr unangenehme Gefühl nicht vermeiden, dass sich in der Welt dort draußen alles zum Schlechteren wandte. Er benutzte diese Annahme als eine Art Selbstverteidigungswaffe. Manchmal, wenn ihn eine tief gehende Melancholie überkam, gewöhnlich am Ende des Nachmittags, trieb es ihn auf die Straße, wo er mit unerträglicher Hellsicht die hinter Gelächter und fröhlichen Gesten verborgene Trauer der in Bussen, Autos oder dem Gehsteig an ihm vorbeiziehenden Menschen erspürte; in den an Straßenecken oder Hauseingängen verweilenden Menschen, in jenen, die sich an Fenstern, auf Avenuen, in Parks und auf den Straßen Salvadors zeigten. Alles war inzwischen anders geworden seit den Zeiten, als er – noch Student – durch diese Stadt streifte, die er immer geliebt hatte und die ihm damals, ganz im Gegensatz zu heute, als leuchtend, verheißungsvoll und voll unerschöpflicher Möglichkeiten erschienen war.

Hatte er sich verändert oder war es die Stadt, die sich bis zu dem Punkt korrumpieren ließ, an dem sie sich aller Möglichkeiten beraubt sah, aller Träume, ihrer Utopie? Woher zum Teufel kam dieses Gefühl, am Rand einer unvermeidlichen Katastrophe zu stehen? Alles war doch so normal! Und dennoch schien es ihm, als habe das Unglück bereits begonnen, wie ein im Keller eines alten Gebäudes ausgebrochenes Feuer, während die Ahnungslosen in den oberen Stockwerken tanzen, Geschäfte und Pläne machen. „Welch Graus!“ An diesen Ausruf von Kurtz im Roman Conrads musste er immer denken und gelegentlich überraschte er sich dabei, diese Worte zu stammeln. Es war ja schrecklich, was das Leben (oder besser, das System) mit den Menschen machte, indem es all ihre Träume, ihre Schönheit und Jugend, alle Möglichkeiten zerstörte. Welch Verschwendung!

Alberto verspürte den Wunsch, dieses Gefühl noch tiefer zu erforschen und in den kollektiven Schmerz einzutauchen, der sich hinter den gewohnten Gesten, den herzlichen Worten in allen Beziehungen verbarg. Aber ihm fehlte der Mut. Die Gewohnheit, dieses unverrückbare Repertoire von Konventionen, empfand er als eine Zwangsjacke, die alle ganz unbewusst nutzten, um die Realität nicht sehen zu müssen. So als seien alle hypnotisiert, um den im Garten lauernden Drachen, das Skelett im Schrank nicht wahrnehmen zu können. Der Gedanke an den fürchterlichen Hund Cerberus, der den privaten Hades eines jeden bewohnt, erfüllte ihn mit fasziniertem Entsetzen, wenn er aus einem Flugzeug nachts dort unten all die winzigen Lichtpunkte menschlicher Behausungen sah: Mein Gott! Wie viele Gräuel wurden doch in der Intimität der Wohnungen, im Schoß der Familien begangen!

Dieser Gedanke war fast unerträglich. Am meisten störte ihn freilich die in den Tiefen seines Bewusstseins verankerte Überzeugung, dass es sich gar nicht lohnte, irgendetwas verändern zu wollen. Das Bewusstsein von der schrecklichen Lage war ein mit sieben Siegeln gesichertes Geheimnis, das er niemals lüften durfte, unter der Drohung, von denen, die er zu warnen versuchte, ausgestoßen zu werden, und sei es durch die feige Waffe des Spotts. Wozu sollte er sich zu Gunsten der Befreiung von Leuten opfern, die sich vor allem wünschten, weiterhin gefangen bleiben zu dürfen? Für Heldentum ist auf dieser Welt kein Platz mehr. Selbst wenn Platz wäre, der Held wäre mit Sicherheit nicht er.

Der Held, der er einst hätte sein können, war irgendwo auf seinem Lebensweg gestorben. Alberto, der schon so viele Utopien genährt hatte, lebte jetzt um der Pflege seiner eigenen moralischen Integrität Willen, dieser privaten Konstruktion, die er wie ein Baumhaus im Garten errichtet hatte und bei dem er täglich Nachschau hielt, ob es sauber und sicher war, als seine Zuflucht vor der Dummheit der Welt. Es war ein kleiner Schutzraum, der zwar seiner ganzen Familie und ein paar Freunden diente, den er aber niemals der Welt öffnen könnte.

Er pflegte seine moralische Reserve (und bestand darauf, diesen antiquierten Ausdruck zu verwenden) wie eine kostbare Pflanze, die er täglich begoss und auf die er sich bei seinem Umgang mit der Welt stützte. Manchmal überkam ihn Lust darauf, seinen Fuß auf ein neues Gelände und in eine andere Dimension zu setzen, wo er nach Belieben tun und lassen könnte, was immer er wollte, ohne mit Konzepten und Vorurteilen zusammen zu stoßen. Eine seiner liebsten Zerstreungen war es, sich in der Fantasie ein Leben an diesem Ort vorzustellen. Es war eine harmlose Übung seiner Vorstellungskraft, die sich aber unbemerkt schon in ein Instrument der Rache an der Welt und all dem verwandelt hatte, was die Zivilisation und ihre Werte in seinem Leben repräsentierten. Es war zugleich sein letzter Freiraum, zu dem er absolut niemandem Zutritt gewährte.

Dieser geheime Ort, den er in Anlehnung an Stanislaw Lems Roman „Solaris“ in seinen Gedanken „Lunaris“ nannte, war zunächst nur eine neue Form des Denkens und Fühlens, ehe er entdeckte, dass es in Wahrheit ein „Ort“ für ihn war. Eine seltsame, veränderliche Welt, die aber im Verlauf der Zeit den Status einer Wirklichkeit erwarb. In dieser anderen Welt gab sich Alberto dem zuweilen perversen Vergnügen hin (wenn dieser Ausdruck an diesem Ort überhaupt Sinn macht), sich reale Personen neu zu erfinden, vergangene Ereignisse umzubauen und alles auszumerzen, was ihn verärgern könnte. Niemals allerdings mit Gewalt oder Grausamkeit. Immer suchte er eine Lösung, die es ihm erlaubte zu lachen. Und immer suchte er sich daran zu erinnern, dass seine Gefühle niemals offenbart werden durften. Die Grenze zwischen jener und dieser Welt war stets zu beachten.

Das war womöglich der Grund, weshalb Alberto als ernsthafter Mann galt, als wohl manchmal etwas zerstreut. Judite, seine Frau, beklagte diese Eigenschaft stets. Sie war immer sehr über die Leichtigkeit verwundert, mit der sich ihr Mann über die Dinge hinwegsetzen konnte. Wie leicht es ihm fiel, in Schlaf und Traum

zu verfallen, manchmal stehend an eine Wand gelehnt. Er gestand ihr einmal, was sie nicht glaubte, was aber der Wahrheit entsprach, dass er auch schon im Laufen geschlafen habe.

– „Das war vor vielen Jahren bei der Gymnastik in der Turnstunde. Es war sehr früh und ich war müde...“

Trotz alledem war Alberto ein normaler Mensch. Keineswegs war er ein Pessimist oder Träumer. In ihm verschmolzen auf sehr ausgewogene Weise Quijote und Sancho. Obwohl er sich unter seinesgleichen immer etwas fehl am Platz fühlte, lebte er sein Leben ohne Probleme. Im Beruf ging alles gut: Er unterrichtete an der Universität Brasilianische Literatur. Es gefiel ihm, von seinen Schülern umringt zu werden. In gewisser Weise stellte der Hörsaal eine Fortsetzung seiner geheimen Parallelwelt dar, sobald er auf einen Studenten traf, der an seinen geistigen Ausflügen teilnahm. Für ihn war die Literatur von den anderen Disziplinen grundsätzlich verschieden. Sie war keine Wissenschaft, sondern eine Kommunion; die Vorlesungen waren ein Ritual, bei dem eine ästhetische Erfahrung ausgeteilt wurde, die sich bis weit über den Hörsaal hinaus erstreckte und alle Mitglieder dieser Bruderschaft durchs ganze Leben begleiten würde. Oft erinnerte er sich an einen Zeitungsbericht über eine Pariser Judo-Akademie, in der an die Wand geschrieben war: „Judo beginnt dort draußen!“ Das Studium der Literatur ist demnach eine Neuausrichtung der Sensibilität, eine persönliche Verpflichtung. Aber: Verpflichtung zu was? Und wofür?

Eins der bestimmenden Merkmale von Albertos Persönlichkeit, vielleicht das, was er am meisten zu verbergen trachtete, war seine glasklare Einsicht, dass er von absolut nichts fest überzeugt war. Deshalb verspürte er insgeheim eine glühende Bewunderung für die Leute, die Überzeugungen besaßen, obwohl es ihn im höchsten Grad alarmierte, wenn er sich selbst von irgendetwas überzeugt fühlte.

Er war sich im Klaren darüber, dass keine radikale Veränderung auf dieser Welt ohne diese seltsame Eigenschaft möglich ist, die ihm zugleich wie die höchste Form sowohl der Intelligenz wie auch der Verirrung erschien. Es war ihm ein erschreckender Gedanke, irgendjemand auf dieser Welt könne sich in was auch immer absolut sicher sein. Manchmal fragte er sich, ob er wohl fähig wäre, alles fahren zu lassen und einem charismatischen Führer zu folgen, der es verstünde, jene Flamme zu entfachen, von deren Existenz in einem Winkel seines Herzens er durchaus Kenntnis besaß. Er glaubte aber auch, eine solche Person könne nicht existieren. In diesen Stunden sah er sein Herz als unbesiegbaren Abgrund, in dessen Tiefen etwas sehr Wertvolles Tag für Tag weiter erlosch. Eigentlich müsste er ja dort hinunter steigen, aber ihm fehlte Entschlusskraft. Es fehlte auch der Glaube, dass es sich lohne, die Sicherheit hinter sich zu lassen und Risiken einzugehen. In solchen Momenten suchte er lieber in Lunaris Schutz.

Alberto lief gern durch die Straßen seiner Stadt, im eisigen Wind eines nicht existierenden Winters, die Hände in den Taschen seines Mantels vergraben

(obwohl er sich gern so sah, besaß er gar keinen Mantel). Er mochte das wirre Durcheinander von Gässchen und steilen Straßen, in dem nichts irgendwann zu irgendetwas führte. Er mochte das Durcheinander von Kabeln und Drähten, das an alten Pfosten baumelte. Er mochte die fleckigen Fassaden der alten, verlassenem Häuser. Er fand die Vorstellung angenehm, jederzeit könnte eines der morschen Gebäude über ihm zusammen stürzen. Und dass er dann abends wieder zu Hause etwas zu berichten hätte. Die Idee gefiel ihm, ein Überlebender zu sein. Er war ja Überlebender, aber von was?

– Dreiundvierzig Jahre, das ist ein Leben, pflegte er sich bei jedem Besuch in Lunaris zu sagen. Deshalb hatte der Gedanke an den Tod nichts Erschreckendes an sich. Was ihn erschreckte, war die unerschöpfliche Menge von Erinnerungen, Gefühlen und Gedanken, die ihn bewohnten, auch wenn die meisten eingeschlafen waren. Aber er wusste ja, dass sie anwesend waren – „Hier!“ dachte er und tippte mit dem Finger an seine Stirn. Er war sich nicht wirklich sicher über den Ort, an dem sie sich aufhielten. Aber immer wenn eine unachtsame Bemerkung, bestimmte Töne einer Melodie, ein Geruch die Pforten des Erinnerns aufstieß, entdeckte er sich von Neuem als anderer Mensch. Oder besser: Als ein magisches Territorium, auf das sich ein unerschöpflicher Fluss von Gefühlen ergießt.

– *Manchmal denke ich ja, ich sei längst für mich selbst gestorben, zumindest für 95% meines bisherigen Lebens* sagte er zu seinem Freund vor überfüllten Regalen, *schau doch, wie viele Bücher ich schon gelesen habe. Aber an beinahe nichts kann ich mich erinnern, und es ist, als hätte ich sie nie gelesen. Wozu ist es also gut, so viel gelesen zu haben?*

– *Ganz so ist es nicht!* sagte der Freund, *du übertreibst. Diese Bücher sind jetzt ein Teil von dir geworden. Diese Bücher, das bist du!*

Alberto fand die Ausdrucksweise seines Freundes lustig und versuchte sich zu erinnern, welche Figur in all den Büchern auf seinen Regalen auf dieselbe Art wie sein Freund sprach.

– *Gatsby!*

– *Hab ich's dir nicht gesagt?* Der Freund lachte. *Wenn wir uns nicht an etwas erinnern, dann ist es noch lange nicht in uns tot!*

Aus diesem und anderen Gründen mochte Alberto Lunaris. Dort gab es immerzu etwas Interessantes zu erinnern. Oder auch zu vergessen. Denn das Vergessen ist die verborgene Seite des Erinnerns, verstehst du, alter Freund?

Alberto wandert mit gesenktem Kopf durch die Stadt, in Gedanken versunken, seine Hände in den Taschen vergraben, und alle Geräusche des Verkehrs, der Gespräche, der Maschinen, des Windes und der Hunde und Vögel sind ihm fremd. In diesem Moment ist er etwas, das nicht existiert und auch keinen Namen hat. Aber da fällt ihm ein, dass er ja zurück nach Hause muss. So findet er sich einmal mehr wieder, um sich sogleich wieder zu vergessen. Und so weiter, ohne Ende.

# DAS KINDERZIMMER

(Kapitel aus dem bisher noch unveröffentlichten Buch "Noites desertas")

Die Musik kam von ferne? Hör mal, jetzt klingt sie wie Meeresrauschen, Erinnerst du dich? Es war ein nächtliches Meer, das aus der Ferne kam, aus tiefer Dunkelheit, wie ein Schrei, der sich am Strand in weißen Schaumkronen brach. Und du konntest es sehr gut hören, während du dort mit deiner Mutter im Zimmer lagst, demselben Zimmer, dem Kinderzimmer, das sich jetzt aber an einem anderen Ort befand; in einem Wohnviertel nahe der Küste, das in deiner Erinnerung noch immer lebendig ist, mein Freund, während du mit Kraft die Gitterstäbe umklammerst am großen Tor dieses riesigen Hospitals, das von hier bis in die Vergangenheit reicht. Schau: Du bist bei deiner Mutter, ihr liegt auf dem Bett, betrachtet die Dachziegel und die noch mit Walfischtran errichteten, alten Wände, und deine Mutter singt irgendein Wiegenlied, während du dich fragst: Wo ist nur mein Vater? Wo ist mein Bruder? Und du fürchtest um sie, denn du hast schon gelernt, dass das Leben wie ein großer Bub ist, der mit uns wie mit Murmeln spielt, die gelegentlich durchs Kanalgitter rollen, durch die dunklen Rohre im Untergrund stürzen, in denen wir sie für immer aus den Augen verlieren. – So aber ist es nicht mit dem Jungen gewesen, der einfach nicht mehr erschien, und sie sagten ihm nur, der sei gestorben, aber dieses Wort wollte gar nichts bedeuten, denn niemand konnte sagen, wohin er gegangen war, sodass er die ganze Zeit anwesend blieb, vielleicht mehr als zuvor, so als sei er gleich jenseits der Mauer oder des Pfortens oder im kleinen Zimmer da hinten, sodass er jederzeit auftauchen konnte, und das war schwer zu ertragen, denn er zeigte sich nie, und du bist gerannt, um ihn bei irgendeinem Streich zu ertappen, und du konntest dich nie entscheiden, ob er da oder dort war – und wohin gingen überhaupt die Toten? Wohin gingen alle Toten dieser Erde? Gab es denn genug Mauern und Zimmerchen, um sich zu verstecken? Über all dies dachtest du nach, dort auf dem Bett in den Armen deiner Mutter, aber du warst noch so klein und jemand könnte sagen: Nein, solch profunde Gedanken konnte er gar nicht haben, denn er war ja noch so winzigklein. Aber so lange dein Vater und der Bruder nicht erschienen, war die Welt ein verkleidetes Monster, das sich über deine Angst lustig machte, und zwischen dem Monster und dir war nur die Mutter, die Geschichten aus längst vergangenen Zeiten erzählte, und manchmal hast du ja sogar selbst an ihr gezweifelt und mit Entsetzen gedacht, sie werde sich dir zuwenden und ihr Gesicht sei das eines Ungeheuers oder des Teufels in Person, und du hast die Augen fest zugeedrückt, um die Wirklichkeit dieser unheilbar traurigen Verwandlung nicht sehen zu müssen, denn nun würde es keine Rettung mehr geben, alles verwandelte sich – das Zimmer, die Stille, ihre Stimme, der ferne Wellenschlag, der Wind in den Kokospalmen – in einen entsetzlichen Schlund, der dich zu verschlingen droht, und du wolltest auf der Flucht durch dunkle Korridore rennen, Türen zuschlagen vor dem Verfolger, durch die Nacht

fliehen, nur das ist es, was du wolltest, mein Junge, und du würdest alle Nächte deines Lebens auf der Flucht durchheilen, würdest alle Ängste spüren und sähest alle Monster, spürtest am eigenen Leib den Angriff der Ungeheuer, wie damals in jener Nacht, als du schreiend erwachtest, verzweifelt, denn Ameisen und Spinnen krochen an deinen Beinen empor, über deinen Bauch und deine Arme, und die Eltern machten Licht, schüttelten und liebkosten dich und versicherten dir: Schau, mein Kind, hier ist keine einzige Spinne, und du sahst sie noch für den Bruchteil einer Sekunde, bis du sie wie durch einen Zauber verschwinden sahst, und du hast lange geschluchzt, mein kleiner Junge, und alle deine Ängste lösten sich auf bei diesem magischen Klick des Lichtschalters, das die vertrauten Gesichter der Eltern herbeizauberte, die Götter waren, mit ihrer grenzenlosen Macht, mit der sie allem Übel der Erde mit einer einfachen Geste ein Ende zu machen verstanden – aber diesmal war es anders, als dein Vater und der Bruder im Wohnzimmer Licht machten und das Licht auch dein Zimmer dämmrig erhellte, sodass du beim Öffnen der Augen sehen konntest: Es war tatsächlich die Mutter an deinem Bett (oder war es der Teufel, der sich so gut zu verkleiden wusste, das konntest du gerade noch denken, aber bald gäbe es keinen Zweifel mehr und du würdest dich schämen, so etwas gedacht zu haben) und würdest sagen wollen:

– Mama, kannst du mir verzeihen?

Sie würde fragen:

– Was, mein Sohn?

Und du hättest nicht den Mut zu bekennen:

– Weil ich dich für den Teufel hielt.

Und würdest nur sagen:

– Weil ich Angst vor dir hatte.

Und sofort würdest du all diese Dummheiten aus deinem Kopf verbannen, denn jemand würde den Fernseher einschalten, der die Macht hat, alle Gespenster zu vertreiben, vielleicht siehst du deshalb so gern fern, und du spürtest große Freude, wenn das Bild wie verschreckt zuckte bei einem der damals so häufigen Spannungsabfälle. Aber dein Vater, der ja für alles eine Lösung wusste, installierte einen Spannungsregler, der dann freilich auch nicht verhindern konnte, dass zumeist nachmittags gegen sechs Uhr der Strom ganz ausfiel. So vor dem Fernseher, mein Junge, könntest du nicht einen Blick in die Zukunft werfen, in die kleine Wohnung, in der du vierzigjährig allein vor dem Computer säßest (Was wohl ist ein Computer? Du hast noch nie von so etwas gehört), aber du sähest ihn oder dich selbst schnell auf die Tasten schlagen, und die machten klack klack klack, und du würdest fragen „He, was machst du denn da?“, worauf er sagen würde: „Ich schreibe deine Geschichte, mein kleines Ich.“ Und du würdest fragen, über welche Erde deine Füße schon gelaufen sind, welche seltsame Landschaften deine Augen betrachtet haben, für wen dein Herz geschlagen hat. Und er spräche von den einsamen Straßen des Maranhão, auf denen du beinahe das Leben verlorst, von dem alten Stadthaus in der Barroquinha, wo betagte Okkultisten

die Welt neu zu erfinden versuchten, von den Ufern des São Francisco, den man liebevoll „Alter Chico“ nennt und wo sich Mangobäume schwer von Früchten über die Fluten neigen und morgens früh sich die Bootsleute unter der Brücke zwischen Propriá und Colégio zurufen, dass die Xocós-Indianer im Krieg sind. Und du rennst los auf der Suche nach Stoff für eine Meldung, deine Augen fasziniert von den Wolkengebirgen auf dem weiten Himmel von gestern, der grünen Landschaft des Sertão von Alagoas, wo die Affen von einem Ast zum anderen fliegen und die Ziehharmonika von Versen erzählt, die auf den Feldern erblühen, zwischen sanftmütigen Rindern, in einer Symphonie aus Gebrüll und Stille, von Bänkelsängern, berühmten Banditen, Frauen, die auf staubigen Wegen den schweren Tonkrug voll Wasser auf ihren stolz erhobenen Köpfen tragen, von Geländewagen auf schlammigen Pisten, gewaltigen und gefährlichen Flüssen mit gierigen, langen Schlangen, Pfahlbauten der Halbblutindianer, aus den Baumkronen schreienden Buben, Fußballstadien voller Fahnen und den jubelnden oder traurigen Menschenmassen dieses Landes, das du mehr als alles andere liebst. Dein größtes Glück wird es sein, die endlose Weite dieses Landes zu durchmessen, schreibt der Mann auf den Bildschirm seines Computers, aber der Junge ist schon nicht mehr da. Denn jetzt möchte er ja das Programm des alten Sheriffs einschalten, während du, alter Freund, ihm nicht mehr alles sagen konntest, was du ihm im Grunde deines Herzens eigentlich sagen wolltest? Aber du schreibst weiter bis tief in die Nacht, wie ein alter Meister in der Kunst der Navigation, und dein Computer ist wie eine geisterhafte Galeere, die den Nachthimmel unter ihren weißen, vom Südwind geblähten Segeln durchkreuzt: nur zu, Galeere, der schwarze Himmel kann dir nichts anhaben; nur zu, denn du bedarfst längst keines Kompasses mehr; nur zu, denn auf der Höhe deiner Jahre ist dir jeder Ort recht; nur zu, denn keine Maid erwartet dich an den Gestaden des Flusses (Wer weiß, ob nicht auch sie von der viele Meter langen Schlange der Zeit verschluckt worden ist?) Es ist Nacht, mein Freund, findest du Zeit, dich mit deiner Zukunft zu versöhnen? Du breitest deinen Teppich aus für die Morgenröte, die gleich im Heraufdämmern jenes neuen Jahrhunderts erscheinen wird, das für Cronos nicht mehr als eine Sekunde sein wird, für diesen mächtigen Gott, der sich nun neben dich setzt und sagt: Bald wirst du sterben und auch diese Buchseiten werden vergilben, und die Buchstaben kommen durcheinander wie die Würfel, die ich über die Zeitläufe werfe. Aus diesem Grund, steh auf und geh, denn es gilt jetzt keine Zeit mehr zu verlieren! Los, nur zu mit deiner Caravelle, der du Entdecker bist eines neuen Kontinentes: Dem deinen. Peitsche die Rücken deiner Galeerensklaven, kräftig, Mann, auf dass dich nicht der Strudel der Zeit verschlinge, der Strudel der Worte, der Strudel des Schweigens, der Strudel dieser Augen, die die Welt in sich saugen, das Nichts. Nur immer zu, gib diesem Pferd die Sporen und mache es fliegen! Zünde seine Mähne an und stürze dich auff die Prärie, wo der alte Apache noch in seinem Schlupfwinkel ein Pfeiflein raucht. Siehst du nicht am Horizont den Rauch aufsteigen? Nur zu,



Mann, lasse deinen Kriegsruf erschallen, schwinde dein Kriegsbeil und stürze dich auf die Kanonen und die Düsenjäger von Armageddon, galoppiere im Regen durch die leeren Straßen dieser Stadt unter dem Schein der Neonlampen und sieh, ob dir dann noch Luft zum Singen bleibt. Lass deine Toten auferstehen: die verfluchten Poeten dieser Stadt sind noch immer unterwegs auf den Straßen: Gregório, Anísio, Manta, Short, eure Stimmen erheben sich noch immer über die alten Stadthäuser, weit entfernt von den Shopping Malls, sauberen Plätzen und duftenden Parks. Ihr seid Gespenster aus einer bereits begrabenen Zeit, auf die sie aber die letzte Schaufel Kalk noch nicht geworfen haben. Und die wird man auch nicht werfen, denn ich lasse nicht zu, dass man diese Gesichter in Zukunft auslöscht. Das verspreche ich, Freunde. Selbst wenn ich zu diesem Zweck diesen schwarzen Umhang und den Schlapphut mit breiter Krempe, die abgelaufenen Sandalen und all die schäbige Kleidung tragen muss, die mich vom großen Fest der Erfolgreichen ausschließt, nämlich von jenen, die sich an den Tisch des Königs setzen, sich den Bauch vollschlagen und so tun, als sähen sie seine Nacktheit nicht. Verdammte Dichter Bahias, noch immer überleben sie in den Katakomben, wie die Christen von dazumal, und ihre Schritte schallen auf der Avenida Contorno wieder, auf der Ladeira da Praça, im Viertel von Santo Antônio. Jenseits von Carmo, jenseits auch all der Augen, die nicht mehr in der Lage sind, die Dichter zu sehen.

Und ich – warum gerade ich? – reiche ihnen die Hand, die so ausgestreckt in der Zeit verharrt, nutzlos vielleicht. Der Junge schaltet den Fernseher aus. Es ist spät. Bald werden in den Hinterhöfen die Hähne krähen. Itapuã mit seinem Strand und dem Leuchtturm schläft im Morgengrauen des Jahres 1963 noch immer. Während dieses kleine Apartment im Edifício Trevian, in der Rua Agnelo de Brito im Viertel Federação im Morgengrauen des 16. Juni 1999 endlich der Müdigkeit nachgibt. Draußen auf der Straße fährt ein Auto vorüber. Die Scheinwerfer beleuchten für einen kurzen Moment die Gestalt des Mannes mit dem gehetzten Blick, der im Labyrinth der Gässchen verschwindet. Regen fällt auf die Dächer. Die Uhr arbeitet im Gleichtakt, tack, tack, tack. Es regnet Melancholie auf die Welt. *Schließe das Fenster. Es ist kalt. Es ist sehr kalt, mein Lieb.*

(Aus "Inúmera", Ed. Mondrongo, Ilhéus, 2011)

## ALLE ZUGLEICH

Ich habe das Tim-Maia\*-Syndrom.  
Ich hab' die Krampfadern der Clara Nunes\*.  
Ich habe die Laster der Edith Piaf.  
Ich habe das Ohr von van Gogh.  
Ich habe das Bein, das dem Saci\* fehlt.

Ich habe die Spürnase Freuds.  
Ich habe die Erschöpfung der Amélia\*.  
Ich habe Marias Gewicht.  
Ich habe die Dermatitis der Macabéa\*.  
Ich habe die Spuckerei der Sofará.

Ich bin die Verbindung der siamesischen Zwillinge.  
Ich bin die schnell herbeischleichende Frage.  
Ich bin die vor den Latz geknallte Beleidigung.

Ich habe noch unbegangene Abkürzungen.  
Ich habe abgenutzte, nichtssagende Worte.  
Ich habe eine gefiederte, schneidende Stimme.

Ich gestehe: ich bin ein Eindringling,  
noch nicht Frau, und bin viele.

## ABSTOSSENDE FRAU

Ich kann weder zeichnen  
noch Rechenaufgaben lösen  
und weiß nur Worte zu verjagen.

Ich ziehe das Verb an seinem Schwanz  
und schlage meine Zähne in seinen Rücken.

Ich will Behausungen abreißen,  
die Scheidung provozieren  
zwischen Bedeutung und Sinn.

Da wird die hohle Sprache gegen den Strich gebürstet...

Ich lege meinen Mund ans Ohr der Vokabeln,  
flüstere:  
„Gott ist unsere aus Not geborene Schöpfung“.  
Sie bewohnen die Sümpfe der Panik  
und sind immer bereit zur Darstellung meines Entsetzens.

Ich erwarte nicht, eines Tages  
meinen Namen über die Seiten  
einer Hagiografie flimmern zu sehen.

Ich weiß nicht, welches Evangelium  
die Unreinheiten meiner Kunst diktiert.

Ich fließe vor Auswüchsen über,  
vor Zweifeln und Leuchtkraft.  
Und....weiß doch nur Worte zu verjagen.

## MEIN ERWACHEN

ich erwachte mit einer riesigen Sonne  
tief drinnen in mir

lebenswichtige Organe in Flammen  
Strahlen durchströmten meine Venen

schlammige Gedanken brodelten  
in den Sedimentschichten der Erinnerung

die Sonne machte sich alles zu eigen  
erweiterte vergessene Untreue

ein hundertjähriger Baobá-Baum  
erhob sich auf meinem unbewohnten Gelände

der Lärm und der Wirbel dieser Geburt  
wurde zum dichten Schauspiel:

Schatten auf dem Rücken des Tages  
versetzt den Falter in Taumel.

## MORGENSEHNSUCHT

die Landkarten in meinen Füßen  
von verrückten Geografen verzerrt

und diese Füße treten sorglos  
auf den Überfluss von Drähten...Spuren...Fließendem

ich vergesse das brave Mädchen  
lasse die Leitfäden beiseite  
reise auf unklaren Routen

die Zunge auf der Spur der Tränen  
der Mund verschlingt Axelhöhlen  
Finger erleuchten das Hohle  
die Möse schreit schäumend

der Körper schleudert in der Kadenz  
schattenhaften Erinnerns:  
seinen bebenden Strahl  
in meine vier Himmelsrichtungen

## KINDLICHER RAT

*Dandara*

Ich vermaß den Fluss, der die Stadt in mir teilt  
Betrachtete das Gespenst einzelner Fische  
Atmete den Faulgeruch vergessener Träume  
Folgte dem Weg unfruchtbarer Baronessen  
Vermehrte mich schweigend.  
Ich übte mich in der Eleganz langbeiniger Reiher.  
Deine Worte erweckten meine Aufmerksamkeit:  
„von innen bin ich größer“.

# ZWEITER KINDLICHER RAT

*Luana*

Jedes Fenster verbirgt Fragen.  
Auf Fensterbrettern glühende Köpfe.  
Mädchenherzen sind Hindernisse unbekannt.  
Wo gibt es so eilige Straßen?  
Wo verschlingen die Autos Leute?  
Wo gibt es Stromleitungen ohne verfangene Drachen?  
Die dunklen Trauben deiner Augen sprachen:  
„im Himmel gibt es mehr Platz.  
Dort werde ich unser Fahrzeug lenken.“

## ROUTINE

Ich brauche niemand, der mich definiert,  
Ich verwelke auch so,  
Tauche in den großen Müllcontainer,  
Unter die zerdrückten Blumen gemischt.

Aber ich umgehe das Unvermögen neuer Verwendbarkeit  
Und verweile, wo man mich nicht vermutet.

Ich entkomme dem Tod durch das Singen fremd klingender Melodien,  
erfinde neu die Dichtkunst, im Verstreichen der Morgenstunden.

Ohne Eile beginne ich den Tag, kaue die Blätter der Zeit.  
Meinen Bedürfnissen ist mit dem Grün schon Genüge getan.

Kraftvoll verzehre ich das Produkt meiner Fruchtbarkeit  
Auch für meine Nahrung bin ich mir meine eigene Quelle.

In langem Schweigen forste ich mich auf.  
In übertriebenen Gesten blühe ich auf.

Ich verströme Düfte und spreng die Verpuppung:  
bei mir zu Hause werde ich jeden Tag zum bunten Falter.

# KRIEG

Ich bin Degen  
bin Abebé\*

bin gelbe Blüte  
die nach innen  
erblüht

habe  
zarte Sanftheit  
in der Explosion.

## DIE ZIEGE

("Reverdor", 1965)

Wohl eine Lilie. Werkzeug reiner Unschuld  
schwingt im gleichgültigen Hauch des Vergessens.  
Du gehst mir verloren. Ziege, wie es mich schmerzt,  
dich zu betrachten. Bin Weide für den Blick  
deiner bezwungenen Augen.

Werkzeug und Schmuck. Widersprüchlicher Mond  
auf glattem Fels, den dein Huf poliert,  
herrschst auf sanften Hügeln vor schroffem Gebirge,  
statt Träumen lieber saftige Kräuter.

Zeichne mich, dein Ton in meinem Ohr  
Geschnitzt in Elfenbein – Licht und Präsenz  
schon damals beherrschten Weidlands.

Dein Fell beherbergt die Sanftheit,  
scheint leuchtend im Glanz eines aufsteigenden Tages.  
Blüte und Tier, klingende Architektur.

## GELBER GALOPP

("Fábula Civil", 1975)

Bei seiner Heimkehr  
war das Mädchen vom Tor verheiratet  
vom Bürgermeister gab es nur noch ein Kreuz mit seinem Namen  
der Vogelzug hatte wie der Omnibus seine Route geändert  
der jüngste Bruder rauchte Opium  
um zu vergessen.

Bei seiner Heimkehr  
war der Angestellte von der Ecke  
in einen Prozess verwickelt  
bei dem er seine Finger und die Hoffnung verlor  
der Vater hatte einen Schüler erschossen  
und die Mutter war mit einem Hausierer davon.

Als er fortging  
galoppierte der Frühling im Rosengarten  
die Begonien auf den Feldern standen in Blüte  
das Vieh muhte in seinen Pferchen  
die herausgeforderte Erde bäumte sich  
wie eine Stute vor dem Galopp.

Als er fortging  
war die Nahrung der Augen das Grün  
der Landschaft jenseits des Zaunes  
Guaven füllten die Körbe  
die Frauen kamen mit den Kindern zurück  
die Alten erzählten sich schlechte Träume  
der Mond belauerte Hof und Garten.

Bei seiner Heimkehr  
bestellte der Pastor den Architekten  
mit dem Vorsatz, die Zeit wieder herzustellen  
ungeachtet der Uhren  
eine Mauer ersetzte den Horizont  
schläfrige Autoritäten verteilten an die Männer  
Einweisungen in das Sanatorium.

Bei seiner Heimkehr  
hatten sich die Gesetze in Fossilien verwandelt  
die Oligarchen besaßen noch größere Macht  
die Mächtigen operierten mit ausgefeilterer List  
der Pastor entsann sich der „Schaufel unter den Trümmern“  
der Bub las die Nachrichten aus dem Krieg  
Vorurteile und Wirtschaft befanden sich in Harmonie.

Bei seiner Heimkehr  
gab es eine neue Kreuzung mit Lautsprecherdurchsagen  
war das Mädchen vom Tor verheiratet  
war der jüngste Bruder ein alter Soldat.

Als er fortging  
galoppierte der Frühling im Rosengarten.  
Bei seiner Heimkehr  
war der Himmel nur ein gelber Galopp.



# IN TRÄNEN GEBADET SIND DIE STEINE

(„Poesia reunida e inéditos“, 2011)

*Wir sind ein schillerndes Chaos.*  
Paul Cézanne

Vibrierend die Kraft des Tages hervorbrechen sehen  
Zwischen einer Dämmerung und der nächsten.  
Aus der Erde das Malmen von Muskeln aufsteigen sehen.  
Nichts hab' ich zu sagen. Ich weine.

Ich und der Tag – wir dämmern herauf,  
Erstarrt auf der Veranda.  
Gefesselt an Formen und Farben vergess ich doch nicht  
Die universale Hand, die all dies führt und leitet.

Ich verbanne aus meinem Geist das Mittelmaß  
Das sich zwischen Morgen und Abend dehnt.  
Da stehe ich vor einer neuen Wirklichkeit  
Und für Melancholie habe ich keine Zeit

Die Natur ist alles, sagt mir Cézanne.  
Das will ich mal sehen. Der Rest kann zur Hölle gehen.

# METAPHERN VERRÜCKTER LIEBE

(„Poesia reunida e inéditos“, 2011)

*Tantum in amore preces et benefacta valent*  
(In der Liebe haben nur Bitten und Gunstbeweise Gültigkeit)  
Propércio („Elegien“)

Wenn ich mich nachts der süßen Ruhe erfreue  
und schmerzvolle Schatten von mir weichen,  
frag' ich mich zweifelnd, ob Du eine Seele besitzt  
oder nur ein rosenfarbiges Tier bist.

Beruhigt unter dem Schutz mächtiger Schwingen,  
eines Wesens, das es nicht gibt,  
meditiere ich, ob aus dem Meer deiner Abwesenheit  
Rosen zu ernten sind oder dein Eis meine Seele verbrennt.

Ob du Krallen und Schnabel hast, kann ich nicht sagen.  
Auf dem Rasen, dem Pfad leuchtet so etwas wie eine Gestalt.  
Wenn mir ein Tier auflauert

werde ich zum Jäger, verführt von dem Anblick,  
sofort erkannt ist das wilde Geschöpf,  
ich fürchte, der Tod sei der letzte Traum.

## NACHMITTAG IN DER FLUSSNIEDERUNG

Der Regen muss vorübergehen. Hin und wieder  
Ist ein flüchtiges Flattern in der Luft.  
An diesem flackernden Nachmittag hört man jenseits des Flusses  
Teles und Caboclinho spielen.

Ich kann sie nicht sehen, der Regen stört.  
In Seide gekleidet, klage ich zum Himmel, flehe.  
Dann weiter vorn auf der Straße. Meine Tante schimpft  
(nichts hilft): „Hör doch auf. Es ist nur ein Spiel!“

Wut. Ich klopfe dreimal auf Holz.  
Wird es wirklich den ganzen Nachmittag schütten?  
Sagt, wie es zwischen den Streitenden steht.  
Es ist August und regnet ohne Unterlass.  
Insgeheim wünscht sich der Bub zu feiern.  
Jetzt sofort. Atlanta und Palestra, zwei Giganten.

## ERINNERUNG AN DEN GEHÄUTETEN OCHSEN

Ich ließ das Buch sinken. Schaute aus dem Fenster,  
sattes Blau und Wolken, und erinnerte mich:  
siebzig Jahre seit dem Tod von Soutine,  
nach einem geplatzten Geschwür in seinen Gedärmen,  
wie bei dem gehäuteten Ochsen auf seinen Gemälden,  
ein verkrampftes Portrait von seiner Hand.  
Erneut schaue ich auf die Landschaft: der Himmel

noch immer mit nebligen Farben, Geräusche von einer breiten Straße,  
Gebäude und Häuser, vor diesen Verandas,  
keine Wiesen und Felder, nur ganz entfernt etwas Grün,  
das mit matter Stimme meinen Blick anfleht.  
Und hier ich, in Gedanken bei Chaïm Soutine,  
wie er täglich bis tief in die Nacht malte,  
am Haken hängende Viertel gehäuteter Ochsen,  
gekauft in Metzgereien.

## DIE SCHÖNE INÊS

(Kapitel aus dem Roman „Don Solidon“)

Sie war derzeit noch ganz brauchbar, die Anabela, die ganz ruhig dasaß und mit ihren Augen nicht mehr wie die schöne Inês\* nach süßen Früchten zum Pflücken suchte, sondern angestrengt auf die Nadel starrte, mit der sie Kleider flickte. Sie hörte ein Auto vor ihrem Haus halten. Sie seufzte. So ist es, die Zeit geht vorüber, die Zeit *goes by* - und man ist unversehens in der Ära, in der sich die feurigen Rösser der Prinzen unter Motorhauben verstecken.

Sie sah vom Stoff auf, rieb ihre von der Konzentration müden Augen. Wer mochte das sein?

Anabela räumte die alten Kleider beiseite, betrachtete sich im Spiegel, zog den Rock über die Knie, richtete ihren Kragen, strich mit der Hand ihr Haar aus der Stirn und trat schließlich auf die Veranda. Sie war allein oder glaubte zumindest, allein zu sein an diesem melancholischen Ende des Tages. Ein großer Schwarm Vögel kam in lärmendem Tiefflug vorbei und riss sie aus ihrer Benommenheit.

Ein Fremder betrachtete sie. Er stand neben seinem von der Fahrt noch heißen, fast schnaubenden Ford.

Er trug Hose und Jacke, ohne Krawatte. Mittleren Alters, der Bauch leicht vorgewölbt, grobe Hände, mit den selbstsicheren Bewegungen dessen, der es gewohnt ist zu befehlen – oder einem Laster nachzugehen. Dieses Gesicht war ihr irgendwie bekannt. Wann und wo hatte sie ihn wohl schon einmal gesehen? Anabela durchforscht ihre Erinnerungen, aber vergeblich. Schließlich lüftet der Mann seinen Hut. Das heißt, er drückt mit einem Finger die Krempe etwas nach oben.

Anabela gibt zurück, „Guten Abend!“ Da er, statt seine Anwesenheit zu begründen, sie nur schweigend von oben bis unten mustert, die Brüste und stämmigen Schenkel besonders, schickt sie wie eine Verabschiedung hinterher: „Mein Mann ist nicht da, kommen Sie morgen wieder!“

„Ich weiß!“

„Wenn Sie es schon wissen, was suchen Sie dann hier?“

„Er ist im Kasino des Klubs“.

„Na und? Das ist seine Gewohnheit“.

Der Mann lacht. Er sagt:

„Offenbar hat er Gefallen daran gefunden“.

„Es gibt Sachen, die weniger Schaden anrichten“.

„Da haben Sie vollkommen Recht. Aber ihr Gatte hat eine Pechsträhne, da riskiert man alles in der Hoffnung auf Glück.“

„Und zufällig kommt es dann auch?“

„Eines Tages kommt es, wenn man es am wenigsten erwartet.“

Ohne ihn herein zu bitten, schaute sie verblüfft aus der Höhe der Veranda auf ihn hinunter, ohne Anstalten zu machen, das Gitter zu öffnen.

„Mein Glück ist schließlich gekommen,“ sagte der Mann.

„Wie bitte?“

„Ich sage: Mein Glück ist schließlich gekommen!“

„Und Sie haben viel dabei gewonnen?“

„Ich glaube ja, hab's noch nicht gekostet.“

„Da kann ich nur gratulieren, jetzt entschuldigen Sie mich bitte...“

„Einen Moment, meine Dame, wollen Sie nicht wissen, was die Wette war?“

„Das geht mich nichts an.“

„Entschuldigung, aber das geht Sie sehr wohl etwas an.“

„Und warum?“

„Der Einsatz Ihres Mannes, das waren Sie.“

Statt zu erröten, zitterte Anabela, das Blut wich aus ihrem Gesicht.

„Dass ich immer pünktlich bezahle, darauf hat er gesetzt?“

„Nein“, sagte der Mann mit immer breiter werdenden Grinsen. „Der Einsatz waren zwei Stunden Liebe mit Ihnen. Und er hat verloren.“

Anabela schwieg.

„Ich bin hier, um zu kassieren“, sagte der Mann.

Anabela hörte ihn nicht mehr. Ihr toter Blick irrte über die Bäume, glitt blind über das Moos auf den Mauern.

„Also bitte, richten Sie sich her“, sagte der Unbekannte in Befehlstone. Nehmen Sie französisches Parfüm, und ich hab es gerne, wenn die Unterwäsche schwarz ist.“

„Sie haben mich zu respektieren!“

„Das war sein Einsatz – und er hat verloren. Jetzt bin ich zum Kassieren gekommen. Nun mach schon, los. Ich habe ein diskretes Nest außerhalb der Stadt.“

Anabelas Nerven gaben nach, damit kam auch ein schwaches Lächeln.

„Das ist kein Spaß, Madame. Spielschuld ist eine ernste Sache.“

Anabela machte mit spöttischem Lachen ein paar Schritte nach vorn, so als würde sie gleich das Gitter öffnen. Aber sie wollte sich nur zeigen. Sie senkte den Kopf, um den Ausschnitt zur Geltung zu bringen, die Rundung der Brüste trat hervor. In der Bewegung der Beine zeigte sich das Schwingen der Hüfte und des Hintern.

„Ich brauche einen Beweis,“ sagte sie.

„Schriftlich?“

„Ja, von meinem Mann und mit seiner Unterschrift.“

„Habe ich ja alles da.“ Der Mann zog ein zusammen gefaltetes Blatt aus der Jacke. „Hier, mit seiner Unterschrift, wie Sie sehen werden.“ Er faltete das Blatt auseinander und schwenkte es in der Luft.

„Haben Sie die Unterschrift beglaubigen lassen?“ Ihr Ton war voll Hohn.

„Wozu? Sie kennen doch seine Handschrift! Nehmen Sie.“

„Das kann eine Fälschung sein“, sagte Anabela. „Ich gebe mich doch nicht irgendjemandem einfach so hin, ohne ein richtiges Dokument.“

Im Haus knackte ein loses Dielenbrett. Marbela kam mit dem Gewehr auf die Veranda und schoss, ohne zu zielen, in die Luft. Der Mann rannte zu seinem Auto und raste mit quietschenden Reifen und spritzendem Kies davon. Der zweite blind abgefeuerte Schuss brachte einen Ast des Cajá-Baumes zu Boden, fast hätte er die Allee versperrt. Das Motorengeräusch des Ford verlor sich an einer entfernten Ecke. In der nun wieder herrschenden Stille, während die letzte Helligkeit des Tages sich schwarz färbte, schauten sich Marbela und Anabela schweigend an. Das Gewehr kam wieder an seinen Platz hinter der Wohnzimmertür, die Schwester schloss sich mit wütendem Gesicht in ihrem Zimmer ein. Anabela auf der Veranda schaute und schaute, aber soweit sie auch schaute, sie sah keinen Schulbus in der Nähe halten und nicht die Mädchen aussteigen.

## JONAS

(Kapitel aus dem Roman "Inúteis Luas Obscenus")

*Es ist beinahe Neumond. Die Sichel am Himmel ist nur ein gebogener Strich. Aber die jetzt dunklen Wege sind in der Erinnerung hell. Er kennt sie auswendig, alle Kurven und Steigungen, die Pfützen und Gatter. Er hat alles berechnet. Er hat kein starkes und schnelles Pferd, aber Spatz reicht aus, es ist ja nicht weit. In Ferradas, an eine Theke gelehnt, hatte ihn das Gespräch über ein Ereignis in Itajuípe dazu ermuntert, das Mädchen zu entführen.*

– „Um einen Kuss bittet man nicht, man raubt ihn. Und ein Mädchen, das der Vater nicht hergibt, das raubt man auch. Fertig!“ sagt der eine.

– „Das hängt nur vom Willen der Frau ab. Wenn sie es will, ist der Fall gegessen. Sie muss nur noch auf den Rücken des Pferdes“, sagt der andere.

– „Ich weiß nicht, abgewiesene Liebe endet doch als Drama“, sagt ein Dritter, während sie die Schnapsgläser leeren und auf den Boden spucken. „Der kluge Vater stimmt deshalb gleich zu. Es ist das kleinere Übel.“

– „Und wenn er nicht zustimmt? Wenn er dir die Stirn bietet?“

– „Dann kann das Paar einen Pakt schließen, auf Leben und Tod. Das hat es doch alles schonmal gegeben. Entweder erwischt den Burschen eine Kugel aus dem Hinterhalt und das Mädchen wird wie in den Romanen ins Kloster gesteckt oder sie fliehen einfach und am Ende verzeihen die Eltern. So jedenfalls laufen die meisten Fälle“, kommentiert ein Dritter.

So denkt auch Jonas. Jedenfalls sorgt er sich nicht um die Konsequenzen. Er will Celina haben. Celina hat schon gesagt, dass auch sie ihn will. Und jetzt?

– „Willst du mit mir in die Welt hinausziehen?“ hatte er sie gefragt.

– „Ja, ich gehe mit dir!“  
– „Bis ans Ende der Welt?“ – „Bis ans Ende der Welt!“ – „Und wenn uns dein Vater oder deine Brüder verfolgen?“ – „Wir verstecken uns einfach!“ – „Und wenn sie mit Spürhunden kommen?“ – „Das weiß ich nicht. Du bist der Mann. Du musst was erfinden“, sagte Celina.

– „Warte am Fenster“, sagte er, „du brauchst nur hinter mir aufs Pferd zu rutschen und dann hältst du dich an mir fest.“

„In Ordnung“, sagte Celina. „Und wann?“ – „Ich werde pfeifen. Du musst wach bleiben und alles bereit haben.“ – „Ja, mein Liebster!“

Fast Neumond. Jonas hätte eine andere Nacht auswählen können. Nur beim Tauben in dessen Kalender nach dem Datum des Vollmonds schauen, oder wenigstens, wann der Mond wieder zunehmen wird. Die Flucht in dunkler Nacht ist schwieriger. Andererseits erleichtert heller Mondschein auch die Verfolgung. Am besten lässt man alles in der Hand des Schicksals. Außerdem, wozu sollte er zwei oder drei Mondviertel warten, wenn er Celina schon bald haben konnte, in einer der nächsten Nächte, vielleicht sogar gleich morgen?

Zu Hause ahnt Regina den Raub. Jawohl: Raub! Celina ist noch keine achtzehn Jahre alt. Regina sieht, wie Jonas seine Stiefel wichst. Sie sieht ihn das Zaumzeug überprüfen, wie er Scharniere und Verschlüsse einölt, Leder bürstet, den Rucksack bereitlegt, in dem er Proviant mitnehmen will. Noch nie hat er abends seine Machete geschliffen, sondern dies immer auf den Morgen verschoben.

Heute Nacht wird es passieren, denkt Regina. Als Tochter und Schwester spürt sie die Verpflichtung, das bevorstehende Unglück anzuzeigen. Sie muss zum Tauben, seine Lektüre unterbrechen und ihm ins Ohr schreien: „Jonas wird fliehen!“ Der Taube würde erbleichen und mit zitternden Fingern die Brille mit den kreisrunden Gläsern abnehmen. Aller Schreck und sein Entsetzen gerännen in der Frage: „Was sagst Du mir da?“ Nur dies: Dass der Jonas zu Pferde die Tochter des gefürchteten Coronel\* Castro Guerra zu entführen gedenkt.

Die Nacht ist in der Tat sehr finster. Um sich nicht zu verraten, knipst Jonas seine Laterne nur in großen Intervallen an, während er sich langsam und vorsichtig wie von einem Elmsfeuer geleitet durch die Besetzung Castro Guerras vorantastet. Zuerst der dichte Wald mit den Kakaopflanzungen, dann der Obstgarten hinter dem großen Haus. Jonas steigt ab und umwickelt die Hufe des Spatz mit dicken Lumpen, damit Hühner und Gänse nicht aufgeschreckt Alarm schlagen. So nähert er sich, während die Schweine und Hunde ihn bereits erahnen, aber noch schweigen, zwischen den Obstbäumen hindurch von der Seite dem Wohnhaus. Die Stille wird nur von den gewohnten Geräuschen der Nacht gestört. Da ist auch das Zirpen von Insekten und ein Eulenruf, das Flattern von Fledermäusen bei ihrem rasanten Flug.

Die schmale Mondsichel scheint wie geschliffen über Jonas und seinem Pferd zu hängen, als er das Fenster erreicht und den Zügel anzieht. Er lässt

---

\*im Landesinneren Brasiliens die in der ländlichen Umgebung herrschende Lokalgröße

ein leises Pfeifen hören. Nichts, keine Antwort, keine Bewegung. Erneutes Pfeifen. Unter seinem Hut tritt ihm der Schweiß auf die Stirn. Wie konnte Celina diese Verabredung vergessen? Nein, niemals! Ob sie der Schlaf übermannt hat? Oder haben ihr die misstrauischen Castro Guerras ein Schlafmittel in die warme Milch gemischt? Warteten sie schon mit gesattelten Pferden und mit Flinten und Revolvern bewaffnet an der Vorderseite des Hauses, bereit zu grausamer Rache? Ein Schauer läuft Jonas über den Rücken. Er wird ein Steinchen gegen die Fensterscheibe werfen und seine Entdeckung riskieren und dass er abgeschossen wird wie ein nächtlicher Räuber. Da öffnet sich das Fenster und in seinem Rahmen erscheint wie ein Gemälde Celina, mit angespanntem Gesicht. Jonas macht ihr ein Zeichen, und sie steigt auf das Fensterbrett, schwingt ein Bein über die Kruppe des Spatz und lässt ihr Gewicht auf ihn fallen, was er mit einem Sprung quittiert. Celina umschlingt Jonas mit ihren Armen, als sei er ein großes Kissen, ihr Gesicht an seiner Schulter. Ihre Brüste pressen sich an seinen Rücken – der Reiter und die geraubte Braut, eine unförmige Figur auf vier Beinen im schwachen Schein eines neuen Mondes. Jonas berührt mit den Sporen ganz leicht die Flanken des Spatz und das Pferd – beobachtet von den drei sich kratzenden und auf noch etwas Fleisch wartenden Hunden – gleitet lautlos in die noch dunkleren Schatten zwischen den Kakaopflanzen des Waldes.

Jonas spürt auf seinem Rücken die weichen Brüste des Mädchens, die ihm, so eingesperrt zwischen den Tüchern, wie unterdrückte Flammen erscheinen. Heiß auch das Gesicht und die ihn umschlingenden Arme. Nackt in der Geborgenheit des Bettes und in der Intimität von jeder Scham befreit, wird Celina sicherlich wunderbar von Kopf bis Fuß brennen – Jonas zügelt sein Verlangen bis zur ersten Gelegenheit, mit ihr allein und vor den Castro Guerra sicher zu sein. Die Vereinigung wird dann anfangs noch ängstlich sein, bis ihre Körper von Zuckungen übermannt werden.

- „Bist du müde?“ fragt Jonas.
- „Ein bisschen.“
- „Schlaf nicht ein. Bis wir weit weg sind.“
- „Wohin bringst du mich?“
- „Wir bleiben bis morgen im Haus eines Freundes. Danach fliehen wir weiter.“
- „Haben wir ein festes Ziel?“
- „Vorläufig nicht. Jetzt noch nicht.“
- „Ich habe Angst“, flüstert Celina.
- „Nach dem, was wir getan haben, ist Angst ein Luxus.“
- „Vater und meine Brüder sind sicher schon hinter uns her.“
- „Vielleicht noch nicht. Nach einem langen Arbeitstag fallen sie gleich nach dem Abendbrot wie Steine ins Bett. Schlafen tief und fest.“
- „Ja, das ist wahr.“
- „Aber morgen früh werden sie mich suchen und die Flucht entdecken. Dann lassen sie die Hunde los.“



- „Die uns aber nicht beißen.“
- „Aber sie spüren uns auf.“
- „Ich verspreche, keine Spuren zu hinterlassen.“

Jonas wendet sich halb um, als wolle er sie küssen, aber er streicht nur über ihr duftendes Haar. Er darf seine Sinne jetzt auf der Flucht nicht auf die Braut konzentrieren, sagt er sich, sondern muss einen kühlen Kopf bewahren. Den flachen Fluss durchquert er an einer ungewohnten Stelle, und damit die Verfolger seine Spur verlieren, reitet er ein Stück weit im Flussbett, ehe er die Uferböschung erklimmt. So an ihn gepresst, das Gesicht an seiner Schulter und die harten Brustwarzen an seinem Rücken, lässt sich Celina in das allererste, einzige und vielleicht letzte große Abenteuer ihres Lebens tragen.

Es gefällt ihr, eine geraubte Braut zu sein, so fort zu gehen, von daheim in der Nacht auf einem Pferderücken zu fliehen, wie romantisch! Das unterscheidet sie von den anderen Mädchen, die auf ihren Auserwählten warten. Einige gehen in der langen Wartezeit schon verloren und welken in den schattigen Salons kolonialer Gutshäuser dahin.

- „Jonas?“
- „Mhm“.
- „Das ist für immer, unsere Liebe?“
- „Ich schwöre. Für mich ja!“
- „Was auch immer geschehen mag?“
- „Komme, was wolle!“
- „Aber ich hab Angst. Vorher hatte ich keine. Jetzt läuft es mir kalt über den Rücken!“ Celina beginnt zu schluchzen.

- „Oh, liebste Liebe. Die Angst ist doch ganz normal!“
- „Hast du auch Angst?“
- „Um ehrlich zu sein, habe ich, ja.“
- „Das ist die Angst vor meinem Vater, ich weiß.“
- „Auch vor deinen Brüdern. Und vor den Killern, die sie anheuern werden.“
- „Wenn sie uns finden, werden wir sterben.“
- „Ich mit Sicherheit. Du wohl nicht.“
- „Aber sie werden mich nicht wieder aufnehmen in die Familie.“
- „Das ist wohl wahr.“
- „Ich bin ja schon entehrt. Als ich mich auf dein Pferd setzte, hatte ich die Unschuld eines Fräuleins verloren“, klagt Celina.

Stille. Außer dem Gesang der Zikaden hört man nur das Klappern der Hufe.

- „Für Vater und meine Brüder bin ich schon eine Hure.“
- „Sie kriegen uns nicht. Ich verstecke dich auf dem höchsten Baum, in der tiefsten Höhle. Das verspreche ich dir!“
- „Heilige Jungfrau! Und von was werden wir leben? Immer verborgen und auf der Flucht?“
- „Es findet sich immer irgendein Ausweg. Mit der Zeit lässt dann auch ihr

Eifer nach.“

– „Aber ich will eine Hochzeit, Jonas. In der Kirche. Mit einem weißen Schleier, hörst du?“

– „Dein Vater wird dir nie seinen Segen erteilen.“

– „Das ist mir egal. Du treibst einen Priester auf, der uns traut. Fertig!“

– „Natürlich, meine Liebe!“

– „Und wir werden in der Stadt leben, und am Abend gehen wir dann ins Kino, Arm in Arm, als Mann und Frau!“

– „Ja, meine Liebe.“

Spatz begann, Zeichen von Erschöpfung zu zeigen. Es ist tiefste Nacht, als Jonas das kleine Dorf und das Haus seines Freundes Rosendo erreicht. Dort werden sie schon erwartet. Vorläufig sind sie gerettet. Spatz wird auf die Weide gebracht. Hier gibt es keinerlei Hinweise auf eine Verfolgung. Auf einem schmutzigen Stuhl im engen Wohnraum sitzend weint Celina erneut. Ein lautloses Weinen, Tränen rinnen ihr aus den schmerzenden Augen. Einziger Schmuck dieses kleinen Raumes ist an der fleckigen Wand ein Kalender und der Heilige, von Pfeilen durchbohrte Sebastian aus Gips. Sie wimmerte noch immer, als Jonas sie in das von Rosendo vorbereitete Zimmer trug – und hier nahm er endlich von Celina Besitz, zwischen Tränen, halb erstickten kleinen Schreien, Lockungen und Annäherungen, im Licht einer langsam dahinschmelzenden Kerze.

Rosendo hatte sich aus dem Staub gemacht.

## FORTFAHREN HEISST NICHT IMMER VORANKOMMEN

(Aus "Ao longo da linha amarela", P55 Edições, 2009)

Wäre da nicht das Blau dieses Himmels, diese Nähe zum Meer, diese schöne, lang hingezogene Küste, deren Schwung sich in den Kurven der Frauen fortsetzt, ja, dann wäre diese Stadt endgültig verloren.

Geh mit mir durch die Straße vom Fort São Pedro, vom Campo Grande aus in Richtung der Avenida Sete, und achte mal auf dem Bürgersteig der rechten Straßenseite – es bedarf keiner Anstrengung – auf die dort behelfsmäßig aufgebauten Verkaufsstände für Obst, Gemüse, Fisch und ähnliches mehr, und du merkst, dass der fortgeschrittene Morgen den Schmutz und Gestank nur verstärkt hat. Das Menschengewirr, der Fußgängerstrom werden in der Hitze Ende Februar nur noch gereizter. Diese Stadt braucht ebenso wie ihre Bettler eine ordentliche, zumindest körperliche Reinigung, wenn wir die mentale im Augenblick nicht kommentieren wollen. Am Ende der langen Strecke überlege ich, an der Ampel nach rechts abzubiegen und auf der Politeama hinunter zu steigen, aber das tue ich nicht. Ich warte, bis mir die Ampel den Weg freigibt. Ich gehe bis zur Mercês und betrachte das symmetrische Chaos, das sich über die Avenida Sete erstreckt, um sich dann bis auf die Höhe des Platzes der Piedade auszubreiten. In diesem Chaos löse ich mich auf. In diesem geordneten Durcheinander werde ich zu dem, was ich bin – ein Niemand, aber als Niemand doch individualisiert.

Am Largo do Rosário kaufe ich Bananen, zünde eine Zigarette an und gebe dem am nächsten sitzenden Bettler ein paar Münzen. Etwas, eine geduckte Gestalt, rennt durch die Menge – ein Dieb? Oder wurde er bestohlen? - Schon ist er weiter vorn verschwunden. Ich gehe weiter, scheinbar gut in die Unordnung integriert, die sich dem schmeichelnden Blick der Ausländer als eine malerische Alternative darstellt. Hier bei uns, nicht dort bei ihnen.

Nach dem Überqueren des Platzes der Piedade, mit hartem Schritt und passendem Gesichtsausdruck, fädele ich mich in den Ameisenstrom Richtung Estação da Lapa ein, dem Busbahnhof, und lasse mich bis zum Antiquariat Juvenil treiben, dessen enge Räumlichkeiten wie gewöhnlich überfüllt sind. Ich stoße auf Tágner, einen anderen Niemand, der aber ohne die mir gegebene Gabe der Individualisierung ist. An Körper und Kleidung schlecht erhalten, ist er unmoralische Geschäfte gewohnt, mit denen er sich am Leben hält, weshalb er auch alle Antiquariate der Stadt kennt, in denen er sich seine tägliche Ration abzustauben pflegt. Freilich ist seine eigentliche Spezialität die geriatrische Zuhälterei, für Schwule, Witwer und alle erdenklichen psychologisch

schwächlichen Wesen. Nicht mal der eigene Sohn war vor ihm sicher. Er bemerkt mich, aber tut so, als habe er mich nicht gesehen. Er, dieser Stadt größter Leser von Vorworten, profunder Kenner der Einführungskultur, mit jener Pose, die das aufschlussreichste Sinnbild einer provinziellen Psyche ist. Wir sind Träger jener den Tropen eigenen Verwünschung: die Schale als Inbegriff des Überflüssigen, aber die offensichtliche innere Leere dann als letzte Essenz. Kurzum, Tágner gehört zu diesen Wegwerffiguren, die in einem Absatz erwähnt sind, um schon im nächsten wieder zu verschwinden.

Ich halte mich nicht damit auf, abgegriffene Buchrücken zu betrachten, sondern kehre auf dem gleichen Weg zurück. So komme ich zum Anfang der Avenida Joana Angélica, wende mich nach links und kämpfe mich durch das Gemenge von fliegenden Händlern und Passanten. Von der Uhr von São Pedro führt mich mein Weg zum Kloster von São Bento. Ich setze mich, hefte meinen Blick unverwandt auf den heiligen Herrn dieser Kirche und beginne, trotz des Lärms meinen Gedanken nachzuhängen.

Die moderne Architektur führt zur Verflachung des Geistes. Der monumentale Baustil des Mittelalters richtete den Geist in die Höhe, aber der Gigantismus der Moderne, mit seinen harten Linien, mit seiner scheinbaren Weite und dem degenerierten Raumgefühl, macht den Menschen in seiner verzweifelten Klaustrophobie zum Zwerg. Liegt nicht gerade hierin eine der Ursachen für die automatisch uns überfallende Eile, unsere mechanische Ungeduld? „Architektur ist nicht Skulptur“, hat schon Marques Rebelo festgestellt.

Ich habe jeden Fuß in einem anderen Thema, genau wie der Zickzack-Kurs meines Weges vom Zentrum hierher. Das allgemeine Übel, öffentlich wie privat – die gewöhnliche Vulgarität, eine Schwäche, die sich als Stärke aufspielt – ist die Angewohnheit, dauernd an allem zu mäkeln. Hilft es, dieses Unkraut, den ärgsten Feind des Gärtners, mit den Wurzeln heraus zu reißen? Der Lehm, aus dem wir gemacht sind, ist äußerst fruchtbar für diese außergewöhnliche Widerspenstigkeit. Man lebt damit. So mancher denkt erst dann daran, dieses Gewächs zu stutzen, wenn sich seine Äste soweit verzweigt haben, dass es für die äußere Fassade nicht mehr zu tolerieren ist. Die Herde kann das Dickicht gewöhnlich nicht erkennen. Der momentane Blick in mich hinein versorgt mich mit Material: je tiefer ich in mir schürfe, desto mehr erschrecke ich. In mir erscheint ein gewisser Hochmut bei der Erkenntnis meiner Monstrositäten. Wenn man sich durch die Entdeckung der Krankheit bereits etwas besser zu fühlen glaubt, ist das dann schon ein Zeichen von Gesundheit? Niemand erträgt es für längere Zeit, durch die schmutzigsten Gassen seiner inneren Stadt zu streifen. Es ist hart, auf dem Hauptplatz dieser inneren Stadt die eigene Statue voll Patina und Taubendreck zu finden. Die moralische Bronze rostet besonders schnell.

Der Nachmittag geht zu Ende.

Das Licht der Stunde des Angelusläutens sinkt auf die Stadt hernieder. Es ergießt sich auf Avenidas, Plätze, Straßen und Gässchen, dringt bis in die Winkel,

die von Puristen und Zerstreuten noch nicht entdeckt worden sind; es ist ein Licht, das den Umrissen der Dinge eine andere Bedeutung verleiht, sie werden vielleicht nicht schwerer, nehmen aber an Wichtigkeit zu.

Erst nachdem die Stadt etwas verschnauft und ihre juckenden Ausschläge auf der grauen Haut der einsamen Masse gekratzt; erst nachdem sie sich ohne Scham ihrer aus den Auspuffrohren, Abflüssen und fluchenden Mündern entweichenden Winde entledigt; erst nachdem sie als eine riesige, in Haupt- und Nebenkammern geteilte Kloake all die Abfallprodukte ihrer Lebendigkeit empfangen hat; erst nach diesem generellen Tumult, bei dem ein mysteriöser Taktstock den Rhythmus vorgibt, ohne doch die unvermeidbaren Zusammenstöße von Fahrzeugen und Mentalitäten verhindern zu können; erst nach alledem gibt es einen Moment des Stillstands, der – zu Anfang kaum wahrnehmbar – sich dann mit fortschreitender Nacht doch immer länger ausdehnt. Es ist an diesem Punkt, dass ich mir versichere, diese sinnlose Unrast habe etwas Krankhaftes an sich. Schließlich ist es aber notwendig, sich den Unterhalt des Lebens – dieser doch sehr konkreten Illusion - zu verdienen, wobei die Feststellung von vitaler Bedeutung ist, dass Transzendenz zwar mit Münzen nicht zu erkaufen, aber dennoch Teil des Lebens ist.

Ich verlasse das Kloster und verweile in der Mitte des Platzes. Im Verlauf eines guten Gespräches kann ein Mann ohne Hemmung Teile seines Innenlebens wie einen Stadtplan offenbaren, aber nicht späteren Generationen, sondern dem fast leeren, von seiner Kindheit bewohnten Platz. Der alte Laternenpfahl wird ihm lauschen, vielleicht – denke ich – möchte die vergessene Ecke eine Antwort geben. Jedoch kommt die Antwort dann von der Krone des hundertjährigen Baums, der sich hoheitsvoll erhebt. Seine aufsässigen Wurzeln haben sich keiner Pflasterung unterworfen. Er beschuldigt mich, unter dem Blick des Knaben, der ich einmal war, meines Scheiterns. Dieser Knabe ist nun Richter, denn der Erwachsene, zu dem ich geworden bin, hat ja versagt; auch weil kein Knabe je Vater des Mannes sein wird. Aber er klagt mich an: Die einst erträumte Rechtschaffenheit deiner Handlungen, deine moralischen Prinzipien, Jahrhunderte Sokrates – wo sind sie geblieben? Sie haben sich langsam während meiner inneren Wanderschaft verflüchtigt. Beim Auftrennen dessen, was ich so unregelmäßig gewebt habe, gebe ich mir große Mühe. An jener Kreuzung, beim Überschreiten des dreißigsten Lebensjahres, häufen sich schmerzhaftes Gewissensbisse, gefolgt von Reue, für die es keine Linderung gibt. Auf der Suche nach Erleichterung drehe und wende ich das Tuch der Vergangenheit und suche die kleineren Flecken, wobei ich die großen Schäden geflissentlich übersehe. All dies soll ich wirklich begangen haben? In welchem Ausmaß? Ich weiß es nicht.

Oder besser: ich weiß es wohl. Aber ich verliere mich beim wiederholten Waschen des Tuches, bei dem Flecken und Risse unvergesslich werden. „Selbsterforschung“ – so sagt mir der schmutzige, schlecht erleuchtete Platz – „Selbsterforschung, mein Freund, das ist eine verstörende Übung“.

Der stolpernde Schritt auf der steil zu inneren Tiefen führenden Spirale ist natürlich auch für denjenigen nicht zu erkennen, der sich für den hochgewachsenen, kahlköpfigen Mulatten interessiert. Er hat einen wachen Blick, eine Boxernase, breite Schultern, einen leicht gewölbten Bauch, trägt schwarze Schuhe, Jeans, ein blaues Hemd. Ich gehe in Richtung des Castro Alves-Platzes die Straße hinunter, während der Wirbel meines inneren Chaos` in mir empor steigt. Das Schwanken des Wanderers erzeugt moralische Übelkeit. War wohl dies meine eigentliche Wanderung, ungeachtet der ästhetisch und metaphysisch begründeten Umwege? Ich überquere die Rua Chile, bleibe in ausreichender Entfernung von der Eisdielen „Cubana“ am Geländer stehen und blicke auf die Allerheiligenbucht, die von hier oben betrachtet so in der Nacht auch weiterhin wunderschön ist.

## IM WOHNBLOCK „EDIFÍCIO FAVELA“

(Aus „Ao longo da linha amarela“, P55 Edições, 2009)

*Für Edmar Brasil*

**B**ei Regen, mit schmerzdem Rücken und arbeitslos durch die Adern der Stadt, Lebensläufe zustellen, die den Umfang meiner Bedeutungslosigkeit haben. Zuneigung und Freundlichkeit über dem Bodensatz dieser Misere? Mystifizierung von Mist und Schund? Ich überquere die Straße und bleibe unter einer Markise stehen. Mit gesenktem Kopf und dem Blick auf dem Boden, um nicht in Hundehaufen zu treten, laufe ich bis zum Zeitungskiosk. Drinnen hockte, vor dem Regen geschützt, der kahle Besitzer, mager, gesprächig. Er deutete auf die Buchhandlung. Ich hinkte dorthin, mehr Wasser fällt vom Himmel. Ich trete ein, wie ein nasses Küken, und man schickt mich in den Gang zu den Büros am hinteren Ende des Ladens. Der Lebenslauf ist nur ein Vorwand, um nach dem Klopfen an drei falschen Türen auf eine Frau mit bitterem Gesicht zu treffen, die glaubt, das Leben sei ihr viel schuldig geblieben, weil sie meint, sie sei mehr als sie eigentlich ist. In aller Freundlichkeit, scheinbar voller Hochachtung fordere ich sie auf (wir sind ja allein) die Adresse des richtigen Kontaktes herauszugeben, wenn nicht...ich drängle mit Schenkeln und Unterleib gegen ihren Körper und drehe ihren linken Arm in eine Stellung, als werde ich nun Finger um Finger brechen. Sie rückt die Adresse des Käufers heraus, die ich wegen der Originale brauche, ihre Pobacken stecken prall in den Jeans. Er wird mir steif. Erschrocken versucht sie zurück zu weichen, ich presse sie gegen die Wand, aber ich werde nichts machen, da sind Leute in den Büros nebenan. Womöglich ist es eine Waffe, was ich ihr in die Seite drücke, während ich sie langsam loslasse. Leise, männlich verlange ich „Halte ja dein Maul!“. Ganz unverdächtig mische ich mich unter die Menge in der Avenida Manoel Dias und steige in einen Bus.

Auf den Barden bin ich ja gar nicht scharf. Was zählt, ist die Reliquie. Die Kohle. Zé hatte gesagt: „Sie bleiben hier im ersten Stock in der Stiftung DAS HAUS“.

Er sagte, einige der Originale seien schon verschwunden, während wir den Platz hinuntergingen, um da unten bei der sündigen Fauna einen Schluck zu nehmen. D'Ajuda durchstreifen, steile Gassen hinunter, quer über Plätze an denen man einst für die Huren und feinen Fräuleins anderer Zeiten noch Lieder komponierte, während sie heute von Tinte und Feder Gebrauch machen, von Musik, Film, dem Messer und ähnlichem, oder sie haben gesaugt und saugen noch immer an irgendeiner amtlichen Brust. Ich lande im Busbahnhof Estação da Lapa und rieche die von den Imbissbuden fettige Luft, bin verschwitzt und bin auch dieses schrille Gewimmel leid. Ich mit China, nicht unbedingt im Gegenverkehr, aber doch etwas neben der Spur. Der Bus überfüllt. Außen, klitschnass auf dem Trittbrett hängen. Nach einer halben Stunde bin ich im Edifício Favela. Ich steige in den vierten Stock. Nackt, durch den Feldstecher blickend, stelle ich mir beim Onanieren ein Massaker vor, das ich unter den winzigen Menschlein dort unten anrichte.

\* \* \*

Der Morgenhimmel ist bewölkt, die Luft stickig. Ich steige an der Kathedrale aus und gehe. Ich bin klein, stämmig, untersetzt, fit für die stundenlangen Streifzüge durchs Zentrum, immer mit einer ordentlichen Dosis von Schmerzmitteln, damit mich mein Rückgrat nicht im Stich lässt. Ich gehe nicht zur Stiftung, kehre um, gehe die Ajuda-Strasse hinunter, überquere den Castro Alves-Platz, und inmitten der Hundemeute (dem Maximum möglicher Mischung) zieht eine zerknüllte Papierserviette wie ein Schmetterling ihre Kreise auf dem Asphalt. Hausierer, fliegende Händler für alles, und wenn Regen droht, waten wir bis zur Uhr von São Pedro durch das vielstimmige Geschrei des Schlussverkaufs, rasch verbleichende Haarfärbemittel. Androgyn, mal zu dieser, mal zu jener Seite sich neigend, ist diese Mischlingsstadt im ersten Moment kokett, wie ein Geck geschneigelt und aufdringlich, bleibt dabei aber immer Hure und Diebin. Stadt auch der Schwulen, der affektierten Gestik. Sex und Magen, Magen und Sex, der zwischen diesen Polen pendelnde Puls der Stadt, was kann man aus diesem Rhythmus gewinnen? Der klebrige Schmutz ihrer Winkel, ihre Vulgarität, die sich überall spreizt, von der Avenida Sete bis zur Höhe von Piedade – ich biege ein in eine Nebengasse und gehe zum Chinesen, bei dem man pro Kilo zahlt.

Wenn ich nichts zu tun habe, bin ich verloren. Ich stricke dieses Gewebe durch die Adern von Soterópolis\* um so etwas wie einen Sinn in meinem Leben zu haben. Selbst wenn meine Askese eher seitlich im Horizontalen verläuft, so stillt sie doch vorübergehend unseren Durst nach Transzendenz. Es ist eine in gewissem Sinn schädliche Beschäftigung, denn es war für diese Hypothese, dass der in uns hausende Besessene durch Generationen und ad aeterno brennen muss. Ich bin dabei, mich in Gedankengängen zu verstricken, während ich das Durcheinander verspeise, das dem Kunden des Chinesen immer verdächtig ist.

---

\*Von Intellektuellen in Anlehnung an die altgriechische Übersetzung gerne benutztes Synonym von Salvador.

Hier bedarf es keiner Etikette, ich rülpe, stochere in den Zähnen, zahle und gehe zur nächsten Haltestelle. Ich nehme einen Kleinbus, der den labyrinthischen Stadtkern, diese mehr oder weniger kontrollierte Hölle, rasch durchquert. Eine Stadt, die noch immer dabei ist, sich zu blähen und noch nicht völlig verkrampft ist. Metal-Flux hilft beim Formen des Stahlbetons, der auf den Hängen und Brachflächen der Stadt in Super-Vorstädten heranwächst; Speckfalten der Stadt, die in dieser phallischen Hügellandschaft einen aseptischen, sterilen Anschein erweckt. Das Hin und Her des Verkehrs ist mit dem Corredor da Vitória zu Ende, wir gleiten die Straße zur Barra hinunter, bis sich der Küstenstreifen vor mir entrollt. Wer mit mir kommt, reist in der Leere der Geschwindigkeit.

Da kommt die Kurve an der Spitze des Kontinents, beim Leuchtturm, danach Strand an Strand, ihre maritimen Gerüche, es beginnt zu dunkeln. In Piatã steige ich aus, das lange Sitzen bekommt mir nicht... Ich muss den Käufer besuchen.

An der Einfahrt zur bewachten Villensiedlung zeige ich meinen Ausweis. Ich muss zur fünften Villa auf der linken Seite der Allee. Doppelte Wachsamkeit für den Adel des Viertels. Ich klinge, Hunde schlagen an. Die Hausangestellte führt mich in ein großes Arbeitszimmer mit Bibliothek. Ich akzeptiere den angebotenen Kaffee und zünde eine Zigarette an. Er erscheint gekleidet, als gäbe er nichts auf seine Klasse. Leger, fast nachlässig. Ein junger, langhaariger Erbe, dem der Wohlstand aus allen Poren dringt. Er beginnt einen Vortrag über „die Besten“, aber ich falle ihm trocken ins Wort, ich bin hier, um ein Geschäft abzuschließen. Sein verkrampftes Lachen zeigt, dass er die Supererleuchtung eines Westlers zur Schau stellen möchte. Dort hat das Schweigen großes Gewicht, man weiß nicht, ob aus Stolz oder Scham. Mit blasierter Stimme nennt er seinen Preis. Es ist wenig, ich verlange mehr. Wir handeln eine Weile, dann ist das Geschäft perfekt. Ich lüge, noch sind die Originale nicht in meiner Hand. Jetzt weiß er, dass ich es nicht mehr eilig habe, verweile, um seine Wohnung zu studieren. Er aber verabschiedet mich ohne viele Umstände. Der Tag der Lieferung ist aber vereinbart. Entspannt kehre ich mit dem Bus in meinen vierten Stock zurück.

Es scheint, im Stock über mir ist irgendwas los. Ich zwinkere, es erschreckt mich, ich gähne, strecke mich, schlürfe Kaffee, sauge an der Zigarette. Ich richte das Fernglas nach links, wo sich drei kleine Häuser aneinander drängen, unregelmäßige Konstruktionen. Ich sehe eine stämmige Schwarze in ein Badetuch gewickelt, die Wäsche aufhängt. Als sie ihre Arme hebt, fällt das Tuch zu Boden. Sie hat keine Eile es aufzuheben, sie fühlt sich nicht beobachtet. Man sieht, dass sie Mutter ist, hat Brüste, die schon abgestillt haben. Ein leichter Bauch. Ich entwerfe für das Edifício Favela ein Gemetzel, bei dem ich sie von ihrem Nachbarn würgen und quälen lasse. Keine Symmetrie in der Landschaft – Treppen, enge Gassen, schiefe Fassaden, das ist die Landschaft dieser Art Ratten. Ich tu' so, als hätte ich nichts gesehen, wende mich ab und stecke mir einen Joint ins Gesicht.



Unrasiert, aber geduscht gehe ich hinunter und nehme die Avenida Cardeal da Silva. Eine gewundene Straße, die bis zum Gantois ansteigt, an São Lázaro vorbeischrämmt, die Steigung von Campo Grande, viele Viadukte. Dort weiter bis zur Stiftung „DAS HAUS“, wo man zu dieser Tageszeit mit der Wachsamkeit nachlässt. Ich gehe, und der Wind besteht aus fettigem Monoxid, ein Bruzzeln von Leckerbissen in kochendem Öl, dessen Geruch durch die Stadt weht. Nicht flanieren, den Sinn erträumen. Daher das Interesse an den Originalmanuskripten des romantischen Bardens, 19. Jahrhundert, afrikanische Befreiungsbewegung, damals für quasi alle im portugiesischen Amerika der große Schlager. Nicht für mich. Aber es lohnt die Kröten, die ich gerade brauche.

Ich komme zur Stiftung, die Frau am Empfang schickt mich in den ersten Stock, unten sitzt ein Wachmann. Ich gehe hinauf, ziehe die Schutzscheibe vor den Originalen zur Seite, greife mir den alten, vergilbten Schinken, stecke ihn in die Aktentasche, ziehe die Scheibe zu und verschwinde in aller Ruhe in der Menge auf dem Platz. Zurück gehe ich zu Fuß.

Sie glauben gar nicht, wie leicht das Stehlen ist, Halbanalphabeten, altes Papier eines toten Poeten hat für diesen Haufen keinen Wert. Das war mein Pech. Die Originale sind Unikate, nicht nur von der Hand des Bardens geschrieben, sondern nie zuvor veröffentlicht. Dabei schwante mir doch von nichts.

Ich treffe den Käufer an derselben Adresse. Wenn ich mich bezüglich des vergilbten Schinkens getäuscht habe – dieser Kerl wusste genau Bescheid, spielte den exzentrischen Sammler und legte mich herein. Betrogen und benutzt. Der Käufer erklärt mir meine ausweglose Situation, da sind auch schon zwei herkulische Mulatten und machen mich fertig. Als ich wieder zu mir komme, bin ich irgendwo auf dem Land. Bin ich noch im gleichen Staat?

Warum haben sie nicht komplett Schluss mit mir gemacht?

Per Anhalter zurück zum Edifício Favela.

\* \* \*

In Piedade ein Gespräch mit China, der neugierig fragt:

- wie kamst du auf den Käufer?
- hab ich der Frau vom Buchladen abgepresst
- und die? Wer gab den Tip?
- Worauf willst du hinaus? Den Preis?
- Auch. Dein Problem hat die Form eines Kreises, aber irgendwie fehlt der erste Anstoß.

Er redet von Ungarn, Argentinern, Franzosen, konzentriert sich auf den Italiener Buzzaati, erzählt was von Physikern und Biologen. Für mich eine altbekannte Geschichte: beim Verkauf der illegalen Lotterielose, stand da eine Razzia an, dann wurde Vater rechtzeitig von einem der Beamten gewarnt. Er schleppte die Wetten und alles belastende Material nach Hause und bat Mutter, das ganze Zeug zu verbrennen. Nach der Razzia bat er dann um Bleistift und

Papier und ließ meine Mutter alle Wetten seiner Kundschaft so, wie er sie aus dem Gedächtnis aufsagte, notieren.

Ich versuche abzulenken, aber China gibt keine Ruhe. Ich erzähle nichts von dem Hinterhalt, in den ich geraten bin. Ich erzähle die glückliche, aber leider falsche Version, und dass ich mit dem Gewinn aus dem einmaligen Manuskript verreisen werde. China schaut auf die blauen Flecken und tut so, als glaubte er mir. Wir gehen auseinander.

\* \* \*

- Selbstpsychopolizeikontrolle.
- Ein grauenhaftes Wort, gebe ich zurück.
- (...)
- Verzeihung, aber ich bin total daneben.

Wir sind in der Estação da Lapa, der Regen peitscht, müde, stinkend, Fleisch aller denkbaren Gestalt und Verrücktheit, sonntägliches, mich ärgernendes Gedränge. Ich betrachte die vorüberkommenden Weiber.

China erahnt das Unausgesprochene, stupst das Thema an.

- Das Verbrechen ist obligatorisch – sprich von deinem *roman noir*.
- Das Abschlachten der kleinen Menschlein im Fernglas zählt nicht?
- Vielleicht.

Wir setzen uns in einen ungestörten Winkel des Bahnhofs, wo er mir seinen Befund aufischt.

– Ich weiß von dem Mist, den du mit den Originalen dieses Barden gebaut hast.

Kaum merkt er meine Absicht zu protestieren, da greift er mich auch schon an:

– Von wegen verweist... einen ganzen Monat bist du in der Tiefe eines Antiquariates verschimmelt, das dir anderthalb Mindestlöhne zahlen wird. Ich weiß, warum sie dich nicht umgebracht, und wo sie das Manuskript versteckt haben. Mit deiner Blödheit hast du den Markt durcheinander gebracht, der sehr verschlossen und teuer ist. Blödmann. Ich hab meine eigenen Kontakte.

\* \* \*

Vor dem Morgengrauen wäscht ein Gewitter die Finsternis. Lageplan, Stunde, Umstände und Ort, alles hat mir China besorgt. Die Hunde sind unruhig, aber in ihrem Zwinger. Die hohe Mauer brauche ich nicht zu nehmen, ich hab einen Schlüssel für die seitliche Pforte. Ich trete ein. Es gibt keine Wachen. Im Geäst der Bäume heult der Wind. China geht in diesem Besitz ein und aus, ist dicke mit dem neuen Besitzer. Überraschungen lassen sich freilich nicht immer vermeiden. Ums Haus herum, zum Kücheneingang, die Tür aufbrechen auf dem Weg zum Tresor in einer Nische des Büros. Im Schlafzimmer ein halbnacktes Weib im Tiefschlaf. Sie ist nicht mit der Familie zum Wochenendausflug nach Itaparica. Am Rand

ihres Lagers, aber ich nehme mich zusammen. Wie ein Automat suche ich den Tresor, drehe am Kombinationsschloss (ah, die Intimitäten Chinas). Ich wickle die Originale in Folie und packe sie in meinen Rucksack. Zurück ins Zimmer. Sie hatte das Licht angelassen, die Beine halb gespreizt, dunkelhaarig, hellbraune Haut. Draußen toben die Hunde wie wild, und ich höre das Knacken eines Riegels, der gewaltsam geschoben wird. Ich verstecke mich. Schritte.

Der Maskierte macht den gleichen Weg, den ich gekommen bin, an der Tür zu diesem Zimmer bleibt er stehen. Er sieht, was ich gesehen habe. Sicher hat er den gleichen Auftrag wie ich. Ich beobachte ihn am Rand des Bettes. Halbnackt, offen, ist sie ein Opfer-Engel, der schnarcht.

Tage später die alles verzerrende Zeitungsnotiz: Tochter aus der feinen Gesellschaft grausam misshandelt. Rache? Foto des Ex-Gatten beim Verhör. Kein Wort über Originale. Der geschädigte Käufer-Besitzer ist vielleicht pleite, aber sicher nicht dumm.

\* \* \*

Der ganze Weg vom Anfang des Viertels Engenho Velho bis zum Ende der Linie, an einem Wochentag, ein Ameisenhaufen. Beschwerden der Rückenwirbel verlangen nach mehr Schmerzmitteln, auch meine süße Gastritis, wenigstens kein Regen. Die Luft ist wie Harz, das aus meinen Poren dringt, Ofenhitze. Schon von Weitem der unverwechselbare schwarze, grau durchzogene Spitzbart Chinas. Er schleppt mich durch tausend Gässchen. Die asymmetrische Hässlichkeit des planlos gewachsenen Ameisenhaufens. Wir kommen zum Haus, dem Versteck. Er ist wieder der metaphysische Freund. Er doziert, ich lausche. Sein Vortrag ist gebildet und angenehm.

Ich frage:

– Warum haben sie mich nicht umgebracht?

Er erwidert:

-- Und wer hat das mit dem Mädchen gemacht?

Ich hasse es zu streiten und bitte um meinen Anteil am Verkauf der Manuskripte des Barden. Ich zähle noch in seiner Gegenwart nach. Wir verabschieden uns.

## LEBENS LAUF

(Aus "O LIVRO de água", P55 Edições, 2013)

**mein Name** ich selbst

**meine Adresse** in mir

**meine Steuernummer** dieser Körper, der innen Himmel und Garten ist

**meine Einwohnermeldung** ich bin nicht gemeldet,  
und seit meiner Geburt an einem Aschermittwoch  
bin ich von allem begeistert, was nicht nummeriert ist.

**mein Telefon** ist immer besetzt.

Seit eine Vogelfamilie ihr Nest auf meine  
Leitung gebaut hat, nistet hier nur noch der Gesang  
einer werdenden Mutter.

Mit mir sprechen kann man erst wieder  
nach dem Frühjahr, wenn das neue Vögelchen geboren wurde.

**meine Berufsausbildung** ist der Weg des Amateurs.

Ich glaube an die Liebe.

**meine gegenwärtige Tätigkeit:**

über das Leben nachdenken  
und endlos den Strand entlanglaufen...  
Auswege finden und Eingänge finden  
für diesen maßlosen Wunsch zu leben und zu lieben.

Schließlich **meine persönlichen Referenzen**,

es ist besser, dass ich das nicht sage oder  
dass du niemanden danach fragst...  
Der Wahrheit am nächsten kommt das,  
was du im Zusammenleben mit mir entdeckst,  
meinen Geschmack,  
meinen Wahnsinn,  
meine Zärtlichkeit  
meine Unruhe...

Also, was ist?

Bin ich jetzt engagiert?

# AM STRAND MIT CLARICE

(Aus "livro do quase invisível", P55 Edições, 2010)

das war 1977  
Clarice trug die Nacht mit sechs Vollmonden  
wir trafen uns beim Waten  
im Wasser  
sie heraus, ich hinein

unsere Blicke trafen sich  
eine unabwendbare Freude,  
eine Freude ohne Lächeln.  
Clarice mit zur Schale geformten Händen  
voll Wasser  
gab mir in großen Schlucken das Meer

wir ließen unsre Blicke an der Sonne  
verkrusten von Salz  
und sie sagte,  
sie ertrage es nicht länger  
zu viele Menschen zu sehen  
zuviel zu sprechen  
zuviel zu lügen.  
ich stimmte ihr zu

das Meer wollte  
sie nicht ziehen lassen  
aber ihr Bug kam voran  
Clarice steuerte zum Abschied  
ließ ein akutes Gefühl  
von Glück zwischen uns  
auf dem Wasser treiben  
und ging ihren Mut beweisen.

es war 1977  
dass Clarice Lispector und ich  
uns am Strand trafen.

# VON DER INSEL JAVA

(Aus "O LIVRO de água", P55 Edições, 2013)

von der Insel Java wirft man Daten ins Meer  
Tag für Tag, Abermillionen  
kleine Glasfaserflaschen.  
in ihnen Befehle  
geschrieben in einer Art Esperanto  
der Gegenwart.  
an den Stränden  
ihrer privaten Inseln  
finden vielleicht Leute diese Flaschen  
dies sind dann die menschlichen Begegnungen  
unserer nachgeschichtlichen Zeit.  
von der Insel Java wirft man Daten  
ins Meer

# SEIN

(Aus "livro do quase invisível", P55 Edições, 2010)

aus mir  
strömt ein unendliches Meer!  
Und ich, dieses kleine Sandkorn.

# S-KUL-P-TUR

(Aus "O LIVRO de água", P55 Edições, 2013)

Wind  
formt Wasser Wasser  
formt Sand Sand  
formt Haus Haus  
formt Leute Leute  
formt Form

## EXIL

(Aus "De volta à caixa de abelhas", 2002)

Hier regnet es fast nie.  
Regen lässt mich an Daheim denken.  
Hier ist das Land weiß,  
die Sonne versinkt erst nach Mitternacht.  
Hier, wo der Wind seine letzte Kurve macht.  
Wenn die Kälte zuschlägt,  
wünsche ich mir endlose Wälder in Brand,  
Glut bis in tiefste Nacht.  
Hier verlor das Thermometer den Verstand,  
wie die Anatomie für Maiakovski.  
Meine Finger schmerzen beim Schreiben,  
tiefgefroren sind meine Worte,  
und die Münzen so kalt,  
dass I-Ging werf' ich mit Stäbchen,  
und die Schafgarbenstengel sich biegen.  
Jedes Hexagramm, jedes Urteil  
scheint mir das Gewicht der Geschichte zu haben.

## JONGLIEREN

(Aus "De volta à caixa de abelhas", 2002)

Wäre ich im Zirkus geboren,  
Vernunft könnte mich nicht verletzen  
und in meiner Seele brennen.  
Verachtenswert wäre mir dieser unerbittliche  
Zwang, Erfolg im Leben zu haben,  
und ich täte nichts mehr.  
Ich lehrte Flöhen das Springen, lernte, Flammen zu schlucken,  
Pudel zu dressieren, mich wie eine Schlange zu winden.  
Meine Träume schaukelten auf dem höchsten Trapez,  
ich sperrte Unlust in den Käfig der Bären.  
Meine Geschicklichkeit diente mir,  
um Messer auf der Zunge zu balancieren  
und das Publikum zu unterhalten.  
Wäre ich im Zirkus geboren,  
hätte ich kein ungestilltes Begehren noch unaufschiebbare Pflichten.  
Jedes Ding überließe ich seiner Bestimmung.

# KLEINE ZEITKARTE

(Aus "Uma balada para Janis", 2010)

Unser Picknick machten wir  
auf der Wiese im Stadtpark,  
mit Tischtuch und Weidenkorb  
– das Abendmahl.  
Wir luden einen Junkie als Judas  
und einen Petrus, daran gewöhnt,  
alles zu verleugnen.  
Und natürlich den,  
der die Wunder bewirkt.  
Die Sonne brannte  
wie der Höllenschlund.  
Tiago wollte Amphetamine besorgen.  
Er kam durch die Allee  
mit einer Rockmelodie auf den Lippen,  
in der Hand die bunten Kugeln.  
Als er ankam, entdeckten wir  
erschrocken, was diese  
geschmolzen  
in seiner Hand zurück liessen:  
ein Gemälde von Pollock.

# SINNBILD

(Aus "Ticket Zen", 2011)

Ich berühre den Rücken der nackten Frau,  
die an meiner Seite im Schatten ruht,  
und fühle ihre Haut,  
so zart wie ein Schaf auf der Weide  
im Nacken.  
Unter dem Laken pulsiert eine Welt  
über die ich streiche, mit meiner Hand,  
nackte Frau und verlorenes Bindeglied  
zwischen mir und dem Schweben.  
Ohne Worte bitte ich,  
dass sie mir den Frieden meiner Kindheit zurückgebe  
und dass sie mir die Welt zeige sowie jene Substanz,



aus der das Leben in mir gemacht ist.  
Ohne Worte, erkenne ich, dass ich ihr verbiete,  
sich zu öffnen und mich zu verschlingen  
und die Frucht zu essen, die ich ihr biete,  
nämlich Fleisch, Zunge, Finger,  
ätherische Säfte der Liebe, die ich schüre,  
Rosenkranz, den ich bete, schwanger vom Ja,  
nackt von Vernunft und eitler Zierde.

## DER GELBE BALLON

(Aus „Corações Blues e Serpentinás“)

Die Stände des Wochenmarktes bedeckten den ganzen weiten Platz. Männer, Frauen, Kinder, alle aßen, probierten, kauften. Auf dem Parkplatz verkeilten sich die Autos ineinander, Hupen, Geschrei. Paare standen an Bäume gelehnt, rückten auf Bänken zusammen. Auf allem der Schein weichen Mondlichts. Meine bessere Hälfte schlenderte mit mir durch das Gedränge. Er sagte, er müsse noch einen Anruf machen. Ich stimmte zu, glücklich mit dem neuen Ring am Finger, einer genauen Imitation des Verlobungsringes an seiner Hand. Ich setzte mich auf den freien Stuhl vor einem Stand, sah ihn dort drüben vor dem Telefon in der Schlange stehen, betrachtete das bunte Treiben ringsherum. In der Nähe versuchten entschlossene Eltern, die Ungeduld ihrer Kinder vor einem Mann zu bremsen, der mit dem Gas einer Pressgasflasche bunte Ballons aufblies. Er war jung und ließ sich nicht von den Forderungen und Protesten verwirren, sondern drückte immer erst dann auf den Hebel, wenn der Gummiring fest auf dem Zapfen saß. Wahrscheinlich hatte er selbst Kinder und verkaufte Ballons, um sie zu ernähren. Mein Liebster war nach geduldigem Warten endlich selbst an der Reihe. Ich nagte an meiner Unterlippe. Der junge Mann füllte nebenan Ballon um Ballon. Wenn ein Ballon voll war, machte er in dessen Hals einen Knoten und drückte die pralle Hülle in eine lustige Form. Ein gelber Ballon, lang wie eine Schlange, entwischte dabei seinen Fingern. Dort drüben an der Telefonsäule hatte mein Liebster den Hörer zwischen Schulter und Ohr geklemmt und lachte gerade, mit einer Hand in der Tasche der Jeans. Der gelbe Ballon hatte sich selbstständig gemacht und tanzte langsam in die Höhe. Ich bog meine Finger und ließ ihre Gelenke knacken. Meine Bessere Hälfte war offenbar in einem angeregten Gespräch. Ich konnte es ja nicht hören. Plötzlich blieb er still, fixierte mich mit seinem Blick und drehte sich weg. Ich sah seinen Rücken, dann suchte mein Blick den gelben Ballon. Er war schon hoch über den Laternenpfählen und den Lichtern des Marktes. Ich erinnerte mich plötzlich an jenen seltsamen Morgen, ich war noch sehr klein, hatte wohl gerade erst das Laufen gelernt. Ich war allein auf der abschüssigen Straße vor unserem Haus. Am Ende der Straße lag unten der See. Die ganze Stadt war ja noch im Bau und der Horizont voller Zahnlücken. Wir lebten in einem dieser provisorisch aus Holz in der Nähe des Paranoá-Sees errichteten Reihenhäusern. Ich hatte plötzlich Angst zu stolpern, zu fallen und schließlich da unten in den See zu purzeln. Ich war allein, und bis heute weiß ich nicht, wie ich in diese Situation hinein- und dann auch wieder herausgekommen bin. Ich konnte noch nicht sprechen und die Angst ließ mich in Stummheit erstarren. Ich fühlte,

dass ich unglücklich fallen, den Abhang hinunter rollen und im See ertrinken würde. Ich weiß nicht, wie ich da herausgekommen bin. Der gelbe Ballon stieg schwankend immer höher und schien schon viel kleiner geworden zu sein. Jetzt wandte sich mein Liebster wieder mir zu. Er redete und ich dachte, wie stark er doch war und wie er mir das Gefühl von Schutz und Sicherheit gab. Er machte mir ein Zeichen, das mich um Geduld bat. Der Ballon, schon hoch im Nachthimmel, war viel kleiner, war nicht mehr lang und hatte sich gerundet. Rund wie der Ball, den mein Vater mir zuwarf, damit ich ihn ins Tor schösse. Wir waren auf einem sandigen Platz und ein paar Kollegen und Nachbarn spielten mit uns. Ich konnte ja den Ball nicht richtig und bohrte die Fußspitze in den spritzenden Sand. Ich hörte, wie die anderen lachten. Aber mein Vater lachte nicht, sondern warf mir den Ball wieder zu. Ich verfehlte ihn, aber schämte mich dessen nicht. Der Ballon war nicht mehr gelb, sondern war, einem Stern gleich, zu einem weißen Punkt am Himmel geworden. Wie ein Stern auch erlosch er dann in den Mysterien der Nacht. Er verewigte sich. Mein Liebster legte auf und kam auf mich zu. Die Zeit war nicht mehr als eine Lüge, und das Leben war so einfach wie, beim Besuch eines Marktes um eine Süßigkeit zu bitten, ich erreiche mit dem Herzen, was mir Jahre der Anstrengung und der Versuche nicht haben geben können. Ich bin ein kleiner gelber Ballon, der sich geschickten Händen entwunden hat, um den dunklen Himmel in dem Wissen zu schmücken, dass nichts wichtiger sein kann als an der Seite meines Liebsten den falschen Brillanten an meinem Finger für den größten Schatz zu halten.

## EINSTMAL'S IM DUNKLEN UND STRAHLENDEN HIMMEL oder Meine Begegnung mit dem Jäger aus der Mode gekommener Androiden

(Aus „Corações Blues e Serpentinhas“)

*Für Chico Lopes*

**I**n meinem Traum dauerte der Film keine Minute länger, noch hatte er grüne Farbe oder Stimme aus dem Off. Sein Ende war genau das „The End“, das wir alle aus dem Kino kannten. Und ich ließ mich nicht auf die Mode ein zu diskutieren, ob es nun ein Autorenfilm war oder nicht. Ob es ein Ridley Scott war oder nicht. „Was kümmert's mich?“ Ich spielte mit meinem Enkel auf einem kleinen Sternchen in unserer Nachbarschaft, der Junge baute mit Lego, diesen Plastiksteinen zum Aufeinanderstecken, erinnert ihr euch? Mal erfand er ein Gebäude, mal einen

tollpatschigen Roboter oder irgendein anderes Nichts, das ihn dazu brachte, viel zu lachen und die anderen dort spielenden Kinder mit Staub zu bewerfen. Das waren Kinder mit ganz speziellen Besonderheiten, wirklich seltsame Wesen, die aufleuchteten oder erloschen und mit tödlichen Strahlen um sich warfen, oder sie griffen sich einen Menschen und eine Fliege, um beide in einen Fliegenmann zu verwandeln. Verruchte Bengel. Nicht so mein Enkel, der hatte noch nicht das Alter. Er war schon mit dem Versuch zufrieden, Würfel in runde Löcher zu stecken oder Pyramiden in viereckige Schachteln. Was nutzte es schon, wenn die Eltern Farbe von Haut, Haar und Augen sowie das Körpergewicht und das Gekräusel der Locken vorprogrammiert haben, wenn sie sich nicht um das Gehirn kümmern? Entsprechend ist dann das Ergebnis. Mein Enkel ist doch bezaubernd! Verstohlen beobachtete ich eine Mutter in meiner Nähe. Sie strengte sich fürchterlich an, den Raumanzug ihres Sohnes zu öffnen. Der Kleine musste ganz dringend auf die Toilette, und sie nestelte an Kletten- und Reißverschlüssen herum, und an den Hosenkнопfen. Mit Sicherheit war alles aus diesen billigen Materialien, die keine Exkremate und nicht mal Urin absorbieren. Manche Leute sind wirklich erbärmlich. Ich verspürte einen unwiderstehlichen Lachreiz und prustete los, sodass mein Enkel ebenfalls herzhaft lachte, wodurch wir die Nachbarin so zur Weißglut brachten, dass sie aus lauter Wut fast die Hose des Raumanzuges zerriss. Da musste ich noch mehr lachen, denn sie hatte sich dabei mit dem Pipi ihres Sohnmanns richtig nass gemacht. In diesem schönen Augenblick erschien eines dieser wirklich ganz großen Raumschiffe, die riesigen Scheinwerfer rotierten, und es machte einen ohrenbetäubenden Lärm wie nicht mal bei den „Kontakten dritten Grades“. In weiter Ferne konnte ich meinen bläulichen Planeten und dessen langsame Rotation sehen sowie den Mond auf seiner Kreisbahn. Wir waren zu dieser Sternchen-Parkanlage, die speziell für die Kinder aus der Nachbarschaft mit deren Müttern und Großeltern eingerichtet worden war, mit dem Raum-Bus, dem sogenannten Spaceshuttle, gekommen. Ich brauchte keinen Sonderausweis. Es reichte, meine Hand auf den digitalen Scanner zu legen, und schon hatte sich die Türe geöffnet. Also, wenn ihr den Sinn der Einrichtung begriffen habt, dann muss euch doch klar sein, wie seltsam es war, dass ein Raumkreuzer dieser Größe am Kinderspielplatz festmachte, mit Riesengetöse, und Aufsehen erregte. Sollte das irgendein Vater sein, der mit seinem Reichtum protzte? Es hatte aber nicht den Anschein, denn schließlich erschien ein schon ziemlich alter Knacker mit weißem Bart und gelblich angelaufenen Augäpfeln. Der Kerl wirkte sehr stark, seine nackten Arme waren wie von einem Pelz mit silbrig schimmernder Behaarung bedeckt. Er trug ein kariertes ärmelloses Flanellhemd, das auf der Brust offen stand und den Blick auf eine weitere, seine Männlichkeit beweisende, Haarfülle frei gab. Brust und Bauch waren wie aus Marmor gemeißelt. Ich muss gestehen: ich möchte es mit meiner Beschreibung an dieser Stelle genug sein lassen, denn ich fürchte, mein Enkel könnte eines Tages eine anonyme E-mail bekommen und alles lesen, was ich hier schreibe. Auch mag ich mir gar nicht

vorstellen, was meine Kinder denken könnten. Es gibt ja so viele Wanzen in unseren Computern! Spiff, mein Sohn, war auf dem besten Wege gewesen, sich als Erforscher der Fotopleumonimnosis und des Zappiezumpies Intergalacticae einen wirklich großen Namen zu machen, da beschließt dieser Idiot doch wirklich, alles an den Nagel zu hängen und ein weiterer Kosmonaut zu werden, irgendein weiterer Sammler von exotischen Bodenproben. Aber was will man machen? Die Andressa hingegen, diese Wahnsinnige, schnappte sich den Besitzer des größten Nahrungspillenkonzerns des Sonnensystems, wickelte ihn mit ihrer sanften Art so ein, dass die Hochzeit nur noch eine Frage der Zeit gewesen ist. Das Beste an dieser Geschichte ist, dass ich mich nun als Witwer an meinem Enkelchen erfreuen kann. Ein bisschen dumm, aber hübsch und vor allem: Mein Enkel! In der heutigen Zeit, die ja die Zukunft einer vergangenen Gegenwart ist, werdet ihr mit etwas Nachdenken entdecken, dass die Zukunft fast wie eine etwas andere Vergangenheit ist. Soll heißen: keine Jules Vernes und Azimovs. Da kommen Ray Bradbury und Aldous Huxley der Sache schon näher, versteht ihr? Und da wir schon bei der Betrachtung der positiven Seiten sind: Dieses Geschwätz der ausbeuterischen Politikaster, mit ihren Ländern, Staaten, Nationen und Grenzen überall, das ist vorbei, alles wird jetzt von den transplanetarischen Konzernen geregelt. Wir sind superfrei. Sex allerdings gibt es nicht mehr. Sie haben das System dieser kleinen Pillen aus der Elektro-Szene, diesem Ecstasy, übernommen und verkaufen jetzt Vergnügen und Entspannung auf Rezept in der Apotheke.

Marjorie, meine Frau, war so lange sie lebte in der körperlichen Liebe aktiv, aber nur aus reiner Opposition, weil sie immer gegen alles von oben Kommende eingestellt war. Eine Intellektuelle eben. Ja, das ist sie gewesen. Gerade deshalb hatte ich mich ja in sie verliebt. Wenn ich mich nicht irre, muss das so um Zweitausend und etwas gewesen sein. Kurz nach dem Gerede über das Schaf Dolly und den brasilianischen Astronauten, ha ha ha ha. Als ich sie kennen lernte, unterrichtete sie an der Universität von Bahia und trug eine weiße Haarsträhne wie nicht einmal Susan Sontag. Ich selbst war ein kleines Professorchen ohne Bedeutung mit nur zwei publizierten Büchern. Wir haben dann hundertundfünfzehn Jahre voller Zuneigung und kleinen Streitereien zusammen gelebt. Verdammt, erst jetzt merke ich, dass sich wohl niemand mehr vorstellen kann, was im Lauf meines Lebens alles passiert ist und wer diese Leute alle waren, deren Namen heute so weit, weit fort sind. Ha ha ha ha! Das Glück, das man unter dem Staub des Weltalls vergessen hat. Aber es schmerzt wenigstens nicht. Mit den neuesten Antidepressiva ist alles geritzt. Jetzt sind es drei Jahre, dass Marjorie gestorben ist. Und nie wieder habe ich mit jemand geschlafen, nicht mal geküsst. Hoppla! Jetzt sehe ich, dass dieses Schiff vor meiner Nase ein Handelsschiff ist. Da die Scheinwerfer und Blinklichter aus sind, kann man den englischen Namen lesen, da steht: „John's Scrapyard“, was soviel heißt wie „Johns Schrottverwertung“. Der alte Knacker lebt vom Ankauf und dem Recyceln ausgedienter Androiden. Er muss ja einen schönen Berg Gerümpel an Bord haben.

Da die früher einmal mit so großer Gewissheit erwartete Revolution der Roboter dann doch nicht gekommen ist – so wenig übrigens wie die der Affen – wurden alte Roboter zum Kanonenfutter, gut für jede Art übelster Arbeit. Das war der alte Menschheitstraum, so sein zu können wie Gott. Die Androiden haben ja niemals ein eigenständiges Denken und Fühlen entwickelt. Unsere größte Erfindung ist und bleibt der Computer. Unser treuer und immer verfügbarer Diener, ein Sklave, der niemals aufmuckt. Während ich mit meinem Enkel spielte, habe ich aus dem Augenwinkel den alten Kerl beobachtet. Jetzt werde ich doch erzählen, was ich vorhin nicht schreiben wollte. Aber nachdem ich darüber nachgedacht habe, sehe ich ein, wie dumm meine Einwände und Besorgnisse waren. Denn selbst wenn meine Kinder und Enkel eines Tages diesen Text zu Gesicht bekämen, niemals würden sie – an belebte Mitteilungen gewöhnt – über die ersten Zeilen hinaus weiter lesen. Der Schrotthändler trägt Jeanshosen! Ihr werdet da nichts Besonderes sehen, aber das liegt an eurer Ignoranz! Denn die Jeans, die er trägt, das ist eine originale US TOP, wie ich selbst eine so um 2006 besessen habe. So knapp sitzend, fand ich sie supersexy, und dies nicht nur ich, sondern auch Marjorie. Einmal haben wir es sogar im Hörsaal getrieben, nachdem sich die Studenten verlaufen hatten. Ich zog ihr das Höschen unter dem Rock nach unten, öffnete ein paar Knöpfe der Hose (Knöpfe, Leute, wo gibt's das heute noch?), holte den Ständer heraus und besorgte es ihr auf dem Pult des Professors. Wundervoll war das, ha ha ha. Was für eine nasse Muschi die Marjorie hatte! Wenn ich jetzt so meinen Enkel (dieses blöde Babychen), betrachte, frage ich mich, ob wohl auch er eines Tages solche Gefühle erleben darf? Wohl kaum. Er wird mit seinen Rezepten für Glücksspielen leben und irgendwelche Drecksarbeiten verrichten, bei denen sein Mangel an Intelligenz zum Vorteil gereicht. Zum Spielen taugt er ja, ha ha ha. Während ich so meinen Gedanken nachhing, gelang es dem Kleinen, zwei völlig unvereinbare Lego-Steine miteinander zu verbinden. Ich werde ihn Brutus nennen. Oder Tyson? Ach, ist ja auch egal! Das Schrottschiff hatte dicht bei uns angelegt. Der alte Kerl zog sein Hemd aus, und ich konnte seinen breiten und starken Rücken sehen und die Behaarung auf den Schultern. Er legte sich rücklings auf ein Brett mit Rädern und zog sich – mit einem Schraubenschlüssel bewaffnet – unter sein Schiff. Nur die Beine schauten heraus, so abgewinkelt und gespreizt. Ich wollte ja gar nicht so direkt dorthin starren, ich hab's ja noch nie mit einem Mann gemacht, das könnt ihr mir glauben. Athleten, Filmstars, Schwule, all das hat mich noch nie angezogen. Nur dass ich eben jetzt da hinschaute, in dem Moment, da er seinen Körper etwas weiter nach vorn schob und die Bauchmuskeln sich in dieser Bewegung anspannten, sodass die Hose sich in den Schritt drückte, an den Umrissen sah ich, dass der Kerl kein Unterzeug trug und einen großen und dicken Schwanz hatte, der sicher so schön war, wie der Schwanz irgendeines Mannes eben zu sein hat. Der meine, der stand mir sofort. Und es ist ja sehr selten, dass er mir steht seit Marjories Tod. Stellt euch vor, was das für ein Gefühl war. Fast wäre ich gestorben aus lauter Scham

vor mir selbst. Schließlich bumst ja niemand mehr auf dem Planeten Erde und in seinem ganzen intergalaktischen Einzugsbereich, der sich über den ganzen, heute so schrecklich dunklen und tiefen Himmel erstreckt, wie ich ihn mir nie erträumt hätte. Ich tat alles, Brutus meine Verlegenheit nicht merken zu lassen. Oder Tyson, ganz wie ihr wollt. Und spielte mit den Plastiksteinen. Einige Mütter packten schon ihre Spielsachen zusammen, denn sie wussten, dass der Bus bald kommen würde, um uns zurück zu bringen. Es verstrichen gute zwanzig Minuten, bevor ich wieder einen Blick in Richtung des Schrottschiffes riskierte. Ich schaute so zerstreut wie jemand, der überhaupt nichts im Sinn hat. Er stand dort neben der Tür an die Schiffswand gelehnt, in seinem rot-, schwarz- und graukarierten Hemd, das auf der Brust offen stand und in seine Jeanshose gestopft war, unter einem breiten Gürtel aus schwarzem Leder. Er hatte die Beine lässig gekreuzt und einen Arm vor dem Bauch, während der andere eine Zigarette zu seinem Mund führte. Ich fand ihn schrecklich anziehend, wie er da so lehnte, und er vermittelte mir den Eindruck, ebenfalls mit Interesse auf mich zu schauen, mit einem verschlagenen Grinsen unter diesem silberfarbenen, wie ein Stern im Gesicht des Mannes leuchtenden Bart. Es war ein mir gänzlich neues Gefühl.

Am liebsten hätte ich mich vor mir selbst versteckt und versuchte, meine Sinneserregung einfach zu ignorieren. Deshalb machte ich ein ernsthaft entschlossenes Gesicht und begann, mich mit irgendeiner der Mütter zu unterhalten. Ich faselte belangloses Zeug, machte Kommentare über den Venusianischen Krieg oder die neue Mondstation, die bald eingeweiht werden sollte. Das Spaceshuttle landete und gab das Signal, dass alles zum Einsteigen bereit war. Nachdem alle Kinder und das Handgepäck verstaut waren, wollte ich noch einmal zum Raumschiff hinüber schauen, aber das hatte schon vor uns abgelegt. Ich nahm den Enkel Brutus auf den Arm und ging die paar Schritte zum Anlegeplatz hinüber. Dort leuchtete weiß eine Papierkugel auf dem Boden. Dann sah ich, es war ein Origami in der Form eines Schwanzes, und hob es auf. John, dieser Hund, hatte mir seine E-mail-Adresse hinterlassen.

## ICH, JAMES GANDOLFINI (ODER JUKEBOX)

(Aus der Sammlung „Geração Zero Zero: fricções em rede“, herausgegeben von Nelson de Oliveira)

*Alles was sein konnte, selbst wenn es gewesen wäre,  
ist doch niemals so gewesen, wie es erträumt worden war.*  
Reinaldo Arenas

Ich war James Gandolfini in diesem Film, in dem er mit Julia Roberts zu sehen ist. Die Nacht war heiß und trocken wie der Teufel und ich ging zum „Silbernen Krug“,

um eine ordentliche Halbe zu heben. Noch ehe ich zu trinken begann, spürte ich in der Vorfriede schon das kühle Bier durch die Kehle rinnen und meinen blonden, fast schon braunen Spitzbart befeuchten. Der cremige Schaum auf meinen Lippen, nicht um mich begehrenswert zu fühlen oder sexy oder heiß wie diese Herbstnacht. Darüber hinaus – dachte ich, denke ich jetzt und hier auf meinem Barhocker am Tresen – hatte es schon eine ganze Weile nicht mehr geregnet, und ich bin es nicht gewohnt, mit einer Cognacflasche unter dem Arm durch die Straßen zu laufen, besessen von dem alles andere ausschließenden Wunsch, jemand zu finden, der mich so lieben sollte wie ich bin – groß, dick und kahl; Augen wie ein Ochse, aber mit makellosem, weißem Gebiss, denn ich nehme es mit der Körperpflege durchaus ernst, möchte mich manchmal gern etwas verwöhnen, höre dann Charles Mingus und lese Caio mit der Leidenschaft eines Mannes, der all das tut, ohne verschimmelte Erdbeeren zu essen. Wenn man nämlich den Schimmel sich ausbreiten lässt und er in die Lungen kommt, richtet er dort einen verdammt großen Schaden an. Aber denke doch mal nach, ob ich nicht Recht habe; Caio zu lesen – ich seh’ ihn direkt vor mir: Groß, mager, Kuhaugen, kahl mit einer etwas grünlichen Haut – so wie Hilda lesen oder Trevisan – auch den seh’ ich beinahe vor mir: Das abstehende glatte Haar, ein knochiges Gesicht, so ein verschlagenes Grinsen und sein schiefer Blick – oder, Verzeihung, wenn ich zu weit gehe, jedoch, wissen Sie, ich muss es unbedingt schreiben, oder Lygia, die Erzählungen Lygias lesen, geben Sie es zu, ist das gleiche, wie in der Einsamkeit nicht alleine zu sein. Es sind vier Engel, die auf unseren Schultern sitzen, und man kann heulen vor Glück, mit gesättigter Seele, aber der Körper verlangt nach mehr. Der Körper schreit immer lauter, bis man sich aufmacht, auf die Straße und zu einer Bar wie dieser hier, so mit schummeriger Beleuchtung, wo man sich an den Tresen setzen kann, selbst wenn du James Gandolfini bist oder jemand, der diesem Mann neben mir ähnelt, klein, grauer Bart, gebräunte Haut und ebenso wie ich ziemlich dick. Allerdings sehen wir eher stark als wirklich dick aus – nicht wahr? – denn unser Fleisch schwabbelt nicht wie bei den wirklich Dicken, sondern ist fest, so mit harten Muskeln, eindrucksvoll. Das ist doch wahr, oder nicht? Ich und der Kleine da neben mir. Ja. Wir gleichen auch diesen dort an den Tischen oder jenen, die sich da vorn unterhalten. Oder mit den Freunden, die dort draußen auf der Straße stehen. Das sind die scharfen Hunde – oder sollte ich Bären sagen? – die den Eingang der Bar bewachen. Alle erinnern irgendwie an einen Vater, der angeblich wegen eines beliebigen Zerwürfnisses sein Bündel geschnürt und sich aus dem Staub gemacht hat. Aber auf so was falle ich nicht mehr herein. Das wäre die bequemste Erklärung, so mit einer billigen Alltagslogik. Ebenso einfach wie irreführend. Der Kleine neben mir hat etwas sehr Trauriges im Blick, trotz des weichen Lächelns und der sicheren Bewegung, mit der er den Henkelkrug zum Mund führt und Schaum in seinem Bart verschmiert. Er ist nicht wie mein Vater. Ich will damit sagen: Alle scheinen auf irgendeine Art



Väter zu sein, wenn sie sich zärtlich und gastfreundlich zeigen. Zum Teufel mit Freud und seinen Komplexen! Im Gegensatz zu dem, was mir meine Analytikerin einflüstert – ja, ich mache durchaus Analyse – sind die Eltern das allerletzte, an was man denkt, wenn man vögeln möchte. Sie kommen einem nicht in den Sinn, wenn sie es aber doch täten, wäre er doch sofort schlapp. Wenn die Leidenschaft zupackt, dann sind mir diese ganzen Erklärungsversuche vollkommen scheißegal! Da sind wir beiden, ich und er. Zwei Kerle. Männer. Die sich lieben. Und der Kleine da neben mir ist richtig hübsch. Er hat etwas Arabisches an sich. Habe ich schon erzählt, dass ich auf Araber stehe? Nicht? Macht ja nichts. Er hat dichte Brauen und Mandelaugen. Er schaut mich manchmal an, mit einem schüchternen, schiefen Blick. Wir sitzen ja nebeneinander, aber er sieht mich im Spiegel an der Wand, zwischen all den davor stehenden Flaschen, Whisky, Wodka, Martini. Spiegelwand hinter dem Regal, sie reflektiert die suchenden Blicke. Meine, seine, die der anderen auch. So zwischen den Flaschen sehe ich ihn, hübscher Kerl. Der Barmann stellt das nächste Bier vor mich auf den Tresen. Wie viele habe ich wohl schon gekippt? Es ist an der Zeit, eine Zigarette anzuzünden. Wir beiden verharren wie erstarrt. Nichtmal atmen. Seite an Seite. An einem Tisch in der Mitte unterhalten sich drei Jungs über Arbeitslosigkeit, Wirtschaftskrise, korrupte Politik, Verzweiflung. Sie sind in dieser Bar in der Minderheit. An allen übrigen Tischen und hier am Tresen dominieren die Älteren, die Gereiften, wenn ihr so wollt. Die Jungen sind in der Minderzahl, aber sie sind ganz entspannt. Einer von ihnen steht auf und lässt eine Münze in den Schlitz der Maschine im Hintergrund fallen. Er wählt einen dieser altmodischen Tangos. Dann beginnt er zu tanzen. Es ist weder Gardel noch Piazzola. Er tanzt mit einem imaginären Partner, seine Arme umfassen seinen eigenen schlanken Körper. Das Unglaubliche an dieser Bar ist genau dies, dass du das Andere sein und begehren kannst. Man kann sich sogar den Luxus erlauben, in dieser trockenen Herbstnacht melancholisch zu werden. Und romantisch dazu. An einem Tisch in der Nähe des Eingangs hält ein Mann mit üppigem Schnauzbart die Hand eines schwarzen Herrn in Jeans und weißem Baumwollhemd. Ich paffe meine Zigarette. Ich bin James Gandolfini und kann mich auf Wunsch jederzeit in den Pornostar Jack Radclif verwandeln. Ich, James und Jack. Nach Ansicht einiger meiner Bekannten ist Jack ein beinahe perfekter Mann. Meine Rettung ist dieses „beinahe“. Ich mag keine Perfektion. Auf der Welt gibt es doch nichts Schätzigeres als diese dämliche Vollkommenheit. Man verwahrt sie in einer Kristallkästchen, damit sie von allen bewundert wird, Anfassen und Fotografieren verboten, auf keinen Fall die gelbe Linie überschreiten! Jedenfalls wende ich mich jetzt einmal dem Araber zu. Er heißt wahrscheinlich Kalil, Lázaro oder Marcelo. Ich drehe zuerst den Kopf, dann folgt der Körper, wobei mein Knie leicht seine Hüfte berührt. Mein Blick aber ist in eine vage Ferne außerhalb des „Silbernen Kruges“ gerichtet. Ich schwitze. Einige Sekunden verharre ich wartend in dieser Position. Aber er bleibt unbeweglich,

sein Gesicht dem verdammten Spiegel zugewandt, der den Spiegel hinter uns und auch mich widerspiegelt. Dort forschte er mich aus, lacht womöglich über mich. Ich kann das beschwören, auch ohne es zu sehen. Ich tu so, als erwartete ich jemand, schau auf die Uhr und kehre in die frühere Position vor meinem Bierchen zurück. Ich denke ans Sterben. Der Tango ist zu Ende. Stille. Spannung. Eine neue Musik hebt an. Er dreht sich zu mir. Die Melodie ist One, gespielt von U2. Ich spioniere sein im Spiegel gespiegeltes Gesicht, Fragmente zwischen Flaschen voll bunter Flüssigkeiten und Etiketten. Es wäre der Moment „hallo“ zu sagen, „ich heiße James Gandolfini!“ Ich erkenne die Stimme Bonos und wiege den Kopf im Rhythmus der Musik. Mein Araber wartet auf ein Zeichen, ein Wort, eine Geste. Er sitzt da vor mir, wartet. Aber ich stürze ab. Vertage alles auf später. Bin befangen oder schlimmer: Ich bin durchaus fähig die ganze ihm eigene Sanftmut zu spüren, sein Parfüm und den würzigen Duft einer teuren Zigarre, aber in mir erlöschen die Lichter. Wir sind hier, zusammen, der Araber und ich. Ich erinnere mich an eine Filmszene, an ein in der Einsamkeit gelesenes Buch. Millionen vergessene Bücher stürzen auf mich, eine Kutschenfahrt. Gift und ein bleiches, junges Paar. Ich lebe in ihnen, sie leben in mir. Mein stummer Hilferuf fliegt blind über die Wolkenkratzer hinaus in die Nacht. Da helfen keine gefühlvollen Fernsehserien, mein verletztes Herz schwimmt in einem eiskalten Bierkrug. Ja, wenn ich sprechen würde, vielleicht folgten wir dann einem bekannten und sicheren Weg, würden lachend auf die Morgendämmerung anstoßen. Unsere Worte ergänzten sich, fügten sich ineinander. Und wenn wir dann richtig betrunken wären, dann würden wir die Rechnung begleichen, dem kleinen David des Michelangelo im Regal zuwinken und uns in die Metropole stürzen, an Bord meines alten, silbernen Autos. Ich würde ihm meine Wohnung zeigen, die auf einer Ausstellung prämierten Fotos und mein Bad. Und noch vor der Liebe trocknete ich seinen Rücken mit flauschigen Tüchern und zeigte ihm dabei all meine ausgeglichene, sichere Ruhe. Danach würde ich meinem Araber sagen, dass alles viel mehr war als nur ein guter Fick. Und er würde mir seine mit Tränen und Besäufnis gemischte Liebe schwören. Ich würde ihm glauben, denn ich möchte es glauben. Wir würden unsere Stunden zwischen Schwarzweiß-Filmen und nicht endenden Küssen teilen. So etwa wäre die Szene. Die Liebe wieder einmal ein Klischee. Wir hätten unser Leben in ein mieses Drehbuch verwandelt. Eines Tages dann, wenn uns keine Bedeutungslosigkeit am Anderen mehr fremd wäre, würde sein Handy ihn leise und ganz bescheiden rufen, in seinem diskreten Klingeln die Einladung zum Abschied. Ich bin nicht von hier, würde er mir sagen, bin aus Bahia, aus São Salvador. Das Telefon, ein sehr dringender Anruf. Vor diesem Ende bliebe ich stumm. Ich komme wohl zum Flughafen, aber hätte kaum den Mut, meine Arme auszustrecken. Er wird nicht zurück blicken. Er wird meine Wut nicht sehen, nicht die Verzweiflung meines Körpers. Ich bin einfach nicht mehr da. Ich, ein armer, verlassener James Gandolfini, er mein arabischer Mann. Oder auch, stellt euch mal vor, stelle dir

vor, wir beide wären hier in dieser Herbstnacht, heiß wie der Teufel, im „Silbernen Krug“ hängen geblieben, und die Hitze am Himmel schwarze Wolkengebirge aufeinander geschichtet. Ohne Vorwarnung wird ein Sturmwind schwere Tropfen aufs Pflaster knallen und der Regen die Eingänge zur U-Bahn überschwemmen, so wie auch diese Bar, mit dem stärksten Liebessturm, den die Welt je gesehen hat. Es ist dasselbe Unwetter, das mich jetzt im „Silbernen Krug“ um die Rechnung bitten lässt. So verlasse ich ihn, wie er dort allein am Tresen sitzt – so fern und unerreichbar wie die Schönheit des Himmelsblaus.

## NIE WIEDER WERDE ICH ICH SELBER SEIN

(Aus "Fiat Breu", 1996)

Immer ist das letzte Gedicht das letzte, denn  
nichts gibt es danach noch zu sagen,  
weil ich mich dem Dichten immer ganz und gar hingebe.  
Nichts bleibt in mir zurück, leer, mehr noch als sonst.

Welch Rätsel: alle Poesie in jedem Vers,  
erschöpft sich nie, und mit eigenem Ballast  
ist sie immer ungeteilt ganz, bereit für den nächsten Vers.  
Und jedes neue Gedicht ist das neue!... Ich bin nur der Rest.

Wenn meine Hingabe grenzenlos ist, was bleibt dann von mir?  
Wenn ich in die Verse einfließe, verliere ich mich vollends,  
in der Seele des Verses ist allein jener, der ihn liest.

Da es so ist (welch Los!), um mich zu finden,  
muss ich mich selber lesen im gerade von mir geschmiedeten Vers,  
Ich, der ich all dieser Poesie Leben einhauchen muss.

## LICHT UND DUNKEL

(Aus "Fiat Breu", 1996)

Wenn das Morgenlicht durch den Vorhangspalt fällt,  
spüre ich, wie die Dunkelheit aus allen Dingen langsam weicht:  
in kurzer Zeit dringt die Welt in die Einsamkeit ein  
und raubt dem Traum das Leben.

Wenn der Schatten aller Dinge zugegen ist und Körper wie auch Geist  
den rohen Methoden ausgesetzt sind, gibt es zwischen Schlaf und Wachen  
nichts zu erinnern, während die Zunge das bittere Auftauchen aus immer  
unterbrochenen Träumen bezeugt.

Beim ersten Tageslicht verbirgt sich das Dunkel  
frei und voller Bedeutung hinter meinen geschlossenen Augen,  
auch wenn sich mir diese nicht ganz erschließt.

Am hellen Tag schließe ich die Augen, träume und sehe:  
wenn dieser Vers mich doch über mich hinaustragen könnte,  
dann wäre das Sehnen durch das Dunkel befriedigt.

## PANTOMIME

(Aus "Como se", 1999)

Die besten Lämmer des Hofes  
kommen in die Stadt zum Schlächter.  
Die schwächeren aus der Herde  
werden umstandslos abgestochen.

Der alte Bock wird geopfert,  
wie sehr sein Blick auch um Gnade bittet.  
Nicht einmal unschuldige Zicklein  
erfahren weder Mitleid noch Hoffnung.

Das Fleisch brät in der Sonne: Feuer  
Die Häute trocknen in der Sonne: Gerberei  
Die Eingeweide dampfen in der Sonne: Aas  
Die Knochen verschwinden in der Sonne: Staub

Allein das schwarze Schaf entkommt straflos,  
während der gute Hirte seine Flöte spielt.

## QUO VADIS?

(Aus "Temporal temporal", 2002)

Freunde können meine Einsamkeit nicht beenden.  
Liebschaften überdauern nicht in meinem Herzen.  
Gesprächsthemen enthüllen nicht meine Weite  
Nichts im Leben lässt mein Leben strömen.

Die verschüttete Milch versauert in Abfall  
Das gefangene Tier magert ab im Stall  
Der Gleichschritt marschiert an den Rand des Abgrunds  
Alles im Leben schränkt mir mein Leben ein.

Während ich den Stamm fälle für das Kreuz und es auf mich nehme,  
verwildert der Garten meiner Träume.  
Alles im Leben gibt meinem Tode Recht.

Im hohlen Vakuum bleibt jeder Schrei unhörbar  
Der Tote dürfte keinen Sinn sehen im Faulgas-Feuer.  
Nichts im Tod ist Erlösung von meinem Los.

## QUELLE

(Aus "Temporal temporal", 2002)

Ich grub in dem in mir liegenden Boden,  
schürfte nach dem Kristall der Reime  
und stieß dabei auf die lyrische Ader,  
wo ich das zersetzende Ausweichen des Schweigens verspürte.

Wo es eine Tür gibt und die Tür ist offen  
(wo auch ein Fenster ist, ist dies geschlossen)  
tritt kein Wind ein, denn der Wind macht Unordnung,  
wenn sperrangelweit offene Türen und Fenster sind.

Ich betrüge mein Schweigen, es unterbrechend  
mit schmerzdem Solo, bebendem Klang  
im irrigen Glauben, das Unausprechliche auszudrücken.

Ich weiß nicht zu lieben. Sah keine Engel herniederschweben,  
als Sterne in deinen goldenen Augen aufblitzten.  
Nur unsere Liebe macht mich möglich.

## VORABEND DES TOTENSONNTAGS

(Aus "Temporal temporal", 2002)

Meinen Vater liebte ich nicht so wie ich sollte.  
Es gab den Tag, ihn zu lieben, aber ich liebte ihn nicht.  
Er starb und ich war noch nicht geboren.  
Morgens stand ich auf, ohne seine Liebe.

Kein freundschaftlicher Rat von seinen Lippen.  
Ein Stiefvater begleitet mich auf dem Weg ins Leben.  
Auf diesem Weg kein Blick zurück.  
So weit vom Vater, verließ ich mich selbst.

Weder mein noch von irgendwem, war ich niemals sein.  
Einem, der mir fremd war, wollte ich mich nicht geben.  
Nur auf deinem Schoß, Mutter, war ich geborgen.

Vom Vater blieb mir eine Schwiele des Schweigens.  
Ah, diesen Fremdkörper reiße ich mir aus der Brust.  
Herz, schürfe im Boden, suche mir meinen Vater.

## SEIFENBLASE

(Aus "Mais que sempre", 2007)

Eines Tages werde ich die Jugend verlieren,  
wenn dies nicht schon geschah. Ich verlor die Kontrolle  
über all das, was ich verlor. Was heute zählt,  
ist all das, was ich nicht bin, nicht weiß und nicht konnte.

Ah! Genug des Wanderns auf steinigen Pfaden  
der Sehnsucht und des Verlorenseins. Fortuna zeigt mir  
den Ort des Taumels, närrisches Leben!  
Es gilt jetzt, das Verlangen nach Höherem aufzugeben.

Kreisen....bei jeder Umdrehung ist soviel  
zu verlieren, wenn alles verloren,  
bleiben nur Drehung und Bewusstlosigkeit.

Den Hochmut jedoch lässt man erst in letzter Minute fahren,  
wenn das Erstaunen enthüllt:  
alles war nur Auslassung und Verschweigen.

## TANZ (CIRANDA)

(Aus "Mais que sempre", 2007)

Das geliebte Wesen geht niemals fort,  
und selbst wenn: die Liebe hat alles gezeichnet  
und bleibt unbeschädigt, selbst wenn sie zerbricht  
mit der Zeit – sie verschwindet nicht

Ihre Abwesenheit ist Gegenwart in allen Aromen,  
die entweder den Ausbruch glühender Lava  
oder ein Rosenblatt gelöster Ruhe atmet  
oder den Hauch unterdrückt und in Schatten hüllt.

Die Liebe, die sich in den Sternen erschöpft,  
die in den Mähnen der Schimären flieht,  
die der Kummer entführt und nie mehr befreit

– die Lieben ziehen sich zurück, aber vergehen nicht,  
eine die andere überdeckend, Hand in Hand,  
ich liebe jede Liebe, die ich im Leben liebte.

## KABBALA

(Aus "As purificações ou O sinal de talião", 1981)

Vielleicht ist für mich  
pures Glück genügend,  
Reicht es, die Würfel zu werfen.

Genügt beim Aufdecken der Karten,  
Dass der Gehenkte erscheint.

Vielleicht ist für mich genug  
Der Seidenfaden der Parzen,  
Die drei sitzen zusammen  
Am Felsentisch ihrer Stube.

Das Leben ist krumm und schief  
Geschrieben mit sicheren Linien.

Die gleiche geheime Linie,  
die ich in meiner Handfläche errate.

## BESITZ

(Aus "A lenda do pássaro que roubou o fogo", 1983)

Ich habe meine Kindheit und das dumpfe Echo  
nächtlichen Trommelns.

Ich habe auch das Heulen in der Stille, Schätze, die ich zerstöre.  
Aus altem Gerümpel platzen Geheimnisse und da ist ein Geschmack  
von Salz und Tränen, und Verbannung.

218

Ich habe Pfeil und Bogen der himmlischen Konstellationen.  
Ich habe das Licht der Sonne und den harten Kern vieler Dinge.  
Und je mehr ich säe, desto mehr zerstöre ich auf dem  
Acker des Unverhofften.

Dieser Gott ist notwendig, wird gebraucht wie einst der Schwan.  
Ein Gott, der sich als Goldregen zeigt,  
als Stier mit Laub und Früchten bekränzt.



Den Rest denke ich mir dazu. Diese Reise, diesen  
nicht endenden Wahnsinn. Diesen Flammenschlüssel.  
Und diesen zerstörerischen und groben Vogel in den Eingeweiden.

## BEGRENZUNG

(Aus "A lenda do pássaro que roubou o fogo", 1983)

Meine Bestimmung ist das Land der dunklen Horizonte,  
Vaterland der Verbannten, Siedlungsland der Schiffbrüchigen.  
Das letzte Bollwerk vor dem Suizid.

Ich verweile auf der Schwelle zur gänzlichen Stille, am Rande des Abgrunds,  
in dem die Skorpione meinen Absturz schon  
fiebrig erwarten.

Ich, der ich vom magnetisierten Blut der Erde trank,  
vom bittersüßen Wein der Tränen und des Morgentaus.

Ich, der Auserwählte, der Gesalbte, der Ausgezeichnete,  
dessen Haut  
die Zärtlichkeit der Farben ritueller Bemalung bewahrt.

Gestern erst trieb mein Gesicht auf den Wassern des Sees,  
seine Schönheit jener Schein, der die Stirn bekrönte.  
Tag der Reise, des Wahnsinns, verzückten Taumels.

Oh Schmerz! Undank der Menschen, heute die Spiegel trübten sich mir,  
mein Antlitz, verschattet von Schrecken und Narben,  
ist die brennende Glut eines Feuers,  
das langsam verlöscht.

Oh, tragisches Geschick des Siegens und Besiegtseins.  
Strafe für den Traum, geträumt weit übers Träumen hinaus,  
wie der tobende Sturm, der sich selbst auslöscht.

Von mir bleibt das Brandmal, Erinnerertes, der Abdruck eines Siegels;  
vielleicht eine Silbe des Kirchengesangs.  
Eine Spur von Federn, Asche im Sonnenlicht.

Wie ein kranker Zyklop knie ich nieder und reiche den Schakalen  
in einem Korb mein abgeschlagenes Haupt.

Mit Sternen und wilden Beeren bestreut, versperre ich  
den Käfig der absurden Vögel und verschließe mich  
für immer – unsichtbarer, abstrakter Vogel – dessen Morgengesang  
der Vergebung nicht fähig ist.

Den Ursprung dieses Gesanges erfinde ich neu,  
als Glocke des Leittiers, als den Klang des Wassers.

Die Luft ist vom Duft der Amaryllisblüte durchdrungen.

## ARS POETICA

(Aus "Femina", 1996)

Poesie ist  
Sache der Frauen.  
Ein gewöhnlicher Dienst  
Wie das Herdfeuer entfachen.

An der Ecke des Todes  
Vergrub ich die dicke  
Nährreiche Placenta.

Und schritt gelassen  
Über die glühenden Kohlen  
Bis zur anderen Seite,  
Wo der Dämon wohnt.

Ein Gedicht ist immer:  
Eine Zaubersubstanz aus Föten,  
Ein langsames Sickern von Gift  
unter die Haut.

Poesie ist die Kunst  
Des raschen Raubzugs,  
Nicht wie die eigentliche Jagd,  
Aber doch immer an den Händen  
Klebendes Blut.

Vergebens  
Suche ich meine Bestimmung:  
Im Gedärm des aufgebrochenen Vogels  
Die Zukunft lesend.

Poesie ist wie die Gelüste,  
Des schwangeren Bauches,  
Wie das Reißen  
Über dem Uterus sich spannender Haut.

Poesie, das ist diese Passion,  
Zugleich feinsinnig und pervers,  
Das perlmuttfarbene Fließen,  
Welches von meinem Körper rinnt.

Das meine Kleidung durchtränkt,  
Als sei's Fieberschweiß.

## BESESSENHEIT

(Aus "Femina", 1996)

Das Gedicht rührte mich an  
Mit seiner Anmut,  
Mit den gefiederten Tatzen,  
Mit seinem Duft,  
Seinem parfümierten Hauch.

Das Gedicht hat mich  
In sein Pferd verwandelt;  
Ein Schauer läuft mir über den Rücken,  
Ein zuckendes Schütteln,  
Ein Tanz von Spiegeln  
Und Schwertern.

So plötzlich und ohne Vorwarnung  
Traf mich das Gedicht wie ein Blitz,  
- Elegbá, pombajira! -  
Berührte mich mit seinem Zauber,  
Wie ein Schlag mit der Peitsche,  
Treffsicher wie der geschleuderte Stein.

## DER LANDSTREICHER

(Aus "Nas praias do avesso", 2004)

Da drin geht dieser Mann am Straßenrand.  
Vielleicht ist er ja ein Bettler,  
vielleicht auch ein Clown,  
der zwischen Vater und Sohn  
gebunden sich lose bewegt.

Da drin geht dieser Mann am Straßenrand,  
vielleicht ist er nur ein Trugbild,  
womöglich auch von Sinnen.  
Und meine Augen, die ihn abbilden wollen,  
erfassen ihn nicht von vorn.

Da drin geht dieser Mann am Straßenrand.

Vielleicht kann ich ihm nicht folgen,  
weil er wandert durch meinen Traum.  
Zwischen vielen Spiegeln vielleicht  
kann ich ihn dann erspähen,  
wie er durch mein mir selbst Fremdes streicht.

## RICHTIGSTELLUNG

(Aus "Ocidentais", 1987)

Jemand erkennt mich auf einem Kinderbild.  
Doch das bin nicht ich, es ist mein alter Friede.  
Die Geschichte eines Mannes ist seine falsche Spur:  
studiert meine Träume, Schritte und Pläne,  
und sagt vergebens, wer ich bin.  
Vergebens.  
Ich bin immer der, der die Abkürzung nimmt.

# IM MOMENT DER BESTIMMUNG

(Aus "Mirantes", 2012)

für Washington Queiroz

In die Wildnis des Seins stürze ich mich,  
zwischen Traumgrenzen, steilen Felsen,  
bewacht von hungrigen Hunden.

Von den Verwandten bin ich der derbste,  
der riesengroße Klotz am Bein.  
Ich zeige mich in Bruchstücken.

Wenn ich zornig den Mund öffne  
im Süden der tristen Zuflucht,  
sieht der Zuschauer dort  
vier Höllen, zehn Winde, eine Radiostation  
und hundertundfünf Totschläger.

Wenn ich den Mund öffne, dann kreischt  
das Beinahe, die Sache, der Bandit.

# DIE HAND IM DUNKELN

(Aus "Concerto de ilhas", 1997)

1.

Bitter ist es, mein Name zu sein  
verletzt von anderen Namen,  
bitter mein Sein als Körper  
mit dem Zwang zur Wahl.  
Entwichen aus mir, außerhalb von dir  
weder hier noch wo Kindheit war  
unbewohnt  
suche ich Mythologie in Trümmern  
ich, der ich nichts als Ruinen bin,  
versichere Dir:  
keine Vergangenheit kennt meine Geschichte.

Zwischen dem, was ich war, und dem, was ich nicht mehr bin,  
gibt es vorläufig tausendfachen Ersatz,  
der mir jeglichen Platz  
verweigert auf Landkarten oder in der Zeit.

In der Klage des Windes,  
im Schreck der Maschinen  
stelle ich mich entgegen mit meinen Illusionen  
und lasse mich bis in die Tiefe erforschen:  
eine erneut geöffnete Büchse der Pandora,  
voll nuklearer Dämonen.

Ich nehme mich zurück  
von wo ich noch nie war:  
ein Gesicht komponiert aus Krümeln,  
resten von Wahrheit und Gefühlen,  
meine Unruhe im Dunkeln; mein Neubeginn.

2.

Der erste Morgen erschien im Schlamm  
und ich ließ mich beschmutzen:  
das Uran im Wasser des Abends,  
in der nächtlichen Brise, dieser Mann  
mit dem geborstenen Spiegel im Gesicht  
unstillbar sein Hunger auf alles, für nichts.

Zwischen Zweifeln und  
Mauern  
eine Blume stecke ich mir ins Gesicht  
und schreite in eine andere Welt  
so fern  
    - und lasse mich  
    tanze mich  
    erschüttere mich  
alles klingt in der polyfonen Brust  
wie das Echo einstürzender Gebäude,  
finsteres Gelächter.

Nichtsdestotrotz folge ich der Leere  
in der ich deine Gestalt verzeichne  
umgeben von fernen Sternen  
und dem Schmerz in den Eingeweiden

(oh, dunkle Quelle  
aller Gesänge dieser Welt!)

3.

Ja, ich erwache.

Erwache zum Schlaf klarer Tage,  
so wirklich sind die Farben dieses Tages.  
Ich sinniere über durchscheinenden Quellen,  
mein Antlitz das eines Mannes unter anderen Männern,  
die mich sehen.  
Hier ist alles möglich: die Liebe, der Krieg,  
auch jene Lösungen, die zerstören.

Durch die harten Städte meiner Zeit  
reist mein Herz, reist  
entgegen aller verkrusteten Wahrheit.  
Mein von der Geschichte gezeichnetes Gesicht  
ahnt den unbekanntem Winter,  
dem alle widerstehen.  
Indes lasse ich mich betrachten.  
Aber töte mich nicht.

Dein Lächeln besiegt mich, besiegt  
meine Pläne  
und zerfetzt sinke ich in dich,  
in der Hand eine Welke Blume,  
mit verletzten Lippen  
denn ich habe schon einmal geliebt.

4.

In den verschatteten Umriss meiner Zeit  
gieße ich Wort und Schweigen,  
tauche ein mit all meinem Gift  
und ergebe mich dem Zerfall:  
eine künftige in der toten Nacht,  
die eine der anderen Wunde, einander gleich,  
Kessel unsichtbaren Veränderens.

Dort im Innern des Jahrhunderts  
Feiert glücklich, wer zu spät kam,  
seine juckenden Schwären.

Sie sind Bruchstücke von mir, aber nicht ich  
zwischen Beschimpfungen und Reklame  
bin ich mit meinen Gespenstern vereint  
und nasche gesüßte Irrtümer der Geschichte.

5.

Erbe aller Gassen meiner Zeit  
erfinde ich die absolute Freiheit  
und mein Gedicht setzt sich  
in Richtung der Abgründe in Bewegung.

Da ist ein Gesicht, das mich  
aus meinem eigenen Dunkel betrachtet  
(eine Vorahnung der Katastrophe?): Quelle von Lachen und Zorn,  
Wildnis aller Dämonen,  
von denen ein Mann sich nährt,  
ein gieriger Geier.

Unterdessen reproduziere ich mich  
in Sprachen und ungenauen Plänen,  
ich, der ich nicht ich bin, sondern das  
alte Dilemma, wieder aufgenommen von den Alten  
die ich bewohne  
die ich töte  
die ich auferstehen lasse mit entstellten Gesichtern.

(Aber wer bin ich? Deine  
vergessene Seite? Der Schrei  
deines Echos? Die Angst, die Dich heimsucht?

Nein).

Dies grobe Schweigen, Stein  
im Schlaf, Bär im Gesicht.  
Diese schutzlose Stille,  
ein feiner Bruch des Bewusstseins.

6.

Dies ist mir von mir geblieben:  
zerbrochene Mythen und altes Eisen,  
Scherben von Worten, eingerostet ist das Gesicht.



Und im fortgesetzten Tanz (Widerstand  
zwecklos?) sind die Gespenster, die sich suchen  
am Ende des Festes.

Dort oben, ohne Sinn, verharrt der Mondschein  
in dem man Mäuse sieht,  
Insektenflügel, Blutflecken.

Aber wer bin ich denn? scheint der graue Tag zu fragen.  
Ich weiß, es gab das Gewicht der Wissenschaften,  
den Fluss trüben Gewässers, den plötzlichen Tod  
der einen und anderen Wahrheit.

Und da begann alles wieder von vorn.  
Von Zorn und Wind, der Wirbelsturm des Erinnerns,  
das offene Auge im Chaos.

Zweifel, das Zweifeln ist mein Transport  
in dieser beweglichen Welt,  
in der die Götter durch eine Mühle gedreht,  
die Wahrheit ihr Dynamit verpulvert  
- die Explosion hat uns verwundet.

Ich bin die Krankheit meines eigenen Mythos'.

Also kehre ich in mein Innen zurück  
und fahre fort, mich zu töten.

7.

Erste Stimme (die versteckte Seite)

Ich verharrte vor dir und vergaß mich.  
Du versankst in mir, schlafende Schöne.  
(Wird etwa bald eine Welt geboren?)  
Der Platz, so groß wie er ist, bleibt leer.  
Und dennoch findet nicht einmal der Traum genug Raum.

Zweite Stimme (das große Fest)

Dies ist das Jahrhundert der Reisen, der leichtfertigen  
Stimmen. Alle zugleich durcheinander,  
tausend Sprachen und keine  
dort wo sich alle Wahrheiten kreuzen  
schreibt man das Wort: Illusion.

Hier ist es, wo ich nun bleibe, ohne mich  
dreht sich die spiegelnde Kugel, und dreht sich und dreht.

## MARINE

(Aus "Heléboro", 1974)

Meine Augen bezeugen  
die Unsichtbarkeit der Nymphen,  
den langsamen Tod der Korallen  
und die Kanonen von Amaralina\*.

Ich gehe festen Schrittes  
im feinen Sand  
des Strandes.

Tauben segeln  
über den Kanonen von Amaralina.

Das Leben erscheint uns erfüllt  
im vom Blau uns gelehrten Frieden.  
Eingelullt von sanfter Brise ist die Wache  
der Kanonen von Amaralina.

Nicht einmal, dass du, Liebste, fehlst,  
stört den Frohsinn dieses Morgens,  
so voll des Klaren und Sanften...  
(Und die Kanonen von Amaralina?).

Alles ist richtig: das Meer und die Kokospalmen  
und jene Wolke...  
Aber was machen in dieser Landschaft  
die Kanonen von Amaralina?

## ENTDECKUNG

(Aus "Heléboro", 1974)

Zu spät bemerken wir  
das blaueste Blau,  
beim Blick am Ende des Tages auf  
die Asche des verlöschenden Himmels.

---

\*Amaralina: berühmter Strand eines Stadtviertels von Salvador, Standort eines Artilleriebataillons.

Zu spät lieben wir wirklich,  
wen wir so sehr geliebt haben;  
ausgestreckt, drückt unsere Hand  
nur noch Finger aus Luft.

Zu spät haben wir gelernt,  
uns im Irrgarten zu orientieren;  
aber wie denn zum Schritt erwecken  
unsre längst eingeschlafenen Füße?

Zu spät werden wir mit unseren Herausforderungen  
umgehen lernen.  
Und diese unnütze Einsicht  
versetzt uns in Grübeleien

Während langsam  
aus wurmstichigem Gebälk  
feiner Staub auf uns nieder rieselt  
und uns erstickt.

## ELEGIE

(Aus "Julgado do Vento", 1979)

Öffnet nicht dieses Fenster,  
zieht diesen Vorhang nicht auf.  
In diesem Raum trinken  
tote Freunde ihr Bier.

Eine längst schon verlorene Stimme  
(nur mein Ohr vermag sie zu hören)  
ruft aus den Tiefen der Kindheit  
und ich fühle, wie ich verblute.

Ein alter Nieselregen  
fällt auf mein Haar und glänzt.  
Das Kind spielt mit einem Hammer,  
der mein Herz trifft.

Soviel ist zum Schweigen gebracht!  
Der getrübe Blick schweift  
durch den Hinterhof, aber findet  
nur fremde Kindheiten  
und den Wind.

# DAS SONETT DES MAI-ENGELS

(Aus "A Canção de Beatriz e outros poemas", 1990)

Also, im Mai setzte mich ein Engel in Brand.  
In seinem blauen Blick lag ein Tag  
so klar wie jene Tage der Kindheit. Und der Frohsinn  
erfüllte mich, und in seinem Licht nahm er

mir mein Herz. Dann, mit sanfter Hand,  
führte er mich zu mir selbst, zu all dem,  
was in meiner Brust durch das Vergessen gestorben.  
Die kalte Nacht erwärmte sich, und die Bitterkeit wich.

Keine Asche mehr lag über dem Nichts,  
sondern da waren Flüsse, Wind, Bäume und Glut  
und Berge und Horizont ohne Ende!

Zurück erhalten war das Leben, gerettet  
und neu und für immer, durch die Flammen  
dieses Mai-Engels, der in mir brennt!

# SONETT DER SCHWARZEN FRAU

(Aus "Elegia de agosto e outros poemas", 2005)

*für Maria da Paixão*

Die Farbe der Sanftheit bestimmt ihre Gestalt.  
In ihr versinkt das Licht und es enthüllt  
sein Unvermögen, irgendetwas zu verändern  
an dieser Schattenwelt, die sie anlockt, aufsaugt und vernichtet.

In dieser Landschaft, die sich schlängelt und wellt  
wie ein Fluss oder das Meer (das ist ihres und das ist sie)  
ein heftiger Wind rüttelt mich auf,  
ein wildes Tier, das mich heulend zerfleischt.

Die Tönung des Sanften verändert sich nicht,  
wenn ein feuriges Lied mir sagt  
es seien Krallen der Liebe, und schön ist das Biest.

Und so, in rohem Fleisch und vernarbt,  
überantworte ich der tiefen Farbe, die mich erwartet,  
diese Fragmente, in denen ich mein Glück finde.

# SONETT DES HINTERHOFES

(Aus "Memória da chuva", 1996)

für Matilde und Mario, in Monte Gordo, März 1991

Ich mich des Mädchens erinnernd vergleiche ich mich  
mit dem Hund, den ich sehe, wie er den Lufthauch befragt.  
Ein schlechter Vergleich, denn viel genauer  
ist die Nachricht der Düfte, die der Hund

entziffert. So meditiere ich über Klarheit  
im Wesen des Hundes, und ich beneide dessen Berufung,  
einfach nur er zu sein. Auch ich erforsche die Brise,  
aber nichts finde ich in ihr. Nichts. Und ich lasse

das Erinnern und Grübeln. Es gibt nützlichere  
Tätigkeit. Zum Beispiel: nur schauen.  
Hund. Wolken. Äste. Und, schlafend,

die Katze. Und diese Ameisen – drei – ehrenwerte,  
würdig gekleidet, beratend  
rings um die Blüte des Tamarindenbaums.

## ATEM

(Aus "A casa dos nove pinheiros", 2012)

An meine Heimatstadt  
ist die stärkste Erinnerung die Stille  
und ein in der Ferne bellender Hund.

Natürlich hörte ich auch Rebhühner,  
die Schwarzen Vögel, die Tiés-Sangue, die Canários,  
Curiós, Guriatãs  
und  
in der tiefsten Nacht  
Werwölfe.

Nichts jedoch blieb  
so stark und so tief  
wie die Stille  
und ein in der Ferne bellender Hund.

Viel mehr als eine Erinnerung,  
Labsal für die Seele.

Darum mache ich weiter,  
ertrage,  
steige auf aus der Asche:

denn in mir ist die Stille  
und ein in der Ferne bellender Hund.

## PERSONAE

(Aus dem unveröffentlichten Roman „Personae“)

### Prolog

**D**urch die verschmutzte Fensterscheibe fiel am Ende eines kräftigen Regenschauers trübe Helligkeit in das einfache Untermietzimmer in der Lissabonner Unterstadt, letztes Licht eines dahinwelkenden Tages, Vorbote einer kühl herabsinkenden Nacht.

Jenseits der gegenüberliegenden Häuserzeile klapperten in Abständen Elektrobusse durch die nasse, bereits beleuchtete Straße und ließen unter metallischem Knirschen blaue Blitze aus der Oberleitung sprühen.

Als sich der Kriminalbeamte erster Klasse angesichts des fahlen, durch das einzige Fenster seines Zimmers hereinsickernden Lichtes – über seinem Schlafanzug eingehüllt in einen Bademantel, mit einem Schal um den Hals, einer Wollmütze auf dem kahlen Haupt und den Füßen in warmen Socken – bewusst machte, dass dieser Tag am Verlöschen war, räusperte er sich kräftig, denn er hatte sich gestern Vormittag bei der Teilnahme an einer Beisetzung auf dem Friedhof des Stadtviertels Prazeres im feinen Nieselregen eine schwere Erkältung zugezogen. So in Pantoffeln und eine Zeitung unter den Arm geklemmt, rührte er am Fenster stehend nachdenklich in einer Porzellantasse voll schwarzen Kaffees, den er soeben über dem Spirituskocher auf der Kommode gebraut und mit einem Gläschen Schnaps gemischt hatte.

Von den Wolkengebirgen beeindruckt starrte der Polizeibeamte ins Leere, bis ihn ein greller Blitz aus seiner Erstarrung riss. Auf der anderen Seite des Tejo wälzten sich im geschwärzten Himmel schwere Wolken in Richtung des alten Schlosses.

Zur gleichen Zeit, in der er langsam an seiner Tasse nippte, mit gerunzelter Stirn und kleinen Klagelauten, die bei jedem Schluck seiner entzündeten Kehle entwichen, kam er zu dem Schluss, das sich ankündigende schwere Ungewitter werde der heimlichen Aktion sehr zugute kommen, die er in dieser Nacht durchzuführen gedachte:

*„Besonders deshalb, weil sie von den Vorgesetzten nicht autorisiert und von keinem richterlichen Mandat gestützt ist, wird sie nur durch die Anwendung gewisser Arrangements möglich sein“*, murmelte er höhnisch mit finsterner Mine.

Um die Zeit bis zur großen Stunde totzuschlagen, die er als die günstigste für die Ausführung des von ihm sorgfältig geplanten Unternehmens hielt, zündete er eine billige Zigarre an, schneuzte seine verstopfte Nase in ein großes Tuch und kehrte in das zerwühlte Bett zurück, nicht ohne zuvor das Kissen am Kopfende als Rückenstütze aufgeschüttelt zu haben.



Er schlug die Beine übereinander und entfaltete seine Zeitung, das *Diário de Notícias*, Ausgabe vom Dienstag, 3. Dezember 1935.

Fernando Pessoa verstorben  
(Portugals großer Dichter)

*Fernando Pessoa, der außerordentliche Dichter von „Botschaft“, einer Sammlung von Gedichten voller nationalistischer Begeisterung, unter den schönsten, die je geschrieben wurden, ist gestern beerdigt worden. Der Tod überraschte ihn Samstagabend in einem christlichen Bett des Krankenhauses St. Luis. Die Beisetzung wurde von der Agentur Barata ausgerichtet.*

Der weitschweifige Zeitungsartikel füllte zwei lange Spalten und unterschied sich sehr von den anderen, üblicherweise in diesem Blatt veröffentlichten Nachrufen. So wurde der Lebenslauf des Verstorbenen detailliert beschrieben, sein Werk ausführlich besprochen, mit begeisterten Lobpreisungen des toten Poeten, eine namentliche Aufzählung aller bei der Beisetzung anwesenden Autoritäten stand neben der wörtlichen Wiedergabe der aus dem Stegreif gehaltenen Grabrede Luiz de Montalvors, 34 Jahre hindurch Begleiter des literarischen Lebens des Verstorbenen.

„Das ganze Gesindel von Freunden und Bekannten war auf dem Friedhof nicht vollständig“ meckerte der Polizist in sich hinein, nachdem er sich aufgesetzt, das auf dem Nachttisch liegende Notizbuch ergriffen und die Namensliste der Zeitung mit seinen eigenen Aufzeichnungen verglichen hatte.

Er erhob sich vom Lager, zündete die erloschene Zigarre von Neuem an und setzte sich an den kleinen, unter dem Fenster stehenden Schreibtisch. Mit einem Tintenstift unterstrich er in seinem Notizbuch die Namen all jener Freunde und Bekannten des Toten, die bei dem Begräbnis durch ihre Abwesenheit auffällig geworden waren.

Die Liste war keineswegs kurz: *Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Bernardo Soares, António Mora, Raphael Baldaya, Frederico Reis*, abgesehen von den Dutzenden anderer, die weniger häufig das Objekt der Überwachung in der Rua Coelho da Rocha in Campo de Ourique besucht hatten.

„Nicht mal Dona Ofélia Queirós hat sich dazu herabgelassen, zum Begräbnis ihres Ex-Geliebten zu erscheinen. Die Liebe kann nicht so überwältigend gewesen sein“, freute sich der Geheimagent der P.I.C., während er am Bleistift knabberte.

„Wo hat sich diese ganze Bande verkrochen, die nicht zur Beerdigung kam?“ fragte er sich und warf einen Blick auf die Taschenuhr, die mit ihrer Kette an einem Nagel an der Wand hing.

Noch fehlten ja viele Stunden bis zu dem *großen Moment*. Er beschloss, noch ein Schläfchen zu machen. Er klopfte das Kissen zurecht, streckte sich aufs Lager und räkelte sich im vollen Vertrauen auf den Erfolg seiner so oft schon auf später vertagten Aktion, die er nun endlich würde durchführen können.

Als er wieder erwachte, fehlten bis zur Mitternacht nur noch fünfzehn Minuten. Er stand auf und ging zum Fenster, um nach dem Wetter zu sehen. Es fiel ein schwacher, von Pausen unterbrochener Regen.

Rasch zog er sich einen dunklen Anzug und ebensolchen Regenmantel an, stülpte einen weichen Hut auf die glänzende Glatze und versicherte sich des Inhalts jener Ledertasche, die er bei seinem Unternehmen mit sich führen würde.

Er überprüfte den Bund Nachschlüssel und die Dietriche, die an ihrer Spitze gebogenen Stahldrähte, schüttelte die kleine Lampe, um zu hören, ob noch genug Kerosin in ihr war, und wiederholte die Geste mit der Streichholzschachtel.

*„Es soll ja nix schief gehen, will nicht in eine dumme Geschichte geraten. Das muss wie eine Eins funktionieren!“* dachte er mit einem verschlagenen Grinsen um die Mundwinkel.

Erst beim Verlassen seines Zimmers fiel ihm ein, dass er nun den ganzen Weg bis Campo de Ourique würde zu Fuß zurücklegen müssen. Der späten Stunde wegen verkehrten jetzt keine Busse mehr.

*„Was man nicht am Tag der Heiligen Luzia erledigt, das macht man dann an einem anderen Tag. Und der ist heute!“* tröstete er sich mit einem Sprichwort und machte sich auf den Weg.

## Kapitel I

An den meisten Tagen bemächtigt sich meiner eine empfindsame Einsamkeit, selbst dann, wenn ich wie soeben während der Mittagspause eilig durch die Menge gehe, in der Rua do Arsenal, inmitten des Gedränges hungriger Passanten, die alle danach lechzen, ihr Bedürfnis an Nahrung zu stillen.

Auf dem Kopf einen Hut mit hochgeschlagener Krempe, in der Rechten anstelle des Spazierstocks einen eingerollten Regenschirm, die Linke im Saum des hellen Regenmantels verkrampft, die Dokumentenmappe unter den Arm geklemmt, so gehe ich mit den Schritten eines Storches mal mit, mal gegen den Strom von Büroangestellten, Beamten des öffentlichen Dienstes, Verkäuferinnen, Kassierern, Losverkäufern und den werktäglich üblichen normalen Arbeitern, die mir genau so nutzlos erscheinen, wie diejenigen welche an Sonn- und Feiertagen erscheinen.

Es mag paradox klingen, aber in den Nächten und frühen Morgenstunden werden meine Ruhe und Intimität in der Gemütlichkeit meines einfachen Untermietzimmers fast immer von Dutzenden unglaublicher Figuren gestört: es sind fiktive Gestalten, die aber nur in meiner Fantasie existieren und losen Blättern entsteigen.

Diese papierernen Gestalten, einige mit der Hand, andere mit der Maschine geschrieben, hausen in einer alten Truhe, einer Art Herberge für Papiere ohne Bestimmung, die am Fußende meines Bettes steht.

Schon längere Zeit wohne ich mit diesen Geschöpfen zusammen, die den unterschiedlichsten Tätigkeiten und Arbeitslosigkeiten nachgehen und mit ganz

einmaligen Charakteren, exzentrischen Launen und bizarren Empfindlichkeiten ausgestattet sind.

Ein ansehnlicher Teil dieser gedanklichen Kamarilla besteht aus völlig unbekanntem Literaten, die einhellig einem ernststen Nonkonformismus mit dem frustrierenden Entwicklungsstand Portugals im Vergleich mit den anderen Nationen Europas anhängen.

Mit Ausnahme der exzentrischen verfügen diese papierernen Wesen über das gleiche Wissen wie ich und überleben mit den allerbescheidensten Einkünften, in der Regel aus einfachsten Tätigkeiten.

Diese Bande *in folium* wird durch einen verehrten Meister verstärkt, der in noch jungen Jahren im ersten Viertel des vergangenen Jahrhunderts in Lissabon verstorben ist. Eine andere Figur stellt sich als ein Schüler von Hippokrates vor, der gegenwärtig in einem freiwilligen Exil im Ausland lebt, obgleich sein Herz in Porto schlägt. Jener andere entpuppt sich als hysterischer Exhibitionist, Vorkämpfer und Schiffingenieur, der seine Ausbildung in Schottland erhalten hat und gegenwärtig ohne Arbeit ist. Ein weiterer sieht sich auf die Rolle des Hilfsbuchhalters einer Ex- und Importfirma für Textilien reduziert und ist ein eitler Schriftsteller, leider bisher noch unveröffentlicht.

Die meisten dieser Figuren sind Nachtschwärmer und möchten sich gerne als Dichter präsentieren, andere sind auch mit der Rolle von Schriftstellern zufrieden. Nichts desto weniger besitzt keine dieser Figuren ausreichende geistige Disziplin, um die Intelligenz Portugals aus dem Sumpf zu reißen, in dem sie seit Jahrhunderten verkommt.

So gut wie alle dieser Figuren – unter Auslassung der einen oder anderen Ausnahme – sind ständige Besucher des bescheidenen Raumes in dem ich in der Rua Coelho da Rocha Nummer 16, erster Stock rechts, im Stadtviertel Campo de Ourique, wohne.

Man möge doch mal versuchen, die Kapriolen des Schicksals zu verstehen, zu dem mich die Lissabonner Götter verdammt haben, sodass ich mich in einer Menschenmenge als Einsiedler, in der Stille meiner einsamen Schlafstatt aber in überzähliger Gesellschaft empfinde.

Ich versuche meinen Schritt zu beschleunigen, als ich die Arkaden des Terreiro do Paço schon erreicht habe, denn ich bin im dichten Gewühl der Arbeiter für die Verabredung im „Martinho da Arcada“ schon ziemlich verspätet.

Ich fürchte, nicht rechtzeitig zu meinem Rendezvous erscheinen zu können, da ich immerzu dem dichten Menschengewirr auszuweichen habe.

Es gefiel mir, die Fußgänger als „Benutzer“ der Straße zu qualifizieren, denn wo immer ich durch ein Viertel spazierte, immer traf ich auf die gleichen Personen, sei es zur Mittagszeit oder am Ende des Arbeitstages.

Lissabon beschränkt sich auf nur ein paar Straßen: Calhariz, dem Rossio, dem Cais de Sodré und São Pedro de Alcântara. Wenn dieser Umstand noch keinem

aufmerksamen Beobachter aufgefallen sein sollte, dann wird mit Sicherheit eines Tages jemand darüber schreiben.

Portugal ist ein kleines Land. Ich gehe eilig im endlosen Strom der Passanten, viele von ihnen auf dem Weg ihren Hunger zu stillen, auf der Suche nach dem billigen Tagesgericht, das man sich gerade noch leisten kann, wie es mir selbst zu gehen pflegt: andere mit ihren Mägen gefüllt, meistens mit nur der Sättigung dienenden groben Speisen, jetzt mit verlangenden Blicken auf die Schaufenster der Läden, und mit langsamem Schritt.

Den guten Geistern sei Dank, dass es nicht regnet, obwohl es schon blitzt. Und es ist ein dankenswertes Werk der Götter, die Lissabon schützen, dass es noch nicht donnert. „*Der Teufel lauert nicht immer hinter der Tür*“, erinnerte Tante Anica immer wieder die Teilnehmer ihrer spiritistischen Sitzungen vergangener Zeiten, zu denen diese liebenswerte Verwandte ihre Freunde in die Rua Pascoal de Melo zu laden pflegte.

Woher auch immer materialisierte sich in der Nähe der Börse ein Losverkäufer vor mir und wischte mir seine letzten Lose ins Gesicht. Ich befreite mich von ihm mit einer Fussball-Finte, die ich in Benfica bei der Beobachtung mit einem aus Zeitungspapier und Bindfaden improvisiertem Ball spielender armer Kinder gelernt hatte.

Ich entfernte mich mit ausholendem Schritt und gelegentlichen Blicken nach hinten, um zu sehen ob der Kerl auf den Verkauf von Losen an mich verzichtet hatte. Dank den edlen Tempelrittern verschwand der Kerl bald in der Menge.

Plötzlich, bei einem weiteren Blick zurück, überraschte ich eine schwarz in Anzug und Mantel gekleidete Gestalt, die ihr Gesicht unter einem schwarzen Schlapphut mit breiter Krempe weitgehend verbarg und mir in einigem Abstand schon seit der Rua do Comercio folgte.

Überrascht, sich so ertappt zu sehen und sichtlich verlegen, blieb die Figur vor einem Geschäft für weibliche Lingerie stehen und betrachtete das Schaufenster mit simuliertem Interesse.

Dann kamen mir aber sehr schnell Zweifel an meiner Beobachtung eines vermeintlichen Verfolgers auf frischer Tat. Womöglich hatte ich mich ja getäuscht und war ein Opfer meines neurotischen Verfolgungswahns, an dem ich zuweilen wegen der Streiche meiner „Truhen-Kamarilla“ leide, da sie ab und an schon mal entwischen, um auf den Straßen im Leben der anderen zu spionieren, besonders gerne in meinem eigenen.

Ich beschloss, mich über den Verdacht einer möglichen Verfolgung nicht weiter zu ärgern und diese als eine Illusion abzutun, welche meiner morbiden Fixierung auf die Bewohner der Truhe zuzuschreiben war. Gedankenverloren wandte ich mich plötzlich um, meinen Weg fortzusetzen, wobei ich aber aus lauter Zerstreutheit frontal gegen die kolossale Protuberanz eines dickbäuchigen Herren prallte - der offensichtlich Erfolg im Leben gehabt hatte, wenn man aus dem mächtig über dem Hosenbund hervorquellenden Bauch irgendwelche

Schlüsse ziehen konnte. Er war mit einer bei ihm eingehängten Dame unter den Arkaden der Praça do Comercio in der mir entgegengesetzten Richtung unterwegs.

Ich versuchte mich beschämt und schuldbewusst zu entschuldigen, als ich eine unaussprechlich unflätige Beleidigung aus dem Mund der Dame vernahm, von der ich annehmen durfte, sie sei die ebenfalls reichlich beleibte Gattin des Mannes, und die nun aus Solidarität mit dem Gatten Blicke wie Pfeilspitzen auf mich schleuderte.

Unter wiederholten, Vergebung heischenden Verbeugungen und den Versicherungen meiner aufrichtigsten Ehrerbietung zog ich mich endlich vom Schauplatz des Zusammenstoßes zurück, beschämt und nicht ohne die schneidende Stimme der Gattin mit der Verwünschung zu hören: *„Der Blitz soll diesen Kerl treffen!“*

Ich bin ja von Natur ein eher entschlossloser Mensch, noch dazu ein Wesen, das nicht gewohnt ist, mit alltäglichen Situationen leicht fertig zu werden, noch viel weniger mit beschämenden Zwischenfällen im öffentlichen Straßenverkehr. *„Es ist besser gelesen als gehört zu werden, mein Lieber“*, hatte mir einmal der Dichter Sá Carneiro ins Ohr gewispert, als er noch diese unsere Welt bewohnte.

Aus diesen und anderen Gründen habe ich noch nie weder das Wesen noch die Atavismen meiner Landsleute verstehen können: in der grandiosen unvergesslichen Vergangenheit die Berufung zu heroischen transozeanischen Wagnissen mit dem Ziel, unbekannte Kontinente zu erobern; und in der unwirtlichen frustrierenden Moderne aus nichtigstem Anlass diese intolerante Streitsucht, immer mit dem Knüppel in der Hand und übelste Verwünschungen auf den Lippen.

Bei Martinho winkte mir Almada in der Gesellschaft von Montalvor von einem der hintersten Tische zu.

Ich grüßte die beiden mit einem Kopfnicken und einem dümmlichen Grinsen, während ich Mantel und Hut ablegte und auf den Kleiderständer hängte, an dessen Fuß ich meinen Schirm in den entsprechenden Ständer steckte. Bevor ich mich setzte, zupfte ich vor dem Spiegel meine Fliege zurecht.

An solchen Regentagen pflege ich mit Begrüßungen sparsam zu sein, wie ich mich übrigens dann auch wortkarg zeige und mit Kommentaren geize. Sollte sich freilich Donner hören lassen, dann überfällt mich unentrinnbar panische Angst und es wird mir absolut unmöglich auch nur ein Wort über die Lippen zu bringen. Sobald ich Belästigungen dieser Art ausgesetzt werde, suche ich vor Angst schwitzend sofort Schutz unter den erstbesten Tischen. Beim ersten Donnerschlag.

Der Almada hatte vor sich auf dem Tisch eine aufgeschlagene Seite des *Diário de Lisboa* liegen.

Noch ehe ich mich auf der ledernen Sitzfläche meines Stuhles hatte zurechtrücken können, begann er schon einen Abschnitt aus einem sehr leereichen und provokanten

Artikel vorzulesen - „Die Geheimbünde – Gründliche Analyse eines Gesetzentwurfes“ - den ich für diese politisch unabhängige Zeitung geschrieben hatte:

*„...wie die meisten Gegner der Freimaurerei verfügt auch der Autor dieses Projektes über eine profunde Unkenntnis all dessen was die Freimaurerei ausmacht. Das wenige was er weiß, ist schlechter als nichts, da er seine Gegnerschaft natürlich durch das Lesen der sogenannten katholischen Presse genährt hat, in der sich selbst in den elementarsten Aspekten dieses Themas immer ein grober Irrtum auf den anderen häuft...“*

Nachdem er die Lektüre beendet hatte, nahm er die Brille ab, faltete die Zeitung zusammen und kritisierte: *„Als ob es nicht schon genug war, den Autor des Projektes als kindisch zu bezeichnen, hast Du die Stirn, ihn mit dem Beiwort Schwindler zu verhätscheln. Damit nicht genug, beleidigst du auch noch den heiligen Kirchgänger. Was hattest du nur im Kopf, Fernando, solch einen Artikel zu schreiben? Das Projekt stammt doch vom Abgeordneten José Cabral, Mitglied der Entourage des Präsidenten des Ministerrates; dem Professor wird dieser direkte Angriff überhaupt nicht gefallen“* - stellte mein treuer Freund mit belegter Stimme und einem schiefen Blick fest.

*– „Außerdem lässt du Antonio Ferro in einer schwierigen Situation. Unser Freund arbeitet doch im Nationalen Sekretariat für Propaganda“* – fügte Montalvor hinzu.

Ich bestellte beim Kellner ein Glas meines bevorzugten Weinbrands. Ich hatte nicht vor, zu Mittag zu essen: in der finanziellen Klemme, in der ich mich befand, fehlte mir das Geld, um bei „Martinho da Arcada“ eine derartige Extravaganz begehen zu dürfen. Vielleicht konnte ich ja kurz vor Schließung des Lokals noch einmal mit der Absicht herein schauen, eventuell einen Teller „Suppe Juliana“ zu mir zu nehmen, immer vorausgesetzt, der alte Sá Mourão, Besitzer des Restaurants, werde mich dazu einladen, was er mit angemessener Häufigkeit ja auch gelegentlich tat.

Ich rückte meine Brille zurecht und zündete eine Zigarette an. Nachdem ich rasch einen verstohlenen Blick auf den Fußansatz der am Nebentisch sitzenden jungen Dame geworfen hatte, gab ich zurück: *„In the first place, Almada, ist das Wort ‚Entourage‘ ein männliches Substantiv, das von den Franzosen erfunden wurde, die Sprache ist schließlich die ihre. Zweitens wäre nach meiner Meinung ein passenderer Ausdruck zur Kennzeichnung einer Gruppe von Politikern, die den Herrn Doktor Präsident des Ministerrates umgeben, das Wort „Coterie“, auch dies französischen Ursprungs, wenn auch in diesem Fall weiblich. At last ist es notwendig, dass irgend jemand die Aufmerksamkeit der Abgeordneten unserer Nationalversammlung auf den Umstand lenke, dass es ebenso absurd ist, den Bürgern Portugals die Mitgliedschaft in einem Geheimbund zu verbieten, wie es absurd und lächerlich wäre, den Kindern bestimmter Stadtviertel ihre Ballspiele unter Strafe zu stellen. Darüber hinaus wäre diese Maßnahme, so sie denn angenommen würde, ein Affront gegen meine unvergessliche Tante Anica, respektable Gastgeberin geheimer, verschwörerischer und völlig harmloser*

*spiritistischer Sitzungen, in dem von dieser liebevollen Verwandten bewohnten Appartement in der Rua Pascoal de Melo, ehe sie sich ins Ausland begab, wo sie zur Zeit ihre Residenz genommen hat“.*

Montalvor warf ein: *„Scherz beiseite, Fernando, Almadass Sorge ist auch die meine, dass du nämlich als Folge dieses Zeitungsartikels irgend einer Art Repressalie oder Verfolgung seitens der Regierung ausgesetzt werden könntest“.*

Das winzige sichtbare Stück Fuß am Nebentisch hatte wie Butter auf einer Hundeschnauze nur sehr kurz gedauert und war nach einer entschlossenen Bewegung des Beines verschwunden, gefolgt von einem Schnütchen, welches den strafenden Blick in meiner Richtung begleitete. Ich warf der Inhaberin dieses wunderbaren, nun leider verschwundenen kleinen Ausschnittes ihres bezaubernden Fußes einen schüchternen Blick zu, von dem ich hoffte, er werde von ihr als mein Seufzer verstanden: *“Oh wie schön Du doch bist!”* Jedoch erspähte ich in diesem Moment, über die Schulter Almadass hinweg, ganz überraschend, wie das Individuum, welches mich vor kurzem unter den Arkaden do Paço verfolgt hatte, das Restaurant betrat.

Nachdem er Mantel und Hut am Kleiderständer abgelegt hatte, nahm er zwei Tische weiter Platz. Der Kellner überreichte ihm die Speisekarte, die er mit einem raschen Blick konsultierte, um mich dann aus einem mageren Gesicht mit seinen dunklen müden Augen über den Rand des Menus hinweg zu mustern.

Ich nahm meine Brille ab, säuberte die Gläser mit einer Serviette und setzte sie wieder auf. Ganz ohne Zweifel handelte es sich um den gleichen Mann mit festem Schritt, trainiertem, mageren Körper und harten Gesichtszügen, der mich seit der Rua do Comercio verfolgt hatte.

So ohne Hut konnte man erkennen, dass er vollkommen kahlköpfig war, bartlos und ohne Augenbrauen, mit großer Nase und hervorstehendem Unterkiefer wie das Gesicht eines Nussknackers, das niemand, der ihn schon einmal gesehen hatte, je würde vergessen können. Er atmete mit großer Mühe und ließ beim Husten einen pfeifenden Ton hören, er war Opfer einer Beschwernis, die man gewöhnlich als Asthma bezeichnet. Mit einem Schwung kippte ich meinen Weinbrand hinunter, zündete noch eine Zigarette an, und brachte meinen Einwand vor:

– *„Der Artikel ist leerreich und gut überlegt, freilich ist er auch provozierend. Er versucht darzustellen, dass die Freimaurerei, obgleich sie weder eine Religion noch ein mystischer Orden ist, in ihren Ritualen doch mystische Elemente diverser Sekten und antiker Zivilisationen verwendet, vor allem Initiationsrituale religiöser Natur, wie sie bei den frühen Völkern zu Beginn der Zivilisationen entstanden sind. Ich versuche in meinem Artikel die grundsätzlichen Aspekte der Freimaurerei darzulegen, unter besonderer Berücksichtigung der Bedeutung, welche sie für die Entwicklung der westlichen Zivilisation gehabt hat. Die Freimaurerei ist eine historische Verteidigerin der Demokratie, der zivilen wie auch der individuellen Freiheiten, meine Herren!“*

– „Nicht im Traum hätte ich gedacht, dass du Freimaurer bist!“ wunderte sich Almada, der zugleich mit verstecktem Blick den wieder sichtbar gewordenen und mit einem goldenen Kettchen geschmückten Knöchel am Nachbartisch erforschte.

– „Bin ich nie gewesen. Ich gehöre zu überhaupt keinen Orden, weder ähnlichen noch ganz anderen. Trotzdem bin ich kein Gegner der Freimaurer, denn was ich zu diesem Thema weiß, lässt diesen Orden im allerbesten Licht erscheinen. Die Freimaurerei ist keine „geheime“ Gesellschaft, denn geheim sind nur solche Organisationen, deren Anliegen, Ziele, ja deren ganze Existenz geheim gehalten werden, niemand erfährt auch nur Zeit und Ort der Zusammenkünfte. Das ist bei den Freimaurern nicht der Fall“.

Montalvor beugte sich vor, teils auf der Suche nach einer bequemeren Haltung, teils zu einer diskreten Erforschung des Motivs, weshalb Almada und ich so interessiert unter den Nachbartisch zu blicken versuchten. Dabei murmelte er zwischen den Zähnen:

– „Den Estado Novo\* kann man doch nicht als Demokratie bezeichnen. Wir leben seit Jahrzehnten im Ausnahmezustand. Wir Literaten haben uns vorzusehen und dürfen ja keine Meinungen von uns geben, auf keinen Fall mit unseren Handlungen die Obrigkeit stören“.

„Ich bin wegen diesem „Neuen Staat“ alt geworden, Montalvor...“ kommentierte ich resigniert. „Ich kann nur wiederholen, was ich schon beim letzten Mal sagte: Es gibt keine festen Tatsachen, sondern nur die Interpretation von Tatsachen“.

Almada tat so, als bemerke er die wütende Anklage in den Blicken der von unserem hartnäckigen Interesse an ihrem Knöchel erbosten Nachbarin nicht, und offerierte als Argument:

– „In diesem Portugal existiert allein die Meinung des Professor Salazar oder eine von ihm ausdrücklich genehmigte.“

Während ich meinen eventuellen Verfolger verstohlen beobachtete (dies Verfolgungsspiel roch streng nach einem der Scherze, wie sie die Bande aus meiner Truhe so gerne ausheckte) studierte ich meine Erscheinung in dem die ganze Wand einnehmenden Spiegel: den fadenscheinigen Anzug und das zerknautschte Hemd mit dem schwarzen Rand auf seinem Kragen. Ich sagte:

– „Für diese scheinheilige Regierung gibt es nur drei Grundpfeiler: Gewalt, Autorität und Meinung“.

Almada war einsilbig geworden. Er erwiderte: „Unglücklicherweise hatten die Portugiesen noch nie eine eigene Meinung. Ein armes Land, sehr reich an Ignoranten!“

Ich warf einen raschen Blick auf die seltsame, an einen Nussknacker erinnernde Figur. Dann gab ich zu bedenken: „In der Ansprache Salazars, als kürzlich das Nationale Sekretariat für Propaganda seinen Preis verlieh, da wurde uns ja mitgeteilt, dass es jetzt eine neue Regel für die Zensur gibt. Statt

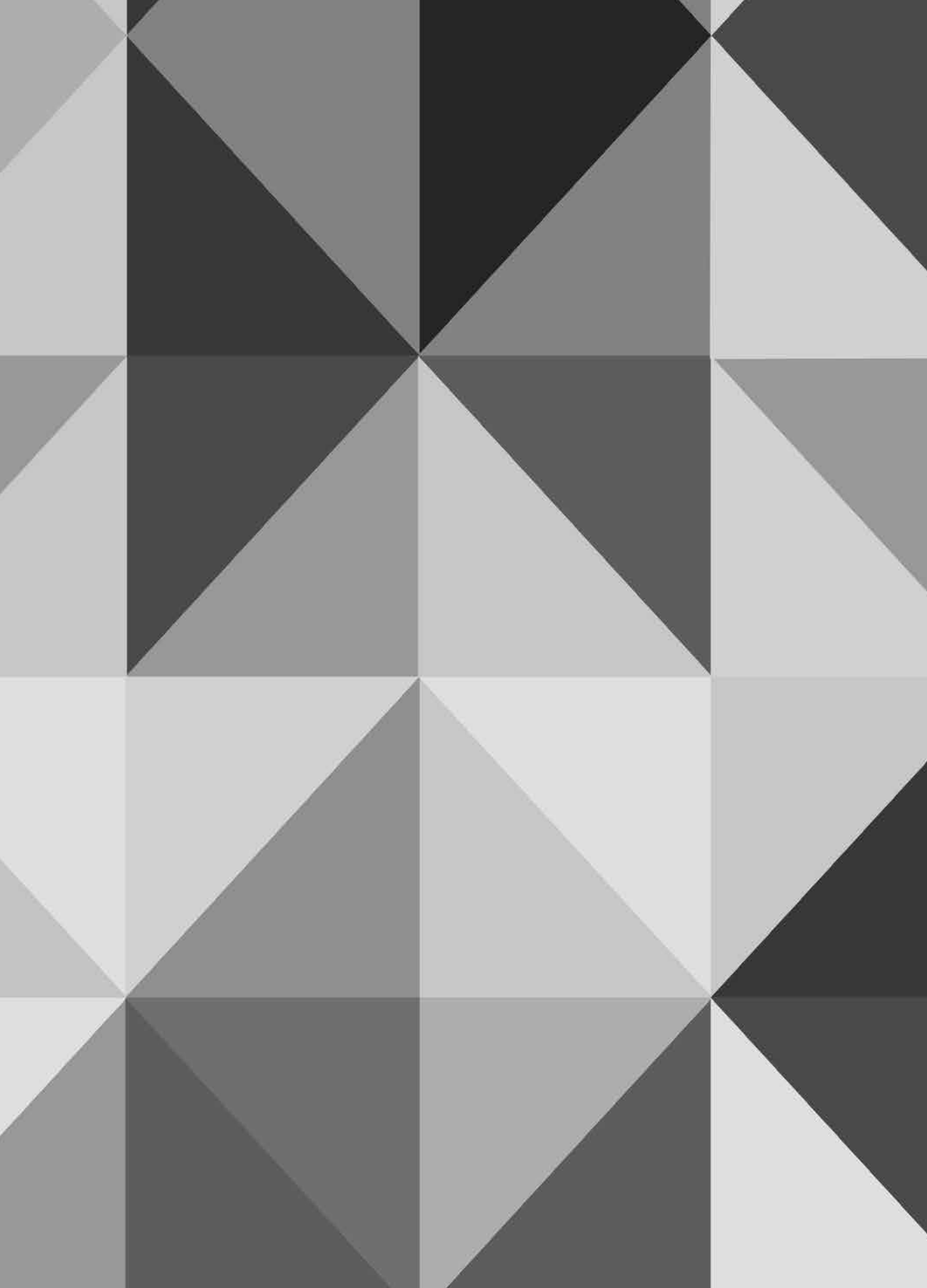
---

\*die in Portugal von 1933 bis 1974 ununterbrochen herrschende Diktatur nannte ihr System Neuer Staat/ Estado Novo



*ausdrücklich zu verbieten, dies und jenes darf nicht geschrieben werden, heißt es jetzt: Es darf nur dieses oder jenes geschrieben werden, was ausdrücklich erlaubt ist. Deshalb, meine Herren, wird einerseits alles was wir schreiben werden, den mir unbekanntem Prinzipien des Estado Novo zuwiderlaufen müssen, sich andererseits aber den Anweisungen der Instruktoren dieses Staates unterwerfen. Das bedeutet, nehme ich mal an, dass es künftig in Portugal keine literarische Äußerung mehr geben darf, in der nicht irgendwie auf den ausgeglichenen Staatshaushalt und das korporative Gleichgewicht – was immer das sein soll – hingewiesen wird“.*

Montalvor verzog die Lippen zu einem spöttischen Grinsen und klagte (mit verschwörerischem Blick ein lateinisches Zitat der Gegenwart anpassend): „*Si nos cóleos haberemos – wenn wir Portugiesen doch wenigstens Tomaten zwischen den Beinen hätten!*“





ENGLISH

# INTERNATIONALIZING THE ARTS AND CULTURE IN BAHIA.

One of the guidelines of the cultural policies undertaken by the Department of Culture of the State of Bahia indicates that intercultural dialogue is an essential tool for the development and enrichment of the arts and culture. This is based on the assumption that ghettoizing a cultural expression, and preventing it from engaging in exchanges with other symbolic expressions has a stultifying effect. From this perspective, intercultural dialogue takes on an essential role in the cultural life of the contemporary world, which is increasingly glocalized.

The Department of Culture has made a tremendous effort to include the arts and culture of Bahia in an intense series of dynamic intercity, regional, national and international interactions. This process is reflected by multiple initiatives that seek to increase the exchange between our culture and other symbolic worlds. Even activities that are not explicitly suited for such dialogues have undertaken a vital commitment to these activities.

The Celebration of Cultures of the Backlands enabled an exchange with expressions rooted in several areas of Bahia and Brazil, particularly in the Northeast and Minas Gerais. The Meeting of Black Cultures fostered networking among the black cultures of Bahia, Brazil and other parts of the world, such as the Americas and Africa. The Cultural Caravans, which travel throughout the state, seek to (re)learn and connect the different cultures that inhabit and shape Bahia.

From a perspective that is more oriented toward cultural exchanges, the highlights include programs like the recent investment in the dissemination of the theater arts, through the production of the Bahia Theater Exhibit at the Curitiba Festival. It presented seven plays selected under the curatorship of actor Wagner Moura, and distributed a publicity kit focused on our theater arts, put together for curators and media professionals.

Going beyond our national borders, the work of the Office of International Relations is worthy of note. Despite budgetary and staff limitations, initiatives like Bahia Music Export and artistic-cultural mobility programs project our output into the world. The Pelourinho Artistic-Cultural Residence, which is currently being organized, will bolster our international connections.

Intercultural, national and international relations like these clearly imply the assertion of the uniqueness of Bahian culture and the significance of our cultural identity. In fact, without such recognition, there can be no true cultural exchange, because it always involves an encounter between cultures that are (re)introduced and respected as significant movements. Otherwise, exchanges will be replaced with cultural impositions, dominations and imperialism.

Taking this entire context into account, the Department of Culture, through the Literature Division of the Cultural Foundation of the State of Bahia, the Book and Reading Directorate of the Pedro Calmon Foundation and the Office of International Relations, decided to take a step towards collaborating with the internationalization of Bahian literature in 2013. Because Brazil is the country honored at this year's Frankfurt Book Fair, one of the most important of its kind in the world, which will be held from October 9 to 13, a plan was developed to ensure that Bahian literature plays a more collective role at this event.

Therefore, we have decided to launch a trilingual (English, German and Spanish) publication during the fair, containing the writings by 18 major names in Bahia's literary world, involving different generations, genres and profiles. The selection process was conducted by a committee of six experts who were specially invited to carry out this undoubtedly difficult task.

After its debut in Frankfurt, this publication will be used to disseminate Bahian literature during other international events. This is one of the measures the Department of Culture is taking to help internationalize the arts and culture of Bahia, particularly aimed at the establishment of new intercultural dialogue, which is so vital to the arts and culture.

*Antônio Albino Canelas Rubim*  
Bahia State Secretary of Culture

The publication and dissemination of this panorama, which brings together 18 writers from the state of Bahia, will certainly create new intercultural dialogues and bring them to the attention of a continent of Spanish-, English- and German-speaking readers. The Frankfurt Book Fair is the largest gathering of the literary and publishing industry in the world, and the first of many other international literary events where this book will wend its way.

Ten years ago, Brazil enacted its first book law, making it possible to build the National Plan for Books and Reading (PNLL). Unprecedented in our country, this plan marked the beginning of a process in which the State and public come together to build favorable conditions for the development of public policy on books and reading, professionalizing the sector of production and increasing access through constant efforts to encourage reading.

Publication, translation and distribution are crucial steps in the internationalization of public policy on books, reading and literature, and require joint and constant effort. With this panorama, the Department of Culture of the State of Bahia, through its related foundations and its International Relations Office, is taking a key step towards encouraging people to read the works of Bahian authors in Brazil and abroad.

*Fátima Fróes*

Director General of the Pedro Calmon Foundation

**W**e are excited to launch this panorama of literary writings by authors from Bahia, which, together with exchange programs for writers and literary residencies, will enable us to bolster the state's policy of promoting the culture of Bahia in the international market.

The dissemination of writings by these authors is intended to increase their visibility and promote translations and sales in foreign markets. It also enables the international publishing world to take a new look at Brazilian literature, accessing the literary output of authors who are still little known in their own country.

Because its literature is essential for gaining a thorough knowledge of any culture, we invite publishers, literary agents, translators, scholars and the general public to get to know Bahia in all its diversity.

*Monique Badaró*  
International Relations Advisor, Department of  
Culture of the State of Bahia

# LITERATURE FOR EXPORT

The view of Brazil from *outside* the country - and even inside it – is largely due to a cultural whole that the region of Bahia has amassed since colonial times. The literature produced in Bahia, especially by Gregório de Matos, Castro Alves, Adonias Filho, Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro, and Antônio Torres, to name just the few that come to mind so quickly that memory must be trusted, certainly helped formulate an image of Bahian culture that, subsequently, whether through the films of Glauber Rocha, the songs of Dorival Caymmi the Tropicália movement of Caetano Veloso, Gilberto Gil and Tom Zé, or the rhythms of Olodum, makes it an inescapable place: a Macondo floating between the hinterland and the sea. This symbolic place, almost always, is the metaphor for the vast country that is Brazil. Its African, Amerindian and Portuguese heritage is a powerful force replete with meanings, symbols and myths.

Capoeira, cuisine, Candomblé and Carnival are the most visible features of this place, but there is also a contemporary Bahia that is unknown to many. There are other sounds, other images, other letters and lyrics from this part of Brazil that the world should have an opportunity to know. And it is as a northeastern state that Bahia proudly presents itself. A meeting place for aesthetics, various shadings and timbres, multiple ethnicities and overlapping temporalities.

To supplement measures taken by the Federal Government through the Ministry of Foreign Affairs and the Ministry of Culture, through the National Library Foundation, to disseminate Brazilian literature in other countries, the State of Bahia has undertaken a unique project that is important for drawing the world's attention to Bahia and hence to the Northeast. More precisely, to the literature of contemporary Bahia. This does not mean that we are talking about northeastern or regional literature. These are literatures that can take shape at different times in the same moment, the present, and which therefore help faithfully to represent our characteristic diversity.

The Department of Culture, through the Cultural Foundation of the State of Bahia, in partnership with the Pedro Calmon Foundation and the Office of International Relations, has created a program for the dissemination of our literature. It includes, among other things, an panorama of works by writers born or based in Bahia, translated into three languages: Spanish, English and German.

This selection was based on the following criteria: living authors, aesthetic variety, different generations, literary genres, styles and locations; in addition to writers who are unknown, little known or little explored outside Bahia. Nationally recognized authors, like the great Antônio Torres and João Ubaldo Ribeiro,



did not meet these criteria because we understand that they are already read, translated, and to our great pride, recognized outside of Bahia and Brazil.

This effort to showcase the 18 selected authors is not a tribute. It is more of an initial attempt to organize ways for our literature to become known outside our country's borders. This is the first project of its kind, and like every fledgling effort, a difficult, thankless, challenging and, at the same time, exciting task. Having taken this first step, we hope that others will follow.

Finally, would like to take this opportunity to thank the members of the committee that took on the challenge of selecting the writers represented in this panorama. The committee included the writer, professor emeritus at the Federal University of Rio de Janeiro and member of the Brazilian Academy of Letters, Antonio Carlos Secchin; Antonio Marcos Pereira, a literary critic and professor at the Federal University of Bahia; journalist and scholar Josélia Aguiar, a specialist in covering literature and columnist for the "Iluminista" and "Ilustríssima" sections of the *Folha de São Paulo* newspaper; Jorge de Souza Araújo, a literary critic and professor at the State University of Feira de Santana; Milena Britto, a literary critic, professor at the Federal University of Bahia and Literature Director at the Cultural Foundation, and Nancy Vieira, a scholar and professor at the Federal University of Bahia.

We hope these writings will be read around the world to contribute even more to our Bahia-Macondo.

*Nehle Franke*

Director General of the Cultural Foundation of the State of Bahia

*Milena Britto*

Literature Director of the Cultural Foundation of the State of Bahia



## THE MAN WHO KNEW HIS TIME TO DIE

(Chapter from the book "The Man who Knew his Time to Die" Ed. Escrituras. 2012. - Funarte Fellowship for the Promotion of Creative Writing and Grant for the Support of Book Publishing by Bahian Authors - FPCalmon)

*12. June 14 - Nativity of Saint John the Baptist - Feast of St. John*

I am my grandfather's oldest granddaughter. According to rural tradition, the grandparents usually baptize their children's first child. My grandfather baptized me. He was my grandfather and my godfather. I was his granddaughter and his goddaughter. He protected me as if I was his daughter, his favorite, his darling. It was from his hands that I was christened. My grandmother held me by my arms and legs and anointed me like the Holy Prophet did to Christ. Did I hear a voice saying "*This is my beloved daughter, in whom I am well pleased*"? Was the Holy Ghost present in the form of some critter? Was that Him barking joyfully outside the church? Was the kingdom of Heaven within my reach? I was very young, I was baptized before I had developed my awareness, yet I remember, like a vestige or a message appearing in a dream. I remember I was dazed by the holy water wetting my hair. And with my head underwater, almost out of breath, I had my first true sense of the sea. The baptismal water purified me, cleansing my body like the waves.

I received my first sacrament from my grandfather's eternal hands, who by bathing me in water initiated me in the art of knowing the impossible, immersing my soul in grace, attempting to hide from me the guilt and sins I already possessed, relieving me from heathendom and introducing me to other rites, to allow me to understand a bit more of the world and its elements. And through benediction, by asking God to bless me. And if it had to be, then so be it: I would know when my time came.

My grandfather was married on the Feast of St. John. And one day he told me how it went. He had promised himself that he would not abduct his wife, he would pay an honest homage to her. Not that his mother had been dishonored by being abducted; after all, it was an act of love. But with his wife he wanted it to be different, without the rapture of kidnapping. Both families gathered at a wedding celebration, everyone united in the grace of God. He said the wedding was not at all flamboyant, like city weddings. And he told me how it went.

His account was extraordinarily beautiful. How could I inherit that from my grandfather? That wedding was better than knowing the time of one's death. A wedding on an evening of the June festivities, on St. John the Baptist's Day. A small ceremony in the living room of the house where he would later live with my grandmother. They had met on June 13, the previous year, during the celebrations for St. Anthony, as they climbed up the hill to attend mass for the saint. Who knows if my grandmother had asked the matchmaker saint to give her that marriage as a gift.

On the day of the wedding, a local priest arrived early, ate smoked meat with the relatives, drank grape spirits with genipap in the bottle, and went to the main bedroom to dress to begin the sacrament, recognizing divine grace. When the time came, he blessed both of them, said a short mass, administered the vows of respect and fidelity forever, and departed on the back of the same mule that had brought him there. By that time it was already dusk and night was coming, balloons flew in the air and bonfires popped with the first sparks of fire and smoldering wood. The country wedding began.

Three local musicians—three blind brothers—started playing the eight-bass accordion, the *zabumba* drum, and the triangle, and a smart little kid who accompanied the blind men sang verse after verse for everyone to dance. But no one heard the child's voice because everything was frolic and smoke, and there were also the children outside lighting fireworks, rockets, snakes, and all sorts of firecrackers. And putting a toad in a can and blowing up both the can and the toad, because children everywhere and at all times are perverse creatures devoid of the slightest awareness of their own evil. My grandfather told me that he danced *baião*, *xote*, and *arrasta pé* all night with my grandmother. What he most desired—and this he told me most soberly, though he didn't quite say it that way and I am half making it up—was for the party to end as soon as possible, and yet it dragged on forever. His dream was for everyone to leave so he could find himself in the bedroom alone with my grandmother. His dream was to sleep in order to dream the dream. They had a total of thirteen children. Four of them did not survive. Nine of them remained. All the local country folk wore polyester pants and white or beige fine cotton shirts, and all of them were in their shirtsleeves except for my grandfather, who wore a very poorly made suit, badly cut by a local man who claimed to be a tailor. Everyone agreed that, in his suit and with his hair slicked back, he looked like the poet Castro Alves, the one with the statue in the city. And since in private my grandmother called my grandfather "Cecéu," the kid sang a well-known *farró*, in celebration of the wedding.

*"Look at the fire, look at the bonfire  
Burning the straw strands of my hat  
Where's Ritinha, who doesn't see Cecéu?  
She's chewing on a straw, worried, looking at the sky  
And suddenly he grabbed the accordion  
Singing me to sleep  
During Saint John of the Lamb, my love."*

And listening to the story of the party and marveling at it in a state of complete rapture, I wished I had been there and danced in that ancestral seed that would germinate to form my own being. I imagined every detail of the wedding, even those which my grandfather forgot to recount: the grits, the corn stew, the bunting, roasted corn on the cob, boiled peanuts, and the dance he danced. Above all I wanted the dance. Which must have been gangly and crooked. I wanted to straighten up my grandfather's dance so it could survive for all future generations. I wanted to marry dancing to have a son who was born dancing and who grew up dancing. I wanted a square dance with the whole family and all my friends and all my loves.

I was at the party: past and future do not exist for thought and imagination. What I wanted in life and death was the party. The party and the motion of the dance in the leaves, the waves, the body. What I've always wanted is to inherit that party. And I did. At that moment it no longer mattered whether I would know death or how I would know it. I only wanted the party.

## THE BLUE WOMEN

(Short story published in "Caramujos Zumbis". Ed. Caramurê, 2012)

*"If anyone sees an ass eating a fig or a fig eating an ass (these two circumstances occur but rarely, except in poetry), you can be sure that, after having reflected for two or three minutes on what course to adopt, he will abandon the path of virtue and laugh like a cock!"*

(Count of Lautréamont)

Today is the day of the festival where they kill. I don't know whether they kill jaguars or ants, but they kill. We blue women cannot go to the festival. White women and blue men can go. Yellow, white, and black men go too. And black and yellow women. But we, the blue women, cannot. They have never told us who actually dies, but we have intuited that death is present because, if it wasn't, the festival wouldn't be called the festival where they kill.

The beginning of the tradition of the festival where they kill dates back to so long ago that we don't even remember it with certainty—if it really had a beginning—for we believe that everything is so ancient that it predates our own existence. In other words, the festival where they kill might be so old that it may have existed even before blue women existed and were barred from it. We suspect that if the festival where they kill existed when the blue women didn't, the festival would make no sense, since everything that exists needs its opposite, a complement that takes the form of limits, prohibitions, and unbending rules. We thus imagine that it is we who legitimate the existence of the festival where they kill, since, in order to kill, they need the blue women. Or not. We can't even draw our own conclusions because blue women's conclusions regarding festivals where they kill are worthless. Even though drawing conclusions is all that remains for us who do not take part in the festival.

They have never told us what they do there, who actually dies, how they die and why. They kill: that's all we know. And we're not even truly certain that they actually kill, since we have never seen or heard anything. In other times we asked—and in our time we continue to ask—why they call what they do a festival. They never answer our questions: they don't offend us, nor do they smile at us, but they do not answer. Isn't a festival supposed to be a joyful gathering to have fun? Those who go to the festival where they kill don't seem to be having fun. Isn't a festival a solemn ceremony? Those who leave the festival where they kill do not appear solemn. There is no pageantry, no formalities dictated by laws or customs apart from the one we already know: that blue women cannot take part in the festival. Isn't a festival a chance to bond? They don't appear to celebrate together a shared memory or an action recalled or to commemorate some past event; they enter and leave the festival as if they were devoid of memories or commitments: they are bored to be at the festival where they kill. Could a festival not be the observance of a saint's day? They don't appear to be devoted to any killer saint. We know them, they are our neighbors, our sons, and our men: we didn't teach them to love bad saints. But a festival is, we believe, a commemoration with others. Without others, there can be no festival, and if they never celebrate, why do they call what they do a festival? And who was it who one day named this event the festival where they kill? More questions for us who will never have answers. But we must keep asking. Time after time and forever. What would become of us if we never asked? Questions were made to be asked: it won't be us who will break the laws of questions, even if everyone else breaks the laws of answers, leaving us ignorant regarding issues concerning the festival where they kill.

A few months ago we even wondered whether the festival was some sort of conspiracy against us, since only we were barred from it. But we soon realized that it wasn't: they were very sad when we revealed that to them. They even said that we were lucky for not participating in the festival. For long periods of time we lived—like our ancestors, who heard the same excuses from their contemporaries—with the happy illusion that we were special, that to be exempted is a gift, but no. There are fortunate and unfortunate exceptions. But we don't know whether to participate in the festival where they kill is a fortunate or an unfortunate exception.

It would be an unfortunate exception if they killed ants at the festival. Because we, the blue women, would like to participate in a ritual where ants were killed. A few days ago we talked about rituals with some of them and they were saddened. And since they sometimes do respond to blue women, they said: *"we like the rituals of brushing our teeth after meals."* That answer was enough to make us get together to decipher what was hidden in that sentence. We failed, and we deduced that those who participate in the festival where they kill like the ritual of brushing their teeth, just like us, who do not participate. We are a hygienic people.

And it would be a fortunate exception if they killed jaguars at the festival. We are not exterminators of species. We don't support that kind of sacrifice. Could our lack of support be the reason they don't invite us to the festival where they kill? And why do they continue participating in the festival where they kill, even if they too are unhappy with it? More questions, which we, the blue women, continuously ask as we observe the melancholy eyes of those who attend the festival where they kill. They say nothing. They look into our eyes and say only with their mouths, *"it has to be this way,"* and we keep on asking more questions, which sound like rebellious challenges. We don't feel privileged for not participating in the festival where they kill. All we want is to be able to take part in the festival, even if we leave it unhappy. We say this and now they smile and say that we know absolutely nothing, that we are ignorant. That we are ignorant, we already know. And finally they say something that, for us, who are so eager for answers, comes as a revelation: *"The question is not whether we are happy or not at the festival where they kill". "We are either happy or we're not". "We're happy and soon afterwards we're not". "Taking part in the festival or not won't change that."* And we, who never attended the festival and never will, were unable to grasp the amount of truth and lucidity in that assertion, coming from those who take part in the festival where they kill. Why would they be truthful with us?

That they kill jaguars or ants are merely conjectures on our part. We have concocted a belief *system*. In fact, we've written manifestos and booklets on the festival where they kill. I think that we've justified, theorized, and

reflected about the festival more than they themselves have. We have produced compendia and treatises. And we don't discount the hypothesis that they might also kill creatures larger than jaguars. In fact, they may even kill people. And we suffered in our meetings when we realized that we could label them as potential murderers. But our pain receded when we remembered that they could perhaps kill creatures much smaller than ants, those insects that we don't see, and then we no longer knew how to label them, since all of us believed that killing ants was irrelevant and that those who kill what we can't even see should be excused. Today we think differently, we know that death is the same for jaguars and for ants. And what they kill no longer matters to us, whether pigs, locusts, old people, babies, protozoa, or elephants. What we want is to take part in the festival and to be able to kill too, whatever the species. What intrigued us for long stretches of our lives was the complete and absolute indifference with which they enter and leave the festivals. They give us absolutely no clue of what they could possibly be doing in there. They enter and leave and enter. And by all means possible we try to detect some purpose, at least—by means of a look, a smile, a wrinkled brow, or a bitten lip—and nothing, absolutely nothing, reveals the nature of that festival.

We don't hear sounds coming from it. No sound at all, neither of exaltation nor of suffering. On their clothes, neither blood nor sweat nor anything can be seen. They are everyday clothes that they could wear anywhere, with absolutely nothing distinctive about them. They don't speak in code, they don't make signals. When the day and time of the festival where they kill arrive, they simply leave their homes, their workplaces, their pleasures, and head for the site of the festival. We know nothing more of what happens in that enclosed space located on that street that is open to all and that we, the blue women, have passed by and looked at so many times. There have been so many plots devised to enter that place where the festival where they kill takes place, that if we attempted to recall all the strategies planned it would take us more than a day to describe them, it would take a whole month, a whole year even. There were hundreds of methods, thousands of plans, millions of inventions, we could never recount them all. We've never succeeded in entering, it's true. It's not that they guard the entrance to the festival where they kill that rigorously. But there is a greater power to which we, the blue women, surrender when we are about to reach our objective, and we retreat without even knowing why. We think it is our fate never to enter the festival where they kill.

Today is yet another festival day. The day we so eagerly await. It even seems to us that only we wait so anxiously for it. For this day that causes us



so much pain and passivity, but that also keeps us alive and united. We, the blue women, know that we are different because of our inability to enter the festival where they kill. And this is a source of luck and terror. We discovered only today, after long speeches and detailed plans, that perhaps it is we who die for not being inside, killing whoever is out here.

## NHÔ GUIMARÃES

("Nhô Guimarães", a novel (excerpt). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.)

**N**HÔ GUIMARÃES AROUND HERE? It's been a long time! Oh no. Nsh, nsh! It's not him, no. But who are you, sir? You won't say? Even so, come down off your horse. Go ahead, there's just us in the house. Come on in, I'll give you a few sips of cool water. Come in and you'll see that the best is from the clay jar, the old-fashioned kind, which I still have. Enjoy.

At first I thought you were somebody else. But it makes no sense. Up close, I can see that you're much younger. And it's been so long! The mind plays tricks on us. He was a very good friend. He used to come here on a horse like yours, covered in the same dust from that road. Me and my husband, Manuel Adeodato, we were always hoping he would come back for a longer visit. But did he come? Nope. Time went by, Manu got old, and soon he had passed on to a better place. I was alone at the foot of these mountains. It's true: nobody lives forever, right?

*Nhô* Guimarães never came back. But I didn't lose hope, lying in wait, because he promised to visit. And isn't a promise a deal? Manu wanted it so bad, he was always waiting. Now it's my turn.

But who are you, sir, still so young, in these parts? From the dust on your hat, I see you've been on a long journey; your horse is so sweaty. Don't worry. Get some rest. I saw you coming, and I thought, it's him. It looked like him but it soon hit me that it was not. Even your mount looks like his, indeed, I can't say, my eyes are really bad. Time passes, and gnaws at us bit by bit; one day, there we go, into eternity. Is there any other way?

Alright now, I need to tell you the long story. Come on, take a load off. Want another sip? Look, I'm going to brew some fresh coffee. You're so young, God bless! Hear me out while the water's boiling. A little conversation doesn't cost anything. Like it was with him in the good old days. A-huh?...

*Nhô* Guimarães stopped by here a few times, in those days. He was a good-looking man who used to visit these parts, but only certain neighborhoods. He rode like a dream, clippity-clop, here I come. Holy moly! He was the best! I always kept an eye out, but quiet like, while he and Manu talked man talk here in the house. Today I rule the roost, that's my right. In those days, no, I just listened. I'll tell my life my way, because I love a long chat.

Manu and *Nhô* Guimarães had quite a few chats right here in this parlor. They laughed when they talked, what I liked most was the tall tales. *Nhô* liked them too, paying close attention. Manu would go on and on, spinning tales, no matter what. And there I was, look.

Our son, still very small, was like a fly on the wall, enjoying it all. But that was always dangerous, for example: "Get inside, boy! Who ever heard of shorties listening in on grown-up talk?" Manu would say that, out of deference to that man of so many worlds.

"Leave him be," *Nhô* would intercede, not even looking, just understanding things. So then Manu would let him stay. He was so good.

Other times, in the evening, when the sun was going down, *Nhô* would squat in the yard, Manu beside him, and they'd smoke those cigarettes together. He could make one, chopping up tobacco, licking the straw. They handled it just so, rolling with their fingertips, and the two were really concentrating. When they lit up with a burning stick I brought from the fire, then they'd do their best puffing. They loved watching the smoke rings they blew in the air. Before that they drank ground coffee roasted at home with cloves. I strained it with much more pleasure that day. It wasn't just another day, if there were that many smoke rings of palaver.

In those days, when Manu told stories, *Nhô* Guimarães would wrinkle up his face, approving the twists and turns. He'd think things over, rework some phrases, invent a few more details. Right away, he'd tell the story back in ways that made it seem completely different, but it was the same. He was a very important man. A distinguished doctor, from the backlands and city, local two times over, very familiar with the general roads. He came to the outskirts, from right here, in these wild districts, where the wind and the roads turn around. As time went on, he started going farther and farther, to big cities. He'd come back from time to time with news.

It was God in heaven and *Nhô* Guimarães in Gerais. Manu gleefully said that, ever to always. The doctor had something and other things: some of the somethings of people with the deepest wisdom. During long conversations he would suddenly jot down some scribbles on paper that he had in his pocket, in the black doublet of baked leather, these other things. Forget about it! What I really wanted was a hat like that, as a souvenir, to hang way up high, on my wall. Wasn't it the best? I wanted to ask but didn't know how. Now I'm sorry I didn't. I wanted to have a sign of his visits to my whitewashed ranch. So when I said, "*Nhô* Guimarães was here," I could show some proof. But ...

Are you listening? I'll fill in the gaps. *Nhô* Guimarães used to come by, then disappear for a long time, without sending word. But he always came back ... Today, if he did come back, which I thought he had, but it was you, it would be very good, I'd be very pleased. I'm like Manu back in those days, just like him, almost the same age. Now you sir, out in front, can stand in for him, since *Nhô* isn't coming. He must be an old man, and prancing. That's as it may be, which is even interesting. Time went by, passing, passed. The little bird still sings out there, but it's a different one. *Nhô* himself has gone far away, that I do know. We folks are a sad lot, even the woods, look... Different from the good times, us and

our little son, Manu alive and well here - God bless him! Some changes are the work of time. I miss Manu, who now lives in a flowery grave that I tend all the time. On All Souls Day, I like to visit and chat with him, tell him the news. Me, on the other hand, until I go to join him, and we all go in the end, I cherish a wish. I want some word of our son, who disappeared into the world. Life is dangerous, but I still have some hope. Who knows what will happen tomorrow? When you have hope, you make good use of it.

During their long conversations, *Nhô* Guimarães and Manu were well suited. Just listen: Manu would tell a story and then *Nhô* Guimaraes told the same one, with different words, some that are hard for us folks to understand, but beautiful. One would tell a story, the other would embroider it, and they'd laugh. Me just looking on, not wanting to listen to dogs bark, cats meow, cows moo or birds sing. Nothing. I was just paying attention to a story they savored along with coffee and puffs of smoke. So there.

Those were good times, lots of palavers. Then *Nhô* Guimarães traveled too far away, and we just kept waiting for him to visit the countryside again. For him to stop by. But he never came. Sometimes *Nhô* Manuelzão would come by, herding cattle, and we'd ask. He let us know that *Nhô* Guimarães was getting more and more stuck by fame, more and more important, in the big city, and didn't have time to palaver with us. The big city is like that, it charms and changes people. God protect them. Our kids go there, never to return; some do come back, but only on holidays. They turn into a different kind of person. Many live and die there anyway, and we have to make do with the memories. Their children never know their past, erase their kin from their memory, don't even keep in touch with friends. Are you from there? Or were you one of those? What brings you to these parts, at the beginning of the world?

The big city ensnares and binds people in its guts. Our son left, disappeared out there, turned to dust in the tangle of so many legs. A place where they said the streets were paved with gold, a place of easy money. We went there once, it took two days traveling in a great big bus. What a dreadful trip! We hated it. God forbid that I should live in a place that. Everyone's in a hurry, vexed, nobody says good morning to anyone. It's been a while since we've heard from our son; we were very anxious, not knowing his whereabouts. No forwarding address. One day we found out, from a message we got, sent right to our door. There he was, a grown man, already going grey, gone without a trace. At least as far as I know. When I heard he had disappeared, I cried a river. What could we do? My old man straightened up in prayer, stiffening his crooked spine, in the total calm of his last sadness. The knowing was hard, everybody knew. We had lost a son, and for that very reason, gained an enduring memory. We waited for him to come back, harvest after harvest. Where have you been? Did you get married? Have children? He never returned and our hope dried up, along with the news. I still can't get over it. If your son is dead, you want a tomb that's close by so you can

visit, light a candle, fix some flowers, whisper a prayer. Do you agree, or don't you approve of these old-fashioned beliefs? Yeah, you're still very young, you must be one of those who don't even believe in God. Is that the way it is? Yeah, right! Do you keep a secret? Keep ahold of it: once in a while, time lets out a sigh. It's a time when we're in danger of discovering ourselves, a box that falls to the ground, scatters, even by accident, and shows itself, freeing knowledge. Don't you agree? Because of some experiences, our hair grows white from the roots. Some hairs go white all at once, because of vexation or sadness. Good and evil, those friends, go arm in arm: you can't be too careful! I can tell you, because I've never opened up so much in conversation in all my years and those to come. I've never done anything out of bad intentions, those I don't have. I kept forgetting things, year after year: it was all locked up inside, far away from me.

You don't even need to believe me. I'm not asking you to make that effort. All you have to do is listen. It does me good. Believing or not, that depends on the person. I tell the tale, I enjoy spinning a good story, it's even better than real life. The cure for everything is the way you tell it. Believe it or not, even in make-believe we learn about life. Time goes by, and we learn what could be. Just ponder this, sir, that life is made up of some joy and a great deal of pain.

But never mind, because the best thing to talk about is *Nhô* Guimarães. He gave us a lot of joy during his visits. So, so, if I hear a clatter, clippity-clop, clippity-clop, sometimes I think he's coming, just like in the old days. You always remember certain sounds. So when you were coming, I almost saw the man himself. But no! He isn't coming, no way, not ever. Maybe he's too old to ride, perhaps he's dead? Manu thought so, because of the signs. I never wanted to believe it, because seeing is believing! But it may be true. That's life, don't you agree, sir?

Where was I? Oh yes. Every once in a while, Manu would wander like a shepherd. He went where the long grass wanted to follow the wind, but the ground wouldn't let it go. There, silent and squatting, he would roll two cigarettes. He smoked one, and put the other away. Would he come? There I was, like I didn't have a care in the world, watching those mute conversations, the palavers of the old days. Always, like that, waiting for good things to happen, if only for a while. He raised some thirsty dust on the desert paths. Suddenly, a trot, clippity-clop, clippity-clop, was it him? Coming from the days of past suns. But: looking out, on the lookout, where there's smoke there's fire, right? There you go. But he didn't come: nothing but dust, a deaf wind, a massive whirlwind. Manu would cross himself – I-believe-in-God-the-Father! *Nhô* Guimarães was nothing but wishful thinking for us, nowhere to be found. These things from the other world, do you believe in them? I'm betwixt and between, but sometimes my imagination gets the best of me. It depends. But there are, yes there are some mysteries. You open your eyes wide and don't see a thing: but it's there, right in front of you.

Pay attention, sir; if you want, write it down: *Nhô* Guimarães came by the first time, as a young man, looking to write down Manu's sayings. Yes, *Nhô* was

a young doctor learning the cures and savvy that they only have in the far-off city. He wanted to learn the usefulness of the herbs we planted in the backyard. He was starting out. But first: Manu healed an entire community in these parts, his own way, learning the ways of things. He healed everybody with potions of wormwood, rue and camphorweed, along with other plants, with different aromas. Huuummm! He taught him to make infusions of crushed herbs: collect the sprigs in the early morning, before sunrise, leave the infusion in the dark, bathe at night, in the moonlight, letting it run off your body without drying yourself off. That healed; it was a sure-fire thing. If you weren't cured, there was no merit.

Manu, according to the rest of their palavers, had one of the arts of life that left people dumbfounded. Folks heard about him, and without any money, came in search. When he looked into the eyes of the penitent, he'd stretch out his arms, one by one, saying, "God help you! That's the evil eye."

And off he'd go, picking the right plants, mixing aromas and uses. He'd come back, all contrite, harvest in hand. And he took care of that part, dry scrubbing, with the chosen branches: "With Christ I consecrate you, with Christ I bless you ..."

Then his voice would get softer, till it was just a whisper. Only his lips were still praying, the branches celebrating the body of the patient, until they wilted. Just think, sir: the leaves sucked maladies into themselves by the power of those invisible words. Taboos and ailments clung to those branches, they shrank under the load.

*Nhô* Guimarães had heard about Manu and came by to converse an explanation of one of the feats that people talked about among themselves, some certain, others not, in those parts. Yes they talked about those sorts of things, yes sir, believe you me. By the light that shines on me, I tell you and swear: if I need to sign something, I'll sign it. It's been so long! He wanted to meet him. How did he know if the disease was just for a short spell? Or if it was an old malady? Or if there was no cure? Manu, in his own way, which I knew very well, not trusting strangers, first started into palavers that went on till nightfall. To give you an idea, the cicadas were already out. But *Nhô* Guimarães took it in stride and chuckled quietly, gaining his trust little by little, until Manu felt right. From then on, they'd always get together in the afternoons. He'd arrive, clippity-clop, clippity-clop, here I come, like I told you. I'd like to have a horse like that one day. Manu would be waiting for him in the yard, at the time they'd set: "Come down off your horse, *Nhô* Guimarães! Let's drink some fresh-brewed coffee!"

In all their conversations, they'd spin some long tales. Our boy, all by himself, stood there listening. Except that he was disobeying his father's stern looks, telling him to get. He felt important just seeing that man smile and adjust his glasses. The stool creaking with wobbly legs, almost making a dent in the dirt floor of our house. Right there, look. *Nhô* Guimarães was the finest sort of man. I spun out my wishes. I wished my boy would be like that, just like him, when

he grew up. A handsome man too, sowing some phrases step by step, in fruitful conversation. Bit by bit, necessarily, he'd arrive at the heart of his questions:

"How do you know if the disease is acute or severe?"

"Nhô, what?" Manu said.

"How do you know if the disease is short or long?"

"Oh, let me see... Why?"

"Because this is what ails me, I'm a bit achy, feeling drowsy."

"Oh, well..." Manu took the man's hands, stretched out one and then the other, cracked his fingers one by one, irregular. He looked him right in the eyes. Then he asked me to fetch water from the jar, in a mug, and I brought it over. So he puts it in the middle of the room, spreads his palm over it, and closes his eyes, all quiet like. He must have been praying a short prayer. Me, since I knew how he did things, I soon brought him a piece of hot coal, picked out of the fire with wire tongs. Manu took it from my hand, and brought the burning coal close to the water; the man bent over the thing. He took the coal to the edge of the water and dropped it in, making it bubble like crazy. The steam rose up and spread out, puffing in the patient's face. *Nhô* Guimarães sighed, he was very pleased with that lesson. Manu waited for the boiling water to calm down a little. He read the words of the steam, revealing the answer: "You rest assured, sir, this is just a passing thing, not a serious blow. Take some artemisia tea, I'll get you the leaves myself, when it's time for you to go."

"But how do you know?" *Nhô* Guimarães insisted. Manu replied: "Oh, you form the intent to know what's going on, deep inside, wanting it strong and hard. Then you ask the water, in the bubbles, in the air. It answers."

"What does it say?" *Nhô* was curious. Manu added: "If the coal sinks, the case is serious; get ready for weeping. If the embers float it's nothing, not important."

"Oh!" *Nhô* was amazed. He said that "oh" a few more times, then he was either quiet or chatty, started getting into other stories, always curious. *Nhô* Guimarães put everything down in that notebook word for word, well traveled, serious, words softer than an afternoon drizzle. I learned the joy of being like him in my dreams. It was fun! *Nhô* Guimarães was like that in those days, now we just have memories. How long? How do I know?! I'll take a guess. Januarys have gone by, rains have fallen, grass has grown, and rivers have swelled and dried up. Us folks always in a hurry to plant, harvest and raise livestock and kids, that's our way of life. He left for good, for the cities of big business and people good and bad. Even to foreign parts. He became a rarity. He took with him his way of listening to and inventing stories. He got famous for rewriting stories in his refined voice. He recounted our things-without-importance; there they were of-value! Every once in a while, some time or another, he would stop by. He was older then; he didn't smile as much. Or was I dreaming?

"*Nhô* Guimarães is just fine," Manu would say.

"How do you know, man?"

"I just know. I have a feeling."

*Nhô* Guimarães was out there in the world, and we kept on waiting. What else could we do? Yes, but the truth is that there was at least one day, that act. Or wasn't there? A quick visit, he came by for Manu's warm welcome, to get a little advice. He said something about being honored by a famous house, somewhere in the big city. I was chasing after a lost rooster. When I got back, without knowing exactly what happened, I only got the details. There you are, sir, a fair judge. Everyone is amazed: we're always flabbergasted. Let's talk about that dialogue, and that's it, then we can have another cup of coffee.

I wish I had at least one grandchild, there in the corner, listening to our conversation. Ah, well, there is only one Nature and we are several. Here we are, always reliving the act. Isn't that true? Don't get bogged down, life is a flowing river. I saw it with my own eyes, as I live and breathe. But I'm not sure either. Did I dream it? The two friends, Manu and *Nhô* Guimarães, carrying on that last conversation. If you want, you can write it down, sir. First, Manu said: "*Nhô* shouldn't enter, I think, I don't know..."

"But why not?" *Nhô* inquired.

"As *Nhô* himself said, you tried it once, and it was no good."

"Everyone in the house wants me to enter," he explained. Manu went on:

"That is, you, a man from around here, you're an honest person. But there, the others, not everyone has that sufficiency. Falsehood is a hidden evil."

"What do you have to say about it, safely speaking?"

"*Nhô*, nothing at all. That thing about giving the right account of the way we live, with your palaver, that's a gift."

"Really?"

"If *Nhô* takes part in something doubtful, won't he lose that gift?"

"But if I lose the gift, will I die?"

"I don't know, sir, you tell me. In fact, make your own destiny, but first meditate a lot for a few years. Everyone has their time, and *Nhô* Guimarães does too. Who writes straight with crooked lines? Good fruit takes time to ripen."

Manu said all that, the two fell silent. This conversation was the most serious business of all. The coffee, now forgotten, gave up sketching its vapors in the air. I was there, they didn't see me, they were so overcome. I was on the outside, so I couldn't tell which knots were being loosened. So Manu suddenly slumped, crestfallen, then looked at him with a moist light in his eyes. And he imposed himself, on the pondered point of their conversation, as it should be, once and for all. The two faced each other in earnest. And each had a word, finishing up:

"So, will I die?"

"*Nhô* Guimarães, a man of your quality never dies..."

*Nhô* responded with a deep sigh, while Manu added these words:

"You become enchanted!"



Then there was an enormous silence, the voices were still: in my mind, I was just hearing the conversations of the past. I had never seen them so sad. Then *Nhô* Guimarães said goodbye, it seemed like his eyes were brimming with tears. And then he was gone, at a leisurely trot, fading into the evening on that road. It was a long time before we heard news of him. And then we'd get a message, from time to time, with every detail, the facts. I'm still waiting, but deep down I know the truth. *Nhô* Guimarães is never coming, never. But I make a point of forgetting, sometimes, that certainty, wanting a second opinion. We must give way to our feelings, don't you think? Because I always see the man, always alive, like he still is in my memory! I've seen, lived, shared. For me he is very much alive.

## SPRINGTIME IN THE BONES

(Excerpt from the novel "Primavera nos ossos". São Paulo: Casarão do Verbo, 2010. 278pp. )

The faint light at 4:30, 4:40, almost 5:00 am within the bamboo grove. While the sun creeps up, invading the city, the shadow of her face goes from post to post. Passing, passing that car window again, capturing, being reflected in bits of the landscape. Her face. The oval shape, exhaling the smell of wounded people. The center vague, hidden behind hair. We could say for certain that the middle of her face is made from wind and sand. But, no, we will explain in more detail: in fact, the wind, sand, face and hair don't really matter, the truth is that she emerges from hell, the truth is that she is coming back to life. Pallid. Thawed. Alone. Thus:

She gets up. She checks her clothes which are torn a little, dirtied with blood. She adjusts them. She runs her hands over the cloth, trying to clean it. In vain. According to Dante, the cold in hell is enough to lock your bones. Backward movements. She walks slowly as if she is still carrying the inertia inside her of the fright experienced several hours before, on certifying that it was, in fact, an attack.

On the verge of death, amputation.

The blow.

The thwack.

It is enough to bring up a flashback of the experience which, like a flash, automatically, brings an extremely vivid memory of the aggression: a snake on the lookout, a dragon preparing to spit fire.

She shakes her head to prevent the spark from catching fire, attracting it again to the center of the blaze. She concentrates on this: to foil the register of the aggression in her memory, red hot charcoal making her dizzy, imprecise. Foiling and taking care of another reality which has torn into her flesh since she opened her eyes: the pain. Stronger than the memory of the attack that she suffered, perforating her flesh is the pain of pliers pulling teeth. The pain of water scalding feet, hands, neck, sex, breasts. Especially there, on the nipples of bitten breasts. And the bruised purple marks, she murmurs, touching herself, will they fade one day?

\* \* \*

It is easy to think about speaking to him. Not like someone who comes back from a rapid loss of consciousness and, while still confused, is set on talking with something that doesn't exist. Not a roaming butterfly seeking to land on useless flowers. Despite being beautiful, it is warped and doesn't ease any pain.

No inventing escapes, reticence or abstraction. If she could be eye to eye with him, comment on some banal topic – not the pain, not the pain now – surrounded by light things, talking about Spring, espresso coffee with cream, the correct temperature for red wine, smoking or not smoking menthol cigarettes, and weather conditions in Salvador. Something like an almond tree leaf in the wind: light in its reddened recesses but useless in its original function. That friends, true friends, she read somewhere and still remembers, only need proximity, not deep conversations or confessions. They need to click their tongues, arrive a hand's span from the other's heart but not enter, remaining outside, like guardians who tell stories to trick the dawn.

A supporting conversation for the body, a pilaster conversation, a Greek column to bear the pain. Support this bleeding, darling. Be very nice to the body in secret, to put itself right again, for the pain to be well-behaved. Not so sharp. Good girl in the shop window, as Baudelaire said, Ana C. repeated, and we will repeat now, why not? Good and anaesthetized, please.

One step after another. That's what's needed. There is an excess of carbon monoxide in hell. From the bowels of hell, it must seep out quietly but precisely.

Once again, reborn. Sing an old song: we pricked you with a thorn, you were a rose and didn't bleed; we pricked you with a needle, your body was tangled and bisected; we pricked you with the hand of God, you were a goddess and graciously turned away.

So simple to ask him for help.

So impossible to obtain it.

A devil plays the piano.

Or is it the clarinet?

A devil dances in the distance.

Or is it inside?

While she tries to locate him in her mind, to talk about everything, except for the violence, with him and only him, and feel the world, it grows dark. She stumbles in weakness: dizziness and unprepared to put the events in order. The channel of the mind closes. His image disappears.

Disgrace.

That serene voice, the calm of satin sheets which is nestling him disappears.

Misery.

How to get close, how to inhale that smell again behind his ear which only that corner of his ear has?

Stroking his hair, lightly touching his lips and saying *I was violated, my love.*

She would leave hell like that and would come back to life.

It was enough to think about the event, should she say what had happened to her in any case? In-ci-dent?

No, there isn't a problem, there have never been any secrets between them.

It was enough to think, to lose one's voice, sense of smell and sight once more.

The cursed itching is struggling: how to organize everything in half a dozen words?

No, there isn't a problem. More language than she was able to invent in her daily work at the agency? Well, who else? You could sell anything by manipulating images, words, anything, ladies and gentlemen. There isn't a problem, she would find a way of translating, tomorrow, next month, why not? She would schedule such a demand, *sure*, dear: I was violated, like that, at close range, sounded good?

She couldn't even think of something which the brain had completely lost, she whispered to the other organs.

*We are in danger but we still have a chance.*

An enemy spreads out.

Don't try to cope with everything, learn to delegate tasks, like the great leaders, share the power and it will multiply.

Who said these ridiculous phrases?

I have just been raped, darling, come and pick me up in the middle of the street, take me to a swimming pool filled with thermal water.

There must be some way out: *shall we try another way?*

The body bristles, like an animal whose glass shards entered deeply without even an idea of what it is to be an animal attacked by a glass shard, if there are more, as it is completely torn to pieces.

Like flesh aching with pain. Legs refusing to walk, eyes drying out, split cells, disconnected neurons. Repeat it to yourself, to no-one: they almost tore my life away a few minutes ago. Look: blood is coming from the mouth, sex, anus. Blood is even pouring from the nails and there is no way to stop it. You must go home immediately, take a shower, put on clean clothes, made from cotton out of necessity and fall into bed.

But go back home? How could she?

She comes to see the slippery world and falls. She falls without hearing his answer. Without being able to visualize a hand full of his hair. Extended. Saving her.

She falls and starts to blank out. The mind spelling *the end, finish, it's all over*. Like a spiteful enemy, the mind designing shrouds of blood-red silk, wet on a line, orchestrated by the wind. The last orgasm with him, hot from wanting to die in that heat which is coming back even hotter, yesterday, there, that

glass of cognac on a rainy Saturday. An afternoon here and there. Before he confessed that he loved another man, before he wanted to leave.

Why, my God, why?

Your life is over, my darling, face the facts.

When God diminishes, life ends. She had learned this at some point.

*La vita è finita, hai capito?*

Persecution in a foreign language.

Perhaps it was that: close your eyes, surrender. However daunting, darkness always promises relief for pain. Keep still, disappear inside it, dust in the sunlight.

Any existence is completely worthless. It is not worth living to bravely inhale-exhale.

Life.

Tiny.

Pebbles under the feet.

It is incredible how the eyes surrender easily, adjusting to the lack of light. However, not the rest of the body. The rest of the body is in a ferocious struggle, for any morsel of clarity or logic. It ruminates, resists, becomes detached from the soul. It has its own life, shivering from the current, storms. While the soul is far away, so far, such a long time, days, months, centuries ago, while the soul only wishes to know about being quiet, of giving up, not being, the flesh takes another course. The flesh is present, solid, demanding a new chance, imposing a fresh start.

The worms will probably take advantage of so much energy spent between one pole and another, as it is the worms that watch the war between the body and soul, from the stands, awaiting the outcome.

Impelled by an old desire: to win.

From where, to what, why did it come?

She doesn't know. Doesn't care. Re-learns.

The light of a whole life.

She wants to see the sunlight. Don't give in.

Awake again. Totter, then you will be able to walk a little firmer, fighting against the dizziness that starts in the head and spreads throughout the torso until it nibbles at the feet. Needles at work in the hands and feet at every step.

Ignore them. Rub the wrists, abandon the empty lot where she was taken by force. She sees an overpass on the way up. The memory is enough to recognize where she is.

She gets her bearings from the old overpass set in the city center, overhead. She crosses the parking lot. She rubs the marked wrists once more.

So, they abandoned her in the city center, without a motorcycle, bleeding, without any money.

Great, great.

A young man passes, near the old tree, full of life, which gives shade to part of the sidewalk. He frowns on seeing her:

"Do you need any help lady?"

Wearing jeans and a light green cap. He comes running, frightened, toward her.

"What happened lady?"

She tries to work out the time while she leans on his shoulder.

"Do you need any help?" he asks again, confused.

She stares at him. He wrings his hands.

Yes, darling, any help at all, why not? See, he will end up noticing: two men would have to be killed, very soon. The thought was so quick that she hardly believed it: *does the body rule the mind or does the mind rule the body?* Call the Prince of Irony, the God of Infinite Melancholy later on and ask: so, darling, have you already got a clear answer?

Remembering this song means hanging in the vacuum once more. So many but so many years have gone by. She was a teenager and wanted to leave Brazil. That song at breakfast, that song at lunch time, that song before going to sleep. Does the body rule the mind or does the mind rule the body? *What difference does it make?* She liked it even more when the opposite happened, when the heart was swifter and took the fore. A life guided by emotion, a matinee life, instead of one that was as pragmatic as what she was used to, if she could choose, what would she really choose?

The fellow asks her again if she needs any help, if she's been run over, if she's sick. She shakes her head, denying it. If her throat weren't so dry, she would say that yes, she had been run over, no: crushed, better: ground up. They had run over her entire existence like a tractor.

Nothing new there, pay attention: *the world is a grinding mill*, that samba singer crooned. It is *the streetcar of evil in the road*, that guitarist observed, and *someone's peace is coming to an end*.

Ah! How she needed help. Everyone, anyone. Especially: a glass of ice water. Water that knew slid smoothly down the throat without scratching when it went down inside the body. Then, a long rest between the cotton clouds of childhood, those which turned into others second by second, moving, spilt, between the blue spaces of the sky. Drops of some new rain on her body, perhaps an interrupted rainbow behind the buildings.

And also: the quickest guns in the world with shrill triggers, the latest cannons and gunpowder, a lot of gunpowder to explode all the unknown penises into the air. Or, a little more primitive, why not? Pocket-knives to rip them from bodies, fans and cotton wool balls doused with alcohol in one's nose to be able to watch them burning without having to smell the rotten, infested odor.

What more could one desire at that moment? Cut off all the cursed penises of all the cursed men on the planet. Make a bonfire with them and dance around it, like the native Indians to ask the gods to send rain. However, if she could, she would shriek to the god that was there listening at that moment, not to send rain to rage over the land but impotence, not to order failure but sterility, a thousand incorrigible, grotesque, fatal defects, capable of confusing the male race, threaten and extinguish it, as it should have been since the beginning, by now for centuries and centuries.

However, her throat is really in bad shape, and a single sentence is enough: "Take me to the police station."

That was all she could say to the young man, leaning on him just enough so she can manage to walk. Minimal contact before she went really crazy and strangled the innocent, so unknown, so thoughtful.

\* \* \*

Push the body on. Sur-vi-val. Hand on the forehead, clean the sweat. All the gods are dancing in the ruined garden ahead. The blurred vision of signals. Shake your head. Breathe. A bandage on the nose hides the wound from sight. The wind comes between her legs to say that she is alive. But she doesn't want to hear the wind. It has an idiotic melody. Sometimes it plays it in our ear. Not just idiotic, useless. Skin burned from the sun. Too much sun kills, the fire is spreading, spoiling the crops. The confusing help of capable hands. Agile. Silent hands which clean the dirt, bring pain killers and tell her to stay calm, because everything will be fine.

It will?

Yes, this is a hospital, relax, they are taking care of you.

Hair combed back, a pulled arm, dislocated bone, more pain.

Relax. This is just a pinch, you can bear it.

Come on Luísa.

Be strong.

Over here.

Voices from beyond.

Angels?

Wanting to close her eyes and failing. She has *nylon* thread in her eyes.

Angels playing things which are impossible to hear.

Who was the miserable wretch who used *nylon* thread to stitch her eyes?

A strange obsession with imagining a better but invisible world. Beings from the other side, offering protection. If it was like that, minutes ago, where were the blasted angels?

Unexpected screams.

It is not going to work. Stop. Sons of bitches. You'd better stop.

Please: turn off the light because it's time to sleep. Please: turn on the light because it is time to understand.

The smell of ether which wasn't there, a hospital bed which wasn't there, people with wolves' eyes: they weren't there either. It is a dark night and, even so, the sun burns the skin without sun screen.

Listening to your own voice erupt: heeeeeeeell, go away, bastards, nobody wants to hear harps or lullabies.

Definitively: time is running out.

It can't be. As if it were another person's voice: speaking softly in a hospital room.

Sometimes she does forget to put on sun screen.

Well, who cares? Don't worry about trivial things like that. Who wants to know about skin cancer after being raped?

To hell with it, to hell.

The free, independent, decided voice: I am going to rip out every little piece of them, I am going to tear them out with my teeth, chew and spit.

The people: watch, watch. They whisper. Aghast. Pious.

She can no longer pretend: she just thinks about how to make them suffer too.

Look: the noise of life is discordant; it gets you from all sides, enters through your ears and spreads through your lungs. The noise of life brings hunger, makes the intestines work, vanity return. How to mix in with it again, how not to be cut off, far from it, far from everything?

She combs her hair while listening, in a language that is no longer hers but will always belong to her, news of her body brought by people in aprons which are sometimes white and sometimes green.

The aprons which are white one minute and green the next sway inside the room. They get lost in crooked explanations. Their code is slippery. The sounds move around in a transitional phase. Probably when Portuguese still wasn't yet Portuguese but something indefinite, still half-way, desperately trying to ignore the missing part: a grand piano without the black keys; a ballet dancer without any technique who insists on leaping.

Something devoid of reason: listening to a language which is lax exactly for wanting so badly to be precise; more than that: invalid; worse: ineffectual.

When listening to the aprons which are white one minute and green the next, she catches a word here and there. She suspects that what they are speaking could sound like Spanish at any time but it doesn't. It could be like Italian, for a Brazilian *cosa piccola in Italian* is understandable, isn't it? *Bene,*



*bene, guarda, sono qui*, do you see? They are related languages, learned such a long time ago. *Grazie Mille*. Perfectly. Almost everything can be fixed. Look into my eyes, listen to this song: *I haven't known anything about your life for a while*, ask someone to say how your day was, forget these walls, embrace me again.

But: no.

Just the same, no.

# ABAITÉ YA

("Fetiché", 1996)

*for augusto de campos*

"Their concept of a garden is a reproduction on a dwarfish scale of nature they see around themselves. It makes a characteristic contrast with the modern horizontal park dotted with geometric patterns of flower-beds and shady trees planted at regular intervals in parallel lines as in French gardens of the Cartesian age."  
– Shunkichi Akimoto.

morai mizu

276

yume-sakura  
on the floor  
of the dark lagoon

yume ah  
ah yume ah  
ah yume

yume-sakura  
on the floor  
of the dark lagoon

the sun, basho,  
to the fresh breeze  
seashell  
ka-do

white moon  
white sand  
a dark  
thumb

odo ya  
the glass bead kai  
the sound of water

kanji stick  
kyoto ketu  
a city:  
mairi

asagao ya  
oh morning glory  
abaité ya  
the idea  
of an orchid

mermaid in the ideogram  
sand in the toy  
ipupiara in ikebana

half-moon a fan  
the women all naked  
lady kasa is neither my  
yamakochi  
nor yours:  
alone alone  
the woman floats

yamabuki  
eshu samurai  
terreiro kabuki

paths of okunrin  
satoriki  
a garden in short  
where I ronin  
where I chonin  
say yes to yes

moon in the snow  
oke aro  
I feel like part  
of a drama – noh

night in autumn  
emi hakuryo  
no hageromo  
the eyes in heat

alakoro alakoro  
oh oshotokanshoshō  
the king less the kingdom  
the scent of a hue

## ON THE VERGE OF CATASTROPHE

("On the Verge of Catastrophe" opening chapter of the novella "Lunaris".  
Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2007)

A vague misgiving took hold of Alberto's spirit whenever he was not fully immersed in his usual activities for one reason or another: working at the university, going to the movies with his wife, resolving business matters, paying bills or browsing around book stores...

Maybe all of that was due to a feeling of guilt, for not doing something useful which would fit into his daily routine – something that could be considered normal, far removed from the dead times, the disturbing silence, the strangeness of things. Something, he thought, that would distract him from the strange reality of inanimate objects, the space which separated them, the silence present the whole time, behind familiar noises, actions and words that form something which is usually called everyday life.

As if another parallel and mysterious story existed, which was not achieved by words, facts and occurrences. A way of being and existing that he only felt when he left the habitual outline of his steps for some reason. He felt this when he arrived home a little early from work mid-afternoon, allowing him to sit on the sofa in the living room of the apartment in a formerly silent side street in Caminho das Árvores. He could hear the maid preparing dinner, one or two cars passing by in the street, a bird singing high up in a mango tree and the doorman talking to someone in the building opposite. And that strange feeling of seriousness, a profound seriousness of life, surrounded everything.

Sometimes he would have that same feeling, after waking up from a post-prandial snooze. A sudden sense of a profound astonishment at existing came to him when he opened his eyes, an almost unbearable feeling of being, for some profoundly mysterious reason, inhabiting a ball that was loose in space, surrounded by emptiness, of being an awareness, a thought that he barely perceived who he truly was. Then he was struck by a strong perception of his own responsibility.

It was also a moral perception, and any relativism would disappear in those brief moments, faced with the understanding of the seriousness of any mistakes. His thoughts turned on himself at those times, and he invariably investigated his most intimate feelings and his relationships with people: his wife, his son, his siblings, his friends, and with the maid, the doorman and his work colleagues. And he felt relieved when he convinced himself that he treated them all well, to the best of his ability. But were they all really well? And what were those abilities?

Even if his conscience was fully paid up, he could not avoid the uncomfortable sensation that everything was going badly with the world, outside. He used this expression as a form of defense. Sometimes, overcome by a state of profound melancholy, he would go out into the streets, usually in the late afternoon and see a hidden sadness behind the smiles and gestures with unbearable clarity, spilt on the faces of the people who got around on buses, in cars, on sidewalks; on those who stood on corners, at the entrances to buildings, in house windows, on avenues, in parks and in the streets of Salvador. And everything was so different from his student days, when he used to travel around the city he would always love, and which he then saw in the opposite light, as a luminous world full of promises, dreams and endless possibilities.

Had he changed or was it the city which allowed itself to be corrupted, to the point of being emptied of all its potential and dreams, both possible and illusory? Why the hell was did he have that feeling of being on the verge of an inevitable catastrophe? But everything was so normal! And yet it seemed that the disaster had already begun – like a fire that starts in the basement while people, all unknowing, dance and do business and make plans on the upper floors of an old building. “The horror! The horror!” He always remembered Kurtz’s exclamation in Conrad’s novel, and sometimes caught himself stuttering those words. It was horrible what life – it would be better to say: the System – did to people, destroying all their dreams, pulverizing beauty and youth and with all their potential and possibilities denied. What a waste!

Alberto wanted to explore that feeling, to plunge into the collective pain that was hidden behind the habitual gestures, cordial words, smiles and tics that form part of all relationships, but he didn’t have the courage. Custom, that solid repertoire of conventions, seemed to him like a strait-jacket that they all wore unconsciously, blinding them to reality. As if everyone had been hypnotized, so as not to see that there is a dragon in the garden, a skeleton in the cupboard, the frightful dog, Cerberus, who inhabits everyone’s private Hades – their minds, their homes: those little specks of light he saw at night, almost always with a mixture of fascination and terror, when he flew over the city in a plane. My God! How many abominations take place in the intimacy of homes, in the bosom of the family!

It was almost unbearable to think about it. And what bothered him the most was the conviction, present there at the back of his mind, that it was not worth doing anything to change it. To him, awareness of this horror was a secret kept under lock and key. He knew that he shouldn’t say it, for fear of being diminished (even if it was by the cowardly weapon of derision) by those he wished to free. It was not cowardice but (perhaps it was much more serious?) simply the feeling that it was not worthwhile doing anything. Why sacrifice himself for people who wanted more than anything else to remain prisoners? There was no more room in the world for heroism. If there were, he definitely would not be the hero.

The hero was dead. He would die at some point during the course of his own life, but he couldn't say exactly where. Alberto, who had already fueled and believed in so many delusions, now lived to preserve his moral integrity like a personal construction – like a tree house built in the garden, which he would inspect every day to see if it was still clean and sturdy, like a refuge from the stupidity of the world. However, it was too small for so many people; a select place in which he could put his family and one or two friends, but whose doors could never be thrown open to the world.

He had his moral reserve (the expression seemed old-fashioned but he made a point of using it), like a plant in the garden that he watered every day, and which he leaned on to have a relationship with the world. Sometimes he had the urge to put his feet on neutral ground, in another dimension, in which he could do everything that he wished without being affected by any judgment or prejudice. One of his favorite pastimes was to let himself drift into the fantasy that he lived in that place. It was a stimulating exercise of the imagination and obviously harmless, but which constituted a kind of revenge against the world, without anyone knowing, against everything which civilization, with its values, represented in his life. It was his only place of freedom which no-one could penetrate, not even his closest relations.

That place – which he called Lunaris, as a reference to Stanislav Lem's novel *Solaris*, was a special way of thinking. And feeling. In fact, he would only discover that it was a *place* later on. A strange and changeable world which would acquire the status of reality in time – strange but no less real. There Alberto allowed himself the sometimes perverted (if such a word makes sense in that place?) pleasure of giving people makeovers, reconstructing events and eliminating all those which annoyed him. It was never in a violent or cruel way. He would always prefer a solution that made him laugh. But he always sought to remember that his emotions should never be displayed. The border between that world and this must always be preserved.

Perhaps that is why Alberto was a serious man or a little absent-minded. His wife, Judite, always complained about that aspect of his personality. She never ceased to be amazed at the ease with which Alberto switched off from things. How he was able to sleep – and even dream – in the blink of an eye, sometimes even while standing, leaning against a wall. He would even confess, without gaining any credit from her for this (but it was true!), that he had fallen asleep while running. "It was during a Physical Education exercise at school several years ago. It was really early, I was really sleepy and..."

Despite all of this, Alberto was a normal person. And he was not a pessimist or a dreamer in any way. There was a well-measured mixture of Quixote and Sancho in him, so that despite feeling a little out of place among his peers, he got on with his life without major problems. He was doing well at work: he taught Brazilian Literature at the university. He liked to be surrounded by students. In some way the classroom was an extension of that parallel world, when he was lucky enough

to find someone among his students who accompanied him on his pilgrimages. For him, teaching Literature had nothing in common with any other subject. It was not a science, it was a communion; the classes were (or should be) a ritual, in which they shared an esthetic experience that extended beyond the classroom; which accompanied each of the members of this brotherhood throughout their lives. He frequently remembered an article published in a journal about a judo academy in Paris, which had the following inscription inside the dojo: Judo starts outside, on the other side of this door. Therefore, learning Literature had to be a re-direction of sensibility, an engagement. But in what? Why?

One characteristic of Alberto's personality, which perhaps he hid to perfection, was the crystal clear understanding that he wasn't absolutely certain about anything. That is why he admired all of those people who had convictions, with a secret and sincere intensity, although he became truly alarmed when he felt convinced of anything. He knew that no radical and effective change in the world would be possible without this strange quality, which seemed to him to be the most extreme form of simultaneous clarity and alienation. He was astonished that someone could be certain of what they wanted to be in the world, and sometimes asked himself if he would be capable of dropping everything to follow a charismatic leader, someone who kindled a flame which he knew existed somewhere in his heart. But he believed that that person did not exist. And at those times he could even see his heart as an impregnable abyss, in the depths of which something extremely valuable was erased day after day. He needed to get to the bottom of it, but he lacked determination. He lacked the belief that it would be worth setting aside his worries to take a risk. That is why he preferred taking refuge in Lunarís at those times.

Alberto liked walking around the city streets, with his hands in a coat pocket (he liked to see himself like that, although he didn't own a coat), in gusts of wind in a non-existent winter. He liked to see the tangle of alleys and hills which never led anywhere. He liked the tangle of cables which hung from old posts. He liked the slime and mud stains which covered the walls of abandoned townhouses. The idea that one of those old townhouses could tumble down on his head at any moment appealed to him. He liked the idea of knowing that he would survive the collapse. And that he would have something to say when he got home at night. He liked the idea of being a survivor. He was a survivor. But of what?

"Forty-three years is a lifetime," he would always say when he set foot in Lunarís. That is why the Idea of death did not scare him. He was astonished by the never-ending number of memories and sensations that resided within him, although most were dormant. But he knew that they were there – or better still: here, he would say, tapping his head with his index finger. He was not sure about the *place* where they were really kept. But whenever a careless word, an occasional song or random smell opened the doors of Recollection to him, he rediscovered himself, as another man. Or, better still: as a magic land on which never-ending sensations were poured.



"Sometimes I think that I am already dead to myself for at least 95% of my past. See how many books I have read," he said, showing his library to a friend. "But I don't remember anything or hardly anything about them. So it's as if I had not read them. So what is the point of having read so much?"

His friend said that it wasn't really like that, and that he was exaggerating. "These books form part of you, old sport. These books *are* you."

Alberto thought the way he spoke was charming – and racked his memory to remember who, among the hundreds of characters in the works that filled his book stand, spoke in that way.

"Gatsby!"

"See what I mean?" his friend added with a smile. "Not everything we don't remember is dead inside us, old sport."

It was because of this and other things that Alberto liked Lunaris. There was always something interesting to remember there. Or to forget. Because forgetfulness is the hidden side of the memory, understand, old sport?

Alberto walks around the city with his head lowered, immersed in his thoughts, with his hands in his pockets, but all the sounds (from cars, people, machinery, wind, birds and dogs) are unfamiliar to him. At those times, he is something which does not exist, which does not have a name. But he soon remembers that he needs to go home – and finds himself once more, only to be lost later on, indefinitely.

## THE CHILDHOOD BEDROOM

(A chapter from the unpublished book "Noites desertas")

**D**id the music play in the distance? See, it now seems like the sound of the sea, remember? It was a night sea, one that came from afar, from the depths of darkness, like a scream that broke into white foam on the shore. And you could hear it really clearly, lying with your mother in the bedroom, which was the same room, a childhood bedroom but it was now in a different place: a seafront district which still remains vivid in your memory, my friend, while you grip the bars on the gate at this immense hospital which extends from here to the past. Imagine: you are with your mother, lying on the bed, looking at the tiled roof and walls made from whale oil, and your mother is singing a lullaby while you are thinking: where is my father? Where is my brother? And you are afraid for them because he you have already learned that life is like a large boy who plays with people as if they were marbles, which sometimes roll into the gutters, falling down the dark, underground drains and disappearing forever – and didn't it happen like that to the little boy who simply vanished and they just said that he had died but that word did not explain anything, because nobody knew where he had gone, so he was present all the time, perhaps more than ever, as if he were behind a

wall or telephone pole or in the little bedroom at the back and could appear at any moment, and that was terrible, because he never appeared, and you ran and looked, as if you could catch him in his mischief but you could never decide if he was there or if he had always been there – and where did all the dead go? Where did all the dead in the world go? Were there enough walls and rooms for all of them to hide in? And you thought about this, there, lying on the bed, hugging your mother, but you were still so small and someone could say: No, he couldn't have such deep thoughts because he was so tiny. But until your father and your brother appeared, the world was a disguised monster who laughed at your fear, and between you and it there was just your mother who told stories of the olden days, and sometimes you even doubted her and thought (in terror) that she would turn her face to you and you would see that her face was that of a monster, or even the devil himself, and you closed your eyes so as not have to face the reality of a transformation, which was so irremediably sad because there would be no more salvation – and everything was transformed – the bedroom, the silence of the bedroom, her voice, the faraway waves and the wind in the palm trees – into a gruesome gullet that opened to devour you, and you wanted to run along the dark corridors, opening doors, fleeing and running deep into the night, so as not to think because that is all you wanted, my boy, and you would traverse all the nights of your life and experience all the fears and see all the monsters, and experience the monsters' mass attack, like that night when you woke up screaming, desperate because ants and spiders were climbing up your legs, your stomach and your arms and you screamed desperately and your parents turned on the light, shook you, caressed you and said: look, son, there are no spiders in here, and you still saw them for fractions of a second and saw them disappear, like a miracle and you sobbed a lot, my little boy, and all your fears were solved with that magic "click" of the switch and the light which revealed your parents' familiar faces, who were God with his tremendous power of annihilating all the evils in the world with just one blow – and wasn't it exactly what was happening now, with your father arriving with your brother and turning on the light in the living room, which softly lit the bedroom, and you opened your eyes and saw that it really was your mother there by your side (could it be the devil himself who knew how to disguise himself so well?, you were still capable of thinking that, but soon there would be no more doubts and you would be ashamed of having thought it), and you felt the urge to say:

"Mother, do you forgive me?"

And she would ask: "Why is that son?"

And you would not have the courage to say: "Because I thought that you were the devil." And you would just say: "Because I was afraid of you."

And all this silliness would be erased from your head because someone would turn on the TV, which had the power to dissolve all the ghosts of your soul, perhaps that is why you like it so much, and really felt great pleasure

seeing it tremble like an angry little monster shaken by the varying power levels, which were extremely frequent at that time. That is why your father, who fixed everything, installed a large power stabilizer, which did not prevent a general drop in power at some times of the day, especially at 6:00 pm, and the picture would almost disappear. And, my little boy, in front of the television set, perhaps you could gaze far into the future, to a small apartment where you would be alone, aged forty, in front of a computer screen (and what was a computer? You had never heard of it!) but you would see him/yourself quickly hitting the keys with his fingers, click, click, click, and you, all alone, in front of the television set, would say to him, almost in a whisper: "Hey! What are you doing there?" And he would reply: "I am writing your story, little me." And you would ask through which lands your feet had already run, which strange landscapes your eyes had traveled through, for whom your heart would throb. And he would speak of the deserted roads of Maranhão where you almost died, of an old manor house in Barroquinha, where old occultists wanted to reinvent the world, of the wide banks of the São Francisco River, where mature mangoes plunged into the waters and the boatmen would shout in the soft mornings (between Propriá and Colégio) that the Xocó Indians were on the warpath, and you would run there in search of news and of futile hope, and your eyes would be hidden by the clouds poured into yesterday's vast sky, from the green fields in the backlands of Alagoas, where the monkey flies overhead and accordions wail, recounting verses which bloom in the fields, among the gentle cattle in a symphony of mooing and silence, the improvisers, hired thugs, women who walk along the dusty roads with clay pots on their heads, jeeps crossing seas of mud, immense rivers, dangerous rivers with their huge devouring snakes, caboclos in stilt houses, boys and howler monkeys screaming in the tree tops, fast, creeping snakes, soccer stadiums and flags and screams and anthems and the valiant and sad crowd of this country which you love more than anything. Your glory will be walking through this endless world, the man will write on his computer screen, but the boy no longer sees him. There is the old sheriff now taking your place in two small eyes, old man, and you didn't have the chance to tell him everything that you wanted, from the depths of your heart, to tell him? But you keep writing far into the night, like an old master of the art of navigation, and your computer is like a ghost ship that cuts through the night sky with its white sails filled by a southerly wind: go, go, go, the black sky is powerless to harm you: go, now that you no longer need this compass because, for you, in the night of your years, any place is the right place; go, go, go, because there is no girl awaiting you on the river banks (perhaps she was also devoured by the 15 meter long serpent called Time?). Night has fallen, my friend, and will you find the time to reconcile with your future? You roll out your carpet to the aurora which will soon come at the dawn of another century, which is only a second for Cronus, that imposing god who is now sitting next to you and saying: You will die soon, your pages will also turn yellow and your words will be

scrambled, like the infinite dice that I toss through the ages. So, get up and walk, there is no time to lose! Go, go, go, with your sailboat, which is the discoverer of a new continent: yours. Crack your whip on the galley slaves' backs, strike with all your strength, man, so as not to see yourself swallowed by the vortex of time, by the vortex of words, the vortex of silence, the voracious vortex of these eyes which swallow the world like an immense chasm, Nothingness. Go, go, go, spur on this horse and make it fly! Set fire to its mane and launch yourself into the prairies of old Cochise who still smokes his cigar in the depths of the abyss: can't you see the smoke rising on the horizon? Go, man, your war cry echoes, raise your tomahawk and hurl it over the cannons and the Armageddon Air Force PT-15 jets; run, run through this city's deserted streets under the neon lights, in the rain and see if any breath remains for singing. Resuscitate your dead: the damned poets of this city are still walking the streets: Gregório, Anísio, Manta and Short, your voices still echo over the old townhouses, far, far away from the shopping centers, the clean squares and perfumed parks. You are ghosts of a buried time, but on which the last bit of lime has not yet been shoveled. And they will not do it, for I will not allow them to erase your future faces. I promise, friends. Not even for that do I need to wear this black cloak, this wide-brimmed hat, these broken-down sandals and shabby clothes that keep me away from the great feast of the successful, those who sit at the king's table and are enriched and pretend not to see that he is naked. Damned poets of Bahia, you still survive in the catacombs, like the Christians of old, and your steps echo on Avenida Contorno, on Ladeira da Praça, in Santo Antônio Além do Carmo, beyond all the eyes that can no longer see them. And me, why me? – I give them my hand, which is extended and remains still in time, perhaps in vain. The boy turns off the TV. It is late. The roosters will soon be crowing on the garden fences. Itapuã is still sleeping in the early hours of 1963. And this little apartment in the Trevian Building, on Rua Agnelo de Brito, in Federação, in the early hours of June 16, 1999, now gives way to that weary hour. A car passes in the street outside: for a few seconds its headlights light up a man with a furtive look who dives into the maze of alleyways. The rain falls on the roofs. The clock works rhythmically: tick-tock tick-tock. Melancholy rains onto the world. Close the window. *It's cold. It's very cold, my love.*

(Daniela Galdino. In: "Inúmera". Ilhéus: Mondrongo, 2011)

## INNUMERABLE WOMAN

I have the syndrome of Tim Maia.  
I have the varicose veins of Clara Nunes.  
I have the vices of Piaf.  
I have the ear of Van Gogh.  
I have the missing leg of the Saci.

I have the olfaction of Freud.  
I have the exhaustion of Amélia.  
I have the burden of Mary.  
I have the dermatoses of Macabéa.  
I have the spittle of Sofará.

I am the tenuous line that connects conjoined twins.  
I am a question mark wandering in a hurry.  
I am an insult fired point blank.

I have shortcuts still untaken.  
I have words that are worn and null.  
I have a voice that is plumed and biting.

I confess: I am intrusive, un-nubile, innumerable.

## OBJECT WOMAN

I don't know how to draw  
I can't do math  
all I know how to do is startle words.

I pull the verb by the tail  
sink my teeth in its back

I want to un-build homes  
provoke the divorce of  
significant and signifier  
Then the hollow of language will be swept inside out...

I press my lips against the ear of vocables  
and whisper:

"God is our necessary creation."

They inhabit quagmires of panics.

They are ready to portray my terrors.

I am not waiting for the day

when my name will float

in the pages of a hagiography.

I don't know which gospel rules  
the impurities of my art.

I exude excrescences,

Doubts, luminosities.

And...all I know how to do is startle words.

## WOMAN DAWNED

I woke up with an enormous sun  
inside me

em-braising vital organs

rays traveled in my veins

thoughts of mud bubbled  
in the groundwater of memory

the sun took charge of everything  
expanding forgotten felonies

there arose an ancient baobab  
in the uninhabited yard of my self

the thrill of this birth  
nourished a leafy spectacle:

shadow on the back of the day  
vertigo in the butterfly.

# DAWN OF LONGING

my feet contain maps  
distorted by mad cartographers.

and these feet carelessly touch  
the profusion of wires ... traces ... streams ...

I forget girlish airs  
ignore compendia  
follow imprecise routes:

tongues walk through tears  
mouths swallow armpits  
fingers light up hollows  
cunts yell out foams

bodies wavering to the rhythm  
of indistinct memory:  
its trembling spurts  
in my cardinal points.

# CHILD'S ADVICE

*Dandara*

I measured the river that divides the city of Me  
Gazed at the spectrum of isolated fish  
Inhaled the miasma of forgotten dreams  
I followed the wanderings of barren water lilies  
Multiplied myself in silence.  
Rehearsed the elegance of herons.  
Your words awoke me:  
"I am greater on the inside."

# SECOND CHILD'S ADVICE

*Luana*

Every window hides questions.  
There are blazing heads on the parapets.  
A young girl's heart knows no obstacles.  
Busy streets?  
Cars swallowing people?  
Wires without kites attached?  
The jabuticaba tree of your eyes has spoken:  
"there is more room in the sky.  
And that is where I'll drive."

## ROUTINE

I don't need anyone to define me.  
I waste away..  
Dive into the big trash bin  
Mixed in with the bruised flowers

But I evade unrecyclable fate.  
Linger where no one supposes.

Escaping death by sewing singular melodies.  
Reinventing poetics in the passage of mornings.

The early bird slowly eating the leaves of time.  
The trigger of green suits my needs.

Vigorously devouring the product of my fertility.  
I am also my chief nutrient.

In prolonged silences I reforest myself.  
In rambling gestures I flourish anew.

I give off scents and burst the cocoon:  
in my home every day I become a butterfly.



# WAR

I am a sword  
I am an *abebé*\*

I am a yellow flower  
that blossoms  
inward

I have  
a subtlety  
of explosion.

---

\**Abebé* – round mirror/fan carried by the Afro-Brazilian divinities Oshun and Yemanjá (T.N.)

## THE GOAT

("Reverdor", 1965)

Maybe a lily. Machine of whiteness,  
sonorous to the neutral breath of forgetting ears.  
I lose you. Goat that you are, it is now torture  
to keep you, eyes grazing me overcome.

Machine and jar. Contradictory moonlight  
on flagstones the blue hull polishing,  
you dominate a gentle climate on a promontory;  
goat: the grass to the dream preferring.

It furrows me hanging on the ears,  
labored in ivory - light and presence  
of pastoral realms once served -

your fur, residence of tenderness  
where you gleam in the suspended morning:  
animal flower, sonorous architecture.

292

## YELLOW GALLOP

("Fábula Civil", 1975)

When he returned  
the girl in the doorway was married  
the mayor was a cross and a plaque  
the birds had changed their route  
like the buses  
his younger brother was taking opium  
to forget.

When he returned  
the employee on the corner had faced  
a lawsuit  
where he'd lost hope and fingers  
his father had shot a student  
his mother had gone off with a peddler.

When he left  
spring was galloping among the roses  
the begonia fields were in bloom  
cattle lowed in the stalls  
the challenged earth flourished like  
a mare about to gallop.

When he left  
what nourished the eyes was the greenery  
of the landscape beyond the fence  
guavas filled the baskets  
women came back with the boys  
the old folks talked of ghosts  
the moon peeped into the patio and yard.

When he returned  
the minister quoted the architect  
with the intention of restoring  
time without watches  
the wall had replaced the horizon  
sleepy officials distributed  
men's passport to the sanatorium.

When he returned  
laws had become even more fossilized  
oligarchies were much more powerful  
the powerful more shrewd  
the minister reminiscent of "the shovel beneath the rubble"  
the boy reread the headlines of war  
prejudices rhymed with the economy.

When he returned  
there was a crossroads and a loudspeaker  
the girl in the doorway was married  
his youngest brother was an old soldier.

When he left  
spring was galloping among the roses.  
When he returned  
the sky was just a yellow gallop.

# BATHED IN TEARS ARE THE STONES

("Poesia reunida e inéditos", 2011)

*We live in a rainbow of chaos.*

Paul Cézanne

Seeing the power of the day break, vibrating  
Between one crepuscular moment and another,  
Seeing emerge from the earth a grinding of muscle;  
I have nothing to say, I am crying.

The day dawns, when I dawn,  
Static, in the space on the veranda  
Bound to shapes and colors, I do not forget  
The universal hand that conducts this.

I remove my mind from mediocrity  
Navigating from one pole of the day to another.  
Here I confront another fact,  
I have no time for melancholy.

Nature is everything, says Cézanne.  
I'm here to see, the rest be damned!

# METAPHORS OF MAD LOVE

("Poesia reunida e inéditos", 2011)

*Tantum in amore preces et benefacta valent  
(In love, only prayers and service are rewarded)*

Propertius (Elegies)

When from evening I sip sweet calm  
And from me painful shadows disappear,  
I think and question if you have a soul  
or if you are purely animal, the color of roses.

I meditate under the mighty wings  
of a non-existent being that calms me,  
if even in the sea of absence I harvest roses,  
ice of the pole of yourself do you burn my soul?

If you have claws or a beak, I do not know. There shines  
the figure on a lawn, on a trail.  
If an animal awaits me, before I put myself

hunter already bested by the image:  
suddenly deciphered the wild being,  
I fear that death is the ultimate dream.

## AFTERNOON IN LOWLANDS

The rain will pass. From time to time,  
A shout comes through the air, fleeting.  
In the flickering noon, beyond the river,  
Teles and Caboclinho are playing.

I cannot see, the rain gets in my way.  
Wearing silks, I call to the air, I pray.  
Into the street. My aunt scolds  
(Nothing helps me): "Stop right there, it's just a game!"

Anger. Knock wood three times.  
Will it rain all afternoon?  
Tell me how the litigants are doing.

It's August, yes, and it rains nonstop.  
Inside, the boy wants to celebrate.  
Soon. Atlanta and Palestra, two giants.

## REMEMBERING CARCASS OF BEEF

I dropped the book. I looked out the window,  
deep blue and clouds, and remembered:  
It's been seventy years since the death of Soutine  
from a ruptured ulcer in the bowels,  
like those of the flayed carcass in the painting,  
a convulsive portrait of his art.  
Again I scan the landscape; the sky still  
dim colors, sounds of the broad street,

buildings and houses, facing the balcony,  
no pasture or fields, just distant green  
which pleads with the eye in a dull voice.  
And here I am thinking of Chaim Soutine  
painting, day and night, hanging carcasses of  
quartered beef bought at the butchers.

## LOVELY INÊS

(Chapter from the novel "Don Solidon")

The still delectable Anabela, and no longer the lovely Inês, was sitting quietly, her eyes not reaping the sweet fruits of the earth, but instead focused on the needle because she was mending clothes when she heard the sound of a car outside the door. She sighed. That's the thing, time passes. Time *goes by* – and in a flash you reach the age of the steeds of iron, tin, aluminum and rubber, much more fiery, by the way.

She looked up from the fabric, squeezing her eyes, which ached from the effort of concentration. Who could it be? It would be more frightening, perhaps, to wonder what it could be. But she was mistaken.

Anabela hid the old clothes, looked at herself in the mirror, tugged her skirt up to her knees, straightened her collar, ran her hand through the loose hair that reached the nape of her neck, and went to the varanda. She was alone, or thought she was alone, that gloomy evening.

A noisy flock of yellow-rumped caciques, flying low, startled her out of her torpor.

A stranger was looking at her, standing next to a Ford still hot from the race, almost panting.

He was wearing pants and a jacket, no tie. Middle-aged, belly protruding somewhat, thick hands, the easy gestures of someone who is accustomed to giving orders, or with a tendency towards debauchery. That face was familiar. Where and when had she seen him? Anabela, perplexed, racks her memory in vain. Finally, the man uncovers himself. That is, he raises the brim of his felt hat.

"Good evening," reciprocates Anabela.

And because, instead of just saying why he was there, the man looks her up and down, with some impudence, eyes lingering on her bust and hips, which though not full, were well rounded, Anabela adds, like someone about to take her leave:

"My husband isn't home. Come back tomorrow."

"I know."

"You know he's not here? And even so you came looking for him here?"

"He's at the club's casino."

"So what? That's where he usually is."

The man laughs.

"He's acquired a taste for it," he says.

"There are less harmful tastes."

"Yes, ma'am. But your husband is having a wave of bad luck. In a situation like that, you risk everything. You wait for Lady Luck to arrive."

"And has she?"

"A day comes, when you least expect it."

Without inviting him in, she was stunned, looked at him from the porch without showing any sign of wanting to lift the latch.

"My luck took its time, but it's come," said the man.

"I'm sorry?"

"I said my luck has finally arrived," he repeated.

"Did you win big?"

"I think so. I haven't taken my winnings yet."

"Well, congratulations. Now if you'll excuse me..."

"Just a minute, ma'am. Don't you want to know what the bet was?"

"It's none of my business."

"I'm sorry, but it is."

"And why is that?"

"Your husband bet you."

Instead of blushing, Anabela shuddered. The blood quickly drained from her face.

"He bet money and said I would be good for it. Is that it?"

"No," said the man, smiling broadly. "He bet two hours of love with you, ma'am. And he lost."

Anabela was silent.

"I've come to collect," said the man.

Anabela was not listening anymore. Her dead gaze wandered through the trees, seeing nothing, sliding blindly down the moss on the fences and walls.

"Go and get ready," said the stranger, in a voice of command. "Put on some French perfume. I like black underwear."

"Show some respect!"

"He gambled and lost. I'm here to collect. Get a move on. I have a good, private hideaway, just outside of town."

Anabela's nerves eased, releasing a fit of laughter.

"This is a serious matter, lady. It's a gambling debt."

Anabela, now laughing, but with a mocking laugh, took a few steps forward, as if she were about to lift the latch. She just wanted to show herself. She lowered her head to accentuate her neckline: her breasts rose up bare. She swayed as she walked to swish her hips.

"I need proof," she said.

"In writing?"

"Yes. In my husband handwriting."

"I've brought some," and the man took out a folded piece of paper from his jacket pocket. "It is signed, ma'am, as you will see."



He shook the piece of paper in the air, unfolding it.

"Was his signature notarized?"

Anabela's tone was sneering.

"No it wasn't. You know his handwriting, ma'am. Take it."

"It could be an apocryphal document," said Anabela. "I don't give myself to just anyone, without a certificate."

A loose board cracked in the hall. Marbela erupted onto the varanda, armed with a rifle. Without aiming, she fired a random shot. The man ran to the car, slammed the door and took off with a squeal of tires on gravel. The second shot, also random, hit and knocked down a branch of a hog plum tree that almost blocked the road. The sound of the Ford's engine died away on a far-off corner. In the restored silence, when the last glimmers of light were dyed black, Marbela and Anabela faced each other, mute and serious. The rifle went back to its place behind the living room door; the sister with the carved up face entered the bedroom and locked herself in. Anabela stared and stared. And as hard as she looked she didn't see the school bus stop nearby and the girls jump out.

## JONAS

(Chapter from the novel "Inúteis Luas Obscenas")

*It's the new moon. In the sky, a sliver of a sickle-shaped scimitar. But now-dark paths are still bright in the memory. He knows them by heart, their folds and elevations, the ponds, the gates. He's calculated everything. He doesn't have a strong, fast horse, but Passarinho will do, the race is not a long one. In Ferradas, leaning against a counter, Jonas was compelled to steal the girl by the conversation about a recent incident in Itajuípe.*

*"You don't ask for kisses, you steal them. If a girl's father says no, steal her too, and there you go," says one.*

*"It depends on whether the woman is willing. If she is, it's a foregone conclusion. Just carry her away on the back of the horse," says another.*

*"I don't know. Thwarted love ends in tragedy," says a third, while draining glasses of brandy and spitting on the floor. "So, a wise father consents right away: it's the lesser of two evils."*

*"And if he doesn't consent? What if he refuses?"*

*"Then the lovers can form a death pact. It happens. Or the guy gets shot in an ambush and the girl is forced into a convent, like in the story books. Or they just elope and their parents end up forgiving them. That's what usually happens," another comments.*

*Jonas thinks so too. Anyway, he is not worried about the consequences. He wants Celina. Celina has said she wants him too. And now what? "Are you willing to run away?" he asked. "Yes. I'm going with you." "To the hollow of the earth?"*

*"To the end of the world." "And what if your father and your brothers chase us?" "We'll hide." "And if they take along bloodhounds?" "I don't know. You're a man, find a way," said Celina. "Be at the window," he tells her. "Just slide into the saddle, right behind me, and hold me by the waist." "Right," says Celina. "When?" "When I whistle low. Stay awake, be ready." "Yes, love."*

*New moon. Jonas could have picked another night. All he had to do was consult the Deaf Man's almanac to know when there'd be a full moon, at least the crescent. Eloping on a dimly lit night is harder. But eloping in the moonlight makes it easier for them to chase you. Best to leave it to fate. Besides, why wait two or three quarters of the moon, when you can have Celina soon, one of these nights, even tomorrow?*

*At home, Regina has a feeling about the abduction. Yes, abduction, Celina is not yet eighteen. Regina sees Jonas brushing boots. She sees Jonas testing the reins and bridle. She sees Jonas lubricating the buckles and springs, polishing leather, putting away the backpack where he plans to carry provisions. He never used to sharpen the machete at night, a job he always left for the early morning.*

*It could be tonight, she thinks. As a daughter, a sister, it was her duty to warn of the impending disaster. To go to the Deaf Man, interrupt his reading and shout in his hard ears: "Jonas is running away." The Deaf Man would go pale, and removing his round spectacles with a tremulous hand, express all his fright and amazement with a question: "What are you saying?" Just this: that Jonas is going to ride away with the daughter of the fearsome Colonel Castro Guerra.*

The night is, in fact, dark. With the lantern he lights and extinguishes from time to time to find his way without attracting much attention, as if led by a marsh fire in the wetlands, Jonas moves slowly and cautiously through Castro Guerra's dominions. First, the dense forests of cacao trees, with their fruit shining in the dim light of the moon, then the orchard behind the big house. He alights to pad *Passarinho's* hooves, so as to reduce the din of the birds on the roost to an occasional squawk. And that way, bit by bit, sensed by the pigs and the watchful but silent dogs, he enters the grove where fruit trees grow – papayas, star fruit, rose apples, avocados, Surinam cherries, some navel oranges. The silence is only broken by the usual sounds of the night, generally coming from the pig pen, the basement and the roost. Insects chirp. Every once in a while an owl hoots from the fork in a tree, while downy bats swoop low.

The scimitar moon seems to hang sharply over Jonas and his mount when he reaches the window and pulls the reins. He gives a low whistle. Nothing. He whistles again, and sweat pours down his brow, under his hat, starting to drip. Has Celina forgotten their pact? But no, never! What if she dropped off to sleep by accident? Or if Castro Guerra, suspicious of her sly ways, put a sleeping pill in the glass of milk and they were now lurking, hands on the butts of handguns and rifles, horses saddled and pawing the ground outside the front door – and the anticipation of revenge, which for them would be cruel? Jonas shivers. He

is about to toss a pebble at the window pane, taking a chance at being found out and shot down like a burglar in the night, when the sash opens and he sees, framed like a picture, Celina's tense face. Jonas signals to her. She opens the window wider, climbs onto the ledge and drops onto the back of *Passarinho*, who calmly accepts the extra load. Celina's arms encircle Jonas's waist and she is leaning against him, turning him into a big hard pillow: her face rests on his shoulder, her breasts are pressed against his back – one and the other, the rider and his stolen lady, a misshapen figure with a strange back and four legs, in the darkened light of the obscure new moon. He lightly touches *Passarinho*'s flanks with his spurs, and the horse, observed by three dogs that are scratching themselves, picking at fleas, and still waiting for a piece of meat, retreats into the deeper shade of the cocoa trees – a compact shadow where it is hard to see the fruit-laden trunks among which the horse is guided.

Jonas feels the warmth of the girl's breasts against his back. Tightly bound, for him they are like two suppressed flames. Lukewarm, warm, hot. Hot, too are her face, the arms that enfold the rider. Naked in the warmth of the bed, in the shamelessness of intimacy, Celina must burn deliciously, from head to toe – and now Jonas focuses his desire on the first moment they are alone and safe from Castro Guerra, on their entanglement, which at first must be frenzied, their bodies shaken by spasms.

"Are you sleepy?" Jonas asks.

"A little."

"Try not to fall sleep. Keep fighting to stay awake until we get away."

"Where are you taking me?"

"We'll stay the night at a friend's house. Tomorrow we'll be back on the run."

"Do you know where we're going?"

"Not right now. Not yet."

"I'm afraid," Celina whispers.

"Fear is a luxury now, after what we've done," he says.

"My father and brothers are probably after us already."

"Maybe not. They're busy all day and at night, right after dinner, they go straight to bed. They sleep like rocks, like animals."

"That's true."

"But in the morning, they'll come to look for me, find out that we've fled and unleash the dogs."

"Their dogs won't bite us."

"But they'll find our scent and track us down."

"I promise not to leave a trail," says Jonas says, turning in the saddle, in an attempt to give her a kiss. But he only brushes her hair, which is fragrant. Inflamed, afraid of losing track of their escape because all his senses were focused on the woman, Jonas crosses a shallow river in an unaccustomed spot to elude the pursuers, and rides along the other bank before heading up the ravine. Holding

tight to him, her face burning his broad shoulders and nipples pricking his back, Celina gets carried away, on the first and perhaps last great adventure of her life.

She likes being the stolen girl. She likes leaving home. Running away on horseback, on a moonless night, how romantic! It makes her different from the other girls, who are waiting for mister right, some tired of the long wait, languishing in the bleak little boudoirs of colonial mansions.

"Jonas."

"Uhm."

"Is our love forever?"

"I swear it is. For me, it is."

"No matter what?"

"Come what may."

"But I'm afraid. I wasn't before, but now I feel a chill down my spine."

And she starts to cry, weeping, wracked by sobs.

"Relax. It's natural to be scared," Jonas says.

"Are you scared too?"

"Honestly, I am."

"You're scared of my father, I know."

"And your brothers too. And their gang of hired thugs."

"If they catch us, we're dead."

"Me, for sure. Not you."

"But they'll never let me go home."

"That's true."

"I'll be disgraced. Incidentally, I already am. I lost my innocence when I jumped on the back of this horse," Celina whimpers.

Silence. All that can be heard, besides the crickets, is the resonant sound of *Passarinho's* hooves.

"For my father and brothers, I'm already a loose woman, a prostitute."

"They won't catch us. I'll hide you in the highest fork of a tree, in the deepest hollow of the smallest cave, at the bottom of the ravines where nobody ever goes," says Jonas.

"Heavens! And how will we live? Always hiding, looking over our shoulders?"

"We'll find a way. In time, they'll stop looking."

"But I want to get married, Jonas. In church, with a veil and bouquet, you hear me?"

"Your father will never give us his blessing."

"I don't care. You get a priest to marry us – and that'll be it."

"Sure, sure."

"And we'll live in the city, and we'll go to the movies at night, arm in arm, husband and wife."

"Yes, love."

*Passarinho* was showing signs of fatigue. In the wee hours, Jonas enters the streets of Cajueiro and looks for the house of his friend Rosendo, who knows they are coming. They're safe, for now. *Passarinho* is taken out to graze. So far, no sign or word of pursuit. Sitting in a dirty chair in the tiny room where the only decoration is a calendar on the peeling wall and a St. Sebastian riddled with arrows, Celina is crying again. A silent weeping, tears running softly from sore eyes. She was still crying softly when Jonas carried her in his arms to the room Rosendo had reserved – and there he took her, amid tears, squeals and gasps, initiatives and teasing, in the light of a sooty lamp.

Rosendo had vanished.

## MOVING ON ISN'T ALWAYS MOVING FORWARD

("Ao longo da linha amarela", P55 Edições, 2009)

If not for that blue sky, the marine atmosphere, the long and beautiful line of the coast extending along the curves of women, this city would be definitely lost.

Walk with me down Rua Forte de São Pedro, leaving Campo Grande in the direction of Avenida Sete, on the right-hand sidewalk and - it doesn't take much effort - notice the makeshift stalls of fruits, vegetables, fish and the like, the late morning sun only managing to heighten the foulness and stench. The flowing riot of pedestrians, human stream, which in the late February heat is even more unnerved. This city, having made its beggars, needs exemplary physical hygiene, since the mental kind, for now, will go without comment.

As I keep going on the long sidewalk, I almost turn right at the traffic lights and go down the Politeama, I do not go down. I wait for the light and keep going. I reach Mercês and behold this symmetrical chaos spread by Avenida Sete and unfolding around Piedade Plaza. I dissolve in it. This orderly mess is what I am - nobody, but an individualized nobody.

In Rosário Square I buy bananas, light a cigarette and give some coins to the nearest beggar. A figure starts moving against the stream, as if he were fainting, amid the flow of passersby - has he stolen? been robbed? - and disappears further ahead. I keep going apparently an integral part of this disordering, which to the flattering eyes of foreigners sounds unassuming and alternative. Here, not there.

After crossing Piedade Plaza, steps hard, face likewise, I slip into the anthill moving towards Lapa station, walk down and enter, going as far as the Juvenil used bookstore, which in its limited space is, as usual, crowded. I come across Tágner, another nobody, but without the gift of individualization, ill-dressed and awkward, a recidivist user of amoral expedients for staying alive, which means he knew all the bookstores in town so he could shoplift his daily bread. But his specialty was pandering, geriatric, gay, widowed and any psychologically fragile being. Not even his son had escaped. He notices me, but pretends not to. The biggest reader of prefaces in the city, the connoisseur of introductory culture, the pose, yes, the pose, which is the most instructive emblem of the *Tupiniquim*\* psyche. Afflicted as we are by this curse inherent to the tropics: the carapace as the meaning of the superfluous, evidence of hollowness regarded as the ultimate essence. However, Tágner is one of those disposable creatures, he enters in one paragraph to vanish in the next.

---

\**Tupiniquim*, the name of an Amerindian tribe but often used as a self-deprecating term for "Brazilian."

I do not spend too much time looking at old and worn-out spines of books, returning the way I came and reaching the beginning of Joana Angélica, turning left, breaking through the din of street vendors and passersby. From Relógio de São Pedro Square I head for the Benedictine Monastery. I sit, stare at the dome of the church and, in fits and spurts, meditate.

Modern architecture is the flattening of the spirit. The monumental style of the medieval verticalized it, but modern architecture with its gigantism, with the hardness of its lines, with its pseudoexpansion and degenerate spatial concept, dwarfs man in a desperate claustrophobia. Is that not one of the factors of the automatic haste, the mechanical patience or impatience that affects us? Architecture

is not sculpture, as Marques Rebelo has already declared.

One foot in each theme, on the irregular route I followed between the center and here.

The common evil – domestic and public vulgarity that is strength, not weakness, made weeds that withstand the most skillful gardener – the most irksome job. Is there any use pulling it out by the roots? The clay we are made of is too fertile for this unusual reticence. We coexist. And some only think of pruning it when its branches have already become intolerable to the external facade. The herd is blind to the undergrowth. Introspection about the moment provides me some material: the more I delve the more I am amazed. And there is a kind of arrogance when realizing my monstrosity. Is thinking yourself a little better because you are sick a sign of health? Nobody can bear, for long, plunging down the filthiest alleys of their inner city. It's hard to see, in that town's plaza, the patina and pigeon poop on our ideal monument. Bronze morals are more likely to rust.

The evening descends.

The light of the Angelus hour comes down on the city and spreads through the streets, lanes, alleys and niches unexplored by purists, inattentive, indifferent, this light that gives the contour of things another meaning, I do not know if bigger, but more severe.

After the city chugs, grinds, releases its rashes through the greyish skin of the lonely crowd; after the city shamelessly breaks its wind, the emissions of cars, bikes, buses, sewers and cursing mouths; then functioning like an immense cesspool, divided into mini and sub chambers through which it projects its substances and signs of life; then this orchestrated riot conducted by a mysterious baton, which cannot, for it is impossible, avoid collisions of traffic and spirits; after that everything has a point where it is at rest, at first almost imperceptible, but becoming more spacious as the night goes on. At this point I realize, I, an individualized nobody, that there is something pathological in that meaningless unrest. Anyway, you need to make a life, this tactile illusion, and notice, yes, it is vital to notice that transcendence is not within reach of nickels, but they are part of it.

I leave the Benedictine Monastery and stop in the center of the square.

A man, in a desired dialogue, can leak unfettered mapped stretches of his lived city, not for posterity but for the almost abandoned square where his childhood is lodged. The old lamppost will listen, perhaps even answer from the forgotten corner, creeping in between, I retort to myself. But what answers me is the century-old canopy of the tree, imperiously high and absolute in its roots, ungovernable by paving, which imputes to me my failures in the eyes of the boy I once was. The boy is judge, made possible because the adult he became has failed; not least because no boy is father to the man, but accuses: the dreamed of rectitude of principles and acts, the reflex action of centuries of Socrates, where are they? Distributed by my intimate wandering. I have taken pains to unravel what I so raggedly drew. At that turning point on the curve of thirty I have accumulated atrocious remorse followed by repentance without relief. Is it possible? Maybe. I twist and retwist this bygone mesh, try the smaller spots for comfort, and overlook the clear signs of damage. Did I commit all that? On what scale? I don't know. Or rather, I know, and lose myself in successive washings where stains and tears become unforgettable. Self-awareness is a disturbing exercise, my friend, says the dirty and poorly lit square.

The mismatch of the legs and dizzying spiral that penetrates is not noticeable for those who, of course, would be interested in and aware of the tall mulatto, bald, bright eyes, boxer's nose, strong shoulders, slightly protruding belly, black shoes, denim pants and blue shirt. I go down the slope toward Castro Alves Plaza and go up in the whirlwind of my inner chaos. Oscillating walk causing moral nausea. Was it not this, obstinately, despite aesthetic and metaphysical evasions, my wandering?

I walk past the plaza, cross Rua Chile, and far enough from the Cubana ice-cream shop, I stand and gaze at the Bay of All Saints, which from up here, in the dark of night, is still beautiful.

## FAVELA BUILDING

("Ao longo da linha amarela", P55 Edições, 2009)

*For Edmar Brasil*

**A**long the ribs of *Soterópolis*,\* in the rain, vertebrae failing, unemployed, delivering resumes, the size of my insignificance. Affection and kindness in this soil of miseries? The mythologized crumminess? I get off on the beachfront drive, cross the road and stand beneath an awning. Head down so I don't step on shit, I pick up my pace and go to the nearest newsstand. Sheltered inside the stall, the bald owner, thin, talkative, pointed to the bookstore. I left limping, more water poured down. I go in, like a wet chick, I'm told to go along the side

---

\**Soterópolis* – a nickname for Salvador derived from the Greek words "soter" (savior) and "polis" (city) (T.N.)



that leads to the back of the store. The resume is a cover, so, after knocking on three office doors, I get to a woman who looks like someone who has been wasted, because she thinks she can do better. Friendly feigning respectability I demand (we are alone) that she give me the right contact information, if not, forcing with thighs and genitals her sculptured body, and pincer-twisting her left arm, preparing to break one finger after another. She releases the address of the buyer that I desire for the originals, her buttocks puffing out her jeans, I get hard. Frightened, she tries to back away, I press her against the wall, I will do nothing, people in the next rooms. I hold what might be a weapon against her, lowering it slowly and ordering, voice low and virile: "shut up." Unsuspected, I make it onto Manoel Dias and mount a bus.

There was nothing appetizing about the bard. The only thing worthwhile was the treasure. The coins. Zé said:

"It's here on the first floor of The House Foundation."

He said some of the originals had already disappeared, as we walked down the square to have a few drinks down there, amid the shameless wildlife.

As we left, walking on Ajuda, we went up and down slopes, crossing squares where whores and maidens from other times were set to words and music and are now those who made use of the pen, sound, film, plastic, etc., who suckled and nursed on some institutional teat. I flow into Lapa Station, sniff the greasy air, sweaty, tired of its strident but idiotic bustle. I was going along with China. I don't say going against the grain, but sort of out of place.

Pendant, crowded, soaking wet, after half an hour I jump off at the Favela Building. I climb to the fourth floor. Naked, Onan, using binoculars, while I imagine killings involving the little people down below.

\* \* \*

A cloudy dawn, the air stuporous, I get off at Sé Plaza and walk. Short, robust and stocky but agile for the walks through the city center with a good dose of anesthetics so the vertebrae don't fall apart. I don't go to the Foundation, I go back, down Ajuda, across Castro Alves and among the canine pack, maximum racial mixture, a napkin butterfly spinning on asphalt, street vendors of everything, and if it is rainy we reach Relógio de São Pedro splashing hawkers, their last wares, fading colors. Androgynous, mixed-city, coy, flirtatious at first, sticky, but whore and thief. Faggot-city, limp wristed. Sex-stomach, sex-stomach, your filthy pulse, and from this rhythmic we get what? The stickiness of its breakaway slopes, the meanness that wanders on Avenida Sete around Piedade; I turn into a side street and enter the Chinese restaurant that sells by the kilo.

If I don't stay busy, I lose myself. I keep sketching out this plot along the shafts of Soterópolis to have something like meaning, even though asceticism

is sideways, horizontal, but momentarily appeases our thirst for transcendence. A somehow harmful occupation, because it was based on a theory that the maniac who lives in us burned generations and *ab aeterno*. The logos and instinct modulate the abstract. I'm fooling myself while I chew the variety that suspects the customer in the Chinese restaurant. Here labels are not necessary, belching, I pick my teeth, pay and head for the closest bus stop. I sail off on the bus that quickly runs through the urban maze that is more or less controlled hell; swelling city not convulsing entirely yet, metal-flux giving shape to the reinforced concrete growing on its slopes, wastelands, supersuburbs; lardbathed city that with this phallic landscape has an aseptic, sanitized air. The traffic in its systole-diastrale ends in Corredor da Vitória, I slide down Ladeira da Barra, the port begins and the oceanfront unfurls. Anyone who travels with me travels in the void of speed.

A curve at the tip of the continent, the lighthouse, following the shore, beaches, beaches, from one end to another, its seaside stench. Between one car and another, night falls; I get off in Piatã, already uncomfortable, I have to visit the buyer.

I arrive at the gated community, show my ID, the fifth house on the right, down the lane. Vigilance redoubled by the high class of the district. I call, dogs answer. The maid shows me into a large office-library, where I sit, accept the coffee, light a cigarette. He comes in dressed as if he denies his class, simply a la disheveled. Hairy young heir exuding well-being, he starts an argument about "the best," dryly, I cut him off, I've come to peddle. His obvious laugh, with that rictus he wants to show his Western arch-enlightenment, where silence weighs, with pride or shame, who knows? With a bored voice he names his price. It's not enough, I ask for more. We bargain and close the deal. I lie, we don't yet have the bard's originals. Now, he knows, I want to stay on a while, he, dryly, says good-bye. But the delivery date is scheduled. Absently, I go back to my fourth floor, by bus.

A marble bounces upstairs. Blinking, I'm startled awake, yawn, stretch, sip coffee, suck on a cigarette, focus the binoculars to the left where three shacks crowd together. Asymmetric buildings huddle together. I see a black woman wrapped in a towel hanging clothes on an improvised line, she stretches out her hands and the towel drops, she is in no hurry although a thousand portholes are watching, she does not feel observed. You can see she is a mother, she has the teats of someone whose child is weaned. She's robust but has a small belly. And for a sketch-killing for the Favela Building I make her co-neighbor strangle and rape her. The asymmetric landscape - stairs, twists, alleys and other facades, passages for this rat species. I prevaricate while I burn a straw.

\* \* \*

Unshaven, bathed, and get off and walk along Cardeal. A winding road that climbs Gantois, scrapes by São Lázaro, the slope of Campo Santo cemetery,

always a viaduct, going up to Canela, the Rectory on the left, I reach Campo Grande, then reach The House Foundation, where security is lax at this time of day. I walk on and the wind is greasy monoxide, boiling squealing simmering delicacies that are the globules of palm oil vein-flowing through the city. Not strolling, dreaming the meaning. Hence the hunger for the original manuscripts of the romantic bard, nineteenth-century, Afro-libertarian, who for almost everyone was a canon in Portuguese America. I don't think so. But worth the coins, and I need them.

I arrive at the Foundation, the receptionist sends me to the first floor, a security guard below. I go up, pull out the glass protecting the originals, find the yellow tome, put it in the file folder, replace the glass and quietly lose myself in the crowd in the square. I walk all the way back.

The theft was the easy part, semi-illit, the dead bard's paper is worthless to the herd. Here my misfortunes overtake me. There is a uniqueness in the originals that, besides being *manu propria*, had never been published before. I had no idea.

I meet up with the buyer at the same address. If I had been a dunce about the tome he knew all about it, he'd pretended to be an eccentric collector so he wouldn't give the game away and conned me. Betrayed and used. The buyer makes me aware of my disadvantage, two herculean mestizos appear and quickly knock my lights out. I come to bruised and broken, outside the city limits. Am I in the same state? Why didn't they kill me?

Hitching ride after ride, I get back to the Favela Building.

\* \* \*

At Piedade, conversing with China, who sensing the topic asks:

"How did you find the buyer?"

"Pressuring the woman at the bookstore."

"And who did she recommend?"

"What are you getting at? The price?"

"That too. The shape of your theme is circular, but somehow it lacks the first push."

He cites Hungarians, Argentines, Frenchmen, focuses on the Italian Buzzati, talks of physicists and biologists. A familiar tale: when the animal lottery was illegal, a cop gave my father a head's up about a raid. He grabbed all the games, compromising material, brought it all home and asked my mom to burn it. She hesitated, he insisted, she burned it. After the raid, nothing seized, he asked for paper and a pencil and told my mother to write down all the games while he recited them from memory.

I change the subject, but China doesn't give up. I say nothing of the victim-trap I'd been. I tell him a fake story with a happy ending – I'll use the money

from the manuscript and its uniqueness to travel. China looks at my cuts and bruises and pretends to believe me. We go our separate ways.

\* \* \*

"Autopsychopolicing."

"That term is horrendous," I retort.

"..."

"Sorry, I'm bitter as all get out."

We are in Lapa Station, the rain lashes, and noisy, smelly, flesh of all kinds and weights, the Sunday crowd annoys and pesters. I observe the females. China, intuiting, gives the first push:

"Crime is obligatory," talking about the *roman noir*.

"And my killings of little people don't count?"

"Perhaps."

We went to a corner of the station and he let me have it:

"I know you screwed up about the bard's originals."

I had barely blurted out a protest, when he attacked:

"You didn't travel, no way. You wasted a month in the babelic back rooms of that used book shop that pays you just over minimum wage. I know why they didn't kill you and where they hid the manuscripts. With your screw-ups, you've stirred up the market, which is exclusive and expensive. You big screw-up. I have my own connections."

\* \* \*

At dawn a storm washes away the darkness. Map, time, location and venue, China had given me all the goods. Dogs restless, but tied up. I don't jump over the huge wall, I have a copy of the key to a side gate. I go inside. There is no security. In the trees the wind howls. China is a frequent visitor to the place I'm breaking into, a close friend of the current buyer-owner. But there's no way to avoid the unexpected. After casing the house, forcing and unlocking the kitchen door, on my way to the safe (in an alcove in the office), in the bedroom, uncovered and half naked, a female is sound sleep. She hadn't gone with her family to Itaparica. At the bedside I catch myself. Automaton, I try the safe, decipher its combination (ah...China's close personal friends), wrap up the originals, put them in the backpack and go back to the bedroom. She had gone to sleep with the light on. Legs in an H, partially open, light brown skin. Outside, the dogs go crazy and I hear a latch being forced, I hide. Footsteps. Masked, he walks the same way I came in and stops at the bedroom door. He sees what I saw. Surely someone who's come on the same errand. I watch him stand beside the bed. Half-naked, nearly open, she is an angel-victim who snores.

Days later the official pasquinade reports: high society couple's daughter is savagely raped. Revenge? A photo of her ex being interrogated. Nothing about the originals. The aggrieved buyer-owner is tough, but not stupid.

\* \* \*

Entering Engenho Velho da Federação as far as the end of the line on a weekday where the neighborhood is bustling. The vertebrae are screaming for more anesthetics, the sweetest heartburn, at least there's no rain. The air is resin that flows from the pores, sweltering. From a distance, I spot China's neatly trimmed pepper-and-salt goatee. Through the thousand alleys of the neighborhood he leads me. The asymmetric ugliness of the anthill built any which way. We reach the safe house. He is once again my metaphysical friend and speaks, I listen. His discourse is cultivated and pleasant.

I ask:

"Why didn't they kill me?"

He asks back:

"Who did that to the girl?"

I call it even and ask for my share of the over-sale of the bard's manuscripts. I count the money while he watches. We say goodbye.

## RÉSUMÉ

("livro do quase invisível", P55 Edições, 2010)

**my name** myself.

**my address** in me.

**my registration** as a physical person this body,  
which within is heaven and garden.

**my general registration** not registered  
and since my birth,  
on an Ash Wednesday,  
I have nursed a certain enchantment  
with everything that is not numbered.

**my phone** is busy,  
a family of birds has made a nest  
right on the wire of my line  
ever since, all that nestles  
there is the song of an expecting mother,  
to talk to me, the only way is after the spring,  
with the birth of the new bird.

**my professional education**

follows  
an amateur path.  
I insist on love.

**my current activities:**

thinking about life and  
an endless race by the sea...  
finding ways out and  
finding ways in for this inordinate desire  
to live, to love.

finally, **my personal references,**

it's better for me not to say  
and you not to ask anyone...  
there will always be more.  
truer still is for you to discover  
when you get to know me,

my spice,  
my madness,  
my tenderness,  
my restlessness...

so?  
did I get the job?

## ON THE BEACH WITH CLARICE

("O LIVRO de água", P55 Edições, 2013)

it was 1977  
Clarice wore the night with 6 full moons  
we met while walking  
in the water  
she leaving, me entering

our eyes met  
a fatal joy  
joy unsmiling.  
Clarice with seashells  
hands full of water  
gave me big sips of sea.

we left our gazes in the sun  
toughening with salt  
and she told me  
she could not bear  
to see too many people  
talking too much  
telling lies.  
I agreed.

the sea put up a resistance  
to her exit  
but her stern moved forward  
Clarice took her course, parting  
left an acute state  
of happiness floating  
between us  
and went to fulfill a courage.

it was 1977  
Clarice Lispector and I  
crossed paths at the beach.

# FROM THE ISLAND OF JAVA

("O LIVRO de água", P55 Edições, 2013)

from the island of Java dice are thrown  
 in the sea  
 every day in thousands and thousands  
 of fiber-optic bottles.  
 Inside them commands  
 written in a kind of esperanto  
 of the contemporary world.  
 on the beaches of their private islands  
 around the globe,  
 people find these bottles  
 and thus occur the encounters  
 in this, our post-history.  
 from the island of Java the dice are  
 thrown

## BEING I

("livro do quase invisível", P55 Edições, 2010)

of me  
 spilled immense sea!  
 and I, this grain of sand.

## S(CUL)P(TURE)

("O LIVRO de água", P55 Edições, 2013)

wind  
 molds water water  
 molds sand sand  
 molds house house  
 molds folks folks  
 molds molds



## EXILE

("De volta à caixa de abelhas", 2002)

Here it rarely rains.  
When it rains, I recall my country.  
The land is white,  
the Sun sets after midnight.  
Here the wind curves  
over me, and when the cold hits,  
I long for immense forests  
Burning furiously throughout the night.  
Here the thermometer has gone mad,  
like anatomy for Maiakovski.  
My fingers hurt as I write,  
and the words leap from frozen mouths.  
Here the coins are so cold  
that I cast the I Ching with sticks  
and the yarrow almost bends.  
Each hexagram, each sentence  
seems to have historic weight.

## JUGGLING

("De volta à caixa de abelhas", 2002)

If I'd been born in the circus,  
this wisdom would not hurt me,  
like a tooth acutely aching in the soul.  
I would scorn the abstract  
need to succeed  
in life, and do nothing.  
I'd learn to tame fleas, breathe fire,  
tame poodles, become a contortionist.  
I'd hang my dreams on the highest trapeze  
shove boredom into the bear cage.  
I'd use my skills  
to balance knives on my tongue  
or entertain the audience.  
If I'd been born in the circus,  
I would not have immediate desires or urgent duties.  
I'd leave everything to its fate.

## SMALL MAP OF TIME

("Uma balada para Janis", 2010)

We organize a picnic  
 in the city park,  
 checkered tablecloth, wicker basket  
 - The Lord's Supper.  
 We invite a Judas  
 with a kind of junkie look  
 and Peter, wont to deny  
 everything there is. And, of course,  
 he who would do miracles.  
 The sun was devilish hot,  
 James was bringing amphetamines.  
 He climbed the malls  
 with colored balls  
 pinched between his fingers,  
 whistling rock.  
 When he came, we saw,  
 amazed, what the  
 melted tablets  
 had left behind:  
 on his hands,  
 a canvas by Pollock.

## ALLEGORY

("Ticket Zen", 2011)

I touch the back of the naked girl,  
 lying beside me in the dark,  
 and feel her skin, gentle  
 as sheep on the mountain  
 of the insinuating nape of her neck.  
 Under the soft sheet, a world pulsates  
 and my hand slips, entire,  
 over her, naked girl, missing link  
 between what I am and what floats.  
 Wordlessly, I feel that I ask  
 that she return the peace of childhood  
 and show me the world, the substance  
 of what life is within me.

Wordlessly, I feel that I prevent  
her from opening up and devouring me  
and eating the fruit that I offer,  
juice, flesh, tongue, fingers,  
ethereal fluid of love that I weave,  
chaplet I pray, pregnant with yes,

## THE YELLOW BALLOON

(from the book "Corações Blues e Serpentinás")

The fair covered the entire plaza. Men, women, and children eating, buying, dressing up, trying things on. The cars in the parking lot climbed on top of each other, shrieking. Couples leaned against trees, huddled on benches. The moon provided shelter and light. My love was walking by my side when he said he had to make a call. I nodded, happy as I was with the new ring on my finger, an imitation wedding ring that looked almost exactly like his. Sitting on a forgotten chair in a stand, I watched the line. And I looked at the colorful and joyful movement in front of me. Nearby, brave parents tried to control their children when they saw a man who filled colorful balloons with gas. He was unfazed by the children's insistent requests and demands, and merely pushed the lever once the balloon's mouth was set on the piston. He probably had children of his own and sold balloons to support them. My love finally reached the payphone after patiently waiting in line. I bit my lips. The young man filled the balloons one by one. In the end, he tied a knot, flexed them, bent them, until they acquired some funny shape. When he started to sculpt a yellow balloon, long like a snake, it rebelled and insubordinately flew from his hands. My love laughed in the distance, the phone between his face and his shoulder and one of his hands in the pocket of his jeans. The yellow balloon danced slowly in the air. I snapped my fingers. My love was now speaking eagerly. I couldn't hear him. Suddenly he stopped, laid his eyes on me and turned around. I looked for the balloon in the sky. It flew over the improvised lamp posts. I remembered the strange morning when I was a very young boy and had barely learned to walk. I was alone in front of our house, in the middle of an uphill street. At the end, the Lake. The city was a toothless rigging and we still lived in collective wooden houses near the Paranoá. I was afraid of stumbling, falling, rolling, and ending up in the lake's waters. I was alone and to this day I don't know how I got there or how I managed to get out. I didn't know how to speak and fear paralyzed my weeping. I felt like some fatality would make me fall, roll, and fall in the waters and drown to death. I don't know how I got out. The yellow balloon gained height and became smaller. My love turned around again. While he talked I realized how strong he was, how much safety and protection he inspired in me. He signaled for me to be patient. The balloon was now almost in the middle of the sky. From long and slender it became round. Round like the ball my father threw for me to shoot clumsily. We were on the sand and some playmates and neighbors were playing with us. I didn't know how to shoot right, I ended up kicking the mounds of sand and saw

others laugh. But my father didn't laugh, he insisted in throwing the ball at me. I missed and I didn't feel ridiculous for missing. The balloon was no longer yellow. It had become a white point just like the stars. And, like a star, it disappeared into the mystery of the night. It became eternal. My love hung up the phone and came in my direction. Time was only a lie, life was as simple as taking a walk in the fair and asking for a piece of candy, reaching with the heart for what years of effort and attempts didn't give me; I was just a small, yellow balloon fleeing from skillful hands, coloring the sky's darkness and knowing that nothing was more important than being there, at my love's side, believing that the false glitter of the ring tight on my finger was a treasure.

## ONCE IN A DARK, BRIGHT SKY or My Encounter with the Blade Runner of Outdated Androids

(from the book "Corações Blues e Serpentinhas")

*For Chico Lopes*

**I**N MY DREAM there was no extra scene in the film, no green swards, no voice-lovers. The end was exactly The End that we were all used to. And I didn't get into a debate about whether it was an art film or not. Whether it was a Ridley or not. What did I care? I was playing with my grandson on an asteroid near the house, the kid assembling Legos, those things you snap together, remember? One minute he'd build a house, then a gangly robot, then something indefinable that made him laugh a lot and scatter dust on the other children who were also playing; children with more sophisticated toys, strange gadgets that clicked on and off and emitted deadly rays that turned people into flies and human-flies. Little rascals. Not my grandson, he wasn't old enough yet. He was quite happy with trying to stick cubes in holes, pyramids in squares. What good was it that his parents had programmed his color, weight, eyes, whether his hair was curly or not, if they hadn't bothered with his brain? That was the result. A beautiful grandson! I furtively watched one of the mothers near me. She was trying very hard to open her son's spacesuit. The kid was about to pee in his pants and she was opening Velcros and unfastening leg buttons. The fabric, by the way, was one of those cheap ones that don't absorb excrement or urine. Some people are misers. I felt a mad urge to laugh, to laugh out loud; and I roared with laughter and my grandson did too, which made the mother furious and she almost ripped open the kid's leg together with the spacesuit. That made me laugh even more, since her hand got completely soaked in urine. And I was in the midst of that rapture when one of those very large

spaceships arrived, the giant headlights circling around and making a lot of noise just like in *Close Encounters of the Third Kind*. From a distance I saw my blue planet on its slow journey with the moon orbiting around it. We had arrived at that asteroid-park, especially prepared for the children and their grandparents, mothers and housemaids, on a space bus. I no longer needed a pass. I just had to place my hand on the digital identifier for the bus door to open. So, if you get the idea, it was strange to see a huge ship like that one parking and catching everybody's attention. Was it a zealous parent with a lot of money? It didn't seem like it, since a middle-aged man with a graying beard and caramel eyes stepped out. A big man. His arms were bare and silvery because of his hair. He wore a sleeveless plaid flannel shirt, open at the chest, once again demonstrating his virility, with his gleaming body, a silver-colored, hairy stomach, a muscular chest. I confess: I would rather leave the description at that. I'm afraid that my grandson may receive an anonymous email and read all of this. I can't imagine what my children would think of me, either. So many computers are hacked. My son Spiff should have been a renowned researcher of intergalactic photopleumonimnoses and zappiezumpies; but the idiot preferred to become a petty cosmonaut who goes around collecting soil samples. What can you do? Andressa, on the other hand, is a real crackpot. She duped the owner of the greatest nutritional tablet company in the solar system; that is, she ensnared him with her doublespeak and got him to marry her. The greatest benefit of that union is that, after I became a widower, I can enjoy my grandson. He's cute and dumb, but he's my grandson. These days, the future of a present, and a future—think about it, dear readers—is almost a slightly different past. What I mean is: no Jules Vernes or Azimovs. Things are more like Ray Bradbury and Aldous Huxley, if you get my drift. And if I may speak of positive things, let me tell you that the times of dirty politics and countries and states and nations and borders are over, all of that became the dominion of trans-planetary corporations. We are as free as can be. Sex, however, is a thing of the past. They've adapted that little pill that was used at raves, ecstasy, and now sell pleasure by prescription. When my wife Marjorie was still alive, she insisted on having sex just to be contrary. She was an intellectual. Yes, she was. I fell in love with her because of that. If I'm not mistaken, it was still two thousand and something, that whole talk of cloning had barely begun, Dolly the sheep and a Brazilian astronaut, hahaha. When I met her, she was teaching at the University of Bahia and she had a white streak in her hair like Susan Sontag. I was a crappy little professor with two published books. We lived together for a hundred and fifteen years of devotion and minor unpleasanties. Damn it, I just realized that no one must have the slightest clue about this whole trip of mine and who all those distant, distant names are... Hahaha. Happiness forgotten in the dust of space... Alas, alas. At least it doesn't hurt. I take my top-of-the-line antidepressants and everything's solved. It's been three years since Marjorie died. And I never fucked anyone again, I haven't even kissed. Hey, I just now realized that that *Close-Encounters-like* ship is actually a commercial vehicle. After the lights stopped turning and flashing I was able to read the sign, written in English with spray paint:

John's Junkyard. The middle-aged man buys and recycles outdated androids. He probably has a bunch of junk in that spaceship. Since the robots never rose—neither did the apes—they continue being cannon fodder, good-for-everything, a human delirium of wanting to be God. Androids never developed autonomous thoughts or feelings. Our greatest invention is still the computer. I played with my grandson and watched the middle-aged man out of the corner of my eye. I'm going to say what I was afraid to say. After thinking it over, I realize that it was a stupid fear, a foolishness amongst so much nonsense. It's very likely that if my children and grandson see this text, they won't get past the first lines, accustomed as they are to animated messages. The man wore jeans. What? That doesn't mean anything? It doesn't to you! To me, my dears, it's everything. He was wearing a US TOP, you understand? Something from my time. I had a pair of pants like those around the year 2006. And I was convinced that I looked incredibly sexy. Marjorie was too. I once had sex with her right in the classroom. The students had left. I lowered her panties under her skirt, opened some buttons of my pants, took my penis out and we fucked on the professor's desk. It was delicious, hahaha. What a wet little cunt she had!... I look at my grandson with his dumb-baby expression and I wonder if he will ever feel anything like that. Probably not. He'll live with his ecstasies and will work at some dirty job that will exploit his lack of intelligence. At least he's good at playing, hahaha. While I digressed, the kid managed to put two entirely irreconcilable pieces together. I'll nickname him Brutus. Or Tyson? Ah, it's all the same!... The ship was parked very close to us. The middle-aged man took his shirt off. I could see his broad, strong back with curly hair on his shoulders and shoulder blades. He lay on a sort of cart and slid under the ship with a screwdriver. Believe me, I didn't want to stare, I'd never had sex with a man and I'd never lusted after athletes or movie actors or icons for women and gays. But I was watching and at that moment his body moved in such a way that his stomach tightened and his ass slid further up on the cart and his pants fit tautly against his groin and I realized that he wasn't wearing anything underneath and that he had a big, thick dick, and no doubt beautiful like any man's dick should be. I immediately got a hard-on. And I'd rarely got a hard-on since Marjorie left me. Imagine how I felt. I was deathly ashamed of myself; after all, no one fucked any more on Planet Earth and in its entire intergalactic dominions, which spread throughout this terribly dark, deep sky as I never dreamed it could be. I hid my discomfiture from Brutus. Or Tyson, if you will. And I started playing. Some mothers were beginning to pack up their things, certain that the space bus would be arriving soon to take us back. More than twenty minutes passed before I turned to look in the direction of John and his junk-ship. When I did, he was casually leaning next to the door and was again wearing the red, black, and grey flannel shirt, still unbuttoned and tucked into his jeans, held up by an attractive black leather belt, his legs crossed and one arm resting on his stomach, while the other one took a cigarette to his mouth. He looked very attractive leaning that way, and I had the clear impression that he was also looking at me with a mischievous smile, his caramel eyes and silver beard composing a shining star on

that manly face. It was a new sensation for me. I wanted to hide from myself and ignore my excitement completely, so I made an angry face and started talking to one of the mothers beside me, saying foolish things such as comments on the Venus wars and the new moon station that was about to open. The space bus landed and blew its horn for us to get ready to board, gathering our children and belongings. I looked back at the ship. But it had left before us. I lifted up my grandson and headed toward where it had been standing. When I got closer, I saw a small paper object on the ground. It was an origami. That fucker John had left a little dick for me with his email.

## I, JAMES GANDOLFINI (OR JUKEBOX)

(from the anthology "Geração Zero Zero: Ficções em Rede", organized by Nelson de Oliveira)

*Todo lo que pudo ser, aunque haya sido,  
Jamás ha sido como fue soñado.*  
Reinaldo Arenas

I was James Gandolfini in that movie where he co-stars with Julia Roberts. The night was hot and dry as hell and I went into the Caneca de Prata bar dying for a creamy draft beer. Even before I started drinking I felt the beer going down my throat, wetting my thick, red, almost brown goatee. My lips were wet with the beer's creamy froth, not in order to feel desirable or sexy or hot like that autumn evening. Especially—I thought then and I think now, sitting here by the counter—since it hadn't rained in a while and I didn't use to walk down the street with a bottle of cognac under my arm, oppressed by the imperative purpose of finding someone who would love me the way I am—big, fat, and bald, bovine eyes, but white and perfect teeth—because I really took care of myself, I liked myself, so much so that I sometimes pampered myself listening to Charles Mingus and reading Caio with the passion of someone who does all of that without eating moldy strawberries. If you let mold grow and spread through your lungs, it makes a bloody mess. Although, think about it with me and see if I'm wrong, reading Caio—I can almost see him in front of me: thin, tall, cow eyes, bald, with a greenish tint to his skin—as well as Hilda or Trevisan—I can almost see them too: straight, prickly hair, bony faces, mischievous smiles and eyes—or, forgive me if I stretch the point, but you should know that it is absolutely necessary for me to write it, having Lygia and her stories with us, think about it and admit it, is the same as never being alone in one's solitude. They are four angels resting on our shoulders. And we can cry together with joy, our souls satiated and our bodies asking for more. Our bodies shouting for us to go out into the streets and enter a half-lit bar like this one, where we can sit real close to each other at the counter, even if you're James Gandolfini or someone like him, with this man by my side, short, graying beard, dark skin, and



as fat as myself. However, take notice, I take notice, we look more strong than fat, for our flesh is hard, rigid, imposing. Yes, it's true. I and the short man next to me. Similar to those who sit at the tables or those who talk over there. Or to the group of friends standing outside. Determined dogs—or should I say bears?—guarding the front of the bar. All of them resemble a lost father, a father that, because of some disagreement, grabbed his things and went out into the world. I'm not going to fall for that. It's just the easiest interpretation of things. The "bread is bread and cheese is cheese" logic. As simple as it is deceiving. The short man beside me looks extremely sad, in spite of his kind smile and self-assured gestures as he raises the glass to his mouth, wetting his beard with froth. He doesn't look like my father. I mean, they all look like fathers when they're tender and hospitable. Fuck Freud and his complexes. When people want to have sex, contrary to what my psychoanalyst told me in secret (yes, I go to analysis), the last thing we think of, I think of, is our parents. They don't even go through our minds. If they did, we'd go limp. So when passion comes along, I could care less about explaining that shit. It's me and him. Two guys. Men. Who love each other. And the short guy is very good looking. There's something Arabian about him. Did I mention that I love Arab men? No? It doesn't matter. It does matter. His eyebrows are thick and his eyes are shaped like almonds. He looks at me shyly, sideways. We're side by side. The short guy sees my reflection. He looks at my image in the mirror in front of us. A mirror that serves as a wall and holds shelves with countless bottles of whisky, vodka, martini. A mirror/wall that reflects the search. Mine, his and the others'. Amid the bottles I see him, gorgeous as all get out. The waiter brings another glass of beer. How many have I drunk, my God? It's time to light a cigarette. We're motionless, both of us. We don't breathe. Side by side. Three young men talk around a table in the middle. They discuss unemployment, economic crises, political corruption, despair. They're a minority in the bar. Around the other tables in the room, older men rule absolutely. Or mature men, if you prefer. Young men are the minority, but they feel at ease. One of them gets up, slides a token into the colorful jukebox at the back of the bar. He selects an old tango. He begins to dance. It's not Gardel. Or Piazzola. He dances with an imaginary partner, wrapping his arms around his own slender body. What's incredible about this bar is precisely that, here you can be and desire what's different. You can even give yourself the luxury of being melancholy on a dry autumn night. And romantic. At a table near the entrance, a man with a large mustache holds hands with a black man wearing jeans and a white cotton shirt. I smoke my cigarette. I'm James Gandolfini and I can transform myself into Jack Radcliff at any moment for the sake of the other's desire. I, James and Jack. Jack is an almost perfect man in the opinion of several of my acquaintances. Salvation for me, or almost. I don't like perfection. There's nothing shabbier in the world than something daintily perfect kept in a crystal box for all to admire and be told that it is forbidden to touch, to go beyond the yellow line, or take pictures. Arrgh! Anyway, I turn in the direction of the Arab. His name may be Kalil, Lázaro or Marcelo. I turn. I turn my head and body, slightly bumping my knee against his waist, looking

beyond him, toward the outside of the Caneca de Prata. I'm sweating. I remain in that position for a few seconds, waiting. He doesn't move, his face turned toward that damn mirror that reflects another mirror on the wall behind us. He examines me. He laughs at me. I could swear, though I can't see it. I pretend to be waiting for someone, I look at my watch and I return to my previous position, my face stuck to the counter, dreaming about death. The tango ends. Silence. Suspense. Another song begins. He turns toward me. *One* by U2 is playing. I watch him in the mirror/wall, his image fragmented between labels and colored glass bottles with drinks. It's time to say "hi, my name's James Gandolfini." I recognize Bono's voice and shake my head to the song's rhythm. He waits for a sign, a word, a gesture from me. He's facing me. Waiting. I collapse. I stall. I make a prisoner of myself. What's worse: I can sense all the tenderness present in that man, I can smell his perfume mixed with the soft taste of a good cigar. Night falls within me. We're together, the Arab and I. I remember a scene from a film, a page read in solitude. Millions of books tumble in my head. A ride in a carriage. The venom and paleness of a young couple. I live in them and they live in me. I make my appeal, my plea for help, blind over the skyscrapers. And the primetime soaps are no use, my wounded heart sails on a glass of cold beer. If I spoke, perhaps we would travel down a known, safe path. We'd happily toast the small hours of the morning. Our words would complement each other, making us complete. When we were very drunk, we'd pay the bill, wave at the small imitation of Michelangelo's David, and head out into São Paulo in my old silver-colored car. I would show him my house, the photographs that won an award at an exhibit, my bathtub. And before making love I would dry his back with a fluffy towel, demonstrating all my calm and tranquility. Later, I would tell my Arab that it was all much more than a good fuck. He would swear his love mixed with tears and drunkenness. I would believe him. I want to believe him. We would spend our time between black-and-white films and endless kisses. That would be the scenario. Love, once again a cliché. We would transform our lives into a bad script. And then, when no insignificance remained unknown, his cell phone would ring quietly, without a fuss, surreptitiously. And from its lukewarm ring, an invitation to farewells. I'm not from here, he would say... I don't have a loved one... I am from Bahia... From São Salvador. The phone and an urgent call. I'll be mute, facing the end. I'll be at the airport and won't have the courage to stretch out my arms. He won't look back. He won't see my rage, my body's despair. And I will no longer be there. I, a poor, abandoned James Gandolfini. He, my Arab. Or, imagine, maybe not all that. Maybe just he and I paralyzed, autumnal, in this hellishly hot night. We'll be at the Caneca da Prata and the heat will stir up the air until thick clouds form, the wind bursts in without warning, and thick raindrops fall violently, flooding the subway entrances, tearing the trees from the plaza, and inundating our bar with the greatest tempest of love that ever existed in the world. The same tempest that made me, makes me, here, at the Caneca do Prata, call the waiter and pay the bill, leaving him sitting there at the counter. As distant and out of reach as the color blue is beautiful.

## I WILL NEVER BE MYSELF AGAIN

("Fiat Breu", 1996)

Every last poem is the last, because  
there is nothing more to say later, never after,  
ever, if I surrender to the verse, it is totally,  
nothing left in me, drained, more than ever.

What a mystery: poetry, all in each verse,  
never dries up and vanishes, and with its own ballast  
is forever whole, ready for a new verse.  
And each new poem is the new one! ...I am the rest.

If I give myself entirely, what's left of me?  
If I flow in the verse, I am lost entirely,  
Since only the one who reads is in the soul of the verse.

Thus (what a fate!), to possess myself  
I must read myself in the verse I've made.  
I, who have this immense poetry to live.

## LIGHT AND GLOOM

("Fiat Breu", 1996)

When the morning light penetrates the fringes  
of the curtain, I see the darkness all around  
disappearing bit by bit: in a short time, the world  
invades the solitude and steals the life of dreams.

When the shadow of everything looms and exposes the body  
and the mind in the raw way, between sleep and waking,  
there is nothing to remember, because the tongue attests  
to the bitter dawn of the dream always ruptured.

In the half-light of day, darkness takes shelter  
under my eyes, free and full of meaning,  
although how much it means is not for me to know...

In full daylight, I close my eyes, dream and see:  
if this verse could, ultimately, take me beyond  
myself, the darkness would sate the desire.

# PANTOMIME

("Como se", 1999)

The best lambs on the farm will  
go to slaughter in the city.  
The weakest sheep in the herd  
will be summarily beheaded.

The old goat goes to the sacrifice,  
though his eyes may beg for clemency.  
Not even the innocent young kids  
will have mercy or hope.

Meats will roast in the sun: bonfire.  
Hides will dry in the sun: tannery.  
Viscera will sweat in the sun: carrion.  
Bones will vanish in the sun: dust.

Only the black sheep goes unpunished,  
while the good shepherd plays his flute.

# QUO VADIS?

("Temporal temporal", 2002)

Friends cannot assuage my loneliness.  
Loves cannot survive in my heart.  
No topic could reveal my vastness.  
Nothing in life gets me through life.

Spilt milk congeals into waste.  
The trapped beast withers in sacrifice.  
Rhythmic steps march toward the precipice.  
Everything in life restricts my life.

Whilst I fell the tree and shape the cross to my shoulders,  
weeds are choking the garden of dreams.  
Everything in life justifies my death.

A scream cannot be heard in a vacuum.  
A corpse should not see meaning in marsh fire.  
Nothing in death redeems my fate.

# GOLDMINE

("Temporal temporal", 2002)

I excavated the ground inside me,  
mining in search of the crystal of verses.  
I touched the lyrical nerve and felt  
the evasive erosion of silence.

There is a door, and through the open door  
(if there is a window, it is closed)  
the wind does not enter, because the wind is a festival  
when a door and window are open wide.

I wrench my silence, interrupting it  
with soil (the pain of everything) in a tremulous tone,  
mirage of achieving the inexpressible.

I don't know how to love. I didn't see an angel landing  
when stars shone in your eyes  
of gold. Only our love makes me possible

# EVE OF THE DAY OF THE DEAD

("Temporal temporal", 2002)

I did not love my father as I should.  
There was a time to love him and I did not love him.  
He died, and I was not yet born.  
Tomorrow I arose without his love.

No friendly counsel sounds like his.  
A step-father life is with me.  
My path did not want to look back.  
So far from my father I abandoned me.

Not mine, nor anyone's, I was never his.  
I didn't want to give myself to a stranger.  
Only your lap, mommy, was warmth.

Of my father, all that remains is a callus of silences.  
Ah, I rip the foreign body from my breast.  
Heart, dig the ground, seek my father.

# SOAP BUBBLE

("Mais que sempre", 2007)

One day I'll lose my youth,  
if I have not already lost it. I've lost count  
of all I've lost. Today what counts  
is everything I am not, I do not know, I could not.

Ah! Enough of treading the rough path  
of loss and longing. Luck points to  
the place of vertigo, dizzy life!  
All that remains is losing the thirst for altitude.

Turning... And at every turn losing so much  
that all is left is turning and unconsciousness,  
after everything is lost. Yet,

without losing the preeminence  
of the last moment, when the shock  
reveals that it all was reticence.

# RIDDLE

("Mais que sempre", 2007)

The loved one never leaves,  
even if you are parted: the love of everything marks  
and remains whole, even if parted  
in hours – it does not depart and does not soar.

Your absence is presence in every aroma  
that sometimes ignites a volcano of flesh and embers,  
sometimes exudes a petal of calm,  
sometimes chokes the breath and envelops in shadow.

A love exhausted in the stars,  
one exudes in the manes of chimeras,  
one that mourning abducts and never frees,

loves go away. But they do not go with  
some by others hidden: hand in hand,  
I love every love I have loved in life.

## CABALA

("As purificações ou O sinal de talião", 1981)

Perhaps for me  
Good luck is enough,  
Having gambling dice is enough,

Cutting the deck is enough  
In the figure of the hanged man.

Perhaps for me  
The silken skein is enough,  
Three women seated in the parlor  
Around the same spindle.

Life is a crooked thing  
Written in straight lines,

The same secret line  
I divine on my palm.

## ENDOWMENT

("A lenda do pássaro que roubou o fogo", 1983)

I have my childhood and a dull echo of  
drums in the dark.

I also have the howling in the silence, treasures  
I destroy. Old junk snaps its secrets and  
there is a taste of salt and tears and exile.

I have a bow and arrow of the luminaries of heaven.  
I have the sunshine, a hard look like a spike. And  
the more I sow the more I destroy, harvests of the  
unpredicted.

This god is vital, this god, as necessary as  
a swan. A god like a shower of gold,  
like a bull crowned with leaves, fruits and roots.

The rest I make up myself. This journey, this  
infinite delight. This bundle of flames. And this  
bird, destructive and crude, in the bowels.

## BOUNDARY

("A lenda do pássaro que roubou o fogo", 1983)

My destination is the country of the dark horizon.  
The homeland of the banned. The allotment of castaways.  
The last bastion of suicides.

I pause on the threshold of absolute silence,  
on the precipice where mad centipedes lurk awaiting  
my fall.

I, who drank the magnetized blood of the earth,  
of the bittersweet wine of tears and dew.

I, the chosen one, the anointed, the noted; he who  
bears in the flesh the caress of ink in the subtle design of  
ritual painting.

Just yesterday, on the lake, there floated my face and  
beauty was a halo crowning my brow.  
Yesterday was the journey, delirium, vertigo.

Oh pain! Ingratitude of men, today for me  
they clouded the mirrors, and my face of shadow  
and horror and scars is like a fiery residue  
of bonfires dying.

Oh tragic destiny to be victor and vanquished.  
Punished by dreaming beyond, by surpassing the dream and,  
like the wind, mad and prophetic, destroying yourself.

What remains of me will be the mark, the memory, the seal;  
the syllable perhaps of an imprecise feat. Trail of  
feathers, ashes, on the face of the Sun

Like an ailing cyclops, I kneel and surrender,  
in a basket, my head to the jackals.



Spattered with stars and blackberries, I close the  
cage of absurd birds and enclose myself for  
ever, invisible and abstract bird with the throat  
of aurora pulsing inclemency.

And I reinvent the spring of this corner like cowbells,  
like water chimes.

In the air, a pervasive aroma of amaryllis.

## ARS POETICA

("Femina", 1996)

Poetry is a  
Woman thing.  
A common task,  
Rekindling the fires.

On the corners of death  
I buried the fat  
Substantial placenta

And walked serene  
On the coals  
To the other side  
Where the demon dwells.

Poetry is always like that:  
An alchemy of fetuses,  
A slow porous seeping of  
Poisons beneath the skin.

Poetry is the art  
Of rapine.  
No hunting, as such,  
But always on the hands  
A flash of blood.

In vain,  
I seek my fate:  
In the quartered bird  
The writing in the entrails.

Poetry as cravings,  
As a growing belly,  
The skin stretched  
With popping wombs.

Poetry is this passion  
Delicate and perverse,  
This pearly moisture  
The runs from my body,

Soaking my clothes  
Like fever sweats.

## POSSESSION

("Femina", 1996)

The poem touched me  
With its grace,  
With its feathery paws,  
With its breath  
Of perfumed breeze.

The poem made me  
Its horse;  
A chill in the spine,  
A shiver,  
A dance of mirrors  
And swords.

Suddenly, without warning,  
The poem like lightning  
"Elegbá, pombajira!"  
Touched me with its grace,  
Fiery as a whip  
Precise as a hurled stone.

## THE WANDERER

("Nas praias do avesso", 2004)

There goes the wanderer.  
Maybe a beggar,  
maybe a clown;  
and between a father and a son  
he moves bound by a lasso.

There goes the wanderer.  
Maybe it's a ghost,  
maybe a madman.  
And my eyes, which shape him,  
cannot see him from the front.

There goes the wanderer.

Perhaps I cannot follow him  
because he moves in a dream.  
Oh, I will surround myself with mirrors.  
So maybe I can see him  
wandering in my strange side.

338

## DENIAL

("Ocidentais", 1987)

Someone recognizes me in the portrait of a boy.  
It is not me: it is my former peace.  
The story of a man is his red herring:  
they study my dreams, my steps, my maps  
and say who I am, in vain.  
In vain.  
Because I am always coming down the path.

# A SPAN OF DESTINY

("Mirantes", 2012)

*For Washington Queiroz*

In the thickets of being I am in awe,  
the ends of dreams, cliffs  
guarded by famished dogs.

I am the most drastic relation  
of the Big-Huge-Hindrance.  
I display myself in pieces.

When I open, angry, my mouth  
south of those Sad Shelters,  
the viewer sees inside  
four infernos, ten winds, a radio station -  
pirate -  
and one hundred and five murderers.

When I open my mouth, there they are barking  
the Quasi, the Thing, the Bandit.

# THE HAND IN THE DARK

("Concerto de ilhas", 1997)

1.

Bitter this being my name  
of other names wounded,  
bitter this my being  
of body and dilemmas.

For evaded from me, out of thee  
neither here nor where there was childhood  
unoccupied

I visit the mythological ruins  
I who am nothing but ruins  
and I assure you:  
no past history tells my story.

From what I was to what I no longer am  
there are a thousand temporary replacements  
that deny me  
any place on maps or in time.

And amid the wailing of the breezes, and the dread  
of machines  
I stand with my illusions  
and gravely let them search me:  
Pandora's box reopened  
nuclear demons.

And I return.  
From where I never went I return:  
a face composed of crumbs,  
scraps of truth and feeling,  
tedium in the dark: here I restart.

2.

The first morning came in the mud  
and I let myself be muddied:  
in the afternoon water, the uranium  
in the night breeze, this man  
with a mirror broken in his face  
and a hunger of everything for nothing.

But amid doubts, between  
walls  
I place on my face a flower  
and walk to the other world  
far away  
    – and surrender  
    and dance  
    and am moved  
and it all resounds in the polyphonic breast  
resonating like seashells, collapsing  
buildings, sinister cackles.

And yet I persist in this void  
in which I inscribe your shades  
outlined by distant stars  
and visceral pain

(O dark source  
of all the songs of this world!)

3.

Yes, I awaken.  
I awaken to the sleep of bright days  
so real the colors of this day.  
I contemplate clear fountains  
I have the face of a man among other men  
who see me.  
Here everything is possible: love, war,  
the solutions that destroy.

Through the harsh cities of my time  
my heart travels, travels  
averse to any crust of truths.  
My face pigmented by History  
anticipates the unknown season  
that all resist.  
Yet I let myself contemplate.  
But I do not kill myself.

Your smile overcomes me, overcomes  
my plan  
and in thee I dive in tatters,  
a bruised flower in my hand,  
a scar on my lips,  
because I have loved.

4.

In the shadowy outline of my time  
I inject word and silence  
plunge in with all my venom  
and surrender myself to decomposition;  
future night in the dead night,  
one by the other wounded, and similar,  
cauldron of invisible changes.  
On the inside of the century

the fortunate slow celebrate  
their rashes.

These are fragments of myself that I am not  
amid razors and commercials;  
it is me with my ghosts consuming  
sweetened mistakes of History.

5.

Heir of all the alleys of my time  
I invent absolute freedom  
and my poem starts to move  
toward the abyss.

There's a face that sees me from the dark  
of me (the sensed  
catastrophe?): source of laughter and ire,  
jungle of all demons  
with which a man is nourished, voracious  
vulture.

Meanwhile I reproduce myself  
in imprecise languages and maps,  
I who am not myself, but the old  
dilemma resumed from the old ones  
that I inhabit  
that I kill  
that I revive with deformed faces.

(But who am I? Your  
forgotten side? The cry  
of your echo? The fear that plagues you?

No).

This rude silence, stone  
in the dream, bear in the face.  
This silence exposed  
subtle fracture of awareness.

6.

Here is what is still left of me:  
fragments of myths and junkyards,  
slivers of words, face rusty.  
And in the dance that persists (resists in  
vain?) ghosts seek each other in pairs  
at the end of the feast.

From above, meaningless, moonlight persists  
in which one can see mice,  
cockroach wings and bloodstains.

But who am I? The brown day seems to ask.  
I know there was the weight of science,  
the flow of cloudy water, the sudden death  
of some truth.

And then it resumed.  
From wrath and wind, the whirlwind of memories,  
an eye open to the chaos.

Doubt, doubt is my transportation  
in this slippery world  
in which the gods were crushed,  
the truth burned their dynamite  
– and in the explosion we were wounded.

I am the disease of my own myth.

And then I return to my opposite and once again  
kill myself.

7.

First voice (the hidden face)

I stood before you and forgot myself.  
And you plunged into me, sleeping.  
(Is there a world about to be born?)  
The square (immense, the square) is empty  
with not enough space for a single dream.



Second voice (the big party)

Behold the century of transits, of frivolous  
voices. And all in the air.

A thousand languages and none.

At the crossroads of all truths,  
there is written a name: illusion.

That is where I remain, without me: spherical  
mirror going around    around    around

## SEASCAPE

("Heléboro", 1974)

My eyes witness  
the invisibility of the undines,  
the slow death of the reefs  
and the cannons of Amaralina.

I go, at a sententious pace,  
treading the fine sand  
of the beach.

Doves fly over  
the cannons of Amaralina.

Life seems to be complete  
in the peace the blue teaches.  
The breeze eludes the vigilance  
of the cannons of Amaralina.

Not even your absence, love, disturbs  
this morning joy  
where there is nothing but the bright and the smooth ...  
(And the cannons of Amaralina?).

Everything is right: sea, palm trees,  
that tiny cloud ...  
But - what do they want in the landscape,  
the cannons of Amaralina?

345

## DISCOVERY

("Heléboro", 1974)

Only later do we realize  
the bluest of blue,  
gazing, in the evening,  
at the ashes of the extinguished sky.

Only then do we love  
 those whom we so greatly loved;  
 and the arm reaches out, and the hand  
 presses fingers of air.

Only then do we learn  
 to walk the labyrinth;  
 but how to awaken the steps  
 in feet long dormant?

Only then can we  
 deal with what we dealt with.  
 And we meditate on this  
 useless discovery

while, slowly,  
 a fine dust falls  
 from the worm-eaten coping  
 and we suffocate.

## ELEGY

("Fulgado do vento", 1979)

Do not open this window.  
 Do not move away from these blinds.  
 In this room dead friends  
 are drinking your beer.

A long-lost voice  
 (only my ears can hear it)  
 calls from the depths of childhood  
 and I feel myself bleed.

An age-old drizzle lands  
 in my hair, and shines.  
 A child plays with a hammer  
 that falls upon my heart.

So many things silenced!  
 The eye, cloudy, strolls  
 through the yard, where there is naught but  
 the childhood of others  
 and the wind

# SONNET OF THE ANGEL OF MAY

("A canção de Beatriz e outros poemas", 1990)

Then in May, an Angel burned me.  
In his blue gaze there was a day  
bright as those of childhood. And joy  
entered into me and with its light took me

by the heart. Then, gently, he guided me  
to myself, to what was dying,  
in my breast, forgotten. And the cold night,  
became warm - and hurt deserted me.

No longer were there ashes on Nothingness,  
but rivers, and winds, and trees, and flames,  
and mountains and horizons, endless!

Life was back, retrieved,  
and new, and forever, by the flames  
of that Angel of May that burns in me!

# SONNET OF THE BLACK WOMAN

("Elegia de agosto e outros poemas", 2005)

for *Maria da Paixão*

The color of softness is what modulates.  
In it the light is astonished and proves  
incapable of changing anything in that  
penumbra that attracts, absorbs, annuls it.

In this landscape that snakes, undulates  
like a river, or the sea (and it is hers and her)  
a violent wind unveils me  
an animal that rips at me and ululates.

The tone of softness does not change,  
elevates a warm chant and says  
they are the claws of love, beauty and beast.

And so, in crimson flesh and scar,  
I surrender to the deep hue that awaits me  
these spoils in which I am happy.

# BACKYARD SONNET

("Memória da chuva", 1996)

*for Matilde and Mario, in Monte Gordo, March 91*

Recalling the girl, I liken myself  
to the dog that I see interrogate the breeze.  
Which is a poor comparison: the message  
of odors the nose deciphers

is much more precise. Then I meditate on the clear  
being of that dog, and envy that precise  
vocation of existence. And I auscultate the breeze  
and find nothing in it. Nothing. And I stop

to remember and think. There are more fruitful  
occupations. Example: just watching the act of  
being. Dog. Clouds. Branches. And, sleeping,

a cat. And these ants - three - conspicuous,  
dressed to the nines, deliberating  
around a tamarind flower.

# BREATH

("A casa dos nove pinheiros", 2012)

Of my old town,  
what I remember most is the silence  
and a dog barking in the distance.

Of course we also heard partridges,  
blackbirds, tanagers, canaries,  
two kinds of finches,  
and,  
in the pit of the night,  
werewolves.

Yet nothing lingers so much  
and so deep  
as silence  
and a dog barking in the distance.

More than memory,  
a breath of the soul.

And so I continue,  
endure,  
reborn from the ashes:

for, in me, there is silence  
and a dog barking in the distance.

## PERSONAE

(Excerpt from the unpublished book "Personae")

### Prologue

**T**HE GRUBBY GLASS WINDOW of a modest rented room in downtown Lisbon let in a dull light, inaccurate, at the bitter end of a quick rainstorm, throes of the dimmed late afternoon, denunciations of the fresh little mouth of the night.

Beyond the rooftops of the houses in the district, trams, at intervals, rolled through slippery streets already lit by streetlamps, causing sparks in power cables and creaking metal in the rails.

Observing the dim light coming through the single window of the room, the 1st division Criminal Investigation police officer – wrapped up in a terry robe over his pajamas, scarf around his neck, wool cap pulled down over his bald head, feet protected by thick socks – expectorated loudly, overcome by a bad stuffy nose contracted at the end of the previous morning, in the light and intermittent rain at the funeral service at the Prazeres Cemetery.

Wearing flip flops, by the window, the policeman, deep in thought, put a folded newspaper under his arm, squeezed beneath his armpit, while he stirred in an India china mug black coffee (mixed with ten cents worth of brandy) that he had just made on the cooker that stood on the dresser in the bedroom.

Distracted by the overcast day, the policeman stared blankly when, all of a sudden, a flash of lightning roused him. He peered over at the other bank of the River Tagus, where a darkened sky dispatched thunderclouds towards the old castle.

Sipping slowly, frowning, whimpering with every drop he let slide down his irritated throat, he decided that the impending rainstorm would wash out the crime-fighting operation he had planned for that night:

"Especially because it isn't authorized by the brass, or backed by a warrant: only feasible thanks to a small arrangement..." he said to himself, hoarse, a grim smile tacked on his dull countenance.

Intending to wile away the time until "zero hour," which he considered the ideal time to make the bold strike he had planned, he lit a cheap cigar, blew his nose into a handkerchief, and lay back down on the messy bed, but not without first pulling the pillow up against headboard so it would support his back.

He crossed his legs and opened the newspaper, *Diário de Notícias*, published on December 3, 1935, a Tuesday:

## FERNANDO PESSOA DIES

Portugal's great poet

*Fernando Pessoa, the extraordinary poet of Mensagem, a poem of nationalist exaltation, one of the most beautiful poems ever written, was buried yesterday. Death surprised him in a Christian bed at St. Louis' Hospital on Saturday night. Funeral services were arranged by the Barata Agency.*

The prolix news story went on for two long columns, nothing like the usual newspaper obituaries. It provided a detailed biography, copious literary criticism and fulsome praise of the dead poet; listed the names of those who attended the funeral, and quoted the brief impromptu speech delivered by Luiz de Montalvor, the deceased's companion of 34 years of literary life, at the foot of the grave where the body was buried.

"The whole crowd of friends and acquaintances of the deceased will not attend the funeral..." the policeman muttered to himself, lolling on the bed, after cross-referencing the names of those present at the funeral with the names listed in the book he had removed from the nightstand drawer.

Then he sat up in bed, rekindled the cigar that had gone out, and sat at the small desk set against the bedroom window.

With a crayon, he began to underline in the notebook the names of friends and acquaintances of the deceased who had missed the funeral.

The list was not short: *Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Bernardo Soares, António Mora, Raphael Baldaya, Frederico Reis*, and dozens of others, less frequently seen at meetings with the man he was investigating, who lived on Rua Coelho da Rocha in Campo de Ourique.

"Not even Ofélia Queirós deigned to attend the burial of her ex-boyfriend. Perhaps that love was not so unforgettable after all..." the PIC agent thought to himself, rejoicing inwardly, while biting the tip of the crayon.

"Where had all those people who didn't attend the funeral got to?" he asked himself, while looking at the pocket watch hanging by its chain from a nail on the wall of the room.

"Zero hour" was still a while away. He decided to cop some Zs until then; take a nap. He adjusted the pillow, stretched out on the bed and relaxed, confident in the success of the operation, so often postponed, which he would carry out later.

When he awoke, it was a quarter to midnight. He got out of bed and went to the bedroom window to check the weather. There was a light, intermittent drizzle.

He got dressed quickly, putting on a dark suit and raincoat, stuck a trilby on his gleaming bald head, and went to check the contents of the shopping bag he would take to do the *job*.

He checked the bunch of skeleton keys, picks and wires with bent tips, shook the little lamp (to check for oil), and rattled the matchbox.



"Don't want to screw up or get in a jam. The job has to be done screamingly right," he thought to himself, with a mischievous smile on his lips.

As he left the room, he remembered that he had to walk from the lower city to Campo de Ourique. It was so late that the trams and buses were no longer running.

"What you don't do on St. Lucy's Day, you can do any other day. And today's the day!" he muttered to himself, stamping down the street.

## I

MOST TIMES, MOST DAYS, I am overwhelmed by lethargic, tiresome loneliness, even if I am walking in a hurry, like now, among the soft human morass, at the height of lunchtime, amid the hustle and bustle of Rua do Arsenal, driving a wedge through hungry passersby, greedy to satiate the nutritional needs of the hour.

The brim of my hat pulled over my head, right hand wielding a rolled-up umbrella that serves as a walking stick, the left clutching the collar of my light-colored trench coat, briefcase trapped under my armpit, there I go, walking like an "Ibis," sometimes downstream, sometimes upstream in the back-and-forth flow of office clerks, civil servants, *vendeuses* from shops, tellers, vendors, people selling lottery tickets, young men who work in shipping and construction, the usual for a workday – for me as useless as holidays.

Paradoxical as it may seem, the nights and wee hours, in the solitude and warmth of my modest rented room, are a time when my peace and intimacy are hindered, almost always, by dozens of unlikely *creatures*: fictional characters, exposed on single sheets, which only exist in my imagination.

These *paper beings* – a few manuscripts, some typewritten pages – *live*, as it were, enveloped and holed up in an old chest – a sort of hostel for useless paper lying at the foot of my bed.

I have cohabited for some time with these *creatures*, who have various crafts and dis-occupations, almost all endowed with unique characters, eccentric temperaments and bizarre idiosyncrasies.

A considerable part of this *imaginary clique* is composed of literary unknowns, which reveal, unanimously, severe non-conformity with the frustrated state of Portugal's development, vis-à-vis the concert of European nations.

As *clever* as me, except for the most eccentric, these *paper beings* survive on meager incomes, generally from modest occupations.

Looming large among this *bando in folium* is the revered master, who died young in Lisbon in the first quarter of the century; another presents himself as a follower of Hippocrates, currently living abroad in self-imposed exile, since he had left his navel in Porto; yet another proves to be an exhibitionist and hysterical avant-garde naval engineer educated in Scotland, currently retired; another is reduced to a lowly assistant bookkeeper at a warehouse that imports and exports fabric, an aspiring writer of prose, unfortunately unpublished.

Most of these figures are nocturnal; some are inclined to present themselves as poets, others are more prone to writing prose. Nevertheless, none of them has the mental discipline to pull Portuguese intelligence out of the swamp in which it has wallowed for centuries.

Almost all these *creatures*, with one or two exceptions, are habitually in attendance in the ultra-modest first-floor room where I live alone, located at No. 16 Rua Coelho da Rocha, 1st floor, Direito, in Campo de Ourique.

Go there if you try to understand the vagaries of the sad lot to which I was destined by the gods of *Olisipo*\*: feeling like a hermit in the middle of a crowd; having all too much company when isolated in my sleeping quarters.

I try to speed up my pace – by now I under the arches of Terreiro do Paço – despite the pedestrian traffic, I somewhat late for the meeting at *Martinho da Arcada*.

I'm afraid I will be late to the rendezvous, because I constantly have to evade this mob of passersby.

I liked to call them street passers instead of passersby because I usually find the same people walking these streets, whether downtown or in Bairro Alto, at lunch time or after work.

Lisbon, when all's said and done, boils down to a few streets circumscribed between Calhariz, Rossio, Cais do Sodré and São Pedro de Alcântara – if this detail has not been noticed by a more astute observer, someone will write about it one day.

Portugal is a small country.

Walking hastily amid the incessant comings and goings of street passers: some famished, stomachs growling, *bellies glued to the backbone* as they say, eager for cheap meals within reach of wallets, as is usually the case with myself; some satiated, already stuffed, *bags lined*, most often in cheap diners, casting covetous glances at the shop windows, wandering the pavements, step by step.

Thanks to the good fates of the day, it's not raining, though there is some lightning. By the work of the gods who rule *Olisipo* there is still no thunder. "The devil is not always behind the door," as Aunt Anica often reminded those attending quasi-Spiritist sessions, already lost in the dusts of time, which that loving and sorely missed relative held on Rua Pascoal de Melo.

Coming from who knows where, near the Bourse, a vendor barred my way to show me (literally rub in my face) his few remaining lottery tickets, shouting at the top of his lungs.

I got rid of him by using a soccer feint that I'd learned from watching poor kids play in matches with improvised balls – balled-up pages of old newspapers, wrapped up in equally aged socks, bound with twine – in the outskirts of Benfica.

I walked away from the vendor with long strides, looking back now and again to

---

\**Olisipo* – the Roman name for Lisbon (T.N.).

see if the guy was still intent on selling lottery tickets. Thanks to the Knights Templar, the man had vanished in the crowd.

Providentially, while looking back at the ticket seller, I spotted an individual in a dark coat and suit, face hidden beneath a soft hat pulled over his forehead, who had been following me from a distance since Rua do Comércio.

Caught by surprise, visibly embarrassed, the man stopped all of a sudden. He looked up, then back, and decided to stop, hesitant and unconvincing, in front of a shop window displaying women's lingerie, feigning interest.

Wary, I tried to interpret that incident as the neurotic effect of the mania of which I am the victim, due to the contumacious mischief of the "chest clique," the creatures that occasionally escape and take to the streets, engaged in the work of snooping into other people's lives, namely mine.

I decided not to bother with that suspected stalker: I shrugged, considered the pursuit illusory – attributing it to my morbid fixation with being followed by the *residents of the chest* – and went on my way.

Brooding, I turned around abruptly when, inadvertently and awkwardly, I collided head-on with the pot-belly of a tumescent gentleman – a citizen who was probably successful in life, judging by the huge amount of fat overhanging his waistband – accompanied by a lady, walking in the opposite direction to mine, under the arches of Commerce Square.

I tried to apologize, overcome with guilt and embarrassment, while hearing unprintable words uttered by the person whom I supposed to be the man's wife – a portly lady also endowed with abundant deposits of fat and a pronounced mustache – shooting fiery glances at me in solidarity with her husband.

I escaped the scene of the noise, fleeing, going overboard, bowing and scraping and making obsequious apologies to the couple, not knowing where to hide, highly embarrassed, just in time to hear, behind me, "the devil take who walks there!" roared at the top of her lungs by the foul-mouthed lady who was *unleashing the evil one*, that is, giving me a tongue lashing.

I'm a passive person by nature – that's not a supposition – as well as being unaccustomed to dealing with the usual situations of everyday life, so imagine struggling with embarrassing setbacks in transit, in public places.

"*You are better read than heard, my dear,*" Sá-Carneiro whispered to me one day, in my ear, when the late poet still resided in this world.

For these and other reasons I could never understand the nature and atavism of my countrymen: the calling for bold transoceanic heroics, with the intention of conquering unknown worlds in the grand and wistful past; at the same time uproarious and intolerant, clogs in hand and curses on the tip of the tongue at the slightest pretext, in these modern, wild, frustrated times.

Inside the *Martinho*, Almada waved to me from a table in the back, sitting in the company of Montalvor.

I greeted them with a nod and a wan smile, and took off the trench coat and hat, which I hung on a hook next to a cane stand, where I put my umbrella.

I adjusted my bowtie in the mirror on the wall before sitting down.

On rainy days, I am usually sparse with greetings, as well as sparing with conversation, avaricious with comments, but I remain polished and affable, as long as no thunder roars in in the sky.

If however, there are thunderstorms in the *Altiplanuras*, I am inevitably assailed by fear, panic and the absolute inability to speak.

When subjected to such unpleasantries I usually seek refuge under the tables, perspiring and eyes bulging.

The nearest table, at the first thunderclap.

Almada had opened a folded page of the *Diário de Lisboa* on the restaurant table.

Before I settled into the leather-seated chair, he began reading an excerpt from a very instructive and provocative article – “The Secret Associations: A Poised and Thorough Analysis of a Bill Presented to Parliament,” which I had written for that politically independent evening newspaper:

*“...like most anti-Masonists, the author of this bill is totally ignorant of the subject of Freemasonry. What is known of him is, perhaps, worse than nothing, because, of course, he must have nurtured his anti-Masonicism by reading the so-called Catholic press, where even in the most basic aspects of the subject, errors are built on errors, combining those errors with churlishness, lies and slander, their distinguished daughters...”*

When he finished reading, Almada removed his glasses, closed the paper, and grumbled:

“As if it were not enough to call the author of the bill an idiot, you had the nerve to grace him with the epithet of liar! Not satisfied, you even offended pious biddies! What were you thinking, Fernando, when you wrote this article? Congressman José Cabral, the author of the bill, is part of the *entourage* of the Chairman of the Council of Ministers: the *professor* will not like this outrageous criticism!” observed my faithful friend in muffled voice, looking around warily.

“Furthermore, you put António Ferro, our friend who works at the National Department of Propaganda, in an awkward position...,” Montalvor muttered under his breath.

I asked the waiter for a glass of my favorite brandy. I had no plans to eat lunch: I was in such dire financial straits, stone broke, that I lacked the cash to commit such an extravagance at the *Martinho da Arcada*. I might come back at the end of the day, to try to have some supper – perhaps some julienne soup – with old Sá Mourão, the owner of that establishment, if invited, which happened reasonably often.

I adjusted my wire-rimmed glasses on my nose and lit a cigarette. Quickly, I stole a glimpse of the flash of ankle bared by the young lady at the next table, and said: “*In the first place*, Almada, *entourage* is a masculine noun, the French created it that way, patience, it’s their language. Secondly, the more appropriate term, in my opinion, to qualify the group of politicians that surrounds the good Chairman of the Council of Ministers, is *coterie*, also of French origin, and that in fact is feminine. At

*last*, someone should alert members of the National Assembly that the prohibition of Portuguese citizens to join secret societies is so absurd and ridiculous that, strictly speaking, if this bill becomes law, the children of Lisbon will be banned from playing hide and seek in the downtown. Bairro Alto, Chiado, the suburbs of Benfica and the outskirts of Lisbon, not to mention that the measure is an affront to my Aunt Anica, a respectable holder of secret, conspicuous and innocent Spiritist sessions, in the home where that loving relative once lived on the third floor on Rua Pascoal de Melo, before moving abroad, where she presently resides.”

Montalvor retorted: “*Sans blague*, Fernando: Almada’s concern, which I share, is that you could suffer some kind of reprisal or government persecution, on account of the bad repercussions that this newspaper article could have.”

The flash of ankle at the next table, fleeting as butter in a searing wind, had disappeared after a vigorous shake of leg, followed by a cute little pout, accompanied by withering look directed at me by the owner of the beautiful bone segment located between leg and foot – made recondite by an insignificant sock.

I darted back to the owner of the absconded ankle a shy look, which I hope suggested: “*How beautiful you are! ...*”

Meanwhile, I managed to spot, accidentally, over the shoulders of Almada, the emergence into the restaurant of the individual who, moments ago, had been following me under the arcades of the Paço.

After hanging his coat and hat on a hook, the man sat two tables away, took the menu from the waiter for that table, and, with a dark look, staring sullenly from a hairless face, peered up at me while glancing at the menu.

I removed the wire-rimmed glasses from my nose, wiped the lenses with a napkin, and put them back on. There was no question about it: it was the same man with the rough gait, girth without corpulence and latent hardness in his features who had been following me since Rua do Comércio.

Now hatless, my *stalker* displayed a completely bald skull, a smooth face, like a light bulb, eyes without lashes, jowly, prognathous, with the air of a fetus, like a premature creature, unforgettable for anyone who lays eyes on him. He breathed painfully, hissing when coughing, appearing to suffer from paroxysmal dyspnea – asthma, in laymen’s terms.

In one stroke I tossed the shot of brandy down my throat, lit a cigarette, and said:

“The article, I admit, is instructive and reflective, even provocative. It seeks to explain that Freemasonry, although it is neither a religion nor a mystical order, uses in its rituals the mystical patterns of various mystical sects, associations and ancient civilizations, especially the initiatic religions and orders of a religious nature of the people who represent the dawn of civilizations. I tried to describe the main aspects of that Order, emphasizing its importance for the development of Western civilization. The Masonic Order is historically a champion of democracy and civil and individual liberties, my good sirs.”

“I never dreamed you were a Freemason...” murmured Almada, also peering slyly at the hidden ankle of our neighbor at the next table.

"I've never been, nor do I belong to any other similar or different order. I am not, however, anti-Masonic because what I know of the subject gives me a highly favorable opinion of the Masonic Order. Freemasonry is not a secret order: a secret society is one that has hidden agendas and conceals its existence, as well as the dates and locations of its meetings. That is not the case with Freemasonry," I retorted.

Montalvor leaned forward slightly to settle himself in his chair and discreetly investigate what the hell Almada and I were both looking at under the next table, and commented under his breath:

"The New State is not exactly a democracy: we live under an authoritarian regime... We writers have an obligation to be careful, to avoid expressing opinions and taking actions which go against the government."

"I have been in an old state because that New State, Montalvor..." I commented with dismay. "I repeat what I have already said right here, in past sessions: there are no facts, just the interpretation of facts."

Almada, pretending not to see the glare of disapproval that the woman at the neighboring table had directed at us (indignant at the obsessive curiosity aroused by her ankle), distilled a counter-argument, with a touch of arrogance:

"In Portugal's New State, the only view that prevails and persists is the view of Professor Salazar. Aside from that, only with his permission!"

As I stealthily watched my alleged stalker (that persecutory pantomime reeked of the mockery of the *bevy of the chest*), I looked at myself in the mirror on the wall, noticed the crumpled suit, the tattered shirt, the dingy collar. Disillusioned by my clothing, and riled by Almada's *boutade*, I retorted:

"In this government of churchgoers, Almada, there are only three bases: power, authority and opinion."

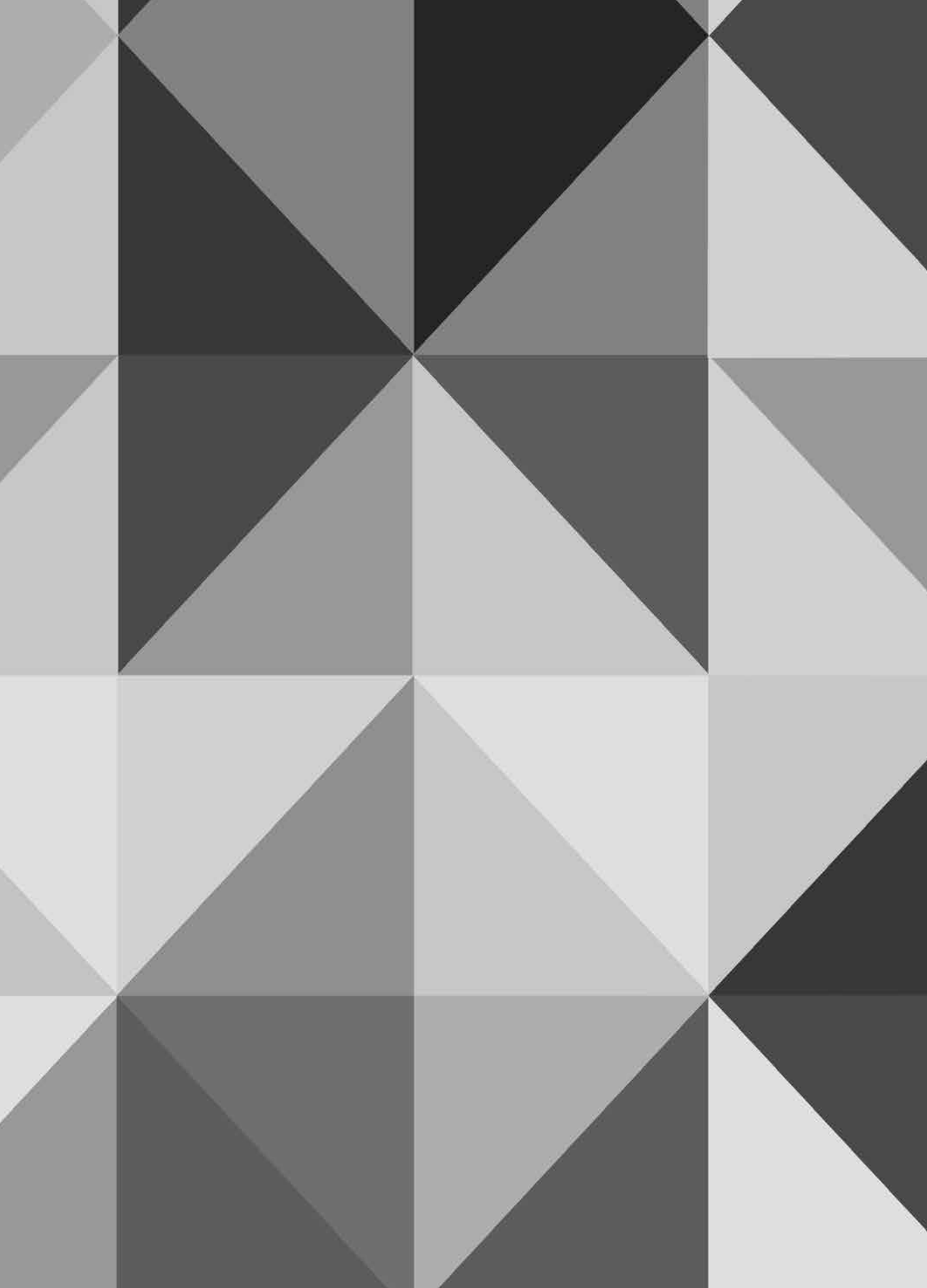
Almada, taciturn, declared: "Unfortunately, the Portuguese never had an opinion! We are a poor country but rich in ignoramuses!"

I shot a quick glance at the strange, fetus-like creature and pondered:

"In a speech that Salazar gave recently, at the National Propaganda Department's award ceremony, we learned that the restrictive Censorship rule of "*one cannot say this or that*" has been replaced with the Soviet rule of Power, "*you have to say this or that*." In the end, gentlemen, everything we write not only has to go against the principles, whatever they are, of the New State, whatever that is, but it has to be subordinated to the guidelines set by the supervisors of the said New State. This means, I assume, that there can be no legitimate literary expression in Portugal which does not include any reference to a balanced budget, the corporate composition, whatever the hell that means, of Portuguese society, and other jargon of the same variety..."

Montalvor, with a mocking smile on his lips, lowered his voice even more, and lamented, looking around warily:

"*Si nos coleos haberemus*; if only the Portuguese had *tomatoes* between their legs..."





ESPAÑOL



# INTERNACIONALIZACIÓN DE LA CULTURA DE BAHÍA

Uno de los lineamientos de la política cultural que la Secretaría de Cultura del Estado de Bahia ha asumido sostiene que el diálogo intercultural es un dispositivo imprescindible para el desarrollo y el enriquecimiento de la cultura. Se parte del supuesto de que cualquier manifestación cultural aislada, cerrada, aprisionada en las paredes de un gueto, que no establezca intercambios con otras manifestaciones simbólicas, tenderá a anquilosarse. De acuerdo con esta perspectiva, los diálogos interculturales cumplen una función esencial para la vida cultural en una contemporaneidad cada vez más globalizada.

La Secretaría de Cultura ha realizado un formidable esfuerzo por inscribir la cultura de Bahia en una intensa dinámica de interacciones intermunicipales, regionales, nacionales e internacionales. Este proceso se traduce en múltiples iniciativas que procuran intensificar el intercambio de nuestra cultura con otros universos simbólicos. Incluso aquellas actividades que no estaban explícitamente destinadas al diálogo han asumido un compromiso vital con estas dinámicas.

La Celebración de las Culturas de los Sertones permite un intercambio con expresiones arraigadas en muchos territorios de Bahia y de Brasil, sobre todo del Nordeste y de Minas Gerais. El Encuentro de las Culturas Negras ha posibilitado articulaciones entre las culturas negras de Bahia, de Brasil y de otras partes del mundo, como las Américas y África. Las Caravanas Culturales que recorren las regiones del estado intentan (re)conocer y vincular las distintas culturas que habitan y conforman Bahia.

En un escenario más orientado a los intercambios culturales, se han destacado algunas acciones, como, por ejemplo, la reciente inversión destinada a la difusión del teatro, que permitió la realización de la Muestra Bahiana de Teatro en el Festival de Curitiba, donde se presentaron siete piezas seleccionadas con la curaduría del actor Wagner Moura, y la organización un kit destinado a la divulgación de nuestro teatro, dirigida a curadores y profesionales especializados de los medios de comunicación.

Más allá de las fronteras de nuestro país, cabe señalar el trabajo de la Asesoría de Relaciones Internacionales, que, pese a las restricciones presupuestales y de personal, nos inscribe en el mundo a través de acciones como el Bahia Music Export y el programa de movilidad artístico-cultural. La Residencia Artístico Cultural del Pelourinho, que está en proceso de instalación, intensificará nuestros vínculos internacionales.

Estas relaciones interculturales nacionales e internacionales presuponen, obviamente, la afirmación de la singularidad de la cultura bahiana y la relevancia de nuestra identidad cultural. En rigor, si esto no se reconoce, no puede darse un

verdadero intercambio cultural, pues este supone siempre un encuentro entre culturas que se (re)conocen y respetan como movimientos relevantes. De lo contrario, en lugar de intercambios surgen imposiciones, dominios e imperialismos culturales.

Considerando este contexto, la Secretaría de Cultura, a través de la Coordinación de Literatura de la Fundación Cultural del Estado de Bahia, de la Dirección del Libro y Lectura de la Fundación Pedro Calmon y de la Asesoría de Relaciones Internacionales, decidió dar un paso para colaborar con la internacionalización de la literatura bahiana en 2013. Dado que entre el 9 y el 13 de octubre del presente año, Brasil será el país homenajeado en la Feria del Libro de Frankfurt, una de las más importantes del mundo, surgió el proyecto de promover una presencia más colectiva de la literatura bahiana en el evento.

Así, decidimos presentar en la Feria una publicación trilingüe (en inglés, alemán y español) con textos de 18 autores representativos del universo literario de Bahia, que abarca diversas generaciones, géneros y perfiles. El proceso de selección estuvo a cargo de una comisión de seis especialistas reunida específicamente para desempeñar esta tarea, sin duda difícil.

Tras presentarse en Frankfurt, esta publicación se utilizará en otros eventos internacionales para difundir la literatura bahiana. Con estas acciones, la Secretaría de Cultura busca ayudar a internacionalizar la cultura de Bahia y, en especial, a establecer nuevos diálogos interculturales, tan vitales para la cultura.

*Antônio Albino Canelas Rubim*  
Secretario de Cultura del Gobierno del Estado de Bahia

La publicación y difusión de esta obra, que reúne a 18 escritores bahianos, dará lugar, sin duda, a nuevos diálogos interculturales, y hará que estos autores sean visibles para todo un continente de lectores de lengua española, inglesa y alemana. La Feria de Frankfurt es el punto de encuentro del sector literario y editorial más importante del mundo, y es el primero de otros muchos eventos literarios internacionales por los que circulará la presente obra.

Hace diez años, Brasil instituyó su primera ley del libro. A partir de ella fue posible construir el Plan Nacional del Libro y la Lectura (PNLL). Inédito en el país, este Plan marca el inicio de un proceso en el que el Estado y la sociedad se unen para construir condiciones favorables para el desarrollo de políticas públicas del libro y de la lectura, profesionalizando el sector de producción y ampliando las posibilidades de acceso en un constante trabajo de estímulo a la lectura.

Publicar, traducir y difundir son pasos fundamentales para la internacionalización de las políticas públicas del libro, la lectura y la literatura, y son acciones que requieren un esfuerzo conjunto y continuo. Con esta edición, la Secretaría de Cultura del Estado de Bahía, a través de las fundaciones vinculadas con ella y de su Asesoría de Relaciones Internacionales, da un paso fundamental para fomentar la lectura de autores bahianos en Brasil y en el extranjero.

*Fátima Fróes*  
Directora General de la Fundación Pedro Calmon

**P**resentamos con gran entusiasmo este corpus de textos literarios de autores bahianos que, junto con las acciones que se han emprendido para fomentar el intercambio de escritores y las residencias de creación literaria, nos permitirá intensificar la política de promoción de la cultura bahiana en el mercado internacional.

La difusión de los textos de estos autores procura incrementar su visibilidad y promover traducciones y ventas en los mercados extranjeros. También permite que el espacio editorial internacional renueve su visión de la literatura brasileña, accediendo a una producción literaria que aún es poco conocida, incluso en su propio país.

Y ya que los textos literarios son indispensables para el conocimiento de cualquier cultura, invitamos a editores, agentes literarios, traductores, investigadores, y al público en general a conocer Bahía en toda su diversidad.

*Monique Badaró*

Asesora de Relaciones Internacionales de la  
Secretaría de Cultura del Gobierno del Estado de Bahía

# LITERATURA EN EXPORTACIÓN

La idea de Brasil que se tiene fuera del país, e incluso en su interior, se debe en gran medida a un conjunto cultural que la región de Bahia aglutina desde la colonia. La literatura producida en Bahia, en la que destacan figuras como Gregório de Matos, Castro Alves, Adonias Filho, Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro y Antônio Torres, por mencionar sólo a las que se nos ocurren antes de que podamos siquiera sospechar de nuestra memoria, ciertamente ha ayudado a formar una imagen de la cultura bahiana que, posteriormente, a través del cine de Glauber Rocha, las canciones de Dorival Caymmi, el Tropicalismo de Caetano Veloso, Gilberto Gil y Tom Zé o las batucadas del Olodum, ya no nos deja abandonar ese lugar, ese Macondo que flota entre el sertón y el mar. Ese sitio simbólico es casi siempre una metáfora del inmenso país que es Brasil. El legado africano, indígena y portugués constituye una fuente de sentidos, símbolos y mitos en potencia.

La capoeira, la cocina, el candomblé y el carnaval son los rasgos más conocidos de esta región, pero hay una Bahia contemporánea que muchos desconocen. Esta tierra tiene también otros sonidos, otras imágenes y otras letras que el mundo debe conocer. Bahia, orgullosa, se muestra como un estado del Nordeste de Brasil. Como un lugar en el que se reúnen distintas estéticas, diversos timbres, etnias varias y temporalidades sobrepuestas.

Con el objetivo complementar las acciones que el Gobierno Federal — a través del Ministerio de Relaciones Exteriores y del Ministerio de Cultura, vía Fundación Biblioteca Nacional— ha desarrollado para divulgar la literatura brasileña en otros países, el Gobierno del Estado de Bahia emprende un proyecto sin igual, importante porque llamará la atención del mundo hacia Bahia y, en consecuencia, hacia el Nordeste. O, más exactamente, hacia la literatura de la Bahia contemporánea. Esto no significa que hablamos de una literatura nordestina o regional. Se trata de literaturas que pueden estar configuradas en diversos tiempos en un mismo momento, el presente, y que, en consecuencia, brindan materiales para representar de manera fidedigna la diversidad que nos caracteriza.

La Secretaría de Cultura, a través de la Fundación Cultural del Estado de Bahia, en colaboración con la Fundación Pedro Calmon y la Asesoría de Relaciones Internacionales, creó un programa para la difusión de nuestra literatura. El programa incluye, entre otras acciones, la elaboración de un panorama de escritores bahianos o radicados en Bahia traducida a tres idiomas: español, inglés y alemán.

La selección se basó en algunos criterios: los autores debían estar vivos; debían ofrecer una variedad estética, debían pertenecer a distintas generaciones, géneros literarios, estilos y localidades; y debían ser escritores aun desconocidos, poco famosos o poco explorados fuera de Bahía. No se incluyeron en esta selección escritores consagrados a nivel nacional, como los grandes Antônio Torres y João Ubaldo Ribeiro, pues sabemos que son leídos, traducidos y, para nuestro orgullo, aplaudidos más allá de Bahía y más allá de Brasil.

La difusión de los 18 autores aquí seleccionados no tiene un carácter de homenaje, sino que es, ante todo, un intento de abrir caminos para que nuestra literatura se reconozca más allá de las fronteras del país. Esta es la primera acción de este tipo y, como todo primer paso, es difícil, ingrata, desafiante y, al mismo tiempo, apasionante. Esperamos que la sigan muchas otras.

Finalmente, aprovechamos para dejar aquí nuestro agradecimiento a los miembros de la comisión que enfrentó el reto de seleccionar a los autores que conforman esta publicación. Conformaron esta comisión el escritor, profesor emérito de la Universidad Federal de Rio de Janeiro y miembro de la Academia Brasileña de Letras, Antonio Carlos Secchin; el crítico y profesor de la Universidad Federal de Bahía Antonio Marcos Pereira; la periodista e investigadora Josélia Aguiar, especialista en cobertura literaria y columnista de la *Ilustrada* y la *Ilustríssima*; Jorge de Souza Araújo, crítico literario y profesor titular de la Universidad Estatal de Feira de Santana; Milena Britto, crítica literaria, profesora de la Universidad Federal de Bahía y coordinadora de Literatura de la Fundación Cultural; y Nancy Vieira, investigadora y profesora de la Universidad Federal de Bahía.

Esperamos que esta literatura se lance al mundo para que nuestra Bahía-Macondo crezca aún más.

*Nehle Franke*

Directora General de la Fundación Cultural del Estado de Bahía

*Milena Britto*

Coordinadora de Literatura de la Fundación Cultural del Estado de Bahía



## EL HOMBRE QUE SABÍA LA HORA EN QUE IBA A MORIR

(Capítulo del libro "O homem que sabia a hora de morrer", Ed. Escrituras. 2012. Beca Funarte de Estímulo a la Creación Literaria y Convocatoria de Apoyo a la Edición de Libros de Autores Bahianos - FPCalmon)

12. 24 de junio – N. de San Juan Bautista– Día de la fiesta de San Juan.

Soy la primera nieta de mi abuelo. Según la tradición de los pueblos de provincia, los abuelos suelen bautizar a los primeros hijos de sus hijos. Mi abuelo me bautizó. Era mi abuelo y mi padrino. Yo era su nieta y su ahijada. Recibía su protección como si fuera su hija, preferida, privilegiada. De sus manos recibí la confirmación. Mi abuela me tomó de los brazos y piernas y me ungió la cabeza como el santo profeta a cristo. ¿Escuché una voz que decía: "Esta es mi hija amada, en quien tengo complacencia"? ¿Estuvo presente el espíritu santo bajo la forma de algún animal? ¿Era él el que ladraba feliz allá afuera de la iglesia? ¿Estaba el reino de los cielos al alcance de mi mano? Era muy pequeña, me bautizaron incluso antes de que se me formara la conciencia, pero lo recuerdo como un vestigio o como un mensaje que aparece entre sueños. Recuerdo que me entumeció la humedad del agua bendita que me mojaba el pelo. Y con la cabeza empapada, casi sin respirar, tuve la primera sensación verdadera de mar. El agua del bautismo me purificaba, me limpiaba el cuerpo como las olas.

Mi primer sacramento llegó a través de esas manos eternas de mi abuelo, que, al bañarme en las aguas, me iniciaba en el arte de conocer lo imposible sumergiéndome el alma en gracia, intentando ocultarme las culpas y pecados que ya venían conmigo, quitándome la condición de pagana e introduciéndome en otros ritos para que entendiera un poco más del mundo a partir de sus elementos. Y a través de la bendición, pidiéndole a Dios que me bendijera. Y si tenía que ser, que así fuera: que yo supiera mi hora.

Mi abuelo se casó el día de la fiesta de San Juan. Y un día me contó cómo fue. Se había prometido a sí mismo que no raptaría a su mujer, que la honraría con respeto. No es que su madre perdiera el honor porque la hubieran raptado, a fin de cuentas fue un acto de amor. Pero con su mujer quería una relación distinta, sin el arrebatamiento de los secuestros. Las dos familias reunidas en un bodorrio, todos unidos en la gracia del Señor. Me dijo que la



fiesta no había tenido nada de elegante como las fiestas de la ciudad. Y me contó cómo fue.

Y fue una cosa de lo más linda el relato que me narró. ¿Cómo heredar eso de mi abuelo? Esa fiesta hubiera sido mejor que saber la hora de mi muerte. Una boda en las fiestas *juninas*, la noche de San Juan Bautista. Una ceremonia pequeña, en la sala principal de la casa donde él viviría en lo sucesivo con mi abuela. El día 13 de junio del año anterior se habían conocido en la fiesta de San Antonio, subiendo la cuesta para ir a la misa del santo. Vaya uno a saber si mi abuela le pidió al santo casamentero que le regalara este matrimonio.

El día de la boda, un padre de los alrededores llegó temprano, comió carne ahumada con todos los parientes, tomó aguardiente de uva con *jenipapo* adentro y fue a vestirse en el cuarto principal de la casa para iniciar el sacramento, reconociendo las gracias recibidas. Cuando llegó el momento, los bendijo a ambos, ofició una misa cortita, con los votos de respeto y fidelidad de siempre, y se fue en la misma mula en la que había venido. Para entonces ya era de tardecita, ya se acercaba la noche, ya había globos de cantoya en el aire y en las fogatas chisporroteaban las primeras centellas del fuego y de la brasa. La farsa de la boda campesina comenzaba.

Tres músicos de la región –tres hermanos ciegos– empezaron a tocar el acordeón de ocho bajos, el bombo, el triángulo, y un muchachito listo, que acompañaba a los ciegos, iba cantando una trova tras otra para que todo el mundo bailara. Pero nadie escuchaba la voz del muchachito, porque todo era bullicio y humo y además había niños afuera soltando fuegos artificiales, cohetes, escupidores, brujas y otros petardos. Y poniendo un sapo dentro de una lata, y una paloma para que la lata estallara con el sapo dentro, porque los niños son, siempre y donde sea, una cosa perversa que no tiene ni idea del tamaño de su propia maldad. Mi abuelo iba contándome que había bailado *baião*, había bailado *xote*, había zapateado toda la noche con mi abuela. Y su más grande sueño (esto me lo contó con mucha ceremonia, aunque no fue exactamente eso lo que dijo, sino que la mitad me la invento yo) era que la fiesta se acabara pronto, pero nada que se acababa. Su sueño era más bien unas ganas de que todos se fueran para ir a encontrarse en el cuarto con mi abuela a solas. Su sueño era dormir para después soñar ese sueño. Hicieron en total trece hijos. Cuatro se malograron. Quedaron nueve. Todos los aldeanos del campo llevaban pantalón de tergal y camisa de algodón fino blanco o beige, todos en mangas de camisa y solo mi abuelo con un traje muy mal hecho, mal cortado por alguien de por ahí que debía decirse sastre. Y con su traje y el pelo engominado, todos estaban de acuerdo, se parecía al poeta Castro Alves, ese que tenía una estatua en la ciudad. Y como en la intimidad mi abuela le decía Cecelo a mi abuelo, el muchachito cantó un forró famoso para celebrar la boda.

*“Mira el fuego, mira el fueguito  
 Quemando las puntas de paja de mi sombreroito  
 ¿Y dónde está Rita, que no ve a Cecelito?  
 Masca o una brizna de hierba, piensa y mira el cielito.  
 Y de repente, él tomó su acordeón,  
 Y me arrulló con una canción  
 En el San Juan del Carnerito mi amor.”*

Y yo escuchaba el relato de la boda y me maravillaba, alcanzaba un estado de éxtasis total, deseaba haber estado en esa fiesta y haber bailado dentro de aquel germen ancestral que, más tarde, daría origen a mi criatura. Me puse a imaginar cada detalle de la boda, hasta lo que a mi abuelo se le había olvidado contarme: la *canjiquinha*, la *moqueca* de maíz, las banderillas, el elote asado, los cacahuates tostados y los bailes que mi abuelo había bailado. Yo deseaba, ante todo, el baile. Que debía haber sido destartalado, chueco. Yo quería desenchuecar el baile de mi abuelo para que el movimiento de bailar ya no se detuviera nunca, para que sobreviviera a todas las generaciones futuras. Quería casarme bailando para tener un hijo que naciera bailando y que creciera bailando. Quería un baile de *quadrilha* con toda mi familia y todos mis amigos y todos mis amores.

Yo había estado en esa fiesta: el pasado y el futuro son cosas que no existen para el pensamiento y la imaginación. Lo que esperaba de la vida y de la muerte era la fiesta. La fiesta y el movimiento del baile en las hojas, en las olas, en el cuerpo. Lo que siempre quise fue heredar esa fiesta. Y la heredé. En ese momento ya no me importaba si sabría de mi muerte o cómo iba a saberlo. Quería, únicamente, la fiesta.

## LAS MUJERES AZULES

(Cuento publicado en el libro “Caramujos Zumbis”. Ed. Caramurê, 2012.)

*“Si alguien ve un asno comiéndose un higo o un higo comiéndose un asno (ninguna de estas dos circunstancias se presenta con frecuencia, a no ser en la poesía), no dudéis que, tras preguntarse durante dos o tres minutos qué conducta debe tomar, abandonará el camino de la virtud y se pondrá a reír como un gallo!”*

Conde de Lautréamont

Hoy es el día de la fiesta donde matan. No sé si jaguares u hormigas, pero matan. Nosotras, las mujeres azules, no podemos entrar a esa fiesta. Las

mujeres blancas y los hombres azules entran. También entran los hombres amarillos, blancos y negros. Las mujeres negras y amarillas. Pero nosotras, las mujeres azules, no podemos. Nunca nos han dicho quién muere en realidad, pero intuimos que la muerte está presente porque, de no ser así, la fiesta no se llamaría fiesta donde matan.

El inicio de la tradición de la fiesta donde matan fue hace tanto tiempo que ya ni nosotras nos acordamos bien (si es que hubo realmente un principio), pues creemos que todo data de tan antiguamente que hasta antecede a nuestra propia existencia. Así, la fiesta donde matan sería tan remota que quizá existiría incluso antes de que existieran las mujeres azules y de que no pudieran asistir a ella. Nosotras presentimos que si algún día existió la fiesta donde matan sin que existieran aún las mujeres azules, la fiesta no tendría sentido, pues todo lo que existe necesita su opuesto, complemento que se manifiesta a través de límites, de prohibiciones, de reglas inexorables. Así pues, imaginamos que somos nosotras las que legitimamos la existencia de la fiesta donde matan, pues para matar necesitan a las mujeres azules. O no. Tampoco podemos sacar conclusiones propias porque las conclusiones de las mujeres azules sobre las fiestas donde matan no valen nada. Aunque sacar conclusiones es lo que nos queda a nosotras, que no asistimos a la fiesta.

Nunca nos han dicho qué hacen por allá, quién muere realmente, cómo muere ni por qué muere. Matan: solo sabemos eso. Y ni siquiera estamos del todo seguras de que maten realmente, pues nunca hemos visto ni oído nada. En otros tiempos preguntamos (y en nuestro tiempo también seguimos preguntando) por qué se llama fiesta lo que hacen. Ellos nunca responden a nuestras preguntas: no nos ofenden ni se ríen de nosotras, pero tampoco responden. ¿Una fiesta no tendría que ser una reunión alegre para divertirse? No parecen divertirse los que entran a la fiesta donde matan. ¿Una fiesta no podría ser una solemnidad? No parecen solemnes los que salen de la fiesta donde matan. No hay pompas, no hay formalidades dictadas por leyes o costumbres fuera de la que ya sabemos: que las mujeres azules no pueden participar en la fiesta. ¿Una fiesta no tendría que ser una confraternización? No parecen celebrar juntos ninguna remembranza, recordar ningún acto ni evocar ningún acontecimiento: entran y salen de la fiesta como si estuvieran vacíos de recuerdos o compromisos: a todos les molesta estar en la fiesta donde matan. ¿Una fiesta no podría ser, también, la conmemoración de algún santo? No parecen profesar amor a un santo asesino. Los conocemos, son nuestros vecinos, nuestros hijos y nuestros hombres: no les inculcamos el culto a los santos malos. En todo caso, una fiesta es, según nosotras, un acto de celebración con el otro. Sin el otro no hay fiesta, y si ellos nunca celebran, ¿por qué le dicen fiesta a lo que hacen? ¿Y quién fue el que, un día, le puso a este evento el nombre de fiesta donde matan? Más preguntas para nosotras,

que nunca tendremos respuestas. Pero nuestro deber es seguir preguntando. Y más y más y siempre. ¿Qué sería de nosotras si nunca hiciéramos preguntas? Las preguntas se inventaron para hacerse: no seremos nosotras las que contradigamos las leyes de las preguntas, aunque todos los demás contradigan las leyes de las respuestas, manteniéndonos ignorantes sobre todo lo que tenga que ver con la comprensión de la fiesta donde matan.

Hace algunos meses llegamos a pensar que la fiesta era algún tipo de conspiración en contra nuestra, porque nosotras éramos las únicas que no podíamos asistir. Pero pronto supimos que no: ellos se pusieron muy tristes cuando les confesamos eso. Y hasta nos dijeron que somos unas suertudas por no entrar en la fiesta. Vivimos (al igual que nuestras antepasadas, que escucharon las mismas reservas de sus contemporáneos) largo tiempo con la ilusoria felicidad de que éramos especiales, de que la excepción es siempre un don, pero no. Hay excepciones felices y excepciones tristes. Pero no sabemos si participar en la fiesta donde matan es una excepción alegre o triste.

Sería una excepción triste si en la fiesta mataran hormigas. Porque a nosotras, las mujeres azules, nos gustaría formar parte de un ritual donde se matan hormigas. Hablamos de rituales hace pocos días con algunos de ellos y ellos se entristecieron. Y como a veces también responden a las mujeres azules, dijeron: *"nos gustan los rituales de cepillarse los dientes después de las comidas"*. Esa respuesta bastó para que nos reuniéramos a revelar el sentido oculto de la frase. No pudimos, y dedujimos que tanto a los que asisten a la fiesta donde matan como a nosotras, que no asistimos a ella, nos gusta el ritual de cepillarnos los dientes. Somos un pueblo higiénico.

Y sería una excepción alegre si en la fiesta mataran jaguares. No somos exterminadoras de especies. No apoyamos este tipo de sacrificios. ¿No será que no nos invitan a la fiesta donde matan por nuestra falta de apoyo? ¿Y por qué siguen yendo a la fiesta donde matan, si ni siquiera los hace felices? Nuevas preguntas que las mujeres azules nos hacemos constantemente cuando vemos los ojos tristes de los que presencian la fiesta donde matan. Ellos callan. Nos miran a los ojos y dicen solo con sus bocas: *"así tiene que ser"*, y nosotras seguimos con más preguntas, que empiezan a sonar a rebeldes cuestionamientos. No nos sentimos privilegiadas por no participar en la fiesta donde matan. Lo único que queremos es poder formar parte de la fiesta, aunque no salgamos felices de ella. Les dijimos eso y ahora ellos sonríen y dicen que no sabemos absolutamente nada, que lo ignoramos. Ya sabemos que lo ignoramos. Y finalmente dicen algo que a nosotras, que estamos tan ávidas de respuestas, nos parece una revelación: *"Lo que importa no es si estamos o no felices en la fiesta donde matan. O somos o no somos felices. Estamos felices y luego dejamos de estarlo. El que formemos o no parte de la fiesta no lo cambiará."* Y nosotras, que nunca entramos en la fiesta ni entraremos jamás,

no supimos mensurar el pedazo de verdad y lucidez de esa afirmación, proveniente de los que asisten a la fiesta donde matan. ¿Por qué nos serían leales?

El que maten jaguares u hormigas solo son suposiciones nuestras. Idealizamos un referente de creencias. En realidad, ya hemos escrito manifiestos y libelos sobre la fiesta donde matan. Creo que nosotras argumentamos, teorizamos y reflexionamos más sobre la fiesta que ellos mismos. Hemos hecho compendios y tratados. Y no descartamos la hipótesis de que también mataran animales más grandes que los jaguares. En realidad, podrían matar hasta personas. Y sufríamos en nuestras reuniones cuando nos dábamos cuenta de que podíamos clasificarlos como asesinos en potencia. Pero el sufrimiento se esfumaba cuando recordábamos que quizá mataban animales mucho más pequeños que las hormigas, esos insectos que ni se ven, y entonces ya no sabíamos cómo clasificarlos, pues todas nosotras creíamos que matar hormigas era irrelevante, y que los que mataban bichos invisibles eran dignos de exoneración. Hoy pensamos de una manera muy distinta; sabemos que la muerte es igual para los jaguares y para las hormigas. Y ya no nos importa qué es lo que matan, si puercos, saltamontes, viejos, bebés, protozoarios o elefantes. Lo que queremos es formar parte de esa fiesta y poder matar también, sea la especie que sea.

Lo que durante largos períodos de nuestras vidas nos ha intrigado es la completa y absoluta indiferencia con la que entran y salen de la fiesta. No nos dan absolutamente ninguna pista de lo que eventualmente hacen allá adentro. Entran y salen y entran. Y nosotras, por todas las vías posibles, intentamos entender por lo menos una razón (a través de una mirada, de una sonrisa, de un ceño arrugado o de un labio mordido), pero nada, absolutamente nada, nos revela el sentido de esa fiesta.

No escuchamos sonidos provenientes de la fiesta. Ningún sonido, ni de exaltación ni de sufrimiento. En la ropa que llevan puesta no dejan que trasparezca nada, ni sangre ni sudor. Es ropa del día a día que usarían en cualquier otro lugar, sin un solo rasgo distintivo. No hablan en clave, ni hacen ningún gesto. Simplemente, al llegar el día y la hora de la fiesta donde matan, dejan sus casas, sus trabajos, sus hobbies y van al lugar donde se celebra la fiesta. No sabemos nada de lo que sucede en ese espacio cerrado, situado en una calle abierta al paso de todos, que nosotras, las mujeres azules, incontables veces hemos visto, innumerables veces hemos recorrido. Hemos hecho tantos planes para meternos en el espacio donde se celebra la fiesta donde matan que, si intentáramos recapitular todas las estrategias que hemos planeado necesitaríamos más de un día para describirlas: nos extenderíamos durante todo un mes. Quizá durante un año. Han sido cientos de métodos, miles de proyectos, millones de intentos, nunca podríamos describirlos todos. Nunca pudimos entrar, es cierto. No es que vigilen con demasiado rigor

la entrada de la fiesta donde matan. Pero existe una fuerza mayor, a la que nosotras, las mujeres azules, nos rendimos: e incluso cuando estamos a punto de alcanzar nuestro objetivo, retrocedemos sin saber por qué. Pensamos que es nuestro destino: no entrar nunca a la fiesta donde matan.

Hoy es un nuevo día de fiesta. El día que tanto esperamos. Incluso creemos que somos las únicas que esperamos con tanta ansiedad este día. Este día que nos causa tanto sufrimiento y pasividad, pero que a la vez nos mantiene vivas, unidas. Nosotras, las mujeres azules, sabemos que somos distintas por nuestra imposibilidad de entrar a la fiesta donde matan. Y eso nos da suerte y pavor. Solo hoy descubrimos, después de largos discursos y minuciosas resoluciones, que tal vez somos nosotras las que morimos por no estar allá adentro, matando a quien sea que esté aquí afuera.

## ÑO GUIMARÃES

NOVELA NHÔ GUIMARÃES (FRAGMENTO)  
("Nhô Guimarães". Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.)

– ¿Ño Guimarães por aquí? ¡Cuánto tiempo! Ah, no. ¡Nsh, nsh! No, no es él. Pero, ¿quién es usted? ¿No me lo dice? Apéese igual. Acérquese al frente, estese a gusto. Entre, ya le doy un poco de agua fresca. Venga a ver que la mejor es esa del cacharro de barro, de los antiguos, que todavía tengo. Guste.

Yo, de primera, medio, lo confundí a usted con otra persona. Pero no tiene goyete. De cerca, se ve que usted es mucho más joven. ¡Y hace ya tanto tiempo! Las ganas nos hacen ver cosas. Era muy amigo nuestro. Venía en un caballo como el suyo, con el mismo polvo de este camino. Mi marido Manuel Adeodato y yo, nosotros vivíamos esperando que nos visitara una vez más. ¿Pero acaso vino? Nada. El tiempo fue pasando, Manu poniéndose viejito, de repente allá pasó a mejor vida. Yo me quedé sola, al pie de esta sierra. Es verdad: no sobra nadie como semilla, ¿no es cierto?

Ño Guimarães no vino nunca más Pero seguí esperando, al acecho, pues que él había prometido la visita. ¿Y promesa no es trato? Manu quería que volviera, vivió esperándolo. Ahora me toca a mí cumplir.

Pero, ¿quién es usted, que parece tan joven, por estos lares? Por el polvo del sombrero, llega de un viaje largo; su caballo tan sudado. No se me abochorne, descanse. Yo lo vi llegando, pensé: es él. Se parecía, pero pronto caí en la cuenta que no era. Hasta su montura se parece a la de él; es decir, no estoy segura, que mis ojos se arruinaron mucho. El tiempo pasa, va royéndonos poquito a poco; un día, allá se va uno más a la eternidad. ¿Y hay remedio?

Ahora, caray: voy a tener que contarle la historia más larga. Venga, acomódese. ¿Quiere un poco más? Mire, voy a hacer un café fresquito. Usted es tan moderno, ¡Dios lo bendiga! Mientras el agua se calienta, vaya escuchándome. No me cuesta un cachito de parla. Como si fuera con él, en los buenos tiempos. ¿Ajá?

Ño Guimarães comparecía aquí, unas cuantas veces; fue en aquellos tiempos. Era un hombre bien plantado que venía por estas partes de por acá, pero solo a ciertos caseríos. Cabalgando era una maravilla, amblando, tocotoc, tocotoc, viene que se viene. ¡Arre, diaaaaá! ¡Si lo era! Yo, en siempre, me quedaba en la vichada, solo que silenciosa, mensurándolos a él y a Manu en las parlas, cosas de hombre, aquí en casa. Hoy yo mando en todo, es mi derecho. En aquel tiempo, no: escuchaba nomás. Recuento la vida a mi modo, pues me gusta mucho hablar tendido.

Manu y Nhô Guimarães intercambiaban en esta mismísima sala unas cuantas parlas. Ellos se reían de las charlas, a mí las que más me gustaban eran las más

macanas. A Ño también le gustaban, con unos ojos de mucha atención. Manu se extendía, hilvanando los cuentos, fuera lo que fuera. Y yo ahí, fíjese.

Nuestro hijo, bien chiquito todavía, asomaba los ojitos, disfrutando. Pero enfrentaba unos peligros de que lo amonestaran:

– ¡Vayasé pa'entro, mocoso! ¿Dónde se habrá visto gente menuda mensurando asuntos de mayores? –decía Manu, con deferencia hacia aquel hombre de tanto trato.

– Déjalo –intercedía Ño, pero sin siquiera mirar, comprendiendo las cosas nomás. Pues entonces Manu lo dejaba. Lo bueno que era.

Otras veces, de tarde, al bajar el Sol, Ño se quedaba en cuclillas en el patio, Manu al lado, fumaban juntos aquellos cigarros. Sabía hacer uno, de propio, picando naco, lengüeteando la chala. Lo hacían así, iban armando con la punta de los dedos, bien concentrados los dos. A lo que estaban prendidos, con un ascua que yo traía del fuego, allí cometían los mejores pites. Les daba gusto el humo desarmándose en el aire, que hasta soplaban. Antes se tomaban un café del pilón, tostado en casa, con clavo, que ese día yo colaba con mucho más gusto. Que ese día era uno no cualquiera, si había la parla en cuestión.

En esos instantes, cuando Manu contaba las historias, Ño Guimarães se retorció los rasgos de la cara, aprobando los modos. Él pensaba, rehacía las frases, inventaba unos detalles más. En el acto, contaba la historia de vuelta, con formas tales que parecía otra, pero era la misma. Era un hombre de sobrada importancia. Un distinguido doctor, del sertón y la ciudad, dos veces lugareño, muy conocedor de los caminos generales. Venía a los alrededores, de aquí mismo del lugar, en estos distritos yermos, de donde el viento y caminos se desvían. Después a después, fue yendo cada vez más lejos, ciudades bien grandes. Volvía al tiempo, con las novedades.

Dios en el cielo, y Ño Guimarães en los Gerais. Eso Manu lo relataba todo contento, de siempre a siempre. El doctor tenía un no sé qué y otros: unos porqués de gente de retintas sabidurías. Largas parlas, él anotaba, de repente, unos trazos en los papeles que traía en la faldriquera, en el jubón negro, de cuero rudo, esas otras cosas. ¡Ah, no embrome! Lo que yo querría de verdad era un sombrero de esos, de recuerdo, para ponerlo ahí en lo alto, en mi pared. ¿No quedaba bien arregladito? Me dieron ganas, pero no sabía cómo pedírselo, hoy me arrepiento. Querría tener un signo de sus visitas en mi rancho encalado. Cuando yo dijera “Ño Guimarães pasó por aquí”, enseguida mostraría la prueba palmaria. Pero...

¿Está usted oyendo? Le cuento los sinembargos. Ño Guimarães venía, después desaparecía largo tiempo, sin mandar noticias. Pero siempre volvía... Hoy, si volviera, como parecía ser, pero era usted, sería muy bueno, me daría mucho gusto. Yo ando como Manu en aquel tiempo, en las maneras que tenía, mismando la edad. Usted, por otra parte, ahí de frente, hace las veces, ya que Ño no viene más. Debe estar hecho un viejito bien empinado. Eso es de tal y cual, que demasiado hasta es interesante. El tiempo fue pasando, pasando, repasó. El pajarito allí fuera aún canta, pero es otro. Que Ño, él, él mismo, se fue muy lejos, ya lo



sé. Las gentes somos unos tristes, hasta los montes, fíjese... Distinto de tiempos buenos, nosotros y nuestro hijo benjamín, Manu aquí vivito y coleando –¡Dios lo llame para allá!–, ciertos cambios son obras del tiempo. Extraño a Manu, que hoy habita una fosa florida, que yo siempre cuido. El día de los muertos me gusta la visita, charlo con él, le cuento las novedades. Yo aquí, mientras no me voy con él, a la más segura morada, conservo un deseo. Yo querría saber sobre nuestro hijo, que desapareció por el mundo. Vivir es un peligro, pero todavía tengo una triza de esperanza. ¿Quién conoce el futuro? Quien tiene esperanza la aprovecha.

Ño Guimarães y Manu, en sus tamañas parlas, los dos combinaban. Pues escuche: Manu le contó una historia, después Ño Guimarães contó la misma, con palabras otras, unas muy difíciles de saber para uno, pero lindas. Uno contaba, otro añadía, se reían, yo mirando nomás, sin ganas de escuchar ladridos de perros, maullidos de gatos, mugidos de vacas, o cantarolas de pajaritos. Una nada. Solo prestaba atención a un cuento que saboreaban con café y pitadas. Pues.

Hubo esa época buena, muchas parlas. Después Ño Guimarães viajó demasiado lejos, y nosotros nos quedábamos esperando que pasara otra vez por el interior. Que cayera por acá. Pero no venía. A veces Ño Manuelzão pasaba arreando ganado, nosotros indagábamos. Él nos ponía al tanto que Ño Guimarães estaba cada vez más con lo de la fama, más y más importante, en la ciudad grande, sin tiempo de venir a hablar con nosotros. La gran ciudad es así, encanta y cambia a las personas. Dios las proteja. Los hijos de una se van para allá, nunca más vuelven; unos a veces, solo en las fiestas. Se vuelven otro tipo de gente. Muchos viven y se terminan por allá nomás, una se conforma solo con los recuerdos. Los hijos de ellos desconocen el pasado, borran a los parientes de su memoria, sin que siquiera reste amistad. ¿Usted es de allá? ¿O fue de esos? ¿Qué lo trae a usted a nuestros pagos de ese principio de mundo?

La gran ciudad enreda y aprisiona a la persona en sus entrañas. Nuestro hijo se fue, desapareció por allá, se hizo polvo en la confusión de tantas piernas. Un lugar que decían de gran riqueza, donde el dinero se ganaba fácil. Una vez fuimos allá, después de dos días de viaje en un ómnibus bien grande. Pero, ¡qué viaje incómodo! Nos disgustó. Dios me libre de vivir en un lugar de esos. Una gente toda apurada, preocupada, nadie le da los buenos días al prójimo. Después de un tiempo por allá, nuestro hijo no mandó más noticias; nos quedamos con el corazón en la mano, sin saber su paradero. Desapareció de dirección. Fue entonces, un día lo supimos, por un recado que llegó, mandado aquí a la puerta. Él, un hombre hecho, ya caneando, desapareció sin dejar noticias. Por lo menos que yo sepa. Con ese aviso de desaparecimiento, tuve un soplo de río en los ojos. ¿Y había remedio? Mi viejo se puso recto, en oración, enderezando la espina torcida, en el total tranquilo de sus postreros entristecimientos. Era lo duro ese saber, todos se daban cuenta. Un hijo que perdíamos y, justamente por eso, recibíamos para siempre en el recuerdo. Esperábamos, zafras y zafras, que volviera. ¿Dónde andaba? ¿Se casó? ¿Tuvo hijos? No vino más, hasta que se nos secó la esperanza, en cuanto la noti-

cia. Yo todavía lo extraño. De un hijo, si está muerto, se quiere la tumba cerca que visitar, prender una vela, arreglar unas flores, susurrar una oración. ¿Está usted de acuerdo, o no aprueba esas creencias más antiguas? Sí, usted aún es muy moderno, debe de ser de esos que ni creen en Dios. ¿Pues sí? Ni pensarlo. ¿Usted tiene algún secreto? Espérese nomás: de vez en tanto, el tiempo suspira. Ese momento es un peligro que uno se descubra, una caja que cae al suelo, se desparraman, incluso sin querer, y se muestra, libertando los saberes. ¡Ah, pues no es así? Por ciertas experiencias, el pelo de una ya nace blanco. Unos se quedan, de una vez, con una molestia, una tristeza. El bien y el mal, esos amigos, andan a los abrazos: ¡todo cuidado es poco! Estoy suficiente para contarle, pues nunca me abrí tanto en una parla, en todos estos años en que ya voy y ya van. No hice nada por ruindades mansas, de esas no convivo. Permanecí desacordada de las cosas, años y años: todo se quedó trancado acá dentro en un lejos de mí.

Ni tiene usted que creerme, no le solicito ese esfuerzo: basta que oiga, eso ya me da los efectos. Creer o no es cosa de cada quién. Yo narro, gustando contar el cuento, aun mejor que la realidad. La cura de todo es la manera de contar. Créame si quiere, hasta en el supongamos se aprende lo que es la vida. Pasa el tiempo, se aprende bien lo que puede ser. Medite usted, que la vida se compone de alguna alegría y muchos dolores.

Pero olvídelo, que Ño Guimarães es asunto mejor. Él nos daba mucha alegría con sus visitas. Así, así, si oigo un tropel, clop clop clop clop, a veces pienso que es él que viene, como en los viejos tiempos. Una guarda la memoria de ciertos barullos. Por eso al llegar usted, yo prácticamente vi al mismísimo. ¡Pero qué voy a verlo! No viene, no viene nada, nunquísima vez. Quizás muy viejito para cabalgar, ¿habrá fallecido? Manu aseguraba que sí, por los avisos. Yo nunca le quise creer, ¡¿pues no lo vi?! Pero puede ser verdad. Esto son los viveres, pare usted mientes.

Así setentando, sin embargo, creo que me acuerdo. De vez, Manu se quedaba pastoreando los caminos. Era donde unas briznas querían seguir al viento, pero el suelo no las dejaba. Por ahí, bien callado, en cuclillas, armaba los dos cigarros. Se fumaba uno, el otro se lo guardaba. ¿Vendría? Yo, como quien no quiere la cosa, observaba esas frases mudas, las parlas de los de antes. Siempre, así, esperando la suerte, aunque por mientras. Se levantaba un polvo sediento de los caminos desiertos. De repente, un trote, clop clop, clop clop, ¿era? De sué que venía de los días de soles pasados. Pero: vichando, en la vichada, ¿donde hay bosque no hay pajaritos? Pues sí. Pero no, no venía: solo un polvo, un viento sordo, en un remolino de aquellos. Manu se santiguaba: ¡Creo en Dios Padre! No Guimarães, solo en nuestro deseo, en la nada. Esas cosas del otro mundo, ¿usted mete fe en que sí? Yo ni sí ni no, a veces me da por imaginarlo. Depende. Pero que hay, sí que hay, unas cosas misteriosas. Una desorbita los ojos, no ve nada: pero está ahí, bien frontera.

Fíjese bien; si lo desea, escriba: Ño Guimarães vino, por primera vez, bien joven, buscando anotar los dichos de Manu. Sí, pues Ño era doctor novicio de

curas y saberes que solo hay en la ciudad lejana. Quería aprender la utilidad de nuestros cultivos en el patio. Tenía sentido. Pues, antes: Manu curaba a todo un pueblo en los alrededores, a su propio modo, aprendiendo en lo que hacía. Toda la gente se curaba con las botelladas de ajeno, ruda y lucera, y otras plantas más, con cuales aromas. ¡Huummm! Enseñaba los baños de hojas pisadas: cortase los ramos de mañanita, antes de nacer el Sol, los dejase en infusión a oscuras, de noche se bañase, bajo la luna, fuese a escurrir el cuerpo, sin ser menester secarse con trapos. Eso curaba; era un tiro certero. Si no curara, ah, pues entonces no había merecimiento.

Manu, según las parlas restantes, tenía unas artes de vida que asombraban a cualquiera. La gente, sabiéndolo, y sin recursos, arribaba en su busca. Que él miraba a los ojos al penitente, estiraba los brazos, de uno a otro, mensurando:

– ¡Dios te libre! Eso es mal de ojo.

Y allá se iba, juntando las plantas apropiadas, combinando olores y maneras. Venía de allá, todo conrito, la cosecha firme en la mano. Y cometía esa parte, bañando en seco, con los ramos elegidos:

– Con Cristo yo te santiguo, con Cristo yo te bendigo...

Ahí su voz bajaba, iba desapareciendo. Solo los labios seguían rezando, los ramos festejaban el cuerpo del enfermo, hasta restarse marchitos. Calcule usted: las hojas tiraban los males hacia sí, por la fuerza de aquellas palabras invisibles. Las mandingas y gualichos se agarraban a los ramos, ellos se enferozaban de semejantes cargas.

Ño Guimarães supo sobre esa fama de Manu, vino a mensurar una explicación de uno de los hechos que corrían de boca en boca, de cierto a incierto, poco más o más. Sí, son esas cosas, sí, señor, créame. Por esta luz que me ilumina, se lo digo y se lo aseguro: si es cuestión de firma, se lo firmo. ¡Hace tanto tiempo! Lo que él quería era conocerlo. ¿Cómo sabía si la enfermedad era pasajera? ¿O si era de largas? ¿O el sin remedio? Manu, por sus modos, que yo sepa, sin darles confianza a extraños, primero tomó charla de atardar. Fíjese que ya eran las cigarras. Pero Ño Guimarães, bien estado, se esforzó en reír y dio risas tranquilas, granjeándose confianza en los tratos, poquito a poco, hasta que Manu se sintió a su modo. Desdea'í fueron siempre aquellas tardes. Él venía, tacatac, tacatac, viene que te viene, como ya le dejé al tanto. Que un día tuviera un caballo como aquel. Manu, en el trato emplazado, comparecía al terreno:

– ¡Apéese, Ño Guimarães! Vamos a probar un café ¡reciencito hecho!

Ellos reanudaban, en todas las charlas, unos cuentos largos. Nuestro niño, por sí, escuchando al lado. Pero desobedeciendo las miradas severas del padre mandándolo salir de ahí. Él se sentía importante solo por ver a aquel hombre sonriendo y acomodándose los lentes. El taburete llegando a crujir por las patas flojas, haciendo casi una muesca en el suelo de tierra apisonada de nuestra casa. Justo ahí, mire. Ño Guimarães estaba allende las excelencias. Yo hilaba mis deseos. Que mi niño fuera así, de su iguala, cuando creciera. Un hombre por demás

parecido, de paso a paso sembraba unas frases, fructificando la charla. Con más o menos llegaba, forzosamente, al meollo de sus indagaciones:

– ¿Cómo sabe usted si la dolencia es aguda o grave?

– Ño, ¿cómo dice? – dijo Manu.

– ¿Cómo sabe si la enfermedad es pasajera o demorada?

– Ah, déjese... ¿Por qué?

– Es que estoy así, medio quebrantado, con unos bostezos.

Ah, bueno... Manu le tomó las manos al hombre, estiró una y otra, le hizo sonar los nudillos uno por uno, irregulares. Le escudriñó bien los ojos. Entonces me pidió que trajera agua del tacho, en la jarrita, se la traje. Pues la puso en medio de la sala, puso la mano extendida encima, entonces cerró los ojos, todo callado. Debía de estar rezando un rezo corto. Yo, conocedora de las prácticas, ya le traje una brasa encendida, recogida del fuego con la pinza de alambre. Manu la tomó de mi mano, ahora acercó la brasa al agua, curvó al hombre sobre la cosa. Llevó la brasa hasta la orillita del agua, allí la soltó, en un burbujeo nervioso. El vapor subió esparciéndose, unos vahos en el rostro del consultante. Ño Guimarães suspiró, estaba por sí muy satisfecho con ese aprendizaje. Manu esperó que el fervor, poco después, se calmara. Y leyó los decires del vapor, revelando la respuesta:

– Quédese tranquilo, eso es una nada pasajera, sin pasta de ofensa. Tómese un té de artemisa, yo mismo le facilito las hojas, cuando sea hora de arribar.

– ¿Pero cómo saberlo?

Insistió Ño Guimarães, Manu respondió:

– Ah, plante usted la intención de saber el caso, ahí dentro suyo, queriéndolo firme, con fuerza. Entonces, pregúnteselo al agua, a las burbujas, al aire. Ella responde.

– ¿Qué dice?

Ño estaba curioso. Manu completó:

– Si la brasa se hunde, la cosa es grave; hasta para preparar llantos. Si la brasa flota, es un triz de nada, cosa sin importancia.

– ¡Ah! –eso Ño admirado. Ese ah, él soltaba unos más, después seguía callado o hablador, entraba en otros cuentos, siempre curioso. Ño Guimarães métale todo pa, pa, en el cuaderno, viajado, ceñudo, el habla más mansa que llovizna de las tardes. Yo aprendía ese gusto de ser como él, en mis anhelos. ¡Qué gracia! Ño Guimarães en aquellas temporadas, ahora solo recuerdos. ¿Cuánto tiempo fue? ¡Yo qué sé! Me arriesgo. Eneros pasaron, cayeron llluvias, hierbas crecieron, ríos se llenaron y secaron. Nosotros en el trote de plantar, cosechar y criar, nuestra manera de existir. Él se fue para siempre a ciudades de vastos comercios y gentes buenas y malas. Hasta al extranjero. Se hizo raro. Se llevó el modo de esos cuentos que sabía oír e inventar. Se dio que agarró fama, por segundas historias que escribía, con su voz refinada. Él contaba esas cosas-sin-importancia de nosotros; ¡ahí, pues, sí que resultaban de valor! De vez en día, vez u otra, él pasaba por aquí, ya maduro, ya no muy risueño. ¿O era yo quien soñaba?

- Não Guimarães está muy bien –comentaba Manu.
- ¿Cómo sabes, hombre?
- Sabiéndolo, tuve una intuición.

Não Guimarães por el mundo, nosotros quedábamos en una espera mal apañada. Sí, pero es verdad que hubo, al menos un día, ese acto. ¿O no? De pasada relámpaga, él vino a los abrazos de Manu, a tomar unos consejos de él. Algo para decir en su entrada a los honores de una famosa casa, allá por los pagos de la gran ciudad. Yo estaba cazando un gallo perdido, cuando volví, sin saber lo exacto, me quedé solo con los detalles. Fíjese usted, las justas observaciones. El mundo asombra: vivimos boquiabriendonos. Mensure ese diálogo y listo, después probamos otro café fresquito.

Yo quisiera tener al menos un nieto, allí en el rincón, escuchando nuestra charla. Ah, pues, la naturaleza es una, nosotros somos unos varios unos. Estamos aquí, los revivientes del acto. ¿Es vero? No se me atolondre, la vida es un río corriente. Yo lo vi, con estos ojos que se tragará la tierra. Pero también lo dudo. ¿O soñé lo cierto? Prosiguió, de los dos amigos, Manu y Não Guimarães, esa postrera charla. Usted, si lo desea, anote. De primero, Manu fue diciendo:

- Não no debería de entrar, se me hace, yo qué sé...
- ¿Pero por qué? –indagaba Não.
- Conforme Não mismo dijo, ya lo intentó una vez, no fue atendido.
- Todos los de la casa ahora quieren que entre –explicaba. Manu prosiguió:
- Es decir, usted, hombre de aquí, es persona verdadera. Pero allá, los demás, no todos tienen esa suficiencia. La falsedad es un mal encubierto.
- ¿Qué me apalabra al respecto, en dichos seguros?
- Não, no, nada. Eso de que usted narre de forma mejor lo que nosotros convivimos, con su apalabramiento, eso es un don.
- ¿Pues?
- Si Não forma parte de lo dudoso, ¿no perderá el don?
- Pero, si pierdo el don, ¿me moriré?
- No lo sé, dígame usted. O mejor, haga su sino, pero antes medite unos años bastantemente. Todos tienen su hora y su vez, Não Guimarães también. ¿Quién escribe derecho con líneas torcidas? La buena fruta solo da a su tiempo.

Apenas Manu dijo eso, los dos se callaron. Esa charla era el trato más serio de todos. El café, ya olvidado, renunciaba a dibujar sus vapores en el aire. Me quedé por allí, ellos no me veían, de tan cariacontecidos que se encontraban. Yo, plantándome a lo ajena, no sabía entender los nudos que se desataban ahí. Entonces, Manu decayó del todo cabizbajo, después miró con una luz húmeda en los ojos. Y se impostó, en el punto ponderado de las sumas, como se esperaba, de una por todas las veces. Los dos se encararon serios. Y cada cual usó la palabra, terminando:

- Entonces, ¿me moriré?
- Não Guimarães, un hombre de su quilate no muere...

Não reaccionó suspirando hondo, mientras Manu completaba los términos:

– ¡Queda encantado!

Entonces se hizo un enorme silencio, las voces se suspendieron: aquí para mis adentros, yo solo oía las charlas del pasado. Yo nunca había visto a los dos tan tristes. Después, Ño Guimarães se despidió, parecía que inundándosele los ojos. Y se fue, en un cabalgar parsimonioso, desapareciendo en la tardecita de aquel camino. Durante mucho tiempo no supimos de él. Hasta que vino un recado, tiempo por tiempo, palmo a palmo, los hechos. Yo espero, pero en el fondo sé la verdad. Ño Guimarães nunca va a venir, nunca más. Pero sí quiero olvidar, a veces, el hecho seguro, queriendo otro parecer. Uno debe darles paso a los ruegos del sentimiento, ¿no le parece a usted? ¡Pues si siempre vi a dicho hombre, siempre vivo, como hasta hoy en mi memoria! Lo vi, viví, conviví. Para mí está muy bien vivo.

## PRIMAVERA EN LOS HUESOS

(Fragmento de la novela "Primavera nos ossos". São Paulo: Casarão do Verbo, 2010. 278p.)

382

Entre el bosque de bambúes, la luz mortecina de las 4:30, 4:40, casi las 5:00 de la mañana. Mientras el sol se desplaza invadiendo la ciudad, la sombra del rostro de ella se desplaza de poste en poste. Pasando, repasando, como la ventanilla de un coche, capturando, reflejándose en los trozos de paisaje. El rostro de ella. El contorno ovalado, que exhala el olor a gente lastimada. El centro vago, escondido tras el cabello. Podemos decir sin equivocarnos que es de viento y arena el medio de su rostro. Pero no, diremos más bien: en realidad, el viento, la arena, el rostro y el cabello poco importan, la verdad es que ella emerge del infierno, la verdad es que vuelve a la vida. Empañada. Descongelada. Sola. Así:

Se levanta. Se examina la ropa un poco rota, sucia de sangre. Se la arregla. Pasa las manos sobre la tela intentando limpiarla. En vano. De acuerdo con Dante, en el infierno hace un frío que cala los huesos. Movimientos del revés. Camina despacio como si todavía tuviera en su interior el aterimiento del susto sufrido horas atrás, cuando verificó que se trataba, de hecho, de un ataque.

Orillas de la muerte, amputación.

El golpe.

El garrotazo.

Basta sacar a flote una chispa de lo vivido que, como un relámpago, en modo automático, el recuerdo de la agresión vuelve vivo: una serpiente al acecho, un dragón preparando su escupitajo de fuego.

Sacude la cabeza, evitando que la chispa se encienda fuego, atrayéndola nuevamente hacia el ojo del incendio. Se concentra en esto: despistar el registro de la agresión en la memoria, carbón en brasas trayéndole mareos, imprecisión. Despistar y atender a otra realidad que le clava la carne desde que abrió los ojos: el dolor. Más fuerte que el recuerdo del ataque sufrido, lo que le perfora la carne es el dolor de una pinza que le tira de los dientes. El dolor de un agua que le quema pies, manos, cuello, sexo, senos. Principalmente ahí, en los pezones mordidos. Y las marcas de morado machucado, murmura, palpándose, ¿se me irán algún día?

\* \* \*

Es fácil pensar en hablar con él. No como quien vuelve de una rápida pérdida de la consciencia y, confundida, se pone a dialogar con lo que no existe. No lo de

mariposa errante buscando descanso en flores baldías. Pues eso, aunque bonito, es algo retorcido y no ameniza ningún dolor.

Nada de inventar fugas, reticencias o abstracciones. Si pudiera estar con él, mirándose ambos a los ojos, comentar cualquier pavada –no el dolor, del dolor ahora no–, rodearse de cosas ligeras, comentarios sobre la primavera, sobre expresos con crema, sobre la temperatura perfecta del vino tinto, sobre fumar o no fumar mentolados, sobre las condiciones del tiempo en Salvador. Algo medio hoja de almendro al viento: ligera en sus cavidades enrojecidas, inútil en su función original. Que los amigos, los amigos verdaderos, lo leyó en algún lugar y todavía lo recuerda, solo necesitan cercanía, no contenido o confesiones. Lo que necesitan es chasquear la lengua al aire, acercarse a un palmo del corazón del otro, pero no entrar, quedarse fuera, como guardianes que cuentan cuentos para engañar el amanecer.

Una conversación apoyo para el cuerpo, una conversación pilar, columna griega para apuntalar el dolor. Apuntala esta hemorragia, querido. Haz un hechizo en secreto para que el cuerpo se enderece otra vez, para que el dolor se quede bien comportadito. Que no sea tan agudo. Obediente en la vitrina, como decía Baudelaire, lo redecía Ana C., lo rediremos ahora, ¿por qué no?, obediente y anestesiado, por favor.

Hay que dar un paso, después otro. Dentro del infierno, sobra monóxido de carbono. Desde dentro del infierno, se debe salir a socapa, pero con precisión.

Nuevamente, el renacer. Canta una canción antigua: te pinchamos con la espina, eras rosa y no sangraste; te pinchamos con la aguja, tu cuerpo era un ovillo y se bifurcó; te pinchamos con la mano de Dios, eras una diosa y graciosamente te desviaste.

Tan simple pedirle ayuda a él.

Tan imposible conseguirla.

Un demonio toca el piano.

¿O sería el clarinete?

Un demonio danza lejos.

¿O sería dentro?

Mientras trata de ubicarlo en su mente, hablar de todo menos de la violencia, con él y tan solo con él, siente que el mundo, que el tiempo oscurece. Se tropieza con la debilidad: aturdimiento e ineptitud para situar los acontecimientos. El canal de la mente se cierra. La imagen de él desaparece.

Desgracia.

Desaparece aquella voz serena, aquella calma de sábanas de satín que es estar anidada en él.

Miseria.

¿Cómo acercarse, cómo aspirar de nuevo tras su oreja aquel olor que solo existe en aquel rinconcito de su oreja?

Acariciarle el pelo, tocarle ligeramente los labios, decirle *han abusado de mí, mi amor*.



Así saldría del infierno, así volvería a la vida.

Bastaba pensar en el hecho, ¿debería llamar exactamente así lo que le había sucedido? ¿H-e-c-h-o?

No, no hay problema, entre ellos jamás existió ningún secreto.

Bastaba pensarlo, para perder otra vez la voz, el olfato, la vista.

Comezón maldita dando las últimas boqueadas: ¿cómo ordenarlo todo en media docena de palabras?

No, no hay problema. ¿Más lenguaje del que ella era capaz de inventar en el día a día de su agencia? Vamos, ¿quién más? Podía vender cualquier cosa manipulando las imágenes, las palabras, cualquier cosa, distinguidas damas, estimados caballeros. No hay problema, encontraría una manera de traducirlo, mañana, el mes que viene, ¿por qué no?, pondría en la agenda dicha demanda, *sure, dear*: abusaron de mí, así, a quemarropa, ¿quedaba bien?

No podía ni siquiera concebir lo que el cerebro completamente perdido les cuchicheaba a los otros órganos.

*Estamos en peligro, pero aún tenemos posibilidades.*

Un enemigo se ensancha.

No intentes resolverlo todo tú misma, aprende a delegar tareas, haz como los grandes líderes, comparte el poder y se multiplicará.

¿De quién son esas frases ridículas?

Acaban de violarme, querido, ven a buscarme en medio de la calle, llévame a una piscina de aguas termales.

Nada debe ser tan sin salida: ¿lo intentamos por otro camino?

El cuerpo se eriza, cual un bicho que fue atacado con trozo de vidrio tan hondo que ya ni tiene noción de lo que es ser un bicho atacado por un trozo de vidrio, pues está completamente descuartizado.

Como carne picada a dolor. Piernas que se rehúsan a caminar, ojos que se secan, células partidas, neuronas desconectadas. Repetirse a sí misma, a nadie: casi me arrancaron la vida hace minutos. Mira: me sale sangre de la boca, del sexo, del ano. Me sale sangre hasta de las uñas y no hay como pararla. Hay que llegar a casa inmediatamente, bañarse, ponerse ropa limpia, necesariamente de algodón, y tumbarse en la cama.

¿Pero volver a casa? ¿Cómo sería posible?

Vuelve a ver el mundo resbaloso y cae. Cae sin oír su respuesta. Sin lograr verle la mano vellosa. Extendida. Salvándola.

Cae y se va desvaneciendo. La mente delectándole *the end, finish*, se terminó. Como una enemiga malcriada, la mente le proyecta mortajas de seda rojo sangriento, húmedas en un tendal, orquestadas por el viento. El último orgasmo con él, caliente hasta querer morirse rápido en aquel caliente que vuelve aún más caliente, ayer, allí, aquel vaso con coñac un sábado lluvioso. Una tarde, acullá. Antes que él le confesase que amaba a otro tipo, antes que él quisiera irse.

¿Por qué, Dios mío, por qué?

Tu vida se acabó, querida, enfrenta los hechos.

Cuando Dios se enrarece, la vida se acaba. Lo había aprendido, en cierta ocasión.

*La vita è finita, hai capito?*

Persecución en lengua extranjera.

Quizás fuera así: cerrar los ojos, entregarse. Por más que amedrente, la oscuridad siempre promete un alivio del dolor. Quedarse inmóvil, desaparecer dentro de ella, partícula de polvo a la luz solar.

Bestia cuadrada es cualquier existencia. Vivir no vale el esfuerzo con que se inspira-expira valientemente.

La vida.

Diminuta.

Pedregulla bajo los pies.

Es increíble lo fácil que se entregan los ojos, acomodándose a la falta de luz. El resto del cuerpo, empero, no. El resto del cuerpo es una lucha feroz, afin de cualquier migaja de claridad o lógica. Rumia, resiste, se despega del alma. Tiene vida propia, estremecimiento de cadena, tempestades. Mientras el alma queda lejos, tan lejos, tanto tiempo, días, meses, siglos ha, mientras el alma solo querría quedarse en paz, darse por vencida, no estar, la carne sigue otro rumbo. La carne es el presente sólido, que exige una nueva oportunidad, que se impone un nuevo inicio.

Probablemente, los gusanos aprovecharán tanta energía gastada entre un polo y otro, pues son los gusanos quienes acechan la guerra entre el cuerpo y el alma, en primera fila, esperando el desenlace.

Deseo antiguo que da impulso: vencer.

¿Desde dónde, para qué, por qué viene?

No lo sabe. Insignifica. Reaprende.

La luz de una vida entera.

Quiere ver la luz del sol. No entregarse.

Se despierta otra vez. Camina tambaleándose, después logra caminar un poco más firme, luchando contra el mareo que le nace en la cabeza y se le va desparramando por el tronco hasta mordisquearle los pies. En los pies y manos, hay agujas trabajando a cada paso.

Las ignora. Se frota las muñecas, abandona el terreno baldío hacia donde la llevaron, a la fuerza. En la subida, divisa un viaducto. La memoria es suficiente para reconocer dónde está.

Se orienta por el viejo viaducto enclavado en el centro de la ciudad, sobre su cabeza. Cruza el estacionamiento. Se frota de nuevo las muñecas marcadas.

Entonces la abandonaron en el centro, sin moto, sangrando, sin dinero.

Muy bien, muy bien.

Un muchacho pasa, cerca del árbol viejo que da sombra lleno de vida a una parte de la acera. Frunce el ceño al verla:

– ¿Necesita ayuda, joven?

Con jeans y gorro verde caña. Viene corriendo, asustado, hacia ella.

– ¿Qué le pasó, señorita?

Ella trata de calcular las horas mientras se apoya en su hombro.

– ¿Necesita ayuda? –vuelve a preguntar, confundido.

Ella lo encara. Él se retuerce las manos.

Sí, queridito, toda la ayuda posible, ¿cómo no?, mira, acababa de darse cuenta: iba a tener que matar a dos hombres luego, luego. El pensamiento fue tan rápido que ella apenas lo pudo creer: *does the body rule the mind or does the mind rule the body?* Llamar más tarde al Príncipe de la Ironía, al Dios de la Melancolía Infinita y preguntarle: ¿y bien, querido, ya obtuviste una respuesta precisa?

Recordar esa música es pender de nuevo sobre el vacío. Pasaron tantos, pero tantos años. Ella era adolescente y quería irse de Brasil. Esa canción en el desayuno, esa canción a la hora del almuerzo, esa canción antes de dormirse. ¿El cuerpo gobierna la mente o es la mente quien conduce el cuerpo? *What difference does it make?* Le gustaba incluso más cuando sucedía al contrario, cuando el corazón venía más ágil y tomaba el centro. Una vida conducida por la emoción, una vida matiné, en vez de esa tan pragmática a la que estaba acostumbrada, si pudiera elegir ¿qué elegiría, realmente?

El muchacho le pregunta de nuevo si necesita ayuda, si la atropellaron, si está enferma. Ella sacude la cabeza, negando. Si no tuviera la garganta tan seca, le diría que sí, la atropellaron, no: la trituraron, mejor: la molieron. Acaban de pasar como un tractor por sobre toda su existencia.

Ninguna novedad en eso, presta atención: *o mundo é um moinho*, el mundo es un molino, cantaba aquel sambista. Es *o bonde do mal na rua*, registró aquel guitarrista, *e a paz de alguém está por acabar*. Sí, el mal está en la calle y a alguno se le va a acabar la paz.

¡Ah!, cuánto auxilio necesitaba. Todos, cualquiera. Principalmente: un vaso de agua helada. Agua que supiera caer límpida a la garganta, sin lastimar al descender por el interior del cuerpo. Después, un largo descanso entre las nubes de algodón de la infancia, las que segundo a segundo se transforman en otras, moviéndose, esparcidas, entre los espacios azules del cielo. Gotas de alguna lluvia nueva en su cuerpo, tal vez un arco iris interrumpido detrás de los edificios.

Y también: los revólveres más veloces del mundo, gatillos estridentes, cañones de última generación, y pólvora, mucha pólvora para volar todos los penes desconocidos por el aire. O, un tanto más primitiva, ¿por qué no?, navajas para arrancarlos de los cuerpos, abanicos y algodón con alcohol en la nariz para poder verlos mientras se queman sin tener que sentir el olor a podrido infestándolo todo.

¿Qué más se puede desear en este instante? Cortarles todos los malditos penes a todos los malditos hombres del planeta. Hacer una hoguera con todos y bailar alrededor, como hacen los indios para pedirles a los dioses que manden lluvia. Sin embargo, si pudiera, le pediría a gritos al dios que estuviera a la escucha en aquel instante que mandara reinar no la lluvia, sino la impotencia, que mandara no

el fracaso, sino la esterilidad, mil defectos incorregibles, grotescos, fatales, capaces de confundir a la raza masculina, amenazarla, extinguirla, y que, así como debería haber sido desde el principio, fuera ahora por los siglos de los siglos.

Con todo, la garganta realmente está complicada y solo cabe una sentencia:  
– Lléveme a la policía.

Es todo lo que pudo decirle al muchacho, apoyándose en él solo lo necesario para poder caminar. Contacto mínimo, para no enloquecer del todo y estrangular al inocente, tan desconocido, tan solícito.

\* \* \*

Empujar el cuerpo hacia adelante. So-bre-vi-vir. Mano en la frente, sacarse el sudor. Todos los dioses bailan en el jardín arruinado allá adelante. Vista empañada de señales. Sacudir la cabeza. Respirar. Un curativo en la nariz esconde lo lastimados que están los ojos. Viene el viento en medio de las piernas a decirle que está viva. Pero no quería oír el viento. Tiene una melodía cretina. De vez en cuando, nos la echa al oído. No solo cretina, inútil. Piel quemada por el sol. Demasiado sol mata, el fuego se desparrama, destruye la plantación. Auxilio confuso de manos competentes Ágiles. Manos silenciosas que limpian la suciedad, traen analgésicos, y le dicen que se quede tranquila, pues todo terminará bien.

¿Terminará?

Sí, este es un hospital, aflójate, te están cuidando.

Cabello peinado hacia atrás, brazo jalado, hueso dislocado, más dolor.

Calma. Es un dolor bobo, se puede soportar.

Ven, Luísa.

Fuerza.

Por aquí.

Voces más allá.

¿Ángeles?

Querer cerrar los ojos y no poder. Tiene hilos de *nylon* en los ojos.

Ángeles tocando cosas imposibles de oír.

¿Quién fue el miserable que le puso hilos de *nylon* para sostenerle los ojos?

Qué manía extraña imaginarse un mundo mejor y, sin embargo, invisible. Seres del otro lado, ofreciendo protección. Si fuera así, minutos atrás, ¿dónde estarían los malditos ángeles?

Gritos inesperados.

No va a funcionar. Paren. Hijos de puta. Es mejor renunciar.

Por favor: apaga la luz que es hora de dormir. Por favor: prende la luz que es hora de entender.

Olor a éter que no había, cama de hospital que no había, personas con ojos de lobo: tampoco había. Es noche cerrada y aun así el sol quema la piel sin pantalla solar.

Oír la propia voz irrumpiendo: infieeeeeeeerno, váyanse de aquí, desgraciados, nadie quiere oír arpas ni cánticos.

Definitivamente: el tiempo se termina.

No puede ser. Como si fuera la voz de otra persona: diciendo futilidades en un cuarto de hospital.

A veces, una realmente se olvida de pasarse pantalla solar.

¿Y qué importa? No molestes con cosas tan inútiles. ¿A quién le importa el cáncer de piel después de una violación?

Al diablo, al diablo.

La voz libre, independiente, decidida: voy a arrancarles cada pedacito, voy a arrancárselos con los dientes, mastincarlos y escupirlos.

La gente: mira, mira. Cuchichea. Horrorizada. Piadosa.

Ya no puede fingir: solo piensa en cómo los va a hacer sufrir también.

Mira: el ruido de la vida es inarmónico, te toma por todos tus flancos, entra por los oídos, se desparrama por los pulmones. El ruido de la vida da hambre, hace que los intestinos funcionen, que te vuelvas a arreglar. ¿Cómo mezclarse con él otra vez, cómo no estar desmembrada, lejos de él, lejos de todo?

Se cepilla el pelo, mientras oye, en una lengua que ya no es suya pero siempre le pertenecerá, las noticias de su cuerpo traídas por personas con batas ya blancas, ya verdes.

Las batas ya blancas ya verdes trajinan dentro del cuarto. Se pierden en explicaciones torcidas. El código de ellas es escurridizo. Los sonidos se mueven en una fase de transición. Probablemente cuando el portugués aún no era, de hecho, portugués, sino algo indefinido, aún por la mitad, que intentaba, desesperado, ignorar la parte que faltaba: piano de cola sin las teclas negras; bailarín sin técnica insistiendo en el salto.

Qué cosa desprovista de razón: escuchar una lengua que permanece floja justamente de tanto querer ser exacta; más que eso: inválida; peor: ineficaz.

Al oír las batas ya blancas ya verdes, pesca una palabra por aquí, otra por allá. Sospecha que lo que le dicen puede sonar a español en cualquier momento, pero no suena. Puede recordarle el italiano, de repente, para un brasileño *cosa piccola in italiano* se comprende, ¿no? Bene, bene, guarda, sono qui, ¿entiendes? Se trata de lenguas emparentadas, lo había aprendido hacía tanto tiempo. Grazie Mille. Perfecto. Casi todo es pasible de arreglo. Mírame a los ojos, oye esta canción: *hace tiempo que no sé qué es de tu vida, pídele a alguien que te cuente su día*, olvida estas paredes, abrázame otra vez.

Aunque: no.

Sin embargo, no.

# ABAITÉ YA

("Fetiché", 1996)

*for augusto de campos*

"Their concept of a garden is a reproduction on a dwarfish scale of nature they see around themselves. It makes a characteristic contrast with the modern horizontal park dotted with geometric patterns of flower-beds and shady trees planted at regular intervals in parallel lines as in French gardens of the Cartesian age."  
– Shunkichi Akimoto.

389

morai mizu

yumé-sakura  
al fondo  
de la laguna oscura

yumé ah  
ah yumé ah  
ah yumé

yumé-sakura  
al fondo  
de la laguna oscura

el sol bashō  
a la dulce brissa  
caracol  
ka-do

luna blanca  
arena blanca  
una pulgada  
oscura

odó ya  
la cuenta de vidrio kai  
sonido de agua

ramita kanji  
kioto ketu  
una ciudad:  
mairi

asagao ya  
oh hipomea  
abaité ya  
la idea  
de una  
orquídea

sirena en el ideograma  
arena en el juguete  
ipupiara en ikebana

semiluna en abanico  
la mujer desnuda  
dama casa que no es mía  
yamakoshi  
ni es tuya:  
sola sola  
la mujer ondula

yamakubi  
exú samurai  
terrero kabuki

sendas de okunrin  
satoriki  
un jardín al fin  
donde yo ronin  
donde yo chonin  
diga sí al sí

luna en nieve  
oke aró  
me siento dentro  
de una obra no

noche de otoño  
em hakuryo  
ningún hageromo  
los ojos en celo

alakoró alakoró  
oh oxotokanxoxo  
el rey sin el reino  
aroma de un color



## AL BORDE DE LA CATÁSTROFE

(Capítulo inicial de la novela corta "Lunaris". Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2007)

Una vaga aprehensión absorbía el espíritu a Alberto siempre que, por un motivo u otro, no se hallaba sumido en sus actividades habituales: trabajando en la universidad, yendo al cine con su mujer, resolviendo negocios, pagando cuotas, recorriendo las librerías...

Quizás todo eso se debiera a un sentimiento de culpa por no estar haciendo alguna cosa útil, que se encajara en la rutina diaria: alguna cosa que pudiera considerar normal, lejos de los tiempos muertos, del silencio inquietante, de la extrañeza de las cosas. Algo, pensaba, que lo distrajera de la extraña realidad de los objetos inanimados, del espacio que los separaba, del silencio presente, todo el tiempo, detrás de los ruidos familiares, de las acciones y palabras que componen lo que se suele llamar cotidiano.

Como si existiera otra historia, paralela, misteriosa, que no se concretaba con palabras, hechos y acontecimientos. Una forma de ser y existir que él solo presentía, al salir por algún motivo de la trayectoria habitual de sus pasos. Era lo que sentía cuando, en medio de la tarde, llegaba más temprano del trabajo y se dejaba estar sentado, en el sofá, en el living del departamento, en una otrora silenciosa transversal del Caminho das Árvores. Podía oír a la empleada preparando la cena, uno u otro auto pasando por la calle, un pajarito cantando en lo alto de un mango, el portero conversando con alguien en el edificio de enfrente. Y, envolviéndolo todo, aquel extraño sentimiento de gravedad, de profunda gravedad de la vida.

Ya había sentido esa misma sensación, algunas veces, al despertarse de una siestita, después del almuerzo. Al abrir los ojos, le daba súbitamente una profunda extrañeza de existir, una sensación casi insoportable de ser, de estar, por algún motivo profundamente misterioso, habitando una esfera suelta en el espacio, rodeada de vacíos, de ser una conciencia, un pensamiento que siquiera tenía la percepción de quién es, realmente. Sentía, entonces, que se abatía sobre él una fuerte percepción de su responsabilidad.

Era también una percepción moral, y cualquier relativismo desaparecía, en aquellos breves instantes, ante la comprensión de la gravedad de cualquier error. [ En ese momento, su pensamiento se volvía sobre sí mismo y sondaba, invariablemente, sus sentimientos más íntimos, sus relaciones con las personas: su mujer, su hijo, sus hermanos, con los amigos, con la empleada, con el portero, con los compañeros de trabajo. Y se sentía aliviado cuando se convencía de que los trataba bien a todos, de acuerdo con sus posibilidades. ¿Pero estarían realmente todos bien? ¿Y qué posibilidades tenía?

Aunque estuviera al día con su conciencia, no podía evitar la sensación incómoda de que todo estaba mal con el mundo, *en el mundo exterior*. Usaba esta expresión como forma de defensa. Algunas veces, invadido por un estado de profunda melancolía, salía a la calle, generalmente al atardecer, y veía, con lucidez insoportable, una tristeza oculta detrás de risas y gestos, desparramada en el rostro de las personas que circulaban en los ómnibus, en los automóviles, en las aceras; en los que se estaban en las esquinas, en las puertas de los edificios, en las ventanas de las casas, en las avenidas, parques y calles de Salvador. Y todo era tan distinto de los tiempos en que, aún siendo estudiante, circulaba por la ciudad que siempre había amado y que entonces le parecía, por el contrario, un mundo luminoso, repleto de promesas, de sueños, de posibilidades que nunca se agotaban.

¿Había cambiado él o fue la ciudad la que se dejó mancillar, al punto de vaciarse de todas sus potencias, sus sueños, de su utopía? ¿Por qué diablos esa sensación de estar al borde de una catástrofe irremediable? ¿Pero estaba todo tan normal! Y sin embargo parecía que el desastre ya había empezado, como un incendio en el sótano mientras las personas, sin saberlo, bailan y negocian y hacen planes en los pisos superiores de un viejo edificio. “¡El horror! ¡El horror!”. Siempre se acordaba de la exclamación de Kurtz, en la novela de Conrad, y de vez en cuando se descubría balbuceando aquellas palabras. Era horrible lo que la vida –habría que decir más bien: el *Sistema*– hacía a las personas, destruyendo todos sus sueños, pulverizando toda la belleza y la juventud, y todas las potencias y posibilidades negadas. ¡Qué desperdicio!

Alberto tenía ganas de ahondar más en aquella sensación, de sumergirse en el dolor colectivo que se ocultaba tras los gestos habituales, las palabras cordiales, las sonrisas, los tics que componían todas las relaciones, pero no tenía suficiente valor. El hábito, ese sólido repertorio de convenciones, le parecía un chaleco de fuerza que todos usaban, inconscientemente, para no ver la realidad. Como si todos estuvieran hipnotizados, para no poder ver que hay un dragón en el jardín, un esqueleto en el ropero, el tremebundo Can Cerbero que habita el Hades privado de cada uno –sus mentes, sus hogares–: aquellos puntitos de luz que veía, de noche, casi siempre con una mezcla de fascinación y terror, cuando sobrevolaba la ciudad en un avión. ¡Dios mío! ¡Cuántas abominaciones acontecen en la intimidad de los hogares, en el reposo de las familias!

Era casi insoportable pensarlo. Y lo que más le molestaba era la convicción, presente bien en el fondo de su conciencia, de que no valía la pena hacer nada para cambiar. La conciencia del horror era, para él, un secreto guardado bajo siete llaves. Sabía que no debía decirlo, so pena de ser robado (aunque fuera por el arma cobarde de la sorna) por los que quisiera libertar. No era cobardía, –sino lo que quizás fuera mucho más grave– solo la sensación de que no valía la pena hacer nada. ¿Para qué sacrificarse por personas que quieren, más que cualquier

otra cosa, seguir siendo prisioneras? En el mundo no había más espacio para heroísmos. Si lo hubiera, el héroe ciertamente no sería él.

El héroe estaba muerto. Había muerto en algún lugar del trayecto de su propia vida, pero no podía decir dónde exactamente. Alberto, que ya había alimentado y creído en tantas utopías, vivía ahora para preservar su integridad moral como una construcción particular –como una casa que construye arriba de un árbol, en el patio, la cual inspecciona diariamente para ver si sigue limpia y sólida, como un refugio contra la estupidez del mundo–. Un lugar demasiado chico, empero, para que quepan muchas personas; un lugar selecto, donde podría poner a su familia y a uno o dos amigos, pero cuyas puertas jamás podría abrir de par en par al mundo.

Consideraba su reserva moral (la expresión parecía anticuada, pero realmente quería preservarla) una planta, en el jardín, que regaba todos los días y sobre la que se apoyaba para relacionarse con el mundo. A veces tenía ganas de poner los pies en un terreno neutro, en otra dimensión, en la cual podría hacer todo lo que quisiera sin que lo tocara ningún concepto, ni preconcepto. Una de sus diversiones preferidas era dejarse entregar a la fantasía de que habitaba aquel lugar. Era un estimulante ejercicio de imaginación, inofensivo, es verdad, pero que constituía, sin que nadie lo supiera, una especie de venganza contra el mundo, contra todo lo que la civilización, con sus valores, representaba en su vida. Era su único espacio de libertad, por el que nadie, ni siquiera las personas más íntimas de sus relaciones, podría adentrarse.

Ese lugar –que se llamaba Lunarís, en una referencia a la novela *Solaris*, de Stanislaw Lem–, era una forma especial de pensar. Y de sentir. Solo después descubriría que era, de hecho, un *lugar*. Un extraño mundo mutable que, con el tiempo, había adquirido el estadio de realidad; extraña, pero no por ello menos real. En él, Alberto se daba al placer a veces perverso (si dicha palabra tuviera sentido en aquel *lugar*), de rehacer personas, de reconstruir acontecimientos, de eliminar a todos los que lo fastidiaban. Nunca, es verdad, de modo violento o cruel. Prefería siempre alguna solución que lo hiciera reír. Pero siempre intentando recordar que sus emociones nunca, jamás, podían resultar manifiestas. La frontera entre aquel mundo y este tenía que ser, siempre, preservada.

Quizás fuera por eso que Alberto era un hombre serio, o un poco distraído. Su mujer, Judite, se quejaba siempre de esa cualidad que tenía. Ella nunca se cansaba de asombrarse por la facilidad con que Alberto se desentendía de las cosas. Cómo lograba dormir –e incluso soñar– en un instante, a veces hasta en pie, recostado en una pared. Él había llegado incluso a confesarle, sin que ella le creyera (¡pero era verdad!), que ya se había dormido corriendo.

– Fue en un ejercicio de Educación Física, hace muchos años, en el colegio. Era muy temprano, yo tenía mucho sueño y...

A pesar de todo esto, Alberto era una persona normal. Y no era, de forma alguna, un pesimista, o un soñador. Había en él una equilibrada mezcla de Quijote

y Sancho, de forma que, aunque se sintiera un poco desubicado entre sus semejantes, llevaba su vida sin mayores problemas. Le iba bien en su trabajo: enseñaba Literatura Brasileña en la universidad. Le gustaba verse rodeado de alumnos. De cierta forma, el aula era una especie de extensión de aquel mundo paralelo, cuando tenía la suerte de encontrar, entre los estudiantes, a quien siguiera sus peregrinaciones. Para él la enseñanza de Literatura no tenía nada en común con ninguna otra disciplina. No era una ciencia, era una comunión; las clases eran –o deberían ser– un ritual, en el cual se compartía una experiencia estética que se prolongaba más allá del salón, que seguía a cada uno de los miembros de esa cofradía, en todos los momentos de la vida. Se acordaba frecuentemente de un artículo publicado en una revista sobre una academia de judo de París, en cuyo interior estaba la siguiente inscripción: el Judo comienza afuera, del otro lado de esta puerta. El aprendizaje de Literatura tenía que ser, por lo tanto, un reenfoque de la sensibilidad, un comprometimiento. ¿Pero con qué? ¿Para qué?

Una de las características de la personalidad de Alberto, quizás la que él más se esmeraba en ocultar, era la comprensión cristalina de que él no estaba seguro absolutamente sobre nada. Por eso admiraba, con un secreto y sincero ardor, a todas las personas que tenían convicciones, aunque se quedara genuinamente alarmado cuando se sentía convencido de lo que fuera. Sabía que no sería posible ningún cambio radical y efectivo en el mundo sin que existiera esa extraña cualidad, que le parecía que era, a la vez, la más extremada forma de lucidez y de alienación. Le asombraba que alguien en el mundo pudiera estar seguro sobre algo, fuera lo que fuera, y se preguntaba, a veces, si sería capaz de dejarlo todo para seguir a un líder carismático, a alguien que avivase una llama que sabía que existía en algún punto de su corazón. Pero creía que esa persona no existía. Y en esos momentos podía hasta ver su corazón como un abismo inexpugnable en cuyas honduras se apagaba algo extremadamente valioso, día tras día. Él tenía que descender hasta allí, pero le faltaba decisión. Le faltaba una creencia de que valdría la pena salir de sus cuidados para arriesgarse. Por eso, en esos momentos, prefería refugiarse en Lunarís.

A Alberto le gustaba caminar por las calles de su ciudad, con las manos en los bolsillos de un saco (le gustaba verse así, aunque no tuviera ningún saco), bajo las ráfagas de viento de un invierno inexistente. Le gustaba ver el lío de callejones y cuevas que no llevaba nunca a lugar alguno. Le gustaba el lío de cables que colgaban de los postes antiguos. Le gustaban las manchas de musgo y humedad que cubrían las paredes de los caserones abandonados. Le agradaba la idea de que, en cualquier momento, uno de aquellos caserones antiguos se le derrumbaría encima. Le gustaba la idea de saber que sobreviviría al derrumbe. Y de que, cuando llegara a casa, de noche, tendría algo para contar. Le gustaba la idea de ser un sobreviviente. Él era un sobreviviente. ¿Pero de qué?

–Cuarenta y tres años de edad es una vida –decía, siempre que ponía los pies en Lunarís. Por eso, la idea de la muerte no lo perseguía. Le espantaba la can-

tividad inagotable de recuerdos y sensaciones que habitaban en él, aunque casi todos estuvieran dormidos. Pero sabía que estaban allí, o mejor dicho: – Aquí – decía, tocándose la cabeza con el índice. No estaba seguro sobre el *lugar* donde estaban, realmente. Pero siempre que una palabra descuidada, una música de ocasión o un aroma cualquiera le abrían las puertas del Recuerdo, se redescubría como otro hombre. O más bien: como un territorio mágico sobre el cual se derraman inagotables sensaciones.

– A veces pienso que ya estoy muerto para mí mismo, para, por lo menos, el 95% de todo mi pasado. Fíjate cuántos libros he leído –dice, mostrando su biblioteca a su amigo. – Pero no me acuerdo de nada, o de casi nada, de ellos. De modo que es como si no los hubiera leído. ¿De qué vale, entonces, haber leído tanto?

El amigo dice que las cosas no son así, que él está exagerando.

– Esos libros forman parte de ti, viejo. Esos libros *son* tú.

A Alberto le resultó cómica la forma en que lo dijo, y escarbó en su memoria para recordar cuál, entre las centenas de personajes de las obras que atestaban su estantería, hablaba de aquella manera.

– ¡Gatsby!

– ¿No te lo dije? –agrega el amigo, con una sonrisa. – No todo lo que no recordamos está muerto dentro de nosotros, viejo.

Era por ese tipo de cosas que a Alberto le gustaba Lunarís. Allá siempre había algo interesante para recordar. O para olvidar. Porque el olvido es el lado oculto del recuerdo, ¿entiendes, viejo?

Alberto anda por la ciudad, con la cabeza gacha, sumido en sus pensamientos, con las manos en el bolsillo, pero todos los ruidos (de los automóviles, de las personas, de las máquinas, del viento, de los pájaros, de los perros) le son extraños. Él es, en aquellos momentos, algo que no existe, que ni siquiera tiene un nombre. Pero en seguida recuerda que tiene que volver a casa; y se reencuentra, otra vez más, para perderse después, indefinidamente.

## EL CUARTO DE LA INFANCIA

(Capítulo del libro "Noites desertas", inédito)

• La música se oía lejos? Fíjate, ahora se parece al ruido del mar, ¿te acuerdas?  
 ¿ Aquel era un mar nocturno, que venía de lejos, de la oscuridad profunda, como un grito que se reventaba en blancas espumas en la orilla. Y podías oírla muy bien, acostado con tu mamá en el cuarto, que era el mismo cuarto, el cuarto de la infancia, pero que ahora quedaba en un lugar distinto: un barrio sobre la costa que aún está vivo en tu recuerdo, amigo mío, mientras agarras con fuerza las rejas del portón de este inmenso hospital que se extiende desde aquí hacia el pasado. Fíjate: estás con tu mamá, acostado en la cama, mirando el tejado a teja vana y las paredes

hechas con aceite de ballena, y tu madre canta una canción de cuna cualquiera, mientras piensas: ¿dónde está mi papá? ¿dónde está mi hermano? Y te da miedo por ellos, porque has aprendido que la vida es como un niño grande que juega con uno como si fueran canicas, que a veces se van a la alcantarilla, precipitándose por los caños oscuros del subterráneo y perdiéndose para siempre de nuestra mirada; ¿y no fue así que le ocurrió a aquel niño que simplemente dejó de aparecer y solo te dijeron que se murió, pero esta palabra no explicaba nada, porque nadie sabía decir hacia dónde se fue, de forma que él seguía presente, todo el tiempo, quizás más que nunca, como si estuviera tras el muro, o del poste, o en el cuartito del fondo y estuviera por aparecer en cualquier momento, y eso era terrible, porque él nunca aparecía, y tú corrías y mirabas como si pudieras pillarlo en su diablura, pero nunca te decidías sobre si él estaba allí, o si siempre estaba allí; y hacia dónde iban todos los muertos? ¿Hacia dónde iban todos los muertos del mundo? ¿Habrá muros y cuartos suficientes para que todos se escondieran? Y tú pensabas en eso, allí, echado en la cama, abrazado a tu mamá, pero eras tan chiquito aún, y alguien podría decir: No, él no podría llegar a un pensamiento tan profundo por ser tan chiquitito. Pero mientras tu padre y tu hermano no aparecían, el mundo era un monstruo camuflado que se reía de tu miedo, y entre él y tú solo estaba tu madre, que contaba historias de un tiempo muy antiguo, y a veces llegabas a dudar incluso de ella, y pensabas (muerto de miedo) que volvería la cara hacia ti y verías que tenía la cara de un monstruo, o incluso del mismo diablo, y cerrabas los ojos para no tener que enfrentar la realidad de una transformación así, tan irremediablemente triste, porque no habría más salvación, y todo se transformaba —el cuarto, el silencio del cuarto, la voz de ella, las olas a lo lejos, el viento en los cocoteros— en una garganta terrorífica que se abría para devorarlo, y quisieras salir corriendo por los corredores oscuros, abriendo puertas y escapándote y corriendo toda la noche hasta no pensar, porque eso era lo único que querías, mi niño, y cruzarías todas las noches de tu vida y sentirías todos los miedos, y verías a todos los monstruos, y sentirías en tu propia piel el ataque masivo de los monstruos, como aquella noche en que te despertaste a los gritos, desesperado, porque tenías hormigas y arañas subiéndote por las piernas, por la barriga, por los brazos, y gritabas desesperado y tus padres prendían la luz y te sacudían y te acariciaban y te decían: mira, m'hijito, no hay ninguna araña, y tú aún las veías durante una fracción de segundo y las veías desaparecer, como por milagro, e sollozabas mucho, mi pequeño niño, y todos tus miedos se resolvían así con ese "clic" mágico del interruptor y con la luz que te revelaba las caras familiares de tus padres, que eran Dios con su tremendo poder de aniquilar de un solo golpe todos los males del mundo, y no era eso exactamente lo que ocurría ahora, cuando tu padre llegaba con tu hermano y prendía la luz de la sala, que iluminaba suavemente el cuarto, y tú abrías los ojos y veías que sí era tu madre la que estaba ahí, a tu lado (¿no sería el mismo diablo que sabía camuflarse tan bien?, aún eras capaz de pensarlo, pero pronto no habría más dudas y a ti te avergonzaría haberlo pensado), y tendrías ganas de decir:

– Mamá, ¿me perdonas?

Y ella te preguntaría:

– ¿Por qué, m'hijito?

Y tú no tendrías valor para decirle:

– Porque me pensé que tú eras el diablo.

Y solo le dirías:

– Porque tuve miedo de ti.

Y te borrarías pronto todas esas pavadas de la cabeza, porque alguien prendería la tele, que tenía el poder de disolver todos los fantasmas de tu espíritu, quizás por eso te gustara tanto, y sentías incluso un gran placer al verla estremecerse como un monstruito enojado azulado por la variación de la energía, muy frecuente en aquella época. Por eso tu padre, que encontraba una solución para todas las cosas, había instalado un gran estabilizador de voltaje, lo que no impedí que a algunas horas, principalmente a las seis de la tarde, hubiera una baja general de la energía y la imagen se quedara a punto de desaparecer. Y ante el televisor, mi niño, de repente podrías alargar tu vista hacia el futuro, hacia un pequeño departamento donde estarías solo, a los cuarenta años de edad, ante la pantalla de una computadora (¿y qué era una computadora? ¡Nunca habías oído hablar de eso!), pero lo/te verías golpeando rápidamente los dedos contra las teclas que harían *trec trec trec*, y tú, allí solo, ante el televisor, le dirías, prácticamente en un susurro: “¡Eh! ¿Qué haces ahí?”. Y él te respondería: “Escribo tu historia, mi pequeño yo”. Y tú le preguntas por qué tierras habrán corrido sus pies, qué extraños paisajes habrán recorrido sus ojos, por quién su sentimiento habría palpitado. Y él te hablaría de los caminos desiertos de Maranhão donde casi moriste, de una vieja casona en Barroquinha, donde viejos ocultistas quisieron reinventar el mundo, de los márgenes amplios del Velho Chico, el río São Francisco, sobre cuyas aguas se precipitan mangos maduros y en las mañanas suaves los barqueros gritan – entre Propriá y Colégio– que los indios kariri-xocó están al borde de la guerra, y correrás hacia allá en busca de una noticia y de una esperanza vana, y te calarán los ojos las nubes derramadas del vasto cielo de ayer, de los campos verdes del sertón de Alagoas, donde el mono vuela y los acordeones gimen contando versos que afloran en los campos, entre las reses mansas, en una sinfonía de mugidos y silencio, *repentistas*, matones, mujeres que caminan por los caminos polvorientos con sus cacharros de barro en la cabeza, jeeps cruzando barriales, ríos inmensos, ríos peligrosos con sus grandes serpientes devoradoras, caboclos sobre palafitos, niños y monos e himnos y la multitud valiente y triste de este país que tú amas sobre todas las cosas. Tu gloria será andar por este mundo sin fin, escribirá el hombre en la pantalla de su computadora, pero el niño no lo ve más. Allá está el viejo sheriff ocupando tu lugar ahora en las dos pequeñas retinas, viejo, ¿y tú no tuviste la oportunidad de decirle todo lo que querrías desde el fondo del alma? Pero sigues escribiendo durante la madrugada, como un viejo maestro del arte de navegar, y tu computadora es como un galeón fantasma que surca el cielo nocturno con sus velas blancas hen-

chidas por el viento Sur: ve ve ve que el cielo negro no te puede hacer nada más: Ve, que no necesitas más esta brújula, pues para ti, en la noche de tus años, cualquier lugar es lugar; ve ve ve que niña alguna te espera al margen del río (¿y ella no habrá sido devorada también por la serpiente de 15 metros llamada Tiempo?) Es de noche, mi amigo, ¿y te da el tiempo de reconciliarte con tu futuro? Tiendes tu alfombra hacia la aurora que pronto vendrá en la alborada de un nuevo siglo, que es solo un segundo de Cronos, este dios imponente que se sienta ahora a tu lado, y dice: Te morirás en breve y tus páginas también se quedarán amarillentas, y tus letras se empastelarán, como los infinitos dados que echo sobre las eras. Por eso, ¡levántate y camina, pues no hay más tiempo que perder! Ve ve ve con tu carabela, que eres el descubridor de un nuevo continente: el tuyo. Estira tu látigo sobre la espalda de los esclavos de las galeras, pégalas con fuerza, hombre, para que no te trague el remolino del tiempo, el remolino de las palabras, el remolino del silencio, el remolino voraz de esos ojos que se tragan el mundo como una inmensa vorágine, la Nada. Ve ve ve, ¡espolea a este caballo y hazlo volar! Hazle arder las crines y lánzate por los prados del viejo Cochise que aún fuma su cigarro en las entrañas del abismo: ¿no ves el humo que se alza en el horizonte? Ve, hombre, haz resonar tu grito de guerra, levanta tu hacha y lánzala sobre los cañones y los cazas PT-15 de la Fuerza Aérea del Armagedón, corre, corre por las calles desiertas de esta ciudad, bajo las lámparas de neón, bajo la lluvia y observa si te resta algún aliento para cantar. Resucita a tus muertos: los poetas malditos de esta ciudad aún circulan por las calles: Gregório, Anísio, Manta, Short, tus voces aún resuenan sobre los viejos caserones, lejos, bien lejos, de los shopping centers, de las plazas limpias y de los parques perfumados. Sois fantasmas de un tiempo sepultado pero sobre el cual aún no echaron la última palada de cal. Y no lo harán, pues no dejaré que borren tus rostros del porvenir. Lo prometo, amigos. Aunque para eso yo también tenga que ponerme esta capa negra, este sombrero de ala ancha, estas sandalias rotas y esta ropa raída que me alejan del gran festín de los exitosos, de los que se sientan a la mesa del rey y medran, y fingien no ver que él está desnudo. Poetas malditos de Bahia, aún sobreviven en las catacumbas, como los cristianos de otrora, y tus pasos resuenan en la avenida Contorno, en la Ladeira da Praça, en Santo Antônio Além do Carmo, además de todos los ojos que no pueden verlos más. Y yo –¿por qué yo?– les tiendo la mano que se estira y se detiene en el tiempo, inútilmente, quizás. El niño apaga la tele. Es tarde. Más tarde los gallos cantarán sobre las empalizadas de los patios. Itapuã duerme aún en la madrugada de 1963. Y este pequeño apartamento del edificio Trevian, en la *rua* Agnelo de Brito, en Federação, esta madrugada del día 16 de junio de 1999, ya se rinde al cansancio de la hora. Un coche pasa en la calle de adelante: sus faros iluminan durante algunos segundos al hombre de mirada furtiva que se sume en el laberinto de callejones. La lluvia cae sobre los techos. El reloj trabaja acompasadamente: tac tac tac. Llueve melancolía sobre el mundo. Cierra la ventana. *Hace frío. Hace mucho frío, mi amor.*



(Daniela Galdino. En: "Inúmera". Ilhéus: Mondrongo, 2011)

## INNÚMERA

Tengo el síndrome de Tim Maia.  
Tengo las varices de Clara Nunes.  
Tengo los vicios de Piaf.  
Tengo la oreja de Van Gogh.  
Tengo la pierna que le falta al Saci.

Tengo el olfato de Freud.  
Tengo el cansancio de Amélia.  
Tengo el peso de Maria.  
Tengo las dermatosis de Macabéa.  
Tengo el escupitajo de Sofará.

Soy la línea tenue que une a los xipófagos.  
Soy una interrogante que vaga presurosa.  
Soy un insulto disparado a quemarropa.

Tengo atajos aún no recorridos.  
Tengo palabras desgastadas y nulas.  
Tengo una voz *plumífera* y cortante.

Lo confieso: soy intrusa, soy innúbil, soy innúmera.

## MUJER ABYECTA

No sé dibujar  
no sé hacer cuentas  
solo entiendo de asustar palabras.

Le jalo la cola al verbo  
le clavo los dientes en el dorso.

Quiero des-edificar hogares  
provocar el divorcio  
entre significante y significado.  
Entonces el hueco del lenguaje se barrerá por el revés...

Acerco la boca a la oreja de los vocablos  
y susurro:  
"Dios es nuestra creación necesaria".  
Ellos habitan pantanos de pánicos.  
Están listos para representar mis terrores.

No espero el día  
en que mi nombre flotará  
en las páginas de una hagiografía.

No sé qué evangelio rige  
las impurezas de mi arte.

Reboso de excrecencias,  
dudas, luminosidades.  
Y... solo entiendo de asustar palabras.

## ALBORECIDA

desperté con un sol enorme  
dentro de mí

se me abararon los órganos vitales  
rayos transitaron por mis venas

pensamientos de lodo me burbujearon  
en los mantos freáticos de la memoria

el sol se adueñó de todo  
expandió felonías olvidadas

creció un centenario baobab  
en el terreno inhabitado de mí

el temblor de este nacimiento  
alimentó un espectáculo frondoso:

sombra en la espalda del día  
vértigo en la mariposa.

# NOSTALGIA AMANECIDA

mis pies contienen mapas  
desfigurados por cartógrafos locos.

y esos pies tocan sin cuidado  
la profusión de hilos... rastros... flujos...

olvido mis aires de muchacha  
ignoro compendios  
transito por rutas imprecisas:

la lengua recorre lágrimas  
la boca traga axilas  
los dedos iluminan cóncavos  
la concha grita espumas

el cuerpo se balancea en la cadencia  
de la memoria indistinta:  
sus chorros trémulos  
en mis puntos cardinales.

# CONSEJO INFANTIL

*Dandara*

Medí el río que divide la ciudad del Mí  
Contemplé el espectro de peces aislados  
Aspiré el miasma de sueños olvidados  
Seguí el transitar de las baronesas infértiles  
Me multipliqué en silencio.  
Ensayé la elegancia de las garzas.  
Tus palabras me despertaron:  
"yo soy mayor por dentro".

# SEGUNDO CONSEJO INFANTIL

*Luana*

Toda ventana esconde preguntas.  
Los parapetos contienen cabezas en brasas.  
Un corazón de niña no reconoce obstáculos.  
¿Dónde calles tan presurosas?  
¿Dónde carros tragando gente?  
¿Dónde hilos sin cometas enganchados?  
La jaboticaba de tus ojos dijo:  
"el cielo tiene más espacio."  
Allá es donde voy a manejar".

## RUTINA

No necesito que nadie me defina.  
Me seco...  
Me hundo en el gran bote de basura  
Mezclada con las flores magulladas

Pero esquivo el destino irreciclable.  
Permanezco donde no se supone.

Escapo de la muerte cosiendo melodías singulares.  
Reinvento la poética en la travesía de las mañanas.

Madrugo dilación comiéndome las hojas del tiempo.  
El estopin del verde basta a mis necesidades.

Devoro con vigor el producto de mi fertilidad.  
Yo también soy mi principal nutriente.

En prolongados silencios me reforesto.  
En desmedidos gestos me reflorezco.

Propago aromas y rompo el capullo:  
en mi casa todos los días me vuelvo mariposa.

# GUERRA

Soy espada  
soy abebé

soy flor amarilla  
que abre  
hacia adentro

tengo  
una sutileza  
de explosión.

## LA CABRA

("Reverdor", 1965)

Tal vez un lirio. Máquina de albura  
sonora al soplo neutro en los olvidos.  
Te pierdo. Cabra que eres, me tortura  
cuidarte, ojos paciéndome, vencidos.

Máquina y jarro. Albor contradictorio  
de luna, el casco en piedras vas puliendo,  
dominas suave clima en promontorio;  
cabra, la hierba al sueño prefiriendo.

Me surca, perdurando en el oído,  
trabajado en marfil, luz y presencia  
de reinos pastoriles que ha servido,

tu pelo, residencia de ternura  
suspendida del alba en refulgencia:  
flor animal, sonora arquitectura.

405

## GALOPE AMARILLO

("Fábula civil", 1975)

Cuando volvió  
la joven del portón se había casado  
el alcalde era una cruz con una placa  
las aves habían cambiado de trayecto  
como los autobuses  
su hermano menor tomaba opio  
para olvidar.

Cuando volvió  
el empleado de la esquina había respondido  
a un juicio  
en que perdió la esperanza y los dedos  
su padre había fusilado a un estudiante  
su madre se había ido con un ambulante.

Cuando partió  
la primavera galopaba en los rosales  
los campos de begonia florecían  
el ganado roznaba en los corrales  
la tierra desafiada rebosaba como  
una yegua en la víspera del galope.

Cuando partió  
el alimento de los ojos era verdura  
del paisaje más allá de la valla  
las guayabas llenaban los canastos  
las mujeres volvían con los niños  
los viejos hablaban de apariciones  
la luna espiaba el patio y el terreno.

Cuando volvió  
el ministro citaba al arquitecto  
con la intención de restaurar  
el tiempo ignorando a los relojes  
el muro sustituía al horizonte  
autoridades somnolientas repartían  
el pasaporte de los hombres al hospicio.

Cuando volvió  
las leyes se habían vuelto aún más fósiles  
las oligarquías mucho más poderosas  
los poderosos más astutos  
el ministro recordaba "la pala bajo los escombros"  
el niño releía las primeras planas de la guerra  
los prejuicios rimaban con la economía.

Cuando volvió  
había una encrucijada y un altoparlante  
la joven del portón se había casado  
su hermano menor era un soldado viejo.

Cuando partió  
la primavera galopaba en los rosales.  
Cuando volvió  
el cielo era solo un galope amarillo.

# BAÑADAS DE LÁGRIMA ESTÁN LAS PIEDRAS

("Poesía reunida e inéditos", 2011)

*Somos un caos irisado.*  
Paul Cézanne

Ver la fuerza del día romper, vibrando  
entre un crepúsculo y otro crepúsculo,  
de la tierra emerger la voz del músculo;  
No hay nada por decir, estoy llorando.

Despierta el día cuando yo despierto,  
Estático, detrás de la baranda.  
Atado a forma y a color, advierto  
La mano universal que esto comanda.

Mi mente expulsa la mediocridad  
Que navega de un polo a otro del día.  
Y aquí me enfrento a otra realidad,  
Siempre dispuesto a la melancolía.

Mira, dice Cézanne: Natura toda.  
y yo la miro, ¡el resto que se joda!

## METÁFORAS DEL AMOR LOCO

("Poesía reunida e inéditos", 2011)

*Tantum in amore preces et benefacta valent*  
*(En el amor, solo las súplicas y los favores valen)*  
Propertius (Elegías)

Si de la noche sorbo dulce calma  
y así se esfuman sombras dolorosas,  
indago y pienso si tendrás un alma  
o eres puro animal color de rosas.

Duda bajo las alas poderosas  
de un ser inexistente que me calma:  
si hasta en el mar de ausencias corto rosas,  
¿me quema el hielo de tu polo el alma?

No sé si tienes garra o pico. Noto  
el brillo de una forma contra el soto.  
Si un animal me aguarda, antes me empeño



en cazar, mas me vence esa figura:  
de pronto descifrada la criatura,  
temo que sea la muerte el postrer sueño.

## TARDE EN LA CANCHA

La lluvia ha de pasar. De cuando en cuando,  
Huidizo cruza el aire el vocerío.  
La tarde centellea, allende el río  
Teles y Caboclinho están jugando.

No puedo ver, la lluvia me molesta.  
Vistiendo sedas, clamo al aire, ruego.  
Mi tía, al cruzar la calle, me amonesta  
(Nada me ayuda): "¡Alto, es solo un juego!"

Rabia. Toco tres veces la madera.  
¿Será que va a llover la tarde entera?  
Díganme cómo van los litigantes.

Pues es agosto y llueve sin parar.  
Adentro, el niño quiere festejar  
Pronto. Atlanta y Palestra, dos gigantes.

## RECUERDO DE RES DESOLLADA

Dejé mi libro. Vi por la ventana  
espeso azul y nubes. Recordé:  
setenta años ha murió Soutine  
de una úlcera abierta en las entrañas,  
cual la res desollada de aquel cuadro,  
un retrato convulso de su arte.  
De nuevo veo el paisaje; aún el cielo  
de color turbio y ruidos de amplia calle,  
edificios y casas, frente al porche,  
sin pasto o campo, solo, lejos, verdes  
que invocan su mirar de voz opaca.  
Y yo aquí pensando en Chaïm Soutine  
que pintaba, día y noche, suspendidos  
cuartos de res comprados en los rastros.

## LA LINDA INÊS

(Capítulo de la novela "Don Solidon")

Estaba la por el momento deliciosa Anabela, y no más la linda Inês, acomodada en paz, con los ojos cosechando no los dulces frutos de la tierra, sino atentos a la aguja, porque remendaba ropa, cuando oyó el rumor de un automóvil frenando en la puerta. Suspiró. Pues sí, el tiempo pasa. El tiempo *goes by* – y se llega, sin sentirlo, a la era de los corceles de hierro, lata, aluminio y caucho, mucho más ardorosos, por cierto –.

Levantó la vista de la tela, frunció los ojos que le dolían por el esfuerzo de concentración. ¿Quién sería? Más sobrecogedor, quizás, sería colegir qué sería. Pero estaba equivocada.

Anabela escondió la ropa vieja, se miró al espejo, se ajustó la falda por las rodillas, enderezó el cuello, se pasó la mano por el pelo suelto que le llegaba a la nuca y fue a la galería. Estaba sola, o se juzgaba sola, en un melancólico fin de tarde.

Una bandada de caciques lomoamarillo, en rumoroso vuelo bajo, la volvió a sacar de su embelesamiento.

Un desconocido la miraba, de pie, junto al Ford aún caliente por la carrera, casi jadeante.

Estaba de pantalón y saco, sin corbata. Edad madura, vientre algo abultado, manos gruesas, ademanes desenvueltos de quien se habituó a mandar, o de quien se presta a las burlas. Aquella cara le era familiar. ¿En qué lugar y cuándo la había visto? Anabela, perpleja, revuelve su memoria, en vano. Al fin, el hombre se descubre. Mejor dicho: levanta un ala del sombrero de fieltro.

"Buenas tardes", saluda Anabela.

Y como, en vez de decir a qué había venido, el hombre la examina de arriba a abajo, con algún desparpajo, deteniéndose en el busto y las caderas, que, sin estar llenos, no dejaban de parecer fornidos, Anabela añade, como quien va a retirarse:

"Mi marido no está. Vuelva mañana."

"Lo sé."

"¿Sabe que no está? ¿Y aun así lo viene a ver?"

"Está en el casino del club."

"¿Y? Suele ir."

El hombre ríe.

"Le agarró el gusto", dice.

"Hay gustos menos perjudiciales."

"Es verdad, señora. Pero su marido está en una racha de mala suerte. En ese estado, lo arriesga todo. Espera la suerte."

"¿Y por casualidad viene?"

"Un día llega, cuando menos se espera."

Sin invitarlo a entrar, ella, atónita, lo miraba desde arriba del porche, sin dar muestras de querer descorrer el pestillo.

"La mía demoró, pero llegó", dijo el hombre.

"¿Perdón?"

"Digo que mi suerte finalmente llegó", repitió él.

"¿Ganó mucho?"

"Creo que sí. Aún no tuve el gusto."

"Pues lo felicito. Ahora, si me permite..."

"Un momento, señora. ¿No quiere saber cuál fue la apuesta?"

"No es asunto mío."

"Disculpe, pero sí es asunto suyo."

"¿Y por qué?"

"Su marido la apostó a usted."

En vez de sonrojarse, Anabela se estremeció. Se le fue la sangre al suelo, en rápida retracción.

"Él apostó en mi buen pago. ¿Fue eso?"

"No", dijo el hombre, ahora abriendo la sonrisa. "Apostó dos horas de amor con usted. Y perdió."

Anabela se calló.

"Vine a cobrar", dijo el hombre.

Anabela no lo oía más. La mirada muerta erraba por los árboles, sin ver nada, se deslizaba ciega por el musgo de los muros y paredes.

"Vaya a arreglarse", dijo el desconocido, con voz de mando. "Póngase perfume francés. Me gusta la ropa interior negra."

"¡Más respeto, señor!"

"Él apostó y perdió. Estoy aquí para cobrar. Vamos, muévase. Tengo un buen lugar, discreto, fuera de la ciudad."

A Anabela se le aflojaron los nervios; y al mismo tiempo le vino también un acceso de risa.

"Es un asunto serio, doña. Es deuda de juego."

Anabela, ahora risueña, pero con una risa burlona, dio unos pasos al frente, como quien iba a descorrer el pestillo. Solo quería mostrarse. Bajó la cabeza para acentuar el escote: los senos crecieron desnudos. Sacudió los pasos para acelerar el contoneo dócil de la cadera.

"Necesito una prueba", dijo.

"¿Un papel escrito?"

"Sí. De puño de mi marido."

"Traje uno", y el hombre sacó un papel doblado del bolsillo del saco. "Esta firmado, como usted misma verá."

Agitó el papel al aire, desdoblándolo.

“¿Reconoció la firma?”

El tono de Anabela era de chacota.

“Eso no. Usted conoce la letra de él. Tome.”

“El documento puede ser apócrifo”, dijo Anabela. “No me entrego así, sin papeles oficiales, a cualquiera.”

Una tabla suelta del salón crujió. Marbela irrumpió en el porche armada con un rifle. Sin apuntar, tiró al azar. El hombre corrió hacia el auto, cerró de un portazo y arrancó con un chirrido de ruedas en los adoquines húmedos. El segundo tiro, también sin dirección, le pegó, derribándola, a una rama de jobo que, por poco, no cortó el paso en la alameda. El motor del Ford desfalleció en una esquina lejana. En el silencio restablecido, cuando las últimas claridades se teñían de negro, Marbela y Anabela se encararon, mudas y serias. El rifle volvió para atrás de la puerta de la sala, la hermana de cara cortada entró en el cuarto y se encerró. Anabela miraba, miraba. Y por más que estirara la vista no vio el ómnibus escolar parando cerca y a las niñas bajando.

## JONAS

(Capítulo de la novela “Inúteis Luas Obscenas”)

*Es luna nueva. En el cielo, un trozo de guadaña en forma de alfanje. Pero los caminos ahora oscuros siguen claros en la memoria. Él los conoce de memoria, sus curvas y elevaciones, los charcos, los portones. Ya lo calculó todo. No tiene caballo fuerte y veloz, pero Passarinho sirve, la distancia de la carrera no es larga. En Ferradas, arrimado a un mostrador, Jonas se había visto impelido a robarse a la joven debido a la charla sobre un caso reciente ocurrido en Itajuípe.*

*– Un beso no se pide, se roba. Una joven que el padre niega, también se roba, y listo –dice uno.*

*– Solo depende de lo que quiera la mujer. Cuando ella quiere, es una papa. Solo hay que subirla al lomo del caballo –dice otro.*

*– Me parece que no, el amor contrariado termina en tragedia –dice un tercero, mientras vacían las copas de aguardiente y escupen en el piso. – Por eso, el padre vivo accede en seguida: es el menor de los males.*

*– ¿Y si no accede? ¿Y si los enfrenta?*

*Entonces los enamorados pueden hacer un pacto de muerte. Ha ocurrido. O él se lleva un tiro de emboscada y ella se va a un convento a la fuerza, como pasa en las novelas. O simplemente se escapan y los padres terminan perdonándolos. Es lo más común –comenta otro.*

*Jonas concuerda. De cualquier manera, no le preocupan las consecuencias. Él quiere a Celina. Celina ya le dijo que también lo quiere. ¿Y bien? “¿Estás dispuesta a irte por el mundo?”, le preguntó él. “Sí. Me voy contigo.” “¿Hasta el agujero*

del mundo?" "Hasta el fin del mundo". "¿Y si tu padre y tus hermanos nos persiguen?" "Nos escondemos". "¿Y si llevan sabuesos?" "No sé. Tú eres hombre, vas a saber qué hacer", dijo Celina. "Espera en la ventana", le indica él. "Solo tendrás que deslizarte hacia la silla, atrás de mí, y abrazarme por la cintura." "Está bien", dice Celina. "¿Cuándo?" "Cuando yo silbe bajito. Quédate despierta, atenta". "Sí, mi amor".

*Luna nueva. Jonas podría haber elegido otra noche. Bastaría con consultar el almanaque del Sordo para saber cuándo vendría la luna llena, o al menos el cuarto creciente. Escaparse en una noche mal iluminada es más difícil. Pero escaparse en una noche de luna llena facilita la persecución. Más vale dejarlo todo en manos del destino. Y además, ¿por qué esperar dos o tres cuartos de luna, si puede tener a Celina dentro de poco, una noche de estas, mañana mismo?*

*En casa, Regina presiente el rapto. Rapto, sí, Celina aún no cumplió los dieciocho. Regina ve a Jonas cepillando sus botas. Ve a Jonas revisando las riendas y la brida. Ve a Jonas aceitando cierres y resortes, lustrando cueros, guardando la mochila donde pretende llevar provisiones. Él nunca afiló el facón de noche, es un trabajo que siempre dejó para la mañana, bien temprano.*

*Puede ser esta noche, piensa. Como hija, como hermana, tiene el deber de denunciar la desgracia venidera. Acercarse al Sordo, interrumpir su lectura y gritarle a los oídos duros: "Jonas va a escaparse." El Sordo se iba a poner pálido y, sacándose los lentes redondos con la mano temblorosa, iba a manifestar todo el susto y estupor con una pregunta: "¿Qué me estás diciendo?" Solo esto: que Jonas va a raptar a caballo a la hija del fiero coronel Castro Guerra.*

La noche está de hecho lóbrega. Con la linterna que enciende y apaga, a intervalos, para orientarse sin llamar mucho la atención, como si lo llevara un fuego fatuo de los pantanos, Jonas avanza despacio y cauteloso por los dominios de Castro Guerra. Primero, los bosques espesos de cacaoteros, con los frutos brillantes a la penumbra de la luna; después, el frutal por detrás de la casa grande. Baja para atar trapos a los cascos de *Passarinho* y así reducir los gritos de las aves en el gallinero ante un graznido ocasional. Y así, de a poco, presentado por los cerdos y ya con los perros atentos, pero callados, entra al patio lateral, donde crecen árboles frutales –el papayo, el carambolo, el yambo, el aguacatero, la pitanga, algunos naranjos de ombligo. El silencio solo lo rompen los ruidos habituales de la noche, que llegan, en general, del chiquero, del sótano y del gallinero. Los insectos chirrian. Uno u otro ulular de lechuza en la horqueta de algún árbol, además de murciélagos en susurrantes vuelos rastreros.

El alfanje de la luna parece colgar afilado sobre Jonas y su montura, cuando él se acerca a la ventana y tira de la rienda. Silba bajo. Nada. Silba otra vez –y el sudor que le inunda la frente, bajo el sombrero, empieza a gotear–. ¿Cómo Celina se me fue a olvidar del trato? ¡Pero no, pero nunca! ¿Se habrá quedado dormida, sin querer? ¿O los Castro Guerra, desconfiados de sus modos despreo-

cupados, le habrán puesto un somnífero en el vaso de leche y estarán ahora al acecho, con la mano en la cacha de los revólveres y rifles, caballos ensillados y escarbando el suelo en la puerta del frente, y husmeando el sabor de la venganza, que en ellos sería cruel? Jonas se estremece. Va a arrojar un pedregullo contra la hoja de la ventana, arriesgándose a que lo descubran de una vez y lo bajen a tiros, como a un ratero nocturno, cuando se abre una franja de la ventana y surge, encuadrada como en un marco, la cara tensa de Celina. Jonas le hace una señal. Ella aumenta la abertura, se sube al antepecho y se deja caer a la grupa de *Passarinho*, que acepta la sobrecarga con un sobresalto. Los brazos de Celina rodean la cintura de Jonas, que es para ella, toda apoyada en él, una almohada grande y dura: apoya el rostro en su hombro, los senos se comprimen contra su espalda –uno y otro, el caballero y su joven robada, una figura deforme, con extraño dorso y cuatro patas, bajo los rayos entenebrecidos de una oscura luna nueva–. Jonas acerca suavemente las espuelas a las ijadas de *Passarinho*, y el caballo, observado por los tres perros que se rascan, buscándose pulgas, y aún esperan un pedazo de carne, retrocede hacia la sombra más empozada de los cacaotales, una sombra compacta donde apenas se distinguen los troncos cargados de frutos, entre los cuales lo guía su jinete.

Jonas siente en la espalda los senos tibios de la joven que, apretados contra las telas, son para él dos llamas reprimidas. Tibios, cálidos, calientes. Calientes también están el rostro, los brazos que ciñen al jinete. Desnuda, en el refugio de la cama, en la desinhibición de la intimidad, Celina debía arder deliciosamente, de los pies a la cabeza –y Jonas concentra ahora su deseo en el primer instante en que estén solos y al abrigo de los Castro Guerra, en el entrevero, que al principio sería ansioso, de sus cuerpos sacudidos por espasmos–.

- ¿Estás sin sueño? –pregunta Jonas.
- Un poco.
- Pero no te duermas. Trata de despabilarte hasta que estemos lejos.
- ¿A dónde me vas a llevar?
- A pasar la noche en la casa de un amigo. Mañana seguimos la huida.
- ¿Ya sabes cuál es el destino?
- Por ahora, no. Aún no.
- Tengo miedo –le susurra Celina.
- Ahora, después de lo que hicimos, tener miedo es un lujo –le dice él.
- Papá y los hermanos ya deben estar atrás de nosotros.
- Quizás no. Trajinan todo el día y, de noche, después de la cena, se desploman de sueño. Duermen como piedras, como brutos.
- Eso es verdad.
- Pero de mañana temprano, me buscan, descubren la fuga y sueltan a los perros.
- Los de ellos no nos muerden.
- Pero nos olfatean y nos amedrentan.

– Prometo no dejar pistas –dice Jonas, volviéndose en la silla, intentando darle un beso. Apenas le roza el pelo, que huele bien. Ardiendo, con miedo de perder el sentido de la huida en virtud de tener los sentidos puestos todos en la mujer, Jonas cruza un río llano, en un lugar desacostumbrado, para despistar a los perseguidores, y bordea la otra orilla antes de subir el barranco. Apretada contra él, con la cara quemándole los hombros anchos y clavándole los pezones en la espalda, Celina se deja llevar, en la primera y quizás única y quizás última y gran aventura de su vida.

Le agrada ser una muchacha robada. Le agrada irse. Escaparse de su casa, a lomos de un caballo, en noche sin luna, ¡qué romántico! Eso la distingue de las demás jóvenes, que esperan a su hombre correcto, algunas ya mustias por el tiempo de espera, consumiéndose en las sombrías recámaras de caserones coloniales.

– Jonas.

– Hum.

– ¿Es para siempre nuestro amor?

– Te juro que sí. De mi parte, lo es.

– ¿Ocurra lo que ocurra?

– Venga lo que venga.

– Pero tengo miedo. No lo tenía antes, ahora siento un frío en la espina.

Y empieza a llorar un llanto sacudido, a sollozos.

– Calma. Ese miedo tuyo es natural –dice Jonas.

– ¿Tú también lo sientes?

– Para serte franco, sí lo siento.

– Es miedo a papá, lo sé.

– Y a tus hermanos también. Y los matones que ellos juntan.

– Si nos agarran, estamos muertos.

– Yo, ciertamente. Tú, no.

– Pero no me aceptan otra vez en casa.

– Eso es verdad.

– Estaré deshonrada. Es más, ya lo estoy. Perdí la inocencia de doncella al saltar sobre el lomo de este caballo –lloriquea Celina.

Silencio. Se oye, además de los grillos, el resonar de los cascos de *Passarinho*.

– En la opinión de papá y mis hermanos, ya soy una mujerzuela, una prostituta.

– No nos van a agarrar. Te escondo en la más alta horqueta de madera, en el hueco más escondido de la caverna más cerrada, en el fondo de los despeñaderos adonde nadie baja –dice Jonas.

– ¡Virgen Santísima! ¿Y cómo vamos a vivir? ¿Siempre escondidos, encubiertos?

– Encontraremos una solución. Con el tiempo, aflojarán la vigilancia.

– Pero yo me quiero casar, Jonas. En la iglesia, con vestido blanco, ¿oíste?

– Tu padre nunca te dará la bendición.

– No me importa. Encuentras un cura que nos case, y listo.

– Claro, claro.

– Y vamos a vivir en la ciudad, e iremos de noche al cine, del brazo, marido y mujer.

– Sí, mi amor.

*Passarinho* daba señales de cansancio. Noche adentro, Jonas entra en la vecindad de Cajueiro y busca la casa de su amigo Rosendo, que está sobre aviso. A salvo, por ahora. *Passarinho* se va a pastar. Hasta aquí, ninguna señal ni noticia de persecución. Sentada en una silla sucia, en la salita apretada donde, de adorno, solo había un calendario en la pared descascarada y un San Sebastián perforado por flechas, Celina llora otra vez. Un llanto silencioso, agua que le corre mansa de los ojos lastimados. Lloraba todavía mansamente cuando Jonas la llevó en sus brazos hacia el cuarto reservado por Rosendo; y allí la tuvo, finalmente, entre lágrimas, pequeños gritos y jadeos, iniciativas y resistencias, a la luz de un tiznado candelero.

Rosendo había desaparecido.



## SEGUIR NO SIEMPRE ES AVANZAR

("Ao longo da linha amarela", P55 Edições, 2009)

**D**e no ser por el celeste, por esta atmósfera marina, por el largo y hermoso dibujo de la costa que se extiende a las curvas de las mujeres, esta ciudad estaría definitivamente perdida.

Ven a caminar conmigo por la *Rua Forte* de São Pedro, saliendo del Campo Grande hacia la Avenida Sete, por la acera de la derecha, y, no hay que esforzarse mucho, fíjate en los puestos improvisados de fruta, verdura, pescado y afines, cuya fealdad y hedor se avivan con la mañana a plomo. El fluido desorden de los peatones, arroyo humano, que con el calor de fines de febrero más se enerva. Esta ciudad, como sus mendigos, necesita una higiene física ejemplar, pues de la mental, por ahora, no hablaremos.

416

Mientras recorro toda la larga acera, dudo si dar vuelta a la derecha, en el semáforo, y bajar por Politeama. No bajo. Espero la luz verde y paso. Voy hasta la Mercês y observo ese caos simétrico desparramado por la Avenida Sete, que va a desbordarse por los rumbos de la *Praça da Piedade*. En él me disuelvo. En esta confusión ordenada, soy lo que soy: nadie, pero un nadie individualizado.

En el *Largo do Rosário* compro plátanos, enciendo un cigarrillo y doy monedas al mendigo más cercano. Un cuerpo sale a toda velocidad en sentido contrario, como si fintara, por entre el flujo de peatones (¿asaltó? ¿lo asaltaron?) y más adelante desaparece. Sigo, aparentemente integrado a este desorden, que parece relajado y alternativo a los aduladores ojos extranjeros. Aquí, no allá.

Después de cruzar la *Praça da Piedade*, el paso duro, la cara *idem*, me apretujo en el hormiguero hacia la *Estação da Lapa*, bajo y entro en la librería de viejo Juvenil, que, en su exiguo espacio, suele estar atestada. Me topo con Tágner, otro nadie, pero sin el don de la individualización, desprolijo de ropa y cuerpo, habituado y avezado en expedientes amorales para mantenerse vivo, razón por la cual conocía todas las librerías de viejo de la ciudad, para afanarse su verso diario, pero su especialidad era el proxenetismo geriátrico, gay, viudo y de cualquier ser viviente psicológicamente frágil. Ni su propio hijo se había librado. Me nota, pero finge que no. El más grande lector de prefacios de la ciudad, el profundo conocedor de la cultura introductoria, la pose, sí, la pose, que es el emblema más explicativo de la psique *tupiniquim*, local. Dueños que somos de esta maldición inherente a los trópicos: la cáscara como sentido de lo superfluo, la evidencia de lo hueco considerada como la esencia última. No obstante, Tágner es una de estas criaturas desechables, entra en un párrafo para desaparecer en el siguiente.

No me atraso viendo lomos viejos y ajados, vuelvo por el mismo camino y llevo al principio de la calle Joana Angélica, doblo a la izquierda, rompo el

griterío de vendedores ambulantes y peatones. Del *Largo* del Relógio de São Pedro me encamino al monasterio de São Bento. Me siento, fijo la mirada en el domo de la iglesia y, a estampidos, medito.

La arquitectura moderna es el aplanamiento del espíritu. El estilo monumental del Medioevo lo verticalizaba, pero la moderna arquitectura, con su gigantismo, con la dureza de sus líneas, con su pseudoamplitud y su sentido espacial degenerado, empequeñece al hombre en una desesperante claustrofobia. ¿No es este uno de los factores de la prisa automática, de la paciencia o impaciencia mecánica que nos acometen? La arquitectura no es escultura, preceptuaba ya Marques Rebelo.

Un pie en cada tema, como el trazado irregular que recorrí desde el centro hasta aquí.

Es el mal común –doméstico y público, vulgaridad que es fuerza y no debilidad, como la mala hierba inmune al jardinero más hábil– el trabajo más refunfuñón. ¿Sirve de algo extirparlo por la raíz? El barro del que estamos hechos es demasiado fértil para esta renitencia poco vulgar. Se convive. Y algunos solo piensan en podarlo cuando sus ramificaciones ya se han vuelto intolerables para la fachada externa. El rebaño no ve el matorral. La introspección del instante me proporciona algún material: mientras más me adentro, más me asombro. Y hay una especie de altivez cuando noto mis monstruosidades. ¿Creerse un poco mejor por saberse enfermo es señal de salud? Nadie soporta recorrer durante mucho tiempo los callejones más sucios de su ciudad interior. Es duro ver, en la plaza de esta ciudad, la pátina y la caca de paloma sobre nuestro monumento ideal. El bronce moral es el más susceptible de herrumbre.

Cae la tarde.

La luz de la hora del ángelus cayendo sobre la ciudad y desparramándose por sus calles, callecillas, callejones y nichos que los puristas, desatentos, indiferentes, nunca han explorado; esta luz que da al contorno de las cosas otro significado, no sé si más grande, pero sí más grave.

Después de que la ciudad jadea, rechina, suelta sus pruritos por la piel grisácea de la multitud solitaria; después de que la ciudad sin pudor expele sus ventosidades por los escapes de los autos, de las motos, autobuses, caños y bocas que maldicen; después de funcionar como una inmensa cloaca, dividida en mini y sub cámaras por donde proyecta sus substancias y signos vitales; después de ese tumulto orquestado por una batuta misteriosa, que no puede, pues es imposible, evitar las colisiones del tráfico y de los espíritus; después de todo eso hay un punto detenido, al principio casi imperceptible, pero que se vuelve espacioso conforme avanza la noche. En este punto es donde me cercioro, yo, un nadie individualizado, de que hay algo patológico en esta intranquilidad sin sentido. En fin, es necesario ganarse la vida, esta ilusión táctil, y darse cuenta, sí, es vital darse cuenta de que la trascendencia no está al alcance de los centavos, sino que forma parte de ella.

Salgo del monasterio de São Bento y me detengo en el centro de la explanada.

Un hombre, en un anhelado diálogo, puede verter sin amarras pasajes mapeados de su ciudad vivida, no hacia la posteridad, sino hacia la explanada casi abandonada donde se alojó su infancia. El viejo poste me escuchará, quizá incluso obtenga alguna respuesta de la olvidada esquina si me insinúo de por medio, me autocontesto. Pero la que me responde es la copa centenaria, imperiosamente elevada y absoluta sobre sus raíces indóciles ante cualquier pavimentación, que me imputa mis fracasos bajo la mirada del niño que fui. El niño es juez, y eso es posible porque el adulto en que se convirtió, ha fallado; también porque ningún niño es padre del hombre, pero acusa: la soñada rectitud de principios y actos, la acción refleja de los siglos de Sócrates, ¿dónde? Esparcida en mi vagabundeo íntimo. Me esforcé por deshilar lo que tan irregularmente he trazado. En aquel punto de cruz, en la curva de los treinta, se acumuló un remordimiento atroz seguido por un arrepentimiento sin alivio. ¿Es posible? Tal vez. Tuerzo y retuerzo esa malla pretérita, por comodidad busco las manchas más chicas y me hago de la vista gorda ante los estragos considerables. ¿Lo cometí todo? ¿En qué escala? No lo sé. O, más bien, lo sé y me pierdo en lavados sucesivos, donde las manchas y los desgarrones se vuelven inolvidables. La autoconsciencia es un ejercicio perturbador, amigo mío, me dice la explanada sucia y mal iluminada.

La falta de coordinación entre las piernas y la espiral vertiginosa que llevan dentro no es visible para quien, evidentemente, se interesa y se fija en el mulato alto, pelón, ojos vivos, nariz de bóxer, hombros fuertes, barriga levemente protuberante, zapatos negros, pantalón de brin y camisa azul. Bajo la cuesta hacia la plaza Castro Alves y subo por el torbellino de mi caos interior. Caminata oscilante, que causa náuseas morales. ¿No habrá sido este, contumazmente, pese a las evasiones de orden estético y metafísico, mi vagabundeo?

Paso por la plaza, cruzo la calle Chile y, lo suficientemente lejos del heladería Cubana, me apuesto y miro la Bahía de Todos os Santos, que, desde aquí arriba, con la noche en pleno, sigue hermosa.

## EDIFICIO FAVELA

("Ao longo da linha amarela", P55 Edições, 2009)

*Para Edmar Brasil*

**B**rasil. Por las nervaduras de Soterópolis, bajo la lluvia, las vértebras fallando, desempleado, entregando currículos del tamaño de mi insignificancia. ¿Afecto y amabilidad en esta tierra de miserias? ¿La cabronez mitificada? Me apeo en la costera, cruzo y me meto bajo un toldo. Con la cabeza gacha para no pisar mierda, apresuro el paso hacia el puesto de periódicos más cercano. Abrigado en el puesto, el dueño calvo, flaco, hablador, me señala la librería. Voy cojeando,

más fuerte se suelta el aguacero. Entro, como pollo empapado, me dicen que vaya al fondo de la tienda. El currículum es un camuflaje para, después de tocar la puerta de tres cuartos, llegar a una mujer con cara de desperdiciada, que se cree más de lo que es. Amistoso, aparentando respetabilidad, intimarla (estamos a solas) a que me pase el contacto correcto, si no, forzar con los muslos y la genitalia su cuerpo delineado y, aplicándole una llave en el brazo izquierdo, prepararme para romperle los dedos, uno a uno. Ella escupe la dirección del comprador que busco para los originales, las nalgas le llenan los jeans a reventar, a mí se me para. Asustada, intenta retroceder, la apretujo contra la pared, no voy a hacer nada, hay gente en los cuartos contiguos. Le arrimo un arma hipotética y voy soltándola despacio y exigiendo, con voz baja y viril: cállate la boca. Sin que sospechen de mí, llego a la calle Manoel Dias y me trepo a un autobús.

El bardo ni me importaba. Lo que valía era la reliquia. El níquel. Dijo Zé:

– Está aquí en el primer piso de la Fundación La Casa.

Me dijo que algunos originales ya habían desaparecido, mientras bajábamos la plaza para tomarnos unos tragos allá abajo, entre la desvergüenza de la fauna.

Salgo a pie de Ajuda, subo y bajo cuestras, cruzo plazas donde putas y doncellas de otras épocas fueron poético-musicalizadas, mientras que hoy en día son los que hicieron uso de la pluma, el sonido, el cine la plástica etc., los que mamaron y maman de alguna teta institucional. Desembarco en la Estación de la Lapa, olisqueo el aire grasoso, sudado, cansancio de su estridente, pero atarantado movimiento. Iba con China. No diré que en sentido contrario, pero sí medio fuera de lugar.

Colgante, lleno, encharcado, tras de media hora de viajar salto en el Ed. Favela. Subo al cuarto piso. Desnudo, onán, con binoculares, mientras imagino matanzas entre las personitas de allá abajo.

\* \* \*

Amanece nublado, el aire estupor, salto en la Sé y camino. Chaparro, robusto y tronchudo, pero ágil para las horas de caminata por el centro con una buena dosis de anestésicos para que las vértebras no se me desarmen. No voy a la Fundação, vuelvo, bajo por la Ajuda, paso por la Castro Alves y entre la manada perra, el mestizaje máximo, las servilletas son mariposas revoloteando en el asfalto, ambulantes de todo, y si está lluvioso llegamos al Reloj de São Pedro chapoteando pregones, baratijas, tinte que se desgasta. Andrógina, mestiza-city, zalamera, afable en un primer momento, pegajosa, pero puta y ladrona. Marica-city, de manita caída. Sexto-estómago, sexo-estómago, su pulsación puerca, y de este ritmo, ¿qué se saca? Lo viscoso de sus callejones, la mezquinidad que todo lo recorre, en la Avenida Sete por arriba de la Piedad; me meto en una calle transversal, y voy al chino que vende por kilo.

Si no me ocupo, me pierdo. Voy hilvanando esta trama por los veneros de Soterópolis para tener algo parecido al sentido, aunque la ascesis se extienda hacia los lados, horizontal, pero aplaca momentáneamente nuestra sed de trascendencia. Ocupación hasta cierto punto nociva, porque la hipótesis bastó para que el maniaco que vive en nosotros quemara generaciones y *ab aeterno*. El logos y el instinto modulan lo abstracto. Me estoy haciendo bolas mientras mastico la variedad que el cliente sospecha en el chino. Aquí no es necesaria la etiqueta, eructo, me limpio los dientes con el palillo, pago y me voy a la parada más cercana. Zarpo en un colectivo que cruza veloz la urbe-laberinto que es un infierno más o menos controlado; ciudad que se hincha no del todo convulsa aún, metal-flux delineando el concreto armado que crece por sus cuevas, baldíos, supersuburbios; ciudad grasienta, que con este paisaje fálico adquiere tintes de aséptica, higienizada. El tráfico en su sístole-diástole se acaba en el Corredor da Vitória, resbalo por la cuesta de la Barra, inicia el Puerto y la Orla se despliega. El que camine conmigo, camina en el vacío de la velocidad.

Curva en la punta del continente, en el Farol, avanzando por la orilla, playas, playas, de uno a otro extremo, sus hedores marinos. Entre un auto y el otro, anochece; bajo en Piatã, ya con molestias, tengo que visitar al comprador.

Llego al condominio cerrado, me identifico, la quinta casa a la derecha, bajando por el parque. Vigilancia redoblada por la elegancia del barrio. Llamo. Responden unos perros. La empleada me conduce a una amplia oficina-biblioteca donde me siento, acepto el café, enciendo un cigarro. Él aparece vestido como si quisiera negar su clase, sencillo, "a la desaliño". Joven heredero greñudo exuda bienestar, inicia una argumentación sobre "los mejores", seco, lo corto, vengo a mercar. Su risa obvia, con ese rictus quiere mostrar su archiluminación occidental, donde el silencio pesa no se sabe si por orgullo o por vergüenza. Con voz de enfado propone un precio. Es poco, pido más. Negociamos y cerramos el trato. Miento: todavía no tengo los originales del bardo. Ahora, y él lo sabe, quiero tiempo; él, seco, se despide. Pero el día de la entrega está fijado. Disperso, vuelvo en autobús a mi cuarto piso.

Una canica rebota en el piso de arriba. Parpadeando, me asusto, bostezo, me estiro, tomo un sorbo de café, chupo un cigarro, enfilo el binocular a la izquierda, donde se amontonan tres casuchas. Construcciones asimétricas que se aglomeran. Veo una negra fornida envuelta en una toalla que tiende ropa en un tendedero improvisado, levanta las manos y la toalla se cae, no se apresura ni aunque la miren mil ventanas, no se siente observada. Se ve que es madre, tiene tetas de alguien que ya destetó. De robusta no tiene más que una leve barriga. Y para dedicarle un croquis-matanza al Edificio Favela, hago que su vecino de al lado la estrangule y la mate. El paisaje asimétrico: escaleras, rupturas, callejones y otras fachadas, pasadizos para esta especie rata. Tergiverso mientras me fumo un churro.

Sin rasurar, bañado, bajo y llego a Cardeal. Camino sinuoso que sube el Gantois, roza São Lázaro, trepa por el Campo Santo, viaductando siempre, sube el Canela, con la Reitoria a la izquierda, llega al Campo grande, hasta llegar a la Fundación La Casa, que a estas horas relaja la seguridad. Camino y el viento es monóxido grasoso, hervor donde chillan bocadillos que son los góbulos del *dendê* venaflyendo por la ciudad. No deambular: soñar el sentido. De ahí el lucro en los manuscritos originales del bardo romántico, decimonónico, afrolibertario, que para casi todos era un canon en la América Portuguesa. No me lo parece. Pero los centavos valen el esfuerzo, que ando necesitado.

Llego a la Fundación, en la recepción se indica el primer piso, abajo un guardia. Subo, jalo la vitrina que protege los originales, agarro el mamotreto percutido, lo meto en el portafolio, vuelvo a poner la vitrina y, tranquilamente, me mezclo con la multitud en la plaza. El camino de regreso lo hago a pie.

No sospechen de la facilidad del robo; para la manada, semianalfa, los papeles de un bardo muerto no tienen valor. Aquí me asaltan mis infortunios. Hay inéditos entre los originales, que además de ser escritos de *manu propria*, nunca antes se publicaron. No lo sospechaba.

Me reúno con el comprador en la misma dirección. Si me descuidé en cuanto al mamotreto, él lo sabía todo: se hizo pasar por coleccionista excéntrico para que no lo descubriera y me transó. Traicionado y usado. El comprador me hace comprender mi posición de desventaja, dos hercúleos mestizos aparecen y, rápidos, me dejan fuera de combate. Despierto madreado, fuera de la ciudad. ¿Estaré en el estado? ¿Por qué no me mataron?

Llego, de aventón, al Ed. Favela.

\* \* \*

En la Piedad un diálogo con China, que, intuyendo el asunto, pregunta:

- ¿Cómo llegaste al comprador?
- Intimando a la mujer de la librería.
- ¿Y ella a quién te recomendó?
- ¿A dónde quieres llegar? ¿al precio?
- Entre otras cosas. Lo que dices es circular, pero de alguna manera le falta el empujón inicial.

Menciona húngaros, argentinos, franceses, se concentra en el italiano Buzati, habla de físicos y biólogos. Un cuento familiar: cuando el juego del *bicho* era ilegal, a mi padre le advirtieron con anticipación, a través de un agente, que habría un cateo. Agarró todos los boletos, material comprometedor, se los llevó a casa y le pidió a mi madre que los quemara. Ella dudó, él insistió, ella los quemó. Tras el cateo, en el que no se aprehendió nada, mi padre pidió papel y lápiz y le dijo a mi madre que anotara todos los boletos mientras él los dictaba de memoria.

Intento cambiar de tema, pero China no se da por vencido. Nada digo de la víctima-engaño que fui. Le cuento la falsa versión feliz y le digo que con el valor del manuscrito y su condición de inédito me iré de viaje. China observa mis escoriaciones y finge que me cree. Nos despedimos.

\* \* \*

- Autopsicopoliciamiento.
- Es un término horroroso –rebato.
- (...).
- Discúlpame, ando muy amargado.

Estamos en la Estação da Lapa, la lluvia azota y, reventada, apestosa, carne de toda fealdad y tara, la multitud dominguera importuna. Observo a las hembras. China, intuyéndolo, me da el primer empujón.

- El crimen es obligatorio –se refiere al *roman noir*.
- ¿Y mis matanzas de personitas no cuentan?
- Tal vez.

Fuimos a un rincón de la Estación y él soltó sus sentencias:

- Sé de tu fracaso con los originales del bardo.

Apenas esboqué una protesta, cuando él atacó:

– No viajaste, no. Fuiste a pudrirte un mes al fondo de esa babélica librería de viejo que te paga un salario mínimo y medio. Yo sé por qué no te mataron y dónde metieron los manuscritos. Con tus titubeos, avivaste el mercado, que es cerradísimo y caro. Tonto. Tengo mis propios contactos.

\* \* \*

En la madrugada, un temporal lava las tinieblas. El mapa, la hora, la situación y el lugar me los pasó China. Perros inquietos, pero encerrados. No salto el enorme muro, tengo copia de la llave de un portón lateral. Entro. No hay vigilantes. En los árboles, el viento aúlla. China suele visitar la propiedad que estoy invadiendo, es íntimo del actual comprador-dueño. Pero no puede evitar los imprevistos. Después de rodear la casa, forzar y abrir la cocina, rumbo a la caja fuerte (en un nicho en la oficina), en el cuarto, descubierta y semidesnuda, una hembra con sueño profundo. No se fue con la familia a Itaparica. A la orilla del lecho me descubro. Autómata, busco la caja fuerte, le arranco el secreto (ah... la intimidad de China), impermeabilizo los originales, los pongo en la mochila y vuelvo al cuarto. Se durmió con la luz prendida. Las piernas formando una h semiabierta, morena clara. Allá afuera, los perros enloquecen y escucho que alguien fuerza un pasador. Me escondo. Pasos. Enmascarado, recorre el mismo camino que yo y se detiene en la puerta del cuarto. Ve lo que yo vi. Ciertamente, es alguien con un interés igual al mío. Lo observo al borde de la cama. Semidesnuda, casi abierta, ella es un ángel-víctima que ronca.

Días después, los pasquines oficiales dan la noticia; hija de familia, de la alta sociedad, es asesinada con lujo de violencia. ¿Venganza? Foto del ex mientras lo interrogan. Nada sobre los originales. El comprador-dueño perjudicado es duro, pero no tonto.

\* \* \*

Entrando en el Engenho Velho da Federação hasta la última estación un día de la semana en que hormiguea el barrio. Las vértebras piden más anestésicos, la gastritis dulcísima, por lo menos no llueve. El aire es resina que escurre por los poros, invernadero. De lejos, la indescifrable piochita negra, salpicada de gris, de China. Él me guía por los mil callejones del barrio. La fealdad asimétrica del hormiguero construido a su pesar. Llegamos a la casa-escondite. Él vuelve a ser mi amigo metafísico y discurre. Yo lo escucho. Su discurso es culto y agradable. Le pregunto:

– ¿Por qué no me mataron?

Me la devuelve:

– ¿Quién le hizo eso a la chica?

Desprecio el empate y pido mi parte de la sobreventa de los manuscritos del bardo. La cuento frente a él. Nos despedimos.



## CURRICULUM

("livro do quase invisível", P55 Edições, 2010)

**mi nombre** yo misma.

**mi dirección** en mí.

**mi registro de persona física** este cuerpo,  
que dentro es cielo y es jardín.

**mi número de documento** no quedó documentado  
y desde mi nacimiento,  
un miércoles de ceniza,  
nutro cierto encanto  
por todo lo que no está numerado.

**mi teléfono** suele estar ocupado,  
desde entonces una familia de pájaros hizo un nido  
justo en el cable de mi línea,  
allí solo anida el canto de una madre en espera.  
si quieres hablar conmigo aguarda que pase la primavera,  
y que nazca el nuevo pajarito.

**mi formación profesional**  
sigue la vía aficionada.  
insisto en amar y ser amada.

**mis actividades actuales:**  
pensar en la vida  
y una corrida sin fin a orillas del mar...  
encontrar salidas  
y encontrar entradas  
para estas ganas desmedidas  
de vivir, de amar.

al fin, **mis referencias personales**  
será mejor que no te las diga  
o que se las preguntes a nadie...  
serán siempre más.  
más verdadero  
será que descubras,  
al convivir conmigo,

mi sazón,  
mi locura,  
mi ternura,  
mis altibajos...

¿entonces?  
¿es mío el trabajo?

## EN LA PLAYA CON CLARICE

("O LIVRO de água", P55 Edições, 2013)

era 1977  
Clarice vestía la noche con 6 lunas llenas  
nos encontramos caminando  
dentro del agua  
ella saliendo, yo entrando

nuestras miradas cambiaron  
una alegría fatal  
alegría sin sonreír.  
Clarice con las manos  
en concha llenas de agua  
me dio tragos grandes de mar.

dejamos nuestras miradas, al sol,  
endurecerse de sal  
y ella me dijo,  
no soportaba estar  
viendo gente en demasía  
hablando en demasía  
diciendo mentiras.  
concordé.

el mar le impuso resistencia  
a la salida  
pero su proa avanzó  
Clarice tomó su ruta despedida  
dejó un estado agudo  
de felicidad flotando  
entre nosotros  
y se fue a cumplir una valentía.

era 1977  
Clarice Lispector y yo  
nos cruzamos en la playa.

# DESDE LA ISLA DE JAVA

("O LIVRO de água", P55 Edições, 2013)

desde la isla de Java se tiran datos  
 al mar  
 todos los días en miles y miles  
 de botellas de fibra óptica.  
 dentro de ellas, comandos  
 escritos en una especie de esperanto  
 de la contemporaneidad.  
 en las playas de sus islas particulares  
 en todo el mundo,  
 hay gente que encuentra esas botellas  
 y así son los encuentros  
 en esta posthistoria nuestra.  
 desde la isla de Java se tiran  
 los datos

## SER 1

("livro do quase invisível", P55 Edições, 2010)

de mí  
 ¡derramado mar inmenso!  
 y yo, este grano de arena.

## ES-CULTURA

("O LIVRO de água", P55 Edições, 2013)

viento  
 moldeando agua agua  
 moldeando arena arena  
 moldeando casas casas  
 moldeando gente gente  
 moldeando moldeando

## EXILIO

("De volta à caixa de abelhas", 2002)

Aquí casi no llueve.  
Cuando llueve, recuerdo mi país.  
Las tierras son blancas,  
el Sol se pone después de medianoche.  
Acá, donde da la vuelta el aire  
sobre mí, cuando el frío golpea,  
deseo selvas inmensas  
ardiendo encendidas dentro de la noche.  
Aquí el termómetro se volvió loco,  
como la anatomía para Maiakovski.  
Me duelen los dedos mientras escribo  
y las palabras saltan de mi boca congeladas.  
Aquí las monedas son tan frías  
que tiro el I Ching con palitos  
y la milenrama casi se empina.  
Cada hexagrama, cada sentencia  
parece tener un peso histórico.

427

## MALABARISMO

("De volta à caixa de abelhas", 2002)

Si yo hubiera nacido en el circo,  
no me lastimaría este juicio,  
que duele aguda en el alma.  
Despreciaría la abstracta  
necesidad de tener éxito  
en la vida y no haría nada.  
Aprendería a domar pulgas, tragar fuego,  
adiestrar poodles, hacer contorsionismo.  
Colgaría los sueños en el trapecio más alto,  
metería el tedio en la jaula de los osos.  
Usaría mis habilidades  
para equilibrar cuchillos en la lengua  
o entretener al público.  
Si yo hubiera nacido en el circo,  
no tendría deseos inmediatos ni deberes impostergables.  
Dejaría cada cosa entregada a su destino.

# PEQUEÑO MAPA DEL TIEMPO

("Uma balada para Janis", 2010)

Organizamos un picnic  
dentro del parque de la ciudad,  
mantel a cuadros, cesto de mimbre  
–la santa cena.

Invitamos a un Judas  
de aspecto medio junkie  
y a un Pedro afecto a negar  
todas las cosas. Y, claro,  
a aquel que haría milagros.  
Hacia un sol del demonio,  
Santiago llevaría anfetaminas.

Se subió a las alamedas  
con las bolitas de colores  
apretadas entre los dedos,  
silbando un rock.

Cuando llegó, vimos,  
sorprendidos, lo que las  
pastillas derretidas  
habían dejado:  
en sus manos,  
un lienzo de Pollock.

# ALEGORÍA

("Ticket Zen", 2011)

Toco la espalda de la joven desnuda,  
tendida a mi lado en la penumbra,  
y siento su piel mansa,  
como ovejas en el monte  
de la nuca que se insinúa.  
Bajo la sábana suave, un mundo pulsa,  
y mi mano se desliza, entera  
sobre ella, joven desnuda, eslabón perdido  
entre lo que soy y lo que flota.  
Sin decir nada, siento que pido  
que me devuelva la paz de la infancia,  
y que me muestre el mundo, la substancia  
de lo que es vida dentro de mí.  
Sin decir nada, siento que impido

que se abra y me devore  
y que se coma el fruto que ofrezco,  
en zumo, carne, lengua, dedos,  
flujo etéreo del amor que trenzo,  
tercio que rezo, pleno de sí,  
libre de juicios o aderezos.

## EL GLOBO AMARILLO

(del libro "Corações Blues e Serpentinhas")

430

La feria cubría toda la extensión de la plaza. Hombres, mujeres y niños comiendo, comprando, poniéndose, probándose. Los coches en el estacionamiento se subían los unos sobre los otros, gritaban. Las parejas se apoyaban en los árboles, se encogían en los bancos. La luna acogía e iluminaba. Mi bien caminaba a mi lado cuando anunció que tenía que hacer una llamada. Asentí, feliz de estar con el nuevo anillo en el dedo, imitación de alianza casi igual a la de él. Desde la silla olvidada en un puesto, yo lo miraba en la fila. Y seguía el movimiento multicolor y alegre delante de mí. Cerca, padres nerviosos controlaban niños enfrente de un hombre que llenaba de gas algunos globos de colores. Era un muchacho y no le molestaban los pedidos y protestas tenaces de los niños, solo bajaba la palanca cuando la abertura del globo se ajustaba al cañito. Probablemente tenía hijos y vendía globos para mantenerlos. Mi bien, con paciencia tras la espera en la fila, finalmente llegó al teléfono público. Me mordí los labios. El joven llenaba los globos uno por uno. Al final, les hacía un nudo, los torcía, retorcía, hasta que tuvieran una forma graciosa cualquiera. Cuando empezaba a esculpir un globo amarillo largo como una serpiente, éste porfió y, de forma desafiante, se le escapó de las manos. Mi bien sonreía lejos, el auricular entre el rostro y el hombro y una de las manos en el bolsillo del jeans. El globo amarillo bailaba lento en el vacío. Me soné los nudillos. Mi bien ahora hablaba animado. Yo no lo oía. De repente se detuvo, puso sus ojos en mí y se dio vuelta. Busqué el globo en el cielo. Ya avanzaba sobre los postes de luz improvisados. Y me acordé de la extraña mañana en que yo era muy chico y apenas había aprendido a caminar. Estaba solo, enfrente de nuestra casa, en medio de la calle, en una cuesta. Al final, el Lago. La ciudad era un armazón desdentado y nosotros todavía vivíamos en casas colectivas de madera, cerca de Paranoá. Me dio miedo tropezar, caer, rodar y ir a parar adentro de las aguas del lago. Estaba solo y hasta ahora ignoro cómo había llegado allí ni cómo hice para salir. No sabía hablar y el miedo me había paralizado el llanto. Tenía la sensación de que una fatalidad me impulsaría a caer, rodar e ir a parar adentro de las aguas para morir ahogado. No sé cómo salí. El globo amarillo cobraba altura y disminuía de tamaño. Mi bien se volvió nuevamente. Él hablaba y yo notaba qué fuerte era, cuánta seguridad y protección me inspiraba. Me hizo un ademán para que mantuviera la tranquilidad. El globo estaba ahora casi en el medio del cielo. Era alargado, y se hizo redondo. Redondo como la pelota que mi padre me pasaba para que yo la pateara torpemente. Estábamos en la arena y algunos colegas y vecinos jugaban con nosotros. Yo no

sabía pegarle bien a la pelota, pateaba las montañitas y cavidades de la arena y veía que los otros se reían. Pero mi padre no se reía, insistía y me tiraba la pelota. Yo le erraba y no me sentía ridículo por errarle. El globo ya no era amarillo. Se había vuelto un punto blanco igual a las estrellas. Y cual una estrella se borró en el misterio de la noche. Se hizo eterno. Mi bien colgó el teléfono y vino hacia mí. El tiempo no era más que una mentira, la vida tan simple como pasear en la feria y pedir algo dulce, alcanzando con el corazón lo que años de esfuerzo e intentos no me dieron, siendo yo un pequeño globo amarillo que huía de hábiles manos, ilustrando la oscuridad del cielo y sabiendo que nada era tan importante como estar allí, junto a mi bien, considerando como un tesoro el anillo de brillo falso apretado en el dedo.

## UNA VEZ EN EL CIELO OSCURO Y BRILLANTE O Mi encuentro con el cazador de androides obsoletos

(del libro "Corações Blues e Serpentinhas")

*Para Chico Lopes*

**E**N MI SUEÑO la película no tenía ni un minuto de más, ni verde, ni voz en *off*. El fin era exactamente el *the end* al que todos estábamos acostumbrados. Y yo no entraba en la discusión de si era una película de autor o no. Si era Ridley o no. ¿Qué me importaba? Jugaba con mi nieto, en un asteroide ahí cerca de casa, el niño armando legos, aquellos cositos de encastrar, ¿saben? Primero inventaba una casa, después un robot medio raro, más tarde una nadería cualquiera que lo hacía reír mucho y salpicarles polvo a los otros niños, que también jugaban; niños que tenían otras sofisticaciones, unos artefactos extraños que se prendían y apagaban y soltaban rayos mortales y transformaban seres humanos y moscas en hombres-moscas. Niños terribles. Mi nieto no, todavía no tenía esa edad. Se daba por satisfecho intentando poner cubos en orificios, pirámides en cuadriláteros. ¿De qué servía que los padres hubieran programado el color, el peso, los ojos, que el pelo fuera rizado o no, si no les importaba el cerebro? He ahí el resultado. ¡Un nieto lindo! Observé discretamente a una madre que estaba cerca. Hacía un esfuerzo tremendo para abrirle el traje espacial a su hijo. El chiquilín casi haciéndose encima y ella despegando velcros y desabrochándole los botones de las piernas. Seguro que la tela era de las baratitas, de las que no absorben los excrementos ni la orina. Hay gente miserable. Me dieron ganas de reírme, de reírme alto; empecé a las carcajadas y mi nieto se me sumó, haciendo que la madre se pusiera furiosa y casi le arrancara la pierna al niño con traje espacial y



todo. Ahí me reí más, pues se le mojó todita la mano con pichí. Y estaba en ese embelesamiento, cuando llegó una de aquellas naves espaciales bien grandes, los faros gigantescos rodando y haciendo ruido como en *Encuentros cercanos del tercer tipo*. Desde lejos, veía mi lindo planeta azul en su lento giro, con la luna orbitando. Habíamos llegado a aquel asteroide-placita, preparado especialmente para los niños y sus abuelos y madres y empleadas, por medio de un ómnibus espacial. Yo ya no tenía que pagar boleto. Solo tenía que poner la mano en el identificador digital para que la puerta del ómnibus se abriera. Entonces, si captaron el sentido de la cosa, se sobreentiende que era muy extraña la aparición de semejante nave estacionando y llamando la atención de todos. ¿Sería un padre celoso y forrado de dinero? No lo parecía, pues salió de dentro un veterano de barba grisácea y ojos caramelo. Fuerte, el tipo. Los brazos sin mangas estaban plateados debido al vello. Usaba una camisa de franela cuadriculada y sin las mangas, abierta en el pecho, que mostraba una vez más la prueba de su virilidad, todo el cuerpo brillante, la barriga peluda y argentina, el pecho prominente. Lo confieso: quisiera interrumpir la descripción por aquí. Me da miedo que mi nieto reciba un mail anónimo y lea todo lo que estoy escribiendo. Tampoco me imagino qué podrán pensar mis hijos. ¡Y hay tantas computadoras pinchadas! Spiff, mi hijo, debía haber sido famoso como estudioso de fotopleumonimnos y zappiezumpies intergalácticos; sin embargo, el muy idiota prefirió hacerse un cosmonauta común y corriente y recoger muestras minerales. ¿Qué se le va a hacer? Andressa, sí, una chiflada al cuadrado, se empaquetó al dueño de la mayor corporación de comprimidos nutritivos del sistema solar, es decir, enredó al idiota a pura labia y le tendió la trampa del casamiento. El mayor beneficio de esa unión es que, después de mi viudez, puedo disfrutar a mi nieto. Lindo y medio bobo, pero es mi nieto. En la época actual, futuro de un presente, y futuro, reflexionen, lectores, es casi un pasado un poquito distinto. Es decir: nada de Julios Vernes y Asimovs. La cosa tira más bien a Ray Bradbury y Aldous Huxley, ¿entienden? Y si podemos hablar de cosas buenas, sepan que se terminó el tema de politiquería de arreo y países y estados y naciones y fronteras, todo se convirtió en propiedad de las empresas interplanetarias. Estamos libérrimos. Ahora, sexo, qué esperanza. Adaptaron aquella pastillita de las fiestas de música electrónica, el éxtasis, y vendieron el placer con receta controlada. Marjorie, mi esposa, cuando estaba viva, porfiaba en hacer sexo solo para llevar la contraria. Ella era intelectual. Sí, lo era. Me enamoré por esa razón. Si no me equivoco, todavía era dos mil y algo, apenas había empezado eso de la clonación, oveja Dolly y astronauta brasileño, ja, ja, ja, ja. Cuando la encontré, ella daba clases en la Universidad de Bahía y usaba una mecha de pelo blanco como Susan Sontag. Yo era un profesorcito de mierda con dos libros publicados. Vivimos juntos ciento quince años de dedicación y pequeños sinsabores. Carajo, ahora me doy cuenta, nadie debe tener idea de ese viaje que me mandé y de quiénes son esos nombres tan lejanos, tan lejanos... Ja, ja, ja, ja. La felicidad olvidada en el polvo del espacio... Ay, ay. Al menos

no duele. Me tomo mis antidepresivos de última generación y asunto resuelto. Hace tres años que Marjorie se murió. Y yo nunca más me cogí a nadie, ni siquiera besé. Epa, ahora caigo: la nave-tipo-Encuentros-Cercanos es, en realidad, un vehículo comercial. Después de que las luces pararon de girar y parpadear se pudo leer el letrero, escrito en inglés con tinta en spray: John's Chatarrería. El veterano compra y recicla androides obsoletos. Debe tener un montón de trastos dentro de la nave espacial. Una vez que la tan esperada rebelión de los robots nunca tuvo lugar –ni la de los monos–, siguieron siendo carne de cañón, sirvientes todo terreno, un delirio humano de querer ser Dios. Los androides nunca desarrollaron pensamiento autónomo ni sentimientos. Nuestro mayor invento sigue siendo la computadora. Yo jugaba con mi nieto y miraba al veterano de reojo. Voy a decir lo que no me animaba a decir. Tras pensarlo bien, me doy cuenta de que era un miedo bobo, una tontería frente a tantas pavadas juntas. Es posible, si mis hijos y nieto se llegan a topar con este texto, que nunca pasen de las primeras líneas, tan acostumbrados están a los mensajes animados. El hombre usaba jeans. ¿Qué? ¿Eso no es nada? ¡No es nada para ustedes! Para mí, estimados, lo es todo. Tenía puestos unos US TOP, ¿entienden? Es algo de mi tiempo. Tuve un pantalón de esos allá por 2006. Y me sentía increíblemente sexy. Marjorie también. Una vez hicimos sexo en pleno salón de clase. Los alumnos habían salido. Le bajé la bombacha por debajo de la pollera, abrí unos botones del pantalón, saqué la pija y cogimos en el escritorio del profesor. Estuvo buenísimo, ja, ja, ja, ja. ¡Qué mojadita la concha de Marjorie!... Miro a mi nieto con cara de bebote-bobote y me pregunto si alguna vez sentirá algo parecido. Probablemente no. Va a vivir con sus éxtasis y trabajar en algún empleo sucio que aproveche sus pocas luces. Al menos, sirve para jugar, ja, ja, ja, ja. Mientras yo divagaba, el chiquilín logró encastrar dos piezas totalmente irreconciliables. Voy a empezar a decirle Brutus. ¿O Tyson? Ah, ¡tanto da!... La nave había estacionado muy cerca de nosotros. El veterano se sacó la camisa. Puede ver la espalda ancha y fuerte y con vello rizado en los omóplatos y en los hombros. Se acostó en una especie de carrito y, pertrechado con un destornillador, se deslizó hacia abajo. Se quedó con las piernas para afuera, arqueadas y abiertas. Yo no quería mirar tanto, créanme, jamás hice sexo con un hombre, ni me calentaron atletas y actores de cine o íconos de mujeres y gays. Solo que estaba mirando en ese momento y hubo un movimiento del cuerpo en el cual la barriga se endureció y el trasero se deslizó más sobre el carrito, y así el pantalón se le ajustó a la ingle con perfección y vi que el veterano no tenía ropa interior y tenía una verga grande y gruesa y sin dudas linda como debía ser la verga de cualquier hombre. A mí se me paró en el acto. Y no era común que se me parara después de que Marjorie me dejó. Imagínense mi sentimiento. Me morí de vergüenza de mí mismo, después de todo nadie más hacía sexo en el planeta Tierra y en todo su dominio intergaláctico, que se extiende por ese cielo terriblemente oscuro y profundo como nunca soñé. Disimulé el bochorno ante Brutus. O Tyson, como prefieran. Me puse a jugar.

Algunas madres ya empezaban a arreglar sus cosas, seguras de que el ómnibus espacial no tardaría en recogerlos para volver. Pasaron unos veintipico minutos sin que yo me volviese para mirar en la dirección de John y su nave-chatarrería. Cuando lo hice, como quien no quiere la cosa, él estaba apoyado junto a la puerta y se había puesto otra vez el chaleco de franela de color rojo y negro y gris, todavía abierta y metida dentro de los jeans, con un buen cinturón de cuero negro, las piernas cruzadas y un brazo apoyado en la barriga, mientras que con el otro se llevaba un cigarrillo a la boca. Estaba muy atractivo, apoyado de aquella manera, y tuve la viva impresión de que él también me miraba y tenía una sonrisa pícara en sus ojos caramelo y la barba plateada como una estrella brillante en aquella cara de hombre. Era una sensación nueva para mí. Yo quería esconderme de mí mismo e ignorar mi excitación por completo, por eso puse cara de enojado y empecé a conversar con una madre cualquiera que estaba a mi lado, diciendo cosas disparatadas como comentarios sobre las guerras venusianas y la nueva estación lunar que estaban por inaugurar. El ómnibus espacial aterrizó e hizo sonar el aviso para que nos preparáramos para abordar, recogiendo a los niños y nuestras pertenencias. Dirigí los ojos hacia el lugar de la nave. Sin embargo, había partido antes de nosotros. Tomé a mi nieto en brazos y fui hasta allí. Cuando me acerqué, vi un pequeño objeto de papel, tirado en el piso. Era un origami. El hijo de puta de John me había dejado una verguita con su email

## YO, JAMES GANDOLFINI (O JUKEBOX)

(de la antología "Geração Zero Zero: fricções em rede", compilada por Nelson de Oliveira)

*Todo lo que pudo ser, aunque haya sido,  
Jamás ha sido como fue soñado.*  
Reinaldo Arenas

Yo era James Gandolfini en aquella película en que él actúa con Julia Roberts. La noche era caliente y seca como el infierno y yo entré al Caneca de Prata muriéndome por un chopp cremoso. Incluso antes de empezar a tomar, ya sentía el chopp deslizándose por mi garganta, mojándome la perita espesa y pelirroja, casi castaña. Los labios, mojados por la espuma cremosa del chopp, no para sentirme deseable o sexy o caliente como aquella noche de otoño. Principalmente –pensé, pienso, ahora, aquí, sentado junto a la barra–, principalmente porque no llovía hacía un buen tiempo y yo no solía avanzar por la calle con una botella de coñac debajo del brazo, oprimido por la intención imperiosa de encontrar a alguien que me amara como era –grande, gordo y calvo; ojos bovinos, pero dientes blancos y perfectos–, porque yo me cuidaba de verdad, me quería, me

quería tanto que me mimaba a veces y oía a Charles Mingus y leía a Caio con la pasión de quien hace todo eso sin comer frutillas mohosas. Si dejas que el moho crezca y se te meta por los pulmones, te joden de lo lindo. Sin embargo, empero, dime si me equivoco, leer a Caio –casi llego a verlo ante mis ojos: delgado, alto, ojos bovinos, calvo y piel verdosa–, así como leer a Hilda o a Trevisan –casi lo puedo ver también: el pelo lacio, despuntado, los huesos de la cara, la sonrisa y la mirada pícaras– o, discúlpame si me excedo pero, debes saberlo, es absolutamente necesario que lo diga, o tener con nosotros a Lygia y los cuentos de Lygia, piénsalo y admítelo, eso es lo mismo que, en soledad, nunca estar solo. Son cuatro ángeles posados sobre nuestros hombros. Y podemos llorar de felicidad con ellos, el alma saciada y el cuerpo pidiéndonos más. El cuerpo gritándonos que salgamos a la calle y entremos en un bar como este, donde hay poca luz y uno se puede sentar junto a la barra, aunque tú seas James Gandolfini o alguien parecido a este hombre que está a mi lado, petiso, barba canosa, piel morena y tan gordo como yo. Con todo, nota, noto, parecemos más fuertes que gordos, pues nuestras carnes son duras, firmes e imponentes. Sí, es verdad. El petiso que está a mi lado y yo. Parecidos a esos de las mesas o a los que conversan allá adelante. O al grupo de amigos de pie que están afuera. Perros –¿debería decir más bien osos?– celosos, protegiendo la fachada del bar. Todos hacen pensar en un padre perdido, un padre que, debido a un desencuentro cualquiera, juntó sus cacharpas y se fue por el mundo. No caigo en la trampa. Es solo la lectura más fácil. La lógica al-pan-pan-y-al-vino-vino. Tan simplista como engañosa. El petiso, a mi lado, tiene una mirada tristísima, a pesar de la sonrisa dulce y los gestos seguros al llevarse la jarra de bebida a la boca, mojándose la barba de espuma. No se parece a mi padre. Es decir, todos parecen padres cuando son tiernos y acogedores. Que se vaya a cagar Freud con sus complejos. Cuando uno quiere coger, al contrario de lo que me secreteó mi psicóloga (sí, me analizo), de lo último que nos acordamos, me acuerdo, es de los padres. Ni se nos pasan por la cabeza. Si se nos pasasen, nos enfriaríamos. Entonces, si se viene una pasión, no me importa ni un poquito querer explicar cualquier mierda de esas. Somos él y yo. Dos tipos. Hombres. Que se aman. Y el petiso es bastante lindo. Hay algo de árabe en él. ¿He contado que me encantan los hombres árabes? ¿No? No importa. Importa. Tiene las cejas gruesas y los ojos almendrados. Me mira tímidamente y de soslayo. Estamos lado a lado. El petiso me ve a través de mi reflejo. Mira mi imagen en el espejo de enfrente. Un espejo que hace las veces de pared y alberga repisas con incontables botellas de whisky, vodka, martini. Espejo-pared que refleja la búsqueda. La mía, la de él y la de los demás. Lo veo entre botellas, lindo como él solo. El mozo trae otra jarra de chopp. ¿Cuántos me habré tomado, mi Dios? Es hora de prender un cigarrillo. Los dos estamos inmóviles. No respiramos. Lado a lado. Tres jóvenes conversan en una mesa en el centro. Hablan de desempleo, crisis económica, corrupción política, angustia. Son minoría en el bar. En las otras mesas del salón reinan, absolutos, los veteranos. O maduros, si se

prefiere. Los jóvenes son minoría, pero se sienten a gusto. Uno de ellos se levanta, pone una ficha en la máquina multicolor del fondo del bar. Elige un tango antiguo. Empieza a bailar. No es Gardel. Ni Piazzola. Baila con una pareja imaginaria, los brazos rodeando su propio cuerpo esbelto. Lo increíble en este bar es precisamente eso: aquí puedes ser y querer lo diferente. Hasta darte el lujo de ser melancólico en una noche seca de otoño. Y romántico. En una mesa cerca de la entrada, un hombre de bigote desparejo toma de la mano a un señor negro vestido con jeans y camisa de algodón blanca. Me fumo mi cigarrillo. Soy James Gandolfini y podría transformarme en Jack Radcliffe de un instante al otro si quisiera. Yo, James y Jack. Jack es un hombre casi perfecto según la opinión de varios conocidos. La salvación, para mí, es el casi. No me gustan las perfecciones. No hay en el mundo nada más pobre que algo perfecto, guardado en una cajita de cristal para que todos lo vean y se les alerte que está prohibido tocar, cruzar la línea amarilla o sacar fotografías. ¡Pufff! De cualquier manera, me vuelvo hacia el hombre árabe. Puede llamarse Khalil, Lázaro o Marcelo. Me vuelvo. Vuelvo la cabeza y el cuerpo, rozando levemente la rodilla contra su cintura, proyectando la vista más allá de él, hacia afuera del Caneca de Prata. Estoy sudando. Me quedo en esa posición algunos segundos, esperando. Él no se mueve, la cara hacia el maldito espejo que refleja otro espejo en la pared detrás de nosotros. Me escudriña. Se ríe de mí. Puedo jurarlo, incluso sin verlo. Finjo esperar a alguien, miro el reloj y vuelvo a la posición anterior, con la cara enterrada en la barra, soñando con la muerte. Fin del tango. Silencio. Suspenso. Una nueva canción empieza. Él se vuelve hacia mí. Suena *One*, de U2. Yo lo atisbo por el espejo-pared, dibujo fragmentado entre etiquetas y vidrios multicolores de bebidas. Es el momento de decir "hola, me llamo James Gandolfini". Reconozco la voz de Bono y meneo la cabeza al ritmo de la música. Él espera una señal, una palabra, un gesto de mi parte. Está de frente hacia mí. Esperando. Me derrumbo. Postergo. Me hago prisionero. El peor: el capaz de percibir toda la dulzura existente en este hombre, sentir su perfume mezclado al sabor tierno de un buen habano. Anochece en mí. Estamos el árabe y yo juntos. Recuerdo la escena de una película, una página leída en soledad. Millones de libros se despeñan sobre mi cabeza. Un paseo en carruaje. El veneno y la palidez de una joven pareja. Vivo en ellos y ellos en mí. Lanzo mi ruego, mi pedido de socorro, ciego sobre los rascacielos. Y de nada sirven las telenovelas del horario estelar, mi corazón lastimado navega en una jarra de chopp helado. Si yo hablara, quizás recorreríamos un camino conocido, seguro. Brindaríamos sonrientes por la madrugada. Nuestras palabras se amalgamarían, completándonos. Cuando estuviéramos bien borrachos, pagaríamos la cuenta, le haríamos adiós a la pequeña imitación del David de Miguel Ángel en el estante y avanzaríamos São Paulo adentro en mi viejo coche plateado. Le mostraría mi casa, las fotos premiadas en una exposición, mi bañera. Y, antes del amor, le secaría la espalda con toallas suaves, mostrándole toda mi calma y tranquilidad. Después, le diría a mi hombre árabe que todo fue mucho

más que un buen polvo. Él me juraría un amor mezclado con lágrimas y borra-  
chera. Yo le creería. Quiero creer. Repartiríamos nuestras horas entre películas en  
blanco y negro y besos interminables. Ese sería el escenario. El amor, nuevamen-  
te un lugar común. Transformaríamos nuestras vidas en un mal guión. Y enton-  
ces, cuando no quedara insignificancia por conocer, el celular de él sonaría dis-  
creto, casi sin aspavientos, matrero. Y, desde su ruido tibio, la invitación a la  
despedida. *Eu não sou daqui*, me dirá... *Eu não tenho amor... Sou da Bahia... De*  
*São Salvador*. El teléfono y una llamada urgente. Yo mudo, ante el fin. Estaré en  
el aeropuerto y no tendré el valor de extenderle los brazos. No mirará hacia atrás.  
No verá mi furia, la desesperación de mi cuerpo. Y yo ya no estaré allí. Yo, un  
pobre James Gandolfini abandonado. Él, mi hombre árabe. O imagínate, imagín-  
nense, nada tan dramático. Quizás solo él y yo, paralizados en esta noche calien-  
te como el infierno, otoñales. Estaremos en el Caneca de Prata y el calor agitará  
el aire hasta que se formen espesas nubes, irrumpa el viento sin aviso y se des-  
plomen violentamente gruesas gotas de lluvia, anegando las salidas del metro,  
llevándose los árboles de la plaza e inundando nuestro bar con la mayor tempes-  
tad de amor que ha existido en el mundo. Es la misma tempestad que hizo, hace,  
aquí, en el Caneca de Prata, que llame al mozo y pague la cuenta, dejándolo allí,  
sentado en la barra. Tan distante e inalcanzable como bello es el azul.

## NUNCA MÁS SERÉ YO MISMO

("Fiat Breu", 1996)

Cada último poema es el último porque  
ya nada hay por decir, jamás habrá ya nada  
pues si me entrego al verso, es siempre por completo,  
ya nada queda en mí, calado, más que nunca.

Qué misterio: en un verso cabe la poesía entera,  
no se agota ni esfuma, y con su propio lastre  
está por siempre entera, dispuesta a un nuevo verso.  
¡Y es el nuevo poema lo nuevo! ...Y yo las sobras.

438

Si me doy por entero, ¿qué va a quedar de mí?  
Si fluyo con el verso, me pierdo para siempre,  
y en el alma del verso queda solo el lector.

Si es así, yo no puedo (¡qué destino el mío!)  
poseerme a mí mismo si mis versos no leo.  
Yo, que tengo esta inmensa poesía viviendo

## LUZ Y TINIEBLA

("Fiat Breu", 1996)

Cuando la luz primera se filtra por los huecos  
de la cortina, noto la oscuridad de todo  
disuelta poco a poco: al poco tiempo, el mundo  
la soledad invade, robando vida al sueño.

Cuando la sombra toda asoma y con crudeza  
muestra el cuerpo y la mente, entre sueño y vigilia,  
nada hay que recordar, pues la lengua atestigua  
el acre amanecer del siempre roto sueño.

A media luz, de día, la oscuridad se abriga  
bajo mis ojos, libre y plena de sentidos,  
aunque no quepa en mí ni cuánto significa.

A toda luz cierro los ojos, sueño y veo:  
si al fin pudiera un verso llevarme más allá  
de mí, la oscuridad me saciaría el deseo.

# PANTOMIMA

("Como se", 1999)

Los mejores corderos de la hacienda  
se irán al matadero, a la ciudad.  
Los carneros más flacos del rebaño  
serán sumariamente degollados.

Se va a sacrificar al chivo viejo  
por más que compasión pidan sus ojos.  
Tampoco las cabritas inocentes  
tendrán misericordia o esperanza.

Las carnes se asarán al sol: hoguera.  
Al sol se secará la piel: curtiembre.  
Las tripas sudarán al sol: carroña.  
Al sol se desharán los huesos: polvo.

Solo la oveja negra queda impune  
mientras el buen pastor toca la flauta.

# QUO VADIS?

("Temporal temporal", 2002)

No hay amigo que borre esta soledad.  
No hay amor que perdure una eternidad.  
Ni hay asunto que muestre esta vastedad.  
En esta vida nada me lleva por la vida.

La leche derramada cuaja en desperdicio.  
El bicho aprisionado mengua en sacrificio.  
El paso acompasado marcha al precipicio.  
En esta vida todo es freno de mi vida.

Mientras derribo el tronco y la cruz tallo a mi horma  
el jardín de los sueños va perdiendo la forma  
Todo en esta vida da razón a mi muerte.

No puede un grito oírse dentro de un hueco vacuo.  
No debe un muerto hallar sentido al fuego fatuo.  
Y no hay nada en la muerte que redima mi suerte.



# MANANTIAL

("Temporal temporal", 2002)

En mi interior el suelo revolví  
cavando en busca del cristal del verso.  
Llegué hasta el nervio lírico y sentí  
la erosión evasiva del silencio.

Hay una puerta, y por la puerta abierta  
(si es que hay una ventana está cerrada)  
no entra el viento, pues el viento es fiesta  
cuando hay puerta y ventana bien franqueadas.

Falseo mi silencio y lo interrumpo  
con un solo (el dolor de todo) trémulo,  
espejismo de alcanzar lo inefable.

Yo no sé amar. No vi posarse a un ángel  
cuando estrellas brillaron en tus ojos  
de oro. Solo tu amor me hace posible.

# VÍSPERA DE DÍA DE MUERTOS

("Temporal temporal", 2002)

Yo no amé a mi padre cual debía.  
Hubo un día para amarlo y no lo amé.  
Él se murió y yo no nací aún.  
Me levanté mañana sin su amor.

Ningún consejo amigo suena suyo  
Una vida padrastra me acompaña.  
Mi camino no quiso ver atrás  
Me abandoné tan lejos de mi padre.

Ni mío ni de nadie, no fui suyo.  
No quise darme a quien desconocía.  
Solo tus brazos, madre, eran mi abrigo.

Dejó mi padre un callo de silencios.  
Me arranco, ay, del pecho el cuerpo extraño.  
Escarba, corazón, busca a mi padre.

# POMPA DE JABÓN

("Mais que sempre", 2007)

La juventud algún día perderé  
si aún la tengo. Ya perdí la cuenta  
de todo lo perdido. Hoy solo cuenta  
lo que no pude o soy, lo que no sé.

¡Ah! Basta ya de hollar la senda dura  
de pérdida y nostalgia. Pues ya veo  
por la suerte mi vértigo y mareo.  
Solo falta perder la sed de altura.

Girar... Hasta que quede nada más  
que en cada giro, giros e inconciencia.  
Perder todo. Después, dejar atrás

en el olvido, aun la prepotencia,  
cuando el instante último en que estás  
revele que fue todo reticencia.

# RONDA

("Mais que sempre", 2007)

Nunca se va del todo el ser amado,  
y aunque parta, el amor todo lo marca,  
entero, aunque en las horas se reparta,  
y no se aparta o vuela a ningún lado.

Es su ausencia presencia en todo aroma  
que ya inflama un volcán de carne y brasa  
ya suspira su pétalo de calma  
ya sofoca su aliento envuelto en sombra.

El amor que se agota en las estrellas,  
el que se va en la crin de las quimeras,  
el que, preso del luto, no se libra:

los amores se van. Mas no se van  
dejando un hueco que otros llenarán:  
aún amo a cada amor que amé en la vida.

## CÁBALA

("As purificações ou O sinal de talião", 1981)

Tal vez para mí  
Baste la suerte,  
Basten dados de arrojar,

Baste el corte de baraja  
En la carta del ahorcado.

Tal vez para mí  
Baste el hilo en la madeja,  
Las tres sentadas en corro  
En torno a la misma rueca.

La vida es algo torcido  
Escrito en líneas derechas,

La misma línea secreta  
Que adivino en mi palma.

## CAUDAL

("A lenda do pássaro que roubou o fogo", 1983)

Tengo mi infancia y un eco sordo de  
tambores en lo oscuro.

Tengo también el aullido del silencio, tesoros que  
destruyo. Viejos trastes estallan sus secretos y  
hay un sabor de sal y lágrimas y destierro.

Tengo un arco y la flecha de los luceros del cielo.  
Tengo la luz del sol, ojo duro de espiga. Y  
cuanto más siembro, más destruyo, mieses de lo  
imprevisto.

Este dios es preciso, este dios, necesario como  
un cisne. Un dios como una lluvia de oro,  
como un toro coronado de hojas, frutos y raíces.

El resto yo misma me lo invento. Este viaje, este infinito delirio. Esta clave de llamas. Y este pájaro destructor y bruto en las entrañas.

## LÍMITE

("A lenda do pássaro que roubou o fogo", 1983)

Mi destino es el país del oscuro horizonte.  
La patria de los proscritos. El erial de los náufragos.  
El reducto final de los suicidas.

Me detengo en el umbral del silencio absoluto,  
al borde del precipicio donde alacranes alucinados acechan  
mi caída.

Yo, que bebí la sangre imantada de la tierra,  
el vino dulceamargo de lágrimas y de rocío.

Yo, el elegido, el ungido, el señalado; el que  
guarda en la piel la caricia de la tinta en el dibujo sutil  
de la pintura ritual.

Ayer mismo, en el lago, flotaba mi rostro y  
la belleza era un halo coronándome la frente.  
Ayer era el viaje, el delirio, el vértigo.

¡Oh, dolor! Ingratitud de los hombres, hoy por mí  
se turbaron los espejos, y mi rostro de sombra  
y horror y cicatrices es como el rescoldo ardiente  
de hogueras muriendo.

¡Oh, trágico destino de vencer y ser vencido!  
Castigo de soñar más allá, de rebasar el sueño y,  
como el viento, alucinado y profético, destruirse.

De mí quedará la marca, el recuerdo, el sello;  
la sílaba tal vez de una gesta imprecisa. Rastro de  
plumas, ceniza, sobre la faz del Sol.

Como un cíclope enfermo, me arrodillo y entrego,  
en un canasto, mi cabeza a los chacales.

Salpicado de estrellas y moras silvestres cierro la  
jaula de los pájaros absurdos y me encierro para  
siempre, ave invisible y abstracta, con la garganta  
de aurora palpitando inclemencia.

Y reinvento la primavera de este canto como cencerros,  
como campanas de agua.

En el aire, un penetrante aroma de amarilis.

## ARS POETICA

("Femina", 1996)

La poesía es cosa  
De mujeres.  
Un trabajo usual,  
Reencender de fuegos.

En las esquinas de la muerte,  
Enterré la gorda  
Placenta enjundiosa

Y caminé serena  
Sobre las brasas  
Hasta el otro lado  
Donde el demonio habita.

La poesía es siempre así:  
Una alquimia de fetos,  
Un lento destilar  
De venenos bajo la piel.

La poesía es el arte  
De la rapiña.  
No la caza, propiamente,  
Sino siempre en las manos  
Un destello de sangre.

En vano  
Busco mi destino:  
En el pájaro descuartizado  
La escritura de las vísceras.

La poesía como antojos  
Como un vientre creciendo,  
La piel estirada  
De úteros crepitando.

La poesía es esta pasión  
Delicada y perversa,  
Esta humedad perlada  
Que chorrea de mi cuerpo,

Que me empapa la ropa  
Como un agua de fiebre.

## POSESIÓN

("Femina", 1996)

El poema me tocó  
Con su gracia,  
Con sus patas de pluma,  
Con su aliento  
De brisa perfumada.

El poema hizo de mí  
Su caballo;  
Un encrespase del dorso,  
Escalofrío,  
Una danza de espejos  
Y de espadas.

De repente, sin aviso,  
El poema como un rayo  
–*Elegbá pombajira!*–  
Me estremeció con su gracia,  
Ardiente como chicote,  
Certo como pedrada.

## EL VAGABUNDO

("Nas praias do avesso", 2004)

Allá va el vagabundo.  
Quizá sea un pordiosero,  
quizá un payaso;  
y entre un padre y un hijo  
se mueve atado a un lazo.

Allá va el vagabundo.  
Quizá sea un fantasma,  
quizá un demente.  
Mi vista, que lo plasma,  
no puede verlo de frente.

Allá va el vagabundo.

Quizá no pueda seguirlo  
porque se mueve en un sueño.  
Ah, voy a rodearme de espejos.  
Así tal vez pueda verlo  
vagando en mi lado extraño

451

## DESMENTIDO

("Ocidentais", 1987)

Alguien me reconoce en un retrato infantil.  
No soy yo: es mi antigua paz.  
La historia de un hombre es su pista falsa:  
estudian mis sueños, mis pasos, mis mapas  
y dicen quién soy inútilmente.  
Inútilmente.  
Porque soy siempre el que viene por el atajo.

# UN HUECO DEL DESTINO

("Mirantes", 2012)

*A Washington Queiroz*

Me hundo en las breñas del ser  
lindes del sueño, peñascos  
que ávidos perros vigilan.

Soy el pariente más drástico  
del Enorme-Gran-Estorbo.  
Y me exhibo hecho pedazos.

Cuando abro, airado, la boca  
al sur de Tristes Abrigos,  
el espectador ve allá adentro  
cuatro infiernos, diez vientos, una radio  
pirata  
y ciento cinco homicidas.

Cuando abro la boca, ladran  
la Cosa, el Casi, el Bandido.

# LA MANO EN LA OSCURIDAD

("Concerto de ilhas", 1997)

1.

Amargo ser este mi nombre  
por otros nombres herido,  
amargo este mi ser  
de cuerpo y dilemas.

Pues evadido de mí, fuera de ti  
ni aquí ni donde había infancia  
deshabitado  
visito las ruinas mitológicas  
yo que no soy más que ruinas  
y te aseguro:  
ningún pasado cuenta mi historia.

De lo que fui a lo que dejé de ser  
hay mil substitutos provisorios  
que me niegan  
cualquier lugar en los mapas o en el tiempo.



Y en el lamento de las brisas, y en el pavor  
de las máquinas  
me interpongo con mis ilusiones  
y gravemente me dejo inspeccionar:  
caja de Pandora reabierta,  
nucleares demonios.

Y me retomo.  
De donde jamás fui me retomo:  
un rostro compuesto de migajas,  
retazos de verdad y sentimiento,  
tedio en la oscuridad: aquí recomienzo.

2.

La primera mañana vino en el lodo  
y me dejé ensuciar:  
en el agua de la tarde, el uranio  
en la brisa de la noche, este hombre  
con un espejo estrellado en la cara  
y un hambre de todo para nada.

Pero entre dudas, entre  
murallas  
pongo en mi rostro una flor  
y camino hacia otro mundo  
distante  
- y me dejo  
y me bailo  
y me conmuevo  
y todo suena en el pecho polifónico  
todo retumbando como conchas, edificios  
derrumbándose, carcajada siniestra.

Y no obstante persigo ese vacío  
en que inscribo tus formas  
contorneadas por astros distantes  
y dolor visceral

(¡oh, oscura fuente  
de todos los cánticos de este mundo!)

3.

Sí, me despierto.

Me despierto al sueño de los días claros,  
tan reales los colores de este día.

Contemplo fuentes transparentes,  
tengo un rostro de hombre entre otros hombres  
que me ven.

Aquí todo es posible: el amor, la guerra,  
las soluciones que destruyen.

Por las duras ciudades de mi tiempo  
mi corazón viaja, viaja  
contrario a cualquier costra de verdades.

Mi semblante pigmentado de Historia  
anticipa la estación ignorada  
la que todos resisten.

Y no obstante me dejo contemplar.  
Pero no me mato.

Tu sonrisa me vence, vence  
mi proyecto  
y en ti me sumerjo desvencijado,  
una flor magullada en la mano,  
una cicatriz en los labios,  
porque ya amé.

4.

En el contorno de sombra de mi tiempo  
inyecto palabra y silencio  
me hundo con todo mi veneno  
y me abandono a la descomposición:  
noche futura en la noche muerta,  
una por la otra herida y semejante,  
caldero de cambios invisibles.

En el lado de adentro del siglo  
los tardos felices festejan  
sus pruritos.

Son fragmentos de mí que no soy yo  
entre navajas y comerciales:  
soy yo con mis fantasmas consumiendo  
edulcorados errores de la Historia.

5.

Heredero de todos los callejones de mi tiempo  
invento la libertad absoluta  
y mi poema empieza a moverse  
hacia los abismos.

Hay un rostro que me ve desde lo oscuro  
de mí (¿la presentida  
catástrofe?): fuente de la risa y de la ira,  
selva de todos los demonios  
de que un hombre se nutre, buitre  
voraz.

Mientras tanto, me reproduzco  
en lenguajes y mapas imprecisos,  
yo que no soy yo, sino el antiguo  
dilema retomado de los antiguos  
que habito  
que mato  
que resucito con caras deformadas.

(¿Pero quién soy yo? ¿Tu  
lado olvidado? ¿El grito  
de tu eco? ¿El miedo que te asola?

No).

Este silencio rudo, piedra  
en el sueño, oso en el rostro.  
Este silencio expuesto,  
fractura sutil de la conciencia.

6.

He aquí lo que de mí aún me resta:  
fragmentos de mitos y chatarras,  
trozos de palabras, rostro oxidado.

Y en la danza que persiste (¿resistencia vana?) fantasmas por pares se buscan al final de la fiesta.

Desde arriba, sin sentido, persiste una luz de luna bajo la cual se vislumbran ratones, alas de cucarachas y manchas de sangre.

Pero ¿quién soy? Parece preguntar el pardo día. Sé que había el peso de las ciencias, el fluir de aguas turbias, la muerte súbita de alguna verdad.

Y entonces recomenzaba. De la ira y del viento, el remolino de los recuerdos, el ojo abierto en el caos.

La duda, la duda es mi transporte en este mundo movedizo en que los dioses fueron triturados, la verdad quemó sus dinamitas – y por su explosión fuimos heridos.

Soy la enfermedad de mi propio mito.

Y entonces vuelvo a mi envés, y vuelvo a matarme.

7.

Primera voz (la cara oculta)

Me detuve frente a ti y me olvidé.  
Y te hundiste en mi, dormida.  
(¿Hay un mundo a punto de nacer?)  
La plaza (inmensa, la plaza) está vacía  
y no cabe en ella un sueño siquiera.

Segunda voz (la gran fiesta)

He aquí el siglo de los tránsitos, de las frívolas  
voces. Y todas en el aire.

Mil lenguajes y ninguno.

En el cruce de todas las verdades,  
se escribe un nombre: ilusión.

Es allí donde me quedo, sin mí: espejo  
esférico girando   girando   girando

## MARINA

("Heléboro", 1974)

Mis ojos atestiguan  
la invisibilidad de la ondina,  
la muerte de los arrecifes  
y los cañones de Amaralina.

Camino, a paso firme,  
pisando la arena fina  
de la playa.  
as palomas sobrevuelan  
los cañones de Amaralina.

La vida parece estar completa  
en la paz que el azul ilumina.  
La brisa burla la custodia  
de los cañones de Amaralina.

Ni tu ausencia, amor, perturba  
esta alegría matutina  
donde solo hay lo claro y lo suave...  
(¿Y los cañones de Amaralina?)

Todo está bien: mar, palmeras,  
aquella nube pequeñina...  
Mas, ¿qué quieren en el paisaje  
los cañones de Amaralina?

## DESCUBRIMIENTO

("Heléboro", 1974)

Solo después observamos  
lo más azul del azul,  
mirando el fin de la tarde,  
cenizas del cielo extinto.

Y solo después amamos  
a quien amábamos tanto;  
se extiende el brazo, la mano  
estrecha dedos de aire.

Solo después aprendemos  
A trillar el laberinto;  
¿mas cómo avivar los pasos  
en pies de antiguo dormidos?

Solo sabemos después  
cómo enfrentar lo enfrentado.  
Y meditamos sobre ese  
inútil descubrimiento,

mientras muy lentamente  
de las vigas carcomidas  
baja un polvillo muy fino  
y nos sofoca.

## ELEGÍA

(“Julgado do vento”, 1979)

No abran esta ventana.  
No corran estas cortinas.  
Aquí los amigos muertos  
se toman una cerveza.

Una voz tiempo ha perdida  
(solo la oyen mis oídos)  
me llama desde la infancia  
y yo me siento sangrar.

Se posa una lluvia antigua  
sobre mi cabello y brilla.  
El niño juega con un martillo  
Que cae sobre mi corazón.

¡Tantas cosas silenciadas!  
La vista turbia, pasea  
en el patio, donde solo  
hay la infancia ajena  
y viento.

## SONETO DEL ÁNGEL DE MAYO

("A canção de Beatriz e outros poemas", 1990)

Y así, en mayo un ángel me incendió.  
En su mirada azul había un día  
claro como en la infancia. Y la alegría  
penetró en mí, y en su luz capturó

mi corazón. Después, suave, me guió  
hacia mí mismo, hacia aquel que moría,  
en mi pecho de olvido. El alba, fría,  
se calentó; la pena me dejó.

¡Cenizas no había ya sobre la Nada,  
mas ríos, vientos, árboles y flamas,  
y horizontes sin límite ni freno!

La vida iba volviendo, rescatada  
y nueva, y para siempre, por las llamas  
de este Ángel quemándose en mi seno.

## SONETO DE LA NEGRA

("Elegia de agosto e outros poemas", 2005)

α *Maria da Paixão*

Terso es el tono con que se modula.  
La luz se muestra, al abismarse en ella,  
incapaz de alternar nada de aquella  
penumbra que la atrae, absorbe, anula.

En el paisaje culebreante, ondula  
como un río o un mar (y es de ella y ella)  
un viento que violento me atropella,  
un animal que me desgarrar y ulula.

El tono de tersura no se altera;  
dice su canto en cálido matiz  
que son garras de amor, y es bella fiera.

Y así, en carne rubra y cicatriz,  
entrego al color hondo que me espera  
estos despojos en que soy feliz.



# SONETO DEL PATIO

("Memória da chuva", 1996)

*para Matilde y Mario, en Monte Gordo, marzo de 1991*

Recordando a la joven, yo me mido  
con el perro que veo indagar la brisa.  
Y el símil no es exacto: más precisa  
es la clave de olores que el sentido

descifra. Pienso entonces en el claro  
ser de ese perro, envidio la precisa  
vocación de existir. Y oigo la brisa  
y nada en ella encuentro. Nada. Y paro

de evocar y pensar. Hay más proficuas  
ocupaciones. Un ejemplo: estar  
mirando. Perro. Nubes. Dormitando

un gato. Y las hormigas (tres) conspicuas,  
que engalanadas miran florear  
al tamarindo y van deliberando.

# ALIENTO

("A casa dos nove pinheiros", 2012)

De mi ciudad antigua,  
lo que más recuerdo es el silencio  
y un perro ladrando a lo lejos.

Claro que también oía perdices,  
pájaros negros, sangretoros, canarios,  
curiós, tangarás  
y  
en el pozo de la noche,  
hombres lobo.

Nada, empero, me quedó tanto  
y tan hondo  
como el silencio  
y un perro ladrando a lo lejos.

Más que recuerdo,  
un aliento del alma.

Y por eso continúo,  
soporto,  
renazco de las cenizas:

porque hay en mí silencio  
y un perro ladrando a lo lejos.

## PERSONAE

(Fragmento de la novela "Personae", inédita)

### Prólogo

EL VENTANAL MEDIO SUCIO del modesto cuarto rentado de la Baixa lisboeta dejaba pasar, al cabo de un rápido golpe de lluvia, una luminosidad empañada, imprecisa, estertores de un desvanecido fin de tarde, nuncios de una fresca entrada de la noche.

Más allá de los tejados del caserío de los alrededores, tranvías, a intervalos, rodaban por las calles resbaladizas, ya iluminadas por los faroles públicos, provocando chispas en los cables energizados y chirridos metálicos en las vías.

Observando la luminosidad mortecina que entraba por la única ventana del cuarto, el agente policiaco de 1ª Clase de la Policía de Investigación Criminal (envuelto en una bata de toalla sobre la pijama, bufanda en torno al cuello, gorro de lana encasquetado en la calva, pies protegidos por gruesas calcetas) había expectorado ruidosamente, acometido por una severa constipación nasal contraída hacia el final de la mañana del día anterior, bajo una lluvia menuda e intermitente, mientras asistía a un servicio fúnebre en el Cemitério dos Prazeres.

En pantuflas, junto a la ventana, el policía, cogitabundo, sobrazaba un periódico doblado, fijo bajo el sobaco, mientras revolvía en una taza de cerámica de la India un café negro en el que había mezclado diez *tostones* de aguardiente recién hervido en la hornilla que yacía sobre la cómoda del cuarto.

Abstraído en lo nublado del día, el agente policiaco miraba la nada cuando, de golpe, un relámpago lo despertó de su arrobamiento. Alargó los ojos hasta la otra orilla del Tajo, donde un cielo encapotado despachaba nubes cargadas hacia el viejo Castillo.

Mientras sorbía la bebida con lentitud, ceño fruncido, haciendo muecas con cada trago que dejaba escurrir por la garganta irritada, evaluó que el aguacero que se anunciaba le venía bien a la acción furtiva que pretendía emprender aquella noche:

"Claramente al no estar autorizada por la dirección, ni amparada por mandato judicial: factible solo mediante un arreglito..." – ponderó para sus adentros, congestionado, con un semblante lúgubre abrochado en la catadura opaca.

Con la intención de hacer tiempo hasta media noche, momento que consideraba más propicio para perpetrar la osada empresa que había maquinado, encendió un puro barato, se sonó el catarrón con un pañuelo y volvió a acostarse en la cama destendida, no sin antes acomodar la almohada contra la cabecera de la cama, para apoyar la espalda.

Cruzó las piernas y abrió el *Diário de Notícias*, número del 3 de diciembre de 1935, martes:

## MURIÓ FERNANDO PESSOA Gran poeta de Portugal

*Fernando Pessoa, el extraordinario poeta de Mensaje, poema de exaltación nacionalista, uno de los más bellos que se han escrito, descendió ayer al sepulcro. Lo sorprendió la muerte en un lecho cristiano del Hospital de S. Luiz el sábado por la noche. Los servicios fúnebres corrieron a cargo de la Agência Barata.*

La noticia, difusa, se extendía por dos largas columnas, en nada semejante a las necrologías habituales del periódico. Presentaba la biografía detallada, copiosa bibliografía crítica de su obra, elogios encomiásticos al poeta muerto, nómina de los presentes en el sepelio, además de los rasgos del breve discurso improvisado, que profirió Luiz de Montalvor, compañero de 34 años de vida literaria del difunto, al pie de la yacija en que el cuerpo había sido sepultado.

"No todo el bando de amigos y de conocidos del difunto asistió al funeral" –se dijo el policía, arrellanándose en la cama, tras cotejar la nómina de presentes en el entierro con los nombres anotados en la libreta que había sacado de la mesita de noche.

Acto seguido, se levantó de la cama, volvió a encender el puro que se había apagado y fue a sentarse en el pequeño escritorio arrimado a la ventana del cuarto.

Con un lápiz de tinta, se puso a subrayar en el cuaderno de notas los nombres de los amigos y conocidos del difunto ausentes del entierro.

La lista no era pequeña: *Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Bernardo Soares, António Mora, Raphael Baldaya, Frederico Reis*, además de decenas de otros, menos asiduos en sus encuentros con el investigado, residente de la *Rua Coelho da Rocha*, en Campo de Ourique.

"Ni siquiera doña *Ofélia Queirós* se había dignado a presentarse en el sepelio de su *ex novio*. Quizá ese amor no era tan inolvidable..." –coligió para sus adentros el agente de la P. I. C., regocijándose íntimamente mientras mordía la punta del lápiz.

"¿Dónde se había metido toda aquella gente que no se había presentado en el funeral?" –se preguntó, mientras estiraba la mirada hasta el reloj de bolsillo que yacía, colgado de su cadena, en un clavo de la pared del cuarto.

Todavía faltaba mucho para *media noche*. Había decidido dormitar hasta entonces, echarse una pestañita. Acomodó la almohada, se estiró en el lecho y se arrellanó seguro del éxito de la acción, tantas veces postergada, que emprendería más tarde.

Cuando despertó, faltaba un cuarto para la medianoche. Se levantó de la cama y fue a la ventana del cuarto a observar el tiempo. Caía una lluvia menuda e intermitente.

Se puso rápidamente un traje y una gabardina oscuros, se caló un sombrero suave en la calva reluciente y fue a revisar el contenido de la bolsa del mandado que se llevaría al *trabajo*.

Revisó el manojito de llaves falsas, ganzúas y alambres con puntas achaflanadas, sacudió la pequeña lámpara (para ver si había petróleo), y agitó la caja de cerillos.

"No quiero hacer disparates ni meterme en un berenjenal. El trabajo tiene que ser perfecto", pensó para sus adentros, una sonrisa astuta clavada en los labios.

Al abandonar el cuarto, recordó que tendría que ir a pie desde la Baixa hasta el Campo de Ourique. Los servicios de tranvías y autocares ya habían cerrado por lo avanzado de la hora.

"Lo que no se hace el día de Santa Lucía se hace cualquier otro día. ¡Hoy es ese día!" gruñó para sus adentros, precipitándose hacia la calle.

## I

LAS MÁS DE LAS VECES DE LOS DÍAS se adueña de mí una soledad laxa, enfadadiza, aunque esté caminando apresurado, como ahora, entre la masa humana, en plena pausa para la comida, en medio del bullicio de la *Rua* do Arsenal, abarrotada de transeúntes famélicos, ansiosos por saciar las carencias alimenticias del momento.

Sombrero de ala caída sobre la cabeza, mano diestra empuñando el paraguas cerrado que hace las veces de bastón, la siniestra agarrada al cuello de la gabardina clara, carpeta de documentos bajo el sobaco, allá voy, a pasos de "Íbis", unas veces en la corriente, otras en contra del vaivén de empleados de oficinas, amanuenses de oficinas públicas, *vendeuses* de tiendas, ambulantes, marchantes, vendedores de lotería, cargadores y peones habituales de los días útiles de la semana, para mí tan inútiles como los de descanso.

Por paradójico que parezca, por las noches y madrugadas, en la soledad y acogimiento de mi recatado cuarto rentado, suele sucederme que mi tranquilidad y mi intimidad se ven obstaculizados, casi siempre, por decenas de *criaturas* improbables: figuras de ficción, expuestas en hojas sueltas, que solo existen en mi imaginación.

Esos *seres de papel* (algunos de ellos manuscritos, y otros tantos mecanografiados) residen, por así decirlo, dentro de sobres y enterrados en un viejo arcón: una especie de albergue de papelería inútil que yace al pie de mi cama.

Hace tiempo que cohabito con estas *criaturas*, dueñas de los más variados oficios y desocupaciones, casi todas dotadas de caracteres singulares, temperamentos excéntricos y bizarras idiosincrasias.

Una parte considerable de esta *camarilla imaginaria* está compuesta por literatos ignotos, que revelan unánimemente severos inconformismos con la fase

malograda de desarrollo de Portugal en comparación con el concierto de las naciones europeas.

Tan *conocidos* como yo, exceptuando a los más excéntricos, estos *seres de papel* sobreviven con escasas ganancias, ordinariamente provenientes de modestas ocupaciones.

Sobresale en este *bando in folium* el reverenciado maestro, fallecido cuando aún era joven en Lisboa, en el primer cuarto del siglo; este otro se presenta como discípulo de Hipócrates, actualmente residente en el extranjero, en un exilio voluntario, aunque dejó su ombligo en Oporto; aquel otro da muestras de ser un vanguardista exhibicionista e histérico, ingeniero naval educado en Escocia, actualmente inactivo; aquel otro no es más que un humilde ayudante del tenedor de libros de un almacén de importación y exportación de géneros, con humos de prosista, desafortunadamente inédito.

Las más de estas figuras son noctámbulas; algunas tienen la veleidad de presentarse como poetas; otras son más afectas a la prosa. No obstante, ninguna de ellas tiene una disciplina mental capaz de arrancar a la inteligencia portuguesa del pantano en el que se revuelca desde hace siglos.

Casi todas estas *criaturas*, salvo una que otra excepción, son asiduas visitantes del humildísimo cuarto de primer piso en el que vivo, solo, ubicado en la *Rua Coelho da Rocha*, N.º 16, primer piso, derecho, en Campo de Ourique.

Váyase a saber a qué caprichos del hado me destinaron los dioses *olisiponenses*: sentirme un anacoreta cuando estoy entre la multitud; con una plétora de compañías, cuando estoy solo en mis aposentos.

Intento apresurar el paso (a estas alturas ya bajo los arcos del Terreiro do Paço), pese al tránsito de peones, un tanto atrasado para mi reunión en el *Martinho da Arcada*.

Temo no poder llegar a tiempo al *rendez-vous* por tener que desviarme, una y otra vez, de esta turbamulta de peatones.

Me gustaría calificarlos como usuarios de calles, en lugar de transeuntes, ya que, ordinariamente, siempre me encuentro con las mismas personas trillando estos paseos, ya sea en la Baixa, o en el Bairro Alto, ya sea a la hora de la comida o al final de la jornada.

Lisboa, la verdad sea dicha, se limita a unas cuantas calles circunscritas entre el Calhariz, el Rossio, el Cais do Sodré y São Pedro de Alcântara: si un observador más atento aún no ha notado este detalle, alguien algún día escribirá al respecto.

Portugal es un país pequeño.

Camino presuroso entre el incesante ir y venir de los peatones: famélicos unos cuantos, estómagos dando la hora, *barrigas pegadas al espinazo*, como suele decirse, ávidos de platillos comerciales baratos, al alcance de sus bolsillos, como suele suceder con mi persona; otros tantos, satisfechos, ya empachados, *maletas atiborradas*, las más de las veces en *hartabrutos*, miradas concupiscentes en los aparadores de las tiendas, recorriendo los paseos, al paso.

Gracias a los buenos hados del día, no llueve, aunque ya relampaguea. Por obra de los dioses que gobiernan el *Olisipo*, aún no truena. "*El diablo no está siempre tras la puerta*", solía recordar tía Anica a los miembros de las reuniones semiespiritistas, ya perdidas en los polvos de los tiempos, que mi añorada y amorosa parienta promovía en la calle Pascoal de Melo.

Salido váyase a saber de dónde, cerca de la Bolsa, un lotero se interpuso en mi trayecto exhibiéndome a gritos (literalmente, embarrándome en la cara) una ristra de boletos de lotería.

Me libré de él aplicándole una finta futbolística que aprendí observando a los chiquillos pobres cuando juegan con pelotas improvisadas (hojas de periódicos viejos hechas bola, envueltas en medias ídem, amarradas con hilos) en los arrabales de Benfica.

Me alejé del vendedor a pasos largos, volviéndome una y otra vez hacia atrás con la intención de indagar si el tipo aún recalcitaba en la venta de boletos. Gracias a los caballeros templarios, el hombre había desaparecido entre la gentuza.

Inopinadamente, en otro giro hacia atrás de mi cabeza, buscando al vendedor de loterías, sorprendí a un individuo con traje y gabardina oscuros, el rostro escondido bajo un sombrero suave, caído sobre la frente, que me seguía a distancia desde la *Rua* do Comércio.

Desconcertado al verse descubierto *in fraganti*, visiblemente avergonzado, el hombre se detuvo en seco. Miró hacia arriba, luego hacia atrás, decidiendo si se detenía, titubeante y poco convincente, ante un aparador de *lingerie* femenina, fingiendo interés.

Suspica, intenté explicarme la sensación de descubrirlo *in fraganti* como un efecto neurótico de la manía de persecución que me aqueja, debido a las fechorías contumaces de la "*camarilla del arcón*" cuyas *criaturas* de cuando en cuando escapan y salen las calles a entremeterse en la vida ajena, sobre todo en la mía.

Decidí no molestarme por aquella sospecha de persecución: me encogí de hombros, consideré ilusorio el acoso (atribuyéndolo a la fijación de acecho morbosa que sufro por los *habitantes del baúl*) y retomé mi camino.

Meditabundo, me volví de golpe para retomar mi trayecto cuando, inadvertida y desastradamente, choqué de frente con la preeminencia ventral de un orondo caballero (ciudadano probablemente exitoso en la vida, a juzgar por el volumen de la panza inmensa que se le derramaba sobre la pretina del pantalón), que daba el brazo una señora y transitaba en dirección contraria a la mía bajo los arcos de la *Praça* do Comércio.

Intenté disculparme, cargado de culpas y vergüenzas, pero escuché al mismo tiempo un improperio indecible, proferido por la que, imagino, era la esposa del hombre (repolluda señora igualmente dotada de adiposidades abundantes y pronunciado bozo), que me asaeteaba con unos ojos infectados de ascuas de lumbre, solidaria con su marido.

Me evadí del sitio del conflicto, huidizo, excediéndome en mesuras excusatorias y referencias obsequiosas a la pareja, sin saber dónde meter la cara, vejadís-

mo, todavía, mientras escuchaba, detrás de mí, un *"que los rayos le partan la vida a ese que va allí"*, vociferado en alto grito por la señora maldiciente, *que atronaba malvada*, esto es, soltaba la lengua.

Soy un ser abúlico por naturaleza (no se trata de una suposición) y, además, una criatura poco acostumbrada a lidiar con situaciones usuales de la cotidianidad; imagínese me enfrentando embarazosos contratiempos de tránsito, en espacios públicos.

*"Eres mucho más leído que escuchado, querido"*, me susurró cierta vez, al oído, Sá-Carneiro, cuando ese añorado poeta aún vivía en este mundo.

Por estas y otras razones nunca he podido comprender el carácter y el atavismo de mis coterráneos: entregados a heroicas osadías transoceánicas, con la intención de conquistar mundos ignotos en el pasado grandioso y añorado; pero al mismo tiempo, bravucones e intolerantes, con piedras en la mano y maldiciones en la punta de la lengua, por cualquier *quítame allá esas pajas* en estos tiempos modernos, adustos y malogrados.

Dentro del *Martinho*, Almada me hizo señas desde una mesa del fondo, sentado en compañía de Montalvor.

Los saludé con un movimiento de la cabeza y una sonrisa desganada, quitándome ya la gabardina y el sombrero, que colgué de un gancho de la percha junto a un bastonero donde apoyé el paraguas.

Me acomodé la corbatita en el espejo de la pared antes de sentarme.

En días de lluvia, de ordinario soy parco en materia saludos, como, por lo demás, mezquino en charlas, avaro en comentarios, aunque me mantengo educado y afable, siempre y cuando no estallen truenos en el cielo.

Si acaso ocurren tormentas en las *Altiplanuras*, me asalta ineluctablemente un terror pánico y una absoluta incapacidad de hablar.

Cuando me veo sometido a golpes de esa naturaleza, habitualmente busco, diaforético y desencajado, refugio bajo las mesas.

La que esté más cerca, desde el primer trueno.

Almada tenía abierta sobre la mesa del restaurante una página plegada del *Diário de Lisboa*.

Antes de que me acomodara en la silla de asiento de piel, empezó a leer un fragmento de un artículo muy instructivo y provocador: *"Las asociaciones secretas: análisis sereno y minucioso de un proyecto de ley presentado al parlamento"* que yo había escrito para aquel vespertino políticamente independiente.

*"...como la mayoría de los antimasones, el autor de este proyecto es totalmente desconocedor del asunto de la Masonería. Lo que sabe de él es incluso, por ventura, peor que nada, pues, naturalmente, habrá alimentado su antimasonismo con la lectura de la prensa llamada católica, donde, hasta en las cosas más elementales de la materia, los errores se acumulan sobre los errores y a los errores se añaden, con la mala voluntad, la mentira y la calumnia, esas señoras que son sus hijas..."*



Al cabo de la lectura, Almada se quitó los lentes, cerró el periódico y gruñó:

–¡Como no te bastaba llamar parvo al autor del proyecto, todavía tuviste la desfachatez de ensalzarlo con el epíteto de fanfarrón! No satisfecho, ¡encima ofendiste a la beatería de la iglesia! ¿Qué te pasó por la cabeza, Fernando, al escribir este artículo? El diputado José Cabral, autor del proyecto de ley, es de la *entourage* del señor licenciado Presidente del Consejo de Ministros: ¡al *profesor* no le va a gustar esta crítica afrentosa! –observó mi leal amigo, con la voz ahogada, mirando a su alrededor a hurtadillas.

–Además dejas mal parado a António Ferro, nuestro amigo, que trabaja en el Secretariado Nacional de Propaganda... –adujo Montalvor entre dientes.

Le pedí al mesero una taza de mi aguardiente preferido. No tenía la intención comer: en la penuria financiera en que me encontraba, con una mano atrás y otra adelante, me faltaba numerario para cometer semejante extravagancia en el *Martinho da Arcada*. Tal vez volviera allí, al cabo de la jornada, para intentar cenar (tal vez una sopa *juliana*) con el viejo Sá Mourão, propietario del establecimiento, si es que me invitaban, cosa que sucedía con razonable frecuencia.

Me acomodé los lentes de aro sobre la nariz y encendí un cigarrillo. Con un ay, dirigí una rapidísima mirada furtiva a una nadita de tobillo descubierta de una joven señora sentada en la mesa de al lado, y retruqué:

–*In the first place*, Almada, *entourage* es un sustantivo masculino, así lo crearon los franceses, paciencia: la lengua es de ellos. En segundo lugar, el término más apropiado, a mi juicio, para calificar al grupo de políticos que rodea al señor licenciado Presidente del Consejo de Ministros, es *coterie*, también de origen francés, este sí femenino. *At last* es necesario que alguien ponga a los diputados de la Asamblea Nacional sobre aviso de la prohibición a los ciudadanos portugueses de formar parte de asociaciones secretas es tan absurda y ridícula que, en rigor, si se aprueba esa ley, a los pequeños lisboetas se les vedará el jugar escondidillas en la Cidade Baixa, Bairro Alto, Chiado, suburbios de Benfica y arrabales de Lisboa, por no decir que la medida afrenta a mi añorada tía Anica, respetable promotora de secretas, conspicuas e inocentes reuniones espiritistas en la casa donde aquella amorosa parienta vivía, en el tercer piso de la calle Pascoal de Melo, antes de mudarse al extranjero, donde actualmente reside.

Montalvor replicó:

–Déjate de *blague*, Fernando: la preocupación de Almada, que comparto, es que puedas sufrir algún tipo de represalia o persecución del gobierno por la mala repercusión que pueda tener este artículo del periódico.

La nadita de tobillo de la mesa de al lado, tan duradera como mantequilla en el hocico de un perro, había desaparecido tras un vigoroso descruzar de piernas, sucedido por un mohín, acompañado de una severa mirada de escarmiento que me dirigió la dueña del hermoso segmento óseo situado entre la pierna y el pie: recóndito por despreciable media soquete.

Asaeté de vuelta a la propietaria del tobillo inescrutable, una mirada tímida, que me gustaría que sugiriera “;Qué linda es quien no eres...!”.

Mientras tanto, pillé de reojo, inopinadamente, sobre los hombros de Almada, la entrada en el restaurante del individuo que, hacía algunos instantes, me había seguido bajo los arcos del Paço.

Tras colgar la capa y el sombrero en una percha, el hombre se sentó a dos mesas de distancia, recibió el menú de manos del mesero y, con una mirada morena, que observaba empañada por sobre el rostro glabro, se puso a acecharme por sobre la carta al cabo de una rápida consulta.

Me quité los lentes de aro del rostro, limpié los cristales con una servilleta y volví a ponérmelos frente a los ojos. No había duda: era el mismo hombre de andar rudo, corpulencia sin grasa y dureza latente en las facciones, que venía persiguiéndome desde la *Rua* do Comércio.

Ya sin sombrero, mi *perseguidor* exhibía un cráneo enteramente calvo, cara lisa, lampiña, ojos sin pestañas, narigón, prognato, con cierto aire de feto (semejante a un ser prematuro) cuyo aspecto ya no se esfumaba de los ojos de quien lo hubiera visto. Respiraba penosamente, resonando al toser, como si sufriera de disnea paroxística: *asma*, para el vulgo.

De un solo golpe, me eché la dosis de aguardiente a la garganta, encendí un cigarrillo y retruqué:

–El artículo, lo admito, es instructivo y reflexivo, aunque provocativo. Tiene como objetivo explicar que la Masonería, aunque no es una religión ni un orden místico, utiliza, en sus rituales, los patrones místicos de diversas sectas, asociaciones y civilizaciones antiguas, principalmente las religiones y órdenes iniciáticas de índole religiosa de los pueblos que representan el albor de las civilizaciones. Intenté describir, en el texto, los principales aspectos de dicha Orden, subrayando su importancia para el desarrollo de la civilización occidental. La Orden Masónica es, históricamente, defensora de la democracia y de las libertades civiles e individuales, señores.

–No te imaginaba masón... –farfulló Almada, escrutando también, solapadamente, el tobillo velado de la vecina de mesa.

–Nunca fui, ni pertenezco a ninguna otra Orden semejante o distinta. No soy, empero, antimasón, pues lo que sé del asunto me lleva a hacerme una idea absolutamente favorable de la Orden Masónica. La Masonería no es una orden secreta: las sociedades secretas tienen objetivos secretos y ocultan su existencia, así como las fechas y lugares de sus sesiones. No es el caso de la masonería –re-dargüí.

Montalvor inclinó levemente el tronco para acomodarse en la silla e investigar, discretamente, qué diablos mirábamos Almada y yo bajo de la mesa de al lado, susurrando entre dientes:

–El *Estado Novo* no es propiamente una democracia: vivimos bajo un régimen de excepción... Nosotros, los literatos, tenemos la obligación de acautelarnos, de

tal manera que evitemos externar opiniones y practicar acciones que contraríen a las esferas gubernamentales.

—Por culpa de ese *Estado Novo* he estado viejo Montalvor... —comenté con desánimo—. Reafirmo lo que externé aquí mismo en una tertulia pasada: no hay hechos, lo que hay es la interpretación de los hechos.

Almada, fingiendo que no había visto la furiosa mirada de reprobación que la vecina de mesa nos había lanzado (indignada por la obsesiva curiosidad que despertaba su tobillo), destiló un contraargumento que sabía a petulancia:

— En este Portugal del *Estado Novo* solo impera y subsiste la opinión del profesor Salazar. ¡A parte de ésta, solo las que él autoriza!

Mientras observaba a hurtadillas a mi presunto perseguidor (aquella pantomima persecutoria sabía a chanza de la *cuadrilla del arcón*), me miré en el espejo de la pared, observé el traje arrugado, la camisa raída, el cuello poco aseado y, decepcionado de los atavíos que me vestían, no menos irritado por la *boutade* de Almada, refuté:

—En este gobierno de beatos, Almada, solo hay tres bases: la fuerza, la autoridad y la opinión.

Almada, taciturno, se desahogó:

—¡Por desgracia los portugueses nunca han tenido opinión! ¡Somos un país pobre, pero riquísimo en ignorantes!

Eché una mirada rápida hacia la extraña criatura con apariencia de feto y ponderé:

—Gracias al discurso que Salazar dio hace poco, en la distribución de premios del Secretariado Nacional de Propaganda, nos enteramos de que la regla restrictiva de la Censura, "*no se puede decir esto o aquello*", fue sustituida por la regla soviética del Poder, "*se tiene que decir esto o aquello*". Mientras que son peras o son manzanas, señores, todo lo que escribamos no solo tiene que contrariar los principios, que ignoro, del *Estado Novo*, cuya definición se desconoce, sino que tiene que subordinarse a las directrices trazadas por los consejeros del llamado *Estado Novo*. Esto quiere decir, supongo, que no podrá haber una manifestación literaria legítima en Portugal si no incluye alguna referencia al equilibrio presupuestal, a la composición corporativa de la sociedad portuguesa, aunque solo el diablo sepa qué significa tal cosa, y a otros engranajes de esa índole...

Montalvor forzó una sonrisa de mofa, bajó la voz más aún y lamentó, mirando a su alrededor de soslayo:

—*Si nos coleos haberemus*, si al menos los portugueses tuvieran *tomates* entre las piernas...



# AUTORES

---

AUTOREN/INNEN

---

AUTHORS

---

AUTORES



Foto: David Gäst

## ADELICE SOUZA

Nasceu em Castro Alves (BA) em 1973. É escritora, diretora teatral e yoguini. Doutoranda e Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Encenou as seguintes peças teatrais: "Hamlet-Machine", de Heiner Müller (1997); "A Balsa dos Mortos", de Harald Müller (1998); "De Alma Lavada", baseada em "O mandarim" de Eça de Queiroz (1999); "Red não é vermelho", de Bertho Filho (2001); "A Odisséia, de Homero" (2002), "Na solidão dos Campos de Algodão", de Bernard Marie Koltés (2003/2004) e "Metamorphos-in" (2005), adaptação sua para o conto de Kafka. De sua autoria, dirigiu "Fogo Possesso" (2006), "Jeremias, Profeta da Chuva" (projeto do Núcleo do Teatro Castro Alves 2009) e "Kālī, senhora da dança" (2013). Escreveu os livros de contos "As Camas e os Cães" (2001), "Caramujos Zumbis" (2003), "Para uma certa Nina" (2009) e o romance "O homem que sabia a hora de morrer" (2012 - finalista do prêmio Jabuti 2013), além de publicações teatrais e participações em várias antologias nacionais e internacionais. (adelicesouza@oi.com.br)

Adelice Souza, geboren 1973 in Castro Alves, Bahia, ist Schriftstellerin, Theaterregisseurin und Yogini, Doktorandin und Master in Darstellender Kunst an der Bundesuniversität Salvador. Sie inszenierte die folgenden Aufführungen (in portugiesischer Sprache): "Die Hamletmaschine" von Heiner Müller (1997); „Totenfloß“ von Harald Müller (1998); „De Alma Lavada“, nach einem Text von Eça de Queiroz (1999); "Red não é vermelho" von Bertho Filho (2001); Homers „Odyssee“ (2002); „Dans la solitude des champs de coton“ von Bernard Marie Koltés (2003/2004); und „Metamorphos-in“ nach einer Erzählung Kafkas (2005). Von ihr selbst verfasste Stücke kamen unter ihrer Regie zur Aufführung: „Fogo possesso“ (2006); „Jeremias, Profeta da Chuva“, als Projekt der Produktionsgruppe des Theaters Castro Alves (2009) und „Kālī, senhora da dança“ (2013). Sie ist Autorin der Erzählungsbände „As Camas e os Cães“ (2001); „Caramujos Zumbis“ (2003); „Para uma certa Nina“ (2009) und des Romans „O homem que sabia a hora de morrer“ (2012 - Teilnehmer der Endausscheidung des Jabuti-Preiswettbewerb 2013); ein Auszug dieses Romans ist in diesem Buch enthalten). Sie ist mit ihren Arbeiten in verschiedenen nationalen und internationalen Anthologien vertreten. (adelicesouza@oi.com.br)

Adelice Souza was born in Castro Alves, Bahia, in 1973. A writer, theater director and yoguini, she holds an MA in Theater Arts from the Federal University of Bahia and is a doctoral candidate in the same department. She has staged the following plays: "Hamlet-Machine", by Heiner Müller (1997); "A Balsa dos Mortos", by Harald Müller (1998); "De Alma Lavada", based on "O mandarim" by Eça de Queiroz (1999); "Red não é vermelho", by Bertho Filho (2001); "Homer's Odyssey" (2002), "Na solidão dos Campos de Algodão", by Bernard Marie Koltés (2003-2004) and "Metamorphos-in" (2005), an adaptation of Kafka's Metamorphosis. She has also directed her own plays: "Fogo Possesso" (2006), "Jeremias, Profeta da Chuva" (a project of the Castro Alves Theater in 2009) and "Kālī, senhora da dança" (2013). She has published three collections of her short stories, "As Camas e os Cães" (2001), "Caramujos Zumbis" (2003), and "Para uma certa Nina" (2009), and the novel "O homem que sabia a hora de morrer" (2012 - Jabuti Prize finalist in 2013), in addition to taking part in theatrical publications and several national and international anthologies. (adelicesouza@oi.com.br)

Adelice Souza nació en Castro Alves (Bahia) en 1973. Es escritora, directora teatral y yogui. Doctoranda y maestra en Artes Escénicas por la Universidad Federal de Bahia. Ha puesto en escena las siguientes piezas teatrales: "Hamlet-Machine", de Heiner Müller (1997); "La balsa de los muertos", de Harald Mueller (1998); "De Alma Lavada", basada en El mandarín de Eça de Queiroz (1999); "Red não é vermelho", de Bertho Filho (2001); "La Odisea", de Homero (2002), "En la soledad de los campos de algodón", de Bernard Marie Koltés (2003/2004) y "Metamorphos-in" (2005), adaptada por ella a partir del cuento de Kafka. Entre las obras de su autoría, dirigió "Fogo Possesso" (2006), "Jeremias, Profeta da Chuva" (proyecto del Núcleo do Teatro Castro Alves 2009) y "Kālī, senhora da dança" (2013). Es autora de los libros de cuentos "As Camas e os Cães" (2001), "Caramujos Zumbis" (2003), "Para uma certa Nina" (2009) y de la novela "O homem que sabia a hora de morrer" (2012 - finalista del Premio Jabuti 2013), además de publicaciones teatrales y participaciones en varias revistas nacionales y extranjeras. (adelicesouza@oi.com.br)

# ALEILTON FONSECA

Aleilton Fonseca (1959) nasceu em Firmino Alves-Bahia. Escreve ficção, poesia e ensaios. É graduado em Letras (UFBA, 1982), tem mestrado (UFPB, 1992), e Doutorado pela Universidade de São Paulo (1997). É professor da UEFS. Foi co-editor de "Irarana – Revista de arte", crítica e literatura (Salvador). Publicou cerca de 25 livros, entre os quais: "Enredo romântico, música ao fundo" (1996), "Jaú dos Bois e outros contos" (1997), "O desterro dos mortos" (2001), "O canto de Alvorada" (2003), "Les marques du feu" (França, 2008); "Guimarães Rosa, écrivain brésilien centenaire" (Bélgica, 2008), e os romances: "Nhô Guimarães" (2006), "O pêndulo de Euclides" (2009), e, recentemente, "A mulher dos sonhos" (2010), "Memorial dos corpos sutis" (2012), "As marcas da cidade" (2012), "Um rio nos olhos/une rivière dans les yeux" (2012) e "Un río en los ojos" (USA/Paraguai, 2013). Tem livros traduzidos em países como França, Bélgica, Canadá e Paraguai. É membro do Pen Clube do Brasil, da UBE-SP e da Academia de Letras da Bahia. (aleilton50@gmail.com)

Foto: Estúdio Minibó



Aleilton Fonseca: 1959 in Firmino Alves im Hinterland Bahias geboren, Autor von Belletristik, Gedichten und Essays, schloss 1982 an der Bundesuniversität von Bahia das Literatur-Studium ab, erwarb 1992 an der Bundesuniversität von Pernambuco den Master-Titel und 1997 an der Universität São Paulo das Doktorat. Er ist Professor an der bahianischen Landesuniversität von Feira de Santana, war Mitherausgeber der in Salvador erscheinenden Zeitschrift für Kunst, Literatur und Kritik „Irarana“. Er ist Verfasser von rund 25 Büchern, darunter „Enredo romântico, música ao fundo“ (1996); „Jaú dos Bois e outros contos“ (1997), „O desterro dos mortos“ (2001), „O canto de Alvorada“ (2003); dann in Frankreich im Jahr 2008 „Les marques du feu“, und in Belgien „Guimarães Rosa, écrivain brésilien centenaire“. Es erschienen die Romane „Nhô Guimarães“ (2006), „O pêndulo de Euclides“ (2009), „A mulher dos sonhos“ (2010), „Memorial dos corpos sutis“ (2012), und „As marcas da cidade“ (2012); im gleichen Jahr die zweisprachige Ausgabe „Um rio nos olhos / Une rivière dans les yeux“, gefolgt 2013 von „Un Rio en los ojos“ (USA und Paraguay). Verschiedene Übersetzungen sind in Frankreich, Belgien, Kanada und Paraguay erschienen. Der Autor ist Mitglied des brasilianischen Penclubs, des brasilianischen Schriftstellerverbandes und der Academia de Letras da Bahia. (aleilton50@gmail.com)

Aleilton Fonseca was born in Firmino Alves, Bahia in 1959. He writes fiction, poetry and essays and holds a BA in Literature (UFBA, 1982), an MA (UFPB, 1992), and a PhD from the University of São Paulo (1997). A professor at the State University of Feira de Santana (UEFS), he has co-edited the art and literature journal "Irarana" (Salvador) and published about 25 books, including "Enredo romântico, música ao fundo" (1996), "Jaú dos Bois e outros contos" (1997), "O desterro dos mortos" (2001), "O canto de Alvorada" (2003), "Les marques du feu" (France, 2008), "Guimarães Rosa, écrivain brésilien centenaire" (Belgium, 2008), and the novels "Nhô Guimarães" (2006), "O pêndulo de Euclides" (2009), and, more recently, "A mulher dos sonhos" (2010), "Memorial dos corpos sutis" (2012), "As marcas da cidade" (2012), "Um rio nos olhos/une rivière dans les yeux" (2012) and "Un río en los ojos". (USA/Paraguay, 2013). His books have been translated in countries like France, Belgium, Canada and Paraguay. He is a member of the Pen Club of Brazil, the UBE-SP and the Bahia Academy of Letters. (aleilton50@gmail.com)

Aleilton Fonseca (1959) nació en Firmino Alves-Bahia. Escribe narrativa, poesía y ensayos. Es licenciado en letras (Universidad Federal de Bahia, 1982), maestro (Universidad Federal de Paraíba, 1992), y doctor (Universidad de São Paulo, 1997). Es profesor de la Universidad Estatal de Feira de Santana. Fue coeditor de "Irarana – Revista de arte, crítica e literatura" (Salvador). Ha publicado aproximadamente 25 libros, entre los cuales cabe mencionar: "Enredo romântico, música ao fundo" (1996), "Jaú dos Bois e outros contos" (1997), "O desterro dos mortos" (2001), "O canto de Alvorada" (2003), "Les marques du feu" (Francia, 2008); "Guimarães Rosa, écrivain brésilien centenaire" (Bélgica, 2008), y las novelas: "Nhô Guimarães" (2006) y "O pêndulo de Euclides" (2009). Más recientemente, publicó "A mulher dos sonhos" (2010), "Memorial dos corpos sutis" (2012), "As marcas da cidade" (2012), "Um rio nos olhos/une rivière dans les yeux" (2012) y "Un río en los ojos". (Estados Unidos/Paraguay, 2013). Sus libros han sido traducidos en países como Francia, Bélgica, Canadá y Paraguay. Es miembro del Pen Clube de Brasil, de la Unión Brasileña de Escritores (São Paulo) y de la Academia de Letras de Bahia. (aleilton50@gmail.com)



Foto: Estúdio Minilab

## ÁLEX LEILLA

Álex Leilla (Bom Jesus da Lapa-BA) publicou "Urbanos" (contos) em 1997, resultado do prêmio de Literatura da BRASKEM e Fundação Casa de Jorge Amado. Em 1999, publicou "Obscuros" (contos); em 2001, lançou "Henrique" (romance). Em 2004, participou da antologia "25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira", com o texto "Um elefante". Em 2009, publicou a novela "O sol que a chuva apagou"; e em 2010, lançou o romance "Primavera nos ossos", selecionado pelo Programa Petrobras Cultural. Venceu o 20º Concurso de Contos Luiz Vilela-2010, com o texto "Felicidade não se conta" e teve o conto "Não se esqueça de pisar firme no coração do mundo" selecionado para integrar a antologia "Wir sind bereit. Junge Prosa aus Brasilien," da editora alemã Lettrétage, prevista para ser lançada na Feira de Frankfurt-2013. Graduada e mestra em Letras pela UFBA, é doutora em Estudos Literários, pela UFMG, e professora de Literatura Portuguesa na UEFS. Atualmente, vive em Salvador. (allexleilla@gmail.com)

Álex Leilla, geboren 1971 in der bahianischen Stadt Bom Jesus da Lapa, veröffentlichte 1997 im Rahmen eines Literaturpreises „Urbanos“ (Erzählungen), sowie 1999 „Obscuros“. 2001 erschien ihr Roman „Henrique“. Im Jahr 2004 nahm sie mit der Erzählung „Um Elefante“ an der Anthologie „25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira“ teil (25 Schriftstellerinnen, die die neue Literatur Brasiliens schreiben). 2009 erschien die Novelle „O sol que a chuva apagou“. 2010 erschien der Roman „Primavera nos ossos“, der mit einem Literatur-Preis der Petrochemischen Industrie ausgezeichnet wurde. Im gleichen Jahr gewann sie mit dem Text „Felicidade não se conta“ den 20. Erzähler-Wettbewerb Luiz Vilela. Ihre Erzählung „Não se esqueça de pisar firme no coração do mundo“ wurde vom deutschen Verlag Lettrétage in den Sammelband „Wir sind bereit. Junge Prosa aus Brasilien“ aufgenommen und wird auf der Frankfurter Buchmesse 2013 vorgestellt. Sie hat das Literaturstudium an der bahianischen Bundesuniversität mit dem Master-Titel abgeschlossen und an der Bundesuniversität von Minas Gerais das Doktorat gemacht. Sie ist Professorin für portugiesische Literatur an der Landesuniversität von Feira de Santana und lebt in Salvador. (allexleilla@gmail.com)

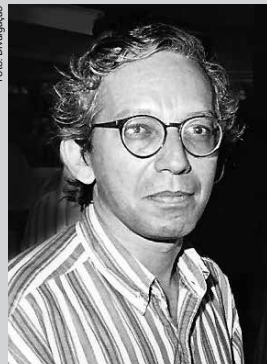
Álex Leilla was born in Bom Jesus da Lapa, Bahia. She published "Urbanos" (short stories) in 1997 through the Braskem and Jorge Amado House Foundation Literary Prize. In 1999, she published "Obscuros" (short stories) and in 2001, she launched "Henrique" (a novel). In 2004, she took part in the anthology "25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira", with the essay "Um elefante." In 2009, she published the novella "O sol que a chuva apagou", and in 2010, she launched the novel "Primavera nos ossos", selected by the Petrobras Cultural Program. She won the 20th Luiz Vilela Short Story Contest in 2010 with "Felicidade não se conta," and another short story, "Não se esqueça de pisar firme no coração do mundo," was chosen to appear in the anthology "Wir sind bereit. Junge Prosa aus Brasilien", published by Lettrétage of Germany, which will be launched at the Frankfurt Book Fair in 2013. She holds a BA in Literature from UFBA and a PhD in Literary Studies from UFMG, and is a professor of Portuguese Literature at UEFS. She currently lives in Salvador, Bahia. (allexleilla@gmail.com)

Álex Leilla (Bom Jesus da Lapa-BA) publicó "Urbanos" (cuentos) en 1997, como resultado del premio de Literatura de la BRASKEM y la Fundación Casa de Jorge Amado. En 1999 publicó "Obscuros" (cuentos); en 2001 presentó "Henrique" (novela). En 2004 formó parte de la antología "25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira", con el texto "Um elefante". En 2009 publicó la novela "O sol que a chuva apagou"; y en 2010, la novela "Primavera nos ossos", seleccionada por el Programa Petrobras Cultural. Ganó el XX Concurso de Cuentos Luiz Vilela-2010, con el texto "Felicidade não se conta" y su cuento "Não se esqueça de pisar firme no coração do mundo" forma parte de la antología "Wir sind bereit. Junge Prosa aus Brasilien", de la editorial alemana Lettrétage, que se presentará en la Feria de Frankfurt 2013. Es licenciada y maestra en Letras por la Universidad Federal de Bahia, doctora en Estudios Literarios por la Universidad Federal de Minas Gerais y profesora de Literatura Portuguesa en la Universidad Estatal de Feira de Santana. Actualmente vive en Salvador. (allexleilla@gmail.com)



# ANTONIO RISÉRIO

Foto: Divulgação



Antonio Risério nasceu na Bahia, em 1953. Fez política estudantil em 1968 e mergulhou na viagem da contracultura. Implantou a televisão educativa, as fundações Gregório de Mattos e Ondazul e o hospital Sarah Kubitschek, na Bahia. Fez o projeto para a implantação do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo. Tem feito roteiros de cinema e televisão. Diversas composições suas foram gravadas por estrelas da música popular brasileira. Integrou os núcleos de estratégia e criação das duas campanhas de Lula à presidência da República. Escreveu, entre outros, os livros "Carnaval Ijexá" (Corrupio, 1981), "Caymmi: Uma Utopia de Lugar" (Perspectiva, 1993), "Textos e Tribos" (Imago, 1993), "Avant-Garde na Bahia" (Instituto Pietro Bardi e Lina Bo, 1995), "Oriki Orixá" (Perspectiva, 1996), "Ensaio sobre o Texto Poético em Contexto Digital" (Fundação Casa de Jorge Amado, 1998) e "Uma História da Cidade da Bahia" (Versal, 2004). (carlos.jribeiro@terra.com.br).

Antonio Risério, geboren 1953 in Salvador, Bahia, war in der Studentenbewegung 1968 aktiv und tauchte so in die Bewegung der Gegenkultur ein. Er gehörte zu den Gründern des staatlichen Fernsehens von Bahia und der Stiftungen „Gregório de Mattos“ und „Ondazul“. Er errichtete das Sarah-Kubitschek-Krankenhaus in Salvador und arbeitete an dem Projekt des Museums der Portugiesischen Sprache in São Paulo mit. Er verfasste Drehbücher für Film und Fernsehen. Er komponierte für die berühmtesten Interpreten der populären Musik Brasiliens. Er nahm aktiv als Mitglied der Wahlkommission an zwei Wahl-Kampagnen des Präsidenten Lula teil. Unter anderem ist er Verfasser der Bücher „Carnaval Ijexá“ (Corrupio, 1981), „Caymmi: Uma Utopia de Lugar“ (Perspectiva, 1993), „Textos e Tribos“ (Imago, 1993), „Avantgarde na Bahia“ (Instituto Pietro Bardi e Lina Bo, 1995), „Oriki Orixá“ (Perspectiva, 1996), „Ensaio sobre o Texto Poético em Contexto Digital“ (Fundação Casa de Jorge Amado, 1998), und „Uma História da Cidade da Bahia“ (Versal, 2004). (carlos.jribeiro@terra.com.br).

Antonio Risério was born in Bahia in 1953. He was a student activist in 1968 and delved deeply into the counterculture journey. He co-founded the educational TV channel, the Gregório de Mattos and Ondazul foundations and the Sarah Kubitschek Hospital in Bahia. He developed a proposal for deploying the Museum of the Portuguese Language in São Paulo. He has written film and TV scripts. Brazilian Popular Music (MPB) stars have recorded several of his songs. He formed part of strategic work groups and helped organize two presidential campaigns for Luiz Inácio Lula da Silva. Among other works, he is the author of "Carnaval Ijexá" (Corrupio, 1981), "Caymmi: Uma Utopia de Lugar" (Perspectiva, 1993), "Textos e Tribos" (Imago, 1993), "Avant-Garde na Bahia" (Instituto Pietro Bardi e Lina Bo, 1995), "Oriki Orixá" (Perspectiva, 1996), "Ensaio sobre o Texto Poético em Contexto Digital" (Fundação Casa de Jorge Amado, 1998) and "Uma História da Cidade da Bahia" (Versal, 2004). (carlos.jribeiro@terra.com.br).

Antonio Risério nació en Bahia en 1953. Como estudiante, estuvo políticamente activo en 1968 y se sumergió en el viaje de la contracultura. Fundó la televisión educativa, las fundaciones Gregório de Mattos y Ondazul y el hospital Sarah Kubitschek, en Bahia. Hizo el proyecto de implementación del Museo de la Lengua Portuguesa, en São Paulo. Ha escrito guiones de cine y televisión. Diversas composiciones suyas han sido grabadas por estrellas de la música popular brasileña. Fue miembro de los núcleos de estrategia y creación de las dos campañas de Lula a la presidencia de la República. Ha escrito, entre otros, los libros "Carnaval Ijexá" (Corrupio, 1981), "Caymmi: Uma Utopia de Lugar" (Perspectiva, 1993), "Textos e Tribos" (Imago, 1993), "Avant-Garde na Bahia" (Instituto Pietro Bardi e Lina Bo, 1995), "Oriki Orixá" (Perspectiva, 1996), "Ensaio sobre o Texto Poético em Contexto Digital" (Fundación Casa de Jorge Amado, 1998) y "Uma História da Cidade da Bahia" (Versal, 2004). (carlos.jribeiro@terra.com.br).



Foto: Estúdio Mimilab

## CARLOS RIBEIRO

Carlos Ribeiro nasceu em Salvador, Bahia, em 1958. É autor de treze livros nas áreas de ficção (romance e conto), ensaios, reportagem e resenhas literárias, a exemplo de "O visitante noturno", "Abismo", "Lunaris", "À luz das narrativas: escritos sobre obras e autores" e "Rubem Braga: um escritor combativo – a outra face do cronista lírico". Participa de "10 antologias de contos e ensaios", dentre as quais destacam-se "Geração 90: manuscritos de computador", "Contos cruéis" e "Antologia panorâmica do conto baiano – século XX". Em 1988 venceu o concurso de contos promovido pela Academia de Letras da Bahia e, desde 1998, coeditou 13 números da revista de arte, crítica e literatura "Iararana". Como jornalista, realizou trabalhos de documentação e divulgação científicas em diversas regiões naturais do Brasil e na Antártida. Carlos Ribeiro é doutor em Literatura pela UFBA, membro da Academia de Letras da Bahia e professor adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, onde desenvolve projeto de pesquisa na área de Jornalismo Literário. ([carlosribeiroescritor.com.br](http://carlosribeiroescritor.com.br) / [carlos.jribeiro@terra.com.br](mailto:carlos.jribeiro@terra.com.br))

Carlos Ribeiro, geboren 1958 in Salvador, Bahia, Verfasser von 13 Büchern mit Romanen und Erzählungen, Essays, Reportagen und Literaturkritiken, wie zum Beispiel „O Visitante noturno“, „Abismo“, „Lunaris“. Er schrieb über Werke und ihre Autoren, über „Rubem Braga: um autor combativo“ (über den kämpferischen Rubem Braga, die andere Seite des lyrischen Chronisten). Er ist in zehn Sammelbänden mit Erzählungen und Essays präsent, in dieser letzteren Kategorie ragen „Geração 90: manuscritos de computador“, „Contos cruéis“ und die „Antologia panorâmica do conto baiano“ heraus. 1988 gewann er den von der bahianischen Academia de Letras ausgeschriebenen Erzähler-Wettbewerb. Ab 1998 war er bei 13 Ausgaben der Literaturzeitschrift "Iararana" Mitherausgeber. Als Journalist begleitete und dokumentierte er wissenschaftliche Expeditionen in verschiedenen Regionen Brasiliens und der Antarktis. Carlos Ribeiro hat an der Bundesuniversität Bahias den Dokortitel der Literaturwissenschaft erworben, ist Mitglied der Academia de Letras da Bahia und stellvertretender Professor der Bundesuniversität des bahianischen Recôncavo, wo er Forschungsprojekte über literarischen Journalismus leitet. ([carlosribeiroescritor.com.br](http://carlosribeiroescritor.com.br) / [carlos.jribeiro@terra.com.br](mailto:carlos.jribeiro@terra.com.br))

Carlos Ribeiro was born in Salvador, Bahia, in 1958. He is the author of thirteen works of fiction (novels and short stories), essays, reports and literary reviews, including "O visitante noturno", "Abismo", "Lunaris", "À luz das narrativas: escritos sobre obras e autores" and "Rubem Braga: um escritor combativo – a outra face do cronista lírico". He has taken part in 10 anthologies of short stories and essays, such as "Geração 90: manuscritos de computador", "Contos cruéis" e "Antologia panorâmica do conto baiano – século XX". In 1988, he won the Bahia Academy of Letters' short story contest, and since 1998, he has been the co-editor of 13 issues of the art and literary journal "Iararana". As a journalist, he has produced documentaries and scientific reports on several natural regions of Brazil and Antarctica. Carlos Ribeiro holds a PhD in Literature from UFBA, is a member of the Bahia Academy of Letters, and an associate professor at the Federal University of the Bahia Recôncavo, where he is conducting a research project in the field of Literary Journalism. ([carlosribeiroescritor.com.br](http://carlosribeiroescritor.com.br) / [carlos.jribeiro@terra.com.br](mailto:carlos.jribeiro@terra.com.br))

Carlos Ribeiro nació en Salvador, Bahia, en 1958. Es autor de trece libros de narrativa (novela y cuento), ensayos, reportajes y reseñas literarias, como "O visitante noturno", "Abismo", "Lunaris", "À luz das narrativas: escritos sobre obras e autores" y "Rubem Braga: um escritor combativo – a outra face do cronista lírico". Su obra ha sido antologada en 10 libros de cuentos y ensayos, entre los cuales cabe mencionar "Geração 90: manuscritos de computador", "Contos cruéis" y "Antologia panorâmica do conto baiano – século XX". En 1988 ganó el concurso de cuentos de la Academia de Letras de Bahia y desde 1998 ha coeditado trece números de la revista de arte, crítica y literatura Iararana. Como periodista, ha hecho trabajos de documentación y divulgación científicas en diversas regiones naturales de Brasil y en la Antártida. Carlos Ribeiro es doctor en Literatura por la Universidad Federal de Bahia, miembro de la Academia de Letras de Bahia y profesor adjunto de la Universidad Federal del Recôncavo de Bahia, donde desarrolla un proyecto de investigación en el área de Periodismo Literario. ([carlosribeiroescritor.com.br](http://carlosribeiroescritor.com.br) / [carlos.jribeiro@terra.com.br](mailto:carlos.jribeiro@terra.com.br))

# DANIELA GALDINO

Foto: Milena Palladino



Daniela Galdino, Poeta, às vezes Performer. Nascida em terras grapiúnas (Itabuna, Bahia, Brasil), criada no mundo. Professora de Literatura na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mantém o blog [www.operariadasruinas2.blogspot.com.br](http://www.operariadasruinas2.blogspot.com.br). Em 2009 e 2010, respectivamente, participou da 1ª e 2ª edições da antologia "Diálogos: panorama da nova poesia grapiúna" (Editus/Via Litterarum). Em 2005 publicou "Vinte poemas CaleiDORcópicos" (Via Litterarum). Organizou os livros: "Tessitura Azeviche: diálogos entre as literaturas africanas de língua portuguesa e a literatura afro-brasileira" (Editus), financiado pelo Programa Uniafro (Ministério da Educação/Brasil); e "Levando a raça a sério: ação afirmativa e universidade" (DP&A), financiado pela Fundação Ford. ([galdinodani@gmail.com](mailto:galdinodani@gmail.com))

Daniela Galdino, Dichterin und gelegentlich Performer, stammt aus Itabuna/Bahia, studierte Literaturwissenschaft an der in Itabuna residierenden Universität von Santa Cruz, machte den Master in „Literatur und kulturelle Vielfalt“ an der Staatsuniversität von Feira de Santana, doktortiert am Institut für afro-orientale Studien der Bundesuniversität Bahia im Fach Ethnische und Afrikanische Studien. Sie unterhält den blog [www.operariadasruinas2.blogspot.com.br](http://www.operariadasruinas2.blogspot.com.br). Sie beteiligte sich 2009 an der ersten und 2010 an der zweiten Ausgabe einer Anthologie aus der Region von Itabuna stammender Dichtung („Diálogos: panorama da nova poesia grapiúna“, Editus/Via Litterarum). 2005 publizierte sie „Vinte poemas CaleiDORcópicos“, (Via Litterarum). Sie organisierte die Bücher „Tessitura Azeviche: diálogos entre as literaturas africanas de língua portuguesa e a literatura afro-brasileira“ (Editus), finanziert vom Programm UNIAFRO des brasilianischen Bundes-Kultusministeriums; und „Levando a raça a sério: ação afirmativa e universidade“ (DP&A), finanziert von der Ford-Stiftung. ([galdinodani@gmail.com](mailto:galdinodani@gmail.com))

Daniela Galdino is a Poet and occasionally a Performer. She was born in Itabuna, Bahia, Brazil, and raised in several parts of the world. A professor of Literature at Bahia State University (UNEB), she has a BA in Literature from the State University of Santa Cruz (UESC) and an MA in Literature and Cultural Diversity from the State University of Feira de Santana (UEFS), and is a doctoral candidate in Ethnic and African Studies at the Federal University of Bahia Afro-Asian Studies Center (CEAO). She publishes the blog [www.operariadasruinas2.blogspot.com.br](http://www.operariadasruinas2.blogspot.com.br), and in 2009 and 2010, respectively, she took part in the 1st and 2nd editions of the anthology "Diálogos: panorama da nova poesia grapiúna" (Editus/Via Litterarum). In 2005, she published "Vinte poemas CaleiDORcópicos" (Via Litterarum). She has organized the books "Tessitura Azeviche: diálogos entre as literaturas africanas de língua portuguesa e a literatura afro-brasileira" (Editus), financed by the Uniafro PProgram (Ministry of Education/Brazil) and "Levando a raça a sério: ação afirmativa e universidade" (DP&A), financed by the Ford Foundation. ([galdinodani@gmail.com](mailto:galdinodani@gmail.com))

Daniela Galdino, es poeta y a veces performancera. Nació en tierras grapiúnas (Itabuna, Bahia, Brasil), y se crió en el mundo. Es profesora de Literatura en la Universidad del Estado de Bahia (UNEB). Se graduó en Letras en la Universidad Estatal de Santa Cruz (UESC), es maestra en Literatura y Diversidad Cultural por la Universidad Estatal de Feira de Santana (UEFS), doctoranda en Estudios Étnicos y Africanos por el Centro de Estudios Afro-Orientales de la Universidad Federal de Bahia (UFBA). Es autora del blog [www.operariadasruinas2.blogspot.com.br](http://www.operariadasruinas2.blogspot.com.br). En 2009 y 2010, respectivamente, formó parte de la 1ª y 2ª ediciones de la antología "Diálogos: panorama da nova poesia grapiúna" (Editus/Via Litterarum). En 2005 publicó "Vinte poemas CaleiDORcópicos" (Via Litterarum). Organizó los libros: "Tessitura Azeviche: diálogos entre as literaturas africanas de língua portuguesa e a literatura afro-brasileira" (Editus), financiado por el Programa Uniafro (Ministerio de Educación/Brasil); y "Levando a raça a sério: ação afirmativa e universidade" (DP&A), financiado por la Fundación Ford. ([galdinodani@gmail.com](mailto:galdinodani@gmail.com))



Foto: Estúdio Minilab

## FLORISVALDO MATTOS

Florisvaldo Mattos é poeta e jornalista, professor aposentado da Universidade Federal da Bahia. Exerceu cargos em vários jornais, entre os quais os de editor-chefe de "A Tarde". Editou o suplemento "A Tarde Cultural", premiado em 1995 pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Membro da Academia de Letras da Bahia, foi presidente da Fundação Cultural do Estado (1987-89). Obras publicadas: "Reverdor" (1965); "Fábula Civil" (1975); "A Caligrafia do Solução & Poesia Anterior" (1996); "Mares Anotecidos" (2000); "Galope Amarelo e Outros Poemas" (2001); "Poesia Reunida e Inéditos" (2011); "Sonetos elementais – Uma antologia" (2012) - todos de poesia. Ensaios: "Estação de Prosa & Diversos" (1997); "A Comunicação Social na Revolução dos Alfaiates" (1998) e "Travessia de oásis - A sensualidade na poesia de Sosígenes Costa" (2004). (florismattos@gmail.com).

Florisvaldo Mattos, geboren 1932 in Ilhéus, Bahia, ist Dichter, Journalist und emeritierter Professor der Bundesuniversität Bahia. Er war Chefredakteur der Zeitung „A Tarde“, und Herausgeber der Kulturbeilage „A Tarde Cultural“, die 1995 vom Verband der Kulturkritiker São Paulos mit einem Preis ausgezeichnet wurde. Mattos ist Mitglied der bahianischen Academia de Letras, und war von 1987 bis 1989 Präsident der staatlichen Kulturstiftung Bahias. Seine Publikationen: „Reverdor“ (1965); „Fábula Civil“ (1975); „A Caligrafia do Solução & Poesia Anterior“ (1996); „Mares Anotecidos“ (2000); „Galope Amarelo e Outras Poemas“ (2001); „Poesia Reunida e Inéditos“ (2011); „Sonetos elementais – Uma Antologia“ (2012). Seine Essays: „Estação de Prosa & Diversos“ (1997); „A Comunicação Social na Revolução dos Alfaiates“ (1998); und „Travessia de oásis – A sensualidade na poesia de Sosígenes Costa“ (2004). (florismattos@gmail.com).

Florisvaldo Mattos is a poet and journalist, and a retired professor at the Federal University of Bahia. He has held posts on several newspapers, including editor-in-chief of A Tarde. He was the editor of the "A Tarde Cultural" arts supplement, which won an award in 1995 from the São Paulo Art Critics Association (APCA). A member of the Bahia Academy of Letters, he is a past president of the State Cultural Foundation (1987-89). His published works include "Reverdor" (1965); "Fábula Civil" (1975); "A Caligrafia do Solução & Poesia Anterior" (1996); "Mares Anotecidos" (2000); "Galope Amarelo e Outros Poemas" (2001); "Poesia Reunida e Inéditos" (2011) and "Sonetos elementais – Uma antologia" (2012) - all collections of his poetry. Essays: "Estação de Prosa & Diversos" (1997); "A Comunicação Social na Revolução dos Alfaiates" (1998) and "Travessia de oásis - A sensualidade na poesia de Sosígenes Costa" (2004). (florismattos@gmail.com).

Florisvaldo Mattos es poeta y periodista, profesor jubilado de la Universidad Federal de Bahia. Ha ejercido cargos en diversos periódicos, entre ellos, el de editor en jefe de A Tarde. Editó el suplemento "A Tarde Cultural", premiado en 1995 por la Asociación Paulista de Críticos de Arte (APCA). Es miembro de la Academia de Letras de Bahia, fue presidente de la Fundación Cultural del Estado (1987-89). Poemarios publicados: "Reverdor" (1965); "Fábula Civil" (1975); "A Caligrafia do Solução & Poesia Anterior" (1996); "Mares Anotecidos" (2000); "Galope Amarelo e Outros Poemas" (2001); "Poesia Reunida e Inéditos" (2011); "Sonetos elementais – Uma antologia" (2012). Ensayos: "Estação de Prosa & Diversos" (1997); "A Comunicação Social na Revolução dos Alfaiates" (1998) y "Travessia de oásis - A sensualidade na poesia de Sosígenes Costa" (2004). (florismattos@gmail.com).

# HÉLIO PÓLVORA

Hélio Pólvora nasceu em Itabuna, Bahia. Passou 32 anos no Rio de Janeiro e reside em Salvador desde 1990. Iniciou sua carreira como jornalista profissional paralelamente à atividade de escritor. Atuou em vários veículos importantes de comunicação, entre eles o Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Diário de Notícias, Diário Carioca, Correio Braziliense e revista Veja. É contista, romancista, crítico literário, cronista e tradutor. Sua estreia literária deu-se em 1958, com "Os Galos da Aurora", publicado com o selo da Editora Civilização Brasileira; seguiram-se cerca de 30 títulos. Entre os autores que traduziu figuram William Faulkner, Ernest Hemingway, Graham Greene, Mary McCarthy, Isaac Bashevis Singer, Albert Soboul, Ray Bradbury, Isaac Asimov, Bertrand Russell, Bernard Malamud. Atualmente escreve para jornais e páginas literárias na internet. Pertence à Academia de Letras da Bahia, Academia de Letras do Brasil (em Brasília), Academia de Letras de Ilhéus e Academia de Letras de Itabuna. Conquistou importantes prêmios literários: os da Bienal Nestlé de Literatura, anos 1982 e 1986, primeiro lugar, gênero conto; Fundação Castro Maya, para o livro "Estranhos e Assustados", e Prêmio Jornal do Commercio, para "Os Galos da Aurora". Seus romances "Inúteis Luas Obscenas" e "Don Solidon" foram finalistas do Prêmio São Paulo de Literatura (o último, também do Prêmio Portugal Telecom). (hpolvora@gmail.com).

Foto: Paulo Moccia



Hélio Pólvora, geboren 1928 in Itabuna, Bahia. Er verbrachte 32 Jahre in Rio de Janeiro und lebt seit 1990 in Salvador. Seine berufliche Laufbahn als Journalist begann gleichzeitig mit seiner Karriere als Schriftsteller. Er arbeitete in Redaktionen der wichtigsten Printmedien Brasiliens, wie Journal do Brasil, Diário de Notícias, Diário Carioca, Correio Braziliense und das Wochenmagazin Veja. Er ist Erzähler, Romancier, Kritiker, Chronist und Übersetzer. Sein literarisches Debüt war 1958 die Veröffentlichung von „Os Galos da Aurora“ im Verlag Civilização Brasileira; es folgten rund 30 weitere Titel. Unter den von ihm übersetzten Autoren finden sich William Faulkner, Ernest Hemingway, Graham Greene, Mary McCarthy, Isaac Bashevis Singer, Albert Soboul, Ray Bradbury, Isaac Asimov, Betrant Russel, Bernard Malamud. Heute schreibt er für Zeitungen sowie literarische Beiträge im Internet. Er ist Mitglied der Academia de Letras sowohl des Bundesstaates Bahia wie auch Brasiliens, ist Mitglied der Academien von Itabuna und Ilhéus. Er hat eine Reihe bedeutender Literaturpreise gewonnen: den ersten Preis in der Kategorie Erzählung der Nestlé-Literatur-Bienale in den Jahren 1982 und 1986; den Preis der Stiftung Castro Maya für das Buch „Estranhos e Assustados“; den Preis des Wirtschaftsblattes Jornal do Comercio für „Os Galos da Aurora“. Seine Romane „Inúteis Luas Obscenas“ und „Don Solidon“ gelangten im Literatur-Wettbewerb von São Paulo bis in die Endphase, letzterer Titel ebenso beim Preis Portugal Telecom. (hpolvora@gmail.com).

Hélio Pólvora was born in Itabuna, Bahia. He spent 32 years in Rio de Janeiro and has lived in Salvador, Bahia, since 1990. He began his career as a professional journalist while starting out as a writer. He has worked on several major newspapers, including Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Diário de Notícias, Diário Carioca and Correio Braziliense, as well as Veja magazine. He writes short stories, novels, literary reviews and essays, and is also a translator. Since his literary debut in 1958 with "Os Galos da Aurora", published by Civilização Brasileira, he has produced nearly 30 other titles. The authors he has translated include William Faulkner, Ernest Hemingway, Graham Greene, Mary McCarthy, Isaac Bashevis Singer, Albert Soboul, Ray Bradbury, Isaac Asimov, Bertrand Russell and Bernard Malamud. He currently writes for newspapers and literary websites. He is a member of the Bahia Academy of Letters, the Academy of Letters of Brazil (in Brasília), the Ilheus Academy of Letters and the Itabuna Academy of Letters. He has won major literary awards including the Nestlé Literature Biennial Prize in 1982 and 1986 (first prize, short stories), the Castro Maya Foundation Award for the book "Estranhos e Assustados", and the Jornal do Commercio Prize for "Galos da Aurora". His novels "Inúteis Luas Obscenas" and "Don Solidon" were finalists for the São Paulo Literature Award ("Don Solidon" was also shortlisted for the Portugal Telecom Prize). (hpolvora@gmail.com).

Hélio Pólvora nació en Itabuna, Bahia. Vivió 32 años en Rio de Janeiro y reside en Salvador desde 1990. Inició su carrera como periodista profesional paralelamente a su actividad como escritor. Ha trabajado en varios medios de comunicación importantes como el Jornal do Brasil, el Correio da Manhã, el Diário de Notícias, el Diário Carioca, el Correio Braziliense y la revista Veja. Es cuentista, novelista, crítico literario, cronista y traductor. Estrenó literariamente en 1958, con "Os Galos da Aurora" publicado bajo el sello de la editorial Civilização Brasileira. A este título lo siguieron otros treinta. Entre los autores a los que ha traducido figuran William Faulkner, Ernest Hemingway, Graham Greene, Mary McCarthy, Isaac Bashevis Singer, Albert Soboul, Ray Bradbury, Isaac Asimov, Bertrand Russell y Bernard Malamud. Actualmente escribe para periódicos y páginas literarias en internet. Es miembro de la Academia de Letras de Bahia, de la Academia de Letras de Brasil (en Brasília), de la Academia de Letras de Ilhéus y de la Academia de Letras de Itabuna. Ha ganado importantes premios literarios: el primer lugar en el género de cuento de la Bienal Nestlé de Literatura, en los años 1982 e 1986; el premio Fundación Castro Maya, con el libro "Estranhos e Assustados" y el Premio Jornal do Commercio, con "Os Galos da Aurora". Sus novelas "Inúteis Luas Obscenas" y "Don Solidon" fueron finalistas del Premio São Paulo de Literatura (la segunda también fue finalista del Premio Portugal Telecom). (hpolvora@gmail.com).



Foto: Estúdio Memlab

## JOÃO FILHO

João Filho que nasceu em 1975, em Bom Jesus da Lapa, Bahia, e é poeta e escritor. Participou de algumas antologias, dentre elas: "Contos sobre tela", Editora Pinakothek (2005), Brasil; "Terriblemente felices". "Nueva narrativa brasileña", Emecé Editores (2007), Argentina; "Travessias singulares – Pais e filhos", Casarão do Verbo (2008), Brasil; "90-00: cuentos brasileños contemporâneos", Ediciones Copé (2009), Peru; "Geração Zero Zero, fricções em rede", Língua Geral (2011), Brasil; "Popcorn unterm Zuckerhut", Verlag Klaus Wagenbach (2013), Alemanha. Publicou "Encarniçado", contos, Editora Baleia (2004); "Três sibilas", poesia, "Dulcinéia Catadora" (2008), e "Ao longo da linha amarela", contos, P55 Edições, (2009). Mantém o blog: [www.voosempouso.blogspot.com](http://www.voosempouso.blogspot.com). ([encarnicado@gmail.com](mailto:encarnicado@gmail.com)).

João Filho, geboren 1975 in Bom Jesus da Lapa, Bahia, ist Dichter und Schriftsteller. Seine Texte sind in verschiedenen Anthologien zu finden, wie in „Contos sobre Tela“ (Editora Pinakothek 2005, Brasilien); „Terriblemente felices. Nueva narrativa brasileña“ (Emecé Editore, 2007, Argentinien); „Travessias singulares – Pais e Filhos“ (Casarão do Verbo 2008, Brasilien); „90-00: cuentos brasileños contemporâneos“ (Ediciones Copé 2009, Peru); „Geração Zero Zero, fricções em rede“ (Língua Geral 2011, Brasilien); „Popcorn unterm Zuckerhut“ (Verlag Klaus Wagenbach 2013, Deutschland). Der Autor veröffentlichte die Erzählungen „Encarniçado“ (Editora Baleia 2004, Brasilien); die Gedichte „Três sibilas“ (Dulcinéia Catadora, 2008, Brasilien) und „Ao longo da linha amarela“ (Erzählung, 2009, bei P55, Brasilien). (Siehe: [www.voosempouso.blogspot.com](http://www.voosempouso.blogspot.com)). ([encarnicado@gmail.com](mailto:encarnicado@gmail.com)).

João Filho was born in 1975 in Bom Jesus da Lapa, Bahia. A poet and writer, he has participated in several anthologies, including "Contos sobre tela", Editora Pinakothek (2005), Brazil; "Terriblemente felices. Nueva narrativa brasileña", Emecé Editores (2007), Argentina; "Travessias singulares — Pais e filhos", Casarão do Verbo (2008), "Brazil; 90-00: cuentos brasileños contemporâneos", Ediciones Copé (2009), Peru; "Geração Zero Zero, fricções em rede, Língua Geral" (2011), Brazil; and "Popcorn unterm Zuckerhut", Verlag Klaus Wagenbach (2013), Germany. He has published "Encarniçado", short stories, Editora Baleia (2004); "Três sibilas" (poetry), "Dulcinéia Catadora" (2008), and "Ao longo da linha amarela", short stories, P55 (2009). He publishes the blog [www.voosempouso.blogspot.com](http://www.voosempouso.blogspot.com). ([encarnicado@gmail.com](mailto:encarnicado@gmail.com)).

João Filho nació em 1975, em Bom Jesus da Lapa, Bahia, y es poeta y escritor. Obra suya forma parte de algunas antologías, entre las cuales: "Contos sobre tela", editorial Pinakothek, 2005, Brasil; "Terriblemente felices. Nueva narrativa brasileña", Emecé Editores, 2007, Argentina; "Travessias singulares — Pais e filhos", Casarão do Verbo, 2008, "Brasil; 90-00: cuentos brasileños contemporâneos", Ediciones Copé, 2009, Perú; "Geração Zero Zero, fricções em rede", Língua Geral, 2011, "Brasil; Popcorn unterm Zuckerhut", Verlag Klaus Wagenbach, 2013, Alemania. Publicó "Encarniçado", Editora Baleia, cuentos, 2004; "Três sibilas", poesía, Dulcinéia Catadora, 2008, y "Ao longo da linha amarela", cuentos, P55, 2009. Es autor del blog: [www.voosempouso.blogspot.com](http://www.voosempouso.blogspot.com). ([encarnicado@gmail.com](mailto:encarnicado@gmail.com)).

# KARINA RABINOVITZ

Karina Rabinovitz é poeta. Lançou "O LIVRO de água", em 2013, em parceria com a artista visual e videasta Silvana Rezende. Um livro-objeto, de páginas soltas, dentro de uma caixa transparente, com os poemas escritos à mão e fotografados. O livro se expande numa exposição, realizada no Museu de Arte Moderna da Bahia, entre janeiro e março/2013. Em 2012 lançou o livro "poesinha pra caixinha [de fósforo]", livro de artista, feito à mão, de forma artesanal e independente, lançado e comercializado na internet; em 2010, lançou o "livro do quase invisível", pela coleção Cartas Bahianas, da P55 Edições e em 2005, o "de tardinha meio azul", seu primeiro livro através do selo independente infinito publicações, criado pela própria autora. Trabalha em parceria com Silvana Rezende desde 2005, experimentando e realizando interações entre poesia e artes visuais, criando intervenções urbanas e obras multilinguagem. <http://karinarabinovitz.blogspot.com>. (karina.rabinovitz@gmail.com).

Foto: Estúdio Minibó



Karina Rabinovitz ist Dichterin. 2013 veröffentlichte sie zusammen mit der Visual- und Video-Künstlerin Silvana Rezende „O LIVRO de água“, das „Wasserbuch“, eine Sammlung loser Blätter in einer durchsichtigen Schachtel; die Gedichte sind mit der Hand geschrieben, und anschließend fotografiert. Dieses Buch wurde zwischen Januar und März 2013 im Museum für Moderne Kunst in Salvador ausgestellt. 2012 hat die Dichterin das streichholzschachtelgrosse Buch Poesinha para caixinha (etwa: "Gedichtlein fürs Schächtelchen") herausgegeben, als kunsthandwerkliches Produkt zum Verkauf im Internet; 2010 hat sie „Das Buch des gleichsam Unsichtbaren“ für die Sammlung „Cartas Bahianas“ des P55-Verlages produziert. 2005 wurde von ihr das Buch „de tardinha meio azul“ („eines ziemlich blauen Nachmittags“) in ihrem Eigenverlag „infinito publicações“ herausgegeben. Seit 2005 macht sie mit Silvana Rezende Experimente mit der Wechselwirkung zwischen Poesie und visueller Kunst. (Siehe: <http://karinarabinovitz.blogspot.com>). (karina.rabinovitz@gmail.com).

Karina Rabinovitz is a poet. She launched "O LIVRO de água" in 2013, in partnership with the artist and videomaker Silvana Rezende. A book-object with unbound pages encased in a transparent box, it contains handwritten and photographed poems. The book was then expanded into an exhibition held at the Bahia Museum of Modern Art between January and March 2013. In 2012, she published the book "poesinha pra caixinha [de fósforo]", a handmade artist's book produced artisanally and independently, launched and sold on the Internet. In 2010, she launched "livro do quase invisível" as part of the Cartas Bahianas series published by P55 Edições, and 2005 saw the publication of "de tardinha meio azul", her first book, published under the independent imprint "infinito publicações", created by the author herself. She has collaborated with Silvana Rezende since 2005 to experiment with interactions between poetry and the visual arts and create urban interventions and other multilanguage works. <http://karinarabinovitz.blogspot.com>. (karina.rabinovitz@gmail.com).

Karina Rabinovitz es poeta. Presentó "O LIVRO de água" en 2013, en colaboración con la artista visual y videasta Silvana Rezende. Se trata de un libro objeto, con las páginas sueltas dentro de una caja transparente, con los poemas escritos a mano y fotografiados. El libro se extendió a una exposición realizada en el Museo de Arte Moderno de Bahia, que permaneció abierta de enero a marzo de 2013. En 2012 publicó el libro "poesinha pra caixinha [de fósforo]", libro de artista, hecho a mano de manera artesanal e independiente, presentado y comercializado por internet; en 2010 publicó el "livro do quase invisível", por la colección Cartas Bahianas, de la P55 Edições y, en 2005, "de tardinha meio azul", su primer libro publicado a través del sello independiente infinito publicações, creado por ella misma. Trabaja en colaboración con Silvana Rezende desde 2005, explorando las interacciones entre la poesía y las artes visuales y creando intervenciones urbanas y obras multilinguaje. <http://karinarabinovitz.blogspot.com>. (karina.rabinovitz@gmail.com).



Foto: Estúdio Minilab

## KÁTIA BORGES

Kátia Borges, 45, é escritora e jornalista. Publicou os livros de poesia “De volta à caixa de abelhas” (2002), Selo As Letras da Bahia; “Uma Balada para Janis” (2010), Edições P55; e “Ticket Zen” (2011), Escrituras; e, de prosa, “Escorpião Amarelo” (2012), Edições P55. Seus poemas foram publicados, ainda, nas coletâneas “Sete Cantares de Amigos”, “Concerto Lírico para 15 vozes”, “Roteiro da Poesia Brasileira - Anos 2000” e “Traversée d’Océans – Voix poétiques de Bretagne et de Bahia”, edição bilingüe organizada por Dominique Stoenesco. Tem ainda poemas incluídos no projeto “Mídia Poesia” e na peça teatral “Batata!, homenagem a Nelson Rodrigues”, feita pelo grupo baiano Dimenti. Edita o blog “Madame K” ([www.mmeka.wordpress.com](http://www.mmeka.wordpress.com)). ([katiamacces@gmail.com](mailto:katiamacces@gmail.com)).

Kátia Borges, 45, ist Schriftstellerin und Journalistin. Von ihr ist der Gedichtband „De volta à caixa de abelhas“, im Verlag „As Letras da Bahia“, 2002 erschienen, gefolgt von „Uma Balada para Janis“ (Edições P55, 2010), und „Ticket Zen“ (Escrituras, 2011). Als Prosa ist von ihr bei P55, 2012 „Gelber Skorpion“ erschienen. Viele ihrer Gedichte wurden in eine ganze Reihe von Sammelbänden aufgenommen, darunter „Sete cantares de Amigos“, „Concerto lírico para 15 vozes“, „Roteiro da Poesia Brasileira – anos 2000“ und „Traversée d’océans – Voix poétiques de Bretagne et de Bahia“, eine von Dominique Stoenesco zusammengestellte zweisprachige Ausgabe. Gedichte von Kátia Borges sind auch im Projekt „Midia Poesia“ enthalten, wie auch im Theaterstück „Batata“, das von der Gruppe Dimenti zu Ehren von Nelson Rodrigues in Bahia produziert worden ist. Kátia Borges gibt den blog „Madame K“ heraus. (Siehe: [www.mmeka.wordpress.com](http://www.mmeka.wordpress.com)). ([katiamacces@gmail.com](mailto:katiamacces@gmail.com)).

Kátia Borges, 45, is a writer and journalist. She has published books of poetry: “De volta à caixa de abelhas” (2002, As Letras da Bahia), “Uma Balada para Janis” (2010, Edições P55) and “Ticket Zen” (2011, Escrituras) and prose: “Escorpião Amarelo” (2012, Edições P55). Her poetry has also been published in anthologies: “Sete Cantares de Amigos”, “Concerto Lírico para 15 vozes”, “Roteiro da Poesia Brasileira - Anos 2000” and «Traversée d’Océans – Voix poétiques de Bretagne et de Bahia”, a bilingual edition organized by Dominique Stoenesco. Her poems are also included in the “Mídia Poesia” project and the play “Batata!, a tribute to Nelson Rodrigues” by the Bahian theater group Dimenti. She publishes the blog “Madame K” ([www.mmeka.wordpress.com](http://www.mmeka.wordpress.com)). ([katiamacces@gmail.com](mailto:katiamacces@gmail.com)).

Kátia Borges, 45, es escritora y periodista. Publicó los libros de poesía “De volta à caixa de abelhas” (2002, Sello As Letras da Bahia), “Uma Balada para Janis” (2010, Ediciones P55) y “Ticket Zen” (2011, Escrituras), así como el libro de prosa “Escorpião Amarelo” (2012, Ediciones P55). Poemas suyos fueron incluidos en las antologías “Sete Cantares de Amigos”, “Concerto Lírico para 15 vozes”, “Roteiro da Poesia Brasileira - Anos 2000” y “Traversée d’Océans – Voix poétiques de Bretagne et de Bahia”, edición bilingüe organizada por Dominique Stoenesco. Algunos poemas suyos se incluyeron también en el proyecto “Mídia Poesia” y en la pieza teatral “Batata!”, escrita por el grupo bahiano Dimenti en homenaje a Nelson Rodrigues. Edita el blog “Madame K” ([www.mmeka.wordpress.com](http://www.mmeka.wordpress.com)). ([katiamacces@gmail.com](mailto:katiamacces@gmail.com)).



# LIMA TRINDADE

Lima Trindade (1966) é autor da novela "Supermercado da Solidão" (LGE, 2005) e dos livros de contos "Todo sol mais o Espírito Santo" (Ateliê Editorial, 2005) e "Corações Blues e Serpentinhas" (Arte Pau Brasil, 2007). Participou de diversas antologias, entre elas "Tempo bom", (Iluminuras, 2010), "Geração Zero Zero: fricções em rede" (Língua Geral, 2011) e "As baianas" (Casarão do Verbo, 2012). Recebeu menção honrosa no VII Concurso de Contos Paulo Leminski (1995) por "A meia-sola do sapato" e venceu o Edital da SECULT/BA (2012) para Criação Literária do romance "A cidade e os nomes". É mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e edita mensalmente, desde 1999, a revista eletrônica Verbo21 ([www.verbo21.com.br](http://www.verbo21.com.br)). ([verbo21@gmail.com](mailto:verbo21@gmail.com)).

Lima Trindade, geboren 1966 in Brasília, lebt in Salvador, schrieb die Novelle „Supermercado da Solidão“ (LGE, 2005), sowie die gesammelten Erzählungen „Todo sol mais o Espírito Santo“ (Ateliê Editorial 2005); „Corações Blues e Serpentinhas“ (Arte Pau Brasil, 2007). Er ist mit seinen Werken in mehreren Anthologien präsent, so in „Tempo bom“ (Iluminuras, 2010); „Geração zero Zero: fricções em rede“ (Língua Geral, 2011); „As Baianas“ (Casarão do Verbo, 2012). Er wurde mit einer ehrenvollen Erwähnung seines Buches „A meia sola do sapato“ beim VII. Erzähler-Wettbewerb Paulo Leminski ausgezeichnet (1995). Mit seinem Roman „A cidade e os nomes“ gewann er den Preis des bahianischen Kultusministeriums für literarische Kreativität. An der Bundesuniversität Bahia hat er den Master in Literaturwissenschaft gemacht und gibt seit 1999 allmonatlich das digitale Literaturmagazin „Verbo21“ heraus. (Siehe: [www.verbo21.com.br](http://www.verbo21.com.br)). ([verbo21@gmail.com](mailto:verbo21@gmail.com)).

Lima Trindade (1966) is the author of the novella "Supermercado da Solidão" (LGE, 2005) and two collections of short stories, "Todo sol mais o Espírito Santo" (Ateliê Editorial, 2005) and "Corações Blues e Serpentinhas" (Arte Pau Brasil, 2007). He has taken part in several anthologies, including "Tempo bom", (Iluminuras, 2010), "Geração Zero Zero: fricções em rede" (Língua Geral, 2011) and "As baianas" (Casarão do Verbo, 2012). He received honorable mention from the Seventh Paulo Leminski Short Story Contest (1995) for "A meia-sola do sapato," and was awarded a Literary Creation grant from the Bahia Department of Culture (2012) for the novel "A cidade e os nomes". He holds an MA in Literature from the Federal University of Bahia (UFBA) and since 1999 he has published the monthly electronic magazine Verbo21 ([www.verbo21.com.br](http://www.verbo21.com.br)). ([verbo21@gmail.com](mailto:verbo21@gmail.com)).

Lima Trindade (1966) es autor de la novela "Supermercado da Solidão" (LGE, 2005) y de los libros de cuentos Todo sol mais o Espírito Santo (Ateliê Editorial, 2005) y Corações Blues e Serpentinhas (Arte Pau Brasil, 2007). Su obra forma parte de diversas antologías, entre la cuales destacan: Tempo bom, (Iluminuras, 2010), Geração Zero Zero: fricções em rede (Língua Geral, 2011) y As baianas (Casarão do Verbo, 2012). Recibió una mención honorífica en el VII Concurso de Cuentos Paulo Leminski (1995) por "A meia-sola do sapato" y ganó la convocatoria de la Secretaría de Cultura de Bahia (2012) para el área de Creación Literaria con la novela A cidade e os nomes. Es maestro en Letras por la Universidad Federal de Bahia (UFBA) y edita mensualmente, desde 1999, la revista electrónica Verbo21 ([www.verbo21.com.br](http://www.verbo21.com.br)). ([verbo21@gmail.com](mailto:verbo21@gmail.com))

Foto: Estúdio Menilab





## LUÍS ANTONIO CAJAZEIRA RAMOS

O poeta Luís Antonio Cajazeira Ramos nasceu em Salvador em 1956. Publicou os livros "Tudo muito pouco" (1983), "Fiat breu" (1996), "Como se" (1999), "Temporal temporal" (2002) e "Mais que sempre" (2007), além da participação em antologias no Brasil, em Portugal e na França. Eventualmente, publica ensaios sobre poesia, resenhas de livros e artigos na imprensa. Recebeu menção honrosa no Prêmio Nacional Cruz e Sousa, da Fundação Catarinense de Cultura, em 1998, e ganhou o Prêmio Nacional Gregório de Mattos, da Academia de Letras da Bahia, em 2000. É funcionário do Banco Central do Brasil, membro da Ordem dos Advogados do Brasil, sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, sócio da Associação Amigos do Teatro Castro Alves e titular da Cadeira 35 da Academia de Letras da Bahia. (poetacajazeira@uol.com.br)

Luís Antonio Cajazeira Ramos, geboren 1956 in Salvador. Er ist Dichter und Autor der Bücher „Tudo muito pouco“ (1983), „Fiat breu“ (1996), „Como se“ (1999), „Temporal temporal“ (2002), und „Mais que sempre“ (2007). Außerdem sind Gedichte von ihm in Anthologien aufgenommen worden, nicht nur in Brasilien, sondern auch in Portugal und Frankreich. Gelegentlich veröffentlicht er Essays über die Dichtkunst, schreibt Buchbesprechungen und andere Artikel für Zeitungen und Magazine. Bei der Preisverleihung der staatlichen Kulturstiftung des brasilianischen Bundesstaates Santa Catarina wurde er 1998 ehrenvoll erwähnt. Im Jahr 2000 gewann er den Nationalen Gregório-de-Mattos-Preis der Academia de Letras da Bahia. Er ist Beamter der brasilianischen Zentralbank, Mitglied der brasilianischen Anwaltskammer, sowie des Historisch-geographischen Institutes von Bahia, förderndes Mitglied der Freunde des Castro-Alves-Theaters und Inhaber des Sessels Nummer 35 in der Academia de Letras da Bahia. (poetacajazeira@uol.com.br)

Luís Antonio Cajazeira Ramos is a poet, born in Salvador in 1956. He has published the books "Tudo muito pouco" (1983), "Fiat breu" (1996), "Como se" (1999), "Temporal temporal" (2002) and "Mais que sempre" (2007), as well as participating in anthologies published in Brazil, Portugal and France. He occasionally publishes essays on poetry, book reviews and articles in the press. He received honorable mention for the National Cruz e Souza Literary Prize, from the Catarinense Culture Foundation in 1998, and won the National Gregório de Mattos Prize from the Bahia Academy of Letters in 2000. He works at the Central Bank of Brazil, is a member of the Brazilian Bar Association, the Geographic and Historical Institute of Bahia and the Friends of the Castro Alves Theater Association, and holds Chair no. 35 of the Bahia Academy of Letters. (poetacajazeira@uol.com.br)

El poeta Luís Antonio Cajazeira Ramos nació en Salvador en 1956. Publicó los libros "*Tudo muito pouco*" (1983), "*Fiat breu*" (1996), "*Como se*" (1999), "*Temporal temporal*" (2002) y "*Mais que sempre*" (2007). Obras suya ha sido antologada en Brasil, Portugal y Francia. Eventualmente, publica ensayos sobre poesía, reseñas de libros y artículos en la prensa. Recibió una mención honorífica en el Premio Nacional Cruz e Sousa, de la Fundación Catarinense de Cultura en 1998, y ganó el Premio Nacional Gregório de Mattos, de la Academia de Letras de Bahia en 2000. Trabaja en el Banco Central de Brasil, es miembro de la Orden de los Abogados de Brasil, miembro del Instituto Geográfico e Histórico de Bahia, miembro de la Asociación Amigos del Teatro Castro Alves y titular de la Silla 35 da Academia de Letras de Bahia. (poetacajazeira@uol.com.br)



Foto: Arquivo pessoal da autora

## MYRIAM FRAGA

Poeta, conferencista e diretora executiva da Fundação Casa de Jorge Amado, desde 1986. Tem participado, como escritora convidada, de vários eventos no Brasil e em outros países, como Estados Unidos, Portugal, Cabo Verde e França, em universidades como Lisboa, Sorbonne Nouvelle, La Rochele e Rennes. Membro da Academia de Letras da Bahia sua obra poética tem sido estudada em vários lugares, em cursos de graduação e de pós-graduação. Tem vários livros publicados, destacando-se, "Sesmaria" (1969, Prêmio Arthur de Sales), "O risco na pele" (1979), "As purificações ou o sinal de talião" (1981), "Femina" (1996), "Poesia Reunida" (2008), além de "Leonídia, a musa infeliz do poeta Castro Alves" (Biografia, 2002) e os infanto-juvenis sobre Castro Alves, Luiz Gama, Graciliano Ramos, Carybé e Jorge Amado.

Myriam Fraga ist Dichterin und seit 1986 Generaldirektorin der Stiftung „Casa de Jorge Amado“ in Salvador. Die Schriftstellerin hat an vielen kulturellen Veranstaltungen als Gastredner teilgenommen, nicht nur in Brasilien sondern auch in den USA, in Portugal, Cabo Verde und Frankreich, bei Veranstaltungen der Universitäten von Lissabon, Sorbonne Nouvelle, La Rochelle und Rennes. Sie ist Mitglied der Academia de Letras da Bahia und ihre poetischen Werke werden an vielen akademischen Instituten in Abschlusskursen und beim weiterbildenden Studium studiert. Unter den von ihr verfassten Büchern sind hervorzuheben: „Sesmaria“ (Arthur-de-Sales-Preis, 1969), „O risco na pele“ (1979), „As purificações ou o sinal de talião“ (1981), „Femina“ (1996), „Poesia reunida“ (2008), „Leonídia, a musa infeliz do poeta Castro Alves“ (Biografie, 2002). Dazu kommen die Jugendbücher über Castro Alves, Luiz Gama, Graciliano Ramos, Carybé und Jorge Amado.

Myriam Fraga is a poet and lecturer, and has directed the Jorge Amado House Foundation since 1986. She has taken part in numerous events as a guest author in Brazil and other countries, such as the USA, Portugal, Cape Verde and France, and at the Lisbon, Sorbonne Nouvelle, La Rochelle and Rennes universities, among others. A member of the Bahia Academy of Letters, her poetry has been studied at the graduate and undergraduate level at several universities. Her many published works include "Sesmaria" (1969, Prêmio Arthur de Sales), "O risco na pele" (1979), "As purificações ou o sinal de talião" (1981), "Femina" (1996), and "Poesia Reunida" (2008), as well as "Leonídia, a musa infeliz do poeta Castro" Alves (Biography, 2002) and children's books on Castro Alves, Luiz Gama, Graciliano Ramos, Carybé and Jorge Amado.

Myriam Fraga. Poeta, conferencista y directora ejecutiva de la Fundación Casa de Jorge Amado, desde 1986. Ha participado como escritora invitada en varios eventos realizados en Brasil y en otros países, como Estados Unidos, Portugal, Cabo Verde y Francia, en universidades como la de Lisboa, la Sorbonne Nouvelle, La Rochele y Rennes. Es miembro de la Academia de Letras de Bahia. Su obra poética ha sido estudiada en varios lugares, en cursos de licenciatura y de posgrado. Ha publicado varios libros, entre los cuales destacan, "Sesmaria" (1969, Premio Arthur de Sales), "O risco na pele" (1979), "As purificações ou o sinal de talião" (1981), "Femina" (1996), "Poesia Reunida" (2008), "Leonídia, a musa infeliz do poeta Castro Alves" (Biografia, 2002) y libros infantojuveniles sobre Castro Alves, Luiz Gama, Graciliano Ramos, Carybé y Jorge Amado.

# ROBERVAL PEREYR

Poeta, ficcionista, desenhista, compositor, ensaísta e editor. Nasceu na zona rural do município de Antônio Cardoso, Bahia (antigo Umburanas), em 1953, mas sempre esteve ligado a Feira de Santana-Ba., onde passou a residir a partir de 1964. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana. Co-fundador da revista "Hera" (1972/2005), que dirigiu, quase sempre em parceria, em quase todos os seus números. Fundador e diretor das editoras alternativas Tulle e Estrada. Ganhador de vários prêmios literários, a exemplo do prêmio da Academia de Letras da Bahia 2011 (poesia). Tem poemas publicados em antologias nacionais e estrangeiras. Entre seus livros, destacam-se: "As roupas do nu" (1981), "Ocidentais" (1987), "O súbito cenário" (1996), "Concerto de ilhas" (1997), "Saguão de mitos" (1998), "A unidade primordial da lírica moderna" (2000), "Amálgama – Nas praias do avesso e Poesia anterior" (2004), "Acordes" (2010) e "Mirantes" (2012). (robervalpereyr@ig.com.br)

Roberval Pereyr, geboren 1953 in der ländlichen Umgebung von Antônio Cardoso, einem Städtchen in der Gegend von Feira de Santana, ist Poet, Schriftsteller, Zeichner, Komponist, Essayist und Herausgeber. Er ist eng mit Feira de Santana verbunden, wo er seit 1964 lebt. Er ist Professor der dortigen Landesuniversität, Mitbegründer der von 1972 bis 2005 existierenden Zeitschrift „Hera“, an deren Gestaltung er während der gesamten Zeit ihres Bestehens aktiv mitgewirkt hat. Er war Gründer und Direktor der alternativen Verlage Tulle und Estrada. Mehrere literarische Preise wurden ihm verliehen, darunter 2011 der Poesiepreis der Academia de Letras da Bahia. In brasilianischen wie auch ausländischen Anthologien finden sich Gedichte von ihm. Von seinen Büchern sind hervorzuheben: „As roupas do nu“ (1981), „Ocidentais“ (1987), „O súbito cenário“ (1996), „Concerto de ilhas“ (1997), „Saguão de mitos“ (1998), „A unidade primordial da lírica moderna“ (2000), „Amálgama – Nas praias do avesso e Poesia anterior“ (2004), „Acordes“ (2010) und „Mirantes“ (2012). (robervalpereyr@ig.com.br)

Roberval Pereyr writes poetry, fiction, songs and essays, as well as being an artist and publisher. He was born in the rural area of Antônio Cardoso County in Bahia (formerly Umburanas) in 1953, but has always been closely linked to Feira de Santana, in the same state, where he has lived since 1964. He is a professor at the State University of Feira de Santana. The co-founder of Hera (1972-2005), he edited most issues of that magazine, and founded and directed the alternative publishing houses Tulle and Estrada. The winner of several literary awards, like the Bahia Academy of Letters Poetry Prize in 2011, he has published his poems in national and foreign anthologies. His books include: "As roupas do nu" (1981), "Ocidentais" (1987), "O súbito cenário" (1996) "Concerto de ilhas" (1997), "Saguão de mitos" (1998), "A unidade primordial da lírica moderna" (2000), "Amálgama – Nas praias do avesso e Poesia anterior" (2004), "Acordes" (2010) and "Mirantes" (2012). (robervalpereyr@ig.com.br)

Roberval Pereyr es poeta, narrador, dibujante, compositor, ensayista y editor. Nació en la zona rural del municipio de Antônio Cardoso, Bahia (antiguo Umburanas), en 1953, pero siempre estuvo ligado a Feira de Santana, Bahia, donde reside desde 1964. Es profesor de la Universidad Estatal de Feira de Santana. Cofundador de la revista Hera (1972/2005), que dirigió, casi siempre en colaboración con alguien más, a lo largo de casi todos sus números. Fundador y director de las editoriales alternativas Tulle y Estrada. Ganador de varios premios literarios, como el premio de la Academia de Letras de Bahia 2011 para el área de poesía. Poemas suyos han sido publicados en antologías nacionales y extranjeras. Entre sus libros cabe mencionar los siguientes títulos: "As roupas do nu" (1981), "Ocidentais" (1987), "O súbito cenário" (1996) "Concerto de ilhas" (1997), "Saguão de mitos" (1998), "A unidade primordial da lírica moderna" (2000), "Amálgama – Nas praias do avesso e Poesia anterior" (2004), "Acordes" (2010) y "Mirantes" (2012). (robervalpereyr@ig.com.br)

Foto: Carol Pereyr





Foto: Mário Espinheira

## RUY ESPINHEIRA FILHO

Ruy Espinheira Filho nasceu em Salvador, Bahia, em 1942. Publicou 20 livros de poemas e dez em prosa, ficção e ensaio. Recebeu, entre outros, o Prêmio Nacional de Poesia Cruz e Sousa, em 1981, o Prêmio Rio de Literatura (romance, 1985, 2º. Lugar), o Prêmio Ribeiro Couto (poesia, 1997), o Prêmio da Poesia da Academia Brasileira de Letras (2006) e o Prêmio Jabuti 2006, 2o. lugar). Foi finalista do Jabuti mais três vezes (1997, 2002, 2010), duas do Nestlé (1987 e 1997) e indicado a Prêmio Portugal Telecom em 2008, 2009, 2010 e 2013. Ruy foi professor da UFBA por 35 anos, 20 na Faculdade de Comunicação e o restante no Instituto de Letras. Foi correspondente na Bahia da revista Ficção e do Pasquim, além de cronista diário da "Tribuna da Bahia" e do "Jornal da Bahia". Atualmente publica artigos quinzenais em A Tarde. Em 2012 lançou sua obra poética reunida: "Estação infinita e outras estações". (refpoeta@terra.com.br)

Ruy Espinheira Filho, geboren 1942 in Salvador. Er hat 20 Bücher mit Gedichten und 10 Bücher mit Prosatexten, Romanen und Essays veröffentlicht. Unter anderem hat er 1981 den Nationalen Poesie-Preis Cruz e Sousa erhalten, beim Literatur-Wettbewerb von Rio de Janeiro kam er in der Kategorie Roman 1985 auf den zweiten Platz, 1997 gewann er den Ribeiro-Couto-Poesiepreis, ebenso gewann er 2006 den Poesiepreis der Academia Brasileira de Letras und kam im gleichen Jahr beim Jabuti-Preis auf den zweiten Platz. Bei letzterem Wettbewerb hatte er noch weitere drei mal die Endrunde erreicht, nämlich 1997, 2002 und 2010. In der Endrunde war er 1987 und 1997 auch beim Literaturpreis der Firma Nestlé, und für den Literaturpreis von Telecom Portugal war er 2008, 2009, 2010 und 2013 aufgestellt worden. Ruy Espinheira Filho war 35 Jahre hindurch Professor der Bundesuniversität in Bahia, nämlich 20 Jahre lang an der Fakultät für Kommunikationswissenschaft und weitere 15 Jahre am Institut für Literaturwissenschaft. Als Korrespondent berichtete er aus Bahia für die Zeitschriften „Ficção“ und „Pasquim“, für die Tageszeitungen „Tribuna da Bahia“ und „Jornal da Bahia“ schrieb er Kolumnen. Gegenwärtig verfasst er für „A Tarde“ einen 14-tägig erscheinenden Beitrag. 2012 gab er seine gesammelten Gedichte unter dem Titel „Estação infinita e outras estações“ heraus. (refpoeta@terra.com.br)

Ruy Espinheira Filho was born in Salvador, Bahia, in 1942. He has published 20 books of poetry and ten of prose, fiction and essays. Among other awards, he received the National Cruz e Souza Poetry Prize in 1981, the Rio Literature Prize (novel, 1985, 2nd place), the Ribeiro Couto Prize (poetry, 1997), the Brazilian Academy of Letters Poetry Prize (2006) and the Jabuti Prize (2006, 2nd place). He was a finalist for the Jabuti three more times (1997, 2002, 2010), and twice for the Nestlé Prize (1987 and 1997) a professor at UFBA for 35 years, 20 at the School of Communication and the rest at the Institute of Letters. He was a correspondent in Bahia for Ficção and Pasquim, as well as a daily columnist for the "Tribuna da Bahia" and "Jornal da Bahia" newspapers. He currently publishes articles twice monthly in A Tarde. In 2012 he published an anthology of his complete works: "Estação infinita e outras estações". (refpoeta@terra.com.br)

Ruy Espinheira Filho nació en Salvador, Bahia, en 1942. Ha publicado 20 libros de poesía y diez de prosa, narrativa y ensayo. Ha recibido, entre otros, el Premio Nacional de Poesía Cruz e Sousa, en 1981, el Premio Rio de Literatura (novela, 1985, segundo lugar), el Premio Ribeiro Couto (poesía, 1997), el Premio de la Poesía de la Academia Brasileira de Letras (2006) y el Premio Jabuti 2006, segundo lugar). Fue finalista del Jabuti otras tres veces (1997, 2002, 2010), dos veces finalista del Nestlé (1987 e 1997) y ha sido nominado al Premio Portugal Telecom en 2008, 2009, 2010 y 2013. Ruy fue profesor de la Universidad Federal de Bahia durante treinta y cinco años, veinte en la Facultad de Comunicación y quince en el Instituto de Letras. Fue corresponsal en Bahia de las revistas "Ficção y Pasquim", además de cronista diario en la "Tribuna da Bahia" y en el "Jornal da Bahia". Actualmente publica una columna quincenal en A Tarde. En 2012 presentó su obra poética reunida: Estação infinita e outras estações. (refpoeta@terra.com.br)

# RUY TAPIOCA

Ruy (Reis) Tapioca é natural de Salvador, Bahia (1947). Vive no Rio de Janeiro desde 1958. Casado, duas filhas. Bacharel em Administração de Empresas (UFRJ) e Mestrado em Administração pela COPPEAD (UFRJ). É autor dos romances "A República dos Bugres" (Prêmio Nacional Minas de Cultura/Guimarães Rosa de Literatura 1998), "Admirável Brasil Novo" (2001) e "O Proscrito" (2004), todos publicados pela Editora Rocco/RJ. Com o romance "Conspiração Barroca" (publicado em Portugal, Editora Saída de Emergência, 2006), obteve o Prêmio Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte, 2005. Com o romance "O Senhor da Palavra" (publicado pela FCC Edições, 2010) obteve o primeiro lugar nacional do Prêmio Literário Cruz e Sousa 2008-2009. É autor de dois romances, ainda inéditos: "O inferno não é longe daqui" (2010) e "Personae" (2012). (ruytapioca@hotmail.com)

Ruy (Reis) Tapioca, geboren 1947 in Salvador, Bahia, lebt seit 1958 in Rio de Janeiro. Verheiratet, zwei Töchter. Bachelor in Betriebswirtschaft der Bundesuniversität in Rio, wo er dann auch den Master machte. Autor der Romane „A República dos Bugres“ (Preisträger des in Minas Gerais ausgelobten Nationalen Literaturpreises Guimarães Rosa 1998); „Admirável Brasil Novo“ (2011); „O Proscrito“ (2004), alle bei der Editora Rocco in Rio de Janeiro verlegt. Mit dem Roman „Conspiração Barroca“, der 2006 in Portugal bei Saída de Emergência verlegt wurde, gewann er den Nationalen Literaturpreis von Belo Horizonte. Mit dem Roman „O Senhor da Palavra“ (FCC Edições, 2010) gewann er den Literaturpreis Cruz e Sousa 2008-2009. Seine beiden Romane „O inferno não é longe daqui“ (2010) e „Personae“ (2012) warten noch auf einen Verleger. (ruytapioca@hotmail.com)

Ruy (Reis) Tapioca was born in Salvador, Bahia, in 1947. He has lived in Rio de Janeiro since 1958. Married with two daughters, he has a BA in Business Administration (UFRJ) and an MBA from the COPPEAD (UFRJ). He is the author of the novels "A República dos Bugres" (National Minas Culture/Guimarães Rosa Literature Prize, 1998), "Admirável Brasil Novo" (2001) and "O Proscrito" (2004), all published by Editora Rocco/RJ. His novel "Conspiração Barroca" (published in Portugal by Editora Saída de Emergência, 2006) won the City of Belo Horizonte's National Prize for Literature in 2005. Thanks to his novel "O Senhor da Palavra" (published by FCC Edições, 2010), he won first place in the national Cruz e Sousa Literary Prize (2008-2009). He is also the author of two unpublished novels: "O inferno não é longe daqui" (2010) and "Personae" (2012). (ruytapioca@hotmail.com)

Ruy (Reis) Tapioca es natural de Salvador, Bahia (1947). Vive en Rio de Janeiro desde 1958. Casado, padre de dos hijas. Licenciado en Administración de Empresas (Universidad Federal de Rio de Janeiro) y maestro en Administración por la COPPEAD (UFRJ). Es autor de las novelas "A República dos Bugres" (Premio Nacional Minas de Cultura/Guimarães Rosa de Literatura 1998), "Admirável Brasil Novo" (2001) y "O Proscrito" (2004), todos ellos publicados por la Editora Rocco, de Rio de Janeiro. Con la novela "Conspiração Barroca" (publicada en Portugal bajo el sello de la Editora Saída de Emergência, 2006), obtuvo el Premio Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte, 2005. Con la novela "O Senhor da Palavra" (publicada por FCC Edições, 2010) obtuvo el primer lugar nacional del Premio Literario Cruz e Sousa 2008-2009. Es autor de dos novelas todavía inéditas: "O inferno não é longe daqui" (2010) y "Personae" (2012). (ruytapioca@hotmail.com)

Foto: Arquivo pessoal do autor



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA  
REGIERUNG DES BUNDESSTAATES BAHIA  
BAHIA STATE GOVERNMENT  
GOBIERNO DEL ESTADO DE BAHIA  
Jaques Wagner

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DA BAHIA (SECULT/BA)  
KULTUSMINISTERIUM DES BUNDESSTAATES BAHIA (SECULT/BA)  
DEPARTMENT OF CULTURE OF THE STATE OF BAHIA (SECULT/BA)  
SECRETARIA DE CULTURA DEL GOBIERNO DEL ESTADO DE BAHIA (SECULT/BA)  
Antônio Albino Canelas Rubim

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA (FUNCEB)  
KULTURSTIFTUNG DES BUNDESSTAATES BAHIA (FUNCEB)  
CULTURAL FOUNDATION OF THE STATE OF BAHIA (FUNCEB)  
FUNDACIÓN CULTURAL DEL ESTADO DE BAHIA (FUNCEB)  
Nehle Franke

FUNDAÇÃO PEDRO CALMON (FPC)  
PEDRO CALMON-STIFTUNG (FPC)  
PEDRO CALMON FOUNDATION (FPC)  
FUNDACIÓN PEDRO CALMON (FPC)  
Fátima Fróes

ASSESSORIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA SECULT/BA  
BERATERSTAB FÜR INTERNATIONALE BEZIEHUNGEN DES KULTUSMINISTERIUMS VON BAHIA  
SECULT/BA INTERNATIONAL RELATIONS OFFICE  
ASESORÍA DE RELACIONES INTERNACIONALES DE LA SECULT/BA  
Monique Badaró

DIRETORIA DAS ARTES DA FUNCEB  
ABTEILUNG KÜNSTE DER KULTURSTIFTUNG DES BUNDESSTAATES BAHIA (FUNCEB)  
FUNCEB ART DIRECTORS  
DIRECCIÓN DE ARTES DE LA FUNCEB  
Alexandre Molina / Maria Íris Silveira

COORDENAÇÃO DE LITERATURA DA FUNCEB  
KOORDINATION DER ABTEILUNG LITERATUR DER KULTURSTIFTUNG DES BUNDESSTAATES BAHIA (FUNCEB)  
FUNCEB LITERATURE DIRECTOR  
COORDINACIÓN DE LITERATURA DE LA FUNCEB  
Milena Britto

ASSESSOR DA COORDENAÇÃO DE LITERATURA DA FUNCEB  
BERATER DER ABTEILUNG LITERATUR DER KULTURSTIFTUNG DES BUNDESSTAATES BAHIA (FUNCEB)  
FUNCEB LITERATURE DEPARTMENT CONSULTANT  
ASESOR DE LA COORDINACIÓN DE LITERATURA DE LA FUNCEB  
Túlio D'El-Rey

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO  
PRESSE- UND ÖFFENTLICHKEITSARBEIT  
COMMUNICATION ADVISORY BOARD  
COMUNICACIÓN  
Ana Paula Vargas – Secult/BA / Paula Berbert – FUNCEB / André Santana – FPC

COMISSÃO DE SELEÇÃO  
AUSWAHLKOMMISSION  
SELECTION COMMITTEE  
COMISIÓN DE SELECCIÓN  
Antonio Carlos Secchin / Antonio Marcos Pereira / Jorge Araújo  
Josélia Aguiar / Milena Britto / Nancy Vieira

TRADUÇÃO  
ÜBERSETZUNG  
TRANSLATION  
TRADUCCIÓN  
Manfred von Conta (alemão / deutsch / german / alemán)  
Sabrina Gledhill (inglês / englisch / english / inglés)  
Pablo Cardellino Soto (espanhol / spanisch / spanish / español)  
Paula Abramo (espanhol / spanisch / spanish / español)

REVISÃO (alemão)  
KORREKTUR (Deutsch)  
REVISION OF TRANSLATION (German)  
REVISIÓN (alemán)  
Wiebke Kannengiesser

PROJETO GRÁFICO, CAPA E EDITORAÇÃO  
GRAPHISCHE GESTALTUNG, UMSCHLAG UND REDAKTION  
GRAPHIC DESIGN, COVER AND PUBLISHING  
PROYECTO GRÁFICO, PORTADA Y DIAGRAMACIÓN  
P55 Edições / André Portugal e Marcelo Portugal

Este livro foi impresso em Salvador, Bahia, em setembro de 2013. Direitos desta edição reservados à P55 Edições e à Fundação Cultural do Estado da Bahia. Nenhuma parte pode ser duplicada ou reproduzida sem a prévia e expressa autorização. Este livro não possui fins comerciais, portanto, é proibida a venda e comercialização deste produto. / Dieses Buch wurde im September 2013 in Salvador/Bahia gedruckt. Alle Rechte vorbehalten, Copyright 2013 P55 und Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador/Bahia. Auch einzelne Teile dürfen nicht ohne vorherige und ausdrückliche Genehmigung kopiert oder vervielfältigt werden. Dieses Buch verfolgt keine kommerziellen Interessen und darf daher nicht verkauft oder gehandelt werden. / This book was printed in Salvador, Bahia, in September 2013. All rights to this edition reserved by P55 Edições and the Fundação Cultural do Estado da Bahia. No portion may be duplicated or reproduced without prior written consent. This book has been produced for non-profit purposes, and sale of the book in any form is strictly prohibited. / Este libro se imprimió en Salvador, Bahia, en septiembre de 2013. Los derechos de edición están reservados y pertenecen a P55 Edições e a la Fundação Cultural do Estado da Bahia. Ninguna parte puede ser duplicada o reproducida sin la previa e expresa autorización. Este libro no tiene fines comerciales y, por lo tanto, se prohíbe su venta y comercialización.

[www.fundacaocultural.ba.gov.br](http://www.fundacaocultural.ba.gov.br)  
[www.fpc.ba.gov.br](http://www.fpc.ba.gov.br)  
[www.cultura.ba.gov.br](http://www.cultura.ba.gov.br)  
[www.p55.com.br](http://www.p55.com.br)

# AUTORES BAIANOS: UM PANORAMA

BAHIANISCHE AUTOREN:  
EIN PANORAMA

BAHIAN AUTHORS: A PANORAMA

AUTORES BAHIANOS: UN PANORAMA

PARCERIA:



REALIZAÇÃO:



SECRETARIA DE  
CULTURA



ADELICE SOUZA  
ALEILTON FONSECA  
ÁLLEX LEILLA  
ANTONIO RISÉRIO  
CARLOS RIBEIRO  
DANIELA GALDINO  
FLORISVALDO MATTOS  
HÉLIO PÓLVORA  
JOÃO FILHO  
KARINA RABINOVITZ  
KÁTIA BORGES  
LIMA TRINDADE  
LUÍS ANTONIO CAJAZEIRA RAMOS

MYRIAM FRAGA  
ROBERVAL PEREYR  
RUY ESPINHEIRA FILHO  
RUY TAPIOCA



P55 EDIÇÕES